



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Susete Flor Neto Margarido

**DEFICIÊNCIA E PRÁTICAS ARTÍSTICAS:
O PAPEL DO TEATRO NA IDENTIDADE DAS
PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL**

Dissertação no âmbito do Mestrado em Sociologia orientada pelo Doutor Fernando Gabriel Neves Fontes e pela Doutora Cláudia Pato de Carvalho e apresentada à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

Janeiro de 2023



FEUC FACULDADE DE ECONOMIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Susete Flor Neto Margarido

DEFICIÊNCIA E PRÁTICAS ARTÍSTICAS: O PAPEL DO TEATRO NA IDENTIDADE DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Dissertação de Mestrado em Sociologia, apresentada à Faculdade de
Economia da Universidade de Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Orientadores: Doutor Fernando Gabriel Neves Fontes e pela Doutora Cláudia
Pato de Carvalho

Janeiro de 2023

*À Avó São e à Avó Arminda.
Ao Avô Albano... onde permanece a saudade.*

Agradecimentos

Com esta etapa encerrada e porque o caminho percorrido até agora não foi solitário, quero deixar os meus mais sinceros e respeitosos agradecimentos:

Aos meus orientadores, Doutor Fernando Fontes e Doutora Cláudia Pato de Carvalho, por toda a compreensão, apoio, motivação e dedicação, assim como, pela excelente orientação na realização deste estudo.

Ao Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra pelo apoio prestado.

Ao Teatrão - Oficina Municipal de Teatro, pela colaboração, disponibilidade e pela forma acolhedora com que me receberam.

À ACAPO - Delegação de Coimbra, pela colaboração e toda a disponibilidade.

À Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra por tornar possível ser vencedora do Prémio de mérito FEUC Exemplar, 2.º Ciclo em Sociologia, no 1º ano de Mestrado (2020/21) e a todos/as os/as Professores/as do Mestrado em Sociologia.

Ao João, por me amparar nos momentos mais difíceis, por toda a paciência, motivação e apoio.

À minha mãe, ao meu pai, à minha sogra e ao meu sogro, às minhas avós, à minha madrinha, pela força e por compreenderem que não poderia estar presente em todas as circunstâncias.

Por último, deixo o meu especial agradecimento a todos/as os/as participantes do Projeto “A Meu Ver”, pela disponibilidade, pelo carinho e pela confiança depositada, nomeadamente, pela forma através da qual partilharam as suas histórias.

A todos e a todas que, direta ou indiretamente contribuíram para a finalização desta minha etapa académica, demonstro aqui a minha gratidão.

Resumo

A prática teatral de pessoas com deficiência é um campo de interesse e uma realidade relativamente recente para os estudos da deficiência. Esta dissertação é baseada no acompanhamento do primeiro ano de implementação do projeto “A Meu Ver”. O projeto “A Meu Ver”, com duração de 3 anos, é financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian e pela Fundação La Caixa no âmbito do Programa Partis & Art for Change, sendo um projeto dedicado à prática teatral com pessoas cegas e de baixa visão. Este projeto de formação e integração artística, está incluído no Projeto Pedagógico do Teatrão - Oficina Municipal de Teatro, implementado em parceria com a Associação de Cegos e Amblíopes de Portugal - Delegação de Coimbra. O objetivo principal do estudo que presidiu a esta dissertação foi analisar o papel da prática teatral na construção da identidade das pessoas com deficiência visual, participantes no projeto “A Meu Ver”. A investigação abordará também os impactos produzidos pelo projeto a nível pessoal, social e familiar nas pessoas com deficiência visual envolvidas. Finalmente, pretende compreender a importância da experiência da prática artística, incluindo os desafios inerentes, particularmente, através do teatro, na construção identitária dos/das participantes e no fortalecimento do seu sentimento de pertença a um grupo da comunidade. Este estudo recorreu a uma metodologia qualitativa, mobilizando diferentes técnicas de recolha de dados. Estas técnicas foram selecionadas atendendo à necessidade de compreender em profundidade a essência do projeto “A Meu Ver” em termos de acesso e integração artística de pessoas com deficiência visual, assim como, o papel que vem desempenhando na construção da identidade das pessoas participantes.

Palavras-Chave: deficiência, deficiência visual, acesso e participação cultural e artística, identidade.

Abstract

Theatre practice by disabled people is a new field of interest and a relatively recent reality for disability studies. This dissertation is based on the follow-up of the first year of implementation the project "A Meu Ver". The project "A Meu Ver", with a duration of 3 years, is funded by the Calouste Gulbenkian Foundation and Foundation La Caixa under the Partis & Art for Change Program, being a project dedicated to theatrical practice with blind and low vision people. This training and artistic integration project is included in the Pedagogical Project of Teatrão - Municipal Theatre Office, being implemented in partnership with the Associação de Cegos e Amblíopes de Portugal - Coimbra Delegation. The main objective of the study that presided over this dissertation was to analyze the role of the theatrical practice in the construction of identity of people with visual disability, participants in the project "A Meu Ver". The research will also address the impacts produced by the project at a personal, social and family level in the visually disabled people involved. Finally, it aims to understand the importance of the experience of the practice of art, including the inherent challenges, particularly through theater, in the construction of identity of the participants and in reinforcing their sense of belonging to a community group. This study used a qualitative methodology, mobilizing different data collection techniques. These techniques were selected given the need to understand in depth the essence of the project "A Meu Ver" in terms of access and artistic integration of people with visual disability, as well as the role it has been playing in building the identity of the participants.

Keywords: disability, visual disability, cultural and artistic access and participation, identity.

Índice

Introdução	8
Parte I – Enquadramento Teórico	15
Capítulo 1 – A Deficiência	15
1.1. Deficiência e Modelos conceituais	17
1.1.1. Modelo Médico	18
1.1.2. Modelo Social	20
1.1.3. Modelo Biopsicossocial/Relacional	23
1.2. Representações culturais da deficiência e da pessoa com deficiência	26
1.3. Identidade das pessoas com deficiência e o papel da “Disability Culture”	31
Capítulo 2 – Participação cultural e pessoas com deficiência	41
2.1. As contribuições da Sociologia da Cultura na participação cultural das pessoas com deficiência	41
2.2. Acesso e participação na prática artística e cultural	45
2.3. Atividade artística na vida das pessoas com deficiência	51
2.3.1. “Disability Arts” e Artistas com deficiência	52
2.3.2. Práticas artísticas inclusivas	54
2.4. Os “Disability Arts Movement”	57
Parte II – Modelo Analítico e Metodologias	61
Capítulo 3 – Metodologias de Investigação	61
3.1. A Problemática	61
3.2. Objetivos do Estudo	67
3.3. Apresentação do Estudo de Caso	68
3.4. Pesquisa e Métodos de Investigação	70
3.5. Técnicas de recolha de dados	73
3.6. A Amostra	77
Parte III – Estudo Empírico	81
Capítulo 4 – O papel da prática teatral na construção da identidade das pessoas com deficiência visual	81
4.1. Caracterização do Público-alvo	84
4.2. Expectativas e motivações face ao projeto “A Meu Ver”	88
4.3. Mudanças produzidas	95

4.4. Envolvimento e participação na criação da peça “O que é invisível”	103
4.5. Construção identitária dos participantes no projeto “A Meu Ver”	107
Reflexões Finais e Desafios Futuros	114
Bibliografia	119
Apêndices	127

Introdução

Visitar um espaço cultural ou dar um passeio apresenta-se como uma decisão simples para a maioria das pessoas sem deficiência em Portugal. No caso das pessoas com deficiência, tomar a simples iniciativa de “sair de casa” pode ser impossível ou muito difícil de concretizar devido às várias barreiras existentes na sociedade que impedem a sua efetiva participação social e cultural.

A presente investigação tem como tema principal o potencial e o valor das práticas culturais e artísticas na construção da identidade das pessoas cegas ou com baixa visão. A escolha do tema resulta do convite que me foi endereçado pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, através do Doutor Fernando Fontes e da Doutora Cláudia Pato de Carvalho, para acompanhar o primeiro ano de implementação do projeto “A Meu Ver”. Este projeto, desenvolvido pelo Teatrão, resulta da sua preocupação institucional com a integração e promoção do acesso das pessoas com deficiência a práticas culturais e artísticas, nomeadamente, à prática teatral. O projeto operacionalizou-se com a constituição de um grupo de trabalho de pessoas com deficiência visual, no sentido de encenar e programar três peças de teatro ao longo dos seus três anos de concretização. O “A Meu Ver” resulta, assim, de uma parceria entre o Teatrão e a Associação de Cegos e Amblíopes de Portugal (ACAPO) - Delegação de Coimbra. O projeto parte da ideia de que as práticas culturais influenciam as diferentes dimensões da vida das pessoas, neste caso, das pessoas com deficiência visual. Baseia-se igualmente, na ideia da multifacetada relação que a prática cultural pode ter nas transformações do ser humano. Paralelamente, o projeto “A Meu Ver” almeja promover a acessibilidade cultural na cidade de Coimbra, oferecendo já o Teatrão tradução para Língua Gestual Portuguesa, bem como, um serviço de Audiodescrição em toda a sua programação cultural, esta última, possibilitada pela implementação do “A Meu Ver”.

Com esta dissertação espero vir a contribuir para o reconhecimento e valorização das potencialidades artísticas das pessoas com deficiência visual; fomentar o desenvolvimento do conhecimento científico na área das artes performativas praticadas por pessoas com deficiência, bem como, contribuir para

desconstruir ideias pré-concebidas sobre a deficiência e sobre as pessoas com deficiência, nomeadamente, pessoas com deficiência visual.

Ao longo desta dissertação será utilizado o termo “pessoa com deficiência visual”, uma vez que, segundo a ACAPO, este é o conceito mais utilizado. Outros termos como “cego” e “amblíope” foram usados no passado, e estiveram na origem do nome da própria instituição, para distinguir as pessoas que não conseguiam ver praticamente nada ou quase nada, das que ainda teriam algum resíduo visual. Contudo, atualmente, considera-se que a diferença entre estes dois conceitos é muito pequena, optando-se pela utilização do termo “pessoa com deficiência visual” para englobar todos os casos, colocando a “pessoa” em primeiro lugar.

Tendo em consideração o enunciado, o principal objetivo desta investigação é analisar o papel da prática teatral na construção da identidade das pessoas com deficiência visual. Para atingir este objetivo foi adotada uma metodologia qualitativa, concretizada através de uma investigação de carácter eminentemente exploratório. A investigação aqui apresentada procurou responder à seguinte questão de partida: *De que forma a prática teatral contribui para a construção identitária das pessoas com deficiência visual participantes no projeto “A Meu Ver”?* De forma a responder a esta questão principal, foi definida uma questão acessória: *Qual o impacto da prática teatral na vida das pessoas com deficiência visual participantes no projeto “A Meu Ver”?* Isto é, pretende-se identificar as mudanças e os impactos produzidos a nível pessoal, social, familiar, bem como, na vivência da incapacidade e da deficiência.

A operacionalização desta investigação assumirá o conceito de deficiência que o modelo social propõe. Este modelo responsabiliza a sociedade por impedir o pleno desenvolvimento e envolvimento social das pessoas com deficiência. Afirma que a sociedade apresenta vários tipos de barreiras que impedem a efetiva participação social destas pessoas em plena igualdade com as demais (Martins, 2013). O modelo social propõe que a deficiência (disability) é uma forma de opressão (UPIAS, 1976) e exclusão social, exterior ao indivíduo, sendo assim, é algo socialmente criado (Fontes, 2009).

As pessoas com deficiência visual estão subordinadas a condições de opressão social e estigmatização cultural (Martins, 2005). Internacionalmente, as

práticas artísticas que envolvem pessoas com deficiência são frequentemente associadas a um movimento cultural conhecido como a “Arte da Deficiência” ou, “Disability Arts”¹ na sua formulação original (Barnes, Mercer, & Shakespeare, 2000). Este movimento tem vertentes artísticas e políticas, e a sua existência provém da segregação social que as pessoas com deficiência experienciam. A ideologia que envolve as “disability arts” critica o facto das pessoas com deficiência serem, com regularidade, forçadas a desempenhar um papel passivo, de meros “utentes” do Estado. Baseada na diferença partilhada por estas pessoas, o movimento exerce, também, um forte poder emancipatório (Gjaerum, Ineland & Sauer, 2010). Não obstante, importa referir alguns quadros legislativos que garantem a participação das pessoas com deficiência nas várias vertentes da sociedade, em particular, no sector da cultura.

A República Portuguesa ratificou, há mais de uma década, a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (CDPD) (Resolução da Assembleia da República n.º 56/2009 de 30 de julho). A CDPD surgiu por meio do insistente trabalho desenvolvido por ativistas, organizações de pessoas com deficiência e apoiantes de todo o mundo, com vista a mudar as atitudes e as abordagens face às pessoas com deficiência, passando de uma perspetiva assistencialista e médica para uma nova visão que, reconhece os direitos humanos e a cidadania plena das pessoas assim entendidas (Pinto & Pinto, 2019). A Convenção compromete-se a promover a participação das pessoas com deficiência em condições de igualdade com as demais, a nível civil, político, económico, social e cultural. Determina ainda, no artigo 30.º, a obrigatoriedade de assegurar a participação de todas as pessoas na vida cultural e recreativa, no lazer e no desporto. Não obstante, o direito à acessibilidade estar já garantido na Declaração Universal dos Direitos Humanos aprovada em 1948, onde se lê no artigo 27.º que “Toda a pessoa tem o direito de tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar no progresso científico e nos benefícios que deste resultam”, as evidências da investigação e os relatos das pessoas com deficiência parecem indicar que a mesma ainda não se aplica a todos os cidadãos e cidadãs de igual

¹ Nesta dissertação e para este estudo em particular, optou-se por utilizar o termo “Disability Arts” na sua formulação original, tendo em conta que a sua tradução mais próxima na língua portuguesa “Arte da Deficiência”.

forma. Podemos observar este facto no setor da cultura, nomeadamente, no acesso e escassa participação cultural das pessoas com deficiência em espetáculos e apresentações públicas, assim como em atividades culturais e outras atividades de lazer. Estas situações levam à menorização, opressão e exclusão social das pessoas com deficiência, sendo necessário a construção de novos caminhos emancipatórios (Fontes, 2016). Esses caminhos passam por um conjunto de medidas governamentais, políticas sociais não opressoras para as pessoas com deficiência, mas também, pela tomada de consciência da sociedade, nomeadamente, pela anulação da ideia de que as pessoas com deficiência são pessoas passivas e dependentes.

Em 2010, a Comissão Europeia lançou uma comunicação ao Parlamento Europeu, ao Conselho, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das Regiões, intitulada “Estratégia Europeia para a Deficiência 2010-2020: Compromisso renovado a favor de uma Europa sem barreiras”. A estratégia da União Europeia (UE) relacionada com os direitos das pessoas com deficiência abrange também os seus direitos culturais. Vários fundos europeus contribuem financeiramente para a investigação e inovação, realização de projetos culturais e de infra-estruturas, bem como, para programas de promoção do direito à vida cultural das pessoas com deficiência (Pasikowska-Schnass, 2019). No documento, está plasmado que uma em cada seis pessoas da UE é uma pessoa com deficiência, o que representa cerca de 80 milhões de pessoas que, frequentemente, estão impedidas de participarem plenamente na sociedade devido às diferentes barreiras existentes. Acrescenta ainda que, estes números deverão aumentar à medida que a população da UE envelhece (Comissão Europeia, 2010). Esta estratégia coloca em destaque a eliminação das barreiras que impedem as pessoas com deficiência de participarem na vida social e comunitária (Pasikowska-Schnass, 2019). Neste sentido, a Comissão Europeia (2010) enumerou para esta estratégia oito grandes áreas de ação: acessibilidade, participação, igualdade, emprego, educação e formação, proteção social, saúde e ação externa, contudo, a área da cultura não está incluída nesta estratégia. Para cada área, identificou ações prioritárias a desenvolver. Focando o assunto no âmbito das acessibilidades, o documento refere que o termo significa “que as pessoas com deficiência têm acesso, em

condições de igualdade com os demais cidadãos, ao ambiente físico, aos transportes, aos sistemas e tecnologias da informação e comunicação (TIC) e a outras instalações e serviços.” (Comissão Europeia, 2010:4). Contudo, na secção dedicada à participação, a UE reconhece que ainda existem muitos obstáculos que impedem as pessoas com deficiência de exercer plenamente os seus direitos fundamentais, o que limita a sua participação na sociedade em plena igualdade com as pessoas sem deficiência. São enumerados como direitos fundamentais “o direito de circularem livremente, de escolherem onde e como viver e de acederem plenamente a actividades culturais, recreativas e desportivas” (Comissão Europeia, 2010:6). Identifica ainda que, permanecem entraves importantes em todas estas áreas e que há necessidade de criar estratégias para os ultrapassar.

Em Portugal, em 2022, foi aprovada e publicada a “Estratégia Nacional de Promoção da Acessibilidade e Inclusão dos Museus, Monumentos e Palácios 2021-2025 (EPAI)”, sob dependência da Direção-Geral do Património Cultural e das quatro Direções Regionais de Cultura. Este documento é o resultado do trabalho conjunto desenvolvido com a Secretaria de Estado da Inclusão das Pessoas com Deficiência. No mesmo âmbito, a “Estratégia Europeia para os Direitos das Pessoas com Deficiência 2021-2030”, incita os Estados-Membros a criar estratégias para garantir a participação destas pessoas nas atividades culturais, com as devidas acessibilidades, nas suas várias dimensões, como condição fundamental. A Estratégia Europeia lança o convite aos Estados-Membros para definirem políticas nacionais integradoras e inclusivas para as diferentes áreas, onde se inclui, também, a cultura. Neste sentido, resguarda que a arte e a cultura são imprescindíveis para a participação plena na sociedade das pessoas com deficiência. Da mesma forma, a CDPD sustenta-se na ideia de que “o conhecimento e o usufruto do património são relevantes para o direito de participação dos cidadãos na vida cultural, conforme definida na Declaração Universal dos Direitos do Homem.” (EPAI, 2021:1). Além disso, refere que o património cultural é um recurso útil para o desenvolvimento humano, para a valorização da diversidade cultural e a promoção do diálogo intercultural (EPAI, 2021).

Baseado no enunciado acima, apresento de seguida a estrutura desta dissertação. O primeiro capítulo, num primeiro momento, apresenta uma análise do conceito de deficiência, abordando a sua evolução e os diferentes modelos conceituais. Num segundo momento, introduz a discussão sobre as representações culturais da deficiência e da pessoa com deficiência, bem como, questões relacionadas com a identidade e a construção da identidade das pessoas assim entendidas, abordando a importância da “Cultura da Deficiência”, da “Disability Culture”² na formulação original, nesse processo.

O segundo capítulo oferece uma abordagem sobre a participação cultural das pessoas com deficiência. Para o efeito, tornou-se necessário realizar uma análise bibliográfica mais ampla que visa compreender, em primeiro lugar, a cultura e o seu significado, assim como, o surgimento e contributos da Sociologia da Cultura para a participação cultural das pessoas com deficiência. Em segundo lugar, foi imprescindível recolher informações sobre o acesso e participação na prática artística e cultural das pessoas com deficiência, onde, necessariamente são abordadas as “Disability Arts”, os Artistas com deficiência e as práticas artísticas inclusivas. Este capítulo inclui, ainda, um sub-ponto sobre a origem e a influência do “Movimento pelas Artes da Deficiência” ou, na terminologia original “Disability Arts Movement”³, no acesso e participação cultural das pessoas com deficiência.

O terceiro capítulo apresenta a problemática, a questão de partida e a questão acessória do presente estudo, bem como, os seus objetivos - principal e específicos. Elenca ainda, a metodologia de investigação adotada, descreve todos os procedimentos realizados para obtenção de dados, nomeadamente, a apresentação do estudo de caso, os métodos de investigação e as técnicas de recolha de dados utilizadas. O capítulo termina com a caracterização da amostra desta investigação, particularmente, dos/as participantes envolvidos/as no projeto “A Meu Ver”.

² Nesta dissertação e para este estudo em particular, optou-se por utilizar o termo “Disability Culture” na sua formulação original, tendo em conta que a sua tradução mais próxima em língua portuguesa é “Cultura da Deficiência”.

³ Nesta dissertação e para este estudo em particular, optou-se por utilizar o termo “Disability Arts Movement” na sua formulação original, tendo em conta que a sua tradução aproximada para língua portuguesa é “Movimento pelas Artes da Deficiência”.

O quarto e último capítulo desta dissertação, é dedicado ao estudo empírico, nomeadamente à análise qualitativa do papel que a prática teatral desempenha na construção da identidade das pessoas com deficiência visual. Apresenta, assim, a análise dos principais dados recolhidos.

Esta dissertação termina com uma reflexão conclusiva, dando resposta à questão principal, tendo em conta a importância das práticas culturais e artísticas na vida das pessoas com deficiência, nomeadamente, das pessoas com deficiência visual. Adicionalmente, apresentam-se algumas das limitações desta investigação assim como, possíveis perspetivas futuras de investigação no sentido de retirar conclusões mais exaustivas sobre o tema, tendo em conta que o projeto “A Meu Ver” tem uma duração de três anos.

Parte I – Enquadramento Teórico

Capítulo 1 – A Deficiência

Neste capítulo, procura-se compreender o conceito de deficiência, bem como, apresentar os diferentes modelos conceituais. Contudo, antes de avançar, importa analisar de que forma a deficiência foi sendo perspectivada pela Sociologia. Internacionalmente, a Sociologia tem abordado a deficiência sob o ponto de vista de várias perspetivas teórico-conceituais e sob vários ângulos empíricos (Salvado, 2012). Segundo Salvado (2012) a deficiência começou por ser estudada nas ciências sociais enquanto objeto autónomo, nomeadamente, pela Sociologia, numa tentativa de afastamento das perspetivas biomédicas e com o “objetivo teórico-epistemológico de legitimação do próprio objeto, tentando ganhar um estatuto teórico crítico e emancipatório na linha dos *gender studies*” (Thomas, 2004 *apud* Salvado, 2012:5).

Não obstante a deficiência não ter constituído o foco da investigação sociológica, ao longo do século XX alguns dos seus principais teóricos acabaram por contribuir para a sua análise. Um dos primeiros teóricos a abordar a questão da deficiência foi Talcott Parsons ao analisar a saúde e a doença e o papel da medicina na sociedade (Oliver & Barnes, 2012). De acordo com o autor, a explicação da ordem social presume que o funcionamento do “sistema social” está alicerçado no papel social que cada indivíduo desempenha numa determinada sociedade. Segundo este raciocínio, a saúde apresenta-se como o estado “normal” e estável que garante à pessoa desempenhar o seu papel numa determinada sociedade. Por outro lado, a doença é disruptiva, dado que impede a pessoa de ser autónoma e produtiva (Oliver & Barnes, 2012). Conforme Parsons afirma, possuir um “papel de doente” (“*the sick role*”) é uma forma de “desvio autorizado” onde há uma espécie de “legitimidade relativa” (Parsons, 1951:312 *apud* Oliver & Barnes, 2012:39). Isto é, a pessoa doente é considerada relativamente “inocente” perante a sua condição. Contudo, este facto é apenas verdade se a mesma assumir que tem de recuperar a sua saúde através do recurso à medicina. Parsons, associou a doença a ações médicas que, por sua vez, são fundamentais para devolver à pessoa a saúde que pretende recuperar. Esta suposição implica que a doença ou a incapacidade, independentemente da sua causa ou gravidade, limitam a pessoa física e psicologicamente, o que serve

como indulgência para que esta pessoa seja “aliviada” das expectativas e responsabilidades que teria se a sua condição fosse a oposta (Oliver & Barnes, 2012). Espera-se então, que as pessoas com doença recorram à medicina para voltar ao seu estado anterior, de ausência de doença (Oliver & Barnes, 2012). Oliver e Barnes (2012) referem que a abordagem proposta por Parsons apresenta um problema, dado que, apesar das doenças agudas e/ou temporárias se possam enquadrar neste tipo de visão – “papel de doente” - outras doenças que são permanentes ou crónicas, não se enquadram neste modelo. Parsons sugere que o “papel de doente” é temporário. Por exemplo, no caso das doenças congénitas ou irreversíveis é inexequível um regresso a um estado de “saúde”. Parsons não distingue doenças agudas de doenças crónicas. Desta forma, para este estudo em particular, não se torna viável adotar a estrutura teórica que descreve a deficiência sob o ponto de vista de Parsons (Oliver & Barnes, 2012). Noutro ponto de vista, os contributos de Michel Foucault são relevantes para os estudos da deficiência dado que o autor encara a “teorização do corpo como um espaço pleno inexoravelmente politizado” (Anders, 2013:3). Foucault aborda a construção social do corpo, compreendendo-o como uma categoria analítica de forma a que esta seja analisada “pelo modo subjetivo como se revela no indivíduo e no modo como se categoriza e regula pelos vários agentes e instituições através das interações e relações sociais” (Turner, 2001:253 *apud* Salvado, 2013:7). Foucault materializa e naturaliza as incapacidades como fundamentos trans-históricos e neutros da deficiência (Anders, 2013). Os contributos de Foucault desafiam-nos a reconhecer que a “realidade física” da deficiência é construída socialmente e a delinear a tarefa de diagnosticar as forças que as produzem (Anders, 2013). Por outro lado, as contribuições de Foucault são fundamentais dado que o autor conjectura o campo social moderno em termos de biopolítica. Argumenta que, para compreender as lutas políticas modernas e as reivindicações do discurso dos direitos se devem encarar estas reivindicações como uma resposta política, ao que ele identifica como “biopoder” (Anders, 2013). Aqui, o “biopoder” é o conceito que caracteriza o aparecimento e o exercício integrado, tanto de uma tecnologia de disciplina que produz corpos subordinados como, da regulação normativa das populações. O “biopoder” encara a vida como o seu objeto de exercício e fá-lo aplicando-se às “categorias da vida quotidiana do indivíduo”

(Anders, 2013:6). A biopolítica estende os mecanismos das sociedades disciplinares através de uma intensificação das relações dos indivíduos consigo próprios e com a sua própria auto governação: “é uma forma de poder que torna os indivíduos súbditos” (Anders, 2013:6). Existem, na perspectiva de Foucault, dois significados para a palavra sujeito: “sujeito a outra pessoa por controlo e dependência e, sujeito ligado à sua própria identidade por uma consciência ou auto-conhecimento.” (Anders, 2013:6). Na perspectiva de Foucault, um sujeito considerado “desqualificado” e, portanto, “anormal” era, para as instituições detentoras de poder, um “transgressor da lei” (Barbosa-Fohrmann, 2016:744). Tendo em conta a análise de Foucault, os estudos da deficiência e todo o movimento existente neste campo deve ser compreendido como um efeito do “biopoder”. Isto é, olhar e constituir as pessoas com deficiência como indivíduos que reivindicam o “direito à vida”. Esta reivindicação baseia-se assim, na promessa de uma forma de poder que produz a “deficiência” como uma identidade social, politicamente marginalizada (Anders, 2013).

De seguida, pretende-se apresentar uma breve abordagem dos modelos conceituais da deficiência, nomeadamente, o modelo médico, o modelo social e o modelo relacional/biopsicossocial.

1.1. Deficiência e Modelos conceituais

Os estudos da deficiência têm a sua origem na agitação política e social dos anos sessenta (Anders, 2013). Consoante os ativistas da deficiência, a existência de uma exigência tradicional de “consertar” ou eliminar as pessoas com deficiência marca uma “sociedade normalizante”, com pouca tolerância ou ausência de vontade em aceitar as diferenças das pessoas, nomeadamente, das pessoas com deficiência (Anders, 2013). Conforme referem Saragoça e Candeias, “O modo de olhar a deficiência e a incapacidade tem sofrido mudanças à medida que se vai investigando e conhecendo em maior profundidade o que é ser-se pessoa.” (2019:228). A forma como a deficiência é compreendida tem importância na forma como os indivíduos se relacionam, podendo influenciar as expectativas e interações entre pessoas com deficiência e pessoas sem deficiência (Haegele & Hodge, 2016). Existem algumas formas de compreender a deficiência, sendo duas delas mais relevantes e mais incidentes na investigação científica. Uma, entende que a deficiência é uma

desvantagem natural, pertencente ao corpo e por isso, deve ser tratada e reparada com o objetivo de garantir à pessoa um “funcionamento normal” caracterizador da espécie humana (Diniz, Barbosa, & Santos, 2009). Esta abordagem pode ser ilustrada como se o corpo fosse uma máquina onde o objetivo, neste caso, é o de consertar o problema dessa máquina através da medicina. A outra, aborda a deficiência como uma experiência da diversidade humana, onde a incapacidade é uma construção social, sendo a opressão social das pessoas com deficiência fruto da organização da sociedade (Saragoça & Candeias, 2019). Existe uma outra abordagem que pretende agregar e relacionar estas duas perspectivas numa visão biopsicossocial.

No decorrer do enunciado, podemos enumerar três modelos conceituais da deficiência: o modelo médico, o modelo social e o modelo relacional/biopsicossocial. Embora para este estudo não seja essencial descrever exaustivamente estes modelos, é importante compreender que existem várias perspectivas e definições da deficiência, com potenciais de emancipação distintos (Fontes, 2016).

1.1.1. O Modelo Médico

O modelo tradicional de explicação da deficiência baseia-se em concepções biomédicas (Pinto, 2015). A deficiência foi constituída pela biomedicina moderna ocidental como uma forma particular de patologia, sendo reduzida às “inconformidades” do corpo e a uma concepção de “tragédia pessoal”. Com se a deficiência fosse um acontecimento drástico que acontece a indivíduos infelizes (Oliver, 1990). No modelo médico, as pessoas com deficiência são consideradas vítimas indefesas, dependentes e vulneráveis que necessitam de proteção (Pinto, 2015). Segundo Paula Pinto, se a deficiência é definida como um problema médico “a deficiência naturaliza-se como um problema do indivíduo com limitações, surgindo como seu atributo e essência” (2015:176), isto é, este modelo culpabiliza o indivíduo pelas suas limitações e pela sua não adaptação à sociedade. Esta abordagem é caracterizada pela importância que se dá às deficiências biológicas, tornando-se a base para as categorizações médicas e sociais, bem como, a justificação para as desvantagens experienciadas e vividas por estas pessoas (Barnes, Oliver & Barton, 2002). No modelo médico, a deficiência é considerada como o resultado da deterioração das funções e

estruturas corporais, onde se inclui a mente, tendo em conta que estas podem ser causadas por doenças, lesões ou condições de saúde (Forhan, 2009 *apud* Haegele & Hodge, 2016). Neste sentido, as barreiras que as pessoas com deficiência se confrontam no seu quotidiano tendem a ser naturalizadas enquanto produto das suas supostas limitações funcionais (Martins, Fontes, Hespanha & Berg, 2016). Fontes (2009) refere que a deficiência tem sido, historicamente “reduzida às falhas e incapacidades do corpo, permanecendo individualizada, medicalizada e despolitizada” (2009:74). A abordagem ao modelo médico da deficiência exige compreensão em dois aspetos. Primeiro, porque localiza o “problema” no indivíduo, e segundo, porque vê as incapacidades individuais como a causa da marginalização social e económica das pessoas com deficiência (Oliver, 1996; Malhotra & Rowe, 2013), culpabilizando o indivíduo pela sua segregação. À semelhança de um problema de saúde, a deficiência é vista como um problema que carece de ser medicamente curado para que as pessoas possam “funcionar” na sociedade. Esta visão, particularmente normativa, indica que estas pessoas são consideradas incapazes de “funcionar” na sociedade (Haegele & Hodge, 2016). Segundo este modelo, as pessoas com deficiência são identificadas como seres inativos, passivos e dependentes de cuidados. A única solução passa pela sua adaptação ao meio “deficientizador” que as rodeia, meio esse que, não considera as suas necessidades e que cria barreiras à sua participação social. Esta adaptação ao meio apenas será possível com reabilitação, tendo aqui a medicina o papel de produzir uma “cura” (Fontes, 2009). Este modelo teve algumas consequências imediatas para a pessoa com deficiência: primeiro, ao olhar para a deficiência como um problema médico, pressupunha unicamente uma solução médica. Em segundo, levou ao surgimento de uma nova categoria de profissionais vocacionados para a área da deficiência, por consequência das características e necessidades próprias e individuais que estas pessoas apresentam. Em terceiro, a manutenção da deficiência na esfera individual e a sua medicalização, impediu qualquer tentativa de politização da questão (Fontes, 2009).

Ao modelo médico foram associadas algumas críticas. Uma delas está relacionada com a não consideração dos profissionais médicos sobre as

opiniões das pessoas com deficiência. Isto é, os profissionais de saúde não consultam e/ou desconsideram muitas vezes a opinião das pessoas com deficiência - o que elas valorizam ou querem - tomando, muitas vezes, decisões pelas próprias. Dentro deste assunto, podemos ainda considerar que, embora os médicos tenham experiência no diagnóstico, tratamento e cura de doenças, não deveriam ter o poder ou autoridade sobre a vida das pessoas com deficiência na sociedade (Haegele & Hodge, 2016). Uma segunda crítica está relacionada com as percepções negativas da deficiência já inerentes a este modelo. O modelo médico confronta as pessoas com deficiência com o “papel de doente” (“*the sick role*”) e debate a doença como um *deficit*. Estes aspetos podem influenciar a forma como a sociedade interage com as pessoas com deficiência, isto é, a linguagem utilizada poderá influenciar a forma como os membros da sociedade se relacionam e falam das pessoas com deficiência (Haegele & Hodge, 2016).

A partir dos anos 1960 este modelo começa a ser questionado, para o que muito contribuíram as crescentes críticas à medicina, a afirmação da medicina preventiva e, a emergência e consolidação de novos movimentos sociais (Fontes, 2009).

1.1.2. O Modelo Social

Nos anos 1970, a clara insatisfação das pessoas com deficiência provocada pelas situações de vida e condições objetivas de existência que o modelo médico lhes conferia, levou ao surgimento de um novo modelo, onde o foco deixa de ser biomédico, passando a atenção a recair na sociedade e no ambiente em que a pessoa está inserida (Saragoça & Candeias, 2019). No Reino Unido e nos EUA surgiram organizações de pessoas com deficiência que conceberam as bases do Movimento de Pessoas com Deficiência (MPD). Este movimento (MPD) foi responsável pela criação de uma nova abordagem da deficiência (Fontes, 2009). Desta forma, a deficiência é redefinida como uma “forma particular de opressão social” (Pinto, 2015:179). O modelo social vem, portanto, contestar que é a sociedade que impõe a deficiência aos indivíduos com incapacidades (Haegele & Hodge, 2016). Afirma que a deficiência é algo socialmente criado e, portanto, exterior ao indivíduo, assim como, algo que oprime e exclui as pessoas com deficiência (Fontes, 2009), tornando-se um forte

impulso para mudanças sociais e políticas. Este modelo surge pela primeira vez plasmado num documento publicado pela *Union of the Physically Impaired Against Segregation* (UPIAS), criada em 1972. O documento, intitulado *Fundamental Principles of Disability* (UPIAS, 1976) enceta uma nova fase de contestação ao modelo médico. Os membros desta organização argumentam que a deficiência é uma forma complexa de opressão social, semelhante ao que acontece com as mulheres, minorias étnicas, lésbicas e homossexuais (Barnes, 2012). Neste sentido, só a definição apresentada pela UPIAS aglomera a ideia de desenvolvimento de uma política da diferença ambicionada pelo movimento das pessoas com deficiência. Deste modo, a UPIAS define deficiência como:

(...) the disadvantage or restriction of activity caused by a contemporary social organisation which takes no or little account of people who have physical impairments and thus excludes them from the mainstream of social activities. (UPIAS, 1976:14).

A UPIAS destacou também a importante distinção entre deficiência (*disability*) e incapacidade (*impairment*), desafiando a ideia de que a deficiência resulta inevitavelmente da incapacidade (Malhotra & Rowe, 2013). Esta separação entre “deficiência” e “incapacidade”, sendo a deficiência identificada como um fenómeno socialmente construído de exclusão e opressão das pessoas com deficiência pela sociedade e, a incapacidade relacionada com os aspetos individuais, biológicos e corporais, conseguiu responsabilizar a sociedade pela exclusão das pessoas com deficiência, assim como, transformar a deficiência numa questão social e política, mais do que um problema médico e individual (Fontes, 2009). Desta forma, o modelo social não nega a problemática da deficiência, mas concentra-a diretamente na sociedade (Oliver, 1996). Esta distinção torna-se importante dado que o modelo social sugere que não são as funções corporais que limitam as capacidades de uma pessoa, mas sim, a sociedade (Haegele & Hodge, 2016). A UPIAS (1976) vem exatamente defender que:

É a sociedade que deficientiza as pessoas com incapacidades físicas. A deficiência é algo de compulsivamente acrescentado às nossas incapacidades pela forma como somos desnecessariamente isolados e excluídos de uma total participação na sociedade. As pessoas com deficiência, são, desta forma, um grupo socialmente oprimido. (UPIAS, 1976: 3-4).⁴

⁴ Tradução livre. Na linguagem original: *“it is society which disables physically disabled people. Disability is something imposed on the top for our impairments by the way we are unnecessarily*

Os defensores do modelo social alegam que a deficiência é imposta pelas incapacidades, pela forma como os indivíduos com incapacidades são isolados e excluídos da participação plena na comunidade. O isolamento e a exclusão podem ser produto da incapacidade, relutância ou negligência da sociedade em remover as barreiras encontradas por estas pessoas ou ainda, a percepção que os indivíduos com incapacidade têm de si próprios. Isto é, encaram-se como menos capazes de participar como membros da sociedade (Haegele & Hodge, 2016). Em oposição à abordagem médica tradicional, o modelo social vem então cortar com a ligação causal entre deficiência e incapacidade. A incapacidade não é negada, contudo, não é a causa da desvantagem económica e social das pessoas com deficiência. Neste sentido, o modelo social reforça que o problema está na sociedade e na forma como esta restringe as oportunidades das pessoas com deficiência participarem em atividades económicas, sociais e artísticas, tornando-as mais ou menos dependentes (Oliver & Barnes, 2013).

Segundo o Relatório *Improving the Life Chances of Disabled People* (Prime Minister's Strategy Unit, 2005) os tipos de barreiras que as pessoas com deficiência enfrentam podem incluir barreiras: atitudinais, entre as próprias pessoas com deficiência e entre empregadores, profissionais de saúde e prestadores de serviços; barreiras relacionadas com política, resultante da conceção de políticas que não tem em consideração as pessoas com deficiência; barreiras físicas e/ou arquitetónicas, por exemplo, nas infraestruturas e meios de transporte; e, finalmente, barreiras relacionadas com o *empowerment*, no sentido em que as pessoas com deficiência não são ouvidas, consultadas ou envolvidas nos vários assuntos da sociedade (Prime Minister's Strategy Unit, 2005). O modelo social foi igualmente a base para o desenvolvimento de documentos importantes internacionais, como o *Disability Discrimination Act* (1992), a Declaração de Salamanca (1994) e, a Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência das Nações Unidas (Barnes, 2012; Saragoça & Candeias, 2019). Foi também responsável pela emergência de um novo campo de estudos, os Estudos da Deficiência, assim como, por uma mudança considerável na vida

isolated and excluded from full participation in society. Disabled people are therefore an oppressed group in society." (UPIAS, 1976:3-4).

destas pessoas, nomeadamente: “(...) em termos de capacitação identitária, na medida em que permitiu às pessoas com deficiência uma renovada leitura da sua posição social contra os valores que as desqualificavam enquanto menos pessoas (...)” (Martins *et al.* 2016:41).

Em suma, aquilo que o modelo social propõe é que a construção de soluções para as questões da deficiência não devem ser dirigidas para o indivíduo, mas sim, para a sociedade. Desta forma, a melhoria das condições das pessoas com deficiência exige uma ação política e uma mudança social, ao invés de uma mudança nos corpos físicos (Haegele & Hodge, 2016).

1.1.3. O Modelo Biopsicossocial/Relacional

A suposta negação das questões corporais do modelo social e a necessidade de conciliar as abordagens médica e social, levou ao surgimento de um novo modelo de deficiência, enunciado como modelo relacional ou modelo biopsicossocial (Sampaio & Luz, 2009). O modelo relacional é concebido através da ligação entre o modelo médico e o modelo social, sendo a abordagem biopsicossocial utilizada como forma de obter uma integração das várias dimensões da saúde - biológica, individual e social (Sampaio & Luz, 2009). Este modelo alicerça-se na ideia de que o modelo social apresenta uma visão demasiado socializada da deficiência, omitindo as consequências da incapacidade na vida destas pessoas (Fontes, 2009). Autores como Thomas (1999) defendem a utilização da noção de deficiência como um fenómeno social relacional, ou seja, não só como “a imposição social de restrições na atividade nas pessoas com incapacidade(s) [mas também como] a perturbação do seu bem-estar psico-emocional” (1999:56 *apud* Fontes, 2009:77). Para Thomas, a vivência da deficiência deve ser entendida como a soma das condições sociais, psico-emocionais e das consequências da incapacidade, enquanto características biológicas socializadas (Fontes, 2009). Autores como Williams (2001) e Shakespeare (2006) entre outros, avançam neste mesmo sentido, defendendo que para compreender a deficiência é essencial a definição de um quadro teórico que reflita a interação entre a biologia e o contexto social e, entre os fatores individuais e os fatores estruturais (Pinto, 2015). Esta visão pluralista sugere que o corpo da pessoa com deficiência vai além de um fenómeno

fisiológico, sendo também, um sujeito socializado e uma construção discursiva.

Conforme Sampaio e Luz referem:

A abordagem biopsicossocial busca integrar a investigação sociológica com a ciência biológica como uma base para desenvolver um entendimento relacional ou não dualístico do corpo. No caso específico da funcionalidade humana, essa abordagem rejeita a tentativa de separação dos componentes biológico, psicológico e social. (Sampaio & Luz, 2009:478).

De acordo com o modelo biopsicossocial, a incapacidade é vista como a interação entre biologia, estrutura social e institucional. Coloca-se então, o desafio de compreender esta relação complexa entre os fatores biológicos e sociais, olhando para a relação entre deficiência e incapacidade de forma mais aprimorada, a partir da percepção do corpo como fenómeno biológico e construção social (Sampaio & Luz, 2009). Este modelo alicerça-se na Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (ICIDH-2 ou CIF) publicada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 2001 que, relacionada com as condições de saúde, classifica a funcionalidade e a incapacidade (Sampaio & Luz, 2009). Nesta perspetiva, a funcionalidade e a incapacidade são definidas na interação entre as condições de saúde (doença) e os fatores contextuais (pessoais e ambientais). Para a OMS, a CIF é de aplicação universal e pode ser usada em qualquer pessoa e para qualquer condição de saúde (Sampaio & Luz, 2009). O principal objetivo desta classificação é estabelecer uma linguagem uniforme e padronizada, bem como, fornecer um método de trabalho para os domínios da saúde e os domínios relacionados com a saúde humana, sendo estes domínios, instituídos numa perspetiva do corpo, do indivíduo e da sociedade (CIF, 2004). A informação que a CIF disponibiliza está organizada em duas partes distintas, sendo que, cada uma delas contém duas componentes: a parte 1 é referida como funcionalidade e incapacidade e está dividida em estrutura e função corporal e, atividades e participação; a parte 2 refere-se a fatores contextuais, sendo as suas componentes os fatores ambientais e os fatores pessoais (Sampaio & Luz, 2009). Assim, consoante a CIF, as anormalidades de estrutura e função são denominadas deficiências, que são desvios ou perdas (p. ex. malformações) da estrutura (p. ex., joelho) e/ou da função do corpo; a participação é definida como “o envolvimento de um indivíduo numa situação da vida real”, isto é, a perspetiva social da funcionalidade humana, excluindo assim o sentido de pertencer. As

limitações da atividade “são dificuldades que um indivíduo pode ter na execução de atividades”, por exemplo caminhar; as restrições na participação “são problemas que um indivíduo pode enfrentar quando está envolvido em situações da vida real”, por exemplo, restrições na vida comunitária e, finalmente, os fatores ambientais “constituem o ambiente físico, social e atitudinal em que as pessoas vivem e conduzem a sua vida” (CIF, 2004:13). Grande parte das vezes esta pressuposta “não inclusão”, limitações da atividade e restrições da participação, podem ser provocadas por fatores culturais e sociais e não por questões relacionadas com a funcionalidade e/ou incapacidade. Cabe dizer que, neste aspeto, os conceitos da OMS são vagos e pouco precisos no que se refere à natureza da deficiência (Sampaio & Luz, 2009), acrescentando a má tradução para língua portuguesa que confunde deficiência com incapacidade. Os defensores do modelo social criticam as posições da CIF, sendo uma das críticas a de que a classificação continua a centrar-se “nas consequências das condições médicas, perspetivando os aspetos sociais da deficiência apenas por referência aos fatores ambientais da deficiência” (Martins *et al.*, 2012:48).

Em suma, estes três modelos oferecem visões distintas da conceptualização da deficiência. Nos finais dos anos 1960, inícios dos anos 1970, existiu um flagrante crescimento de organizações de pessoas com deficiência, que trouxe às pessoas com deficiência uma nova forma de se verem a si próprias e de perspetivar o seu lugar na sociedade (Finkelstein, 2004). O modelo social abriu caminho para uma afirmação positiva da deficiência, desenvolvendo uma política de identidade pessoal, desafiando e desconstruindo a ideia de “tragédia pessoal” e a visão individualista da deficiência (Finkelstein, 2004). Contudo, compreendemos que, historicamente, a forma como a sociedade “olha” para a deficiência e para as pessoas com deficiência foi variando, o que nos remete para diferentes perspetivas sobre o assunto (Pereira *et al.*, 2011). Estes modelos, não apenas influenciarão como as entidades governamentais definem os direitos e obrigações deste grupo minoritário, como terão impacto na forma como a deficiência é compreendida culturalmente pela sociedade (Ribeiro & Aguirre, 2021).

Os pontos que se seguem são dedicados às representações culturais da deficiência e das pessoas com deficiência, bem como, à apresentação do papel da “Disability Culture” na formação identitária destas pessoas.

1.2. Representações culturais da deficiência e da pessoa com deficiência

A cultura reflete as atitudes, a moral e as percepções de uma determinada comunidade. Tendo em conta as noções sobre deficiência expressas pelas pessoas em diferentes períodos históricos, denota-se que existe uma evolução do pensamento humano (Barnes & Mercer, 2001). Segundo Barnes e Mercer (2001), nas sociedades industriais complexas, as culturas não são uniformes e não existe uma uniformidade completa entre os seus membros. Para além de que, tais culturas, não são estáticas, estando sempre em constante mudança. A par da cultura, as pessoas ao longo dos anos vão retirando conclusões e traçando os seus pontos de vista sobre a direção futura da sua evolução. O mesmo acontece com os Estudos da Deficiência e os seus aspetos culturais (Barnes & Mercer, 2001). São assim, inúmeras e crescentes, as abordagens académicas ocidentais que utilizam métodos para compreender a deficiência inserida num contexto cultural (Aguirre & Ribeiro, 2021). Neste sentido, o desenvolvimento de uma pessoa “não pode ser considerado como um dado biológico isolado, mas sim culturalmente [e socialmente] delineado” (Díaz, Bordas, Galvão, & Miranda, 2009:9). De acordo com o modelo social, contrariando o modelo tradicional médico, o papel do contexto social para a afirmação das pessoas com deficiência requer uma melhoria na forma como a sociedade está organizada. Este trabalho é necessário para que se identifiquem as potencialidades e necessidades destas pessoas, assim como, para que se forneçam respostas adequadas a essas necessidades (Díaz *et al.*, 2009).

A forma como “olhamos” para a deficiência atualmente é diferente da do passado (Pereira, Monteiro, & Pereira, 2012). O “olhar” sobre a deficiência sofreu algumas mudanças e evoluções “ainda que esta[s] possa[m] ter sido lenta[s] e carregada[s] de preconceitos” (Pereira *et al.*, 2012:200). De forma generalista, o contacto social que temos com as pessoas com deficiência é escasso. O facto da deficiência não ser algo habitual no quotidiano poderá levar a sentimentos de “choque” ou, muitas vezes, de pena (Pereira *et al.*, 2012). Conforme Barner e

Mercer (2010) referem, historicamente nas culturas europeias, particularmente, na Idade Média, existiu um “fascínio por espetáculos da diferença”, sendo a alteridade das pessoas com deficiência explorada como forma de entretenimento. A exposição pública das “anomalias” corporais e das pessoas que estavam em “casas de loucos”, levou a que se criassem “espetáculos de aberrações” que, nada mais serviam para divertir e/ou provocar “medos” às pessoas sem deficiência. Barner e Mercer (2010) indicam ainda que, no final do século XX, as pessoas com deficiência estavam excluídas da cultura e ausentes da cultura geral, dadas as representações sociais da deficiência estarem já enraizadas.

Em síntese, no final do século XX as pessoas com deficiência foram excluídas da cultura, permaneceram ausentes da mesma e, quando apareciam, eram expostas como indivíduos consumidos pela “tragédia” (Barnes & Mercer, 2010). Noutro ponto de vista e em determinados contextos, por exemplo o da representação teatral e da dança, esse contacto pode ser surpreendente, particularmente, quando as pessoas com deficiência exibem publicamente, em espetáculos encenados por companhias de profissionais ou amadoras, as suas potencialidades e capacidades que, normalmente, não lhes são atribuídas pela sociedade. Este facto é tão verdade quanto maior é o afastamento da sociedade das pessoas com deficiência, dado que a tendência é “ignorar” o que não nos é familiar (Pereira *et al.*, 2011). Neste sentido, podemos falar de representações sociais. De acordo com Moscovici (1988):

As representações sociais (...) dizem respeito ao conteúdo do pensamento quotidiano e ao stock de ideias que dão coerência às nossas crenças religiosas, ideias políticas e às ligações que criamos de forma tão espontânea como respiramos. (Moscovici, 1988:214).

Segundo Moscovici, as representações sociais permitem-nos classificar pessoas, objetos, comparar e explicar comportamentos e objetivá-los como parte do nosso contexto social (Moscovici, 1988). Desta forma, categorizamos o mundo ou, pelo menos, o nosso mundo (Pereira *et al.*, 2011). Neste caso e, particularmente para este estudo, interessa-nos a ideia de que as pessoas com deficiência constituem um dos grupos mais desfavorecidos em termos privação, discriminação, exclusão e opressão (Fontes, 2019). Sendo que, estas situações, vivenciadas pelas pessoas com deficiência, “não são decorrentes das suas deficiências, mas sim das formas como essas deficiências são construídas social

e culturalmente.” (Fontes, 2019:105). Ao longo do tempo, nas sociedades ocidentais, esta construção tem-se consubstanciado num fenómeno de opressão e exclusão social. Tal significa que, a deficiência tem sido historicamente utilizada como fonte de opressão para aqueles/as socialmente perçecionados como pessoas com deficiência (Fontes, 2019). Os estudos culturais da deficiência, têm permitido evidenciar aspetos essenciais das sociedades ocidentais ao nível da conceção da deficiência, como, por exemplo, aquilo que é considerado “normal” numa determinada cultura e aquilo que é considerado “anormal” ou fora do comum (Barnes & Mercer, 2010). Barnes e Mercer (2010), dão conta que a relação entre cultura e deficiência tende a variar entre o idealismo e o materialismo. Conforme refere Fontes:

“Social model materialists have suggested that the roots of that oppression reside in the establishment of the capitalist mode of production. Conversely, despite not denying this assumption, social model idealists argue that disability is culturally constructed on a daily basis by religion and traditional beliefs, and contend that its origins may be traced back to Greek and Roman times.” (Fontes, 2019:105).

Os teóricos dos modelos da deficiência produziram uma revisão e uma reclassificação do que significa ser uma pessoa com deficiência. Do mesmo modo, a discussão linguística do conceito de deficiência também foi evidente, como já vimos anteriormente, tendo em conta as diversas classificações e modelos conceituais que sugerem a sua definição. Contudo, existe um consenso sobre o seu significado: “a deficiência é o resultado da cultura da normalidade, em que os impedimentos corporais são alvo de opressão e discriminação” (Diniz et al., 2018: 182 apud Aguirre & Ribeiro, 2021:37). Esta questão da normalidade surge muito associada à compreensão biomédica, particularmente, como o corpo é criado e como se espera que ele funcione. Já a deficiência, funciona como uma negação dessa categoria de normalidade (Aguirre & Ribeiro, 2021). Do ponto de vista de Thomas Couser (2005) considerando a deficiência como um sistema de representação discriminatório, esta representação social tem-se mantido ao longo do tempo, dado que as pessoas com deficiência não controlaram a sua própria representatividade dentro do sistema social onde estão inseridas. Deste modo, embora as pessoas com deficiência possam ter sido sobrerrepresentadas, não são vistas de forma justa, diversa e complexa e, mais importante, não são habitualmente auto-representadas (Couser, 2005). Couser refere que o facto de as pessoas com

deficiência iniciarem atividades como escrever a sua própria história de vida, divulgando a sua experiência de deficiência ou, de doença (quer na primeira, quer na terceira pessoa), no final do século XX, foi um desenvolvimento significativo nesta questão das representações, dado que as pessoas com deficiência iniciaram o controle da sua própria representação social. Couser acredita que, após a Segunda Guerra Mundial, não havia muita literatura que relatasse a vida com deficiência nos Estados Unidos. A guerra levou à produção de histórias escritas por combatentes americanos que sobreviveram e que se tornaram pessoas com deficiência dados os graves ferimentos de que foram alvo. Assim como os relatos de vida realizados por outros grupos marginalizados (mulheres, afro-americanos, homossexualidade), a escrita encetada pelas pessoas com deficiência na América do Norte e na Grã-Bretanha, deu espaço a uma manifestação cultural e a um movimento de direitos humanos (Couser, 2005). O aumento das autobiografias de pessoas com deficiência, coincide com o desenvolvimento do movimento pelos direitos das pessoas com deficiência, assim como, com a mobilização nos Estados Unidos conducente à aprovação da Americans with Disabilities Act (1990) (Couser, 2005). A importância da escrita sobre a experiência de viver com uma deficiência reside no facto de estas narrativas expressarem o interior dessa experiência, envolvendo necessariamente uma autorrepresentação e oferecendo um cenário para a revalorização dessa condição:

(...) life writing can play a crucial role by providing the reading public with mediated access to a kind of diversity that might otherwise remain opaque, exotic, and threatening to them. (Couser, 2005:111).

Se na década de 1970 era difícil encontrar uma representação das condições deficientizadoras na literatura, atualmente, já é possível encontrar numerosas representações de muitas condições em relatos autobiográficos (Couser, 2005). Conforme referem Barnes e Mercer (2010), assistimos nas últimas décadas a um aumento da representação das pessoas com deficiência, particularmente, nos meios de comunicação social, na literatura, no cinema e na fotografia. Para Barnes e Mercer, este aspeto vem reforçar o que significa ser uma pessoa com deficiência na sociedade e reflete a forma de tratamento destas pessoas como “deficientes”. Recorrendo a exemplos nos meios de comunicação ou na literatura, Barnes e Mercer (2010), destacam alguns

exemplos que analisam criticamente a deficiência. Por exemplo, deficiência pode surgir associada à ausência de masculinidade e impotência, como é visível no romance *Lady Chatterley's Lover*, do autor inglês DH Lawrence ou, a invisibilidade das pessoas com deficiência na televisão, bem como, o retrato estereotipado de personagens com deficiência que surgem associadas a dramas televisivos. Estes exemplos, sugerem uma forma de opressão das pessoas com deficiência que surgem representadas com personalidades fracas e pouco atraentes, onde a deficiência representa o seu quotidiano e a sua vida. Contudo, não deixa de ser importante a presença destas pessoas no espaço público, permitindo uma maior visibilidade da sua condição e uma maior familiaridade com os diferentes tipos de incapacidade. O facto das pessoas com deficiência contestarem os significados dominantes da deficiência e da sua imagem, levaram a uma sensibilidade pública no que respeita às imagens transmitidas como prejudiciais. As pessoas com deficiência procuraram produzir novas imagens e maneiras culturais que refletissem as suas experiências, valores e exigências de justiça e de igualdade (Barnes & Mercer, 2010). Em termos gerais, ao longo do último quartel do século XX, assistimos a um aumento de imagens culturais e mediáticas mais “positivas” das pessoas com deficiência. Na década 1980 nos Estados Unidos da América, começaram a aparecer em alguns anúncios personagens com deficiência em marcas como a Levi's, o McDonalds e em filmes Kodak (Barnes & Mercer, 2001). Começam a surgir mais personagens com deficiência (embora nem todas sejam interpretadas por atores e atrizes com deficiência) e alguns traços de histórias de pessoas com deficiência em novelas e dramas americanos e britânicos (Barnes & Mercer, 2001). Outra mudança considerável na programação televisiva, neste caso, britânica, foi marcada pela exibição do filme *Skallagrigg*, em 1994, que conta a história de pessoas com paralisia cerebral inseridas em instituições. Estes são alguns exemplos que demonstram a forma como os meios de comunicação social (através do cinema ou da publicidade) começaram a considerar a experiência da deficiência (Barnes & Mercer, 2001).

A inclusão das pessoas com deficiência num grupo cultural abrirá portas que, anteriormente, foram fechadas. Os grupos culturais usufruem de uma posição social, o que também permite o estabelecimento e desenvolvimento de

uma comunidade unida (Hopson, 2019:23). A “Disability Culture” promove a identidade e os interesses comuns que unem as pessoas com deficiência, assim como, auxilia na criação de significados e na tomada de consciência necessárias para que haja um movimento político futuro dirigido para estas questões (Barnes & Mercer, 2001). O cofundador do Institute on Disability Culture, Steven E. Brown (2003), descreve “Disability Culture” como:

People with disabilities have forged a group identity. We share a common history of oppression and a common bond of resilience. We generate art, music, literature, and other expressions of our lives and our culture, infused from our experience of disability. Most importantly, we are proud of ourselves as people with disabilities. We claim our disabilities with pride as part of our identity... We are who we are: we are people with disabilities. (Brown, 2003:80 apud Hopson, 2019:22).

Um movimento associado à “Disability Culture” pode incentivar o “orgulho na deficiência” (disability pride), a descoberta de experiências e rituais partilhados, e o estabelecimento de valores, objetivos e identidade (Hopson, 2019:23). No ponto que se segue, pretende-se abordar as questões da identidade das pessoas com deficiência e o papel da “Disability Culture”.

1.3. Identidade das pessoas com deficiência e o papel da “Disability culture”

No processo de socialização são aprendidas as normas sociais, as expectativas culturais e os padrões de comportamento de uma determinada sociedade. A interação e o relacionamento com outras pessoas permitem assimilar o papel que se espera que determinada pessoa venha a desempenhar numa dada sociedade. As percepções que temos de nós próprios derivam, portanto, do processo contínuo de interação com outras pessoas e instituições sociais. Neste âmbito, o nosso sentido de identidade é construído com base nas definições e nas respostas dos outros, mas também, depende do contexto cultural e material em que esta construção acontece (Oliver & Barnes, 2012) .

As discussões sobre a natureza e o processo de formação da identidade têm sido centrais para o desenvolvimento do pensamento sociológico nos últimos vinte anos (Riddell & Watson, 2003). A identidade é um conceito atual dentro de várias áreas científicas, mas as suas raízes encontram-se, principalmente, na Sociologia e na Psicologia (Jenkins, 2008). No âmbito deste estudo interessa-nos, particularmente, a interação entre o indivíduo e o contexto

social. Seguindo a perspectiva de Jenkins, percebemos que a identidade, numa abordagem muito básica, “é a capacidade humana - enraizada na linguagem - de saber “quem é quem” (e, portanto, “o que é o quê”).” (2008:5). Neste ponto de vista, isto implica saber quem somos, quem são os outros, o que pensamos de nós, o que os outros pensam sobre quem somos. Ou seja, pressupõe uma classificação multidimensional do mundo e do nosso lugar no mesmo, como indivíduos e como membros de um coletivo. Segundo Jenkins, a identificação é um processo e não uma “coisa”, não é algo que se possa ter ou não, mas sim, algo que se faz (Jenkins, 2008). A ideia principal a reter é que a identificação só faz sentido dentro das relações, sejam elas entre indivíduos ou grupos. Neste processo de identificação, existem hierarquias ou escalas de preferência, de ambivalência, de hostilidade, de competição, de parceria e cooperação. Deste modo, de acordo com Jenkins, a identificação e o tipo de comportamento podem estar ligados, isto é, identificar alguém pode ser suficiente para decidir como tratar esse alguém (Jenkins, 2008).

Na Sociologia, o termo identidade é multifacetado e pode ser abordado de várias formas. De forma muito simples, “a identidade está relacionada com os entendimentos que as pessoas têm acerca de quem são e do que é importante para elas.” (Giddens, 2001:29). São variadas as fontes de identidade, como o gênero, a orientação sexual, a nacionalidade ou a etnicidade (Giddens, 2001). Peter Burke refere que: *“Identities are the sets of meanings people hold for themselves that define “what it means” to be who they are as persons, as role occupants, and as group members”* (Burke, 2004:5). Para o sociólogo, um dos defensores e criadores da teoria da identidade, “identidade é o conjunto de significados que utilizamos para definir o que significa ser quem somos em diferentes contextos” (Burke, 2004). Assim, as identidades são os conjuntos de significados que as pessoas têm para si próprias e que definem “o que significa” ser quem elas são como pessoas, como ocupantes de um papel social, e como membros de um grupo (Wanneberg, 2014). Os processos de identidade, para além de terem lugar dentro do indivíduo, são também influenciados pela cultura, pelo contexto social desse indivíduo e pela sua posição social, tornando-se num processo segundo o qual a própria estrutura social é produzida e reproduzida (Burke, 2004).

Em relação às pessoas com deficiência, elas têm, como todas as outras pessoas, várias identidades de grupo, uma delas é terem uma incapacidade (Wanneberg, 2014). A identificação com um grupo e subsequente avaliação das características desse grupo, influenciam a identidade social de um indivíduo (Rose & Kiger, 1995). O ser humano e a sua individualidade, como identidades primárias, estão implicados um no outro (Jenkins, 2008). Jenkins (2008) dá o exemplo do antropólogo Robert Murphy que, num relato da sua própria imobilização progressiva causada por um tumor na coluna vertebral, descreveu a sua incapacidade como, aos olhos dos outros, “uma forma de liminaridade” (estar entre dois estados diferentes de existência), em que “a humanidade está em dúvida” (2008:76):

Alienation from others is thus a deprivation of social being, for it is within our bonds that the self is forged and maintained. This loss of self, however, is inherent in the social isolation of paralytics, who have furthermore become separated from their bodies by neural damage and from their former identities. Their plight is that they have become divided from others and riven within themselves. (Murphy 1990: 227 apud Jenkins, 2008: 76).

O autor Oliver, em *The Politics of Disablement* (1990), observou a forma como a cultura dominante difundia as imagens das pessoas com deficiência como “mais ou menos” humanas. Para além de persuadir o pensamento da sociedade, estas ideologias negativas afetaram o pensamento das próprias pessoas com deficiência, acabando por limitar as suas possibilidades sociais e políticas. O surgimento do movimento das pessoas com deficiência, durante as décadas de 1970 e 1980, assumiu então, a tarefa de aumentar a consciência política para que essas ideologias limitadoras pudessem ser desafiadas e as pessoas com deficiência pudessem desenvolver uma identidade “mais positiva”, passando a ver na cultura uma fonte para a sua luta política (Riddell & Watson, 2003). De igual modo, a emergência da experiência individual da deficiência coloca a tónica na identidade da pessoa com deficiência como central na teoria da deficiência (Sulewski, Boeltzig, & Hasnain, 2012). Siebers (2008:4 *apud* Sulewski *et al.*, 2012:2) refere que “*to call disability an identity is to recognize that it is not a biological or natural property but an elastic social category both subject to social control and capable of effecting social change*”. A questão da identidade é fundamental para o modelo social da deficiência dado que abarca identidades sociais positivas, tanto individuais como coletivas para as pessoas

com deficiência, baseadas nos benefícios proporcionados pelos seus estilos de vida, bem como, pela experiência de vida em ter uma incapacidade e uma deficiência (Sulewski *et al.*, 2012). A incapacidade é uma questão à qual a experiência humana não pode fugir, tendo em conta que é, também, um aspeto fundamental da diversidade humana. Segundo o Relatório Mundial sobre Deficiência (*World report on disability*) estima-se que mais de um bilhão de pessoas (15% da população mundial) vive com algum tipo de incapacidade (OMS, 2011). Segundo Thomas Couser (2005) a proporção de pessoas com deficiência varia significativamente de país para país consoante o seu desenvolvimento económico, nível de assistência médica, entre outros fatores. Contudo, este grupo constitui a maioria, da minoria da população. Para além deste facto, a deficiência é uma realidade mais heterogénea comparativamente a outras minorias, como a raça, o género, a classe social e a orientação sexual. Isto porque, a incapacidade pode assumir várias dimensões, ser física ou mental, ser estática ou progressiva, congénita ou adquirida, visível ou invisível. Todas estas diferenças e variáveis criam possíveis falhas dentro de um todo, sendo a categoria de pessoas com deficiência marcada por diferenças que afetam profundamente as suas políticas identitárias. Ou seja, as pessoas com incapacidade congénita são muito mais propensas a se identificarem como pessoas com deficiência, bem como, a expressarem orgulho nas suas diferenças e corpos. Se, por exemplo, uma pessoa nascer cega, a ausência de visão não se considera por si uma incapacidade, em vez disso, o cego pensa em si como uma minoria separada da corrente principal da cultura onde está inserido. Por outro lado, as pessoas com incapacidades adquiridas têm mais tendência a resistir e a rejeitar a sua identificação como pessoas com deficiência, em vez disso, procuram investir, quer financeira quer emocionalmente, num tratamento ou numa cura (Couser, 2005). Sob o ponto de vista de Darling (2003), enquanto algumas pessoas com deficiência adotaram o orgulho na deficiência e o modelo de social da deficiência, outras continuam a aceitar as visões antiquadas ao se considerarem como vítimas de uma “tragédia”. Darling (2003) propõe uma tipologia de identidade da deficiência que envolve sete tipos: (1) normalização: aceitação e cumprimento das normas da sociedade com ou sem aceitação do estigma da deficiência; (2) cruzado (*Crusadership*): ligação a uma subcultura da deficiência na tentativa de obter a

normalização; (3) afirmação: ligação a uma subcultura da deficiência e encarar a deficiência como uma identidade primária e fonte de orgulho; (4) identificação situacional: adoção de múltiplas identidades em diferentes contextos, por exemplo, normalização quando se trata do contacto com pessoas sem deficiência e, afirmação quando se trata do contacto com pessoas com deficiência; (5) resignação/conformidade: incapaz de conseguir a normalização e ausência de recursos para conseguir aceder à subcultura da deficiência; (6) apatia: completamente desinformado e; (7) afirmação isolada: afirmação da deficiência sem exposição à subcultura da mesma. Darling (2003) descreve o processo de “carreiras” de identidade como um movimento de uma identidade para outra, dando destaque à importância do contexto social para que tal movimento aconteça. Ou seja, se uma pessoa com uma deficiência conseguir ter o acesso que procura através da adoção de uma identidade cruzada, essa mesma pessoa pode passar a ter uma identidade de normalização. Por outro lado, a exposição à comunidade de pessoas com deficiência pode conduzir a uma mudança de outro tipo, como a resignação ou, em contrário, a normalização.

Saxton (2006) afirma que muitas pessoas com deficiência têm um sentimento crescente, mas ainda precário, de orgulho na identidade como “pessoas com deficiência”. No ponto de vista de Vasey (2004) a “Disability Culture” é um dado adquirido. O facto de uma pessoa com deficiência precisar de apoio para se levantar, comer ou deitar, faz parte da sua experiência cultural. Segundo a autora, se a pessoa com deficiência identificar estes aspetos do dia-a-dia como “Disability Culture”, isto significa um grande avanço na luta pela legitimidade da deficiência e pelo direito das pessoas com deficiência em terem uma vida em igualdade perante outras, sem deficiência. Vasey (2004) defende igualmente que a “Disability Culture” é única e imutável. Isto é, não é um modo de vida fabricado, não está conectado com a moda, o clima, a geografia, mas nasce essencialmente da experiência de um corpo que não é comum. Na perspetiva de Jan Grue (2015), os paradigmas de afirmação e de identidade são importantes, particularmente porque têm a ver com a autoperceção das pessoas com deficiência. Grue (2015) afirma que a maioria das pessoas com deficiência, num sentido estatístico e demográfico, provavelmente não se identifica como

deficiente. Da mesma forma, algumas das pessoas com deficiência sentem que são objeto de observação, pena, admiração ou medo. A presença destas pessoas em espaços públicos é sempre notada ou, manifestamente, não notada. Neste sentido, a “Disability Culture” procura revalorizar as experiências da deficiência contrariando a desvalorização que a sociedade normalmente lhes confere (Riddell & Watson, 2003). A partilha de experiências entre pessoas com deficiência, nomeadamente, através dos movimentos de pessoas com deficiência, formou as bases para o desenvolvimento da “Disability Culture” como forma de autoafirmação, solidariedade e autonomia pessoal. Nesta reconstrução da identidade, o movimento começou a criar as suas próprias instituições culturais. Alguns exemplos podem ser vistos através da arte, nomeadamente, em festivais de cinema com filmes *de* e *sobre* pessoas com deficiência, onde se cria espaço para a crítica, misturando divertimento com estereótipos e mensagens de consciência dupla (para pessoas com e sem deficiência) (Riddell & Watson, 2003). A “Disability Culture” afirma-se, assim, em diferentes vertentes, quer seja através da literatura, do teatro, do desporto e da música, para aludir a algumas dimensões da expressão cultural que, muitas vezes, podem unir fronteiras étnicas e nacionais. Segundo Barnes e Mercer (2001), a “Disability Culture” pressupõe um sentido de identidade e interesses comuns que une as pessoas com deficiência e as separa das pessoas sem deficiência. Contudo, as bases para a coesão e consciência do grupo variam, bem como, o nível e a forma de qualquer envolvimento social e político. Sendo assim, o potencial da consciência da deficiência é reforçado quando há concordância sobre as origens da sua exclusão social coletiva. A “Disability Culture” desenvolve uma consciência comum, não da deficiência em termos individuais, mas do sentido de pertença a uma comunidade. Também a literatura, nomeadamente, a escrita de histórias sobre deficiência, desempenha um papel crucial na evolução dessa consciência, assim como, o cruzamento de histórias sobre deficiência com outras histórias, onde se demonstra à sociedade a sua diversidade. Da mesma forma que outras minorias culturais tiveram de construir as suas próprias histórias e redescobrir a força das suas próprias culturas, também a “Disability Culture” foi fundada na interação entre diversas pessoas com deficiência (Riddell & Watson, 2003). Dunn e Burcaw asseguraram que “a identidade da deficiência se refere à posse de um sentimento positivo de si

próprio e à ligação com a comunidade de pessoas com deficiência” (2013, *apud* Hopson, 2019:23). Uma identidade estruturada da deficiência poderá auxiliar as pessoas na sua adaptação à deficiência, às tensões sociais, barreiras e obstáculos diários. Ao contrário da identidade racial, onde as pessoas partilham a sua raça em proximidade e/ou família direta criando comunidades, para as pessoas com deficiência interagirem com outras pessoas com deficiência, têm de enfrentar o desafio de as procurar, sendo-lhes colocada essa responsabilidade. Para aqueles que não estão numa sociedade homogénea, esta questão pode ser particularmente difícil (Hopson, 2019).

Putnam (2005) destaca alguns aspetos relativos à identidade política da deficiência e ao ativismo na deficiência: a autovalorização, o orgulho e a consciência da discriminação. A auto-valorização permite às pessoas com deficiência observarem-se como detentoras do mesmo valor que as pessoas sem deficiência. Na Filosofia, é comum considerar os valores fundamentais em torno de princípios inegáveis (Dedieu, C., Carvalho, C. P., Negrier, E., Dupin-Meynard, F., Duxbury, N., Abreu, P., Silva, S., 2021). Para Aristóteles o “belo”, “verdadeiro” e “justo” são valores essenciais dado que não se referem a nenhum princípio superior. Estes valores são chamados de autotélicos, isto é, não possuem finalidade para além de si próprios. Muller (2018 *apud* Dedieu, C. *et al.*, 2021) faz referência ao “valor” como a representação fundamental do que é bom e desejável, ou mau e indesejável. A noção essencial a assumir é que um valor é uma representação e não um facto. Já Dewey (1944 *apud* Dedieu, C. *et al.*, 2021:5) utiliza o conceito de valorização para realçar que “o valor nunca é mais do que uma construção social que é formada num determinado contexto, por um determinado grupo social, num determinado momento”. O orgulho encoraja as pessoas com deficiência a não negarem a sua condição, mas a reivindicar os seus direitos. Por último, a discriminação exige a tomada de consciência e o reconhecimento de que as pessoas com deficiência são frequentemente alvo de tratamento parcial, preconceituoso e injusto no seu dia-a-dia (Putnam, 2005 *apud* Hopson, 2019).

Os valores, sendo princípios fundamentais de apreciação, julgamento e medida, podem ser compreendidos como internos/pessoais (para o próprio), externos/sociais (para o grupo envolvido) ou, contextuais/políticos (para a

sociedade). Estas três categorias estão, com frequência, articuladas e interligadas de forma dinâmica. Os valores sociais e os valores políticos influenciam os valores pessoais e vice-versa. Desta forma, as pessoas que participam em experiências culturais podem falar tanto das ligações personalizadas, subjetivas e “sentidas” na sua própria participação cultural, como dos impactos percebidos pelo grupo, atribuindo valores coletivos às suas experiências. Do ponto de vista do coletivo, a experiência que as pessoas têm é, muitas vezes, difícil de dissociar dos efeitos produzidos pelo grupo. A satisfação e as emoções individuais sentidas na receção artística, por exemplo, são afetadas pelas interações que o grupo tem e pela “energia coletiva”, sendo que estas são produto dos comportamentos individuais. Por outro lado, através da experiência individual e coletiva, as pessoas que participam em atividades artísticas podem colocar em prática princípios políticos e, até mesmo, pensar nesta prática como um exemplo para a sociedade em geral (Morató, 2021).

A afirmação pessoal da deficiência promove um sentimento de inclusão social, para que a pessoa seja reconhecida e tratada como qualquer outra, dentro de um grupo (Dunn & Burcaw, 2013 *apud* Hopson, 2019). Essa afirmação implica procurar significados e atributos positivos que possam acompanhar a deficiência, o que também poderá conduzir à aceitação da mesma (Dunn & Burcaw, 2013 *apud* Hopson, 2019). A aceitação da deficiência trata-se de um processo em que a pessoa pode “procurar satisfação em atividades que se adequem às suas características próprias como pessoa e não às de um padrão normal idolatrado” (Wright, 1960:134 *apud* Hopson, 2019:23). Muitas pessoas com deficiência, assim como outras minorias, têm o desejo de alcançar aceitação e inclusão social na sociedade. Para que isso seja alcançado é necessário que haja uma mudança na forma como a sociedade trata e percebe a deficiência em todas as suas vertentes (Hopson, 2019).

De acordo com Oliver (1996), refletir sobre o crescimento do movimento das pessoas com deficiência leva a que seja necessário ter em conta que este não foi apenas um acontecimento que se traduz em números. Refletiu também a capacitação individual e coletiva destas pessoas, nomeadamente através das organizações que criaram. Este empoderamento individual e coletivo pode ser observado em vários prismas (Oliver, 1996). Pode ser visto como um desafio à

percepção social dominante da deficiência encarando-a como “tragédia pessoal” e, a afirmação de “imagens positivas” da deficiência através do desenvolvimento de uma política de identidade pessoal (Oliver, 1996:152). Pode igualmente ser visto no desenvolvimento e articulação com o modelo social da deficiência que incentivou a crítica ao modelo tradicional, tendo por base a prestação de serviços e práticas profissionais mais adequadas às necessidades das pessoas com deficiência. Pode ainda ser visto através do desenvolvimento das “disability arts” e da sua afirmação pública através do “Disability Arts Movement”. Por último, pode ser visto no desenvolvimento da autoconfiança coletiva das pessoas com deficiência, ao se envolverem nas suas próprias atividades políticas e deixarem de depender de formas tradicionais de articulação política (Oliver & Zarb, 1989 *apud* Oliver, 1996).

Capítulo 2 – Participação cultural e pessoas com deficiência

O presente capítulo centra-se na análise do conceito de participação cultural, particularmente, nas questões referentes ao acesso e participação artística das pessoas com deficiência. O capítulo apresenta, inicialmente, uma breve introdução geral da Sociologia da Cultura, passando pelo acesso e participação das comunidades na prática artística e cultural. Posteriormente, será abordada a atividade artística na vida das pessoas com deficiência e a importância do “Disability Arts Movement” neste processo.

2.1. As contribuições da Sociologia da Cultura na participação cultural das pessoas com deficiência

O conceito de “cultura” foi fundamental na procura de uma compreensão da constituição da subjetividade e das ações humanas. No início do século XX, de uma forma ainda incipiente, as ciências sociais conceituavam a cultura como “o que de melhor se dizia e pensava” (Turner, 2009:5 *apud* Baptista, Mendes & Machado, 2021:32). Isto é, o que um determinado grupo dispunha ao nível intelectual e ao nível de aptidão artística, aliado à capacidade da sociedade em compreender os desenvolvimentos intelectuais desses criadores e pensadores, encarando-os como pessoas “cultas” (Baptista *et al.*, 2021; Reimão, 1996). Esta abordagem é, posteriormente, substituída por uma nova que procura interpretar o conceito de cultura enquanto processo que envolve forças mentais e morais da vida humana, isto é, enquanto processo que envolve uma linguagem partilhada de significados, símbolos e representações que conduzem as pessoas de uma determinada sociedade, através da construção de um senso comum, costumes e estilos de vida. Deste modo, este novo conceito de cultura vem substituir aquele que estava associado a uma filosofia do espírito e da alma (Baptista *et al.*, 2021).

Cassiano Reimão identifica a cultura como “(...) uma referência básica para o entendimento do social e do político, definindo a matriz e o suporte da identidade, da tradição e da memória de qualquer povo e de qualquer sociedade” (1996:309). Na perspetiva do autor, a realidade social está estruturada e manifesta-se através das interações dos fenómenos individuais e coletivos (Reimão, 1996).

As primeiras análises sociológicas sobre o conceito de cultura são inseparáveis da própria origem da Sociologia (Baptista *et al.*, 2021). Algumas análises sobre a cultura das sociedades europeias estão vigentes nos estudos de autores como Weber, Durkheim, Marx, Simmel, assim como, outros autores relacionados com a Escola de Chicago (Baptista *et al.*, 2021). De acordo com os autores Bruno Baptista, Telma Mendes e Fernando Machado (2021), numa fase inicial, um dos princípios fundamentais da Sociologia da cultura é que, os significados dos símbolos, representações e ideologias são relacionais, ou seja, são desenvolvidos entre sujeitos que, podem estar em concordância ou em discordância com outras representações sociais. A Sociologia da cultura veio trazer uma forma mais complexa de definir o conceito, colocando um caráter crítico naquela que era a visão de outras ciências sociais, particularmente, da antropologia. Apesar da importância dos seus contributos, apresentava a cultura de uma forma totalizadora, instrumentalizando o termo como meio de comparação entre diferentes pessoas e sociedades do mundo (Baptista *et al.*, 2021:32). A institucionalização dos estudos sociológicos na área da cultura, deram origem a um ramo da Sociologia que acabaria por se institucionalizar enquanto Sociologia da cultura. Este novo ramo da Sociologia rapidamente se afirmou no ensino e na investigação, nas publicações, bem como ao nível associativo e da internacionalização deste ramo (Baptista *et al.*, 2021). Em termos sociológicos, podemos afirmar que a cultura “(...) é tudo aquilo que os homens [sic] criaram ao longo do tempo e em todos os domínios, numa dada sociedade.” (Reimão, 1996:309). A característica mais importante e essencial da cultura é o facto de ela ser um acontecimento social, ou seja, as várias formas de viver são produzidas e adquiridas socialmente (Reimão, 1996). Na perspetiva de Giddens (2001), quando os sociólogos/as utilizam o termo “cultura”, referem-se à cultura como aspetos das sociedades humanas que são aprendidos socialmente e não herdados.

Tendo em conta a amplitude do conceito de cultura é fácil antever a diversidade de funções que desempenha. Em termos sociais, a cultura tem por função reunir pessoas num grupo específico, favorecendo a adaptação humana ao meio ambiente e às realidades com que se tem de viver (Reimão, 1996). Reimão (1996) identifica três funções da cultura. A primeira relaciona-se com a

identificação, ou seja, a cultura dá às pessoas integradas em determinado grupo uma identidade coletiva, numa linha de tradição e memória. Isto é possível através da identificação com um determinado grupo, da conquista da identidade, das formas de pensar, agir e sentir que lhes são comuns. Em segundo, o autor refere que a cultura tem a função de propor modelos que permitem a criação dos processos de continuidade da tradição, de forma a que sejam construídos novos modos de vida. A cultura reinterpreta valores de forma mais ou menos sistemática, oferece às pessoas escolhas e opções entre os valores dominantes e outros:

A cultura é um universo mental, moral e simbólico comum a uma pluralidade de pessoas em função do qual podem comunicar entre si, reconhecer laços, interesses comuns, divergências e opiniões, sentindo-se cada um individualmente e todos colectivamente como membros de uma entidade que lhes é superior, chamada grupo, colectividade ou sociedade. (Reimão, 1996:314).

A terceira e última função da cultura, enumerada por Reimão (1996), está relacionada com a psicologia da cultura, ou seja, diz respeito à sua função de formação da personalidade de cada sujeito. A cultura propõe modos de pensar, conhecimentos, ideias, formas de gostar e de satisfação. Por exemplo, se uma criança nasce e cresce numa cultura específica, vai gostar de determinadas coisas comparativamente a outra criança que nasce numa cultura diferente. Contudo, o “molde” não é rígido e tem flexibilidade de maneira a permitir adaptações pessoais. A flexibilidade do modelo cultural tem limites que, ultrapassados, podem levar o indivíduo a ser marginalizado dentro da sua própria sociedade ou grupo, podendo, contudo, passar a pertencer a outra comunidade com que mais se identifica (Reimão, 1996).

Uma cultura é principalmente constituída pela soma de valores dominantes numa determinada sociedade (Reimão, 1996), sendo que esses valores “atribuem significado e orientam os seres humanos na sua interacção com o mundo social” (Giddens, 2001:22). Segundo Reimão, “(...) os valores são sistemas de avaliação social resultantes de uma interacção dinâmica entre o indivíduo e a sociedade, constituindo as normas culturais do juízo social.” (Reimão, 1996:315). A concepção de valor social foi criada com o intuito de descrever uma sociedade em ordem e perceber as suas principais características (Reimão, 1996). O autor enumera cinco características dos

valores sociais. Em primeiro, os valores são como um conjunto de ideais que servem de suporte para realizar a avaliação dos indivíduos, dos comportamentos e dos objetos: “(...) isto significa que os valores, porque ideais, implicam a ideia de uma qualidade ou de um modo de agir superior, a que se pode aspirar.” (Reimão, 1996:315). Em segundo, os valores estão organizados segundo objetivos que ocupam um lugar central no sistema por ordem hierárquica: “(...) os valores convidam ao respeito e à adesão e, por isso mesmo, inspiram os comportamentos que são sempre julgados à luz desses mesmos valores.” (Reimão, 1996:316). Em terceiro, os valores são relativos e específicos de uma determinada sociedade. Cada sociedade tem os seus próprios valores e ideais. Em quarto, os valores não estão isentos de sentimentos nem de motivações e, tem uma certa carga afetiva: “(...) são factores poderosos na orientação das acções das pessoas e das colectividades (...)” (Reimão, 1996:316). Por último, os valores de uma determinada sociedade obedecem a uma hierarquia, não estão isolados nem justapostos, estão articulados de forma coerente, constituindo no seu conjunto um sistema de valores (Reimão, 1996). Na legitimação da noção de valor estão vigentes as concepções do ser humano e da natureza e a relação entre ambos, bem como, as relações interpessoais. Isto significa que cada pessoa e cada coletividade dentro do universo dos valores pode optar por aqueles com que mais se identifica tendo em conta a sua visão do mundo e ideal de vida. Esta opção de valores não é a mesma de indivíduo para indivíduo em todas as situações, dado que está intimamente ligada com o contexto social (Reimão, 1996). Tal como Reimão propõe, podemos definir a cultura:

(...) como um conjunto de modalidades da experiência social, construída sobre saberes aprendidos e organizados como sistema de signos que possibilita aos membros de um determinado grupo a construção de um modelo de significações em ordem à estruturação e definição de comportamentos adaptados numa dada sociedade: toda a sociedade é cultura. (Reimão, 1996:320).

Através da análise das características e das diferentes funções da cultura, compreendemos que a mesma informa e influencia os sistemas sociais, contudo, não é uma realidade independente e autónoma. A cultura é uma realidade que integra todas as formas de expressão da vida social e coletiva, estando sempre relacionada com identidade, tradição e memória, no contexto das relações entre sujeitos e entre sujeitos e objetos, numa determinada sociedade (Reimão, 1996).

O autor Giddens (2001), ao relacionar identidade com cultura, vem transmitir a ideia de que, apesar do contexto cultural onde nascemos e crescemos influenciarem o nosso comportamento, não significa que seja anulada a individualidade ou livre arbítrio dos seres humanos. Como Giddens refere:

O facto de estarmos envolvidos em interações com os outros, desde que nascemos até morrermos, condiciona certamente as nossas personalidades, os nossos valores e comportamentos. No entanto, a socialização está também na origem da nossa própria liberdade e individualidade. Cada um de nós, no decurso da socialização, desenvolve um sentido de identidade e a capacidade para pensar e agir de forma independente. (2001:29).

Em suma, as manifestações culturais são constituídas por memórias, crenças, valores, tradições, costumes, linguagem, comunicação, organização social, ciência e tecnologia e arte. Por meio da aprendizagem, os elementos culturais vão sendo transmitidos de geração em geração, formando um conjunto estruturado e coerente, em que cada sujeito é recetor e produtor de cultura⁵. As pessoas com deficiência são, muitas vezes, impedidas de participar livremente na vida cultural por consequência da falta de acessibilidades e condições de acesso, isto é, não se encontram entre o público/espectadores, não são colegas e colaboradores/as no sector, não ponderam a possibilidade de uma carreira artística ou, quando a ponderam, não são programadas (Acesso Cultura, 2020). Neste sentido, pretende o ponto seguinte, abordar as questões de acesso e participação das pessoas com deficiência na área artística e cultural.

2.2. Acesso e participação na prática artística e cultural

De acordo com Alves e Castilhos (2021), a nível europeu a cultura é identificada como um setor com um conjunto de domínios e funções. Desta forma, são identificados oito domínios da cultura, nomeadamente: património artístico e monumental, arquivos, bibliotecas, livros e imprensa, artes plásticas, arquitetura, artes do espetáculo, meios áudio e audiovisuais/multimédia e, seis funções: preservação, criação, produção, divulgação, comércio/vendas e educação (Alves & Castilhos, 2021). A cultura não se relaciona diretamente com normas jurídicas, no entanto, são estas normas que condicionam as suas várias vertentes. Segundo Alves e Castilhos (2021), indicam que na área da cultura e

⁵ Fonte: Espaço O. Cultura, Identidade, Memória e Tradição. Acedido em: <https://espaco-o.com/programa/cultura-identidade-memoria-e-tradicao/>

em Portugal, o Diário da República deve influenciar as tomadas de decisão relativas ao tema. Deste modo, importa situar a cultura no principal documento nacional definidor da legislação portuguesa: a Constituição da República Portuguesa, aprovada em abril de 1976, onde se mantém as obrigações do Estado:

O Estado tem o dever de criar condições culturais que promovam e garantam a independência nacional, a promoção do bem-estar e da qualidade de vida da população através da efetivação dos direitos culturais, e a proteção e valorização do património cultural. (Gama, 2021:19).

Relativamente aos cidadãos, são assegurados igualmente direitos, liberdades e garantias pessoais: liberdade de criação cultural (intelectual, artística e científica) e liberdade e garantia de participação política (oportunidade de apresentar petições ou, criar ações populares que visem promover a preservação do património cultural) (Gama, 2021). A Constituição da República Portuguesa sublinha ainda, no âmbito dos direitos e deveres económicos dos cidadãos, o dever do Estado na promoção da formação cultural dos trabalhadores. Sintetizando, o que a Constituição da República Portuguesa consagra são direitos e deveres culturais, começando por enumerar que todos os cidadãos têm direito à cultura. Identifica ainda que cabe ao Estado contribuir para ultrapassar as desigualdades culturais, assim como, promover a democratização da cultura (Gama, 2021). A democratização da cultura nada mais é do que concretizar o direito de todos os cidadãos à criação e à fruição cultural (Canotilho & Moreira, 2007 *apud* Gama, 2021), realizada em colaboração com agentes culturais de natureza diversa. O desenvolvimento de programas e projetos com vista à efetivação do direito universal à cultura, tem resultado de uma união de esforços entre agentes culturais do sector público e do setor privado. Existe financiamento para realização de atividades culturais e artísticas como é possível de verificar no Inquérito ao Financiamento Público das Atividades Culturais, Criativas e Desportivas (INE, 2021), podemos observar que em 2020 as Câmaras Municipais alocaram 470,5 milhões de euros às atividades culturais e criativas (menos 9,3% do que em 2019). As despesas em atividades culturais e criativas das Câmaras Municipais representaram 5,3% (5,9% em 2019) do total das despesas dos municípios, sendo a despesa média por habitante a nível nacional de 45,7 euros (50,5 euros em 2019) (INE, 2021).

No que diz respeito à fruição cultural, enquanto uma das variáveis da democratização da cultura, os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE) referentes ao ano de 2019, são esclarecedores sobre as práticas culturais da população portuguesa. Neste sentido, 61,2% da população portuguesa não leu nenhum livro como atividade de lazer no ano de 2016; 54,4% não assistiu a nenhuma sessão de cinema; 53,5% não visitou locais de interesse cultural; e 32,8% não assistiu a nenhum espetáculo de dança, música, ópera ou teatro (Gama, 2021:19). Segundo o documento “Estatísticas da Cultura - 2020” (INE, 2021), no que diz respeito à Participação Cultural e, de acordo com os dados do inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias, retiram-se as seguintes conclusões: 85,7% (82,8% em 2019) dos utilizadores da internet leram notícias em jornais e revistas online; 70,1% ouviram música online (68,4% em 2019); 43,4% viram televisão através da internet (38,7% em 2019) e 37,6% dos utilizadores jogaram ou fizeram download de jogos (38,6% em 2019). A percentagem de utilização da internet na compra de livros, revistas e jornais foi de 29,8%; os filmes e música foi de 39,6%, finalmente, foram 14,5% dos utilizadores de internet que compraram bilhetes para eventos culturais e desportivos (INE, 2021). Segundo o inquérito anual de Espetáculos ao Vivo, em 2020 realizaram-se 14 951 sessões (menos 59,6% do que em 2019), com um total de 2,5 milhões de espectadores (menos 85,1% do que em 2019). O Teatro foi a modalidade com maior número de sessões (41,2% do total) e de espectadores (26,7%) (INE, 2021). No geral, englobando a população portuguesa com e sem deficiência, relativamente à assistência a espetáculos de teatro, os valores são particularmente reveladores do muito que se tem de concretizar para que o direito de fruição cultural, constitucionalmente previsto, seja uma realidade em Portugal (Gama, 2021). O número de espectadores de teatro triplicou entre o ano de 2000 e o ano de 2008, no entanto, os índices de afluência a este tipo de espetáculos eram muito baixos e, só no ano de 2002 atingiram um valor semelhante ao número de espectadores que existia em 1960 (Rosa & Chitas, 2010 *apud* Gama, 2021). As mudanças verificadas no processo de criação e fruição de bens culturais, estão relacionadas com o aumento da procura cultural observado nos últimos anos. Este aumento não é generalizado, nem em termos de grupos sociais nem em termos de diversidade do consumo (Gama, 2021). Mesmo observando um aumento da escolaridade, “(...) a procura

de práticas mais exigentes ainda não é acompanhada pelo aumento da oferta.” (Santos, 2010 *apud* Gama, 2021:21). Ainda que “(...) sendo um campo em avançada transformação, a criação e consolidação de serviços educativos em equipamentos culturais (...) [urge ser repensada em] aspectos relacionados com a profissionalização desta área de trabalho, designadamente a definição de formação e competências específicas” (Gomes & Lourenço, 2009:162 *apud* Gama, 2021:21), e é “(...) desejável que chegue o dia em que os responsáveis pelas actividades artísticas combinem o lugar de programadores com o de pedagogos.” (Ribeiro, 2011:177 *apud* Gama, 2021:21).

A “Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência” (2006), aprovada pela ONU em 2006 e ratificada por Portugal em 2009 (Resolução da Assembleia da República n.º 56/2009), tornou-se num marco histórico, no que toca à garantia e à promoção dos direitos humanos das pessoas com deficiência. Portugal assume-se, assim, como um país subscritor de uma abordagem baseada nos direitos humanos das pessoas com deficiência.

No preâmbulo da Convenção podemos ler na alínea v) o reconhecimento:

(...) da importância da acessibilidade ao ambiente físico, social, económico e cultural, à saúde e educação e à informação e comunicação, ao permitir às pessoas com deficiência o pleno gozo de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais. (Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, 2006).

Da mesma forma, na alínea y) é referido que a Convenção irá:

(...) dar um significativo contributo para voltar a abordar a profunda desvantagem social das pessoas com deficiências e promover a sua participação nas esferas civil, política, económica, social e cultural com oportunidades iguais, tanto nos países em desenvolvimento como nos desenvolvidos. (Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, 2006).

As questões da participação cultural das pessoas com deficiência encontram-se descritas no Artigo 30.º desta Convenção, reconhecendo que todas as pessoas com deficiência têm o direito de participar, em condições de igualdade relativamente às pessoas sem deficiência, na vida cultural, recreação, lazer e desporto. Refere ainda que, os Estados signatários da Convenção têm o dever de adotar medidas apropriadas para garantir às pessoas com deficiência o acesso a material cultural em formatos acessíveis; o acesso a programas de televisão, filmes, teatro e outras actividades culturais em formatos acessíveis e, garantir o acesso a locais destinados a actividades ou serviços culturais (teatros,

museus, cinemas, bibliotecas e serviços de turismo) bem como, a monumentos e locais de importância cultural nacional. O mesmo artigo refere ainda que os Estados Parte, devem criar medidas que permitam às pessoas com deficiência terem oportunidades de desenvolver e utilizar o seu potencial criativo, artístico e intelectual em benefício próprio, mas também, como forma de enriquecimento da sociedade (Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, 2006).

Em Portugal, o único relatório existente sobre a implementação da Convenção no país data de 2012, intitulado de “Initial Report of Portugal on the implementation of the Convention on the Rights of Persons with Disabilities” (CRPD) e, abrange apenas o período entre a ratificação da Convenção por Portugal de setembro de 2009) a setembro de 2011. Neste relatório, disponível apenas em língua inglesa, são assinalados em maior número, os avanços e as medidas que Portugal adotou no âmbito do acesso ao desporto das pessoas com deficiência. O relatório indica que, entre 2009 e 2011, o apoio prestado na área do desporto praticado por pessoas com deficiência foi limitado ao Comité Paralímpico de Portugal, à Federação Portuguesa de Desporto para Pessoas com Deficiência e às Special Olympics Portugal (SOP). De notar que, em 2009 e 2010, parte do Programa de Preparação Paralímpica incluiu bolsas de estudo para atletas e treinadores, bem como, subsídios para preparação de atividades e respetiva estrutura administrativa. Percebemos ao longo da leitura deste relatório que as medidas adotadas pelo Estado português na área do desporto apenas se destinaram a pessoas com deficiência que praticavam algum tipo de desporto federado e/ou de alta competição, esquecendo por completo medidas que contemplassem a participação desportiva de pessoas com deficiência não inseridas neste tipo de programas. Relativamente à participação na vida cultural o relatório pouco menciona. Refere apenas que alguns departamentos da Secretaria de Estado da Cultura prestam serviços especiais concebidos para pessoas com deficiência, quer como público quer como artistas. Entre os exemplos oferecidos, surge a produção de livros em Braille e áudio, guias em áudio e guias em vídeo (em língua gestual portuguesa), assim como, algum investimento em instalações para artistas com deficiência, através de contratos com entidades artísticas que concorrem a financiamentos. Em suma, apesar de

existir uma Constituição da República Portuguesa, uma Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e alguma legislação no âmbito da participação, acesso e criação artística e cultural das pessoas com deficiência, em Portugal, o Estado pouco se tem dedicado a esta matéria.

Neste âmbito, algumas organizações privadas, sem fins lucrativos, acabam por colmatar essa falha estatal. É disso exemplo, a Associação Nacional de Arte e Criatividade de e para Pessoas com Deficiência⁶ (ANACED), que tem como principal objetivo a promoção de todas as expressões de arte e criatividade que contribuem para o desenvolvimento global da pessoa com deficiência e que sejam geradoras de mudanças nas atitudes sociais face a esta problemática. Com 33 anos de existência, esta instituição defende que:

(...) a Arte produzida por artistas portadores de deficiência constitui sempre, um contributo para o património cultural, tão válido como o de qualquer outro artista e a sua desvalorização é indicadora de preconceito ou irracionalidade presunçosa da crítica e de quem tem o poder de validar o que é ou não é arte. (ANACED).

A ANACED defende que é pela criatividade que cada pessoa expressa a sua identidade e pode construir a originalidade da sua participação social. É por isso que a criatividade das pessoas com deficiência se constitui como um meio principal de exercício dos seus deveres e de afirmação dos seus direitos de cidadania. Neste âmbito, a ANACED cria e aproveita todas as oportunidades para valorizar a criação artística das pessoas com deficiência, de forma a levar a sociedade a repensar as conceções dominantes sobre a deficiência. De referir também que, a ANACED também tem vindo a desenvolver documentos intitulados “Diretórios Acessibilidade em Espaços Culturais e Artísticos”. Já a Câmara Municipal de Lisboa dispõe de um “Guia Lisboa para Todos”. E existe ainda, o portal “TUR4All” com informações sobre mais de 200 destinos turísticos que, desde 2006, através da marca ACCESSIBLE PORTUGAL, associação sem fins lucrativos, tem vindo a promover o Turismo Acessível para Todos em Portugal.

⁶ Fonte: Website da Associação Nacional de Arte e Criatividade de e para Pessoas com Deficiência. Acedido em: <https://anacedarte.wixsite.com/anaced/c%C3%B3pia-diret%C3%B3rios>

2.3. Atividade artística na vida das pessoas com deficiência

A arte e a cultura podem ser compreendidas como formas de promover uma maior acessibilidade e conhecimento nas várias vertentes da sociedade, quer seja através da pintura, da música, da dança ou do teatro. De acordo com Boeltzig, Hasnain e Sulewski (2008), não obstante a carência de investigação sobre as carreiras artísticas das pessoas com deficiência, estas profissões são uma opção viável e mesmo desejável para as pessoas com deficiência por vários motivos. Primeiro, as artes são um campo profissional em crescimento. Em segundo, as carreiras artísticas oferecem opções de emprego flexíveis, como a de trabalhador independente, onde a pessoa com deficiência tem alguma liberdade e autonomia para a realização do seu trabalho, assim como, o trabalho pode ser facilmente adaptado às suas necessidades. E, em terceiro, as pessoas com deficiência ao participarem e ao se envolverem nas artes, acabam por ter oportunidades de autoexpressão, bem como, de participação numa comunidade de artistas.

Assumir uma carreira de artista é um desafio para todas as pessoas independentemente de terem ou não qualquer tipo de incapacidade. Como as estatísticas revelam, o número de trabalhadores independentes entre os artistas apresenta-se mais elevado comparativamente a outros grupos profissionais, acresce que os artistas têm mais frequentemente vários empregos em simultâneo. Um estudo desenvolvido pelo “National Endowment for the Arts” nos Estados Unidos da América no ano de 2003, mostrou que a percentagem de trabalhadores independentes artistas com mais de um emprego era de 12,8% face a apenas 5,3% de trabalhadores independentes não artistas (Nichols, 2006). Tal parece indiciar uma dificuldade de sobrevivência financeira dos artistas com rendimentos exclusivamente dessa atividade. No caso particular das pessoas artistas com deficiência, a esta condicionante, acresce, uma maior fragilidade financeira resultante das barreiras à sua participação no mercado de trabalho e maior dependência face a benefícios sociais por deficiência que possuem, e que podem ser afetados por auferirem de novas fontes de rendimento, que ao mesmo tempo são insuficientes para garantir a sua subsistência. A estas barreiras à participação das pessoas com deficiência no mundo artístico, juntam-se outras como o preconceito face às artes por partes

das pessoas que os rodeiam - familiares, professores e amigos - e que podem acabar por servir de dissuasor à consideração das artes como uma alternativa de vida viável e adequada (Clipsham, 1999; Gill, 1998 *apud* Boeltzig *et al.*, 2008).

2.3.1. “Disability Arts” e Artistas com deficiência

Barnes e Mercer (2010) referem que, tradicionalmente, a relação entre cultura e deficiência tem sido concentrada em artistas de renome que apresentam algum tipo de deficiência, bem como, na forma como a mesma é “superada” por estes artistas como, por exemplo, Beethoven e a sua surdez. Da mesma forma, os autores enumeram que a deficiência se tornou também um meio para o desenvolvimento de atividades criativas e artísticas, dando o exemplo de Van Gogh e a sua “loucura”. Uma revisão da literatura produzida no âmbito do projeto de investigação “Beyond Access 2014”, desenvolvido pela “Arts Access Victoria” em parceria com a Universidade de Melbourne, amplia o conceito de “artistas com deficiência” a pessoas com deficiência que trabalham como artistas e que não abordam necessariamente ou diretamente a experiência da deficiência, mas que podem ou não ser influenciados por essa experiência (Austin & Brophy, 2015). Muito frequentemente, estes artistas estão associados ao mundo das “Disability Arts” em simultâneo com as artes tradicionais. Este projeto identifica nomes como: Yinka Shonibare (Reino Unido), Chuck Close (Estados Unidos da América) e Jane Trengove (Austrália) enquanto exemplos de artistas profissionais com deficiência que trabalham dentro das artes visuais contemporâneas. Como é referido, muitos dos trabalhos destes artistas exploram questões sociopolíticas complexas como a representação cultural, o género, a sexualidade e o poder político, mas não necessariamente a temática da deficiência (Austin & Brophy, 2015). Estes três artistas são um exemplo de como o seu trabalho, embora não esteja claramente comprometido com a deficiência, pode ser diretamente influenciado pela experiência da deficiência. No caso de Yinka Shonibare, que se identifica como artista com deficiência, cria predominantemente um trabalho que explora a sua identidade cultural nigeriana, bem como as questões do colonialismo e do pós-colonialismo. Este artista que devido à sua incapacidade física, adquirida por uma inflamação na medula espinhal, trabalha com uma equipa de assistentes para concretizar a sua visão artística. O artista afirmou, numa entrevista em 2008 (Austin & Brophy,

2015), que se identifica como artista com deficiência e que compreende o movimento político das pessoas com deficiência, mas que não se enquadra nele. Contudo, apesar desta posição, Yinka Shonibare é conhecido por criar obras directamente relacionadas com a sua experiência da deficiência, como a série de autorretratos fotográficos que criou vestido como dançarino vitoriano do século XIX, onde explicou que se tratava da sua própria imagem corporal, do poder do homem negro com deficiência (Austin & Brophy, 2015). No caso de Chuck Close, artista norte-americano falecido em 2021 e que trabalhava com base em ideias de ilusão e com o supra-real, desenvolveu um trabalho que desconstrói e desafia as formas e as expressões estilísticas. As suas obras também não se focam na deficiência, todavia, a sua experiência vivida informava o processo criativo e o conteúdo dos seus múltiplos autorretratos, que foram a sua principal produção artística. Close falava abertamente da sua experiência de vida com uma incapacidade física, nomeadamente em entrevistas e em livros - incluindo a sua biografia, escrita por Christopher Finch em 2010, intitulada “Chuck Close: Life Hardcover”. Da mesma forma, não tinha qualquer problema em falar como adaptou a forma de pintar às suas limitações físicas, dado que já era artista quando ficou paralisado (Austin & Brophy, 2015). Um outro exemplo é o da artista Jane Trengove que trabalha e expõe desde a década de 1980, com exposições no “Monash Museum of Art”, na “Sutton Gallery” e no “Australian Centre for Contemporary Art”. O seu trabalho é analisado dentro de um contexto artístico contemporâneo mais amplo e não apenas através da lente estreita das “Disability Arts”. A atividade artística de Trengove expressa a importância da arte contemporânea em questões relacionadas com políticas sociais mais amplas e com as relações de poder em áreas como o género, a sexualidade, a raça e a deficiência. Assim como Close, Trengove também afirmou a forma como a sua incapacidade física lhe permitiu focar-se com mais intensidade no mundo que a rodeia, esclarecendo que:

Because of my disability I have become, in a sense, a trained observer. Which has given me an interest in the way cultural meanings operate at different levels, and how representation can be used to interrogate these meanings. (Reeves, 1999 apud Austin & Brophy, 2015:14).

A atividade artística destes três artistas - Trengove, Close e Shonibare - não apresenta uma relação direta com a deficiência, todavia, como vimos, os seus trabalhos evidenciam uma ligação entre a experiência vivida destes artistas e

as suas observações críticas relativamente ao lugar cultural e social que ocupam (Reeves, 1999 *apud* Austin, S., & Brophy, C., 2015). Tal como Close e Shonibare, Trengove também adaptou a sua prática artística no sentido de se adequar às limitações físicas decorrentes da sua incapacidade e, ao fazê-lo, mudou radicalmente o seu estilo e a sua forma de trabalhar, afastando-se das grandes pinturas a óleo e substituindo-as por telas e obras de menor dimensão (Austin & Brophy, 2015).

Na área televisiva, nomeadamente na produção cinematográfica, evidenciam-se nomes como por exemplo o caso do ator americano Troy Michael Kotsur, com trabalho nas áreas do teatro, do cinema e da televisão. Aos nove meses de idade, os pais de Troy descobriram que ele era surdo e tiveram de aprender língua gestual americana para conseguirem comunicar. Os pais de Troy sempre o encorajaram a praticar desporto e a fazer amigos com crianças ouvintes. O ator frequentou a “Phoenix Day School for the Deaf” onde, pela primeira vez, se interessou pela representação. O papel que desempenhou no filme “CODA” (2021) deu-lhe uma série de reconhecimentos, incluindo um Oscar, um Prémio de Cinema da British Academy, um Prémio de melhor argumento (“Screen Actors Guild Award”), e um Prémio de melhor filme de crítica (“Critics' Choice Movie Award”). Troy é o primeiro ator surdo a ganhar estes três prémios. Em 2013, também realizou a longa-metragem “No Ordinary Hero: The SuperDeafy Movie”. A atriz Marlee Beth Matlin, autora e ativista americana recebeu inúmeros prémios, incluindo um Oscar e um Globo de Ouro. A atriz é surda desde os 18 meses de idade e é a primeira artista surda a ganhar um Oscar. Tal como Troy, participou no filme “CODA”, abreviatura para “child of deaf adults” (filho de pais surdos). Troy e Marlee interpretaram o papel de um casal de surdos que decidiu ter uma filha. Trata-se de uma comédia dramática que conta a história da filha do casal - Ruby Rossi (atriz Emilia Jones), uma adolescente que ouve e que sonha estudar música⁷.

2.3.2. Práticas artísticas inclusivas

O termo “práticas artísticas inclusivas” refere-se a um campo multidimensional que abrange uma série de práticas criativas e estratégias

⁷ Fonte: Trailer CODA (*Child of Deaf Adults*). Acedido em: <https://www.imdb.com/title/tt10366460/>

relacionadas com a prática artística das pessoas com deficiência (Austin & Brophy, 2015). De acordo com Austin e Brophy (2015) este campo multidimensional da “prática artística inclusiva” pode ser dividido em vários modelos/quadros distintos de produção e criação artística, nomeadamente: “Arts and disability” (Artes e deficiência); “Disability arts” e, “Artists with a disability” (Artistas com deficiência).

No Reino Unido, a noção de “inclusive arts” (artes inclusivas) ganhou maior projeção com a introdução de uma política educativa que utilizava as práticas criativas, por parte dos governos “New Labour” entre meados dos anos 1990 até 2010, com o regresso dos conservadores ao governo. Esta política trouxe um novo alento à importância económica da atividade cultural e à agenda de inclusão social (Thomson & Hall, 2007). Neste sentido, o conceito foi aplicado às práticas artísticas que defendem a inclusão social, integrando a participação cultural de todas as pessoas, em vez do conceito ser utilizado apenas como forma de crítica social (Thomson & Hall, 2007). As “práticas artísticas inclusivas” têm especial relevância no Reino Unido por definirem, particularmente, as atividades desenvolvidas com pessoas com deficiência numa ótica de aprendizagem (Austin & Brophy, 2015). A investigadora e artista Alice Fox, por exemplo, define as práticas inclusivas como uma forma de “(...) potenciar as oportunidades criativas entre pessoas marginalizadas e não marginalizadas, através da facilitação artística e da colaboração, como forma de desafiar as barreiras existentes e promover a mudança social.” (Fox, 2010 *apud* Austin & Brophy, 2015:8). A utilização do termo “prática artística inclusiva” definido por Alice Fox (2010), reflecte-se nas abordagens e métodos utilizados por outras entidades artísticas como: o “Chicken Shed Theatre”, o “Candoco” e o “Lung Ha Theatre”, que trabalham com artistas com e sem deficiência no desenvolvimento de espetáculos de teatro. O “Restless Dance Theatre” na Austrália, o “Candoco” no Reino Unido e a “Axis Dance” nos Estados Unidos da América, são exemplos de companhias que trabalham num contexto integrado, isto é, com pessoas com e sem deficiência, sendo que, em cada uma destas companhias - quer através do uso de metáforas dramáticas quer de linguagem coreográfica - a experiência vivida da deficiência é central (Austin & Brophy, 2015).

Cada vez mais, as organizações artísticas e até as próprias pessoas artistas, reconhecem as oportunidades criativas que existem quando existe um quadro equitativo que apoia a troca de ideias dentro de um leque de artistas diversificado, bem como, o potencial transformador que estas práticas artísticas têm na crítica e na mudança social. Da mesma forma, o Centro de Artes Juvenis St. Martins de Melbourne na Austrália, oferece uma prática teatral inclusiva, concebida para ser implementada em toda a organização. Os elementos práticos da abordagem de St. Martins incluem o mapeamento visual, exercícios de tato, assim como, a motivação das pessoas marginalizadas, incluindo jovens com deficiência que permanecem sempre no centro do seu processo criativo. O trabalho desta organização, vocacionado para as artes inclusivas, foi reconhecido com o prêmio “AbAf Arts Access Australia Award” em 2012 (Austin & Brophy, 2015). O “Arts Access Victoria” é uma entidade do Estado australiano, dedicada às “disability arts” que oferece formação na área da sensibilização para a deficiência, planeamento de ações sobre a deficiência e a prática de artes inclusivas para artistas e organizações de artistas. Esta organização afirma que não existe uma abordagem única para as artes inclusivas e que é necessária a conjugação de um conjunto de abordagens que assegurem o estabelecimento de quadros equitativos e acessíveis na indústria artística, de forma a eliminar as desigualdades enfrentadas pelas pessoas com deficiência que querem participar nas artes e na cultura (Austin, & Brophy, 2015).

A investigação que tem vindo a ser realizada sobre artistas com deficiência tem reforçado o papel positivo das artes, nomeadamente na construção da identidade das pessoas com deficiência e na formação da “Disability Culture” (Sulewski *et al.*, 2012). Os estudos que analisam a educação sustentada nas artes têm afirmado a importância do ensino e da aprendizagem no aumento da autoestima e da construção da autoconfiança individual dos artistas (Rooney, 2004 *apud* Sulewski *et al.*, 2012), incluindo os artistas com deficiência (Mason, Thormann, & Steedly, 2004; Mason, Steedly, & Thormann, 2005 *apud* Sulewski *et al.*, 2012). O autor Taylor analisou o papel que a educação através das artes visuais desempenha na transição dos estudantes com deficiência da escola para o trabalho ou, para o ensino superior. O autor afirma que “o dilema da identidade está no centro da transição que todos os

adolescentes e jovens experienciam” (2005:764), nomeadamente, nesta transição de grau de escolaridade ou, para o mercado de trabalho. De acordo com o autor, esta ligação com as artes poderá, também, ajudar os jovens nas questões relacionadas com a incapacidade e com a deficiência que acabam por afetar a transição no meio escolar e o seu processo de construção de identidade. Especificamente, Taylor descobriu que a educação artística ajudou os jovens a envolverem-se num “processo de auto-realização”, no qual identificam e abordam “percepções negativas e opressivas da deficiência através da sua arte” (2005:763) e, como resultado, estes jovens artistas adotaram uma perspectiva mais positiva e inclusiva (Taylor, 2005).

2.4. Os “Disability Arts Movement”

Os “Disability Arts Movement” vieram dar destaque ao “potencial das “disability arts” como uma força progressiva e emancipatória, tanto a nível individual como social” (Barnes & Mercer 2001: 529). Este movimento, destaca o potencial das ações culturais como força emancipatória a nível individual e social. O relevo dado à opressão e à injustiça pelo “Disability Arts Movement” oferece uma fundamentação para um conjunto diversificado de intervenções culturais, nas quais as representações ou os espetáculos revolucionários, visibilizam e resistem às barreiras e atitudes discriminatórias (Barnes & Mercer 2001). Barnes e Mercer (2001) referem ainda que em espetáculos, quando o público é constituído maioritariamente por pessoas sem deficiência, alguns artistas com deficiência fazem uma tentativa deliberada de se abstrair da sua incapacidade, na tentativa de contrariar as ideias socialmente dominantes de que a incapacidade é algo que se deve manter escondido. Os autores acreditam que para algumas pessoas, o impacto de uma exibição pública da deficiência através das “disability arts” é um estímulo para que a audiência sem deficiência se questione, nomeadamente, sobre as ideias negativas que atribuem à deficiência e sobre as práticas discriminatórias que possam estar associadas a estas visões (Barnes & Mercer 2001). Segundo Barnes e Mercer (2001), este movimento é responsável pela substituição da ideia de que as pessoas com deficiência são meras “utilizadoras de serviços”, neste caso consumidoras culturais, pela ideia das pessoas com deficiência enquanto artistas, salientando a capacidade artística individual e pessoal, bem como os sonhos e ambições

dos artistas com deficiência. No âmbito dos “Disability Arts Movement” é feita uma clara distinção entre pessoas com deficiência que fazem arte e artistas com deficiência (Barnes & Mercer, 2001). Sutherland afirma que:

It's what makes a disability artist different from an artist with a disability. We don't see our disabilities as obstacles that we have to overcome before we try to make our way in the non-disabled cultural world. Our politics teach us that we are oppressed, not inferior. (1997:159 apud Austin, S., & Brophy, C., 2015:21).

Allan Sutherland, poeta, comediante e defensor das “disability arts” no Reino Unido, define as “disability arts” como a arte que é criada por pessoas com deficiência e que aborda diretamente a experiência de se viver com uma deficiência. Também refere que a relação entre as “disability arts” e o entendimento político da deficiência é uma relação bidireccional. A arte criada pelas pessoas com deficiência inspira-se na sua própria política, mas também se alimenta dela:

We are gradually starting to create a shared culture, discovering through our art how much we have in common. It gives us opportunities to see how we may have very different disabilities, yet similar experiences. We talk about 'we', meaning disabled people in general. Our arts, our culture, enable us to understand what that 'we' consists of. (Sutherland, 1989:4 apud Austin, S., & Brophy, C., 2015:11).

A investigadora americana Carrie Sandahl, referiu em 2009, na sua apresentação à “National Summit on Careers in the Arts for People with Disabilities” que, as “disability arts” têm desempenhado um papel fundamental na articulação entre deficiência, política, questões individuais e estéticas. Assim como:

(...) “disability art” is considered an integral aspect of both the disability civil rights movement and ‘disability culture’, or the self-consciously created community of diverse disabled people (in terms of impairment type, race, class gender and sexuality) who nevertheless share certain experiences, values and perspectives. (National Endowment for the Arts, 2010: 29 apud Austin, S., & Brophy, C., 2015:11).

As “disability arts” envolvem uma produção criativa e cultural que interpretam o significado da incapacidade e o significado da experiência vivida pelas pessoas com deficiência numa sociedade deficientizadora (Cameron, 2011). Através da organização e do desenvolvimento de cabarés, festivais, exposições, performances e workshops, o “Disability Arts Movement” criou lugares onde as pessoas com deficiência se podem reunir, partilhar e explorar ideias e perspectivas sobre situações que, anteriormente, só tinham sido vivenciadas

individualmente (Cameron, 2011). Numa análise desenvolvida por John Fiske (1995), as “disability arts” funcionam como uma “cultura popular”, dado que implicam que as pessoas oprimidas façam uso das formas que a cultura dominante oferece e as transformem nos seus próprios objetivos. Isto é, no sentido de comunicar em termos acessíveis e através de uma forma diferente a forma como se relacionam com a deficiência, consigo próprios e com a sociedade. Elspeth Morrison e Vic Finkelstein têm defendido que a realização de eventos artísticos podem fornecer uma via acessível na forma de “olhar” para o mundo em relação às pessoas com deficiência (Cameron, 2011). As “disability arts” rejeitam as narrativas e os pressupostos culturais dominantes que representam a deficiência como algo para “curar, suportar ou superar”, como um sinal de “tragédia”. Envolvem igualmente, a revelação e apresentam uma reflexão sobre a experiência da deficiência com a experiência da opressão. Esta opressão vem no sentido de identificar práticas quotidianas de uma sociedade que atribui um elevado valor à “normalidade” e pensa que se trata de algo que as pessoas com deficiência desejam fazer, o que impõe julgamentos sobre as formas corretas e adequadas de proceder, bem como, caracteriza outras formas de alcançar estes mesmos fins como anormais e inferiores. Iris Young confirmou: “As acções conscientes de muitos indivíduos contribuem diariamente para manter e reproduzir a opressão, mas estas pessoas estão simplesmente a fazer o seu trabalho ou a viver as suas vidas, e não se entendem a si próprias como agentes de opressão.” (Cameron, 2011:2).

Parte II – Modelo Analítico e Metodologias

Capítulo 3 – Metodologias de Investigação

3.1. A Problemática

A cultura constitui uma parte integrante da experiência humana, apresentando-se enquanto conjunto de artefactos e rituais segundo os quais as pessoas criam sentido nas suas vidas (Matarasso, 2019). Conforme Matarasso, a cultura “é tudo o que o ser humano faz por escolha, e não por necessidade. (...) é a expressão de crenças e valores na conduta da vida quotidiana” (2019:42). Na perspectiva de Gramsci, a cultura define-se como organização e conquista de consciência superior (Ribeiro, 2018). É um caminho para chegar a um acordo com a própria personalidade. E é através destes pressupostos, que as pessoas conseguem compreender o seu valor histórico, a sua função na vida e os seus direitos e deveres (Bellerín & Ramos, 2021). O conceito de cultura em Sociologia adota uma interpretação ampla que inclui aspetos simbólicos da sociedade humana como crenças, rituais, costumes e valores, assim como, padrões de trabalho, lazer, atividades, e bens materiais (Barnes & Mercer, 2001). Direciona-se para os “aspectos das sociedades humanas que são aprendidos e não herdados” (Giddens, 2001:22). Isto é, para se tornar membro de uma sociedade é necessário aprender, ou ser socializado tendo em conta os seus pressupostos e regras culturais, incluindo o quê (ou quem) é considerado “normal” e categorizado como “diferente” (Barnes & Mercer, 2010).

Assim como a arte, a cultura é “a construção de sentido e a expressão de valores” (Matarasso, 2019:42). Quer a arte, quer a cultura, expressam significados e valores humanos, mas o que as distingue é a dimensão autoconsciente da arte. A cultura é a expressão de tudo o que as pessoas fazem, geralmente, sem se questionarem sobre isso. Enquanto que a arte é intencional, requer concentração, habilidade e experiência pelo artista e, em consequência, é sempre um ato consciente associado à cultura específica do artista, com a qual partilha o propósito de construir sentido (Matarasso, 2019). Conforme Raymond Williams expõe em “Culture is Ordinary” (1958), fazer, partilhar e usufruir das artes é a base da vida cultural de qualquer sociedade. Contudo, nem todos têm

igual acesso à cultura, seja como consumidor, seja como profissional (Pasikowska-Schnass, 2019).

No acesso à participação cultural, as pessoas com deficiência deparam-se com todo o tipo de barreiras. Ainda que as barreiras físicas sejam aquelas mais evidentes e onde existe mais consciência social - por exemplo, pessoas cegas não podem contemplar exposições em museus se não existir a componente de áudio descrição, maquetes em 3D ou, informação escrita em braille - as barreiras sociais e culturais são, da mesma forma, significativas e limitadoras (Acesso Cultura, 2020). Os dados estatísticos relativamente ao acesso cultural das pessoas com deficiência são ainda escassos. Segundo os dados do Eurostat, uma em cada sete pessoas com idades entre os 15 e os 64 anos tem dificuldade em caminhar (4,2% mulheres e 3,4% homens), ver (2,1% mulheres e 1,8% homens) ou ouvir (1% mulheres e 1,3% homens), sendo que, apenas 1% a 5% da literatura é acessível para pessoas cegas (Pasikowska-Schnass, 2019). Na realidade, as necessidades das pessoas com deficiência não estão a ser abrangidas pelas estatísticas. O Eurobarómetro Flash datado de março de 2012 que trata as questões da acessibilidade, não contém dados sobre a acessibilidade de utilizadores de cadeiras de rodas, interpretação em língua gestual, áudio descrição ou, sobre o consumo cultural das pessoas com deficiência em geral. Em 2012, a *European Blind Union* realizou um inquérito sobre o acesso à cultura, sendo uma das conclusões o baixo acesso à cultura das pessoas com deficiência visual. Este estudo não explora, no entanto, o tema em profundidade, limitando-se a elencar esta informação (Pasikowska-Schnass, 2019).

Pensando em cultura e em deficiência, Sian Vasey (2004) aponta que a “Disability Culture” é um “dado adquirido”. Isto porque, se uma pessoa com deficiência precisa, por exemplo, de ajuda para comer, para se deslocar, para se levantar ou, comunicar em língua gestual, estes aspetos tornam-se parte da sua experiência cultural e da sua forma de ser. O facto de as pessoas com deficiência identificarem estes aspetos como “Disability Culture” levou, no final dos anos 1980, a um grande avanço na luta pela legitimidade da deficiência (Vasey, 2004).

O resultado da prática das “Disability Arts” é frequentemente conhecido como “Disability Culture” (Vasey, 2004). A politização das pessoas com

deficiência acabou por transformar o seu potencial e envolvimento artístico numa arena de política cultural, desconstruindo a perspetiva que tende a individualizar o envolvimento das pessoas com deficiência nas artes, nomeadamente, a ideia de que as pessoas com deficiência são incapazes de comunicar os seus sentimentos e valores através da prática artística, exceto quando a utilizam como forma de terapia ou de reabilitação. Esta mudança, faz com que se faça uma distinção entre “pessoas com deficiência que fazem arte” e as “Disability Arts”, em que esta última designação se apresenta como uma visão mais política (Barnes & Mercer, 2010).

A afloração do “Disability Arts Movement” foi o ponto chave para um despertar político. As pessoas com deficiência começaram a exigir uma nova relação com a arte e com a cultura. No entanto, as “Disability Arts” não consistem apenas no acesso à corrente principal de consumo e produção artística, mas também, no desenvolvimento de significados culturais partilhados e expressão coletiva da experiência da deficiência e das suas lutas. Isto implica a utilização da arte para expor a discriminação e os preconceitos de que as pessoas com deficiência são alvo, bem como, a criação de uma consciência de grupo (Barnes & Mercer, 2010).

Colin Barnes e Geof Mercer (2010) demonstram que o “Disability Arts Movement” abrange várias dimensões inter-relacionadas: (1) acesso à corrente principal de consumo e produção artística; (2) exploração da experiência de viver com uma incapacidade; (3) oferecer uma resposta crítica à experiência de exclusão e marginalização social, o que implica usar a cultura para expor a discriminação e o preconceito que as pessoas com deficiência enfrentam, no sentido de criar uma consciência e uma identidade de grupo positiva.

As “Disability Arts” tem uma relação com o modelo social da deficiência dado que articulam a necessidade de mudança, da mesma forma que indicam o que pode mudar para as pessoas com deficiência (Vasey, 2004). Na perspetiva de Vasey (2004), um dos aspetos a mudar está relacionado com o baixo nível de confiança coletiva das pessoas com deficiência. O fortalecimento do movimento das pessoas com deficiência, assim como, o surgimento do modelo social, foram igualmente essenciais para a afirmação positiva da identidade destas pessoas (Vernon e Swain, 2002), desafiando as visões tradicionais que

encaram as pessoas com deficiência como incapazes e passivas. O conceito de identidade é fundamental para que as pessoas com deficiência se valorizem. O desenvolvimento da identidade tem-se vindo a tornar um ponto central para a “Disability Culture” e para as “Disability Arts”, nomeadamente, através da assimilação dos valores que estão por trás da discriminação. Nas “Disability Arts”, através da poesia, da música, da escrita, do teatro, as pessoas com deficiência abrem espaço à celebração da diferença e contrariam a ideologia da normalidade que encara as pessoas com deficiência como “anormais”, ao transmitir imagens de força e orgulho na deficiência (*disability pride*) (Vernin e Swain, 2002). As “Disability Arts” procuram ser educativas, expressivas e transformadoras, tendo em conta o potencial da ação cultural como força progressiva e emancipatória, quer a nível individual, quer social. Além disso, as “Disability Arts” fornecem um contexto no qual as pessoas com deficiência socializam e pensam em questões de interesse comum. A “Disability Culture” oferece às pessoas com deficiência a chave para o processo de identificação como pessoas com deficiência, considerando que cultura e identidade são conceitos intimamente ligados (Barnes & Mercer, 2010). As pessoas com deficiência poderão desafiar a sua suposta dependência e o seu lugar na sociedade através do seu papel social e da criatividade artística (Morrison & Finkelstein, 1993 *apud* Barnes & Mercer, 2010).

As artes constituem, assim, uma importante ferramenta de desconstrução, questionamento e crítica social, bem como de reconstrução e apresentação de novas narrativas da realidade. Entre as artes, o teatro tem-se afirmado como uma prática cultural significativa dentro dos processos de resistência, na medida em que evidencia as capacidades e potencialidades de cada pessoa (Muñoz-Bellerín & Cordero-Ramos, 2020). Como espaço onde ocorrem interações e interpretações, o conceito de imaginário proporcionado pelo teatro serve para demonstrar o seu potencial enquanto recurso que possibilita às pessoas oprimidas, neste caso pessoas com deficiência visual, expressarem os seus mundos e fazerem valer os seus direitos (Bellerín & Ramos, 2021).

Para Brecht “a realidade deve ser transformada pela arte para ser reconhecida e tratada como algo que pode ser mudado” (Brecht, 2004:31 *apud*

Bellerín & Ramos, 2021:2). Esta ideia é a base para a aplicação do teatro como mecanismo que questiona criticamente as condições sociais que resultam em dominação e opressão. O espaço criativo proporcionado pelo contexto da atividade artística, neste caso o teatro, permite realizar análises, debates e novas formas de interação e convivência, assentes na igualdade, diversidade e justiça. Visualizar o teatro como um produto cultural que permite criar e desfazer mundos, torna-o numa ferramenta participativa de ação e reação, para transformar realidades relacionadas com a exclusão (Bellerín & Ramos, 2021). As atividades artísticas e as artes performativas, onde se inclui o teatro, podem funcionar como espaços de mediação que permitem chegar a novos públicos, como é o caso das pessoas com deficiência. Podem, igualmente, sugerir novas formas de atuação para esses mesmos públicos ao alargarem o seu leque de intervenção, tornando-se mais ativos, formativos, pedagógicos e espaços de inclusão social.

Algumas instituições e organizações privadas dedicam-se a promover a integração artística de pessoas com deficiência. A nível internacional, por exemplo, a “Shape Arts” é uma organização artística vocacionada para as pessoas com deficiência, que trabalha para “melhorar o acesso destas pessoas à cultura e oferecer oportunidades a artistas com deficiência” (Shape Arts⁸). O seu âmbito de atuação é através da capacitação das instituições culturais, no sentido de serem mais abertas à integração das pessoas com deficiência, bem como, através da execução de programas de artes participativas e de desenvolvimento. A associação trabalha no Reino Unido e, internacionalmente, desenvolve planos e estratégias no sentido de melhorar os acessos culturais das pessoas com deficiência. O trabalho desenvolvido pela “Shape Arts” tem como base o modelo social, sendo o seu principal princípio “que todas as pessoas com deficiência devem ter a oportunidade de participar plenamente nas artes e na cultura.” (Shape Arts). A Associação tem como missão a promoção da arte e das práticas inclusivas, conhecimento e aprendizagem, assegurando que as pessoas com deficiência tenham papéis ativos e influentes nas artes e na cultura - como líderes, artistas, participantes e público, como parte de uma força de trabalho qualificada. Em Portugal, as pessoas com deficiência deparam-se com uma

⁸ Fonte: Website “Shape Arts”. Acedido em: <https://www.shapearts.org.uk/>

escassez de oportunidades no acesso ao mundo profissional artístico (Acesso Cultura, 2020). Na tentativa de colmatar essa falha, algumas instituições, associações e fundações têm vindo a desenvolver alguns projetos, criando grupos de teatro amador como, por exemplo, o grupo de teatro da Cercipenela, “Obras Feitas”⁹, constituído por utentes do Centro de Atividades Ocupacionais ou, o projeto inclusivo de criação artística, “O Era uma vez... Teatro”, da Associação do Porto de Paralisia Cerebral¹⁰. Um outro exemplo, é o do projeto “Fazer a Diferença não fazendo a diferença”¹¹, do Instituto Politécnico de Viseu em colaboração com a Associação SurdiSol. Este projeto tem como objetivo a melhoria da integração e inclusão dos Estudantes com Necessidades Educativas Específicas do Instituto Politécnico de Viseu, “visando uma educação de qualidade e em equidade, sensibilizando a comunidade académica para as dificuldades com que estes estudantes se debatem” (Projeto “Fazer a Diferença não fazendo a diferença”). Como pudemos verificar, estes projetos são destinados, na maioria das vezes, a despertar sensibilidades, criar uma imagem positiva da deficiência na sociedade e a contribuir para a socialização das pessoas com deficiência na comunidade. No entanto, este tipo de projetos englobam um grupo específico, fechado e restrito de pessoas com deficiência, i.e., pessoas utentes de determinada instituição, associação ou fundação, denunciando uma individualização da deficiência. Em Portugal, têm sido desenvolvidos outros tipos de projetos que se comprometem com a inclusão artística e a inclusão social das pessoas com deficiência. No ano de 2019, a Fundação Gestão dos Direitos dos Artistas lançou o programa “Arte sem barreiras” com o objetivo último de facilitar a integração funcional e profissional de artistas com deficiência, através de processos de integração ativa, formação contínua e capacitação (Fundação Gestão dos Direitos dos Artistas, 2021). Outro exemplo, é a iniciativa da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação “la Caixa” com o programa PARTIS (Práticas Artísticas para a Inclusão Social) e “Art for Change”, que prevê o financiamento de projetos artísticos para a inclusão

⁹ Fonte: Notícia “Dia Mundial do Teatro em Penela”. Acedido em: <http://www.cercipenela.org.pt/noticia022.php>

¹⁰ Fonte: Notícia “24 anos de “Era Uma Vez...Teatro”. Acedido em: https://appc.pt/_nagenda/noticia2243.html

¹¹ Fonte: Website do Projeto “Fazer a Diferença, Não Fazendo Diferença”. Acedido em: <https://www.estgv.ipv.pt/fazer-a-diferenca/>

social em Portugal. Desde 2016, o programa PARTIS apoia, através de ações de capacitação e financiamento, organizações que implementam projetos relacionados com práticas artísticas e com o objetivo de promover a inclusão social através das artes performativas. O Projeto “A Meu Ver”, em análise nesta dissertação de mestrado, é precisamente um dos projetos financiados pelo programa PARTIS. O “A Meu Ver”, com uma duração de três anos, prevê a criação de três espetáculos teatrais com um grupo de pessoas cegas e com baixa visão. O projeto resulta de uma parceria entre o Teatrão - Oficina Municipal do Teatro e a Associação dos Cegos e Amblíopes de Portugal (ACAPO) - Delegação de Coimbra, com o objetivo de constituir um núcleo de trabalho dedicado à prática teatral. Para o efeito, foi formada uma oficina regular de teatro “Sala de Ensaios” que, através de uma equipa artística profissional e multidisciplinar desenvolveu a produção da primeira peça em março de 2022, intitulada “O que é invisível”. O presente estudo incide no primeiro ano de aplicação do projeto “A Meu Ver”. Considerando a problemática enunciada, esta investigação procurará responder à seguinte pergunta de partida: *De que forma a prática teatral contribui para a construção identitária das pessoas com deficiência visual participantes no projeto “A Meu Ver”?* No sentido de dar resposta a esta questão, coloca-se outra questão, subjacente à investigação, dado que a identificação dos impactos produzidos pelo projeto “A Meu Ver” na vida das pessoas participantes potenciou a análise relativamente às questões identitárias, nomeadamente: *Qual o impacto da prática teatral na vida das pessoas com deficiência visual participantes no projeto “A Meu Ver”?* (Impacto na vida pessoal e familiar, na vida social, na vivência da incapacidade e da deficiência).

3.2. Objetivos do Estudo

A presente investigação pretende dar respostas concretas sobre o papel que a prática teatral desempenha na construção da identidade das pessoas cegas ou com baixa visão. Como foi possível de verificar no enquadramento teórico e na problemática apresentada, tem existido um esforço por parte de Associações, Entidades Artísticas e, mesmo do próprio Governo ao consentir a aplicação da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (CDPD), na criação de projetos de inclusão pelas artes e no esforço para a requalificação

de espaços culturais, tornando possível a participação das pessoas com deficiência no sector da cultura em igualdade com as demais. As “Disability Arts” constituíram, também, uma importante plataforma das pessoas com deficiência para a construção e difusão de uma imagem positiva da deficiência, uma imagem não desqualificadora nem opressora das suas identidades. Como enfatizam Barnes e Mercer (2010), através das artes performativas as pessoas com deficiência têm a possibilidade de mostrar à sociedade a discriminação e os preconceitos que enfrentam no seu quotidiano. De igual modo, através da prática artística e cultural, as pessoas com deficiência têm a oportunidade de demonstrar as suas potencialidades no mundo das artes, desconstruir ideias preconcebidas e opressoras sobre a deficiência e, afirmar a sua identidade enquanto pessoas com uma deficiência. O teatro, como prática artística e cultural, permite, assim, concretizar estas ideias ao proporcionar às pessoas com deficiência, no caso específico desta dissertação às pessoas com deficiência visual, um espaço de afirmação da sua identidade e de criação de uma imagem positiva da deficiência. Nesta ótica, foi delineado o objetivo principal desta investigação que trata de: analisar o papel da prática teatral na construção da identidade das pessoas com deficiência visual. Este estudo tem, de igual modo, objetivos específicos, nomeadamente: caracterizar as pessoas participantes no projeto “A Meu Ver” a nível pessoal, social e de participação cultural e artística; compreender as mudanças e impactos produzidos, com a participação no projeto “A Meu Ver”, na vida das pessoas com deficiência visual participantes; e, refletir sobre a implementação de projetos de inclusão social pelas artes dirigidos a pessoas com deficiência.

3.3. Apresentação do Estudo de Caso

O Teatrão é uma companhia profissional de teatro fundada em 1994 por Manuel Guerra e apoiada pelo Ministério da Cultura. Esta estrutura cria peças de teatro originais, trabalha com as comunidades do distrito de Coimbra, e promove o reconhecimento da arte como uma prática essencial (Morató, 2021). O Teatrão desenvolve uma grande variedade de atividades, quer em termos de programação de espetáculos e projetos pedagógicos, quer em termos de trabalho comunitário realizado com grupos específicos da cidade de Coimbra. O Teatrão procura intervir no dia-a-dia das comunidades onde atua e contribuir

para que a arte seja reconhecida como prática essencial da sociedade. Esta companhia de teatro oferece uma grande diversidade de atividades, onde se incluem as peças de teatro para vários tipos de público (dispõe de audiodescrição e tradução em Língua Gestual Portuguesa), programação de espetáculos de outros criadores, formação para todas as idades e intervenção comunitária.

A ACAPO - Associação dos Cegos e Amblíopes de Portugal, é uma Instituição Particular de Solidariedade Social, fundada em 1989 e tem como missão representar as pessoas com deficiência visual, providenciar serviços adequados e consciencializar a sociedade, com vista à sua afirmação como cidadãos e cidadãs de pleno direito, autoconfiantes e com respeito próprio. A finalidade da ACAPO é a promoção da qualidade de vida das pessoas cegas ou amblíopes através do fomento da sua independência e da sua capacidade de autorrepresentação. Os serviços que a instituição presta estão centrados na pessoa, nas suas necessidades, na sua liberdade de escolha, bem como na realização do seu potencial e da sua satisfação. A Delegação de Coimbra da ACAPO tem 182 associados e uma equipa de 12 funcionários, atuando em todo o distrito.

O projeto “A Meu Ver” materializa-se através de uma parceria entre o Teatrão e a ACAPO – Delegação de Coimbra, tendo como objetivo principal a constituição de um grupo de trabalho dedicado à prática teatral que permita uma interferência nas várias dimensões da vida das pessoas com deficiência visual. O projeto tem a duração de três anos, sendo o primeiro ano o de 2021. Ao juntar o Serviço Educativo do Teatrão aos profissionais da ACAPO Coimbra (Técnicos de Orientação e Mobilidade, Psicólogos, Assistentes Sociais e restante equipa), o projeto pretende desenvolver uma metodologia de trabalho na área da interpretação teatral para pessoas cegas ou com baixa visão, tirando partido da complexa e multifacetada relação que a prática cultural pode ter com as transformações do ser humano. As bases do projeto são a independência, a liberdade, os direitos, identidade e a participação cívica, através da prática teatral adaptada às condições de quem vê o mundo de outra forma. O “A Meu Ver” operacionaliza-se através de uma oficina regular de ensaios intitulada “Sala de Ensaios”, com ensaios semanais organizada por uma equipa artística

profissional e multidisciplinar. Pretende-se que, em cada ano de implementação do projeto, seja estreada uma peça na Oficina Municipal do Teatro. O projeto conta ainda com uma parceria internacional com coletivos teatrais associados à Organização Nacional de Cegos de Espanha (ONCE), nomeadamente os núcleos da Galiza, Sevilha e Madrid. Além disso, recebe acompanhamento, monitorização e análise científica do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. O “A Meu Ver” pretende ainda realizar uma intervenção na cidade de Coimbra, ao nível da acessibilidade cultural, programando com o município formações e ações dirigidas a agentes, programadores, diretores, gestores, mediadores e produtores culturais da cidade.

Tal como previsto em sede de projeto, o “A Meu Ver” estreou, a 25 de março de 2022, o primeiro espetáculo original intitulado “O que é Invisível”, repetindo-se nos dias 26 e 27 de março de 2022. Este espetáculo debruçou-se sobre a capacidade de sonhar e imaginar, numa narrativa de libertação e sobrevivência. Contou assim, com 3 sessões, resultado do trabalho desenvolvido pela “Sala de Ensaios” constituída por pessoas com deficiência visual e encenadores profissionais do Teatrão, durante o segundo semestre de 2021 e primeiro trimestre de 2022. O estudo desenvolvido no âmbito desta tese de mestrado em Sociologia analisou a importância da prática teatral para a construção identitária das 11 pessoas com deficiência visual, participantes no projeto “A Meu Ver”.

3.4. Pesquisa e Métodos de Investigação

A pesquisa define-se “como o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico” (Gil, 2008:26). O principal objetivo de uma investigação é encontrar respostas para problemas através da utilização de procedimentos científicos. A pesquisa social é, por sua vez, um processo que utiliza uma metodologia científica para obter novos conhecimentos no campo da realidade social (Gil, 2008). A realidade social é compreendida num leque bastante amplo que envolve todos os aspetos relativos aos sujeitos, às relações que estabelecem entre si e com as organizações sociais. O conceito de pesquisa “aplica-se às investigações realizadas no âmbito das mais diversas ciências sociais, incluindo a Sociologia (...)” (Gil, 2008:26). Neste estudo em particular, foi utilizada uma pesquisa bibliográfica que permitiu a elaboração de todo o

enquadramento teórico. A finalidade da pesquisa bibliográfica é colocar o/a investigador/a em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado conteúdo (Marconi & Lakatos, 2003). De acordo com Marconi e Lakatos, “a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras.” (2003:183).

Para esta investigação foi privilegiada uma abordagem qualitativa dado que, “trabalha com uma realidade que não pode ser apenas quantificada, porque essa realidade possui um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.” (Lara & Molina, 2011:125). Isto é, neste tipo de abordagem, a vida humana é visualizada como uma atividade interativa e interpretativa, realizada através das relações entre os indivíduos (Oliveira, 2008). O tipo de pesquisa adotado foi o estudo de caso, de carácter exploratório, dado que o interesse é investigar uma situação particular. Segundo Marconi e Lakatos (2003) as pesquisas de carácter exploratório são desenvolvidas com a finalidade de oferecer uma visão geral e aproximada acerca de determinado assunto. Este tipo de pesquisa é realizado, sobretudo, quando o tema escolhido é pouco explorado e se torna difícil formular hipóteses precisas e operacionalizáveis sobre o mesmo, como é o caso desta investigação. Já o estudo de caso é definido como “estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado” (Marconi & Lakatos, 2003:57). Para Yin, o estudo de caso é um “estudo empírico que investiga um fenómeno atual dentro do seu contexto de realidade, quando as fronteiras entre o fenómeno e o contexto não são claramente definidas e no qual são utilizadas várias fontes de evidência” (Yin, 2005:32 *apud* Marconi & Lakatos, 2003:58). Esta abordagem metodológica é a “estratégia de investigação mais adequada quando queremos saber o “como” e o “porquê” de fenómenos atuais sobre os quais o investigador tem pouco ou nenhum controlo” (Coutinho, 2011:27 *apud* Santos, 2014:48). Para esta investigação, foi considerado o estudo de caso a estratégia de pesquisa mais adequada, uma vez que investiga um acontecimento atual e novo, em contexto real, sobre o qual ainda não existem estudos.

O trabalho de campo realizado para este estudo iniciou-se a 21 de outubro de 2021, através da observação dos ensaios do projeto “A Meu Ver” no espaço do Teatrão - Oficina Municipal do Teatro, e terminou a 08 de agosto de 2022, data da realização do último *Focus Group*. Entre 21 de outubro de 2021 e 18 de março de 2022, foi aplicada a técnica de observação participante nos ensaios do projeto “A Meu Ver”, totalizando a observação de 24 ensaios. Neste processo, foi possível acompanhar em proximidade o público-alvo, objeto deste estudo, sendo realizado na primeira sessão de observação a explicação do âmbito desta investigação ao grupo de participantes. Numa fase posterior, foi realizado um contacto presencial informal com a Assistente Social da ACAPO, com o objetivo de reunir os contactos dos/as participantes do projeto. Todos/as os/as participantes foram contactados via telefónica com a finalidade de informar sobre o estudo e os seus objetivos. Por esta via, foram igualmente convidados/as a participar no mesmo. Nesta fase, foram agendadas as primeiras entrevistas com os/as participantes, sendo que todos/as aceitaram colaborar na investigação. A primeira entrevista foi realizada entre os meses de dezembro de 2021 e janeiro de 2022, presencial e telefonicamente, conforme preferência do/a entrevistado/a, tendo igualmente em conta a conjuntura atual da pandemia COVID-19. Nesta primeira entrevista foi aplicado um inquérito por questionário, visando a recolha de dados sociodemográficos do público-alvo. Na segunda entrevista, foi adotado o mesmo processo, nomeadamente, a realização de contactos telefónicos com os/as participantes do projeto, objetivando o convite para participar no segundo momento do estudo. Nesta fase, todas as entrevistas foram realizadas durante o mês de abril de 2022, nos mesmos moldes, presencial ou, telefonicamente. Todas as entrevistas foram transcritas e a informação foi validada posteriormente pelos entrevistados/as através do envio das transcrições via email a cada participante.

Foram realizados dois *focus group*, um com profissionais da ACAPO e outro com profissionais do Teatrão. A 06 de junho de 2022 foi enviado pela investigadora um email formal à Direção do Teatrão e à Direção da ACAPO - Delegação de Coimbra, lançando o convite para a realização de um grupo focal com as entidades, em separado. Ambas as entidades aceitaram colaborar nestes grupos de discussão. O primeiro grupo focal, com a ACAPO, realizou-se

no dia 18 de julho de 2022. O segundo grupo focal, com os profissionais do Teatrão, realizou-se no dia 08 de agosto de 2022. Os *focus group* foram transcritos e a informação foi validada posteriormente pelas pessoas entrevistadas através do envio das transcrições por email.

Para salvaguardar os direitos das pessoas participantes no estudo e devolução de resultados, foi disponibilizado um consentimento informado (anexo 10) com o objetivo de explicar os objetivos desta investigação, a participação voluntária, a solicitação de gravação áudio e posterior transcrição, assim como, o seu carácter científico e sigiloso.

3.5 Técnicas de recolha de dados

Tendo em conta os objetivos da presente investigação e os dados essenciais para responder às questões formuladas, foram adotadas quatro técnicas de recolha de dados, nomeadamente, observação participante, inquérito por questionário, entrevistas semiestruturadas e *focus group*.

A observação é uma técnica de recolha de dados com vista a recolher informações, onde se utilizam os sentidos para a aquisição de determinados aspetos da realidade (Marconi & Lakatos, 2003). Segundo Marconi e Lakatos: a observação “não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar. É um elemento básico de investigação científica, utilizado na pesquisa de campo” (Marconi & Lakatos, 2003:190). Dentro dos vários tipos de observação, para este estudo foi adotada a observação participante, dado que permitiu a participação real da investigadora com o grupo. Neste tipo de participação, o/a investigador/a incorporasse no grupo e confunde-se com ele, criando proximidade (Marconi & Lakatos, 2003). De acordo com Mann (1970:96 *apud* Marconi & Lakatos, 2003:194), a observação participante é uma "tentativa de colocar o observador e o observado do mesmo lado, tomando-se o observador um membro do grupo de molde a vivenciar o que eles vivenciam e trabalhar dentro do sistema de referência deles". Quando se opta por este tipo de observação o/a observador/a por encontrar algumas dificuldades em manter a objetividade, por exercer influência no grupo e também, por ser influenciado/a “por antipatias ou simpatias pessoais, e pelo choque do quadro de referência entre observador e observado” (Marconi & Lakatos, 2003:194). Marconi e Lakatos (2003) enumeram duas formas de

observação participante, uma natural (o/a observador/a pertence à mesma comunidade ou grupo que investiga) e outra artificial (o/a observador/a integra-se ao grupo com a finalidade de obter informações). Neste caso, para esta investigação, foi adotada a forma de observação participante artificial, dado que a investigadora/observadora se integrou no grupo que não lhe era familiar. O objetivo de utilização desta técnica na presente investigação permitiu ganhar a confiança do grupo e fazer com que o público-alvo compreendesse a importância do estudo, sem ocultar os seus objetivos.

Relativamente ao inquérito por questionário, alguns autores consideram que um processo de inquirição deve iniciar com uma fase qualitativa (Ghiglione & Matalon, 1992). No caso desta investigação este foi o processo adotado por permitir estabelecer uma relação com os/as entrevistados/as através de uma conversa (entrevista semi-estruturada) e, posteriormente, realizar o levantamento de dados por questionário. Desta forma, foi realizado o momento 1 de entrevista semiestruturada e, posteriormente, aplicado o inquérito por questionário aos/às participantes do projeto “A Meu Ver”. Podemos definir o questionário como uma “técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações (...)” (Gil, 2008:121). Este questionário foi de administração indireta, isto é, a investigadora preencheu o questionário com as informações facultadas nas respostas dos/as inquiridos/as, presencial ou via chamada telefónica.

Quivy e Campenhoudt (1998) referem que os métodos de entrevista se distinguem pela aplicação de processos de comunicação e interação humana. Esses processos permitem ao/a investigador/a através da entrevista recolher informações e elementos de reflexão bastante enriquecedores para o estudo. Na perspetiva de Gil (2008), a entrevista é uma forma de interação social, uma forma de diálogo assimétrico em que uma das partes procura recolher dados e a outra se apresenta como fonte de informação. A entrevista, ao contrário do inquérito por questionário, permite um contacto direto entre o/a investigador/a e o/a entrevistado/a, estabelecendo-se uma troca de informações durante a qual o/a entrevistado/a vai exprimindo as suas perceções acerca de uma situação ou acontecimento, as suas interpretações e as suas experiências, sendo que, em todo o processo, o/a investigador/a facilita essa expressão e evita que ela se

afaste dos objetivos da investigação (Quivy & Campenhoudt, 1998). Tradicionalmente, as entrevistas têm sido realizadas presencialmente, face a face, contudo, nas últimas décadas tem vindo a ser desenvolvida outra modalidade, nomeadamente, a entrevista por telefone (Gil, 2008). Tal aconteceu neste estudo em particular, dado que, foi dada a opção aos/às entrevistados/as de realizar a entrevista por telefone ou presencialmente, tendo em conta a conjuntura da pandemia COVID-19. A maioria das entrevistas foram assim, realizadas via telefónica uma vez que, também apresentam algumas vantagens como: custos mais baixos, mais rapidez, maior aceitação do/a entrevistado/a por recear abrir a porta da sua casa, bem como, uma maior facilidade em agendar o momento mais apropriado para a realização da entrevista (Gil, 2008). Não obstante, não podemos desconsiderar as suas desvantagens, particularmente, a interrupção da entrevista pelo/a entrevistado/a; menor quantidade de informação recolhida, a impossibilidade de descrever as circunstâncias em que se realizou a entrevista, assim como, a dificuldade em criar uma relação de proximidade e empatia com o/a entrevistado/a.

Para a presente investigação foi adotada a entrevista semiestruturada, dado que se apresenta mais flexível na obtenção de informação, nomeadamente, permite dar liberdade ao/à entrevistado/a para dizer o que sabe, o que sente, o que deseja, pretende fazer ou fez, bem como, explicar ou justificar a informação que está a transmitir ao/à investigador/a. Para Manzini (2019), a entrevista semiestruturada é dirigida por um guia orientador constituído por perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas da realização da entrevista. A ideia é que se adotem perguntas básicas e principais para atingir o objetivo da pesquisa (Manzini, 2019). Sendo a entrevista uma técnica que exige bastante tempo, tanto para o/a entrevistado/a como para o/a entrevistador/a, existiu uma preocupação em informar os/as entrevistados/as sobre a duração média de cada uma. Na elaboração dos guiões de entrevista semiestruturada, existiu igualmente, uma preparação técnica e teórica prévia por parte da investigadora sobre o tema de estudo. Foram tidos em conta aspetos mais práticos da sua realização e condução, nomeadamente, a necessidade de aplicação de uma linguagem simples e adequada ao/à entrevistado/a, a manutenção de um referencial

objetivo, uma boa comunicação oral, colocação imparcial perante o entrevistado e controlo emocional (Worthen, Sanders e Fitzprattick, 1997 *apud* Santos, 2014). As recomendações fornecidas para a preparação e orientação de entrevistas são, geralmente, dirigidas a entrevistas realizadas individualmente. Contudo, as entrevistas podem ser realizadas em grupo, sendo esta técnica conhecida como *Focus Group* (Gil, 2008). A técnica de recolha de dados *Focus Group* também designada como grupo de discussão, pode ser utilizada em diferentes momentos do processo de investigação. No caso desta investigação, esta técnica foi aplicada no final da realização da observação participante, do inquérito por questionário e das entrevistas. Morgan define *Focus Group* como “uma técnica de investigação de recolha de dados através da interacção do grupo sobre um tópico apresentado pelo investigador.” (1996, 1997 *apud* Silva, Veloso & Keating, 2014:177). Segundo Gil (2008) o *Focus Group* é muito utilizado em estudos exploratórios, com o objetivo de proporcionar melhor compreensão do problema e pode ser utilizado para investigar um tema em profundidade, como acontece nas pesquisas qualitativas. Esta técnica é conduzida pelo/a investigador/a (moderador/a) ou por uma equipa, que inclui, além do/a investigador/a, um ou mais moderadores e um/uma assistente de pesquisa (Gil, 2008). O/A moderador/a inicia a reunião com a apresentação dos objetivos da investigação e das regras de participação. O tema é depois introduzido com uma questão geral que vai sendo detalhada até ao momento em que o/a moderador/a compreenda que os dados necessários foram obtidos. Poderá acontecer neste tipo de técnica, o/a moderador/a terminar a reunião por perceber que a mesma se está a tornar cansativa para os participantes (Gil, 2008).

Para a operacionalização deste estudo, optou-se por registar notas num diário de campo na observação participante dos ensaios. Foi elaborado um inquérito por questionário de levantamento de dados sociodemográficos, cujo principal objetivo foi permitir caracterizar os/as participantes do projeto “A Meu Ver”. Através da técnica inquérito por questionário (anexo 3) foram recolhidas informações sobre a idade, sexo, naturalidade, freguesia, estado civil, qualificações académicas, fonte de rendimento, composição do agregado familiar e situação face ao emprego. Foram igualmente elaborados dois guiões de entrevista dirigidos aos/às participantes do projeto “A Meu Ver”, distinguidos

como *Momento 1* (anexo 4) e *Momento 2* (anexo 5) e com objetivos também distintos. Na entrevista do *Momento 1* os principais objetivos foram: caracterizar os/as participantes do projeto “A Meu Ver”; identificar as expectativas dos/as participantes do projeto “A Meu Ver”; identificar as alterações produzidas pela prática teatral no dia-a-dia dos/as participantes do projeto “A Meu Ver”; e descrever a relação dos/as participantes do projeto “A Meu Ver” com as práticas culturais e artísticas. No *Momento 2* de entrevista os objetivos foram: mapear as principais preocupações, dificuldades e desafios sentidos pelos/as entrevistados/as ao longo da sua participação no projeto “A Meu Ver” e eventuais estratégias de superação utilizadas; compreender a evolução das expectativas dos/as participantes no projeto “A Meu Ver”, desde o início do projeto até ao momento atual; avaliar o nível de envolvimento dos/as participantes do projeto “A Meu Ver” na preparação do espetáculo “O que é invisível”; avaliar a satisfação dos/as entrevistados/as com a sua participação no projeto “A Meu Ver” e no espetáculo “O que é invisível”; avaliar os impactos da participação no projeto “A Meu Ver” na vida em geral e na participação cultural, em particular, das/os participantes; e identificar as expectativas das/os participantes face ao envolvimento futuro no projeto “A Meu Ver”. Posteriormente, seguiu-se a aplicação da última técnica de recolha de dados, através da realização de dois *Focus Group*, um com os profissionais do Teatrão e outro com os profissionais da ACAPO. Aqui, os objetivos prendem-se com o facto de compreender a forma como os profissionais do Teatrão adaptaram as suas práticas e técnicas teatrais a fim de poderem trabalhar com pessoas com deficiência visual, bem como, analisar a envolvimento e participação da ACAPO no processo de criação artística, neste caso, através da sua presença, acompanhamento e aconselhamento nos ensaios para o espetáculo “O que é invisível”. Para o efeito, foram elaborados dois guiões orientadores distintos, um para o Teatrão (anexo 8) e outro para a ACAPO (anexo 9), constituídos por uma questão introdutória, uma questão de transição, uma questão chave e uma questão final.

3.6 A Amostra

As pesquisas sociais abarcam um universo de elementos elevado, o que torna impossível considerá-los na sua totalidade. Por este motivo, nas pesquisas sociais é habitual trabalhar com uma amostra, ou seja, com uma pequena fração

dos elementos que compõem um universo (Gil, 2008). Segundo Gil (2008), a amostra é definida como o subconjunto da população, através do qual se estabelecem ou estimam, as características dessa população. Existem vários tipos de amostragem, sendo que, para este estudo em particular, foi utilizado o tipo “amostragem por acessibilidade ou por conveniência” (Gil, 2008:94). Este tipo de amostra é destituído de qualquer rigor estatístico, onde o/a investigador/a “seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o Universo” (Gil, 2008:94). Este tipo de amostragem é muito aplicado em estudos exploratórios ou qualitativos, onde não é requisitado um elevado nível de exatidão (Gil, 2008).

Para esta investigação foram identificados grupos distintos para obtenção e recolha de dados: os 11 participantes no projeto “A Meu Ver”; os profissionais do Teatrão (2 encenadores e 2 representantes da Direção) e, as profissionais da ACAPO (1 Assistente Social e 1 Terapeuta Ocupacional). Foram realizadas 22 entrevistas semiestruturadas, conduzidas em dois momentos temporais, e um inquérito por questionário a todos os elementos que constituem o grupo de participantes do projeto “A Meu Ver” no primeiro ano de execução do mesmo. Os/As participantes foram convidados previamente pela ACAPO para participar no projeto, sendo esta amostra constituída pelos/as participantes que aceitaram o convite endereçado pela Instituição. As primeiras entrevistas foram realizadas por chamada telefónica e presencialmente, tendo em conta a preferência dos/as entrevistados/as. Assim, neste primeiro momento de entrevista, quatro das mesmas foram realizadas presencialmente – uma em espaço público, uma na sala de ensaios do Teatrão e duas no domicílio dos/as entrevistados/as. As restantes entrevistas foram realizadas via chamada telefónica. Após a realização da primeira entrevista foi aplicado um inquérito por questionário de administração indireta. Posteriormente, foi realizado o segundo momento de entrevista com o mesmo grupo. Neste momento, apenas uma das entrevistas foi realizada presencialmente no domicílio do/a entrevistado/a, sendo as dez restantes realizadas via chamada telefónica, indo de acordo com as preferências dos/as entrevistados/as.

No total foram realizadas 22 entrevistas. As primeiras entrevistas e a aplicação do inquérito por questionário foram realizadas durante o período

compreendido entre 18 de dezembro de 2021 e 14 de janeiro de 2022. As segundas entrevistas foram realizadas durante o mês de abril de 2022. Em ambas, os/as entrevistados/as foram informados sobre o tema, finalidade e objetivos da presente investigação, tendo sido garantido o anonimato e o caráter voluntário da sua participação. Para isso, os/as entrevistados/as tiveram acesso a um convite de participação e a um consentimento informado (anexos 1 e 2) sobre o estudo, nos dois momentos de entrevista. Dado que os/as entrevistados/as são pessoas com cegueira ou baixa visão, optou-se por ler os documentos e solicitar oralmente a sua colaboração e consentimento. As entrevistas realizadas, quer no primeiro, quer no segundo momento, foram gravadas em áudio e transcritas na totalidade com o apoio do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Para análise das entrevistas foram criadas grelhas temáticas (anexo 6 e 7). Estas grelhas são constituídas por categorias de análise, o que facilitou o tratamento da informação, bem como, a seriação dos conteúdos relevantes para os objetivos desta investigação.

Em termos sociodemográficos (ver tabela de caracterização sociodemográfica apresentada no anexo 13) como revelam os dados obtidos no questionário aplicado, a nossa amostra apresenta-se equilibrada em termos de sexo dos entrevistados, com cinco homens e seis mulheres. A idade dos/as participantes é, no entanto, bastante variável, com uma amplitude que vai dos 32 anos aos 72 anos. Todos/as os/as participantes no projeto “A Meu Ver” residem no distrito de Coimbra, embora estejam localizados em diferentes concelhos e freguesias distritais. A maioria reside com familiares e outros partilham casa com amigos/as, sendo que, apenas uma pessoa reside sozinha. Relativamente ao grau de escolaridade, o grupo apresenta-se bastante heterogéneo, com pessoas com o 1º Ciclo do Ensino Básico (4º ano) e pessoas com formação superior. Relativamente ao estado civil, três dos participantes são solteiros, quatro são casados, dois são divorciados e dois vivem em união de facto. Na situação face ao emprego, cinco participantes do projeto estão reformados/as por invalidez antecipada devido à sua incapacidade. Quatro estão desempregados e à procura de emprego. Uma pessoa estava a realizar um Contrato Emprego-Inserção+ (CEI+) através do Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP). Apenas uma pessoa do grupo de participantes

está empregada e a exercer funções na área em que se formou. A principal fonte de rendimentos dos/as participantes provém de subsídios sociais como a Reforma por Invalidez e a Prestação Social para a Inclusão. Apenas a pessoa empregada recebe rendimentos do trabalho por conta de outrem e, ainda, uma pessoa beneficia de investimentos próprios.

O grupo de participantes no “A Meu Ver” apresenta-se, assim, bastante heterogéneo, quer em termos de incapacidade visual, quer em termos de idade e de habilitações académicas. Assim, algumas pessoas têm baixa visão e outras cegueira total, umas têm cegueira congénita e outras adquirida. Em termos profissionais, a grande maioria das pessoas participantes não exerce qualquer atividade profissional, ou por já se encontrarem em situação de reforma ou por dificuldades de acesso ao mercado de trabalho.

A Parte III, quarto e último capítulo desta dissertação, pretende apresentar os resultados da análise dos dados recolhidos através das entrevistas com os participantes do projeto “A Meu Ver”, dos *Focus Groups* realizados com a ACAPO e com o Teatrão, assim como, da observação participante desenvolvida.

Parte III – Estudo Empírico

O Capítulo que se segue, relacionado com o papel da prática teatral na construção da identidade das pessoas com deficiência visual, procura analisar e refletir sobre os dados recolhidos e apresentar resultados objetivos que permitam responder à questão de partida enunciada: *De que forma a prática teatral contribui para a construção identitária das pessoas com deficiência visual, participantes no projeto “A Meu Ver”?*

Capítulo 4 – O papel da prática teatral na construção da identidade das pessoas com deficiência visual

O projeto “A Meu Ver” junta pessoas com deficiência visual e profissionais do Teatrão na prossecução de um mesmo objetivo: expor à sociedade que os problemas das pessoas com deficiência resultam das estruturas sociais vigentes e da forma como a sociedade está organizada e não da funcionalidade dos corpos. O “A Meu Ver” objetiva, assim, promover a capacitação identitária das pessoas com deficiência visual participantes no projeto, evidenciando o seu papel, as suas capacidades e potencialidades no mundo das artes, ao mesmo tempo que procura desconstruir ideias capacitistas difundidas pelo modelo médico. Trata-se, portanto, de um projeto que abraça uma conceção da deficiência próxima daquela veiculada pelo modelo social.

Um dos propósitos do “A Meu Ver” é realizar um trabalho que parte da prática teatral desenvolvida por pessoas com deficiência visual e, através disso, criar uma consciência no grupo de participantes e nas suas redes de apoio que permita tornar pública a necessidade de reconhecimento e valorização das pessoas com deficiência. Este desiderato parece partilhado pela ACAPO, principal instituição parceira neste projeto. Como verbaliza uma das Técnicas da ACAPO participantes no grupo focal (*focus group*), a importância da implementação de projetos como o “A Meu Ver” dirigido a pessoas com deficiência visual,

“(...) se trata sobretudo da possibilidade de usufruir um direito como qualquer outro cidadão, o acesso à cultura tem de ser um direito, não só das pessoas com deficiência visual, mas de qualquer outra pessoa. E o facto de poder aceder à cultura com facilidade da mesma forma da que outra pessoa sem deficiência, acho que isso acaba por ser uma mais-valia e estas pessoas sentem isso mesmo (...). [...] Ou quero fazer

parte (...). Neste caso, é o fazer parte. Penso que obviamente tem muita importância.” (Técnica da ACAPO - e1).

Como revela a mesma técnica, este projeto é tanto mais importante quanto se sabe o quão difícil é para as pessoas com deficiência visual acederem a atividades culturais em geral e, no caso particular das pessoas aqui envolvidas, a atividades culturais na cidade de Coimbra. As consequências desta exclusão são patentes nas palavras desta técnica:

“(...) há pessoas com deficiência, neste caso, estou a falar mais pela deficiência visual que gostariam de ir e não vão pelos constrangimentos que sentem, pelas dificuldades que sentem antes de lá chegar. Em termos de mobilidade, transporte, mesmo em termos de espetáculo, pronto, já para não falar nas outras dificuldades. [...] Muitos acabam por estar isolados. Há um ou outro que não vive aqui na cidade e está mais isolado e em aldeias, meios pequenos, pronto... não tem tanta convivência. Não vêm aqui tanto à delegação da ACAPO, acabam por estar mais isolados. Então, eu penso que isto para o isolamento de um caso ou outro (que eu estou a ver), penso que é muito importante.” (Técnica da ACAPO - e1).

A ACAPO vê, assim, no “A Meu Ver” uma oportunidade de concretização do acesso e do direito à cultura das pessoas com deficiência visual, como qualquer outra pessoa sem deficiência:

“(...) a tentativa de normalizar as oportunidades entre uma pessoa normovisual e uma pessoa com deficiência visual. Portanto, isso, é o impacto mais positivo que este tipo de iniciativa pode ter. Quer no âmbito de participação externa como espectador, quer no âmbito da participação ativa como parte integrante do espetáculo.” (Técnica da ACAPO - e2).

De igual modo, foi notória uma preocupação da ACAPO em oferecer às pessoas com deficiência visual suas associadas uma resposta na área das artes performativas, uma vez que, como percebemos, a associação já tinha desenvolvido atividades neste âmbito, que deixou de realizar por falta de recursos humanos e financeiros. Neste sentido, a parceria entre a associação e o Teatrão veio, assim, colmatar uma necessidade da própria ACAPO, de inclusão social através das artes, neste caso, através da prática teatral. A mobilização das pessoas com deficiência visual para participarem no projeto foi feita pela própria associação, como explica uma das técnicas da ACAPO:

“Foi feita divulgação pelos nossos canais habituais. Quer por mensagens, temos um boletim informativo para os nossos utentes e associados e demos um prazo para se inscreverem. Nós não selecionamos ninguém. Obviamente que informamos que havia um número limite (...)” (Técnica da ACAPO - e1).

A ACAPO desempenhou, desta forma, um importante papel mediador entre as pessoas com deficiência visual e o Teatrão, dado que, como esta última entidade referiu aquando da realização do focus *group*, existe uma grande dificuldade na mobilização de pessoas com deficiência ou sem deficiência para participação em projetos artísticos por falta de confiança nos mesmos. Este facto, leva-nos a pensar que as pessoas como não estão habituadas a participar neste tipo de atividades ou, já participaram e o projeto acabou e a sua participação ficou por ali, acabaram por criar expectativas elevadas não concretizadas que originaram sentimentos de “abandono” após o término desses projetos. Este facto é referido por uma das pessoas participantes no “A Meu Ver” que apresenta esta preocupação com o facto deste tipo de atividades dirigidas para a cultura serem pontuais, não existindo continuidade que permita verdadeiramente o acesso e a participação cultural das pessoas com deficiência. Como é possível verificar nas palavras da Direção do Teatrão e de uma participante no “A Meu Ver”:

[Existe diferença, por exemplo, nessa mediação junto de grupos jovens, na captação de jovens, na captação de pessoas com deficiência?] *“Muita diferença, muita diferença. Porque há uma desconfiança. Porque como não há oferta normalmente, as pessoas não estão habituadas a ter esse tipo de atividade, a oferta desse tipo de atividade, elas olham com muita desconfiança.”* (Dirigente do Teatrão e2 - Focus Group).

“Fiz parte de um corozito, de um programa também de música. Foi uma experiência também de um ano. Ainda o tempo de duração das formações (...), depois é pena que os projetos são interessantes (muitos deles), a gente gosta, mas depois acaba. Quem está a orientar as atividades acaba a formação e nós ficamos assim ... deixa-me assim ... às vezes não estou muito em paz com isso. É um bocadinho aguçar o apetite e depois pronto, morrer na praia.” (Entrevistado/a 3 - Momento 1).

A esta dificuldade de mobilização de públicos acrescem, como foi identificado pelo próprio Teatrão, as dificuldades resultantes do acesso e das acessibilidades físicas, bem como da ausência de um trabalho em proximidade de mediação e incentivo junto das pessoas com deficiência. A conjugação destes fatores resulta na já conhecida baixa participação cultural das pessoas com deficiência que pode advir desta questão, mas também, conforme podemos verificar no discurso de uma pessoa dirigente do Teatrão:

“[É necessário dizer às pessoas] Olhem vocês vão conseguir usufruir da experiência de igual forma ou, de uma forma diferente, mas que é completamente válida, é preciso haver este incentivo... Não só o trabalho de mediação, mas também dizer às pessoas que elas têm

lugar nestas estruturas, que elas têm lugar nesta oferta cultural. Porque muitas vezes as pessoas não sabem porque nunca lhes foi dito, nem nunca tiveram, ou seja, porque nem toda a gente tem o mesmo tipo de grau de ensino, de oportunidades na vida para poder ter acesso à oferta cultural. Não lhes foi dito assim “olha tu podes ir ao teatro”. Porque a partir do momento que nasceste ou que nasceste e tens uma deficiência e há uma série de portas que te são fechadas ou que nunca te foram abertas porque era impossível. Porque tu chegas e tens um degrau, ou porque tu chegas e não te consegues orientar. Tu acabas por te fechar e dizer “não, não vou” ou, se calhar nem colocas essa hipótese de ir, porque achas à partida que não vai ser acessível, não vais...” (Dirigente do Teatrão e4 - Focus Group).

Com base nestes testemunhos, podemos concluir que existe ainda um vasto caminho a percorrer no sentido de aumentar a participação cultural e artística das pessoas com deficiência e, por consequência, da efetivação dos seus direitos no acesso à cultura. Em primeiro, por ausência de informação e conhecimento dos espetáculos considerados “inclusivos”, isto é, com acessibilidades a vários níveis, quer sejam acessibilidades físicas ou logísticas, como a tradução em Língua Gestual Portuguesa e/ou Audiodescrição. Em segundo, a acumulação de um longo percurso de exclusão social e de desconsideração das suas necessidades por parte das pessoas com deficiência poderá ser ele próprio gerador de uma baixa autoestima por parte destas pessoas, e de inibição da sua participação social e cultural. A estes fatores poderíamos acrescentar a possível sobre proteção familiar, e a discrepância na oferta existente entre meios rurais e meios urbanos. Em conjunto estes fatores poderão constituir-se como inibidores à participação e potenciadores do isolamento social. Em terceiro, pelo facto de haver falta de confiança e conhecimento nas entidades e estruturas que disponibilizam atividades culturais acessíveis a pessoas com deficiência, como é o caso do Teatrão, é ainda longo o caminho a percorrer para tornar as atividades culturais e as experiências artísticas mais acessíveis.

4.1. Caracterização do Público-alvo

Como pudemos verificar na caracterização da amostra, à exclusão profissional dos/as participantes somou-se, durante o período inicial do projeto e primeiro momento de recolha de dados, o isolamento social, resultante do contexto pandémico de COVID-19. Este isolamento é patente nas palavras de uma pessoa entrevistada no momento inicial:

“Nesta altura ... continuo à espera de ser integrada num CEI+, continuo à espera de resposta da parte da entidade. Nesta altura, e não estando a trabalhar, o meu dia é passado em casa ou saio para coisas pontuais, seja para fazer alguma compra, seja para fazer uma caminhada por exemplo. Tirando isso, o restante dia é passado em casa.” (Entrevistado/a 10 - Momento 1).

A ocupação de cada pessoa é, assim, muito díspar, tendo em conta o contexto social e familiar individual:

“Há dias em que tenho também pilates, faço também uma sessão de pilates por semana. Tenho duas vezes por semana uma assistente pessoal que me vem dar apoio. Fazemos algumas caminhadas, ajuda nas compras. No meu dia-a-dia não tenho nada assim de responsabilidades profissionais, digamos, não estou a trabalhar como já tinha dito. É um bocadinho sair para essas caminhadas, para essas atividades que não são muitas, são poucas.” (Entrevistado/a 3 - Momento 1).

“Eu também pratico desporto. Estou no projeto do futebol para cegos. [...]. Tenho um programa de rádio, que é de segunda a sexta-feira. Tenho o blog - já tinha - onde vou escrevendo alguns textos. Tenho para aí 90% de comentários a livros. Leio bastantes livros digitais. E tenho também um projeto no youtube que é o “Ler sem ver”, vou também falando de um livro, para além do teatro.” (Entrevistado/a 6 - Momento 1).

Foram também recolhidas informações sobre a forma habitual de deslocação dos/as entrevistados/as. Concluiu-se que os meios de transporte que mais utilizam são os transportes públicos como o autocarro e o comboio, à exceção de duas pessoas que utilizam serviços privados como a Uber ou Táxi e, uma pessoa que utiliza o Transporte Especial dos Serviços Municipalizados de Transportes Urbanos de Coimbra (SMTUC), destinado a pessoas com mobilidade reduzida.

“Normalmente um serviço de táxi, mais propriamente o Uber ou Bolt - aquele que estiver disponível. Por acaso à sexta-feira não tem sido fácil, porque a disponibilidade dos transportes é muito baixa. Agora comecei a usar também autocarro outra vez, já não usava há muito tempo, porque a disponibilidade destes serviços é ainda muito pouca à sexta-feira. Já me aconteceu vir a pé também.” (Entrevistado/a 2 - Momento 1).

“(...) Tenho o meu transporte especial pelos SMTUC. E se for preciso ir às compras, vou. Vou a todo o lado. Tendo aquele transporte, vou a todo o lado - a casa de alguma irmã. Praticamente o marido é que está mais em casa e eu é que ando nas lidas. [...] Fiz um pedido, se calhar, há mais de 10 anos. Porque como eu estou sem ver talvez há 17 (há mais de 10), porque, na altura, eu estive os 4 meses de reabilitação na ACAPO, onde eu aprendi o básico de computadores, aprendi o braille - a escrever, a ler não consigo -, e a mobilidade, a andar na rua com a bengala, por exemplo. Eu tinha que arranjar alguém ... Aliás, os meus irmãos, um ia-me levar à consulta, outro vinha-me buscar, eu andava nisto. Quer dizer, dependia deles. Então, desde que a assistente social me disse que havia um transporte - ela deu-me um contacto, a partir daí escrevemos uma carta e foi aceite derivado à minha artrite

reumatoide que é juvenil, desde um ano de idade. Não pela cegueira.”
(Entrevistado/a 9 - Momento 1).

A maioria dos/as entrevistados/as não revela dificuldades na utilização de transportes públicos. Não obstante, duas pessoas manifestaram algumas dificuldades na utilização deste tipo de transporte por falta de confiança, isto é, a nível pessoal, não se sentem preparadas para a sua utilização de forma autónoma e segura. Podemos observar este aspeto no testemunho abaixo:

“Depende. Só da companhia que for. Com a assistente pessoal costumo ir no carro dela quando é para longe. De resto, é mais caminhadas aqui na zona circundante, é mais andar a pé. Autocarro muito esporadicamente e na companhia de alguém.” (Entrevistado/a 3 - Momento 1).

Noutro caso específico, uma das pessoas que utiliza o comboio como meio de transporte, revelou a sua preocupação por este tipo de transporte não estar adaptado a pessoas com deficiência visual, conforme referiu em entrevista:

“(…) O comboio pára na estação, as portas só abrem se alguém carregar no botão do lado de fora para abrir a porta para entrar ou alguém, do lado de dentro, carregar para sair. O comboio pára, se ninguém sair nem ninguém entrar, eu consigo ouvir. Ou se saírem longe da posição onde eu estou, eu não consigo saber onde é que está a porta do comboio, da carruagem. A técnica que eu encontrei foi: se não está ninguém na estação, eu aproximo-me do comboio, começo a bater com a bengala, vou-me deslocando e batendo com a bengala toc-toc-toc, até encontrar uma ressonância diferente que é a porta e depois então, carrego no botão e abro. Na verdade, diria que 90% das vezes, ou 95% das vezes, ou até 99% das vezes, estão pessoas na estação. Ou abre uma porta e eu ouvi a porta a abrir e desloco-me para lá, ou alguém acaba por me indicar onde é que está a porta. (...) E os comboios quando param, no botão que temos que pressionar para abrir a porta, devia ter um bip e o comboio, nesses locais, começava a emitir um bip-bip-bip-bip e eu já sabia onde é que estava a porta. Chegava lá, carregava e entrava. Mas, infelizmente, nada disto foi feito e essa é a dificuldade para apanhar o comboio. De resto, não há mais nada de especial, o comboio é tranquilo.” (Entrevistado/a 8 - Momento 1).

Dada a heterogeneidade de características sociodemográficas, o grupo de participantes do projeto apresenta-se, também, bastante diverso em termos de práticas culturais e artísticas. Assim, algumas pessoas já tiveram algumas experiências culturais, nomeadamente, a participação em grupos corais, em atividades organizadas pela escola na altura em que eram estudantes, no grupo de teatro organizado pela ACAPO há alguns anos atrás e, uma pessoa em particular tem um grupo musical familiar. No entanto, como pudemos verificar, essa participação e prática cultural apresenta-se esporádica. Este afastamento cultural reflete-se num desconhecimento das próprias instituições e atividades culturais da cidade de Coimbra. No caso específico do Teatrão, como as

entrevistas revelaram, 2 pessoas conheciam o trabalho realizado pelo Teatrão e 9 pessoas eram desconhecedoras da sua existência: “Não, nem sequer imaginava que isto existia.” (Entrevistado/a 11 - Momento 1).

“Não. Nem nunca tinha ouvido falar no Teatrão. Eu sou muito desligado. É verdade que o teatro está sempre algo longe de nós. Recordo-me de quando eu era mais miúdo, passavam peças de teatro, acho que era, na RTP2. Na altura quando era miúdo tínhamos dois canais de televisão, hoje temos, se calhar, mais de uma centena e não há peças de teatro na televisão - que eu não percebo porquê. (...)”
(Entrevistado/a 8 - Momento 1).

Comum a todos/as os/as participantes é a sua ligação à ACAPO. Podemos verificar que todas as pessoas já participaram em atividades promovidas pela ACAPO, nomeadamente, em atividades de ocupação de tempos livres, em ações de formação profissional, de apoio ao emprego, de acompanhamento Psicológico, em cursos de orientação e mobilidade, ou de (re)aprendizagem na realização das atividades da vida diária. Conforme alguns dos discursos indicam, as pessoas procuram a ACAPO no sentido de lhes fornecer uma resposta para as suas necessidades pessoais e sociais:

“[...] ao longo dos anos já utilizei outros serviços. Nomeadamente a solicitação de ajudas técnicas, também já participei numa presidência da ACAPO aqui em Coimbra há muitos anos (...) tinha um lugar lá. Pronto, mas não é um sítio que eu frequente assim assiduamente. É só assim... às vezes, recebo em casa por email, ou outra forma qualquer, determinadas notícias. Por exemplo, uma vez também participei num Curso de Massagem, há uns 6 ou 7 anos, tomei conhecimento a partir da ACAPO. [...]. Ah, fiz também já um Curso de orientação e mobilidade - aliás, fiz dois já. Fiz um há uns 12 anos para aí ou mais e fiz um agora este ano. O deste ano foi porque estava muito em casa e pensei "vou fazer, como estou agora a precisar mais de recorrer à bengala, vou recordar". Para sair agora mais de casa, fiz outro Curso de atualização.” (Entrevistado/a 2 - Momento 1).

“Sim, se eu me identificar com as atividades, sim. (...) Já tive lá várias formações, atividades também sem ser formação. Já fui também dirigente. Com a ACAPO já tenho colaborado muito e, dentro do possível, continuo a colaborar.” (Entrevistado/a 3 - Momento 1).

“Sim, costume. Agora com a pandemia está tudo parado, mas havia convívios, havia colónias de férias, festejos do São Martinho, das Festas de Natal, algumas atividades que havia mensalmente. Mas agora está tudo parado.” (Entrevistado 6 - Momento 1).

Face à heterogeneidade do grupo de participantes, optou-se por apresentar resultados de caracterização gerais tendo em conta as categorias já referidas acima que se pretendiam analisar, bem como a quantidade e qualidade de informação recolhida neste âmbito.

4.2. Expectativas e motivações face ao projeto “A Meu Ver”

Um dos objetivos das entrevistas realizadas às pessoas participantes no projeto “A Meu Ver” era identificar as expectativas e motivações de cada pessoa (momento 1 de entrevista) e, por outro, avaliar se essas expectativas foram correspondidas (momento 2 de entrevista).

Aquando da realização do primeiro momento de entrevista os/as participantes já tinham iniciado as aulas de expressão dramática, que como podemos observar se destinavam, em grande medida, a conhecer e estabelecer relação de proximidade com os encenadores; conhecer o próprio espaço físico do Teatrão (interior e exterior); promover o autoconhecimento, particularmente na descoberta das suas aptidões teatrais através dos exercícios que os encenadores iam propondo, bem como, o estabelecimento de relações sociais que objetivaram a consolidação do grupo. Foi notória, através da observação dessas aulas, alguma ansiedade entre os/as participantes no sentido de quererem transitar rapidamente das aulas de expressão dramática para os ensaios da peça que iriam apresentar ao público em geral.

No início da observação das aulas de expressão dramática, foi interessante perceber a dinâmica dos grupos, dado que estavam divididos: grupo de quinta-feira e grupo de sexta-feira, devido à conjuntura da pandemia. Neste sentido, foi perceptível que a estratégia de criar dois grupos foi também geradora de diferentes dinâmicas de trabalho e de interação entre as pessoas que, em parte, se pode dever às características individuais de cada uma, mas este facto foi-se atenuando aquando da preparação da peça e na apresentação final da mesma.

Em ambos os grupos, foi evidente a motivação e a ansiedade em fazer uma peça de teatro, a vontade de participar e de fazer cada vez melhor as atividades propostas nas aulas. Esta motivação era visível, como pudemos observar, no facto da maioria dos/das participantes se encontrar no Teatrão antes da hora programada para o início das aulas, quer no caso do grupo de quinta-feira, quer no caso do grupo de sexta-feira, apresentando-se esta prática bem reveladora do interesse e da importância assumida por esta atividade nas suas vidas. Estes momentos de socialização eram utilizados para conversar sobre a vida individual, novidades face à semana anterior, dificuldades que sentiam, bem como, para trocarem impressões sobre aquilo que imaginavam

para a história da peça que iriam produzir, criando pontes com papéis anteriormente representados nas peças de teatro dinamizadas pela ACAPO.

No que diz respeito às expectativas, no primeiro momento de entrevistas, a maioria das pessoas participantes expressou expectativas elevadas em relação à sua participação, não obstante a emergência de alguns discursos mais inseguros. Esta insegurança resultou, maioritariamente, de um desconhecimento sobre o desenrolar das sessões e da dúvida face à concretização da peça de teatro. Das onze entrevistas realizadas no momento 1, duas pessoas apresentavam expectativas baixas relativamente à sua participação no projeto face a nove pessoas que apresentaram expectativas elevadas. Relativamente às pessoas que apresentavam expectativas elevadas no momento 1 de entrevista, podemos resumir a sua motivação nos seguintes aspetos: colmatar a necessidade de “sair de casa”; melhorar o estado emocional e psicológico; ter uma ocupação (sentir-se útil); gosto pela prática teatral; desenvolver as aptidões teatrais e de escrita já adquiridas; retorno positivo dos/as espectadores da peça de teatro. Relativamente às duas pessoas que apresentavam expectativas baixas, o/a entrevistado/a 1, por exemplo, inicialmente não tinha expectativas e encontrava-se a aguardar instruções do que fazer e como: *“Bem, eu tenho ... que mais lhe hei-de dizer sobre essa pergunta? Eu não tenho expectativas nenhuma. Eles é que as hão-de dar à gente.”* (Entrevistado 1 - Momento 1). O discurso do/a entrevistado/a 1 revelou alguma passividade em relação à sua participação, deixando-se levar pelas aulas e sugestões dadas pelos encenadores: *“Eles é que hão-de saber o que é que vão fazer da gente e o que é que a gente vai fazer e não vai fazer.”* (Entrevistado 1 - Momento 1). Junta-se a isto, o facto desta pessoa ser residente em meio rural, onde o acesso à cultura lhe é vedado por dificuldades de acesso a informação sobre a agenda cultural da cidade de Coimbra, assim como, o acesso e escassez de meios de transporte público dentro dos horários que, habitualmente, se realizam atividades culturais, particularmente, durante a noite e ao fim de semana. Por outro lado, o motivo que levou, neste caso, o/a entrevistado/a 8 a revelar expectativas baixas, está relacionado com o desconhecimento do que “iria acontecer”, “quando” e “como”. Poderá igualmente revelar uma falha na elaboração do próprio projeto,

nomeadamente, a ausência do envolvimento das pessoas com deficiência visual na idealização e preparação do mesmo, como podemos ler no seu discurso:

“Nem sei que lhe diga sobre isso. Ao início achei mesmo que não tinha nada, nada, nada a ver com aquilo, mas, entretanto, com o andar da carruagem, vamo-nos entrosando uns com os outros, vamos percebendo melhor a mecânica e acho que podemos fazer alguma coisa. Não sei o que isto vai dar francamente. Não tenho perspetivas nenhuma, prefiro não ter perspetivas, vou deixando correr as coisas, vamos deixando andar e depois logo se vê. Também ainda estamos numa fase muito embrionária, apesar de lá estarmos há algum tempo, ainda não começamos propriamente a preparar nenhuma peça. Ainda não decidimos o que vamos representar. Há ali uma série de coisas que só mais tarde é que se vão perceber se sim ou sopas. Nesta fase ainda não tenho muito a dizer sobre. (...) Neste momento ainda não tenho grandes perspetivas. (...)”. (Entrevistado 8 - Momento 1).

No entanto, o/a entrevistado/a 8 ao ser convidado/a para participar no projeto considerou tratar-se de um desafio interessante, apesar de considerar não ter aptidões para a representação. No seu discurso é visível a importância de estar com pessoas, da socialização e da partilha entre grupos:

“Achei um desafio interessante. Eu acho que não tenho jeito nenhum para representar. Nunca foi coisa que me passasse pela cabeça, mas, como tinha tempo livre, é uma forma de ir conhecer outras pessoas, interagir com outras pessoas, o que também é bom. Para ter coisas novas, também não faz mal nenhum, antes pelo contrário, era uma experiência diferente e decidi participar por isso.” (Entrevistado/a 8 - Momento 1).

O/A entrevistado/a 2 demonstrou, no momento 1 de entrevista, vontade em continuar no projeto por o mesmo trazer algo de novo para a sua vida em termos de ocupação dos seus tempos livres e convivência com outras pessoas. Não mostrou grande preocupação com o resultado final - a peça de teatro. Para esta pessoa, assim como para a maioria dos/as participantes, o convívio e a partilha com os colegas ultrapassa o objetivo da sua participação num projeto de integração social pelas artes, neste caso, através do teatro: *“Mas neste momento o que mais me agrada é que o projeto continua e que possamos continuar a conviver e a ter aqueles momentos agradáveis.”* (Entrevistado/a 2 - Momento 1).

Da análise das entrevistas realizadas no momento 1, para as pessoas participantes a sua participação parece ter duas principais motivações, por um lado, ter uma ocupação que preencha a sua semana e até, a sua vida, por outro, desenvolver o gosto pela representação adquirido em atividades realizadas no passado pela ACAPO, onde encenaram peças teatrais. As motivações para participarem no projeto “A Meu Ver” são, essencialmente, do foro individual, de

combate ao isolamento social e à falta de oportunidades para frequentarem o espaço público. Tal como é verbalizado pelos/as próprios/as:

“Foi para sair de casa, foi para ir encontrar os meus amigos e amigas que eu tinha, porque a gente na ACAPO há quatro anos - quatro ou cinco, já nem sei - fizemos lá uns teatros. (...)” (Entrevistado/a 1 - Momento 1).

“(...) aceitei porque gosto e porque também tinha falta de atividades e, pronto, gosto de estar ocupada e já há muito tempo que estava sem atividades. É uma forma de tentar retomar a vida de uma forma mais ativa.” (Entrevistado/a 3 - Momento 1).

“É mais para sair um bocado de casa, estou sempre aqui durante o dia. À quinta-feira, quando vou, a esta hora já estou pronto que vou apanhar o autocarro às duas e meia, ali naquela paragem.” (Entrevistado/a 4 - Momento 1).

No segundo momento de entrevistas, as expectativas foram maioritariamente correspondidas e superadas. O/A entrevistado/a 1, ao ser questionado/a se as expectativas tinham ido ao encontro daquilo que esperava, demonstrou mudança de opinião, salientando a relação de confiança que estabeleceu com os encenadores ao longo do tempo:

“É como eu já disse, aquilo no início foi um bocado chato, eu até tive para desistir. Mas pronto, a tal equipa como eu refiro disseram-me logo que não me deixavam sair. Porque aquilo ao princípio tornou-se chato, pronto. Depois a coisa começou a desenvolver-se, começámos a tomar confiança com os professores, começámos e foi porreirinho.” (Entrevistado/a 1 - Momento 2)

Quando a peça de teatro já tinha sido estreada e apresentada ao público, alguns participantes manifestaram a sua opinião crítica relativamente ao tempo de duração das aulas de expressão dramática, comparativamente ao tempo que dedicaram a ensaiar para a peça. Podemos confirmar este facto no discurso do/a entrevistado/a 2:

“Sim, isso eu acho que sim. [...] Se calhar. Penso que eu não sei, não percebo muito bem se isto é o normal, mas acho que não é opinião só minha: se compararmos o tempo que andámos ali só com, digamos uma formação muito geral, com aspetos muito gerais, e depois o tempo dedicado à preparação da própria peça em si, acho que curto. Acho que houve aí um desnível um pouco grande. Ou seja, tivemos muito tempo, durante um ano que se passou, com uma aula em geral, com aspetos gerais. E depois, de repente, eles chegaram: “agora vamos começar a preparar a peça”. E, sei lá, nem sei se chegou a dois meses. Acho que houve aí um certo desnível, mas o que é certo é que se fez. Mas foi assim um bocadinho precipitado (...)” (Entrevistado/a 2 - Momento 2).

Este “desnível” a que o/a entrevistado/a se refere pode estar relacionado com a falta de participação de algumas das pessoas participantes na criação e na

preparação da peça. Isto é, o texto da peça foi escrito pelos encenadores e apresentado pelos mesmos aos participantes, sendo que alguns tiveram a oportunidade de contribuir para a sua criação e outros não contribuíram tanto. Não obstante, a observação realizada nos ensaios permite afirmar que existiram ensaios onde os encenadores foram recolhendo ideias dos/as participantes para a redação da peça, assim como, aquando da leitura da peça aos/às participantes, foram sempre proporcionados momentos onde puderam dar as suas opiniões e sugestões, no sentido de melhorarem e adaptarem o seu texto. Portanto, esta reflexão do/a entrevistado/a 2, poderá estar relacionada com o facto de o/a mesmo/a considerar que seria necessário mais tempo de maturação do texto, mais trabalho em grupo, não tanto individualizado, nem da total responsabilidade dos encenadores.

O/A entrevistado/a 6 tinha expectativas elevadas relativamente à sua participação no “A Meu Ver” dado que o projeto foi uma oportunidade de mostrar ao público e à sociedade a sua vocação e talento para a escrita. Conforme refere:

“Tentar dar o meu melhor e, quem sabe, eu própria fazer ali alguma coisa. Nomeadamente, escrever uma peça, adaptar alguma coisa que eu tenha escrito ao teatro. É mais na escrita que eu gostaria de apostar, que essa é a minha área.” (Entrevistado/a 6 - Momento 1).

Este talento para a escrita do/a entrevistado/a 6 foi reconhecido pelos encenadores e o/a participante teve, para além de representar o papel que lhe foi atribuído, a oportunidade de escrever uma das partes do texto da peça.

“Sim, de certa forma sim.” [E porquê?] “Para estar envolvida em alguma coisa, para me sentir útil. Se calhar para provar alguma coisa, para mostrar aos outros que temos capacidade, que conseguimos fazer as coisas.” [E que expectativas é que tinha e que foram respondidas?] “Basicamente todas.” [...].” (Entrevistado/a 6 - Momento 2).

O/A entrevistado/a 8, que não apresentava expectativas iniciais, considerou o que foi afirmado também por outras pessoas participantes, nomeadamente, o excesso de tempo dedicado às aulas de expressão dramática e o pouco tempo dedicado à preparação e encenação da peça. Este desequilíbrio temporal acabou por gerar mais ansiedade nos/nas participantes. Tendo em conta a observação realizada nos ensaios, parece-nos que o tempo dedicado às aulas de expressão dramática foi também essencial e importante para o surgimento de ideias, particularmente, ideias para a criação da própria história da peça. No final do primeiro ano de implementação do projeto, o/a

entrevistado/a 8 concluiu que a sua participação correu melhor do que aquilo que estava à espera:

“Apesar de tudo acho que me saí melhor do que aquilo que imaginava no início, sim. [...] Na verdade, aquilo não é tão difícil quanto parecia à partida, a questão é essa. Diga-se em nome da verdade que o meu papel, os meus papéis, foram curtos. Não havia ali muito por onde falhar. Não tinha um texto, a coisa também foi tranquila. O espetáculo [o/a entrevistado/a refere-se às diferentes cenas do espetáculo] antes do meu, ou dos dois espetáculos do meio, tinham lá muito texto para decorar e aquilo já não sei como é que seria. Provavelmente também o decoraria, também se fazia de alguma forma, também me senti mais confortável tendo em conta o facto que os diálogos que tinham eram mais ... [...]. (Entrevistado/a 8 - Momento 2).

O/A entrevistado/a 8 demonstrou igualmente, a sua opinião relativamente a contracenar com uma pessoa também ela com deficiência visual, admitindo que contracenar com uma pessoa normovisual é mais fácil. O/A entrevistado/a teve essa experiência ao contracenar com um dos encenadores: “[...] *Uma das coisas que eu percebi é que é muito mais difícil contracenar com uma pessoa que não vê do que com uma pessoa que vê. [...]*” (Entrevistado/a 8 - Momento 2). Segundo o/a entrevistado/a, esta situação é justificada pelo facto de o encenador, como profissional na área do teatro, conseguir transmitir *feedback*, ou seja, expressar-se e reagir (oralmente e fisicamente) mais rapidamente do que uma pessoa cega. O espaço onde decorreu uma das contracenas deste/a participante foi no salão principal do Teatrão, um espaço bastante amplo onde se torna difícil para uma pessoa cega reconhecer o sítio específico onde está, para onde e para quem está virado, para onde e para quem tem de falar. Este aspeto em particular pode levar-nos a concluir que existiu uma imposição de uma narrativa excessivamente visual da peça, pensada por e para atores normovisuais. Conforme o/a entrevistado/a refere:

“[...] Tu não a vês e se ela não for expressiva o suficiente com oralidade, com o emitir sons, coisa do género, tu não tens ... não sei se me consigo fazer entender.” [...] “Eu só me consegui libertar de fato e ficar ali mais à vontade no palco quando o X [encenador] esteve um bocado a ensaiar comigo e ele, pronto, reagia de forma diferente da forma como o e2 reagia. Não será só o facto de ser uma pessoa que não vê, também tem a ver com a pessoa em si, com quem estás a contracenar. Mas quando são duas pessoas cegas fica mais difícil. [...].” (Entrevistado/a 8 - Momento 2).

O/A entrevistado/a 10, no momento 1, apresentava a intenção de aperfeiçoar as suas técnicas de teatro e a formação dada nas aulas de

expressão dramática. Para esta pessoa, este projeto foi uma oportunidade de se libertar, neste caso, dos problemas que tinha fora do Teatrão:

“Para já quero ver se chego ao final deste projeto. Penso eu que sejam 3 anos de poder concluí-lo. Depois ir desenvolvendo técnicas mesmo de teatro, ir desenvolvendo ao longo deste período de formação. De me conhecer a mim, de ultrapassar os meus limites e de aproveitar tudo aquilo que é a formação que é dada ali para colocá-la em prática, seja ali, seja noutros contextos. A questão da libertação, do desprendimento de mim própria, da libertação, da experiência de poder ... enfim, uma liberdade tremenda. Como eu digo, de libertação. Não senti dificuldades até agora.” (Entrevistado/a 10 - Momento 1).

Comparando o momento 1 e 2 da entrevista com o/a entrevistado/a 10, conseguimos perceber que a pessoa não foi criando grandes expectativas ao longo do seu percurso e que se “deixou levar” por aquilo que ia acontecendo. O/A entrevistado/a reforçou ainda a ideia do não envolvimento na preparação e escrita da peça quando a mesma lhe foi apresentada, ou seja, a sua primeira interpretação, perante o desconhecimento do texto integral da peça foi que iria ter uma baixa participação. Contudo, no final, foi possível observar que a sua participação foi ao encontro daquilo que estava à espera, nomeadamente, teve uma participação ativa em várias fases da peça. Tal não aconteceu com todos/as os/as participantes. Podemos observar no seu testemunho abaixo:

“Inicialmente, eu entrei com aquela expectativa, que não é expectativa, que é assim: eu gosto de teatro e quero fazer alguma coisa ligada a essa área também. Manifestava sempre essa opinião junto da ACAPO (como eu outras pessoas que também integram este projeto). Eu não criei grandes expectativas; eu mostrei-me disponível e aberta a propostas que foram sendo feitas. Não criei aquela expectativa de “ai agora vou ser, eu vou fazer”, não, deixei-me guiar por eles também. (...) E já tinha assistido a outras peças de teatro mesmo antes de ter problemas de visão - já tinha, pelo menos, alguma ideia daquilo que são peças de teatro. Portanto, eu deixei-me guiar por quem sabia. (...) Eu não fui criando assim muitas expectativas, mas, diga-se de passagem, depois fiquei assim (que não faz sentido nenhum), cheguei a pensar nisso: quando me foi apresentado o texto da Tabacaria, o da segunda cena, eu olhei para o texto e pensei assim “mas eu só vou dizer isto?”. Fiquei assim um bocadito ... só isto, mas como é que é possível? Mas completamente idiota da minha parte, porque na prática, eu fiz a primeira cena, fiz a ligação das cenas todas, participei na segunda. Portanto, tive uma participação muito ativa na peça. (...)” (Entrevistado/a 10 - Momento 2).

Apesar de num momento inicial os/as participantes estarem totalmente alheios ao que iria acontecer, de que forma iriam concretizar a apresentação pública de uma peça de teatro por considerarem terem passado demasiado tempo em aulas de expressão dramática, em comparação ao tempo que tiveram

para ensaiar a peça “O que é Invisível”, no segundo momento, as expectativas foram maioritariamente correspondidas e superadas.

Finalizando este subponto e tendo em conta que o grupo é constituído por pessoas distintas com opiniões diferentes, podemos referir que, mesmo as pessoas que no início do projeto não apresentavam qualquer tipo de expectativa, no final, após a realização do espetáculo, tiveram uma opinião diferente e consideraram que foi um momento onde tiveram oportunidade de demonstrar as suas potencialidades, ficando satisfeitas com o resultado final. Este acontecimento deveu-se por um lado, à criação de uma convicção e confiança no próprio valor do projeto resultante de todo o processo pelo qual os/as participantes passaram - desde as aulas de expressão dramática à realização da peça. Por outro lado, o próprio desconhecimento e alheamento sobre o decorrer das sessões, resultante da exclusão do mundo da cultura e das artes, assim como, a não participação dos/as participantes na elaboração do próprio projeto. Estas situações acabaram por trazer às pessoas participantes uma nova visão do mundo do teatro e, à medida que foram conhecendo melhor o meio, foram-se deixando conquistar.

4.3. Mudanças produzidas

Os/As participantes no “A Meu Ver” foram questionados, no primeiro momento de entrevista, se a sua entrada no projeto tinha produzido alguma mudança na sua vida a nível social, familiar e pessoal. Da mesma forma, neste primeiro momento, foram também questionados acerca das mudanças que esperavam vir a ter com a participação no projeto. Analisando as entrevistas, podemos observar que no início da participação no projeto (momento 1), a principal mudança produzida foi em termos sociais de combate ao isolamento, isto é, o facto de terem de sair de casa para ocuparem o seu tempo, conviverem com os/as colegas e sentirem que estão a produzir algo que gostam de fazer. As Técnicas da ACAPO acabam por identificar também esta necessidade de relacionamento interpessoal, como podemos verificar no *focus group* realizado: “*Porque muitos dias estão em casa, quando têm de levar coisas para ensaiar e para estudar ficam realizados, porquê? Porque estão ocupados.*” (Técnica da ACAPO e1 - Focus Group) ou, “*Sim, pode funcionar como um momento de produtividade, em que há aquelas pessoas que sentem que aquilo vai ser o*

grosso da semana e também há para quem funcione como lazer e atividade de prazer.” (Técnica da ACAPO e2 - Focus Group). Para a ACAPO, a parceria criada com o Teatrão acaba por se apresentar como um recurso de combate ao isolamento social das pessoas com deficiência visual. Para o Teatrão, a questão do acesso das pessoas com deficiência à prática cultural apresenta-se como uma das suas principais preocupações. A idealização e desenvolvimento do projeto “A Meu Ver” foi, para o Teatrão, uma forma de mostrar e promover uma arte inclusiva, contudo, pareceu-nos que este primeiro ano se centrou mais nas acessibilidades físicas e menos na efetiva criação de oportunidades às pessoas participantes de desenvolverem uma narrativa própria, dado que a peça apresentada ao público no final do primeiro ano foi escrita, na sua grande maioria, pelos encenadores. Esta preocupação do Teatrão relativamente às acessibilidades da cultura extravasa o projeto “A Meu Ver” e a própria companhia, estendendo-se à cidade de Coimbra e à necessidade de formação na área das acessibilidades dos profissionais da cultura locais. Como podemos verificar nos testemunhos dos/as dirigente do Teatrão:

“(...) estas questões do acesso são-nos muito caras, mas ao mesmo tempo também, às vezes até pode haver vontade, (...). Há também uma necessidade dos agentes culturais e das equipas, e do próprio município ou, das pessoas que pensam as políticas culturais de terem uma formação específica nesta área. O que nós vemos, o que nos departamentos de cultura, as pessoas que, na verdade deveriam defender o financiamento na área cultural e artística das cidades ou, pensar as políticas para a cultura são pessoas que, na verdade, não tem uma formação específica nesta área. Isso já é grave. E quando estamos a falar especificamente das questões da acessibilidade, mais grave é.” (Dirigente do Teatrão e2 - Focus Group).

“(...) quem programa ou quem cria também tem de abrir mão de algumas coisas, que eu acho que é uma coisa que, progressivamente, também começámos a fazer. Porque para tratar das questões de acessibilidade há questões, há outras soluções que se tem de encontrar do ponto de vista às vezes até artístico, para que o espetáculo continue a ter a excelência artística que as pessoas querem (...). (Dirigente do Teatrão e1 - Focus Group).

Como já referido, no primeiro momento de entrevistas foi possível retirar algumas informações sobre mudanças e transformações na vida dos/as participantes do projeto “A Meu Ver”. Ainda que estas mudanças não sejam diretamente identificadas nos seus discursos, foi possível perceber que as mesmas acabaram por corresponder às expectativas e objetivos que as pessoas tinham com a sua participação no projeto, nomeadamente: a procura de atividades de ocupação do tempo, a procura de novas relações de amizade, a

procura de relação entre pares, o convívio e, conseqüente, o combate ao isolamento social. Abaixo, conseguimos observar alguns testemunhos dos/as entrevistados/as, onde é possível delinear algumas das mudanças produzidas pela sua participação no “A Meu Ver”, no primeiro momento de entrevista, sendo elas mais profundas em termos de socialização, de procura de relações interpessoais junto de pessoas com deficiência visual e com pessoas sem deficiência:

“Está... Olhe, eu continuo a bater na mesma, está a mudar. Pronto, saio de casa, vou estar com os amigos e com as amigas e vou conhecer outros. E estou à espera do que aquilo vai dar. É como lhe estou a dizer, é pouco tempo, havia de ser duas ou três vezes por semana, já que não pode ser a semana toda. (...).” (Entrevistado/a 1 - Momento 1).

“Assim... não... introduziu diferenças no sentido de que naquele dia, àquelas horas, eu tenho aquele escape e é agradável. Julgo que se não tivesse aquilo, o vazio era maior. Nesse aspeto sim, introduziu um fator positivo.” (Entrevistado/a 2 - Momento 1).

“Mudou porque tira-me de casa. Se isso é assim um benefício que salte à vista? Para já não consigo sentir isso, mas pronto, não quer dizer que seja o projeto, sou eu própria também que estou um bocadinho desarrumada. É uma fase que ainda não consigo tirar assim o proveito que era suposto. Nesta altura ainda não consigo estar nessa posição, mas ainda estou a dar o benefício da dúvida, ainda estou a acreditar.” (Entrevistado/a 3 - Momento 1).

“Já tem estado a produzir. Pelo menos o convívio que me faltava. (...).” (Entrevistado/a 4 - Momento 1).

“[...] Quer dizer, a mudança, qualquer coisa que façamos traz sempre alguma mudança, neste sentido, sim. Fui para ali, passei a interagir com outras pessoas cegas. (...).” (Entrevistado/a 8 - Momento 1).

“Aí muitas. De amizades, eu fico sempre com elas, muitas, muitas mesmo. Fica sempre gravado, fico sempre com contactos. (...).” (Entrevistado/a 9 - Momento 1).

“Talvez na parte em relação a conhecer outras pessoas que também não conhecia. No teatro, a questão do relacionamento interpessoal. Mais do que isso, penso que por enquanto não. Mas disponível para.” (Entrevistado/a 10 - Momento 1).

Como os testemunhos anteriores parecem evidenciar, os/as participantes procuravam no projeto “A Meu Ver” uma resposta a uma necessidade que tinham, neste caso, sentirem que fazem parte de um grupo onde podem manter relações de amizade e contacto social. Os dias de ensaio do projeto constituem, assim, oportunidades para os/as participantes conversarem com as pessoas do grupo, partilharem momentos e socializarem com outras pessoas fora do seu círculo habitual.

Torna-se ainda pertinente mostrar aqui dois excertos do primeiro momento, onde o/a entrevistado/a 11 referiu que, apesar de não identificar nenhuma mudança direta na sua vida com a participação no projeto, evidencia que quer continuar a fazer teatro e que, mesmo se conseguir integração profissional, irá tentar conciliar com os ensaios do projeto. O/A entrevistado/a 5 vê no teatro uma forma de libertação de emoções negativas e revela a sua intenção em aperfeiçoar as suas aptidões na área da representação. O/A entrevistado/a 6, revela a sua intenção em continuar no projeto na expectativa de, no futuro, vir a escrever alguma peça de teatro, dado que o seu talento é a escrita.

“Não, a minha vida está normal. É assim, depois estou à espera que haja uma oportunidade de emprego não sei, mas vou tentar ter a quinta feira à tarde livre é para ...É para continuar com isto, que eu gosto disto, quero continuar com isto.” (Entrevistado/a 11 - Momento 1).

“Foi o facto de, no teatro, também sairmos do nosso quotidiano, vestimos o papel do outro, descarregamos, entre aspas, emoções que não são tão positivas. Também quando eu já fiz parte da outra peça, senti essa necessidade e foi por isso que eu acabei por descobrir que poderei desenvolver mais competências na área da representação.” (Entrevistado/a 5 - Momento 1).

*“É assim, esta é verdadeiramente a minha área. A escrita criativa, era nessa área que eu queria trabalhar, mais escrever até que representar. A minha área e o meu talento está na escrita. Ainda recentemente venci um concurso literário aqui em Coimbra.” [...] **[E o que é que espera da sua participação neste projeto? Que expectativas é que tem?]** “Tentar dar o meu melhor e, quem sabe, eu própria fazer ali alguma coisa. Nomeadamente, escrever uma peça, adaptar alguma coisa que eu tenha escrito ao teatro. É mais na escrita que eu gostaria de apostar, que essa é a minha área.”(Entrevistado/a 6 - Momento 1).*

As afirmações destes/as entrevistados/as evidenciam também alguns dos impactos esperados pelo próprio Teatrão com a implementação deste projeto e pelo próprio Programa PARTIS, dado que indicam uma intenção da profissionalização das artes para pessoas com deficiência. Algo que é igualmente defendido pelo Movimento das Pessoas com Deficiência, pelas “Disability Arts” e pelo “Disability Arts Movement”.

No segundo momento de entrevista, as questões foram diretamente dirigidas ao tipo de mudanças que a participação no projeto produziu ao longo do primeiro ano de implementação do mesmo. Isto é, no momento 1 foram identificadas as mudanças que o projeto tinha produzido nos/as participantes até então (numa fase embrionária, antes dos ensaios para a realização da peça de teatro). No momento 2 da entrevista, pretendeu-se aferir se essas mudanças se

mantiveram e/ou alteraram, se existiram novas mudanças ou, se não houve qualquer tipo de mudança na vida dos/as participantes. De forma a facilitar a análise dos dados definimos 6 categorias ou dimensões de impacto que nos importava analisar: a situação profissional, a vida familiar, a vida afetiva/amorosa, as relações de amizade, o tipo de apoios ou os serviços que utilizam (por exemplo, utilização de transportes públicos, comboio) e, o tipo de bens culturais consumidos/utilizados (museus, espetáculos, eventos, espaço público). A análise parece evidenciar impactos nas diferentes áreas da vida das pessoas, ainda que tenhamos consciência que nalguns casos são ainda muito ténues, dado que estamos a analisar dados recolhidos no primeiro ano de implementação do projeto.

No que diz respeito à situação profissional, os resultados recolhidos não evidenciam alterações significativas a este nível após a entrada no projeto “A Meu Ver”. Esta situação é justificável com o facto de algumas pessoas estarem reformadas e também com a duração do projeto, dado que se trata do primeiro ano em que estão a participar: *“Situação profissional não.”* (Entrevistado/a 7 - Momento 2); *“Não, porque (...) [estava] à experiência [e] já se acabou. (...). Estava à experiência só de manhã, tinha a tarde livre, por isso nunca falhei ensaio nenhum.”* (Entrevistado/a 11 - Momento 2).

Em relação à vida familiar não existiram mudanças significativas neste âmbito. Contudo, uma das pessoas identifica que se tornou “mais dinâmica” com as suas sobrinhas, o que pode indicar que está mais disposta a realizar atividades em conjunto, entre pares: *“Com as minhas sobrinhas creio que me tornei mais ativa, mais dinâmica com elas.”* (Entrevistado/a 5 - Momento 2). Já em termos de vida afetiva e amorosa, os/as participantes não manifestaram alterações.

Nas relações de amizade podemos referir que existiu uma manutenção das amizades já criadas, isto é, como os/as participantes já se conheciam por fazerem parte da ACAPO e/ou por já terem participado como grupo em atividades organizadas pela instituição. O projeto “A Meu Ver” acabou por fortalecer estas relações entre pares.

Nos tipos de apoios ou serviços que utilizam, os/as entrevistados/as manifestaram opiniões distintas. Algumas pessoas começaram a utilizar mais o

autocarro, o que exigiu um processo de adaptação aos trajetos por terem de apanhar autocarros que, normalmente, não utilizavam. Este processo veio trazer a estas pessoas uma maior autonomia e independência que, porventura, se não fossem participantes no projeto, não conseguiriam atingir. Para outros, a situação manteve-se e não houve nenhuma alteração a este nível: *“Sim, sair mais de casa. Sair mais de casa e conseqüentemente usar mais o autocarro, claro. Sair mais de casa o principal.”* (Entrevistado/a 7 - Momento 2).

“Agora em termos de transportes, passei a usar um autocarro que não me era sequer nada familiar, não usava, que é o 24T. Nunca o tinha usado anteriormente e passei-o a usar de uma forma mais habitual.” (Entrevistado/a 10 - Momento 2).

A análise que pode ser realizada acerca dos tipos de bens culturais consumidos leva-nos a concluir que é a dimensão onde existem alterações mais significativas. Neste sentido, podemos afirmar que, para que haja inclusão de pessoas com deficiência nas práticas artísticas e culturais, para que os direitos culturais das pessoas com deficiência sejam realmente efetivados, é necessário garantir que todas as pessoas que desejam beneficiar da cultura não sejam excluídas da mesma por apresentarem diferentes formas de mobilidade, cognição e/ou percepção. De igual modo, é necessário que existam meios de informação e comunicação capazes de divulgar as iniciativas culturais existentes, garantindo que essa informação chegue às pessoas com deficiência. A questão do desconhecimento da existência do próprio Teatrão por parte dos/as participantes é um dado que indica esta falta de divulgação. Como um dos/as entrevistados/as refere:

[E que esses espetáculos decorrem da sua entrada no projeto. Acha que se não tivesse entrado no projeto ...] *“Não teria ido. Até porque nem conhecia. Eu nem conhecia o espaço, atividade, nada. Só fui mesmo porque estou no projeto e eles enunciam-nos os espetáculos e já fui a alguns.”* (Entrevistado/a 2 - Momento 2).

Como pudemos verificar nos diferentes momentos de observação directa e como as entrevistas reforçaram, os/as participantes do “A Meu Ver” começaram a consumir mais bens culturais, particularmente, a assistir a mais peças de teatro no Teatrão. Uma vez que uma das vertentes do projeto é, também, disponibilizar o serviço de audiodescrição, os/as participantes foram sempre informados sobre a programação do Teatrão quando este serviço estava disponível. Esta transmissão de informação partiu do Teatrão, dado que, como

nos foi possível observar, os convites foram sendo feitos pela Direção no próprio espaço da aula de expressão dramática. Conseguimos verificar esta situação nos testemunhos dados pelos/as participantes nas entrevistas realizadas: *“Ah isso, por exemplo, tenho ido a alguns eventos lá no Teatrão e gosto. (...) Sobretudo o que se alterou foi que fui ver alguns espetáculos ao Teatrão já.”* (Entrevistado/a 2 - Momento 2); *“Sim, se calhar já fui ver mais espetáculos lá no Teatrão que eu fui numa porrada de anos. Antigamente era solteiro e ia ao cinema. Acho que nunca tinha ido ao teatro.”* (Entrevistado/a 4 - Momento 2); *“Mudou um bocadinho porque nos foi proporcionado outros eventos também.”* (Entrevistado/a 7 - Momento 2).

“Talvez tenha aumentado um bocadinho, porque acabei por ir lá ao Teatrão ver mais duas peças de teatro. E é provável que até passe a ir mais. Era raro, podem-se contar pelos dedos de uma mão as vezes que tinha ido ao teatro. Isto porque aqui em casa também ninguém ia. Se me puxarem para ir até vou. Aqui temos um cineteatro e eu também tinha lá ido ver uma peça. Mas o teatro é algo que é, dentro de tudo o que possas ter aí de espetáculos, das coisas mais acessíveis para as pessoas cegas. E se tiver audiodescrição, e se ela fôr feita como deve ser, se calhar é das coisas mais acessíveis que temos.” (Entrevistado/a 8 - Momento 2).

“Foi mais ou menos pela mesma altura a questão da integração no Coro e no teatro. O Coro foi um bocadinho mais tarde, é certo. (...) A questão do teatro permitiu-me, por exemplo, aceder mais vezes a peças de teatro. Já o fazia anteriormente, mas era só uma coisa muito esporádica. Agora, passou a ser um pouco mais consistente. Depois veio o Coro e tudo isso, a integração no grupo, o facto de nos reunirmos todas as semanas - porque é um trabalho em equipa também - e de trabalharmos no sentido de fazermos apresentação de concertos e estar presente em concertos e em diferentes eventos. Isso sem dúvida nenhuma, tem permitido isso. O teatro aqui em Coimbra é certo, no âmbito da cidade. O Coro também neste âmbito da cidade, mas também fora da cidade com apresentações noutros sítios, noutras cidades, noutros povos. Portanto, permite exatamente isso, sem dúvida nenhuma, sem dúvida: maior integração, maior participação.” (Entrevistado/a 10 - Momento 2).

“Olha, que eu nunca fui muito ao Teatrão, mas agora já passei a gostar e a assistir a peças de teatro. [...] Nunca tinha assistido a nenhuma peça de teatro. daquelas que fazia na escola e assim, mas até gostei de saber (...) [das] peças de teatro no Teatrão e dizem que se formos assistir, tem direito a desconto no bilhete (...), até gosto de assistir a peças de teatro.” (Entrevistado/a 11 - Momento 2).

A própria Direção do Teatrão teve noção desta realidade ao considerar que projetos como o “A Meu Ver” são impulsionadores para o aumento da participação cultural das pessoas com deficiência, neste caso em particular, foi notório um aumento de espectadores com deficiência visual na programação com audiodescrição:

“[...] Obviamente que, o facto de dentro do Teatrão nós termos um grupo específico e um projeto específico que trabalha estas questões, para nós tornou mais fácil que na programação tivéssemos algum sucesso. Temos um número de participantes cegos a ver espetáculos que, se não tivéssemos este projeto era muito mais difícil congregar.” (Dirigente do Teatrão e2 - Focus Group).

Existiram igualmente alguns impactos a nível individual, que acabam por se estender a outras esferas da vida dos/as participantes. Estes impactos acabam por ser produto das aulas de expressão dramática e dos ensaios para a peça e revelam-se bastante pertinentes de referir. Como podemos ler no testemunho abaixo, apesar do/a entrevistado/a referir que não existiu uma “mudança radical” na sua vida com a sua participação no projeto, a sua participação acabou por lhe trazer o desenvolvimento de algumas das suas habilidades, particularmente, uma melhoria na concentração e memória, assim como, na postura corporal. Além disso, é observável que este desenvolvimento de capacidades através das artes, neste caso, do teatro, são aplicados no dia-a-dia das pessoas com deficiência visual e podem até ser reconhecidos como uma estratégia de gestão da sua condição de pessoas com deficiência e mesmo, auxiliar no processo de afirmação e orgulho da deficiência (*disability pride*).

“Sim, mais à vontade. Mais à vontade com as pessoas, mais brincalhona talvez. Mais à vontade em determinadas situações; noutras, o teatro e não só - mas é agora do teatro que estamos a falar -, veio trabalhar a parte da concentração, a parte da memória, a parte da correção postural. Veio trabalhar vários aspetos. Isso são aspetos que são integrados depois na vida quotidiana, do dia-a-dia, em vários momentos vão sendo integrados de uma forma muito normal e muito dinâmica, como as coisas é suposto serem. Portanto, não houve assim uma mudança radical, assim uma coisa ... eu era assim até este ponto e, a partir dali, passei a ser de forma totalmente diferente - não, não houve essa mudança; mas houve pequenas mudanças que foram sendo integradas ao longo do tempo e continuam a ser integradas. Não houve assim nada de muito diferente em relação àquilo que era anteriormente. Talvez essa questão de maior concentração - mas isso é uma coisa que tem vindo a ser integrada.” (Entrevistado/a 10 - Momento 2).

Em suma, as mudanças produzidas com a participação no projeto “A Meu Ver” são mais evidentes a nível social (aumento da socialização, ocupação de tempos livres e convívio), a nível pessoal/individual (formação na área da representação e posterior transposição dessas aprendizagens para a vida pessoal) e, ao nível do consumo de bens culturais e artísticos (aumento da ida a espetáculos no Teatrão e motivação para frequentar mais espaços artísticos, nomeadamente, assistir a peças de teatro).

4.4. Envolvimento e participação na criação da peça “O que é invisível”

No processo de escrita e ensaios preparatórios da peça de teatro “O que é invisível” apresentada no final do primeiro ano, foi possível observar a preocupação dos encenadores na preservação das opiniões, sugestões e ideias manifestadas dos/as participantes do “A Meu Ver”. Desta forma, no acompanhamento de proximidade de todo o processo, os/as participantes manifestaram as suas preocupações e sugestões, nomeadamente, indicando aquilo que achavam ser capazes de fazer, bem como, de que forma o próprio texto poderia ser adaptado às suas capacidades. Este cenário pode ser identificado, durante o segundo momento de entrevista, através dos testemunhos dos/as entrevistados/as quando confrontados com questões sobre o seu envolvimento na construção do texto e do cenário da própria peça de teatro. A questão do envolvimento está relacionada com a forma como cada participante foi envolvido no processo de criação artística da peça “O que é Invisível”. Neste caso, apesar do texto da peça ter sido apresentado aos/às participantes com os papéis já definidos para cada pessoa, foi sempre possível no decorrer dos ensaios alterar partes do texto de forma a que cada pessoa se sentisse confortável com as próprias falas e com o processo de decorar o texto. Estes aspetos emergiram dos dados recolhidos através da observação participante, dado que a investigadora esteve atenta à forma de participação dos/as envolvidos/as em todo o processo de criação artística e foi igualmente referido por um dos encenadores no *focus group* realizado:

“Tanto que [o/a entrevistado/a 1], essa foi muito engraçada porque eu disse que isto era uma primeira versão e ele “Mas posso ficar com o texto?”, “Pode, mas é uma primeira versão”. No ensaio seguinte, já tinha o texto todo decorado ou, mais ou menos. “Já sei isto tudo!”, “Mas ó [o/a entrevistado/a 1], isso era a primeira versão. Lembra-se que nós fizemos alterações e que eu agora vou alterar.” Ficou muito chateado comigo, porque não podia ser, porque eu estava sempre a alterar o texto. “Mas ó [o/a entrevistado/a 1] isto está em construção...”, “Não! Ou é assim ou não é! Tem de se decidir!”. Ficou muito chateado, então...” (Encenador/a e4 - Focus Group).

Podemos ainda dar como exemplo um/uma participante que, ao ser questionado/a sobre se se sentiu envolvido/a na escrita do texto da peça de teatro afirmou: *“Sim, sim. Por acaso, não na totalidade, mas uma das partes foi uma colaboração entre mim e o X [encenador]. Ele apresentou um texto inicial e depois eu coloquei também a minha colaboração.” (Entrevistado/a 2 - Momento*

2). Neste exemplo, o/a participante, apesar de ter baixa visão e estar a progredir para uma situação de cegueira, na sua vida pessoal costuma andar de bicicleta orientando-se muitas vezes pelos sons e pelas linhas brancas pintadas no alcatrão da estrada. Neste sentido, os encenadores ao saberem da situação sugeriram a integração desta vertente no final da peça, onde o/a participante anda de bicicleta orientado por fitas brancas colocadas no chão do palco e por luzes que iluminavam essas linhas brancas à velocidade do andar de bicicleta. Como podemos averiguar no seu discurso:

[Tendo em conta que anda de bicicleta e isso integrado na própria peça, como é que achou ... não sei se essa sugestão partiu de si.] “Não, não, foi-me apresentada, não partiu de mim. Nem sequer me ocorreria tal coisa.” **[Então foram os próprios encenadores que sugeriram e depois concordou em fazer.]** “Sim, aceitei logo. Achei engraçado.” **[Deu depois algumas sugestões relativamente a isso? Por causa das luzes, lembro-me daquelas questões das luzes.]** “Sim, porque um dos meus receios ... Lá está, o meu problema de visão não é estável e um dos meus receios é que chegasse à altura da peça, à altura principal e, eu não conseguisse. Mas pronto, felizmente, correu bem. Conseguimos adotar estratégias em que eu não tive problemas.” **[Foi sempre sugerindo como é que se haveria de fazer?]** “Sim, ajudei nisso. Em termos de luzes, de marcação do solo com algumas riscas.” **[E isso foi bem acolhido depois pela equipa?]** “Sim, sim. Perfeitamente. Acho que aí funcionou tudo muito bem. As pessoas, técnicos e tudo, tiveram sempre boa disponibilidade.” (Entrevistado/a 2 - Momento 2).

Como pudemos testemunhar nas reações e comentários do público aquando da estreia, a integração na peça de teatro de uma capacidade de uma das pessoas participantes de andar de bicicleta, gerou uma grande admiração, levando algumas das pessoas presentes a questionarem se aquela pessoa era mesmo cega ou tinha mesmo baixa visão. Este acontecimento acabou por provocar no público uma mudança no seu “pensar” e no seu “olhar” para a deficiência e para as pessoas com deficiência, no sentido em que o/a participante demonstrou as suas potencialidades enquanto pessoa com baixa visão. Esta reflexão remete-nos para uma ideia avançada por Barnes e Mercer (2001) de que acreditam que para algumas pessoas a exibição pública da deficiência através das “disability arts” é um estímulo para que o público sem deficiência se questione sobre as ideias negativas que atribuem à deficiência e sobre as práticas discriminatórias a ela associadas (Barnes & Mercer 2001).

Outro exemplo está relacionado com a criação da narrativa, ou seja, a construção do texto que conduziu à peça de teatro. Sobre este aspeto, já

referimos acima que o texto foi praticamente escrito pelos encenadores, embora tenha existido participação e aproveitamento de potencialidade de alguns participantes, como é o caso do/a entrevistado/a 6 que redigiu parte do texto da cena em que participou e o mesmo foi, posteriormente, adaptado pelos encenadores e, do/a entrevistado/a 2 que colaborou também com um dos encenadores na escrita de uma parte da peça. O/A entrevistado/a 10 deu algumas sugestões para a redação de um dos textos, contudo, não participou diretamente na sua elaboração. Conforme podemos verificar abaixo:

[Gostaria agora de lhe perguntar se se sentiu envolvida na construção do próprio espetáculo? Desde a parte dos guiões, daquilo que ia vestir.] *“Sim, sim. Aquele primeiro texto inicial, aquele que estava gravado, o primeiro esboço foi eu que o fiz. Depois ele é que foi encurtado e assim.”* **[Considera que o texto, pelo menos, foi bem aceite pela equipa do projeto.]** *“Sim, a minha praia é mais escrever, não é tanto representar, como se sabe. Mas faz-se os possíveis.”* (Entrevistado/a 6 - Momento 2).

[Sentiu-se envolvida na preparação do espetáculo, quer na escolha da mulher que era, na roupa que ia vestir, naquilo que ia dizer? Ou não?] *“Tive, tive. Para já, antes da primeira cena, antes dessa cena ser escrita propriamente, foi conversada, foi falada, na altura, com o X [encenador], e ele escreveu essa primeira cena em conformidade com aquilo que nós já tínhamos falado anteriormente. Depois do texto, houve uma ou outra coisa que também falei com o X [encenador] - via telefone até - que fizemos essas pequenas alterações no texto. Isto em relação à primeira cena. A segunda cena, eu não tive propriamente participação direta no texto. Mas depois, na questão do palco e indumentária, sim. [...] Depois a ligação, toda aquela narração também foi apresentada, foi conversada - falei sempre com o X [encenador], que foi ele que escreveu -, no sentido de obter dali a minha perceção e perceber também qual era a perceção do X [encenador] (e a perceção era idêntica, sem dúvida) e depois foi construir toda essa narração: permitir que fosse aquele elo, aquela ligação entre as várias cenas. [...] E a máscara, inclusivamente aquela máscara de gesso que estava na primeira cena, essa máscara foi feita mesmo - tive lá no Teatrão para aí uma hora e meia com gesso na cara, para fazer o molde daquela máscara. Depois foi trabalhada e foi colocada. Portanto, tive participação em várias coisas.”* (Entrevistado/a 10 - Momento 2).

A escrita da narrativa da peça não foi possível de realizar com todos/as os/as participantes, sendo que, para a maioria, o texto foi apresentado sem os seus contributos. Isto acabou por impedir a construção de uma narrativa própria, criada por pessoas com deficiência visual que, seria o ideal tendo em conta os objetivos do projeto “A Meu Ver”. Como podemos observar no testemunho abaixo:

“Não, o texto que me foi entregue foi escrito pelo X [encenador]. [...] Identifiquei-me. Não tenho experiência de teatro, como eu já tinha dito. Portanto, também não tinha bases para estar ali a dizer o que é que

seja para alterar o texto. Nem, neste momento estou para dar, quer dizer posso dar, mas, naquele momento, recebi o texto, concordei com ele e identifiquei-me bem. Pronto, e calhou bem.” [E naquela parte das vestimentas? Daquilo que ia vestir? Como é que ia ser? Isso aí escolheu?] “Também não escolhi. Mas pronto, também concordei.” (Entrevistado/a 4 - Momento 2).

No *focus group* realizado, os encenadores confirmaram que alguns dos/as participantes tiveram um papel mais ativo na criação do texto da peça do que outros:

“Nós tivemos, na criação dramatúrgica, é um exemplo, por exemplo [do/a entrevistado 2] que a cena dele, só o que ele faz – andar de bicicleta – é uma viagem pela Oficina Municipal do Teatro toda. E nós gostávamos de poder associar essa viagem a uma viagem no interior de um corpo. Como ele era psiquiatra, ele conhecia os termos específicos. Então, literalmente, a cena dele foi construída eu a dar a sugestão dos sítios onde estarmos, víamos os sítios, e ele a traduzir aquilo para o corpo humano e a dar ideias...Aí, foi literalmente uma construção a pares.” (Encenador/a e3 - Focus Group).

Ao serem questionados sobre o papel dos e das participantes no projeto na criação artística, os encenadores chegaram à conclusão que esse papel foi diferente para cada pessoa: *“Eu acho que foi diferente para cada um.” (Encenador/a e3 - Focus Group).*

“Participaram de forma diferente. Olha, [o/a entrevistado/a 4 e o/a entrevistado/a 1], nós tínhamos todo este material que eles nos tinham dado sobre eles, não é? E, na verdade, aquilo que aconteceu foi, nós escrevemos e dissemos olhem...lemos, dissemos “É isto. E agora o que é que fazemos?”, “Ah, agora vamos tirar isto, isto não, agora vamos acrescentar isto, e agora vamos cortar isto, e agora isto não, isto não, isto não”. Ou seja, nós trouxemos da sala, escrevemos, trabalhamos em cima e depois cortámos de acordo com aquilo que foi sugerido na primeira leitura.” (Encenador/a e4 - Focus Group)

Em síntese, podemos afirmar que existiu um esforço dos encenadores para integrarem as características pessoais dos/as participantes no guião da peça, mostrando-se sempre disponíveis para realizar alterações no sentido dos/as participantes se sentirem mais confortáveis com as suas falas. Da mesma forma, existiu uma preocupação na adaptação dos espaços onde as cenas se desenrolaram, conforme é referido por um dos encenadores:

“[...] Tinha de ser tudo pensado, para além de toda a componente artística, tinha de ser tudo pensado milimetricamente para não falhar. Para “o espaço é adaptado, como é que ele é adaptado? De que forma é que ele pode ser...” ou seja, acho que é um bocadinho por aí, não é? Acho que há aqui duas dimensões, é a artística e esta dimensão mais prática, de logística.” (Encenador/a e4 - Focus Group).

4.5. Construção identitária dos participantes no projeto “A Meu Ver”

O conceito de “identidade” tem vindo a ser alvo de investigação nos últimos anos (Watson, 2002) apresentando as “ciências sociais uma noção de identidade, assim como o processo de identificação, como um dos grandes focos de análise e debate.” (Menezes, 2014:69). Segundo Giddens (2001) “os contextos culturais onde nascemos e crescemos influenciam o nosso comportamento, mas tal não significa que seja negada individualidade ou livre arbítrio aos seres humanos”. Vários sociólogos tendem a escrever sobre socialização referindo que somos o resultado dos modelos pré-concebidos que a sociedade concebe para cada um de nós, mas esta perspetiva está errada. Estar em constante interação com os outros, desde o nascimento até à morte, condiciona a personalidade, os valores e comportamentos das pessoas. Giddens (2001) refere que a socialização está igualmente na origem da liberdade e individualidade de cada um. A socialização permite desenvolver em cada pessoa um sentido de identidade e a capacidade para pensar e agir de forma independente. Na ótica da Sociologia, o conceito de identidade é multifacetado, podendo ser abordado de várias formas. No seguimento, a identidade está relacionada com a noção que as pessoas têm sobre quem são e do que é importante para elas. Segundo Giddens, “o género, a orientação sexual, a classe social, a nacionalidade ou a etnicidade são algumas das principais fontes de identidade” (2001:29). Os sociólogos identificam dois tipos de identidade, intimamente relacionadas: a identidade social e a identidade pessoal. A identidade social define-se como as características que os outros atribuem a uma determinada pessoa/ao outro. Estas identidades podem ser vistas como “marcadores” que indicam quem é essa pessoa. Em simultâneo, posiciona essa pessoa em relação a outros indivíduos com quem partilha os mesmos atributos. Neste sentido, uma pessoa pode simultaneamente ser mãe, médica e católica. Ao ter múltiplas identidades sociais as mesmas são refletidas nas várias dimensões da vida. As identidades sociais implicam uma dimensão coletiva, estabelecendo as formas pelas quais os indivíduos se “assemelham” uns aos outros (Giddens, 2001:29-30). Por outro lado, a identidade pessoal distingue-nos enquanto indivíduos, está relacionada com o processo de desenvolvimento pessoal através do qual formulamos a noção de nós próprios e do

relacionamento com o mundo à nossa volta. A negociação constante entre o indivíduo com a sociedade que o rodeia, auxilia a criar e a moldar a sua noção de identidade. O processo de interação entre o *eu* e a *sociedade* contribui para ligar o mundo pessoal e o mundo público/social. Embora o contexto cultural e social seja um fator que dá forma à identidade pessoal, a escolha individual é central (Giddens, 2001). No seguimento, a identidade pode ser estruturada com base na experiência social e, deste modo, existe a ideia de que há na sociedade uma identidade pré-definida para as pessoas com deficiência. Da mesma forma, o *eu* desempenha um papel significativo na formação da identidade. No entanto, torna-se importante compreender aquilo que permite libertar as pessoas com deficiência de identidades aparentemente imutáveis aplicadas ao longo do tempo por regimes baseados em preconceitos culturais e sociais (Murugami, 2009). A premissa deste trabalho foi assumir que as pessoas com deficiência são agentes ativos na construção da sua identidade, independentemente do tipo de incapacidade que possam ter e onde esta constitui, a par da deficiência entendida enquanto forma de opressão social, um dos elementos estruturantes do sentido de ser quem são, do seu *eu*. O *eu* é aqui entendido como uma propriedade humana universal, algo que todos possuímos e uma característica que devemos desenvolver (Murugami, 2009). Como seres humanos, temos a capacidade de escolher a nossa identidade e ignorar ou mesmo rejeitar as identidades que nos são impostas em resultado das características que nos são atribuídas. Através desta abordagem, os problemas associados a identidades pré-estabelecidas, incluindo a homogeneização de pessoas com deficiência num grupo singular e a atribuição de uma identidade única, podem ser evitados (Murugami, 2009). Relacionando os pressupostos enunciados acima com o projeto “A Meu Ver”, conseguimos perceber através da caracterização do grupo de participantes, da análise das entrevistas, da análise dos *focus group* realizados e da observação participante que, as pessoas participantes têm ambições e perspetivas bastante diferentes da realidade. Estes/as participantes têm circunstâncias sociais e culturais diferenciadas: residem em ambientes urbanos e rurais, têm uma relação diferente com a sua incapacidade, apresentam níveis de escolaridade diferentes. No fundo, cada um tem a sua própria identidade construída consoante as suas vivências e experiência de vida. A participação no “A Meu Ver” veio realçar estes aspetos, no sentido em que

os/as participantes acabaram por conseguir através da prática teatral, evidenciar as suas capacidades e potencialidades, ao mesmo tempo que conseguiram tornar público o reconhecimento e valorização das pessoas com deficiência. Para isso contribuiu também a própria construção do guião da peça apresentada, ao incluir aspetos biográficos dos/as participantes. Como já referido e evidenciado anteriormente, o guião foi elaborado de acordo com as características pessoais de cada pessoa, preservando a sua forma de ser. Este facto, acaba por romper com a ideia de homogeneização das pessoas com deficiência e de atribuição de uma identidade única às mesmas.

Revisitando a questão de partida desta investigação: *de que forma a prática teatral contribui para a construção identitária das pessoas com deficiência visual participantes no projeto “A Meu Ver”?*, importa realçar que o nosso sentido de identidade se encontra em constante evolução e que nos redefinimos constantemente. Adicionalmente, quando uma pessoa com deficiência se vê em primeiro lugar como pessoa e vê a incapacidade como uma característica da sua corporalidade, acaba por perceber que todos os seres humanos apresentam características que desvalorizam a sua personalidade, e que isto é normal para todas as pessoas (Murugami, 2009). A sociedade necessita de reconhecer a fronteira existente entre ter uma incapacidade e o “ser capaz”. O projeto “A Meu Ver”, ao ser implementado junto de pessoas com deficiência visual no primeiro ano e, no segundo ano, ao incluir pessoas com deficiência e sem deficiência, vem contribuir para a desconstrução desta ideia de que a incapacidade gera ausência de capacidades a vários níveis. Prova disso foi a apresentação da peça de teatro. A incapacidade deve ser vista como parte da diversidade humana e não como uma forma de separação entre pessoas ou, como uma característica que diminui a humanidade de cada um. As pessoas com deficiência não precisam de viver em negação da sua incapacidade. Na verdade, o melhor é legitimá-la como parte da vida, mas não como o seu principal foco, isto leva a uma visão despolitizada da questão, para uma pessoa com deficiência ativista e defensora dos seus direitos, este é um aspeto essencial e definidor da sua vida. Como pudemos observar nas entrevistas realizadas, com a participação no “A Meu Ver” a incapacidade parece ter sido interiorizada como uma característica pessoal e como parte da vida de cada um/uma.

No projeto “A Meu ver”, existiram relatos nas entrevistas realizadas que permitiram avaliar a forma como cada participante se vê, como pessoa e como pessoa com deficiência visual. Alguns desses relatos trazem para reflexão a necessidade de mostrar à sociedade que as pessoas com deficiência visual têm potencialidades e que conseguem fazer coisas, neste caso, representar. Ou seja, ainda existe a proliferação da ideia de que as pessoas com deficiência são incapazes e as mesmas, por assimilarem também essas ideias, acabam por se sentir na “obrigação” de demonstrarem que essas ideias estão erradas. Como podemos observar no relato abaixo:

Sim, de certa forma sim.” [E porquê?] “Para estar envolvida em alguma coisa, para me sentir útil. Se calhar para provar alguma coisa, para mostrar aos outros que temos capacidade, que conseguimos fazer as coisas.” (Entrevistado/a 6 - Momento 2).

Outro aspeto importante de realçar em termos de construção da identidade está relacionado com o medo, o receio, do que as pessoas sem deficiência pensam ao ver uma pessoa com deficiência. O facto de haver poucas ou nenhuma possibilidades das pessoas com deficiência se relacionarem em contextos sociais com outras pessoas, gera uma sensação de estranheza relativa à sua presença social. No caso do “A Meu Ver”, as pessoas com deficiência visual acabam por não ter a perceção da reação das pessoas que vêem e, este facto, pode provocar grandes impactos na autoestima, na forma de reagir socialmente e mesmo, levar ao isolamento social. Retomando o pensamento de Jenkins (2008), o processo de identificação do “outro” e o tipo de comportamento podem estar ligados. Isto é, identificar alguém pode ser suficiente para decidir como tratar esse alguém. No caso do projeto “A Meu Ver” foi possível para uma das pessoas participantes, através deste processo de formação teatral, conseguir libertar-se e, de certa forma, desapegar-se mais dos seus medos ao nível da comunicação com os outros, e da expressão dos seus sentimentos. Conseguimos verificar isso no testemunho abaixo:

“Mais liberta a nível de exprimir aquilo que sinto e que penso. Não ter medo, não ter tanto ... não criar tantos filtros a dizer essas coisas - dizê-las mais espontaneamente, mais naturalmente. Sinto-me também mais adulta por dentro. (...) Também é uma forma, não digo de passar tempo, mas de ocupar o meu tempo, porque é uma coisa séria e não é uma brincadeira. (...)” (Entrevistado/a 5 - Momento 1).

Através da participação no projeto “A Meu Ver”, uma das pessoas participantes referiu em entrevista que, como foi perdendo a visão gradualmente,

sempre foi um pouco resistente em relação à utilização de produtos de apoio, nomeadamente, a bengala para mobilidade. O facto de ter de sair de casa mais vezes (dado que esta pessoa passava a maior parte dos dias em casa) por conta da participação no projeto “A Meu Ver”, potenciou a utilização deste produto de apoio e, por consequência, este facto acabou por auxiliar na afirmação da sua identidade enquanto pessoa com deficiência visual.

“A grande diferença, agora lembrando e voltando um bocadinho atrás, é esta: eu tenho baixa visão, a minha visão tem vindo a diminuir gradualmente, e uma das coisas que este projeto me tem facilitado, ou que me facilitou, foi na questão de usar a bengala. Porque eu tinha e ainda tenho alguma relutância em usá-la. E permitiu-me ter de a usar mais vezes e de uma forma mais consistente. Portanto, aceitar também a minha limitação em termos visuais tem sido determinante nesse aspeto. Eu diria, essa tem sido a grande mudança mesmo.” (Entrevistado/a 10 - Momento 2).

Coloca-se ainda a questão da forma como estes participantes perspetivam a pertença a um grupo constituído por pessoas com deficiência visual e qual a influência desta pertença na identidade destas pessoas. Através da análise das entrevistas foi possível perceber que a maioria dos/as participantes gostariam de pertencer a um grupo constituído por pessoas com deficiência e por pessoas sem deficiência. Esta percepção justifica-se porque, o entendimento dos participantes é que o público foi assistir ao espetáculo porque se tratava de um espetáculo representado por pessoas cegas ou com baixa visão. Ou seja, a percepção dos/as participantes é que se acabou por dar mais ênfase à deficiência do que propriamente às potencialidades das pessoas com deficiência visual. Este aspeto por si só já revela a criação de uma consciência política das pessoas participantes face à sua condição e à forma como a sociedade as percebe:

[E como é que se sentiu ao participar num espetáculo em que atores e atrizes eram apenas pessoas com deficiência visual?]
“Pois, nesse aspeto, eu preferiria que houvesse pessoas também sem problemas de visão para não haver um sublinhar desse tipo de problema. A dada altura, parece que estamos a ter um tratamento especial, no sentido de “estão aqui porque têm isto”. E eu preferiria que estivéssemos ali porque estamos interessados, não pelas nossas características. As nossas qualidades, isso ainda não tínhamos - lá está, para muitos era a primeira vez. Mas estávamos ali porque queríamos estar e não só porque temos um problema visual. Eu prefiro que futuramente a gente esteja ali porque vale, porque sabe fazer, porque se interessam por nós; e não porque estão cá porque têm um problema visual.” (Entrevistado/a 2 - Momento 2).

Face ao enunciado acima, no segundo ano de implementação do projeto “A Meu Ver” (2022/23) e tendo em conta os seus objetivos, o grupo de participantes já é constituído por pessoas com deficiência e sem deficiência. Este aspeto vem, de certa forma, proporcionar uma visão diferente ao público, acabando por despertar uma curiosidade no espetáculo e nos processos de criação artística em si e não num espetáculo realizado por pessoas cegas ou com baixa visão.

Por último, podemos ainda referir que as aprendizagens retiradas da participação no projeto permitiram a algumas pessoas participantes superar alguns medos e anseios pessoais. Estas mudanças acabaram por gerar uma alteração na identidade das pessoas participantes, dado que estão relacionadas com o processo de desenvolvimento pessoal que permite a formulação da noção que temos de nós próprios e do nosso relacionamento com a sociedade. A participação no “A Meu Ver” acabou por trazer novos desafios à vida destas pessoas, novas formas de encarar a cegueira, uma forma de manter a relação entre pares e de se sentirem envolvidas no projeto.

[Como é que avalia ou caracteriza a importância dessas aprendizagens para a sua vida? Já referiu que em termos pessoais houve aí uma motivação pessoal em si. Para além disso, houve aqui outras questões? Acha que essas aprendizagens foram importantes na sua vida?] *“Sim, sim, sim, foi um bocadinho também a tentar enfrentar a sociedade da forma como ela está. Aliviar um bocadinho os medos que ainda se sentem, que ainda estão presentes - quer pessoais, quer mesmo a nível social, a nível da sociedade, as coisas externas da pandemia que ainda está a dificultar as coisas. E agora, ainda por cima, este cenário de guerra na Europa, na Ucrânia também. Isso tudo acabou por absorver-nos, absorver-me a mim no caso, estou a falar de mim. Acho que foi muito benéfico a gente ocupar-se assim com coisas diferentes para não estar só a digerir o que é negativo. Tanto a nível pessoal, como a nível de sociedade.”* **[A questão dos medos eram medos no sentido do vírus que estava a dizer ou, outro tipo de medos pessoais?]** *“No fundo é dos dois. Porque o meu medo pessoal também me tem paralisado bastante.”* **[E qual é que é esse medo?]** *“A falta de projetos, de estar envolvida, que vai alimentando mais aquela situação de incapacidade ou de não estar disponível para aceitar projetos ou para trabalhar. E portanto, aí tem um papel positivo. (...) Mas é bom haver estes projetos e termos consciência que as coisas existem, mas que a vida continua e, portanto, acho que é positivo.”* (Entrevistado/a 3 - Momento 2).

Em forma de conclusão deste subponto podemos afirmar que, através das artes e da cultura, em particular, da prática teatral, as pessoas participantes no projeto “A Meu Ver”, acabaram por desenvolver, criar e assumir a sua identidade enquanto pessoas com deficiência visual. Conseguimos retirar esta conclusão se olharmos para o “A Meu Ver” como um processo, ou seja, desde o início das

aulas de expressão dramática, onde foi referido pelas pessoas participantes o desconhecimento total do que iria acontecer, até à exibição pública da peça de teatro “O que é Invisível”. Todo este processo acabou por ser essencial na construção da identidade destas pessoas. Em primeiro lugar, por tomarem a iniciativa de aceitar participar no projeto em busca de novas aprendizagens e socialização/convívio entre pares e/ou pela sua identificação com a prática teatral. Em segundo, por saberem que este projeto foi pensado para pessoas com deficiência visual e, desde logo, este facto acabou por gerar um conforto entre os participantes pela partilha da mesma condição - identificação com o grupo. Em terceiro lugar, por mostrarem através da prática teatral as suas potencialidades enquanto pessoas com deficiência, afirmando publicamente, através da peça de teatro, as suas limitações e capacidades.

As questões do acesso à cultura e da participação cultural e artística das pessoas com deficiência são fundamentais na salvaguarda da dignidade humana. Muitas vezes, o não acesso à cultura por parte das pessoas com deficiência acaba por deixar de ser questionado na sociedade. Estes direitos acabam por ser vistos como privilégios e, portanto, estas pessoas não recebem o devido reconhecimento. A deficiência é tanto uma questão de direitos humanos como uma questão social. Torna-se vital que a aceitação da deficiência tenha como objetivo o reconhecimento das capacidades e limitações das pessoas, bem como, que as pessoas com deficiência assimilem uma afirmação positiva da sua condição, reconhecendo as suas potencialidades e limites. Afirmar-se como pessoa com deficiência perante a sociedade não é um processo fácil para a maioria das pessoas assim entendidas. Neste sentido, é essencial a criação de espaços de visibilidade das pessoas com deficiência como cidadãos e indivíduos de plenos direitos, como qualquer outra pessoa. As artes performativas, neste caso o teatro, acabou por se tornar numa estratégia para essa afirmação da deficiência.

Reflexões Finais e Desafios Futuros

As pessoas com deficiência têm direito a usufruir dos direitos culturais como qualquer outra pessoa. O facto das pessoas com deficiência desenvolverem uma identidade própria e um autoconceito positivo, confere-lhes poder na luta pelos seus direitos e uma clara compreensão de quem são, primeiro como pessoas e depois como membros de um grupo de pessoas em circunstâncias semelhantes (Murugami, 2009). O projeto “A Meu Ver”, acabou por introduzir estas questões nos/nas participantes por promover a participação cultural e artística destas pessoas, a afirmação e normalização da sua incapacidade perante a sociedade, bem como, a demonstração do valor e do potencial que as pessoas com deficiência visual têm no mundo artístico, em particular, através da prática teatral. O facto de se identificarem com um grupo de pessoas em condições semelhantes, também elas participantes no projeto, veio, de igual modo, contribuir para a construção da identidade enquanto pessoas com deficiência.

Este trabalho apresenta uma estrutura teórica inicial que pretendeu criar bases de aprofundamento científico para a realização desta investigação. Ao longo do texto fomos compreendendo a deficiência, as representações culturais da deficiência e das pessoas com deficiência, a identidade das pessoas com deficiência e o papel da “Disability Culture” neste processo. Foram igualmente tratados temas sobre a participação cultural e artística das pessoas com deficiência, bem como, o papel das “Disability Arts” e do “Disability Arts Movement” na afirmação positiva da deficiência. A arte, neste caso o teatro, é uma importante fonte de expressão para as pessoas com deficiência e, também, uma forma importante de as representar como pessoas de igual valor e potencial, comparativamente às pessoas sem deficiência. O trabalho desenvolvido pelo projeto “A Meu Ver”, em particular, o trabalho conjunto entre o Teatrão, a ACAPO, o Programa Partis e os/as participantes no projeto, pode vir a contribuir para uma mudança social ou, dito de outra forma, uma transformação das ideias pré-concebidas sobre a forma como a sociedade olha e pensa a deficiência.

Através do projeto “A Meu Ver”, lembrando que a análise aqui apresentada nos remete para o primeiro ano de implementação do mesmo, conseguimos aferir alguns impactos e mudanças produzidas na vida dos/as

participantes e nas questões identitárias destas pessoas. Num nível geral, podemos sintetizar que as principais mudanças que o projeto “A Meu Ver” gerou, estão relacionadas com: a integração social através da constituição de um grupo de pessoas com deficiência visual dedicado à prática teatral que permitiu estabelecer relações de amizade e socialização, combatendo o isolamento social já sentido por estas pessoas; a inclusão social de pessoas com deficiência visual num projeto de formação artística, evitando a sua exclusão do mundo das artes e da cultura; a efetivação do direito de participação cultural e artística das pessoas com deficiência visual através das oportunidades que lhes foram proporcionadas pelo Teatrão, nomeadamente, de participação artística e de acesso a peças de teatro com disponibilização do serviço de audiodescrição; a possibilidade de mostrar à sociedade que as pessoas com deficiência visual são pessoas com potencialidades e que a sua condição não as impede de praticar qualquer tipo de atividade artística. Em termos individuais e pessoais, ou seja, impacto direto na vida das pessoas participantes, podemos resumir estas alterações: na adaptação que algumas pessoas tiveram de fazer no meio de transporte público que utilizam, isto é, passaram por um processo de aprendizagem do trajeto de sua casa para o teatrão; através da formação teatral conseguiram adquirir e reforçar algumas das suas competências ao nível da escrita, concentração, memória e postura corporal, bem como, aumentaram os seus consumos de bens culturais e artísticos, saindo mais vezes de casa para ir ver espetáculos no Teatrão. Com o enunciado acima, acabamos por responder à questão acessória: *Qual o impacto da prática teatral na vida das pessoas com deficiência visual participantes no projeto “A meu ver”?* Resta-nos refletir e responder à questão principal que enquadra esta investigação, nomeadamente, *de que forma a prática teatral contribui para a construção identitária das pessoas com deficiência visual participantes no projeto “A meu ver”?*

Esta investigação permitiu a exploração das experiências vividas pelas pessoas participantes no projeto “A Meu Ver”. Acabou, também, por identificar os esforços por parte do Teatrão para se tornar uma entidade reativa em relação à participação cultural das pessoas com deficiência, através da elaboração e implementação do projeto “A Meu Ver”. Permitiu igualmente, descrever as “injustiças do passado” e a forma como as pessoas com deficiência continuam a

ser alvo de estereótipos e preconceitos por parte da sociedade e como as mesmas ainda sentem isso “na pele”. Embora as experiências de vida das pessoas participantes no projeto sejam diversas, e as suas incapacidades semelhantes, o contacto com o teatro promoveu a sua inclusão social e contribuiu para a construção da sua identidade enquanto pessoas com deficiência visual. Este estudo acaba por concluir que os/as participantes no projeto “A Meu Ver” beneficiam por serem incluídos na cultura, nas artes e, especificamente, no teatro. As pessoas com deficiência visual ficavam nas suas casas, com acesso limitado a recursos que permitiam a sua participação cultural, bem como, a escassez de momentos de socialização que permitiam o combate ao isolamento social. A nível pessoal, as pessoas necessitavam urgentemente de uma forma de integração social que permitisse o seu envolvimento na sociedade e, em particular, através da prática teatral. Neste caso, o projeto “A Meu Ver” veio proporcionar este aspeto. O estudo revela como as mudanças produzidas pelo projeto “A Meu Ver” são essenciais na criação de oportunidades que facilitam a efetivação de um direito - o direito de acesso e participação cultural. O teatro proporciona, assim, o desenvolvimento de competências pessoais essenciais para a construção e reconstrução da identidade, bem como, abre portas a um leque de oportunidades sociais para pessoas com deficiência visual. A prática teatral contribui para a construção identitária das pessoas com deficiência visual porque, em primeiro lugar, promove a visibilidade da deficiência visual e, através disso, as pessoas com este tipo de incapacidade estão a afirmar a sua condição perante a sociedade na tentativa de demonstrar que as suas capacidades são tão válidas como as demais pessoas, sem deficiência. Em segundo, o teatro proporciona um espaço de libertação pessoal e oferece uma perspetiva diferente da realidade, ou seja, através da representação, da criação de personagens, do entrelaçar de histórias, da criação artística, o teatro potencia os valores e capacidades das pessoas com deficiência visual, fazendo com que as mesmas se conheçam melhor a nível individual e social/grupal. Em terceiro lugar, o teatro praticado por um grupo constituído apenas por pessoas com deficiência visual desperta (nestas pessoas) o sentido de pertença a um grupo com o qual se identificam em termos do tipo de incapacidade mas, também noutras vertentes da vida pessoal, com quem podem socializar, partilhar e conviver. As pessoas participantes, ao participarem num

projeto do âmbito do “A Meu Ver” entram num processo de construção e reconstrução da sua identidade, onde descobrem aquilo que são capazes ou não de fazer; como reagem a determinada situação; como lidam ao trabalhar em grupo; como se vêem e como vêem a sua condição de pessoas com deficiência.

Para estudo foi utilizado um grande leque de técnicas de recolha de dados e, conseqüentemente, bastante informação pertinente que não foi possível tratar na totalidade, nem generalizar conclusões acerca de determinadas áreas. O grupo de participantes apresenta-se bastante heterogéneo, com opiniões distintas e com impactos na vida diferentes. Tratando-se de uma investigação de carácter qualitativo, o próprio conteúdo de análise está confinado às respostas dadas pelos/as entrevistados/as. Seria enriquecedor para esta investigação recolher dados junto dos familiares dos/as participantes, no sentido de perceber se a entrada no “A Meu Ver” trouxe algumas mudanças na forma como a própria família olha para a deficiência, neste caso, deficiência visual e conhecer a sua opinião sobre o acesso e participação cultural destas pessoas, bem como, as dificuldades sentidas nestes aspetos. Por outro lado, seria também pertinente recolher testemunhos junto do público que assistiu à peça “O que é Invisível” que não mantém relação de proximidade com os/as participantes, no sentido de compreender qual o impacto do espetáculo nesse público, se existiu alguma mudança na forma como conceitualizam a deficiência, em particular, a deficiência visual. Contudo, tratando-se o “A Meu Ver” de um projeto com duração de 3 anos, onde existe a vertente de acompanhamento científico por parte do CES-UC, estes dados serão tidos em conta pelos/as investigadores/as para fins de aperfeiçoamento do conhecimento científico sobre este projeto em particular e, também, sobre outros deste tipo, avaliando o impacto que os mesmos tem na vida das pessoas com deficiência. Os projetos de formação artística pelas artes dirigido a pessoas com deficiência, são uma mais-valia na vida destas pessoas pelo já referido acima, mas, sobretudo por serem projetos pensados à luz da conceção de deficiência que o modelo social propõe. Só a partir deste modelo podemos pensar em mudança, em consciência coletiva e, na anulação da ideia de que a deficiência se relaciona com as funcionalidades de um corpo. O “A Meu Ver”, mais do que um projeto de inclusão pelas artes, de contribuir para o acesso e participação cultural das pessoas com deficiência, é

um projeto bastante ambicioso que poderá provocar impactos positivos a longo prazo, nomeadamente, através da disponibilização de sessões de expressão dramática onde são incluídas pessoas com deficiência, sem exclusão entre grupos. Ou seja, a manutenção da oportunidade de criação e de participação cultural e artística aberta a vários públicos independentemente da sua condição e, até, a profissionalização das pessoas com deficiência através das artes. Este pressuposto leva-nos a questionar qual o impacto que esta mudança - juntar pessoas com deficiência e pessoas sem deficiência no mesmo grupo - pode ter na identidade das pessoas com deficiência visual. Parece-nos que, para as pessoas com deficiência não se sentirem excluídas, é necessário o contacto em proximidade com outras pessoas sem deficiência. Isto é, ao criar um grupo apenas de pessoas com deficiência poderá gerar um pensamento de exclusão social, no entanto, ao juntar pessoas sem deficiência e com deficiência no mesmo grupo, falamos de integração. Esta integração permitirá que as pessoas com deficiência sintam que são tão capazes quanto uma pessoa sem deficiência e este facto leva a um desenvolvimento da sua identidade. Todavia, este desafio futuro só será possível com a continuação do projeto após a conclusão dos três anos estabelecidos em candidatura. Além disso, a reformulação do projeto e o repensar do seu desenvolvimento torna-se uma possibilidade ampliar o raio de ação do Teatrão a outras entidades promotoras da cultura da região de Coimbra, como o Teatro Gil Vicente, por exemplo. Tendo em conta a forma e a estrutura como o projeto “A Meu Ver” está construído esta ambição não aparenta estar longe, desde que existam meios de financiamento para a sua manutenção. Neste aspeto, o município de Coimbra poderá ter um papel fundamental em não deixar cair um projeto deste calibre, que abre as portas da cultura e da participação na cultura a pessoas que são excluídas da mesma por diversos motivos, neste caso, por terem uma deficiência. O projeto “A Meu Ver”, ao ser repensado e replicado, poderá trazer mais acessibilidades culturais à cidade de Coimbra para pessoas com deficiência, assim como poderá ser um exemplo a seguir para outras regiões do país. A sociedade será forte, útil e coesa quando reconhecer e valorizar todas as pessoas independentemente das suas características, desempenhando projetos de formação e integração artística, como o “A Meu Ver”, um papel importante na criação de uma imagem positiva da deficiência.

Bibliografia

Acesso Cultura (2020). *A participação cultural de pessoas com deficiência ou incapacidade. Como criar um plano de acessibilidade*. Câmara Municipal de Lisboa. Disponível em: <https://acessocultura.org/manual-plano-acessibilidade/>

Alves, D. R. & Castilhos, D. S. (2021). *Orientações legislativas para a cultura em Portugal*. In Gama, M. & Costa, P. R. (Eds.), *Políticas Culturais Municipais: Análise de Documentos Estruturantes em Torno da Cultura*. Disponível em: <https://www.cecs.uminho.pt/>

Anders, A. (2013). *Foucault and "the right to life": From technologies of normalization to societies of control*. *Disability Studies Quarterly*, 33(3), 1-20.

Austin, S., & Brophy, C. (2015). *The Creative Case for Inclusive Arts Practices*. Literature Review. Arts Access Victoria. Disponível em: <https://www.artsaccess.com.au/wp-content/uploads/2020/06/Beyond-Access-Literature-Review-website-compressed.pdf>

Baptista, B., Mendes, T. T., & Machado, F. L. (2021). *Sociologia da cultura em Portugal: génese e consolidação de uma especialidade sociológica*. *Sociologia da cultura em Portugal: génese e consolidação de uma especialidade sociológica*, (27), 31-52.

Barbosa-Fohrmann, A. P. (2016). *Os modelos médico e social de deficiência a partir dos significados de segregação e inclusão nos discursos de Michel Foucault e de Martha Nussbaum*. *Rei-Revista Estudos Institucionais*, 2(2), 736-755.

Barnes, C. & Mercer, G. (2010). *Culture, the Media and Identity*. In *Exploring Disability*. Oxford, United Kingdom: Polity Press (pp. 185-212).

Barnes, C. (2012). *Understanding the social model of disability. Past, present and future* (pp. 12-29). *Routledge Handbook of Disability Studies*. Abingdon: Routledge.

Barnes, C., & Mercer, G. (2001). *Disability culture*. *Handbook of disability studies*, 515-534.

Barnes, C., Mercer, G., & Shakespeare, T. (2000). *Exploring disability: A sociological introduction*. Cambridge, UK: Polity Press.

Barnes, C., Oliver, M. & Barton, L. (2002). *Disability Studies Today*. USA: Polity Press.

Bellerín, M. M., & Ramos, N. C. (2021). *Citizen Art and Human Rights: Collective Theatre Creation as a Way of Combatting Exclusion*. 9(4), 1–10.

Boeltzig, H., Hasnain, R., & Sulewski, J. S. (2008). *Effective Career Development Strategies for Young Artists with Disabilities*. The Institute Brief. Issue Number 24. Institute for Community Inclusion.

Burke, P. J. (2004). *Identities and social structure: The 2003 Cooley-Mead award address*. *Social Psychology Quarterly*, 67, 5–15. doi:10.1177/019027250406700103

Cameron, C. (2011). *Disability arts: From the social model to the affirmative model*. *Parallel Lines*, 1(1).

Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (2004). Direção Geral de Saúde: Lisboa.

Comissão Europeia (2010). *Estratégia Europeia para a Deficiência 2010-2020: Compromisso renovado a favor de uma Europa sem barreiras*. Comunicação da comissão ao parlamento europeu, ao conselho, ao comité económico e social europeu e ao comité das regiões. Bruxelas. Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:52010DC0636&from=EN>

Comissão Europeia (2021). *União da Igualdade: Estratégia sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência 2021-2030*. Comunicação da comissão ao parlamento europeu, ao conselho, ao comité económico e social europeu e ao comité das regiões. Bruxelas. Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:52021DC0101&from=PT>

Couser, G. T. (2005). *Disability as diversity: A difference with a difference*. *Ilha do Desterro. A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies*, (48), 095-113.

Couser, G. T. (2005). *Disability, life narrative, and representation*. *Pmla*, 120(2), 602-606. DOI: <https://doi.org/10.1632/S0030812900167975>

Darling, R. B. (2003). *Toward a model of changing disability identities: A proposed typology and research agenda*. *Disability and Society*, 18(7), 881-895.

Davis, Lennard and Drazen, Carlos Clarke (2011). *Disability Studies and Cultural Studies*. In: Keith Booker (ed.), *The Encyclopedia of Literary and Cultural Theory*. Cultural Theory. Vol. 3. Sussex: Blackwell, 1014-1022.

Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948). Disponível em: <https://dre.pt/dre/geral/legislacao-relevante/declaracao-universal-direitos-humanos>

Dedieu, C., Carvalho, C. P., Negrier, E., Dupin-Meynard, F., Duxbury, N., Abreu, P., Silva S. (2021). *Report on the emergence of values in cultural participation and engagement. The UNCHARTED project received funding under the Horizon 2020, Programme of the European Union*. Disponível em: <https://uncharted-culture.eu/research-fields/wp2-identifying-the-emergence-of-values-of-culture>

Díaz, F., Bordas, M., Galvão, N., & Miranda, T. (Eds.). (2009). *Educação inclusiva, deficiência e contexto social: questões contemporâneas*. EDUFBA.

Diniz, D., Barbosa, L. e dos Santos, W. R. (2009). *Deficiência, Direitos Humanos e Justiça*. Revista Internacional de Direitos Humanos, Vol. 6, 11, pp. 65-77.

Estratégia de Promoção da Acessibilidade e Inclusão nos Museus, Monumentos e Palácios (EPAI) 2021-2025 (2021). Direção-Geral do Património Cultural e das Direções Regionais de Cultura. Disponível em: <https://www.patrimoniocultural.gov.pt/en/news/presentations/estrategia-de-promocao-da-acessibilidade-e-inclusao-nos-museus-monumentos-e-palacios-2021-2025-epai/>

Finkelstein, V. (2004). *Representing disability*. Disabling barriers-enabling environments, 13-20.

Fiske, J. (1995). *Understanding Popular Culture*. Routledge: London.

Fontes, F. (2009). *Pessoas com deficiência e políticas sociais em Portugal: da caridade à cidadania social*. Revista Crítica de Ciências Sociais, (86), 73-93.

Fontes, F. (2016). *Pessoas com deficiência em Portugal*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Fontes, F. (2019). *Framing Disability in Portugal: Historical Processes and Hegemonic Narratives*. In Martins, P. R., Semedo, A. L. & Camacho, C. F. (Coord.), *Representing Disability in Museums. Imaginary and Identities* (pp. 99-118). Porto: Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória.

Fundação Gestão dos Direitos dos Artistas (2021). *Arte sem barreiras. Programa de apoio à integração Profissional de Artistas com Deficiência*. Disponível em: <https://www.fundacaogda.pt/wp-content/uploads/2021/01/Regulamento-Arte-Sem-Barreiras-2021.pdf>

Gama, M. C. L. A. (2021). *E se começarmos por cumprir a Constituição da República Portuguesa?*. In Gama, M. & Costa, P. R. (Eds.), *Políticas Culturais Municipais: Análise de Documentos Estruturantes em Torno da Cultura*. Disponível em: <https://www.cecs.uminho.pt/>

Gardou, C. (2011). *Pensar a deficiência numa perspetiva inclusiva*. Revista Lusófona de Educação, (19), 13-23.

Ghiglione, Rodolphe; Matalon, Benjamin (1992). *O inquérito: teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.

Gibbs, Dave (2004). *Social Model Services: An Oxymoron?*. In Colin Barnes e Geof Mercer (orgs.), *Disability Policy and Practice: Applying the Social Model*. Leeds: Disability Press (pp. 144-159).

Giddens, Anthony (2001). *Sociologia* (6^o ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. (6^o ed.). Editora Atlas SA.

Grue, J. (2015). *The problem of the supercrip*. Disability research today: International perspectives, (204-218).

Gürgens Gjaerum, R., Ineland, J., & Sauer, L. (2010). *The story about theater organizations, the public's approval, and the actors identity formation in Nordic disability theater*. Journal of Social Work in Disability & Rehabilitation, 9(4), 254-273.

Haegele, J. A., & Hodge, S. (2016). *Disability discourse: Overview and critiques of the medical and social models*. Quest, 68(2), 193-206.

Hall, C., & Thomson, P. (2007). *Creative partnerships? Cultural policy and inclusive arts practice in one primary school*. British educational research journal, 33(3), 315-329.

Hopson, J. (2019). *Disability as Culture*. Multicultural Education, 27(1), 22-24.

Initial Report of Portugal on the implementation of the Convention on the Rights of Persons with Disabilities (2012). Disponível em: <https://www.inr.pt/documents/11309/44742/Relat%C3%B3rio+inicial+de+Portugal+sobre+a+implementa%C3%A7%C3%A3o+da+Conven%C3%A7%C3%A3o/6fc3af38-a5cf-49a1-a21b-c9e472d55cab>

Instituto Nacional de Estatística (INE) (2021). *Estatísticas da Cultura - 2020. População e Sociedade. Cultura, desporto e lazer*. Disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=436993273&PUBLICACOESmodo=2

Instituto Nacional para a Reabilitação (INR). Disponível em: <https://www.inr.pt/inicio>

Jenkins, R. (2008). *Social identity* (3rd ed.). London: Routledge.

Lara, A. M. D. B., & Molina, A. A. (2011). *Pesquisa Qualitativa: apontamentos, conceitos e tipologias*. Metodologia e técnicas de pesquisa nas áreas de ciências humanas. Maringá: Eduem, 1, 121-172.

Malhotra, R., & Rowe, M. (2013). *Exploring disability identity and disability rights through narratives: Finding a voice of their own*. Routledge.

Manzini, E. J. (2019). *Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros*. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Doctes/EduardoManzini/Manzini2004entrevistasemi-estruturada>

Marconi, M. D. A., & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. atlas.

Martins, B. D. G. D. S. (2005). *A angústia da transgressão corporal: a deficiência assim pensada*. Oficina do CES, 237, 1-14.

Martins, B. S. (2015). *A reinvenção da deficiência: novas metáforas na natureza dos corpos*. Fractal: Revista de Psicologia, 27, 264-271.

Martins, B. S., Fontes, F., Hespanha, P., & Berg, A. (2016). *Deficiência, conhecimento e transformação social*. Deficiência e emancipação social: para uma crise da normalidade, 39-59.

Martins, P. R. (2013). *A inclusão social tem influência nas práticas museais? O acesso dos públicos com deficiência*. MIDAS. Museus e estudos interdisciplinares, (2). Disponível em: <http://journals.openedition.org/midas/246>

Matarasso, F. (2019). *Prefácio*. In Arte e Esperança Percursos da Iniciativa PARTIS 2014-2018, Fundação Calouste Gulbenkian, 9-11.

Matarasso, F. (2019). *Uma Arte Irrequieta*. Fundação Calouste Gulbenkian.

Menezes, V. M. (2014). *Identidade e processos de identificação: um apanhado teórico*. Revista Intratextos, 6(1), 68-81. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intratextos/article/viewFile/7106/13992>

Mengistu, L. (1994). *Psychological Classification of Students With and Without Handicaps*. M.ED Thesis, Jyvaskylan University, Norway.

Moscovici, S. (1988). *Notes towards a Description of Social Representations*. European Journal of Social Psychology, 18, 211-250.

Muñoz-Bellerín, M., & Cordero-Ramos, N. (2020). *The role of applied theatre in social work: Creative interventions with homeless individuals*. The British Journal of Social Work, 50(5), 1611–1629.

Murugami, M. W. (2009). *Disability and identity*. Disability studies quarterly, 29(4). Disponível em: <https://dsq-sds.org/article/view/979/1173>

Nichols, B. (2006). *Artist Employment, 2005*. Office of Research and Analysis, National Endowment for the Arts.

Oliveira, C. L. (2008). *Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características*. Travessias, 2(3).

Oliveira, F. M. (2014). *Entre a estética e a inclusão: corpo , performance e deficiência*. Revista Do Programa de Pós-Graduação em Arte da UnB, V. 13, nº 2, 218–228.

Oliver, M. (1996). *Understanding disability. From Theory to Practice*. Macmillan Education: United States of America.

Oliver, M. (2017). *Defining impairment and disability*. Disability and equality law, 3.

Oliver, M. (2018). *Understanding disability: From theory to practice*. Macmillan International Higher Education.

Oliver, M., & Barnes, C. (2012). *The new politics of disablement*. Macmillan International Higher Education.

Oliver, M., & Barnes, C. (2013). *Disability studies, disabled people and the struggle for inclusion*. The Sociology of Disability and Inclusive Education: Routledge.

Oliver, Michael (1990), *The Politics of Disablement*. London: Macmillan. DOI: [10.1097/00004356-199106000-00012](https://doi.org/10.1097/00004356-199106000-00012)

ONU (2006). *Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência*. Disponível em: <https://www.ministeriopublico.pt/instrumento/convencao-sobre-os-direitos-das-pessoas-com-deficiencia>

Pasikowska-Schnass, M. (2019). *Access to cultural life for people with disabilities*, EPRS: European Parliamentary Research Service. Disponível em: <https://policycommons.net/artifacts/1337493/access-to-cultural-life-for-people-with-disabilities/1945389/>

Pereira, O., Monteiro, I., & Pereira, A. L. (2012). *A visibilidade da deficiência—Uma revisão sobre as Representações Sociais das Pessoas com Deficiência e Atletas Paralímpicos nos media impressos*. Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 22.

Wanneberg, P. L. (2014). *Disability, Riding, and Identity: A Qualitative Study on the Influence of Riding on the Identity Construction of People with Disabilities*. International Journal of Disability, Development and Education, 61:1, 67-79, DOI: 10.1080/1034912X.2014.878543

Pinto, C. P., & Pinto, T. J. (2019). *Pessoas com Deficiência em Portugal: Indicadores de Direitos Humanos*. Observatório da Deficiência e Direitos Humanos. ISCSP – Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Disponível em: http://paisemrede.pt/wp-content/uploads/2020/02/Relatorio_ODDH-2019-1.pdf

Pinto, P. (2015). *Modelos de abordagem à deficiência: Que implicações para as políticas públicas*. Ciências e Políticas Públicas, 1(1), 174-200.

Pinto, P. C., & Pinto, T. J. (2019). *Pessoas com deficiência em Portugal*. Observatório Da Deficiência e Direitos Humanos.

Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Gradiva. Lisboa.

Reimão, C. (1996). *A Cultura enquanto suporte de identidade, de tradição e de memória*.

Ribeiro, O. M., & Aguirre, S. (2021). *Cultural perspectives of disability in Portugal*. *Revista de Letras*, 1(1), 29-62.

Ribeiro, R. D. S. (2018). *O Debate de Cultura na Obra de Antonio Gramsci e a Importância da Categoria no Debate Acadêmico do Serviço Social*. *Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social*, 16(1).

Riddell, S., & Watson, N. (2003). *Disability, culture and identity: Introduction*. *Disability, culture and identity*, 1-18.

Rodrigues, D. (org.) (2006). *Dez ideias mal feitas sobre a Educação Inclusiva*. *Inclusão e Educação: doze olhares sobre a Educação Inclusiva*, S. Paulo. Summus Editorial.

Rose, P., & Kiger, G. (1995). *Intergroup relations: Political action and identity in the deaf community*. *Disability & Society*, 10(4), 521-528.

Salvado, A. M. (2012). *A deficiência na sociologia portuguesa: investigação e contextos institucionais*. Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, Instituto Universitário de Lisboa, e-Working Paper N.º 126/2012.

Sampaio, R. F., & Luz, M. T. (2009). *Funcionalidade e incapacidade humana: explorando o escopo da classificação internacional da Organização Mundial da Saúde*. *Cadernos de Saúde Pública*, 25(3), 475-483.

Santos, A. C. S. (2014). *Inserção socioprofissional e empregabilidade da pessoa com deficiência: contributos das ofertas de formação* (Doctoral dissertation, FEUC).

Saragoça, M.J. & Candeias, A. A., (2019). *Da incapacidade à inclusão – O percurso concetual à luz da Legislação educativa portuguesa*. In, A. A. Candeias, (Coord.). *Desenvolvimento ao longo da vida: Aprendizagem, Bem-estar e Inclusão* (Cap. 13, pp. 226-243). Évora: Universidade de Évora.

Saxton, M. (2006). *Disability rights and selective abortion*. *The disability studies reader*, 2, 105-116.

Silva, I. S., Veloso, A. L., & Keating, J. B. (2014). *Focus group: Considerações teóricas e metodológicas*. *Revista Lusófona de Educação*, (26), 175-189.

Sulewski, J. S., Boeltzig, H., & Hasnain, R. (2012). *Art and disability: Intersecting identities among young artists with disabilities*. *Disability Studies Quarterly*, 32(1).

Swain, J., Thomas, C., Barnes, C., & French, S. (2004). *Disabling Barriers - Enabling Environments* (2^oed.). London, Thousand Oaks, New Delhi: SAGE Publications.

Taylor, M. (2005). *Self-identity and the arts—Education of disabled young people*. *Disability & Society*, 20(7), 763-778.

Unit, P. M. S. S. (2005). *Improving the life chances of disabled people*. London: Cabinet Office, 74.

UPIAS (1976). *Fundamental Principles of Disability*. Londres: UPIAS.

Vasey, S. I. A. N. (2004). *Disability culture: The story so far*. *Disabling barriers-Enabling environments*, 106-110.

Vernon, A. & Swain, J. (2002). *Theorizing divisions and hierarchies: Towards a commonality or diversity*. *Disability studies today*, 77-97.

Watson, N. (2002). *Well, I know this is going to sound very strange to you, but I do not see myself as a disabled person*. *Disability and Society* 17, 5 (2002): 509-527.

World Health Organization. (2011). *World report on disability 2011*. World Health Organization.

Apêndices

Apêndice 1 – Convite para participação no estudo (Momento 1 e Momento 2)

Convite - Momento 1

Investigação no âmbito do Mestrado em Sociologia

Estimado/a Senhor/a,

Convido-o/a a participar num estudo no âmbito da minha dissertação de Mestrado em Sociologia, pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Este estudo tem como título “o potencial das práticas culturais e artísticas na identidade das pessoas cegas ou com baixa visão”, sendo o seu principal objetivo analisar o papel e o impacto da prática teatral na construção identitária das pessoas com deficiência visual.

Pretendo contribuir para um melhor conhecimento sobre este tema, sendo necessário para tal, incluir a participação dos/as elementos do projeto “A Meu Ver”.

Estou assim, a convidá-lo/a a participar neste estudo, partilhando em situação de entrevista parte da sua história de vida, as suas expectativas relativamente ao projeto “A Meu Ver” e a sua relação com a prática teatral.

No final da entrevista, os/as participantes serão convidado/as a preencher um questionário de caracterização sociodemográfica, onde serão recolhidas informações sobre a sua idade, naturalidade, freguesia, sexo, estado civil, qualificações académicas, fonte de rendimento, composição do seu agregado familiar e situação face ao emprego.

O preenchimento do questionário e entrevista têm uma duração total média de cerca de 1 hora.

A sua participação neste estudo é totalmente voluntária pelo que terá total liberdade para terminar a sua participação sem que tenha que justificar a sua decisão. A informação recolhida através da entrevista e do questionário será tratada de forma confidencial. A entrevista será gravada em áudio e transcrita posteriormente para ser analisada.

A sua identidade nunca será revelada em qualquer relatório ou publicação, a menos que tal lhe seja solicitado e por si autorizado por escrito.

Sinta-se à vontade para colocar qualquer questão ou dúvida sobre o questionário e/ou entrevista. Muito obrigado pela sua atenção,

Susete Margarido (Aluna de Mestrado em Sociologia da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra)

Convite - Momento 2

Investigação no âmbito do Mestrado em Sociologia

Estimado/a Senhor/a,

Convido-o/a a participar num estudo no âmbito da minha dissertação de Mestrado em Sociologia, pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Este estudo tem como título “o potencial das práticas culturais e artísticas na construção da identidade das pessoas cegas ou com baixa visão”, sendo o seu principal objetivo analisar o papel e o impacto da prática teatral na construção identitária das pessoas com deficiência visual.

Pretendo contribuir para um melhor conhecimento sobre este tema, sendo necessário para tal, incluir a participação dos/as elementos do projeto “A Meu Ver”.

Estou assim, a convidá-lo/a a participar neste estudo, partilhando em situação de entrevista as suas principais preocupações, dificuldades e desafios sentidos ao longo da sua participação no projeto “A Meu Ver”; a evolução das suas expectativas desde o início do projeto até ao momento atual; o seu nível de envolvimento na preparação do espetáculo “O que é invisível”; o seu grau de satisfação na participação no projeto “A Meu Ver” e no espetáculo “O que é invisível”; os impactos que a participação no projeto “A Meu Ver” tiveram na sua vida em geral e na participação cultural em particular e, finalmente, identificar as suas expectativas face ao envolvimento futuro no projeto “A Meu Ver”.

A entrevista tem uma duração total média de cerca de 1 hora.

A sua participação neste estudo é totalmente voluntária pelo que terá total liberdade para terminar a sua participação sem que tenha que justificar a sua decisão. A informação recolhida através da entrevista será tratada de forma confidencial. A entrevista será gravada em áudio e transcrita posteriormente para ser analisada.

A sua identidade nunca será revelada em qualquer relatório ou publicação, a menos que tal lhe seja solicitado e por si autorizado por escrito.

Sinta-se à vontade para colocar qualquer questão ou dúvida sobre a entrevista.

Muito obrigado pela sua atenção,

Susete Margarido (Aluna de Mestrado em Sociologia da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra)

Apêndice 2 - Consentimento Informado para realização de Entrevista Semiestruturada

Consentimento Informado - Entrevista Semi-estruturada

Momento 1 e Momento 2

Investigação no âmbito do Mestrado em Sociologia

(1) Aceito participar de livre vontade no estudo da autoria de Susete Margarido (aluna da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra), orientado pelo Doutor Fernando Fontes e pela Doutora Cláudia Pato de Carvalho, no âmbito da dissertação de Mestrado em Sociologia, com o principal objetivo de analisar o papel e o impacto da prática teatral na construção identitária das pessoas com deficiência visual.

(2) Eu confirmo que os objetivos desta entrevista me foram explicados, me foi dada oportunidade de colocar quaisquer questões e esclarecer quaisquer dúvidas sobre a mesma.

(3) Eu estou informado/a de que a minha participação neste estudo é totalmente voluntária pelo que poderei terminar esta entrevista a qualquer momento sem que tenha de dar qualquer justificação para a minha decisão e sem que daí advenham quaisquer consequências negativas.

(4) Eu fui informado/a de que a informação por mim fornecida será tratada de forma confidencial, será guardada e analisada de forma segura e será utilizada apenas para fins de investigação e divulgação científica.

(5) Eu fui informado/a de que a minha identidade nunca será revelada em qualquer relatório ou publicação, a menos que tal me seja solicitado e por mim autorizado por escrito.

(6) Eu fui informado/a de que poderei cessar a minha participação no estudo a qualquer momento, de que poderei aceder aos meus dados se assim o desejar, e de que poderei ainda solicitar a sua modificação ou eliminação.

(7) Eu autorizo a gravação áudio da minha entrevista para os fins científicos considerados convenientes, nomeadamente a transcrição e análise dos dados recolhidos e respectiva utilização em atividades de disseminação científica.

Tendo em conta o estipulado, aceita participar neste estudo?

Apêndice 3 – Questionário Sociodemográfico para os/as participantes do projeto “A Meu Ver”

Questionário Sociodemográfico para os/as participantes do projeto “A Meu Ver”

Data:___/___/_____

Nome:

Idade:_____ **Sexo:** ___Feminino ___Masculino **Naturalidade**

Qual é a sua Junta de Freguesia?

Agregado familiar (número de pessoas que vivem consigo, na mesma casa) _____

Com quem reside?

Cônjuge

Companheiro(a)

Filhos(as)

Pais

Irmãos(ãs)

Sozinho

Outros.

Quais? _____

Habilitações Literárias

Nenhum

Ensino básico 1º ciclo (4º ano)

Ensino básico 2º ciclo (6º ano)

Ensino básico 3º ciclo (9º ano)

Ensino secundário (12º ano)

Bacharelato

Licenciatura

Mestrado

Doutoramento

Estado civil

Solteiro(a)

Casado(a)

- Viúvo(a)
- Divorciado(a)
- União de facto

Situação atual face ao emprego

- Empregado(a)
- Desempregado(a)
- Reformado(a) por invalidez
- Reformado(a) por velhice/idade
- Estudante
- Frequenta formação profissional
- Outra, qual? _____

Caso esteja empregado/a. Qual a sua profissão?

Caso esteja reformado/a. Desenvolveu alguma atividade profissional?
Qual? _____

Caso esteja a estudar ou a frequentar formação. Pode por favor indicar o nome do curso/formação?

Caso esteja reformado(a). Gostaria de saber se deixou de exercer a sua atividade profissional devido à sua incapacidade? Sim Não

Com que idade se reformou? _____

Qual é atualmente a sua principal fonte de rendimento?

- Rendimento de trabalho por conta própria
- Rendimento de trabalho por conta de outrem
- Reforma por invalidez
- Reforma por velhice/idade
- Prestações sociais (subsídios)
- Bolsa de formação
- Bolsa de estudo
- Rendimento de investimentos
- Não tem rendimentos próprios
- Outro.

Qual? _____

Apêndice 4 - Guião de Entrevista Semiestruturada para participantes do projeto “A Meu Ver” (Momento 1)

Guião de Entrevista Semiestruturada para participantes do projeto “A Meu Ver” Momento 1

Tema: O potencial e o valor das práticas culturais e artísticas na construção da identidade das pessoas cegas ou com baixa visão.

Objetivos da entrevista:

1. Caracterizar os/as participantes do projeto “A Meu Ver”;
2. Identificar as expectativas dos/as participantes do projeto “A Meu Ver”;
3. Identificar as alterações produzidas pela prática teatral no dia-a-dia dos/as participantes do projeto “A Meu Ver”;
4. Descrever a relação dos/as participantes do projeto “A Meu Ver” com as práticas culturais e artísticas.

A - Legitimação da entrevista

Questões orientadoras:

Solicitação de consentimento para realização da entrevista.

Explicação dos objetivos e fundamentos da entrevista.

Informação sobre a investigação que está a ser realizada.

Garantir a confidencialidade dos dados recolhidos.

Solicitação de autorização para o registo áudio da entrevista.

Agradecimento pela colaboração.

B - Caracterização dos participantes do projeto “A Meu Ver”

1. Caracterização do/a entrevistado/a

Para começar, gostaria que me falasse um pouco de si e da sua vida.

1.1. É casado/a?

1.2. Tem filhos?

1.2.1. Se sim, quantos?

1.3. Com quem vive?

1.4. Podia descrever-me um dia habitual do seu dia-a-dia?

1.5. Que atividades costuma desenvolver/fazer para além do projeto “A Meu Ver”?

1.6. Que locais costuma frequentar (trabalho, café, parque, jardim, associação recreativa...)?

1.6.1. Costuma ir sozinho/a ou acompanhado/a?

1.6.2. Se costuma ir acompanhado, quem o acompanha?

1.7. Pedia-lhe agora que me falasse da sua incapacidade, que tipo de incapacidade é?

1.7.1. Qual a percentagem de incapacidade que lhe foi atribuída?

- 1.7.2. A sua incapacidade é congénita ou adquirida?
- 1.7.3. Se não é congénita, com que idade foi adquirida?
- 1.8. O/A [nome entrevistado/a] entrou no projeto “A Meu Ver” através da ACAPO, é sócio/a da associação?
- 1.9. Em que outro tipo de atividades organizadas pela ACAPO costuma participar?
- 1.10. Costuma utilizar algum serviço disponibilizado pela ACAPO?
 - 1.10.1. Se sim qual/quais?
 - 1.10.2. Se não, porque não utiliza?
- 1.11. No seu dia-a-dia, que meio de transporte costuma utilizar para as suas deslocações?
 - 1.11.1. Costuma ter alguma dificuldade na sua utilização?
 - 1.11.2. Se sim, que dificuldades costuma sentir?
 - 1.11.3. Como tem procurado resolver essas dificuldades ou que soluções encontrou?

C - Expectativas relativamente ao projeto “A Meu Ver”

2 - Expectativas

- 2.1. Como é que soube do projeto “A Meu Ver”?
 - 2.1.1. Lembra-se quando e em que situação?
- 2.2. Porque é que decidiu participar neste projeto?
- 2.3. O que o motivou a participar?
- 2.4. Como correu a sua entrada no projecto?
- 2.5. Que dificuldades sentiu até ao momento?
 - 2.5.1. Como as resolveu?
- 2.6. O que é que espera da sua participação neste projeto?
 - 2.6.1. Que expectativas tem?
- 2.7. Que mudanças é que espera que este projeto venha a produzir na sua vida?
- 2.8. Que mudanças é que o projeto já introduziu na sua vida (profissional, familiar, amizades, relacionamentos).
- 2.9. Alguma coisa mudou/está a mudar em si e/ou na sua vida depois de ter entrado no projeto “A Meu Ver”?
 - 2.9.1. Pode dar exemplos concretos?
- 2.10. Como é que as pessoas que lhe estão mais próximas reagiram?
 - 2.10.1. E que impacto é que teve no seu relacionamento com essas e/ou com outras pessoas?
- 2.11. Fale-nos um pouco da sua participação e envolvimento neste projeto.
 - 2.11.1. Como está envolvido?
 - 2.11.2. O que faz?
 - 2.11.3. O que sente?
 - 2.11.4. Como se desenvolvem as atividades?
- 2.12. Fale-nos um pouco da sua relação com os artistas do Teatrão e com os colegas.

2.13. Numa escala de 0 a 4, em que 0 significa nada satisfeito e 4 significa totalmente satisfeito, qual o seu nível atual de satisfação com o projeto “A Meu Ver”?

Perguntar depois:

2.14. O que é que, na sua opinião, deveria ser alterado ou está a falhar no desenvolvimento do projecto?

2.15. E o que, na sua opinião, está a funcionar particularmente bem?

2.16. O que poderia ser diferente?

2.17. O que mudaria?

3 - Relação com a prática teatral

3.1. Antes de participar neste projeto, já tinha participado anteriormente em alguma atividade artística ou cultural?

3.1.1. Se sim, qual?

3.2. Identifica-se com a prática teatral?

3.2.1. Porquê?

3.3. Na sua opinião quais são as vantagens de praticar uma atividade cultural e artística? 3.3.1 E as desvantagens?

3.4. Já conhecia o trabalho do Teatrão?

3.4.1. Se sim, o que é que conhecia?

3.5. Quer acrescentar alguma coisa que não foi questionada, mas que lhe pareça ser importante referir?

D - Agradecimento pela disponibilidade em conversar em situação de entrevista

Apêndice 5 - Guião de Entrevista Semiestruturada para participantes do projeto “A Meu Ver” (Momento 2)

Guião de Entrevista Semiestruturada para participantes do projeto “A Meu Ver” Momento 2

Tema: O potencial e o valor das práticas culturais e artísticas na construção da identidade das pessoas cegas ou com baixa visão.

Objetivos da entrevista:

1. Mapear as principais preocupações, dificuldades e desafios sentidos pelos/as entrevistados/as ao longo da sua participação no projeto “A Meu Ver” e eventuais estratégias de superação utilizadas;
2. Compreender a evolução das expectativas dos/as participantes no projeto “A Meu Ver”, desde o início do projeto até ao momento atual;
3. Avaliar o nível de envolvimento dos/as participantes do projeto “A Meu Ver” na preparação do espetáculo “O que é invisível”;
4. Avaliar a satisfação dos/as entrevistados/as com a sua participação no projeto “A Meu Ver” e no espetáculo “O que é invisível”;
5. Avaliar os impactos da participação no projeto “A Meu Ver” na vida em geral e na participação cultural, em particular, das/os participantes;
6. Identificar as expectativas das/os participantes face ao envolvimento futuro no projeto “A Meu Ver”.

A - Legitimação da entrevista

Questões orientadoras:

Solicitação de consentimento para realização da entrevista.

Explicação dos objetivos e fundamentos da entrevista.

Informação sobre a investigação que está a ser realizada.

Garantir a confidencialidade dos dados recolhidos.

Solicitação de autorização para o registo áudio da entrevista.

Agradecimento pela colaboração.

B – Envolvimento, aprendizagem e participação

1. Para iniciar, gostaria que me falasse um pouco sobre como se sente, neste preciso momento, após a sua participação no espetáculo “O que é invisível”.
2. Ao longo da sua participação no projeto “A Meu Ver”, incluindo os ensaios e os espetáculos, sentiu ou enfrentou alguma dificuldade e/ou obstáculo?

Se respondeu sim e se não abordou o assunto, questionar:

2.2. Que tipo de dificuldades e/ou obstáculos sentiu?

2.3. O que é que, na sua opinião, causou essas dificuldades e/ou obstáculos?

- 2.4. Que impacto é que isso teve na sua vida ou na sua participação?
- 2.5. Essas dificuldades foram resolvidas?
- 2.6. Como foram resolvidas?
- 2.7. Qual o papel da ACAPO e/ou de Teatrão nesse processo?

3. Gostaria agora que me falasse um pouco da sua experiência/participação no espetáculo 'O que é invisível',

- 3.1. O que mais e o que menos gostou? Porquê?

Questionar depois (caso o/a entrevistado/a não aborde o assunto) e de acordo com a resposta:

- 3.2.1 Se não, por que não? Em que aspetos/áreas não se sentiu envolvido/a? Manifestou esta sua opinião com a equipa do projeto? Se sim, qual a reacção/acolhimento? Se não, porque não o fez?

- 3.2.2. Se sim, de que forma?

4. Qual foi a reacção dos seus familiares, amigos e ou pessoas do público com quem tenha conversado ao espetáculo "O que é invisível?". Pode contar-nos alguns comentários que lhe tenham feito e como se sentiu com esses comentários?

5. A sua participação no projeto "A Meu Ver" permitiu-lhe aprender alguma coisa nova? 5.1. Se não, porque não?

- 5.2. Se sim, que tipo de aprendizagens? Quais foram essas aprendizagens?

Questionar depois (caso o/a entrevistado/a não aborde o assunto):

- 5.3. Como avalia e caracteriza a importância dessas aprendizagens para a sua vida?

C – Identidade, desenvolvimento pessoal e coletivo

6. A sua participação no projeto "A Meu Ver" correspondeu às suas expectativas iniciais?

Questionar depois:

- 6.1. Sim/Não, Porquê?
- 6.2. Que expectativas tinha e que foram respondidas/não foram respondidas?

7. O que é que mudou na sua vida com a entrada no projeto "A Meu Ver"? Em cada uma das abordagens referidas pelo/a entrevistado/a, tentar compreender se ocorreu alguma mudança, questionar se foi positiva, negativa e porquê.

Questionar depois (caso o/a entrevistado/a não aborde o assunto) (se sim, essa mudança foi positiva, negativa e porquê?):

- 7.1. Na sua situação profissional?
- 7.2. Na sua vida familiar?

- 7.3. Na sua vida afetiva/amorosa?
- 7.4. Nas suas relações de amizade?
- 7.5. No tipo de apoios ou nos serviços que utiliza (por exemplo, utilização de transportes públicos, comboio)?
- 7.6. No tipo de bens culturais consumidos/utilizados (museus, espetáculos, eventos, espaço público...)?

Caso o/a entrevistado/a tenha mencionado alterações e/ou mudanças, questionar:

7.7. Considera que estas alterações na sua vida decorrentes da sua participação no projeto “A Meu Ver” lhe trouxeram vantagens e/ou desvantagens?

8. Gostaria agora que me falasse um pouco da sua relação com os seus colegas e com os dinamizadores dos ensaios. Como avalia a relação estabelecida com os seus colegas e os dinamizadores ao longo dos ensaios? Pode dar alguns exemplos?

Questionar depois (caso o/a entrevistado/a não aborde o assunto):

8.1. Sentiu alguma dificuldade no relacionamento com os seus colegas e ou com os dinamizadores? Em que aspetos? Como procurou resolver essas dificuldades?

8.2. Que importância tiveram, na sua opinião, os ensaios e o próprio espetáculo na criação de uma união entre o grupo de participantes do projeto? Em que sentido(s)?

9. Como é que se sentiu ao participar num espetáculo onde os atores e atrizes são apenas pessoas com deficiência visual?

9.1. Que dificuldades teve e como foram resolvidas?

10. Da sua experiência, o que é necessário fazer para aumentar a participação das pessoas com deficiência em atividades culturais? Na criação e no consumo de atividades culturais?

11. Como considera que será a sua participação no projeto “A Meu Ver” no futuro? Que expectativas futuras tem, tendo em conta esta primeira experiência?

12. Numa escala de 0 a 4, em que 0 significa “nada satisfeito” e 4 significa “totalmente satisfeito”, qual o seu nível atual de satisfação com o projeto “A Meu Ver”? E porquê?

13. Numa escala de 0 a 4, em que 0 significa “nada satisfeito” e 4 significa “totalmente satisfeito”, qual o seu nível atual de satisfação com o espetáculo “O que é invisível?”. E porquê?

14. O que na sua opinião acha que funcionou bem e que se deveria manter? E o que funcionou menos bem e que deveria mudar, no projeto “A Meu Ver” e num futuro espetáculo?

15. Para finalizar, gostaria de lhe perguntar, qual foi para si o momento mais satisfatório e o momento menos bom da participação neste projeto e porquê?

16. Eu não tenho mais questões para lhe colocar, quer acrescentar alguma coisa que não foi questionada, mas que lhe pareça ser importante referir?

D - Agradecimento pela disponibilidade em conversar em situação de entrevista

Apêndice 6 – Grelha de análise das entrevistas com os/as participantes do projeto “A Meu Ver” - Momento 1

Caracterização do/a entrevistado/a	
Entrevistado/a 1	<p>“Sou casado. Eu sou natural de Orelhudo, freguesia de Cernache. Eu fui nascido e criado no Orelhudo, sou da freguesia de Cernache, concelho de Coimbra. Depois casei aqui em Cernache e cá estou.” [Tem filhos?] “Tenho um casal.” [E netos?] “Netinhos tenho 3. Um casal da menina e uma menina do menino.” [Como é um dia habitual na sua vida? Costuma fazer o quê?] “A minha vida habitual é assim: eu ceguei totalmente vai fazer 16 anos e, pronto, a partir daí foi, como se costuma dizer, uma <i>berdoada</i> de todo o tamanho. Eu era uma pessoa muito ativa. (...) tinha 50 e qualquer coisa anos. (...) o meu dia-a-dia, quando eu fui para a ACAPO, fui para aí para me ensinarem o básico - só podemos estar 5 meses (...) para nos ensinarem os pontos de referência nos sítios que a gente precisa de passar e ir. (...) à paragem, para o posto médico, para a Junta, ali para a Igreja que fica aqui perto (...) Só que depois chegou os 5 meses e vieram-me dizer que eu tinha que vir embora. Eu vou assim para eles: <i>“eu vou-me embora”</i>. <i>“Pois, você e os outros só podem fazer os cinco meses que é os meses que a gente vos dá uma certa liberdade de andar na rua, nos sítios que vocês precisam”</i>. Eu vou assim: <i>“eu vou para casa, então o que é que vai ser de mim agora?”</i>. E o professor X mais o professor X disse: <i>“olhe, ó senhor e1”</i> - o prof. X também é professor de arraiolos, era professor da mobilidade e professor de arraiolos, tinha os dois cursos - e então disseram: <i>“você vai para casa e a gente vai aqui pensar numa coisa para você vir para o pé da gente. Porque a gente adaptou-se a você e você adaptou-se à gente. Realmente também vamos sentir a sua falta”</i>. (...) Passados alguns dois meses, três, não sei agora, o prof. X ligou-me e disse: <i>“quando quiser vir”</i>. Pronto, eu queria ir porque a gente já tem aqui ... as pessoas são muito assim. Fui para lá para aprender a fazer tapetes de arraiolos, carpetes, emblemas, macramé, pulseiras, tudo e terapia. Quer dizer que fui para lá, aprendi com eles, eles é que desenhavam. A gente também tinha ginástica, os estudantes também lá iam fazer o que a menina está a fazer, assistir à nossa ginástica, às vezes eram eles até que davam as ginásticas e iam passear com a gente para a rua, para os museus, para aqui e acolá. Tipos vários de atividades onde eu podia estar ali, assim como eu estive 13 anos. Depois veio uma direção e resolveu acabar com aquilo tudo. (...) Depois comecei a fazer essas atividades em casa, só que veio a pandemia e estragou-me outra vez a vida de duas maneiras. Para aí já não ia há dois anos antes da pandemia. (...). Acabei por ficar aqui preso de uma maneira que eu, da primeira vez que fui à rua, só não morri porque não calhou, porque eu estava todo corcovado já. Foi complicado, muito complicado esta coisa da pandemia. Mas depois já comecei a ir andando mais os netos. (...)” [Que atividades é que costuma fazer para além do projeto “A meu ver”?] “O que eu costumo fazer é aquilo ... eu era uma pessoa que fazia tudo, era uma pessoa que fazia tudo. Em casa, nos meus possíveis, eu vou fazendo qualquer coisa.” [Costuma, por exemplo, frequentar um café? Costuma ir ao parque?] “Desde pandemia não, nunca mais fui a café nenhum, a nada.” [É sócio da ACAPO?] “Sim, sim, sou sócio com quotas em dia.” [Quando vai ali para o Teatrão, o e1 costuma ir sozinho ou costuma ir acompanhado?] “Não, tenho ido com a minha mulher. Mas o prof. X, antes de ir embora, andou-me a treinar da portagem para a paragem do parque, que é o 24T. E andou-me a ensinar da Loja do Cidadão, quando andava na ACAPO era eu que ia tirar o passe e tudo, mas aquilo levou obras, nunca mais lá voltei e agora também me andou a ensinar.” [No seu dia-a-dia, que meio de transporte é que costuma utilizar?] “Eu agora no dia-a-dia, quando</p>

	<p>saio, saio com a minha senhora. Temos carro e saio com ela. Vou às vezes, outras vezes não vou, fico, ela vai. E pronto, como estava dizer, era uma pessoa, eu fazia tudo. Porque eu já estava reformado desde a idade dos 20 anos por problemas de saúde e então eu é que fazia tudo, eu é que era o chefe de tudo aqui em casa.” [Quando vai para o Teatrão normalmente vai de autocarro?] “Sim, porque eu, quando estiver aí na ACAPO, não havia autocarros aqui por Cernache. Os autocarros, já a pandemia estava quando vieram os autocarros dos serviços para aqui. Então eu apanhava a camionete aqui da minha casa para a paragem um quarto de hora. Para cá, descia aqui no largo. Moro mesmo aqui junto ao largo. Para lá, tinha que ir esse quarto de hora até à paragem para apanhar para Coimbra. Depois, lá em Coimbra, apanhava o autocarro para ir para a ACAPO e depois para vir. Agora vou no autocarro, mantenho na camionete e no autocarro assim o passe um bocadinho mais barato. Vou no autocarro e depois vou lá para o Teatrão. Já fui também à Loja do Cidadão este mês tirar o passe. Já fui tirar o passe e, pronto, sempre há uma pessoa ou outra que ajuda - às vezes nem ajuda. Mesmo a ajudarem-me mal, nunca neguei a ajuda. Às vezes tenho que corrigir as pessoas, dizer <i>"olhe, se me quer ajudar, tem que ser assim, tem que ser assado, tem que me levar para ali, tem que me levar para acolá"</i>. Mesmo a ser mal ajudado, foi uma coisa que eu nunca neguei e, além disso, agradeço. Para mim é bom por todos os lados, porque para mim foi mais uma cacetada que eu apanhei quando me mandaram, quando eu tive que vir para casa novamente. Porque eu tinha uma relação nas paragens já muito grande com as pessoas, os <i>chauffers</i> então nem se fala - basta que alguns que fazem agora aqui Cernache, quando me veem, fazem questão de parar e perguntar o que é que é feito de mim: <i>"Senhor e1, então, o que é que feito de si? Então a ACAPO?"</i>. "A ACAPO, olhe, foi-se". "Oh, não diga isso". "Foi". "Ah, por isso a gente agora já não deixa os utentes como a gente deixava lá nessa altura. Agora é um por outro que a gente lá deixa". [Na utilização dos autocarros, sente que tem alguma dificuldade?] “Não. A dificuldade que se tem é as pessoas não terem respeito pelos mais velhos e por estas condições de deficiência. Não há respeito e aí tenho dificuldades como eu ainda tive na sexta-feira. A nível de comida e essas coisas todas, era eu tudo o que fazia. Não tenho problema nenhum, não tinha, nessas coisas. Agora, às vezes tento fazer mas pronto, faço disparates e é assim, nem sei o que é que lhe hei-de dizer.” [Reformou-se com que idade?] “Reformei-me com 20 anos. (...) problemas de saúde. Então depois recuperei alguma coisinha, depois a gente tinha o terreno e eu fazia ... tínhamos tudo o que era preciso para casa. Eu é que lidava aqui na casa, em relação ao fim-de-semana é que dava uma arrumadela mais a fundo.” [Sabe qual é que é a sua percentagem de incapacidade?] “É 95%.”</p>
Entrevistado/a 2	<p>“Eu sou natural de Guimarães. Já vivo em Coimbra desde 1991, mais ou menos, ou 90 quando vim tirar o Curso de Licenciatura em Medicina em Coimbra. Fiz o Curso, depois fiz a especialidade. Quando acabei a especialidade arranjei trabalho em Tomar e esse trabalho permite-me continuar a viver em Coimbra. Partilho a semana entre Tomar e Coimbra já há 15 anos. Agora tenho estado em teletrabalho, foi isso também o que me levou a procurar este <i>hobby</i> no Teatro. Estava um bocado cansado de estar em casa - menos relações pessoais. Procurei o Teatro nesse contexto, porque já estou em teletrabalho desde o início da pandemia. Portanto, agora estou mais em Coimbra. Quando estou na minha atividade normal presencial, estou metade da semana em Tomar e outra metade cá em Coimbra.” [É casado?] “Não. Vivo em união de facto, tenho um filho.” [Como é um dia habitual no seu dia-a-dia, o que é que costuma fazer?] “Agora que estamos em pandemia, tenho dias que são muito - digamos - caseiros, não saio de casa durante dias a fio às vezes. Não tenho assim muito o hábito de ir ao café, quase nenhum aliás. Perdi esse hábito desde os meus tempos de estudante,</p>

em que aí sim ia ao café com os colegas, amigos e não sei o quê. Depois, desde que comecei a viver com a mãe do meu filho, perdi esse hábito, sobretudo por causa dela. Agora passo muito tempo em casa. Lá está, quando trabalhava em Tomar, a vida era mais dinâmica. Em Tomar eu fazia muito mais coisas, mas aqui em Coimbra, de facto, estou muito tempo em casa. O meu filho e a mãe do meu filho são muito parecidos, não gostam de sair e eu, pronto, acabo também por ser afetado por isso. Coimbra também é uma cidade muito de, digamos, de passagem. Já tive muitos amigos, amigas sobretudo devido ao Curso, e agora não tenho. Tenho poucos amigos em Coimbra, quase nenhuns. Tenho mais em Tomar e a minha vida em Coimbra é um bocadinho pobre em termos sociais.” **[Não costuma desenvolver outras atividades para além aqui do projeto “A meu ver”?]** “Não. Agora estou nesse projeto do Teatro e outras coisas que eu faço em Coimbra além do teletrabalho ... sim, não tenho mais nada. Neste preciso momento não.” **[No seu dia-a-dia, por exemplo, para ir ao Teatrão, que meio de transporte é que costuma utilizar?]** “Normalmente um serviço de táxi, mais propriamente o *Uber* ou *Bolt* - aquele que estiver disponível. Por acaso à sexta-feira não tem sido fácil, porque a disponibilidade dos transportes é muito baixa. Agora comecei a usar também autocarro outra vez, já não usava há muito tempo, porque a disponibilidade destes serviços é ainda muito pouca à sexta-feira. Já me aconteceu vir a pé também.” **[Costuma ter alguma dificuldade na utilização do *Uber*, do táxi, do autocarro?]** “Não.” **[Normalmente nas suas deslocações costuma ir sozinho ou acompanhado?]** “Sozinho.” **[Agora eu pedia-lhe que falasse um bocadinho da sua incapacidade.]** “Já há muitos anos que vejo apenas de um olho e é uma visão residual mas que até há 20 anos atrás permitia bastante autonomia. Eu tirei o Curso, viajava sozinho, fazia tudo sozinho. Desde há 20 anos para cá, a coisa tem vindo a piorar gradualmente devido a determinadas complicações oftalmológicas. Continua a piorar sempre gradualmente, devagar, mas agora chegou a um ponto - sei lá, nos últimos 2, 3 anos - em que sinto mesmo já com bastante dificuldade para, por exemplo, sair sozinho. Agora, por acaso, tomei a coragem, recorri à bengala e recuperei com isso alguma autonomia. Antes disso, já não ia a lado nenhum sozinho porque tinha dificuldade nos últimos 3 anos sobretudo. Com a bengala já me atrevo a ir outra vez a sítios sozinho, mas à noite não. À noite evito sair sozinho. Digamos que é em parte adquirida e em parte congénita. Eu nasci com um olho a ver muito pouquinho e o outro olho, com graduação, a ver 80, 90%. Portanto, o olho que via pouco, digamos que tornou-se num olho preguiçoso, amblíope. Na altura não foi feito o tratamento que devia ter sido, que era tapar o olho melhor para estimular o pior. Isso não foi feito pelos meus pais e esse olho perdeu-se, fiquei com um olho com 10% de visão para sempre. Quando tinha 11 anos perdi o olho melhor, que esse foi o meu azar. Tive um descolamento de retina e depois, na sequência do tratamento, perdi-o. E então, desde os 12 anos em diante, fiquei com um olho que era o olho amblíope, que foi o olho que me valeu até hoje e que ainda me vale alguma coisa. Agora, como eu digo, tem vindo a piorar sempre, mas foi o olho com que eu fiquei sempre. Por isso é que eu digo, em parte foi congénita, outra parte foi adquirida, porque desde então, esse olho amblíope foi muito forçado - Curso e não sei quê. Era um olho com muita miopia e começou a ter consequências da miopia. Entretanto já tive descolamentos de retina também, tratamentos todos para isso. Por isso é que agora tenho muitas patologias associadas.” **[Sabe-me dizer qual é a percentagem de incapacidade que lhe foi atribuída?]** “95 já para aí há 20 anos.” **[O e2 entrou no projeto “A meu ver” através da ACAPO. É sócio da associação?]** “Sim, eu penso que tomei conhecimento não sei se foi por email. Olhe, já não lhe sei dizer como é que eu tomei conhecimento. Mas penso que sim, que foi pela ACAPO. Contactei, mostrei-me interessado e pronto, estou a gostar.”

	<p>[Costuma utilizar algum serviço disponibilizado pela ACAPO ou é só aqui o projeto?] “Neste momento é, mas, claro, ao longo dos anos já utilizei outros serviços. Nomeadamente solicitação de ajudas técnicas, também já participei numa presidência da ACAPO aqui em Coimbra há muitos anos - em que eu não era o presidente, mas fazia parte dessa presidência, tinha um lugar lá. Pronto, mas não é um sítio que eu frequente assim assiduamente. É só assim às vezes recebo em casa por email, ou outra forma qualquer, determinadas notícias. Por exemplo, uma vez também participei num Curso de massagem, há uns 6 ou 7 anos, tomei conhecimento a partir da ACAPO. Coisas assim muito soltas, muito [...], não costumo recorrer muito à ACAPO. Ah, fiz também já um Curso de orientação e mobilidade - aliás, fiz dois já. Fiz um há uns 12 anos para aí ou mais e fiz um agora este ano. O deste ano foi porque estava muito em casa e pensei <i>“vou fazer, como estou agora a precisar mais de recorrer à bengala, vou recordar”</i>. Para sair agora mais de casa, fiz outro Curso de atualização.”</p>
Entrevistado/a 3	<p>“Moro em Coimbra. Sou divorciada. O que é que eu hei-de dizer mais da minha vida? Neste momento não estou a trabalhar, estou só a frequentar atividades - no caso, teatro. Estou também a frequentar um coro, o Coro sinfónico Inês de Castro.” [Tem filhos?] “Não, vivo sozinha. Isto é, partilho casa com uma outra rapariga. (...) Nos fins-de-semana vou geralmente ter com a minha mãe, que sou de Penacova. Tenho estado assim mais por lá. Mesmo as minhas ausências na atividade, assim mais recentes, devem-se ao estado de saúde dela que também se agravou e eu estive por lá. Passo assim geralmente durante a semana cá em Coimbra e fins-de-semana lá em Penacova, São Mamede de Penacova.”</p> <p>[Como é que é um dia habitual no seu dia-a-dia? O que é que costuma fazer?] “Há dias em que tenho também pilates, faço também uma sessão de pilates por semana. Tenho duas vezes por semana uma assistente pessoal que me vem dar apoio. Fazemos algumas caminhadas, ajuda nas compras. No meu dia-a-dia não tenho nada assim de responsabilidades profissionais, digamos, não estou a trabalhar como já tinha dito. É um bocadinho sair para essas caminhadas, para essas atividades que não são muitas, são poucas.”</p> <p>[Costuma frequentar alguns locais como o café, o jardim?] “As caminhadas, sempre que possível, eu gosto de passar por um jardim. Cafés também é muito raramente, não tomo café habitualmente e atualmente não frequento assim muitos locais (...).” [Quando saí para ir dar os seus passeios, costuma ir sempre com a sua assistente pessoal?] “Sim, sim, acompanhada. Ou ela ou outra pessoa amiga ou assim. Sozinha, habitualmente não saio. Tenho também problemas de mobilidade e que com o frio se acentuam muito e com estas fases menos positivas acaba por agravar um bocadinho essa parte física e, por isso, sozinha não. Sozinha em casa ando e faço as coisas ao meu ritmo, mas para sair para a rua vou mais confiante na companhia de alguém.”</p> <p>[Pedia-lhe que falasse um bocadinho sobre a sua incapacidade] “Incapacidade a nível visual sou cega total. (...) Foi adquirida. Depois dos 16 é que deixei de ver.” [Sabe-me dizer qual é que foi a causa?] “Olhe, agora já tem outro nome. Já teve variadíssimos, agora é neuromielite ótica, de nervo ótico.” [E sabe qual é a percentagem de incapacidade que tem de atestado multiusos?] “Tenho 98. Ou 95 (...).” [É sócia da ACAPO?] “Sim.” [Costuma participar em outras atividades organizadas pela ACAPO?] “Sim, se eu me identificar com as atividades, sim. (...) Já tive lá várias formações, atividades também sem ser formação. Já fui também dirigente. Com a ACAPO já tenho colaborado muito e, dentro do possível, continuo a colaborar. Ainda</p>

	<p>ontem fui lá pagar as quotas.” [Em termos de serviço, costuma frequentar algum serviço que a ACAPO disponibiliza?] “Ultimamente fiz uma formação na área de alimentação e bem-estar, mas, pronto, não correu muito bem. Não correspondeu porque esta coisa do Covid está a atrapalhar. Essencialmente por aí.” [No seu dia-a-dia costuma utilizar que meio de transporte para as suas deslocações?] “Depende. Só da companhia que for com a assistente pessoal costumo ir no carro dela quando é para longe. De resto, é mais caminhadas aqui na zona circundante, é mais andar a pé. Autocarro muito esporadicamente e na companhia de alguém.” [Neste caso, quando vai para o Teatrão, costuma ir de autocarro?] “Exato, daí eu andar sempre também com o e11 que mora cá perto de mim e costumamos encontrar-nos e apanho o mesmo transporte.” [Costuma ter alguma dificuldade na utilização do autocarro?] “Sim, eu locomovo-me com muita dificuldade, ando de vagar e com muita insegurança. Fico com os movimentos limitados próprio do meu problema de saúde. A parte diz neuromielite ótica, mas é ótica na parte da visão. Só que as lesões foram ao nível da medula que me comprometeu toda a mobilidade e tive episódios muito severos dos quais recuperei, mas, de qualquer das maneiras, tenho algumas sequelas. A minha mobilidade está longe de ser normal não só pela falta de visão, mesmo pela parte de equilíbrio, força muscular e isso tudo. A nível de sistema nervoso central isto é complexo. (...)” [E a e3 nessas dificuldades que tem a apanhar o autocarro, costuma apanhar o autocarro sozinha ou já está com o e11?] “Não, ele costuma vir mesmo para me buscar.”</p>
Entrevistado/a 4	<p>“Eu sou casado. Casei no dia em que fiz 19 anos. Casei em 81, portanto estou 40 anos de casado. O ano que vem vou fazer 40 anos de casado. Tenho 59 de idade. Não tenho tido uma vida ... mais ou menos, não temos tido muitas dificuldades, também sempre trabalhámos, a esposa também trabalha. Levanta-se à cinco menos um quarto da manhã para ir trabalhar, que ela vende no mercado de peixe. Tenho duas filhas, uma já casada que teve agora, faz no dia 26 de outubro, que teve o miúdo - já tenho um netito de um ano e pouco. E tenho outra solteira, que neste momento está a fazer estágio de enfermagem em Oliveira do Hospital. Está a estudar.” [E como é que é assim o seu dia-a-dia? Podia descrever-me?] “De há um tempo para cá, de há 6 meses, está um bocado diferente que comprámos duas cabritas e eu tenho este quintal aqui para baixo. Estou a ver 40% mas não é nítido e ainda vou por aí abaixo à procura ... já tenho umas estacas que são postas - tenho umas árvores de fruto - para que elas não comam. E envio a argola naquelas estacas, tenho que andar a ver para onde elas estão a ir, e vou lá por as cabras. Depois venho, tomo o pequeno almoço, estou por aqui, vejo televisão. Quer dizer, não estou a ver muito bem, mas vejo. Já aqui atrás, isto está aqui, é para me cortar a iluminação para eu conseguir ver televisão. Aqui há uns meses, comprámos esta televisão maior, que eu sempre vejo melhor. Passo aqui. Depois de almoço estou aqui um bocado a descansar, entretanto a minha esposa chega. Já vou iParque com a bengala. Tenho que levar sempre a bengala. Às vezes podia ir sem bengala, que eu às vezes vejo o sítio da estrada. A bengala identifica-me melhor para os condutores que veem ... não sou cego totalmente, mas percebem que vai ali uma pessoa que tem dificuldade de visão. Às vezes tenho aí uma vara, a vara, às vezes, até era melhor porque um gajo está sujeito a vir por aí fora e uns gajos até se meterem, mas não ... Pronto, é um modo de defesa, temos que estar preparados para ... nunca se sabe. Com uma vara, uma pessoa até pode ir mais um</p>

bocadinho fora da estrada e as pessoas não se desviam, não veem que ... Assim se eu levar a bengala já vão identificar, compreendem, têm mais aquela ...". **[Que atividades é que costuma fazer para além do projeto do Teatrão?]** "Eu já tinha um grupo de baile, que eu tenho ali aquela carrinha que ali está. Tenho lá a carrinha com material de conjunto. Só que eles já estão parados há dois anos sem fazer nada, por causa do Covid." **[Tinha um conjunto musical, é isso?]** "Sim, ainda temos, é familiar. Sou eu, a minha esposa, as minhas duas filhas. (...) É só família. Sou eu e a minha mulher a cantar, as minhas duas filhas também cantam e tocam: uma toca viola, a mais nova, a mais velha é teclado e tem o meu irmão também toca teclado. Depois tem o meu genro que faz o som e as luzes no computador." **[E costumavam fazer espetáculos aqui na zona?]** "Sim, bastantes. Junto ao Teatrão fazíamos lá bastantes. Normalmente fazemos sempre quando é os Santos Populares lá, estamos lá sempre duas a três vezes. Olhe, foi no dia desses que me deu o AVC, no dia 24 de junho de 2018. Eu tive o AVC, depois fui operado aqui. Tenho aqui a carótida entupida, foi-me desentupida aqui. Depois deu-me um AVC que me apanhou aqui um bocado a parte esquerda. Agora já está curado. E depois comecei com derrames nas vistas. Também porque tinha diabetes - um bocado por minha culpa - maltratados. A maior parte dos dias nem tomava medicação. Esquecia-me. Saía daqui para o serviço, esquecia-me. Não se tomava naquele dia, depois surgia outro. Foi mais pela medicação que eu agora trago a medicação correta. E já estive sem ver nada. Estou com 40%. Na semana passada foi a uma consulta de oftalmologia e o médico até ficou assim admirado. Mas da vista esquerda não vejo, é só da direita. (...) Tenho 98% de incapacidade." **[E já é uma incapacidade adquirida. Na altura, foi mesmo por consequência do seu estado de saúde.]** "Diabetes e do AVC." **[Disse-me que costumava ir ao iParque. Quando ia ao iParque faz uma caminhada, não é? Vai a pé. Costuma ir sozinho?]** "Agora interrompemos, já fomos até meados de novembro. Tenho um colega que andou comigo no D. Duarte, quando me passávamos por lá, e foi sempre um grande amigo. Hoje é mecânico, repara (...) e fui eu que lhe fiz a oficina toda: a parte elétrica, que eu era eletricista; a construção, foi eu que lhe fiz o pavilhão e temos tido uma amizade boa. Ele vinha-me todos os dias aqui buscar, sete da tarde, íamos para ali, dávamos ali umas voltas, depois voltava-me a trazer aqui. Mas agora com o frio e com a mudança da hora, fica muito tarde e interrompemos. Mas assim que comece a dar, que comece os dias a ficarem maiores e tal e o tempo a dar, a gente volta. Também fazia antes da pandemia, fazia ali o ginásio duas vezes por semana." **[Com que idade é que teve o AVC e os diabetes?]** "O AVC foi ... no dia 14 junho de 2018 fiz 56 anos, isto deu-me no dia 24, portanto, tinha 10 dias com 56 anos." **[E depois quando começou a perder a sua visão?]** "A visão foi passado um mês. Começou-me os derrames, depois comecei com consultas no Hospital, comecei a fazer laser para ver se me conseguiam parar os derrames até que passaram para que eu teria ser operado. Tenho a impressão que a operação foi muito ... foi assim muito precipitada. Fui operado à vista esquerda, podia ter esperado mais um bocado, se calhar que o derrame passasse, a vista esquerda nunca mais recuperei. A direita ia para ser um dia operado e o médico disse assim: *"ó senhor e4, se calhar não lhe opero hoje". "Então porquê?". "Não sei, parece-me que não estou a ver ..."*. Então, interrompeu-se. Passados quase dois meses depois é que fui operado à direita. E foi aquilo que eu ainda consigo ... ainda bem. Ainda consigo ver um bocado da direita pelos menos. Se tivesse acontecido o mesmo com a esquerda, se

	<p>calhar, possivelmente estaria a ver o que eu estou a ver da direita da esquerda. Era uma visão razoável. Mas pronto, é um bocado confuso. Bato muito com a esquerda às vezes a movimentar-me, mesmo aqui em casa ou fora.” [É sócio da ACAPO?] “Sou.” [Costuma frequentar algumas atividades na ACAPO?] “Agora frequentei a atividade era mobilidade, era com o X. (...) Tive com também computadores. Consegui estar ali no computador, não consigo fazer tudo mas consigo ir ali até ver o Facebook e tal. Consigo olhar assim de lado, porque eu se estiver assim a olhar para a televisão só vejo preto e branco. Se eu puser a cabeça de lado, estou a ver a relva verde. E às vezes as cores das camisolas se tiver assim outra cor sem ser ... Pronto, consigo ver, não é assim muito bem. Por exemplo, um jogo de futebol, não sei onde é que está a bola.” [Agora, neste momento, só participa pela ACAPO no projeto "A meu ver"?] “Sim, estava até em férias, até foi o X na altura que me telefonou se eu queria e tal. Como é uma coisa que nunca fiz.” [Desloca-se em autocarro a maior parte das vezes?] “Sim, tenho pessoal que tem carro, mas não tenho ninguém aqui neste momento ...” [E sente alguma dificuldade a utilizar o autocarro?] “Não, não sinto dificuldade. É derivado à minha situação, eu sei o que é a dificuldade de uma pessoa que não vê nada. Eu também já estive assim. Eu não sinto muito porque eu ainda vejo um bocadinho. (...).”</p>
Entrevistado/a 5	<p>“(...) nasci a 23 de fevereiro de 1975, numa pequena vila pertencente aos arredores de Paris, que se chama Maisons-Laffitte. Quando eu tinha ano e meio, os meus pais descobriram da minha cegueira. Eles colocavam-me os brinquedos à frente e eu não lhes pegava sem que mos dessem. É uma doença da retina, é um síndrome raro que afeta apenas 1% de mulheres e a qual tem vindo a regredir ao longo dos tempos.” [A sua incapacidade é então congénita, não é? Desde nascença.] “Sim, sim. É uma doença em que ainda não há uma causa conclusiva, mas tudo aponta para que seja um problema do cromossoma Y.” [E qual é que é a percentagem de incapacidade que lhe foi atribuída?] “A total, 95%.” [No seu dia-a-dia o que é que costuma fazer? Qual é que é a sua rotina?] “Durante a semana levanto-me, preparo-me para ir trabalhar - estou a fazer um CEI+ (...) Esta associação é uma associação mutualista que tem também uma clínica e um jardim de infância e terá brevemente uma residência sénior. Voltando à minha rotina, preparo-me, tomo o pequeno almoço, apanho o transporte e às 9h entro ao serviço, onde desempenho funções de telefonista e, de alguma forma, também de administrativa. É um horário que inicialmente estava estipulado entre as 9 e as 17h30, mas devido à autorização da entidade que me está a dar o CEI+, em vez de sair às 17h30, saio todos os dias às 18h, exceto à quinta-feira que é o dia do teatro, em que eu saio às 15h30.” [No seu dia-a-dia, estava-me a dizer que apanhava o transporte, o autocarro. Costuma ter alguma dificuldade na utilização?] “Não, como eu estou já habituada a andar de autocarro desde a infância, não tenho qualquer dificuldade em apanhar autocarros. O que acontece agora é que o autocarro não para no mesmo sítio quando chega ao Palácio da Justiça, dado que agora inverteram o sentido das obras. Eu já solicitei à ACAPO que vá fazer o reconhecimento da paragem de autocarro até às instalações da X, mas devido a estarem em teletrabalho por ter sido diagnosticado um caso positivo, ficou agora ainda por agendar esse reconhecimento.” [E nessas deslocações costuma ir sozinha ou acompanhada?] “Sozinha. Embora agora, como não estou bem dentro do trajeto, há sempre quem ajude. Pessoas que trabalham naquelas redondezas ou</p>

	<p>até as colegas. Não tenho tido qualquer senão. Mesmo agora naquelas redondezas, eu também já conheço muitos sítios onde posso ir com as colegas ou até sozinha, como o Pingo Doce, a farmácia, o cabeleireiro. Eu já conhecia aquele sítio dado que eu fiz um estágio em contexto de formação profissional que é o seguimento de uma formação que eu tirei da ACAPO de assistente familiar e apoio à comunidade, já me tinha ensinado esses caminhos para ir às respetivas lojas.” [Para além de se deslocar para o trabalho, de frequentar o trabalho e o projeto “A meu ver”, desenvolve alguma outra atividade?] “Às vezes quando saio vou tratar de assuntos (...). Atividade específica não tenho, mas faço caminhadas, leio, escrevo textos no computador, navego na net, ouço documentários, concursos lúdicos e culturais.” [E entrou no projeto “A meu ver” através da ACAPO. É sócia?] “Sou sócia da ACAPO desde que ela foi fundada e já participei, uma vez que me pergunta se eu entrei neste projeto através da ACAPO, houve uma monitora que também fez um protocolo, digamos assim, com a ACAPO para nós integrarmos um grupo. A peça que nós construímos de origem chamava-se “[...] no rio”. Éramos 5 elementos e foi a primeira vez que eu participei num teatro. Entretanto, enfim, a experiência terminou e aquando desse acontecimento eu fui para Lisboa durante 5 anos, portanto, de modo algum, não pude participar noutra peça. Agora que surgiu a oportunidade, como eu gosto muito de representar, de criatividade - eu costumo muitas vezes imaginar personagens esquisitas, mas que para mim têm sentido - e eu então não pensei duas vezes e resolvi entrar neste projeto.” [Para além de ser sócia da ACAPO, costuma utilizar algum serviço deles, algumas atividades que eles fazem para além do projeto?] “Quando necessito, falo com a técnica de [...] de trabalho, que é a X. Também a Dr.^a. X me tem dado apoio no âmbito da Ação Social, como tratar de certas papeladas para eventuais candidaturas a pensões ou outras coisas. E não só, também para conversarmos um pouco. Foi graças à Dr.^a. X que eu comecei a frequentar sessões de psicologia precisamente na Cáritas, na Rua Direita. Eu devo muito à Dr.^a. X e à Dr.^a. X, que é a psicóloga que me ajudou da depressão em que eu entrei quando regresssei de Lisboa. Entretanto também encontrei um rapaz que é X, que é o meu namorado, com quem eu ainda não vivo mas faço planos de viver mais tarde. Ele é de Estarreja, trabalha em Aveiro também num âmbito de um CEI+. A minha vida agora, enfim, por enquanto apesar da instabilidade económica e financeira e que se vive, eu estou a sentir que por agora as coisas estão encaminhadas.”</p>
Entrevistado/a 6	<p>“(...) tenho 45 anos, estou a viver em Coimbra. Sou natural de Anadia, distrito de Aveiro. Sou licenciada em comunicação social. Sempre tive baixa visão, nasci com baixa visão, mas nos últimos dois anos e meio acabei por perder praticamente o resto da visão que tinha.” [A sua incapacidade é desde nascença?] “Sim, mas agora piorou. Eu fazia a minha vida normal até ao dia 27 de maio de 2019.” [Qual é a percentagem de incapacidade que lhe foi atribuída?] “Eu agora estou à espera de nova certidão multiusos. Eu tinha 76% de incapacidade. Mas, como as juntas médicas estão atrasadas, isto está a causar grande constrangimento porque não posso pedir os subsídios. Naturalmente eu trabalhava e deixei de trabalhar porque tornou-se incapacitante. Eu com o grau de visão que tinha ainda conseguia trabalhar, agora não.” [Trabalhava em quê?] “No escritório. Marcava consultas médicas, não estava a trabalhar na minha área. (...)” [Deixou de trabalhar quando?] “No dia 24 de maio de 2019. Estive com baixa até 26 de outubro. Até</p>

agora, até esta data. Agora fiquei com invalidez, mas o que vou receber não é suficiente porque tenho só 12 anos de desconto. Então eu precisava que fosse urgente a junta médica que era para pedir a prestação social de inclusão.” **[Neste momento, como é que ocupa o seu dia?]** “Eu também pratico desporto. Estou no projeto do futebol para cegos. Deve [...] a iniciar o golbol também. Tenho um programa de rádio, que é de segunda a sexta-feira. Tenho o blog - já tinha - onde vou escrevendo alguns textos. Está para aí a 90% de comentários a livros. Leio bastante livros digitais. E tenho também um projeto no youtube que é o “Ler sem ver”, vou também falando de um livro para além do teatro.” **[Costuma frequentar alguns locais como o parque, um jardim, o café?]** “Praticamente desde que deixei de ver, muito menos.” **[Quando costuma ir a esses sítios ou, por exemplo, quando vai ao Teatrão, costuma ir acompanhada?]** “Ao Teatrão não, mas a outros sítios vou com a assistente pessoal. Agora é muito raro andar na rua. Antigamente andava sempre na rua, agora não. Foi uma das coisas que deixei de fazer.” **[Tem filhos?]** “Não.” **[Entrou no projeto “A meu ver” através da ACAPO. É sócia da Associação?]** “Sou, já há mais de 23 anos, 25 para aí assim. Foi desde que vim estudar para Coimbra.” **[Costuma participar noutras atividades da ACAPO, para além do projeto?]** “Sim, costumo. Agora com a pandemia está tudo parado, mas havia convívios, havia colónias de férias, festejos do São Martinho, das Festas de Natal, algumas atividades que havia mensalmente. Mas agora está tudo parado.” **[Neste momento, não está a frequentar nenhuma dessas formações que a ACAPO disponibiliza?]** “Não, porque aquilo é para integrar no mercado de trabalho e eu já frequentei uma vez e a experiência foi um bocadinho má. Principalmente porque tenho uma licenciatura e os empregos que normalmente costumam agregar às pessoas cegas são sempre os mesmos, ou é em escritório ou é como telefonista. Por exemplo, devia haver um incentivo a aproveitar o talento que muitas pessoas cegas têm e ficam ali um bocadinho presas naquele tipo de profissões. Era esse o meu caso. (...) não há um incentivo a criar um emprego próprio. Até a ajudar a potenciar o talento que se tem. Eu, por exemplo, tenho talento para escrever.” **[Houve aí um primeiro grande avanço da cegueira. Isso causou um grande impacto na sua vida.]** “Muito, muito, porque eu era completamente autónoma. Eu, por exemplo, uma das coisas que mais me magoa ter deixado de fazer era correr na rua ao ar livre - era uma coisa que me dava uma paz de espírito incrível. Ajudava-me ali mesmo no trabalho, a nível psicológico. Agora não posso. Eu a cada dia tropeço com coisas que me deixam triste. Por exemplo, ainda agora estava a dar o futebol na televisão, eu agora não ficava ali a ver o jogo, a assistir ao jogo? Tinha o computador na parte de baixo da mesa, ia vendo o jogo, ia escrevendo, tirando as minhas considerações sobre o jogo. Tudo isso deixei de fazer. A única coisa que eu intensifiquei que já fazia antes e que me agarrei aí com unhas e dentes, foi ao blog e foi aos livros porque houve a oportunidade de os ler em formato digital - que era isso que eu estava a fazer agora -, tenho uma aplicação, consigo-os por a ler à velocidade que eu quero. E foi aí que me peguei. Porque eram coisas que eu já tinha da minha outra vida, como eu costumo dizer. (...) Eu também sempre disse que, se calhar quando cegasse, ia-me dedicar mais à escrita, porque o trabalho também me ocupava o tempo todo. Porque nós trabalhamos 8 horas, mas aí no nosso ver são 16 ou 17, porque nos temos que esforçar mais. E depois magoa-me pessoas estarem a mandar bocas dessas. Porque eu muitas vezes fiquei até ao final, entrava às 9 da manhã e saía praticamente às 10 da noite. E fico muito triste daquelas pessoas que, à

	<p>partida, estão ali para nos ajudar, mandarem certo tipo de comentários.”</p> <p>[Em termos de transporte, como é que se desloca agora, neste momento?] “Tem que ser de autocarro. Eu antes percorria a cidade toda, praticamente, a pé. É uma daquelas coisas que também me deixa bastante ... bastante triste. Eu fazia tudo a pé. Eu vinha desde a baixa até aos Combatentes a pé. Ia desde a Rua do Brasil até lá baixo a pé, da Rodoviária. Eu corria tudo a pé. Ia até à zona do Alma a pé, aos sábados ia pró Alma, ia para a Bertrand, ia para a Box. Ia para o Lápis de Memória, era capaz de lá estar toda a tarde a ler sinopses de livros, entretinha-me assim. E agora não. Agora, Deus me livre.”</p> <p>[E quando utiliza o autocarro, costuma ter alguma dificuldade?] “Não. O problema todo aqui é que eu não tenho grande paciência para esperar pelos autocarros e para ouvir o barulho que lá vai dentro. É mais por causa disso, que eu não tolero barulho, sou muito sensível ao barulho. Por isso é que eu andava mais a pé. Eu para o trabalho ia a pé (...). Portanto, não apanhava o autocarro. Apanhava era, às vezes, quando tinha que ir à ACAPO e já estava atrasada. Mas, de resto, ia a pé e fazia assim.”</p>
Entrevistado/a 7	<p>“Sou divorciada. Vivo com a X em Coimbra.”</p> <p>[E no seu dia-a-dia, o que é que costuma fazer? Podia descrever-me um dia habitual do seu dia-a-dia?] “De momento estou cá por casa. Vou fazendo umas formações. Também frequento a ACAPO.”</p> <p>[Para além do projeto “A meu ver”, costuma desenvolver ou fazer outras atividades fora de casa?] “Não tanto. Não tenho feito tanto agora. Uma formaçãozita ou outra, mas agora não tanto.”</p> <p>[Costuma frequentar alguns sítios, como o café, o parque?] “Vou ao café de vez em quando, às vezes tomar café de vez em quando.”</p> <p>[E quando vai ao café, costuma ir sozinha ou costuma ir acompanhada?] “Às vezes vou sozinha, outras vezes acompanhada.”</p> <p>[Quando vai acompanhada, quem é que a acompanha?] “A assistente pessoal.”</p> <p>[Pedia agora para falar um bocadinho sobre a sua incapacidade. Que tipo de incapacidade é que é?] “Visual.”</p> <p>[E qual é que é a percentagem de incapacidade que lhe foi atribuída?] “95.”</p> <p>[E é congénita ou é adquirida?] “Congénita.”</p> <p>[A e7 entrou no projeto “A meu ver” através da ACAPO, é sócia da associação?] “Sim, sou sócia da ACAPO, sou.”</p> <p>[Em que outro tipo de atividades organizadas pela ACAPO é que costuma participar?] “Quando há os eventos: magusto, festa de natal, agora o [...], às vezes também uma palestra ou outra que façam pelo zoom eu tento participar.”</p> <p>[Costuma utilizar alguns dos serviços disponibilizados pela ACAPO?] “Uso o CAARPD, é mais o CAARPD até. Que envolve tudo: psicologia, serviço social, mobilidade, engloba tudo isso.”</p> <p>[No seu dia-a-dia, que meio de transporte é que costuma utilizar para as suas deslocações?] “Autocarro.”</p> <p>[E costuma ter alguma dificuldade na sua utilização?] “Eu apanho-os assim tranquilamente, mais ou menos apanho tranquilamente.”</p>

Entrevistado/a 8	<p>“Falar sobre nós, é sempre ... algo ingrato. Nasci numa numa aldeia no Concelho de Cantanhede. Tenho 56 anos. Sou casado, tenho duas filhas. E ceguei com 15 anos, num acidente com uma máquina agrícola que me provocou traumatismo craniano e o corte dos nervos óticos e perda total da visão e parcial de audição do ouvido direito. (...) eu nasci, de facto, no Concelho de Cantanhede, mas depois de casar passei a residir no Concelho da Mealhada, na Mealhada mesmo, na Cidade da Mealhada. Portanto, apanho o comboio na Mealhada (...).” [Vem da Mealhada de comboio.] “De comboio até Coimbra.” [Costuma utilizar o comboio para chegar até Coimbra. E depois para chegar até ao Teatrão, qual é o meio de transporte que costuma utilizar?] “O autocarro.” [Costuma ter alguma dificuldade na utilização do comboio, do autocarro?] “As dificuldades que existem no comboio, é o trabalho que a ACAPO deveria ter feito que ainda não fez. O comboio para na estação, as portas só abrem se alguém carregar no botão do lado de fora para abrir a porta para entrar ou alguém, do lado de dentro, carregar para sair. O comboio para, se ninguém sair nem ninguém entrar, eu consigo ouvir. Ou se saírem longe da posição onde eu estou, eu não consigo saber onde é que está a porta do comboio, da carruagem. A técnica que eu encontrei foi: se não está ninguém na estação, eu aproximo-me do comboio, começo a bater com a bengala, vou-me deslocando e batendo com a bengala toc-toc-toc, até encontrar uma ressonância diferente que é a porta e depois então, carrego no botão e abro. Na verdade, diria que 90% das vezes, ou 95% das vezes, ou até 99% das vezes, estão pessoas na estação. Ou abre uma porta e eu ouvi a porta a abrir e desloco-me para lá, ou alguém acaba por me indicar onde é que está a porta. Mas claro, este trabalho deveria ter sido feito pela ACAPO há muitos anos. E os comboios quando param, no botão que temos que pressionar para abrir a porta, devia ter um bip e o comboio, nesses locais, começava a emitir um bip-bip-bip-bip e eu já sabia onde é que estava a porta. Chegava lá, carregava e entrava. Mas, infelizmente, nada disto foi feito e essa é a dificuldade para apanhar o comboio. De resto, não há mais nada de especial, o comboio é tranquilo.” [Qual é a percentagem de incapacidade que lhe foi atribuída?] “95%.” [Está a trabalhar? Está reformado?] “Neste momento estou desempregado. Trabalhei até 2011. Desde aí que estou desempregado.” [No seu dia-a-dia, podia-me descrever um dia-a-dia habitual? O que costuma fazer?] “Tratar de assuntos pessoais, negócios que tenho. Fazendo exercício físico. Eu invisto em criptomonedas, portanto passo o dia a analisar.” [Para além disso costuma frequentar algum local? O café, o parque, um jardim?] “Ah sempre, isso vou todos dias ao café, tomar o café. De manhã levanto-me, tomo o meu duche, visto-me, tomo o pequeno-almoço e vou tomar café. Depois vou fazer, normalmente, a minha caminhada e depois volto para casa e vou analisar os mercados.” [Nesses passeios costuma ir sozinho ou costuma ir acompanhado?] “Habitualmente sozinho. Eu tinha, tenho uma assistente pessoal que, na altura, me foi atribuída com essa finalidade. Eu, em 2005, tive uma depressão e desde aí as coisas começaram a ser muito mais complicadas e eu nunca mais voltei a ser o mesmo. Uma das coisas que me ajudou imenso foi as caminhadas na mata do Bussaco. Eu durante, cerca de um ano, tive uma assistente pessoal que vinha ter comigo duas vezes por semana e deslocávamos na viatura dela até à mata do Bussaco e fazíamos lá caminhadas duas vezes por semana. Isso, de facto, ajudou-me imenso na minha recuperação. Agora, há uns dois anos - com esta história da pandemia até já me perdi -, decidiram que não nos poderíamos deslocar na viatura</p>
------------------	--

	<p>da assistente pessoal. Estas pessoas tomas as decisões lá a partir de Lisboa e julgam que temos transportes públicos em todo o lado como existem em Lisboa. Isto é um completo absurdo. Ora, não me podendo deslocar no carro da assistente pessoal, também não tenho maneira de me deslocar para lá. E, de facto, as caminhadas na natureza, ajudam imenso. Como proibiram isso e também depois a minha assistente pessoal foi substituída - e a assistente pessoal que tenho neste momento é muito boa moça, mas para fazer caminhadas só se eu a empurrar, porque ela não tem perfil para caminhar. Então eu tenho tido aulas de locomoção há uns 3 anos para cá, acho eu. Eu fiz a minha reabilitação quando ceguei. Fui para Lisboa fazer reabilitação, onde o indivíduo aprende a usar a bengala - na verdade aprende a ser autónomo, aprende as atividades da vida diária: lavar a roupa, passar a ferro, cozinhar, andar de bengala na rua sozinho, aprender braille. Todas essas facetas da reabilitação eu passei por elas e depois voltei a estudar aqui em Cantanhede. Mas a bengala foi sempre algo que eu nunca reagi muito bem. Tive experiências extremamente desagradáveis em Lisboa e, de facto, a bengala foi sempre posta de lado. Entretanto, quando acabei aqui o Liceu, fui para Lisboa tirar o curso de Informática e aí forçosamente tive que passar a usar bengala de novo. Mas, quando regresssei, deixei a bengala de lado e quando tinha que me deslocar para algum lado, era sempre acompanhado. Há 3 anos, decidi que tinha que reconquistar a minha autonomia e passei a ter aulas de locomoção. (...) Ele era o técnico de locomoção ali da ACAPO e tive aulas com ele. Agora, quando pretendo ir fazer as caminhadas na rua vou sozinho, em trajetos que eu conheço. Depois acabo, ao final do dia, por fazer aqui mais uns 7 ou 8 quilómetros na passadeira para complementar isso, para me ir mantendo em boa forma física. Porque, realmente o exercício ajuda bastante na recuperação da depressão.” [Entrou no projeto "A meu ver" através da ACAPO. É sócio da ACAPO?] “Sou sócio da ACAPO, sim. (...)”. [Neste momento, utiliza algum serviço que a ACAPO tenha disponível?] “Não estou a utilizar mais nenhum serviço. Gostaria de continuar a usar esse, mas o X foi-se embora. Não sei ainda se eles já têm alguém para o lugar dele. Mas eu gostaria de continuar a ter mais formação, aprender novos trajetos em Coimbra. Até porque estou à espera que me seja atribuído um cão guia e aí sim, espero começar a deslocar-me de uma forma mais confortável e começar a aventurar-me para outros locais também.”</p>
Entrevistado/a 9	<p>“Sou casada há dois anos, já vai fazer três. Tenho um filho com 37, é um homenzinho. (...) fui mãe solteira. E depois o pai do meu filho morreu, tinha ele 3 anitos. Ele tem 37, já morreu há 34 anos. Ele praticamente não o conheceu.” [No seu dia-a-dia o que é que costuma fazer?] “Olhe não paro! Não paro, nem convém eu parar muito. Mas agora, na medida em que estou a ficar mais incapacitada de fazer a minha lida sobre a minha artrite reumatoide. Quando posso faço o comer - claro, gosto também da minha comida -, mas, por exemplo, hoje mandei vir do takeaway. Estou mesmo a ficar incapacitada. Eu sou uma doente de limpezas - seu eu já era assim quando via, quando deixei de ver fiquei pior. Pior: parece que para mim tenho sempre a casa suja, tenho sempre pó, ando sempre com os dedos a apalpar ali, a limpar acolá - eu não posso! Eu não posso mesmo, mas isso para mim é uma doença, verdade. Enfim, faço tudo um pouco. Uma dona de casa, uma mulher, tem sempre ... uma mulher tem que saber fazer tudo.” [E que outra atividade costuma fazer para além do projeto “A meu ver”?] “Olha, mas vou também às reuniões de senhoras que há da Igreja Evangélica</p>

sempre à quarta-feira a Coimbra. Às cinco horas também vou a outra reunião aqui perto. Portanto, eu saio. Também vou com o meu gatinho sexta-feira ao veterinário. Tenho o meu transporte especial pelos SMTUC. E se for preciso ir às compras, vou. Vou a todo o lado. Tendo aquele transporte, vou a todo o lado - a casa de alguma irmã. Praticamente o marido é que está mais em casa e eu é que ando nas lidas. Eu é que tenho direito mais ao transporte do que ele e então ...”

[Esse transporte que tem é de onde?] “É dos SMTUC aqui de Coimbra. (...) Fiz um pedido, se calhar, há mais de 10 anos. Porque como eu estou sem ver talvez há 17 (há mais de 10), porque, na altura, eu estive os 4 meses de reabilitação na ACAPO, onde eu aprendi o básico de computadores, aprendi o braille - a escrever, a ler não consigo -, e a mobilidade, a andar na rua com a bengala, por exemplo. Eu tinha que arranjar alguém ... Aliás, os meus irmãos, um ia-me levar à consulta, outro vinha-me buscar, eu andava nisto. Quer dizer, dependia deles. Então, desde que a assistente social me disse que havia um transporte - ela deu-me um contacto, a partir daí escrevemos uma carta e foi aceite derivado à minha artrite reumatoide que é juvenil, desde um ano de idade. Não pela cegueira.”

[Teve esse direito por causa de outra doença?] “Sim, por causa da minha mobilidade.”

[E normalmente o motorista leva-a e depois na rua desloca-se sozinha? Costuma andar sozinha?] “Não. Se eu for às compras, eles deixam-me mesmo no local e entregam-me ao segurança. O segurança vai chamar um auxiliar, anda comigo - eu levo a minha lista escrita a tinta, que eu escrevo-a toda mesmo sem ver. Escrevi sempre a tinta, nunca quis deixar. (...) Mas é marcado esses transportes dois dias antes, para depois na véspera confirmar. Neste caso, os ensaios do teatro, já está definitivo até me dizerem assim: *"hoje não há teatro"*. Então, ligo para lá na véspera, se souber antes e digo: *"não há"*. Como não houve agora, há 15 dias ou o que é, foi assim uma coisa, só tiraram aquele, anularam aquele; mas os outros continuam até eu dizer que não.”

[Pedia que falasse um bocadinho sobre a sua incapacidade. Que percentagem de incapacidade é que lhe foi atribuída?] “95%.”

[Tem uma doença para além da cegueira, artrite reumatoide. Essa doença é desde nascença?] “Chama-se a artrite reumatoide juvenil, que agora até tem outro nome sem ser juvenil. Porque, eu não nasci assim, mas tinha um ano quando fiquei desformada mãos e pés. Aos 16 anos, esta doença apanhou-me os olhos. Quando eu comecei a ver mal, eu tinha muitas inflamações, tive glaucoma, cataratas, eu tive isso tudo. Tive muitas úlceras, tinha que estar aí de olhos tapados onde eu ficava mesmo sem ver. Então, mas eu aos 16 anos já trabalhava, foi quando descobriram que o meu problema dos olhos era da artrite reumatoide porque era juvenil.”

[Desde que idade é que ficou sem visão?] “Há 17 anos. Só vejo um bocadinho da luz do olho direito, a luz sei que está de dia. Mas fiz 7 cirurgias, 4 em cada vista. Fiquei sempre a ver quando era operada, até mesmo na última. Na última foi quando eu fiquei a ver muito, muito bem, só que depois com o problema da artrite, conforme foi evoluindo para pior, das mãos e pés - onde eu já fiz 7 cirurgias em cada pé aos deditos. Porque eles também ficaram assim depois e eu meu pé é todo chato. Por isso é que eu não tenho aquela mobilidade de ... por isso é que eu ando sempre de braço enfiado a alguém assim a andar. Até ali a baixo vou, vou ali à loja ali a baixo - ainda ontem fui comprar a ração do gatinho e assim - mas, para andar em Coimbra ... Também na ACAPO tenho transporte, levam-me e vão-me buscar. Porque ao princípio, antes de ter este transporte, ensinaram-me. Tive algumas aulas cá fora até à paragem. Antes de ter um transporte, de saber que me era entregue, eu

	<p>ia de autocarro e vinha. Mas isto já lá vai uns 13 anos com certeza. Por isso agora a minha mobilidade está assim mais reduzida porque é da doença. É isto.” [E entrou no projeto "A meu ver" através da ACAPO. É sócia da ACAPO?] “Já fui.” [Costumava participar em algumas atividades?] “Sempre, sim. Por exemplo, outros teatros, fizemos lá pelo natal ... eu tenho muitas saudades porque aquilo era ... se calhar foi há 8, 9 anos. Fizemos o primeiro teatro, mas não foi com ninguém da ACAPO. Foi a Monalisa - não sei se estava quando ela foi ver o primeiro teatro ali comigo, com a menina – (...) e foi a minha primeira encenadora de teatro. (...). Fomos a Viseu, fomos a Leiria. Aqui há uns 4, 5 anos, o presidente de Coimbra, da Câmara, convidou a ACAPO porque queria que nós fizéssemos esse mesmo teatro para 150 crianças no Parque Verde e nós fomos, foi maravilhoso! São coisas que eu nunca me esqueço. Já fui a <i>miss</i> simpatia - nota-se!” [Mas agora não é sócia?] “Não, mas faço parte na mesma. Ah, eu faço falta! Nestas coisitas eu faço ... embora há já muito tempo não haja nada.”</p>
Entrevistado/a 10	<p>“(...) sou de Coimbra. Vivo em Coimbra. Tenho 52 anos. Vivo em união de facto com o X. Vivo em Santo António dos Olivais - que é aqui uma boa zona da cidade de Coimbra.” [Tem filhos?] “Não, não tenho. Tenho sobrinhos.” [Poderia descrever-me um dia habitual do seu dia-a-dia? O que é que costuma fazer durante o dia?] “Nesta altura ... continuo à espera de ser integrada num CEI+, continuo à espera de resposta da parte da entidade. Nesta altura, e não estando a trabalhar, o meu dia é passado em casa ou saio para coisas pontuais, seja para fazer alguma compra, seja para fazer uma caminhada por exemplo. Tirando isso, o restante dia é passado em casa.” [Costuma desenvolver ou fazer alguma atividade para além do projeto "A meu ver"?] “Agora do teatro? Estou envolvida também num coro - Coro Sinfónico Inês de Castro -, e agora entrámos em férias de natal. Habitualmente é um ensaio por semana, quando em fase de apresentação-concerto duas vezes por semana. Para além disso, terminar amanhã uma formação na área de alimentação e bem-estar - que é um interesse grande que eu tenho, sem dúvida nenhuma, por uma alimentação o mais natural possível, o mais equilibrada possível, o mais saudável possível.” [Costuma frequentar alguns locais como parques, jardins, cafés.] “Sim, com frequência, sim.” [Nessas saídas costuma ir sozinha ou costuma ir acompanhada?] “Geralmente acompanhada.” [Normalmente quem é que a acompanha?] “O meu companheiro (...)” [Pedia-lhe que falasse um bocadinho sobre a sua incapacidade, que tipo de incapacidade é que é.] “Portanto é uma incapacidade visual. Está avaliada em 86%, pela Segurança Social, e a atribuição do Multiuso em virtude disso mesmo. O problema de visão que eu tenho é decorrente da diabetes que tenho há quase 35 anos. Tenho, nesta altura, baixa visão ou muito baixa visão e é uma coisa que vai evoluindo, espero eu que retarde - isto é, que permaneça o resíduo visual que tenho ou que possa melhorar. Mas é decorrente da diabetes, sim.” [Recorda-se com que idade começou a ter essa incapacidade?] “Aos 30 anos.” [Entrou no projeto "A meu ver" através da ACAPO? É sócia da associação?] “Sou sócia com quotas regularizadas, sim.” [Para além do projeto "A meu ver", costuma participar noutras atividades organizadas pela ACAPO? Ou algum serviço?] “Como estava a dizer, estou a terminar - termino amanhã - uma formação, e esta é na ACAPO, de alimentação e bem-estar. Eu vou estando ligada à ACAPO. Ultimamente, nesta situação da formação, este projeto também, como já falamos, e Coro Sinfónico Inês de Castro foi uma parceria também estabelecida entre o</p>

	<p>Coro e a ACAPO. Dessa forma, houve um workshop de música e audição, que decorreu também nas instalações da ACAPO aqui em Coimbra.” [Para além aqui do Coro, do teatro e desta formação que está a terminar, não utiliza outro serviço que a ACAPO disponibiliza?] “Nesta altura não. Só formação e o plano individual (...) e a atividade do Coro, mais nada.” [No seu dia-a-dia, que meio de transporte é que costuma utilizar para se deslocar?] “Autocarro ou a pé.” [Costuma ter alguma dificuldade na utilização do autocarro?] “Não.”</p>
Entrevistado/a 11	<p>“(...) sou solteiro, não tenho filhos ainda. Tenho 32 anos. Tive um acidente com 19 anitos, agora é que fiquei com baixa visão acerca desse acidente. Sou natural de perto de Montemor-o-Velho.” [E moras aqui em Coimbra?] “Tenho aqui um quarto alugado em Coimbra. Tinha a casa na aldeia, mas só vou lá ao fim-de-semana ou nas férias. Tenho aqui um quarto alugado em Coimbra porque eu tive cá a fazer formação e a estagiar. Agora estou à espera de emprego apoiado. Se me vou embora, depois quando voltasse o quarto já não estava, então estou cá. Agora estou no grupo de teatro também, espero que isto continue e a doutora da ACAPO disse que eu preparasse, de maneira que já vou ter algumas entrevistas - Deus queira que sim.” [Como é um dia habitual no teu dia-a-dia?] “Hoje foi um dia mais preenchido. Hoje de manhã acordei - vivo numa casa partilhada, estou acordado às oito horas e já tomei banho de água fria -, tomei banho às 7h50 (...). No pequeno almoço, fui ajudar a senhora do Safari, ao pé da casa onde eu vivo, andei a ajudar a senhora a montar a esplanada: tive a meter as mesas na rua, a esticar os toldos e ela pagou-me um cafezito. Depois daí, fui a casa buscar o equipamento, passei pelo Jumbo para comprar vinho branco e cogumelos que era por causa do meu almoço. Depois fui ao Go Gym, tive aula de yoga. (...) Depois o resto do dia: ou vou até ao ginásio fazer um bocado de desporto ou, às vezes, também vou beber café onde eu estiver a estagiar. Porque eles querem que eu varra os quartos agora e eu, quando estava a estagiar, eram só 20 quartos; agora, no fim dos quartos renovados, ficam 30. Agora no momento é fraco. Se eu para lá fosse não chegava, estava a receber aquele X grande sem fazer nada. Então a chefe, por acaso dou-me muito bem com ela, ela está grávida, vai agora ter um filho, disse-me que não posso ir já porque as obras estão atrasadas. Antes de porem as mobílias no quarto tem que lá ir a inspeção ver se o quarto está todo seguro para os clientes, depois é que eles podem meter a mobília. Depois é que eu posso ir para lá. Mas, até ser, em Portugal ...” [Estavas a dizer que costumavas ir ao café, ao ginásio. Nessas atividades costumavas ir sozinho, vais acompanhado?] “Costumo ir sozinho. Às vezes, à noite, tenho companhia, vejo pessoas no café - gosto é de conviver. Mas eu consigo me desenrascar sozinho.” [Estavas a dizer que tiveste um acidente com 19 anos. Foi isso que te deu origem à tua incapacidade?] “Tive 4 meses em coma e quando acordei via 2% do olho direito e agora já vejo 20% do olho direito. Este é que está aleijado é que vê; este não vê. É esquisito. Este ouvido não ouve; este aqui ouve.” [Tens o atestado multiusos?] “Tenho, tenho 95% de incapacidade. Porque, além da</p>

	<p>visão, é a audição, é o equilíbrio. Estou sentado, se eu me levantar, às vezes, caio por causa do equilíbrio. Por acaso, a primeira vez que eu fui à ACAPO, tive entrevista com o psicólogo e disse-lhe que tinha desequilíbrio. Ele disse-me: "se fores ao médico, pergunta-lhe se é por causa do olho que não vê ou do ouvido que não ouve que tens desequilíbrio". Por acaso, tive consulta de neurocirurgia, no Hospital da Universidade de Coimbra - para mim o melhor do mundo -, o médico disse "nem é o olho nem o ouvido, o seu equilíbrio morreu". Por isso, mais forte estou. Mas já aprendi a viver com isso." [A primeira vez que foste à ACAPO, foste ao psicólogo a uma consulta de psicologia?]</p> <p>"Quando eu fui para me inscrever como sócio, primeiro quiseram que eu fizesse a consulta com o psicólogo." [És sócio da ACAPO então?]</p> <p>"Sim, sou, sou. Fiquei sócio da ACAPO em 2012 (...)" [E que outro tipo de atividades costumavas frequentar na ACAPO?]</p> <p>"Ora, por exemplo, já andei no grupo de teatro, já fiz a terapia, já fiz um curso de AVD's - atividades de vida diária. Por exemplo, eles têm uma espécie de mini-casa que é um T0: tem casa de banho, tem cozinha, tem quarto, tem sala, tem tudo. Que é para aprendermos a limpar, a cozinhar e isso tudo." [Neste momento, para além do projeto "A meu ver", tens lá outra atividade pela ACAPO?]</p> <p>"Aqui há dias fomos visitar o Museu Machado de Castro. Mais ... fomos também ver o concerto do Coro Inês de Castro, onde 3 sócios da ACAPO andam lá a cantar." [Mas outro tipo de serviço, assim uma resposta, formação, por exemplo, neste momento não frequentas?]</p> <p>"Não." [E porque é que não frequentas?]</p> <p>"Porque a doutora, a técnica de integração, estou à espera, diz que é para ir trabalhar. Depois também eu não me importava de ir para a formação, mas imagina que vou para a formação, depois se aparecer a entrevista, não vale a pena meter depois a formação abaixo. Já fiz uma formação pequena (...), é de alimentação e bem-estar. Mas depois não pude fazer essa formação, porque fiz uma igual em 2018 e não me deixaram fazer outra igual." [No teu dia-a-dia, costumavas utilizar que meio de transporte para te deslocares?]</p> <p>"Por exemplo, hoje vim para aqui, vim de autocarro." [E costumavas ter alguma dificuldade em utilizar o autocarro?]</p> <p>"É assim, eu quando apanho o autocarro normalmente entro numa paragem onde esteja lá mais alguém. Porque eu consigo ver o número do autocarro, quando é aquele número grande. Mas quando é aquele pequenino, peço a alguém que para perguntar se é o número que eu preciso. Quando é para sair consigo identificar, faço eu mesmo; se não souber, peço ao condutor que quero sair na paragem XX e ele deixa-me. Nesse aspeto os senhores dos SMTUC são impecáveis."</p>
--	--

Expectativas relativamente ao projeto "A meu ver"	
Entrevistado/a 1	<p>[Falando agora um bocadinho sobre o projeto "A meu ver" do Teatrão, recorda-se como é que soube do projeto? Quando é que foi?] "O projeto, ligaram-me a ver se eu queria. Iam começar uma peça no Teatrão e se eu queria. Eu disse logo que sim, ao menos é um bocado por dia, só num dia, mas pronto, sempre dá para aliviar." [Porque é que decidiu participar neste projeto?] "Foi para sair de casa, foi para ir encontrar os meus amigos e amigas que eu tinha, porque a gente na ACAPO há quatro anos - quatro ou cinco, já nem sei - fizemos lá uns teatros. Era agora pelo natal que a gente representava nalguns teatros. Fomos a Leiria, fomos a Lisboa, fomos a Viseu, fomos a vários lados. Não fomos mais e aquilo não foi mais para a frente por causa de um senhor que lá está na ACAPO. [Como é que acha que correu a sua entrada no projeto?] "Eu, ao princípio, foi um bocado complicado. As pessoas são pessoas diferentes, as pessoas que estão a lidar com a gente no Teatrão são pessoas diferentes, a gente tem que apalpar primeiro o caminho, tem que sentir como é que as pessoas agem, não agem, como é que é, como é que não é. O meu problema é assim: eu ceguei por causa do sistema nervoso. Eu tenho um sistema nervoso muito complicado, que eu já ando nos hospitais há muitos anos por causa do sistema nervoso e foi por causa do sistema nervoso que eu ceguei. Qualquer coisita, mesmo aqui em casa, quando as coisas não são à minha maneira, pronto, eu fico ... exalto-me. Eu fui para aí com um bocado de medo. As primeiras três sessões - a terceira já comecei a coiso -, a primeira e a segunda tive sempre assim um bocado Eu sou uma pessoa que já tenho esta idade e é assim, eu não consigo já fixar as coisas. Só andando muito tempo a batalhar com elas é que eu consigo. A minha cabeça já não dá para eu fixar as coisas, os nomes, os números, o que lá é falado. Se eles forem para a frente com a peça, eles têm que dar a minha parte que eu irei fazer, se isso acontecer, para que eu estude bem para chegar à altura e não ter esbarrar. Os teatros que eu fazia lá da ACAPO, de vez em quando, esbarrava, só que esbarrava para o lado do bem. Pronto, quando eu esbarrava tinha sorte porque esbarrava bem, dava para as pessoas se rirem." [Sentiu alguma dificuldade até agora no Teatrão?] "Como estou a dizer, a minha dificuldade é quando eles põem um papel para a gente desenvolver para mim é complicado. Porque eu não consigo fixar as coisas assim à primeira. Então as outras pessoas que lá estão (...) que, na altura, fazia os teatros comigo na ACAPO (...). Aquilo foi mais para os ir conhecer e pronto, foi mais para estar com eles, porque, como estou a dizer, desde que eu saí da ACAPO nunca mais encontrei aquela gente. A não ser por telefone aqueles que tenho, porque alguns nem sequer tenho o telefone." [O que é que espera da sua participação neste projeto? Que expectativas é que tem?] "Bem, eu tenho ... que mais lhe hei-de dizer sobre essa pergunta? Eu não tenho expectativas nenhuma. Eles é que as hão-de dar à gente. Eles é que hão-de saber o que é vão fazer da gente e o que é que a gente vai fazer e não vai fazer." [Como é que acha que vai correr? O que é que espera que a sua participação ...] "Eu espero que o papel que eles me derem que vá correr bem. O primeiro dia que eu lá cheguei, disse logo: <i>"olhe que, se isto for para fazer teatro, vocês não me podem dar um papel muito grande porque a minha cabeça não dá". "Ah, não se preocupe com isso".</i> E é isso que eu estou à espera. Se realmente fizer alguma peça, espero que corra bem."</p>

Entrevistado/a 2	<p>[Soube do projeto, pensa que foi por email, é isso?] “Não tenho bem a certeza já, mas penso que sim, que terá sido por email. Eu recebo por email aquelas publicações que tanto fazem a nível nacional como a nível local, publicações periódicas que fazem das atividades da ACAPO. Nessas publicações, normalmente dizem aquilo que se fez e que se vai fazer.” [Porque que é que decidiu participar neste projeto? O que é que o motivou a participar?] “Olhe, por um lado, como eu disse, foi estar muito em casa. Por estar a passar uma fase difícil psicologicamente, achei que me poderia distrair. No fundo procurar também conhecer mais pessoas. Lá está, como eu disse, aqui em Coimbra não tenho muitos contactos e foi sobretudo isso. O tipo de atividade, também achei que era engraçado, Teatro nunca fiz. Mas penso que o principal motivo foi esse, foi estar a passar uma fase difícil a nível psicológico e procurar conhecer mais pessoas, sair de casa e assim.” [Como é que acha que correu a sua entrada no projeto?] “Eu penso que correu bem. Pelo menos pela parte que me toca, na minha avaliação, eu gosto, divertimo-nos imenso, rimo-nos. Penso que o mais positivo são os momentos de diversão para além de irmos fazendo as atividades que estão programadas pela equipa que nos está a orientar. Sobretudo aquilo que eu sinto mais é bem-estar enquanto lá estou e diversão. Acabo por esquecer problemas que tenho atualmente naquele momento e, pronto, distrai bem.” [Até ao momento sentiu alguma dificuldade?] “Não. Só início, se calhar, dificuldade habitual, alguma timidez, mas agora não.” [E o que é que espera da sua participação neste projeto? Que expectativas é que tem?] “As expectativas que eu tenho é que o projeto continue, que não acabe, sobretudo isso. Que possamos continuar a beneficiar deste ambiente como eu descrevi, agradável. Isso para mim é o mais importante. Nem tanto o objetivo final, que seja eventualmente representarmos uma peça de teatro. Isso também é interessante, poderá ser interessante, mas não tenho assim a expectativa de ter um futuro no teatro. Não quer dizer que não gostasse, até poderia ser interessante, lá está, poderia diversificar a minha vida. Isso nesse aspeto seria interessante. Mas neste momento o que mais eu me agrada é que o projeto continua e que possamos continuar a conviver e a ter aqueles momentos agradáveis.”</p>
Entrevistado/a 3	<p>[(...) recorda-se como é que soube do projeto? Lembra-se quando é que foi, em que situação é que foi?] “Não. Foi a ACAPO, como já participei em atividades semelhantes, foi contactada pela diretora técnica.” [E porque é que decidiu participar neste projeto?] “Porque gosto, porque além disto também não tinham muitas ocupações...aceitei porque gosto e porque também tinha falta de atividades e, pronto, gosto de estar ocupada e já há muito tempo que estava sem atividades. É uma forma de tentar retomar a vida de uma forma mais ativa.” [O que a motivou foi isso mesmo, o facto de ter alguma atividade ...] “Sim, que me preenchesse, pronto, sair do vazio também. Mas gosto e, como disse, já tive outros projetos que gostei do resultado e por isso aceitei assim de bom grado.” [Outros projetos da ACAPO?] “Sim, sim.” [Sobre teatro também?] “Sim. À semelhança de outros colegas que também estão lá. Já nos conhecíamos de outras eras, vá, digamos.” [Como é que correu a sua entrada aqui no projeto "A meu ver"?] “Mais ou menos, não foi assim muito fácil. Ainda nem está a ser. Lá está, a outra era na ACAPO e eu moro aqui muito pertinho da ACAPO, nem preciso de apanhar autocarro. Esta, com a deslocação com as minhas características interfere tudo. Tentei também transporte e não foi concedido. Esse facto de estar a depender de outras pessoas para</p>

	<p>autocarro e assim não me deixa muito confortável, mas, pronto, estou a lidar com isso.” [E o que é que espera da sua participação neste projeto? Que expectativas é que tem?] “Expectativa é que eu fique melhor porque, sinceramente, não ando muito bem e não estou a ter os resultados que gostaria. Mas pronto, como há várias condicionantes, sinceramente ainda não percebo muito bem aonde é que está a causa. Mas espero continuar o projeto e que obtenha melhores resultados em termos de motivação. Espero isso.” [Sente-se pouco motivada, é isso?] “Sim, não estou assim muito motivada. Agora também vamos para uma fase diferente, até aqui não houve nada assim muito em concreto. Agora, como vamos passar para uma peça em concreto, espero superar as expectativas. Vamos ver. Até à data não estou assim muito realizada, a verdade é essa.”</p>
Entrevistado/a 4	<p>[Nunca fez Teatro. Mas soube do projeto por causa do X, é isso? O X é que lhe ligou?] “O X é que me ligou.” [Lembra-se na altura porque é que aceitou participar? O que é que o motivou a dizer que sim?] “É mais para sair um bocado de casa, estou sempre aqui durante o dia. À quinta-feira, quando vou, a esta hora já estou pronto que vou apanhar o autocarro às duas e meia, ali naquela paragem.” [Como é que acha que correu a sua entrada no projeto?] “Não foi má! Fiquei foi ... só agora com o andamento é que a gente vê que de facto aquilo é uma aprendizagem. Mas, ao princípio, não achei assim muita ... como é que eu hei-de dizer? Achei que aquilo não era bem adequado para a gente. Tinha assim uma impressão, que aquilo que ... eu assim: <i>“mas o que é que isto vai sair aqui?”</i>. Com o decorrer das situações, agora vejo que aquilo tem tudo a ver connosco e já encaro as coisas de outra maneira.” [Sentiu assim alguma dificuldade até ao momento?] “Não, não senti dificuldade nenhuma. (...)Tenho boas perspetivas, que a minha colaboração seja uma mais-valia. Pronto, tenho-me estado a enquadrar bem e tal. Coisas que eu ao princípio não compreendia, a maneira de ver as coisas para quem não está dentro daquilo, não percebia muito bem o que é que se queria daquilo. Mas já estou a compreender melhor o que ...”</p>
Entrevistado/a 5	<p>[Como é que soube do projeto, lembra-se da situação em concreto como é lhe disseram?] “Foi a ACAPO que me informou. Digamos que a equipa que é constituída pela Dr.^a X, que é psicóloga, a Dr.^a X e o professor X, que é o animador sociocultural, que havia um projeto entre a ACAPO e o Teatrão. Quando me foi dada essa informação, eu, como ainda não estava a fazer o CEI+, surgiu então a oportunidade de ocupar o meu tempo com esse projeto.” [E o que é que a motivou a participar?] “Foi a experiência que já tinha tido na outra peça. Foi o facto de, no teatro, também sairmos do nosso quotidiano, vestimos o papel do outro, descarregamos, entre aspas, emoções que não são tão positivas. Também quando eu já fiz parte da outra peça, senti essa necessidade e foi por isso que eu acabei por descobrir que poderei desenvolver mais competências na área da representação.” [Como é que acha que correu a sua entrada no projeto?] “Correu bem. Foi de encontro àquilo que eu esperava, embora, enfim, nós lentamente temos feito apenas - digamos, como estamos numa fase embrionária -, uma introdução criando histórias, fazendo aqueles jogos de caminhadas. Estou expectante que nós façamos os espetáculos que nos for possível e que me vai valorizar, de certo modo, a minha pessoa. Vou-me sentir mais valorizada comigo própria.” [Até ao momento, sentiu alguma dificuldade?] “Eu tenho dificuldades é por exemplo quando há coisas</p>

	<p>que são mais abstratas assim de âmbito visual. Eu como nunca vi, eu tenho dificuldade em tentar concretizar, que quase que é impossível, o que é abstrato.” [Como é que consegue fazer isso?] “Eu tento imaginar coisas palpáveis. Conheço as formas pelo tato, a textura e tudo o que também é conhecível pela visão. Eu tento construir um objeto através do que me é palpável. Objeto ou um caminho, uma floresta, o que quer que seja.”</p>
Entrevistado/a 6	<p>[Falando um bocadinho sobre o projeto “A meu ver”, como é que soube deste projeto? Lembra-se de quando é que foi?] “Através da ACAPO, eu não estou desde o início, até porque fui para Lisboa fazer a reabilitação. Sempre foi o meu sonho estar integrada ali no grupo de teatro, mas nunca era possível porque normalmente as atividades eram durante a semana e não eram em horário pós-laboral. Era uma voluntária que dava ali as aulas e depois nunca dava para eu frequentar. Até podia ser um escape do trabalho, porque pouco tempo me restava do trabalho ... só ao fim-de-semana é que me desligava ali um bocadinho do trabalho. Foi uma coisa que ocupou bastante tempo, tinha de ser assim! Mas agora, depois que eu vim de Lisboa, sim, havendo a possibilidade de integrar...” [O que é que a motivou a participar?] “É assim, esta é verdadeiramente a minha área. A escrita criativa, era nessa área que eu queria trabalhar, mais escrever até que representar. A minha área e o meu talento está na escrita. Ainda recentemente venci um concurso literário aqui em Coimbra.” [Como é que correu a entrada no projeto?] “Correu bem.” [Sentiu alguma dificuldade até ao momento?] “É uma das coisas que liberta um bocadinho a pressão. Naturalmente que eu, neste momento e ao longo destes últimos dois anos, tenho estado a viver debaixo de um trauma e duma tristeza imensa pela situação que aconteceu. Foi de repente e também foi uma situação bastante traumática. Porque eu fui operada e para aí uns 15 minutos depois vou só a virar assim um bocadinho a cabeça para aconchegar as costas, e tinham posto uma válvula para controlar a pressão ocular, e a válvula espetou no olho e ... foi ... foi um momento que não foi preciso muito tempo. Um segundo para mudar toda uma vida e isto naturalmente pesa um bocadinho. Estas coisas para me distrair, tento arranjar escapes, normalmente é a leitura de livros - porque quando eu estou atenta a um livro, não penso na vida. E o teatro também liberta aqui um pouco.” [E sentiu alguma dificuldade até ao momento?] “Não. Não, porque lá está, eu estou na minha praia.” [E o que é que espera da sua participação neste projeto? Que expectativas é que tem?] “Tentar dar o meu melhor e, quem sabe, eu própria fazer ali alguma coisa. Nomeadamente, escrever uma peça, adaptar alguma coisa que eu também tenha escrito também ao teatro. É mais como na escrita que eu gostaria de apostar, que essa é a minha área.”</p>

Entrevistado/a 7	<p>[Passando um bocadinho aqui para o projeto “A meu ver”, como é que soube do projeto?] “Através da ACAPO.” [Recorda-se quando é que foi? Em que situação?] “A ACAPO mandou notificação que havia esse projeto, se queríamos participar. Tá-se bem. Pronto, da parceria com o Teatrão com a ACAPO.” [E porque é que decidiu participar neste projeto?] “Porque eu, quando vi em 2013, assisti, inclusivamente ainda cheguei a participar na atividade de teatro da ACAPO. Às vezes a ACAPO já tinha essa atividade e eu cheguei a assistir e a participar. Só que não representei, não consegui representar.” [Motivou-a a participar o facto de agora poder realmente conseguir fazer a peça, é isso?] “Sim, pois eu agora queria ver se conseguia fazer uma peça, representar.” [Como é que correu a entrada no projeto?] “Foi através da ACAPO, como eu já tinha ...” [Sim, mas como é que correu? Sentiu alguma dificuldade?] “Não, não. Só o trajeto, mas isso também, logo a primeira vez, contornei a situação.” [O trajeto até lá, não é? Teve que aprender.] “Sim, foi logo ao primeiro dia. Nesse aspeto ...” [E o que é que espera da sua participação neste projeto? Que expectativas é que tem?] “Agora, se puder ser representar e continuar. Até por acaso gostava de continuar.”</p>
Entrevistado/a 8	<p>[Recorda-se como é que soube do projeto?] “Eu soube do projeto através da ACAPO, de facto. Fui contactado pela ACAPO para saber se gostaria de participar. A partir do momento em que dei o OK, passei a ser contactado pelo Teatrão. Parece-me realmente a ACAPO só serviu aqui de ponte.” [E porque é que decidiu participar neste projeto?] “Achei um desafio interessante. Eu acho que não tenho jeito nenhum para representar. Nunca foi coisa que me passasse pela cabeça, mas, como tinha tempo livre, é uma forma de ir conhecer outras pessoas, interagir com outras pessoas, o que também é bom. Para ter coisas novas, também não faz mal nenhum, antes pelo contrário, era uma experiência diferente e decidi participar por isso.” [Como é que acha que correu a sua entrada no projeto?] “Nem sei que lhe diga sobre isso. Ao início achei mesmo que não tinha nada, nada, nada a ver com aquilo, mas, entretanto, com o andar da carruagem, vamo-nos entrosando uns com os outros, vamos percebendo melhor a mecânica e acho que podemos fazer alguma coisa. Não sei o que isto vai dar francamente. Não tenho perspetivas nenhuma, prefiro não ter perspetivas, vou deixando correr as coisas, vamos deixando andar e depois logo se vê. Também ainda estamos numa fase muito embrionária, apesar de lá estarmos há algum tempo, ainda não começamos propriamente a preparar nenhuma peça. Ainda não decidimos o que vamos representar. Há ali uma série de coisas que só mais tarde é que se vão perceber se sim ou sopas. Nesta fase ainda não tenho muito a dizer sobre. (...) Neste momento ainda não tenho grandes perspetivas. É possível que possamos fazer algo engraçado, mas ainda não se vislumbra o que é que dali pode sair. Até porque o grupo é algo fraco, digamos assim. Existem duas pessoas no grupo que têm, além de problemas de deficiência visual, têm problemas a outro nível. Isso logo faz com que o grupo perca um bocado. Depende da perspetiva como se olha para isto. Pode não perder e aprendemos sempre. Não é estar aqui a querer diminuir as pessoas. Aprendemos sempre ao interagir com pessoas com outras dificuldades, sejam elas de que nível forem, aprendemos sempre com essas pessoas. Mas são pessoas que, pelo menos uma delas é bastante limitada, a outra penso que as limitações são mais porque nasceu cega (...). Uma pessoa que nasce cega tem muito menos acesso a tudo o que o mundo disponibiliza do que uma</p>

	<p> pessoa que vê. Nós, 90 e muitos % das coisas entram-nos pelos olhos dentro. Ora, quem não vê, se não tocar nas coisas, se as coisas não lhe forem levadas à mão, se não lhes for permitido explorar o mundo da forma que a pessoa o sabe fazer, essa pessoa não vai evoluir de forma nenhuma, não há hipótese. E há uma lacuna muito grande hoje na educação das pessoas portadoras de deficiência. As pessoas cegas, se nascem cegas, na sua grande maioria, ficam com limitações gravíssimas para o resto da vida. A não ser que as famílias sejam famílias já com um nível de educação superior - e nem isso é garantia de. Porque muitas vezes as famílias têm vergonha de terem uma pessoa portadora de deficiência, no caso cega e acabam por lhes fazer tudo e daí a pessoa fica fechada em casa. Eu recordo-me que o X, em algumas conversas que tivemos - o técnico de locomoção -, me falar que lhe chegavam ali à mão miúdos e miúdas que vinham até para a Universidade e nem sequer comer sabiam, nem sabiam estar à mesa. Não sabiam braille, não sabiam uma série de coisas. Parece, muitas vezes, que as pessoas chegaram ali para ir para uma Universidade, mas foram passando por coitadinho, "é ceguinho, deixem-no passar". Isto não pode ser. Isto não leva à integração nenhuma de uma pessoa cega na sociedade. Temos que ter a mesma exigência com uma pessoa cega que temos com qualquer outra. Temos é que lhe dar as ferramentas para que ela possa lá chegar. Isto não é feito e por isso é que não se vê as pessoas cegas integradas no mercado de trabalho. Depois as pessoas queixam-se. (...) De facto há uma lacuna muito grande na educação das pessoas portadoras de deficiência visual. Eu posso-lhe só contar mais uma história. Há tempos liguei lá para a ACAPO e atendeu um indivíduo sem jeito nenhum para atender ao telefone. Comentei isto com o X e ele diz-me que é um indivíduo com 30 anos, que é casado e que agora colocaram na Câmara Municipal de Coimbra como telefonista. O que é que esta gente anda a fazer? Isto é um absurdo. Colocarem uma pessoa com aquelas limitações, sem saber sequer atender o telefone da forma correta. Estão a dar uma imagem errada das pessoas cegas. A Câmara Municipal, com toda a certeza, coloca-o lá e diz "olha, coitadinho, arranjam aqui um trabalhito para o ceguinho e ele fica aí". Quer dizer, isto não é nada. A ACAPO não está a fazer um trabalho ... acho que ninguém está a fazer bom trabalho na integração das pessoas portadoras de deficiência visual. Relativamente ao Teatrão, as expectativas são relativamente baixas porque o grupo também era fraquito. Agora, parece-me que terá melhorado um bocadinho e não sei, quer dizer, continuo com expectativas baixas. Até porque, eu nunca gosto de elevar muito a fasquia para não me desiludir. Porque prefiro ser surpreendido pela positiva. E como também é uma coisa que eu não ... para a qual, como já lhe disse, não acho que tenha jeito, também fica para mim difícil avaliar, não sei. Não lhe posso dizer muito mais sobre. As expectativas são baixas de facto." </p>
Entrevistado/a 9	<p> [Como é que soube deste projeto? Recorda-se quando é que foi, em que situação é que foi?] "Recebi uma mensagem da ACAPO, de qualquer coisa inscrição não sei o quê de teatro. Eu depois mais tarde é que me inscrevi. Onde a X que está lá é que me disse assim: "ó e9, eu estava admirada, pensava que eras das primeiras". Porquê? Porque ela disse: "então a e9 não está inscrita, ela não deve saber de nada". Porque ela sabe que eu era uma grande maluca para fazer coisas assim. Continuo a ser, mas eu lá eu acho que até era a pessoa mais divertida, mais divertida mesmo. Agora mais ceguinha, com certeza, andava a apalpar ... aquilo lá eu nunca consegui bem, como é que eu quero dizer? </p>

Explorar o espaço. Agora já estou melhor, agora parece que já vejo o caminho e aquilo tudo. Mas primeiro, está calada, eu em vez que ir à minha casa de banho, ia para a casa de banho dos homens. Foi muito engraçado, ao mesmo tempo foi giro. Eu liguei para lá e então a Dona X disse: "*ó e9 ... é no Teatrão. Mas também disseram que algumas vezes poderia ser lá*". Que neste caso ainda não aconteceu." **[Lá na ACAPO?]**

"Sim, sim. Neste caso ainda estamos ali." **[E porque é que decidiu participar neste projeto? O que é que a motivou?]** "Não é para futuro, porque eles não nos vão dar futuro nem é para ganhar nada. Até nos haviam de dar qualquer coisa, mas pronto. Nós gostamos muito mas, por vezes ... É sair de casa, é o convívio, é conhecer outras pessoas - como por exemplo eu conheci agora o X; conheci a X que não está lá agora e conheci vocês. Isso é muito bom. Assim como a X, o X, eles são uns fofinhos. Gosto de tudo." **[Como é que correu a sua entrada no projeto? Como é que acha que correu?]** "Aí Jesus, eu ia ansiosa mesmo com aquela ansiedade, com aquela alegria, sei lá, para ver o que é que me calhava cada nós fazíamos assim, qual era o nosso improviso. Cada um tinha um improviso diferente porque nós somos todos iguais, mas todos diferentes, não é? **[Até agora sentiu alguma dificuldade? Nas sessões, no projeto?]** "Eles sabem o meu problema da mobilidade dos pés. Não faço aquela ... mas eu acho que ali até parece que passa tudo. Nós já sabemos quantos metros tem e as medidas de quantas bengalas, como é aquilo é, o quadrado, nós aprendemos tudo. Isso é uma coisa que nós temos ali bons professores que nos ensinam mesmo e parece que nós estamos a ver tudo, a ver o espaço. Depois eles também nos incentivam muito ao nosso improviso. Por exemplo hoje, fiz o ensaio, saí e depois até no caminho ou em casa, digo assim: "*fogo, eu poderia fazer melhor*". Isso é bom, nós pensarmos em poder sempre fazer melhor. Conteí até isto ao X: "*ó X, eu podia fazer melhor*". Ele vai assim: "*ó e9, estava muito bem*". Mas isso é muito bom, sabermos que ainda podemos fazer melhor. Aliás, todos nós, podemos ainda fazer melhor e ser melhor e estamos sempre a aprender." **[O que é que espera da sua participação neste projeto, que expectativas é que tem?]** "Quero muitos aplausos de pé! (...) Não, acho que é o habitual, portanto, porque eu sei que não ... Olhe, eu gosto muito que me tirem fotografias. Não agora com esta cara como eu estou, mas gosto muito de ir nas redes sociais. O meu filho, às minhas irmãs, eu digo: "*tira-me uma foto*". Ela diz: "*lá estás tu com as fotos*". Porque eu nunca sei se é o último dia. Eu digo a elas: "*eu nunca sei se hoje é o último dia que eu estou com vocês. Eu nunca sei se é o meu último dia, a minha última foto*". Eu penso desta maneira, pronto." **[Em termos de participação neste projeto, as expectativas é receber muitos aplausos?]**

"Aplausos e dar alegria aos outros. Porque uma vez que nós não estamos a ser pagos, que é verdade, pelo menos dar alegria aos outros e para que nós possamos também ficar mais positivas e gostar mais de nós. Eu já gosto de mim como sou, mas quer dizer, gostar mais de nós porque há pessoas que se queixam por uma coisinha de nada. Eu, pelo meu problema, lá está, a meu ver, acha que aquilo não é só para mim, mas todos os invisuais, eu acho-os tão felizes, eu acho-os tão alegres."

Entrevistado/a 10	<p>[Gostaria de lhe perguntar como é que soube do projeto "A meu ver", se se lembra de quando e em que situação.] “Eu creio que foi no início deste ano, não posso precisar em que altura - talvez Abril ou Maio. Não acho que foi já o ano passado, só que meteu-se esta questão da pandemia e ficou tudo assim à espera que as coisas acalmassem. Porque estivemos várias vezes em Estado de Emergência, em Estado de Calamidade e, como tal, as coisas foram sendo adiadas. Penso eu, não tendo a certeza, que já desde o ano passado, portanto 2020, que já havia esta situação de poder vir a desenvolver este tipo de atividade mais tarde. Sim, foi o ano passado.”</p> <p>[Em termos de contacto, foi a ACAPO que contactou a e10? Foi a e10 que soube porque estava numa atividade da ACAPO?] “Eu soube porque a ACAPO enviou essa informação via SMS, via email também. Soube disso, no entanto já há muito que manifestava interesse em relação a teatro, caso houvesse essa oportunidade. Fiz chegar essa informação à ACAPO, esse interesse de fazer alguma coisa ligada ao teatro.”</p> <p>[Porque é que decidiu participar neste projeto? O que é que a motivou a participar?] “Ah fantástico, porque eu gosto imenso de teatro. Já tive algumas experiências pontuais em termos de teatro na ACAPO precisamente, com projetos mesmo. Fizemos técnica também, uma espécie de formação em teatro. Nada de extraordinário, mas tínhamos uma voluntária connosco também com gosto assim particular pelo teatro e que trabalhou connosco durante ainda alguns anos. Tinha havido outra voluntária também na ACAPO que já tinha organizado um também um grupo e que tinham apresentado uma peça. Depois mais tarde - foi nessa altura que entrou essa voluntária também - houve um jovem que também a fazer um trabalho de mestrado, que se propôs trabalhar com um grupo de associados da ACAPO. Aquilo que foi apresentado foi uma peça, um musical, na altura num festival das incapacidades aqui em Coimbra. Foi no Conservatório. Depois continuámos esse projeto, mas, desta vez, já não com esse jovem, mas sim com a outra voluntária, a Brigida Caiado. E que esteve connosco ainda algum tempo e fizemos várias coisas juntas. Depois, mais tarde, houve uma participação no CITEMOR, em Montemor-o-Velho, numa peça com a Angélica Liddell, onde foram solicitados alguns elementos com deficiência visual e acabei por ter uma participação num peça de Angélica Liddell.”</p> <p>[Como é que correu a sua entrada no projeto?] “Correu bem, sem problema. Com muita vontade.”</p> <p>[Sentiu alguma dificuldade até ao momento?] “Não, não.”</p> <p>[O que é que espera da sua participação neste projeto? Que expectativas é que tem?] “Para já quero ver se chego ao final deste projeto. Penso que eu que sejam 3 anos de poder concluí-lo. Depois ir desenvolvendo técnicas mesmo de teatro, ir desenvolvendo ao longo deste período de formação. De me conhecer a mim, de ultrapassar os meus limites e de aproveitar tudo aquilo que é a formação que é dada ali para colocá-la em prática, seja ali, seja noutros contextos. A questão da libertação, do desprendimento de mim própria, da libertação, da experiência de poder ... enfim, uma liberdade tremenda. Como eu digo, de libertação. Não senti dificuldades até agora.”</p> <p>[As suas expectativas neste caso.] “la falar também. É assim, poder participar na (eventualmente) numa apresentação de alguma peça.”</p>
-------------------	--

Entrevistado/a 11	<p>[Lembras-te como é que soubeste do projeto "A meu ver"?) “Ora, eu estava a estagiar, estava no estágio e depois até foi, na altura, a Dr.^a X é que me fez uma chamada a falar sobre isso. Não, a ACAPO mandou um email, uma circular, para todos os sócios. Depois os que ficaram interessados inscreveram-se. Depois daí é que me telefonaram aqui do Teatrão.”</p> <p>[Inscreveste-te?) “Claro, porque também aproveitei aquele teatro na ACAPO em 2014-15, agora também aproveitei este. Na altura era com uma voluntária, agora aqui já é um teatro profissional, por isso deve ser algo melhorzito. Eu gosto muito de novas experiências.”</p> <p>[Porque é que decidiste participar? Foi por causa disso, das novas experiências?) “Eu dantes do acidente era muito gago, até a professora se ria de mim a ler na escola. Agora não gaguejo, perdi na dicção. Então, o participar num grupo de teatro também ajuda-me a pausar a minha voz.”</p> <p>[E o que é que te motivou a participar para além disso?) “Eu gosto de encenar. Por exemplo, eu tenho um papel, num momento que eu esteja a atuar em público, se eu esquecer de alguma coisa, invento, improviso. Porque eu tenho muita criatividade.”</p> <p>[E como é que correu a entrada aqui no projeto?) “Foi esperar até ao dia em que me telefonaram. Telefonaram aqui a dizer “em X dia é para ir para o teatro”. E depois então depois nós chegámos ao pé da ACAPO, depois veio o professor de mobilidade que já não está na ACAPO (...), e ele é que nos acompanhou até cá para ensinar o itinerário.”</p> <p>[Mas como é que correu a entrada? Correu bem, correu mal?) “Correu bem.”</p> <p>[Sentiste alguma dificuldade até ao momento?) “Não, não.”</p> <p>[E o que é que esperas da tua participação neste projeto? Que expectativas é que tens?) “Espero quando formos atuar no fim da peça, que o X e a X disseram que íamos fazer. Depois, no fim de atuar, o público bata palmas. No projeto lá na ACAPO, fazíamos teatro para crianças e crianças é um público muito sincero: quando gostam batem palmas; quando não gostam, dizem que não gostam. Os adultos batem sempre palmas quando vamos fazer, as crianças quando não gostam, não gostam. Eles batiam sempre palmas.”</p> <p>[O que é que esperas da tua participação neste projeto?) “Espero melhorar em termos pessoais. A minha voz, veja se acalma, se me habituo.”</p>
-------------------	---

Mudanças na vida produzidas com a entrada no projeto “A meu ver”. Envolvimento e relacionamento com os/as colegas	
Entrevistado/a 1	<p>[Que mudanças é que espera que este projeto produza na sua vida?] “Este projeto, isto é um projeto de três anos. Eu nem sei se cá estou estes três anos. A mim foi-me dito que é de três anos. Tem que se renovar, acho que é de 6 em 6 meses, mas que é de 3 anos. Agora, se assim for e eu cá estiver, para mim é bom. É bom porque eu fui encontrar os meus amigos e amigas e fui conhecer outros. Então é sempre bom, como lhe estou a dizer é pena ser só um bocadinho. É só à quinta-feira aquele bocado. Na ACAPO, os teatros que já fez era diariamente, era diariamente os ensaios. Os ensaios da ACAPO eram diariamente e era da parte da tarde. Tínhamos muito mais tempo que a gente tem ali.”</p> <p>[Acha que alguma coisa está a mudar em si ou na sua vida, desde que entrou no projeto?] “Está. Olhe, eu continuo a bater na mesma, está a mudar. Pronto, saio de casa, vou estar com os amigos e com as amigas e vou conhecer outros. E estou à espera do que aquilo vai dar. É como lhe estou a dizer, é pouco tempo, havia de ser duas ou três vezes por semana, já que não pode ser a semana toda. É pouquinho. E eu não sei até que ponto eles vão continuar com aquilo e como é que vai ser, não sei.”</p> <p>[Como é que as pessoas que estão mais perto de si reagiram à sua entrada no projeto?] “Ah, isso apoiaram-me logo. Apoiaram-me logo porque eles sabem que quando eu fui para a ACAPO que foi a minha tábuca, como se costuma dizer, de salvação e a deles. Eu ia para aí e as pessoas não estavam preocupadas. A minha mulher trabalhava, agora também já está reformada. O primeiro ano que eu fui para aí, o meu filho é viajante da Sumol, da Compal e nessa altura estava aí a fazer a zona de Coimbra, até era ele que me levava e trazia. Mas depois mudaram-no aqui para o lado de Pombal e, quer dizer, eu depois comecei a andar sozinho. Habituei-me muito às pessoas que estavam nas paragens, a gente ria-se. Ia no autocarro, como lhe estou a dizer. Isto agora, para mim, foi bom, mas havia de ser mais tempo. Este bocado já dá, pronto, olhe ...”</p> <p>[Sobre a sua participação, mas no projeto, como é que acha que está envolvido? O que é que faz? Como é que se sente?] “Como já lhe disse, eu tenho muitas dificuldades, mas tirando as dificuldades, eu estou bem encaminhado naquilo. Sinto-me apoiado pelas pessoas que realmente já fizeram, na ACAPO, teatro comigo. Os que lá estão que fizeram teatro comigo da ACAPO, a gente somos como irmãos, somos como uma família. Não sei se já tem reparado nisso, uma vez que lá está a assistir. (...) a gente e os que eu não conhecia e também lá estão de novo, é uma questão de tempo para a gente se integrar uns com os outros.”</p> <p>[E a sua relação com os artistas do Teatrão?] “Isso agora ... as primeiras 3 vezes fui assim mais fechado, agora já estou muito aberto com eles e já os ataco quando tenho que atacar, como ainda na sexta-feira. Tive que falar lá com eles mais brusco porque foi aquela coisa do X estar infetado com a gente. Depois só o X é que ligou à noite, eram nove e meia. Essa sexta-feira que ele esteve infetado esteve muita gente. Acabou por me ligar duas vezes, ia ligar a todos mas tinha ligado primeiro a mim porque já está a conhecer o meu sistema nervoso, eu que fico preocupado logo com tudo. Só que deviam ter chamado logo a gente para ir fazer a teste. Lembraram-se uma semana depois. Uma semana depois é que se lembraram de ligar às pessoas se queriam fazer o teste. (...). Depois nunca mais ninguém disse nada. Qual é o meu espanto, fez na quinta-feira oito dias, liga-me o e11 a dizer: “ó senhor e1, então o senhor não vem ao Teatrão?”. Eu assim: “ó pá, estás a brincar comigo!”. Tiraram-lhe o telemóvel e foi o X que falou: “ó senhor e1, então você foi avisado para vir”. Eu: “o quê? O que é que você está a dizer? Eu fui avisado para</p>

	<p><i>ir? Não, ninguém me avisou". "Olhe que avisaram". Eu assim: "olhe que você também está a brincar comigo, não está? Se eu lhe estou a dizer que ninguém me ligou. Você acha que se me ligassem, eu não estava aí?". "Então, olhe, depois vem na quinta-feira que vem ...". Depois eu liguei às outras pessoas e afinal eles não ligaram a ninguém. (...) Mas também estou muito contra a ACAPO porque a ACAPO sabia. (...) Nesse dia, na quinta-feira, eu cheguei lá, o autocarro que eu havia de ir para lá estar a horas já tinha passado, depois primeiro que viesse outro, pronto, já cheguei quase uma hora atrasado. Eu cheguei lá ia desbarato de todo!"</i></p>
Entrevistado/a 2	<p>[Considera que o projeto já inseriu alguma mudança na sua vida? Em termos profissionais, familiar, de amizades?] “Assim não, introduziu diferenças no sentido de que naquele dia, àquelas horas, eu tenho aquele escape e é agradável. Julgo que se não tivesse aquilo o vazio era maior. Nesse aspeto sim, introduziu um fator positivo.” [Que mudanças é que espera que este projeto produza ou venha a produzir na sua vida?] “Eu não penso muito nisso, não penso muito nisso.” [Alguma coisa está a mudar ou mudou em si?] “Isso não noto nada de especial.” [Contou a alguém, a pessoas próximas, da sua participação neste projeto?] “Não, só sabem muito vagamente aqui em casa, mas não contei a ninguém. Ah sim, contei a uma outra pessoa, mas essa pessoa já não está muito presente na minha vida. Mas assim no geral não contei muito.” [Às pessoas que contou, como é que acha que elas reagiram à sua entrada no projeto?] “Para não dizer indiferença, pouco mais. Quase não reagiram praticamente, não mostraram grande impacto.” [Sobre a sua participação e envolvimento neste projeto, como é que acha que está envolvido? Como é que se desenvolvem as atividades? O que é que faz?] “As atividades, como eu disse, envolvem determinados jogos com diversão, com alguma representação já e eu procuro sempre participar o mais que posso nas coisas que me pedem. Essencialmente é isso.” [Sobre a sua relação com os artistas do Teatrão, como é que considera que é a sua relação?] “São as pessoas com quem eu empatizo mais e sinto mais, digamos, comungo mais. Eles têm mais coisas em comum. De resto, não tenho assim grande ligação com outras pessoas. (...)” [E a sua relação com os colegas do grupo?] “Por exemplo, com o X, no início foi assim um bocado impactante, porque ele mostrou assim uma personalidade um bocado complicada e eu não gostei muito. Parecia que estava sempre a criar problemas no grupo. (...) Mas lá está, agora que o conheço melhor, acho que é a maneira dele se inserir inicialmente nas coisas, Agora até é uma das pessoas com quem eu mais simpatizo. Às vezes até falamos por meios tecnológicos fora o teatro.” [E com os outros colegas?] “Com os outros colegas não tenho assim grande ligação. Também não somos muitos porque aquilo está dividido em dois grupos. No nosso grupo entretanto saíram duas pessoas. Portanto, com elas não tenho assim grande contacto, tirando lá nas atividades.”</p>

Entrevistado/a 3	<p>[E que mudanças é que espera que este projeto venha a produzir na sua vida? Em termos práticos.] “Sei lá, olhe ... na vida, na interação com as pessoas, no bem-estar, na relação, na parte social espero que me ajude assim a encontrar-me a mim própria.” [Acha que o projeto já introduziu alguma mudança em termos familiares, de amizades, de relacionamentos?] “Não. Para já ainda não.” [Alguma coisa mudou, está a mudar, depois de ter entrado no projeto?] “Mudou porque tire-me de casa. Se isso tem assim um benefício que salte à vista? Para já não consigo sentir isso, mas pronto, não quer dizer que seja o projeto, sou eu própria também que estou um bocadinho desarrumada. É uma fase que ainda não consigo tirar assim o proveito que era suposto. Nesta altura ainda não consigo estar nessa posição, mas ainda estou a dar o benefício da dúvida, ainda estou a acreditar.” [E contou a algumas pessoas que lhe são próximas a sua entrada no projeto?] “Sim, sim.” [E recorda-se como é que essas pessoas reagiram?] “Reagiram bem, a dar força. Uma vez que gosto, que é bom.” [Falando um bocadinho sobre o seu envolvimento no projeto, como é que acha que está envolvida? O que é que sente? O que é que faz? Como é que acha que se desenvolvem as atividades?] “É complexo.” [Como é que acha que está envolvida/integrada neste projeto?] “Estou mais ou menos, não me sinto muito bem, mas acho que devia ... tinha necessidade de em vez de ser só uma vez por semana, por exemplo, ser duas vezes, como também foi falado, seria mais produtivo. Mais uma vez a Covid obrigou a separar o grupo e ficámos só uma vez por semana cada um. Eu acho isso muito pouco. Para mim é pouco. Então não consigo assim sentir-me muito bem integrada. Vou fazendo o melhor possível e vou acreditando que uma sessão a seguir à outra pode ser melhor.” [Falando um bocadinho da sua relação com os artistas do Teatrão e com os colegas, como é que é essa relação?] “É boa.” [Já conhecia alguns colegas, não é?] “Já, já conhecia.”</p>
Entrevistado/a 4	<p>[Acha que o projeto vai produzir alguma mudança na sua vida? Ou já produziu?] “Já tem estado a produzir. Pelo menos o convívio que me faltava. Eu andei na ACAPO muito tempo, fui sócio e tal, andei lá em diversas coisas, mas nunca tive convívio com pessoas invisuais e para mais até mais cegas do que eu. Pronto, que eu ainda vejo um bocadinho. Pessoas completamente invisuais nunca tinha tido aquele contacto com eles e tal. Ainda aqui há tempos estávamos lá à espera no Teatrão, o senhor X pelo menos faz uma confusão, ele, em vez de chegar lá, em vez de ir para a direita, vai para a esquerda. Fui por ali fora, com a minha bengala, chamei e tal e ele veio comigo, que fui buscá-lo. Praticamente não vejo assim muito e consegui ir ter com ele ao outro lado, que eu tenho uma visão ... se não tiver assim a luz virada para mim. Se eu olhar ali para a janela, não vejo nada, só vejo ali um traço dos vidros. E consegui fazer com ele voltasse para trás, que ele ia errado. Fez-me a convivência com pessoas cegas.” [Como é que a sua família reagiu à sua entrada no projeto?] “É uma maneira de distração para mim. Aceitaram bem. Já sabem que eu à quinta-feira tenho que ir. Não fazem grandes perguntas sobre o que para lá passa, mas pronto, desde que eu ande bem.” [Neste momento sai de casa só para ir ao projeto?] “Neste momento é praticamente. Durante o dia saio um bocadito, vou daqui até lá abaixo e volto. Neste momento é só para o projeto que vou.” [O que é que sente ao participar assim nas sessões? Como é que se sente?] “Sinto-me bem quando vou para lá.” [E a sua relação com os encenadores e os seus colegas, como é que é?] “Tanto o X como a X são pessoas espetaculares, explicam bem as coisas e tal, interagem bem connosco. Só fiquei assim um bocado chateado com eles porque o X teve agora Covid. A gente teve lá numa quinta-feira e ele até a brincar</p>

	<p>com aquela pistola - não é pistola - aquela coisa de ler a temperatura, aquilo estava a dar errado nele. À tarde, a brincar com aquilo: "<i>então, mas isto está mal</i>", a ele dava-lhe errado. Mas, como ele não estava a ter sintomas, só teve sintomas mais para a tarde. Então, eu saí de lá na quinta-feira, vim para casa. Fui contactado na quarta-feira da outra semana, por uma X lá do Teatrão, para eu ir fazer o teste. "<i>Então, mas teste do Covid porquê?</i>". "<i>Olhe, é que o X teve Covid</i>". "<i>Teve Covid? Então e é só agora que me avisam? Passou-se na quinta-feira, quase uma semana depois</i>". "<i>Então, mas ninguém lhe disse nada?</i>". "<i>Ninguém me disse nada</i>". Houve uma falta de comunicação. Até tive aqui as minhas duas filhas, o meu neto no fim-de-semana. Por acaso calhou bem que não infetou ninguém. Se eu tivesse sido infetado, tinha infetado aqui o pessoal todo em casa. Só essa parte, houve ali uma falta de comunicação. Eu ainda na quinta-feira disse: "<i>não volta a acontecer</i>". Espero que não. Estamos aqui, assim que haja uma coisa, temos que ser avisados. Por acaso tinha aí um teste e fiz. Pronto, não tinha. Mas de resto, são pessoas impecáveis." [E os seus colegas?] "Os meus colegas também. Não tenho nada que dizer deles."</p>
Entrevistado/a 5	<p>[Que mudanças é que espera que este projeto venha a fazer na sua vida?] "Para já, que dure bastante mais tempo do que a outra experiência na qual participei e foi muito bom. Espero também que façamos, de tempos a tempos, espetáculos que a nível nacional, sobretudo, mas quem sabe também à vizinha Espanha." [Em termos de mudanças na sua vida? Como pessoa?] "Mais liberta a nível de exprimir aquilo que sinto e que penso. Não ter medo, não ter tanto ... não criar tantos filtros a dizer essas coisas - dizê-las mais espontaneamente, mais naturalmente. Sinto-me também mais adulta por dentro. Também graças ao meu namorado que também contribuiu muito, que me apoiou bastante. Também é uma forma, não digo de passar tempo, mas de ocupar o meu tempo, porque é uma coisa séria e não é uma brincadeira. Enfim, eu fico um pouco nervosa quando falo em palco, mas pouco a pouco, com a ajuda da psicóloga, creio que vou conseguir contornar a situação." [Até agora sente que a sua participação no projeto já mudou alguma coisa na sua vida?] "Sem dúvida." [Como é que as pessoas que estão assim mais próximas reagiram na sua entrada no projeto? O seu namorado, a sua família?] "O meu namorado ficou radiante que ele já percebeu que eu gosto. Às vezes, quando estou com ele, faço poesia e coisas desfasadas, mas diz que sai bem, ele farta-se de rir. Ele diz que eu tenho vocação para teatro. A minha família também reagiu bem, disse apenas "<i>e depois quando fores trabalhar, vais ter que deixar</i>". Eu respondi: "<i>só deixarei o projeto caso a entidade que me vai para o CEI+ não me autorize a frequentar</i>". (...) fui autorizada a continuar a frequentar esse projeto na condição, como eu disse no início, de ficar mais meia hora para compensar as duas horas da quinta-feira." [A sua participação no projeto teve algum impacto no relacionamento com essas pessoas ou com outras pessoas?] "Mantém-se igual. Como digo ... dá-me para fazer quadras assim espontaneamente. Faço rir, sobretudo, o meu namorado. No trabalho tenho um lado também digamos que de louco, mas é um louco saudável. Eu não tenho problemas em manifestar esse meu lado louco." [Em termos de envolvimento e de participação no projeto, como é que se sente?] "Eu já faltei a algumas sessões pelas razões óbvias, mas sinto que a minha participação, enfim, não é para me gabar, mas enriquece o grupo. Tenho até certas colegas que me dizem: "<i>aí tu fazes cá tanta falta</i>". Mesmo antes de eu começar o CEI+, diziam: "<i>é pena se tu deixares aqui</i>"</p>

	<p>o projeto". Felizmente as coisas correram como correram e sinto que, pronto, às vezes perco um fio à meada, mas o que me vale é que as histórias não têm sequência entre si, é como se eu tivesse assistido a todas as sessões. Se as histórias que nós inventamos tivessem sequência, eu aí sentir-me-ia até bastante perdida e tentaria, de certa forma, superar essa lacuna. Mas, como assim não é, sinto-me sempre na expectativa de que vai correr bem, vamos fazer coisas novas, vamos percorrer caminhos novos, criar personagens novas, enfim, tudo o que se espera da participação num projeto de teatro." [Relativamente à sua relação com os artistas do Teatrão, com os seus colegas, como é que acha que é essa relação?] "É uma relação, digamos, que normal, boa. Eu fiquei muito contente quando soube quem eram os colegas que iam participar. Eu já os conhecia praticamente todos de outras atividades que a ACAPO organizou, de outras formações profissionais. Com o X e com a X também cinco estrelas, posso eu dizer."</p>
Entrevistado/a 6	<p>[E que mudanças é que espera que o projeto venha a produzir na sua vida?] "É mais em se abrir portas para eu trabalhar nessa área. Porque trabalhar num escritório, quer-se dizer, eu trabalhava, mas agora neste momento em que tudo me foi tirado, eu precisava de alguma coisa que me trouxesse de volta à felicidade. Sentisse que eu estava a fazer alguma coisa que eu gostasse verdadeiramente e que me desse aquele impulso. É claro que eu escrevo e faço aqui os meus projetos, mas não são remunerados, não são a título profissional e economicamente as coisas, lá está, também estão um bocadinho complicadas." [Atualmente, o projeto já introduziu alguma mudança na sua vida nível familiar, de amizades?] "Familiar não e amizades também não, porque as pessoas que lá andam, eu já as conhecia." [E fora isso, acha que o projeto já introduziu algumas mudanças na sua vida?] "Quanto mais não seja a nível psicológico. Enquanto estamos ali, distraímos-nos um pouco. No meu caso não penso no que vem aí. Eu não estou a ver grandes perspectivas para 2022, nomeadamente para este início do ano. Por aquilo que referi há pouco, não sei quanto tempo demoram as juntas médicas e esta situação está-me a deixar preocupada. Vivo sozinha e tendo deixado de trabalhar, não porque quis, mas porque as circunstâncias assim o entenderam, porque era completamente impossível eu fazer aquilo que estava a fazer. Uma coisa é eu trabalhar nos meus projetos, demorar mais tempo ou menos tempo a fazê-los. Outra coisa é estar a trabalhar num sítio em que constantemente as coisas têm que estar acabadas." [Contou a alguém, alguém amigo, mais próximo sobre a sua entrada aqui no projeto "A meu ver"?] "Sim. A minha família não liga muito. Tal como os meus outros projetos que eu tenho, os meus pais dão a mesma opinião da técnica da ACAPO, que eu devia trabalhar até adaptar o posto de trabalho e não sei quê. Só que eu lá está, eu trabalhei 10 anos (não conto aqui com estes 2 últimos que estive de baixa), aconteceram coisas boas e aconteceram coisas más, mas o que era até dezembro de 2018 foi apagado da minha memória. Eu só me consigo lembrar de dezembro de 2018 para ali, para o fim. E o que aconteceu é que eu andava a trabalhar cheia de dores, sem poder, as coisas não corriam bem, as pessoas cobravam de mim. Eu também ficava frustrada porque queria trabalhar e não conseguia. Coisas que eu demorava 5 minutos a fazer, demorava uma hora. Tudo por aí assim." [E o facto dos seus pais, dos seus familiares serem assim, um bocadinho imparciais sobre as suas atividades e as atividades em que participa, isso tem algum impacto no seu relacionamento com eles?] "Sim, de certa forma."</p>

	<p>Tudo o que eu faço não lhes diz nada.” [Sobre a sua participação e envolvimento neste projeto, como é que está envolvida? O que é que faz? Como é que se sente?] “Bem, eu sinto-me bem porque tento sempre aplicar aquilo que eu sou, uma pessoa mais imaginativa, mais de criatividade, que tem essa ferramenta preciosa. Aliás, até tem muito a ver com o tipo de doença, de deficiência que tenho. Porque toda a minha família é assim, até tinha uma pessoa na minha família- no caso, a minha avó - que levava isso um bocadinho ao extremo. Tinha um sexto sentido e uma (como é que eu hei-de dizer?) ... chegava a ter uma clarividência incrível.” [E a relação com os artistas do Teatrão?] “É bom, é bom.” [E com os seus colegas?] “Sim também. Nós conhecemo-nos todos fora mesmo dali. Lá está, aquilo é um meio muito pequeno, as pessoas são sempre as mesmas.”</p>
Entrevistado/a 7	<p>[Que mudanças é que espera que este projeto produza na sua vida?] “Sei lá, abrir horizontes, sei lá.” [Neste momento, o projeto já introduziu alguma mudança na sua vida a nível de amizades, de relacionamento, profissional?] “Ah, pronto, novas amizades. Uma pessoa vai desenvolvendo o cognitivo, o escutar, a atenção. Sei lá.” [Alguma coisa está a mudar ou mudou em si ou na sua vida depois de entrar neste projeto?] “Pronto, um bocadinho mais de desenvolvimento. O estar com mais atenção.” [Como é que as pessoas que estão mais próximas reagiram à sua entrada no projeto?] “Reagiram bem, penso que sim.” [Podia falar um bocadinho sobre a sua participação neste projeto? Como é que está envolvida? O que é que faz? Como é que se sente?] “Sim, estou a gostar. Todos fazemos os exercícios.” [E a sua relação com os artistas do Teatrão?] “Sim, boa. Eu gosto bem.” [E com os seus colegas?] “Também gosto. Tanto gosto de uns como de outros. É um grupo, mesmo a nível de colegas, um excelente grupo por acaso. Sim senhor. Nesse aspeto.”</p>
Entrevistado/a 8	<p>[E espera que o projeto venha a produzir alguma mudança na sua vida? Ou se já introduziu alguma mudança na sua vida?] “Não, não fui para ali com essa expectativa. Quer dizer, a mudança, qualquer coisa que façamos traz sempre alguma mudança, neste sentido, sim. Fui para ali, passei a interagir com outras pessoas cegas. Como eu estava a dizer há pouco, a ACAPO, acho que não está a fazer, nem de perto, nem de longe, o trabalho que deveria fazer. Nesse sentido, quando eu andei por lá há 30 anos atrás, por Lisboa, cheguei a propor bastantes coisas que se fizessem alterações em métodos, que se fizessem alterações numa série de coisas que eu achava que estavam erradas. Entretanto nada foi feito. Eu vim-me embora, fui tratar da minha vida. Agora que até estou mais livre, isto também, de alguma forma, o aproximar-me ali e ter contacto com outras pessoas cegas - porque eu não tinha contacto nenhum com pessoas cegas, a não ser um ou dois amigos que fiz quando andei por lá por Lisboa e que vou tendo algum contacto -, nesse aspeto pode trazer alguma mudança, mas não por ser um grupo de teatro, mas por ter contacto com outras pessoas cegas. E, de alguma forma, até começarmos aqui a desenvolver a ideia de uma nova associação ou algo do género, que possa surgir aqui. Mas não por ser um grupo de teatro, podia ser uma outra circunstância qualquer.” [Contou a alguém que ir fazer parte deste grupo, do projeto "A meu ver"?] “Contei à minha família aqui em casa. De resto, depois acaba-se por falar no assunto. Eu não me deslocava sozinho, passei-me a deslocar sozinho, a apanhar o comboio, ir para Coimbra. As pessoas</p>

começam-me a ver para um lado e para o outro e perguntam o que é que eu ando a fazer. Acabo por falar nisso, sim, mas não muito. Há meia dúzia de amigos que sabem que eu estou metido neste projeto, mas não mais do que isso.” **[Àqueles que contou, como é que eles reagiram?]** “Quer dizer, não reagiram, acharam bem. Não houve assim nenhuma reação anormal.” **[Retomando aqui para o projeto "A meu ver", como é que acha que está envolvido? O que é que sente nas sessões? Como é que acha que se desenvolvem as atividades? O que é que faz?]** “Muitas coisas são surpresa. Fazemos exercícios que nunca me passavam pela cabeça que fossem feitos. Evidente que depois com o desenrolar, vamos percebendo que é para nos ir habituando a fazer de conta porque o teatro é fazer de conta, basicamente. Há alturas em que eu fico meio atrofiado. Acho que realmente, parece-me que não tenho, não vou conseguir levar a coisa a bom porto, não me parece que aquilo tenha alguma coisa a ver comigo. Mas depois há outras alturas em que as coisas acabam por se ... o nó desata-se e as coisas até acabam por decorrer com alguma normalidade e começamos a perspetivar as coisas de outra forma. Eu, francamente, também não lhe sei dizer muita coisa porque, na verdade, nós fizemos muito pouco até hoje. O que nós vamos fazendo é exercícios para, de alguma forma, nos habituarmos a trabalhar como grupo. Se me perguntar: “o que é que já sabe fazer? o que é que já aprendeu?”, eu francamente não sei. As coisas que vamos fazendo são coisas banais, no sentido em que não é nada de extraordinário aquilo que estamos a fazer. Até por isso eu achar estranho, algumas vezes, porque é que estamos a fazer isto e depois acabo por perceber. Acabamos por encontrar o fio à meada. Mas não sei, não tenho muito para lhe dizer sobre isso. Não sei o que é que lhe possa adiantar, isto está numa fase ainda - apesar de estarmos já há algum tempo a trabalhar - também é uma vez por semana, depois meteu-se a pandemia, parámos já uma série de vezes, meteram-se as férias, agora paramos por causa do natal e da passagem de ano. Depois também paramos porque um dos elementos esteve infetado, o Telmo. Isto tem tido bastantes paragens e eu não me recordo no número de sessões que tivemos, mas não foram tantas assim. Ainda estou expectante, não lhe consigo dizer muito mais sobre isso.” **[Falando um bocadinho da sua relação com os artistas do Teatrão, como é a sua relação com eles? Os artistas, com aqueles que tem contacto?]** “É boa. São pessoas interessantes, agradáveis. Nesse aspeto não tenho nada a dizer, são pessoas com quem gostamos de estar. Aquelas duas horas acabam por ser duas horas de distração de alguma forma. Eles são pessoas bastante afáveis, não tenho nada para lhes apontar. Aliás, eu normalmente até costumo, quando tenho alguma coisa para dizer, digo às pessoas. Mas ali não há ... são pessoas bastante interessantes, agradáveis e acho que sabem do que estão a fazer.” **[E a sua relação com os colegas do grupo?]** “A relação com os colegas do grupo também não passa muito daquele período ali. Não tenho depois mais nenhum contacto com nenhum deles, a não ser esporadicamente uma vez ou outra que tenhamos trocado uma mensagem através do WhatsApp, mas também não dá para ... mas, parecem-me ser pessoas agradáveis, parece-me ser um grupo ... Não é um grupo onde se perceba que possa haver problemas por haver pessoas conflituosas ou coisas do género. Nada disso, antes pelo contrário.”

Entrevistado/a 9

[E que mudanças é que espera que este programa produza na sua vida?] “Olhe, para mim que nunca acabasse, que continuasse sempre. Porque eu não falo só por mim, falo por muitos, e falo por outros que nem sequer saem de casa, que não têm aquele transporte que eu tenho, falo assim por esses também. E se fosse para futuro e porque não? Se uma pessoa tiver que ir ao Brasil fazer um teatro e que seja bem paga, vamos embora.” **[E que mudanças é que acha que o projeto já introduziu na sua vida? Quer aqui a nível familiar, de amizades.]** “Aí muitas. De amizades, eu fico sempre com elas muitas, muitas mesmo. Fica sempre gravado, fico sempre com contactos. (...) Porque eu sou alegria. Mas é assim, tanto sou alegria como sou triste, porque eu sou muito sentimental, também tenho assim um bocadito as coisas à flor da pele. Eu sofro muito por ver os outros que estão tristes, que não têm nada para comer, pronto, sofro pelos outros. Por isso é que eu gostava de ser rica - rica para ajudar. Mas eu sinto que tenho uma riqueza muito grande dentro de mim: é Deus, é único. (...) Mas é verdade, eu não tenho vergonha de falar que tenho Deus no meu coração, na minha vida, no meu caminho e que ele me abençoa e tudo e que toda a gente assim o aceitasse como eu, como o meu salvador. Mas é mesmo.” **[Acha que alguma coisa mudou ou está a mudar em si ou na sua vida depois de ter entrado aqui no projeto "A meu ver"?)** “Aí, a meu ver muda muita coisa. (...) Eu acho que na véspera estou doidinha que venha logo. É um dia que eu me levanto com muita alegria, muita disposição, porque sei que vou para um sítio que gosto e que gostam de mim e que estamos juntos. Ali aprendemos muita coisa até aquilo que nós não ... descobri-se na altura. (...) Eu antigamente pensava que eu é que era a melhor e fui a melhor, cheguei a ser a melhor, eu hoje acho que não sou. Hoje acho que durante o grupo todo, que não sou a melhor. Por isso estou ali para melhorar, para ter mais capacidades, para conseguir falar com mais ... opá ter outra personalidade, outras palavras assim caríssimas que eu não sei. Estás a entender assim? (...) Estamos todos para aprender. E a cada dia nós vamos evoluindo mais e é pena só ser um dia de ensaio, até porque quando acaba o ensaio era quando havia de começar. Todos nós dizemos a mesma coisa, não é? Porque é quando estamos mais entusiasmadas, já com aquela energia toda.” **[Como é que as pessoas que estão mais perto de si reagiram à sua entrada no projeto? O seu marido, a sua família?]** “O meu marido está habituado, embora ele não seja nada teatreiro. Ele é mais culto do que eu numa maneira de ser. Eu sou culta - posso dizer todos nós temos um dom. (...) Mas a minha família sim. A minha mãe - já não tenho os meus pais - foram sempre ver os meus teatros à ACAPO enquanto eles cá estiveram. Amigos: eu tenho a minha enfermeira que foi com as três filhas ver o teatro. Tenho um terapeuta que foi ver o meu teatro com a menina que tinha 3 aninhos. Pronto, foi lindo. É muito, sei lá ...” **[A minha pergunta era mais aqui para o projeto "A meu ver", como é que as pessoas que lhe estão mais próximas reagiram?]** “Olhe, acho que elas dizem que eu tenho tudo para isso. *"Olha vai, eu não era capaz, eu não conseguia, eu nem sabia o que é que havia de dizer"*. *"Olha tu sabes falar"* - é assim, já fiz teatros a decorar textos, foi mais difícil. Agora acho que não estava tanto para decorar. Eles dizem mesmo não conseguiam, acho que até tinham vergonha de estar ali num palco. Eu não, acho que até se visse era igual, porque eu fui sempre assim. Não sei, acho que estou pior agora com a idade.” **[Como é que está envolvida? O que é que faz? Como é que se sente? Como é que se desenvolvem as atividades nas sessões deste projeto?]** “Sempre com mais energia, com mais stress. Sempre com mais alegria, sempre para fazer melhor.

Quando chega à minha vez eu nem sei bem, penso um bocadito, mas penso muito pouco. Eu se pensar muito já não vou dizer aquilo que pensei, tem que ser mesmo na hora. Eu acho que preciso muito ainda. É reviver, é renascer, acho que é nascer de novo, é muita coisa.” **[Podia falar um bocadinho sobre a sua relação com os artistas do Teatrão?]** “Aí, espetaculares. Eu trato o X por meu amor, a minha paixão. Aquele menino que ainda é muito mais novo que o meu filho, claro, mas é muito adulto. Tem uma capacidade que eu gostava de ser. Eu já disse: “ó X, *eu gostava tanto de ser assim como tu*”. E ele diz assim: “*a e9 é boa naquilo que faz, eu gosto*”. Gostava de saber como eles, é que eles têm uma personalidade tão ... não parece a idade que ele tem. Vê-se bem que eles têm carinho, eles têm um grande amor por nós, eu não posso falar melhor deles. Eu brinco com eles como se fossem meus filhos, amigos, como se fossemos todos da mesma idade. Assim como eles não fazem distinção de pessoas. Porque um vê ainda qualquer coisa, é amblíope, porque o outro não vê, eles não fazem isso. Eles até dizem que eu vejo muito bem. E também é assim, é uma verdade, fazer de coitadinha nunca fiz. Eu nunca fiz embora houvesse alguém que dissesse, as minhas irmãs às vezes dizem: “*ah, tu és cega, dão-te isto, dão-te aquilo*”. Não é nada disso nem nunca pedi assim. Embora houve uma vez uma pessoa que disse: “*a senhora é ceguinha?*”. E eu disse que “*sim, sou*”. “*E a senhora não anda a pedir porquê?*”. Opá ... “*olhe não ando a pedir porque não mo dão, não me conhecem*”. Eu não estou a pensar naquilo que estou a dizer, estou apenas a responder. Depois são coisas que vêm, como passarem por mim: “*olha coitadinha, ela é ceguinha*”. Para mim, já não ligo. Não, porque vou ali ao bar do hospital, por exemplo, à consulta e digo assim para elas que estão ao balcão: “*olá meus amores, minhas queridas ou minhas paixão*”. E então os rapazinhos que lá estão, “aí que caramelos”, já me conhecem. Sabem como é que eu sou - acho que até sou única mesmo porque eles não veem lá mais ninguém assim. Aponto mesmo: “*eu quero aquela coisa que está ali, aquele quequezinho aquele muito amarelinho*”. E ela diz: “*qual, este?*”. Já houve quem estivesse na fila e diz assim: “*então porque é que a senhora não vai para a fila?*”. E a da caixa vai assim: “*não vê que a senhora é invisual?*”. “*Eu não*”. “*Ela está a brincar, ela não vê nada*”. Eu tenho que fazer teatro em todo o lado, pronto, é teatro. O meu médico sabe. Eu convidei os meus médicos, eles aqui sabem que eu sou assim mesmo. É mesmo de louvar, que eles dizem, e é verdade porque esta alegria é contagiosa. Eu também digo muita vez a toda a gente, “eu tenho cara de palhaço?”. Com a brincadeira, digo: “você para se rirem, para eu fazer comédia têm que pagar porque eu nunca mais ponho ninguém a rir”. Eu sou mesmo assim, tanto falo séria como falo ...” **[Como é a sua relação com os seus colegas?]** “Não pode ser melhor. Nunca discutimos aqui. Quando andei no outro ... há sempre diferenças, não somos iguais. Depois uma diz: “*ela está-se a fazer de coitadinha*”. Não, eu tenho as minhas limitações.” **[Mas estou a falar da sua relação com os seus colegas de agora do Teatrão.]** “Não pode ser melhor. (...) Todos com respeito, brincamos, tudo muito ... não sei, acho que parecemos todos da mesma idade, parecemos que estamos no infantário. É muito bom.”

Entrevistado/a 10	<p>[Que mudanças é que espera que este projeto venha a produzir na sua vida em termos mais práticos? Disse que anda um bocadinho à procura daquela libertação, de expressão, de se conseguir expressar melhor. Que mudanças é que acha que o projeto vem trazer para a sua vida?] “Provavelmente isso mesmo. o facto de me sentir mais à vontade em termos de público, em falar com outras pessoas - não que isso seja dificuldade para mim, que não é também -, mas poder estar mais à vontade.” [E até ao momento, o projeto já introduziu alguma mudança na sua vida? Quer a nível profissional, familiar, de amizades?] “Talvez na parte em relação a fui conhecer outras pessoas que também não conhecia. No teatro, a questão do relacionamento interpessoal. Mais do que isso, penso que por enquanto não. Mas disponível para.” [E como é que as pessoas que lhe estão mais próximas reagiram aqui à sua entrada no projeto "A meu ver"?] “Reagiram todas muito bem. Só sempre com o alerta à conta deste contexto de pandemia para ter cuidado.” [Sente que a sua entrada no projeto teve impacto no seu relacionamento com essas pessoas ou com outras pessoas?] “Algum. Não tanto porque já de mim sou bastante expressiva e falo e brinco e rio quando estou com as pessoas. Talvez uma maior à vontade.” [Como é que se sente? Como é que acha que está envolvida, como é que se desenvolvem as atividades, o que é que faz?] “É-nos proposto alguma coisa - seja uma música, seja algum exercício. Aquilo que eu habitualmente faço é entregar-me a esse exercício e fazê-lo. Aquilo que eu tenho vindo a notar, em termos de desenvolvimento destas sessões, tem sido a parte criativa que é uma coisa fabulosa, gosto muito de poder criar, de poder interagir com outros, de estar disponível para aquilo que possa vir a acontecer para o exercício que é proposto. Depois é seguir em frente.” [Como é que se sente quando vai assim às sessões e faz os exercícios?] “Ah, essa é uma sensação fantástica. É assim uma satisfação muito, muito, muito grande.” [Pedia para falar um bocadinho sobre a sua relação com os artistas do Teatrão. Como é que acha que é o seu relacionamento com eles?] “Eu diria que é um bom relacionamento. É agradável. Só nos encontramos ali, também é certo, não há relacionamento para além daquele espaço e daquela atividade. Mas enquanto lá estou, o relacionamento é sempre muito bom.” [E com os seus colegas de equipa das sessões?] “Aí também.”</p>
Entrevistado/a 11	<p>[E o projeto já introduziu alguma mudança particular na tua vida em termos de relacionamentos, de amizades, familiar?] “Por acaso conheci a algumas pessoas novas, a Susete por exemplo. O X também é muito fixe, a X também. (...)” [Para além disso, alguma coisa está a mudar na tua vida ou em ti, depois de teres entrado aqui no projeto.] “Não, a minha vida está normal. É assim, depois estou à espera que haja uma oportunidade de emprego não sei se for, mas vou tentar ter a quinta feira à tarde livre é para ...É para continuar com isto, que eu gosto disto, quero continuar com isto.” [Contaste a alguém sobre a tua vinda para o projeto? Aos teus familiares, alguns amigos?] “Sim, eu contei lá ao meu vizinho e a uma senhora amiga dele.” [E como é que essas pessoas reagiram?] “Acharam que eu fazia bem, que é para me entreter.” [Como é que tu te sentes aqui? O que é que costumás fazer? Como é que achas que estás envolvido?] “Quando nós estamos na aula a tentar improvisar, o X já sabe que eu sou muito criativo, mete-me sempre no grupo dos que não percebem nada. Porque a minha cabecinha pensa muito.” [Como é que é a tua relação com os artistas do Teatrão? Com aqueles que conheces aqui?] “Boa. É aqui</p>

	<p>e aqui mesmo. Até por acaso eu tinha o Facebook do X, quando ele fez anos agora em dezembro, também lhe dei os parabéns pelo Facebook. [E com os teus colegas?] “Já era boa. por exemplo, quando andava lá no Teatro na ACAPO, o senhor X e a X também andavam no grupo. Na altura, o senhor X estava sempre ao meu lado; quando eu falava, o gajo dava pumba, dava-me na perna para eu me calar. Agora aqui, para evitar que ele me bata, sento-me longe dele.”</p>
--	--

Avaliação do projeto “A meu ver”	
Entrevistado/a 1	<p>[Se eu lhe perguntasse, numa escala de 0 a 4, em que 0 é "nada satisfeito" e 4 é "totalmente satisfeito", qual é que é o seu grau de satisfação neste projeto?] “Então eu ponho o 4.” [O que é que na opinião do senhor devia ser alterado ou está a falhar no desenvolvimento do projeto?] “Eu sobre isso ainda não posso ... o que eu posso dizer é que, a princípio, está a correr bem. Agora, não tenho nada ... sobre essas coisas, eles é que têm que ...” [O que é que acha que está a funcionar bem?] “As coisas agora já estão num caminho mais avançado, de maneira que a gente já estamos mais à vontade com aquilo que eles vão fazendo, que eles vão representando para a gente. O problema é ter essa dificuldade em conseguir meter as coisas na cabeça. Mais, estou satisfeito com aquilo.”</p>
Entrevistado/a 2	<p>[Numa escala de 0 a 4, em que 0 significa "nada satisfeito" e 4 "totalmente satisfeito", qual é o seu nível atual de satisfação com o projeto "A meu ver"?] “3.” [O que é que na sua opinião deveria ser alterado ou está a falhar no desenvolvimento do projeto?] “Coisas que falharam e me desagradaram - espero que não se volte a repetir porque eu manifestei veemente o meu desagrado, se calhar até exagerei - foi que houve aí alguma vezes em que não houve atividades e não me avisaram. E portanto, eu duas vezes consecutivas - pelo menos duas, já não sei se foram três - eu apresentei-me lá com as dificuldades de transportes que isso pressupõe, despesa e não sei quê, e não havia e eu fiquei muito chateado. Logo duas vezes seguidas e eu reagi muito mal. Pronto, isso foi a parte pior. Desde então, eles perceberam que tinham que ter mais cuidado com os avisos e eu espero que isso não se repita. Isso é uma coisa negativa que me ocorre assim apontar. De resto, acho que as coisas estão a correr bem.” [O que é que acha que está a funcionar particularmente bem?] “Acho que a equipa que está connosco, o X e a X têm sabido lidar bem connosco, integrar-nos, criar bom ambiente, descontração, diversão. Mostrar interesse, pelo menos pela parte que me toca, tem funcionado bem.” [Acha que alguma coisa poderia ser diferente ou podia ser alterada?] “Eventualmente o dia do ensaio e aumentar, se calhar, um pouco mais o tempo das atividades.”</p>

Entrevistado/a 3	<p>[E agora se eu questionasse, numa escala de 0 a 4, em que 0 significa "nada satisfeita" e 4 significa "totalmente satisfeita", qual é o seu nível atual de satisfação com o projeto "A meu ver"?) "2." [E o que é que na sua opinião deveria ser alterado e está falhar no desenvolvimento do projeto? Já referiu aquela questão de ser mais vezes.] "Exatamente, essa é a principal. E partir mais para o argumento concreto da peça, para a representação." [Trabalhar mais na parte do espetáculo em si, não é?] "Sim, insistir mais." [E o que é que na sua opinião está a funcionar particularmente bem?] "São simpáticos, são prestáveis, tentam compreender as nossas dificuldades lá as pessoas que estão a orientar o programa. Questionam-nos também, a ver o que é gostamos, acho que procuram a nossa integração." [E há alguma coisa que podia ser diferente ou que mudaria?] "Essencialmente essa parte da peça, mas nem vale a pena insistir nisso porque o projeto tem essas duas partes: essa primeira parte de pesquisa de ver como é que fazemos as coisas e etc., acho que essa parte agora fica para trás e vamos partir em concreto para a peça. Acho que já se está no caminho certo. Para mim foi difícil aguentar tanto tempo sempre a trabalhar um bocado no nada a meu ver. Não é no nada, mas, pronto, não havia conteúdo concreto e nós gostamos mais de ir diretos assim ao assunto. Nós, falo eu, mas também tenho falado com os colegas e também sentem a mesma coisa. Pelo menos comigo é o que eles têm falado. Felizmente o projeto agora está a entrar nessa fase, por isso expectativas outra vez elevadas. Embora às vezes ... não mereça [...] porque as expectativas elevadas podem não corresponder."</p>
Entrevistado/a 4	<p>[Se tivesse que classificar numa escala de 0 a 4, em que 0 é "nada satisfeito" e 4 é "totalmente satisfeito", como é que classificaria o projeto "A meu ver"?) "4." [Qual é que é a sua opinião, acha que é preciso alterar alguma coisa no projeto? O que é que está a falhar no desenvolvimento do projeto? Alguma coisa que possa ser melhorada?] "Eu acho que melhorada era o sítio onde a gente ... neste momento temos que subir aquelas escadas. Já ali ia dando um trambolhão. Se fosse facilitado o sítio do ensaio onde nós estamos, seria melhor do que estar a subir para aquela sala lá em cima cria um bocado de dificuldade." [E aquilo que está a funcionar bem e que não é para ser mudado, que é para manter?] "Penso que as sessões estão a ser bem conduzidas por eles. Penso eu, mas por aquilo que eu vejo, acho que tudo que está ali a ser feito está a ser bem. Neste momento não estou a ver o que é que se podia modificar."</p>
Entrevistado/a 5	<p>[Numa escala de 0 a 4, em que 0 é "nada satisfeita" e 4 é "totalmente satisfeita", qual é que é o seu nível de satisfação atual com o projeto "A meu ver"?) "Atualmente eu daria 4." [E o que é que na sua opinião devia ser alterado, está a falhar no desenvolvimento do projeto?] "Eu por agora não encontro nada em concreto. Só com o desenrolar do projeto é que poderei, ou não, encontrar algo que precise de ser modificado. Mas no caso o encontrar, eu farei questão de falar no final da sessão com os monitores e com os colegas claro, para que possamos melhorar a nossa integração e o conduzir das sessões." [E o que é que acha que está a funcionar particularmente bem?] "O apoio que nos é dado, tanto pelos monitores como pela própria ACAPO. Porque cada um de nós tem dificuldades de uma maneira ou de outra, eles ajudam-nos a chegar ao local do projeto e à saída. Também, como eu já disse, os colegas, como eu já os conhecia praticamente todos, e também conheço alguns do grupo da sexta-feira. Não tenho nada a apontar por agora."</p>

Entrevistado/a 6	<p>[E se eu agora perguntasse, numa escala de 0 a 4, em que 0 significa nada satisfeita e 4 significa totalmente satisfeita, qual é o seu nível atual de satisfação com o projeto "A meu ver"?) "4." [E o que é que na sua opinião devia ser alterado ou está a falhar no desenvolvimento do projeto?] "É assim ... não sei ... ou haver mais do que uma sessão, o grupo estar dividido. E também, sei lá, no futuro também haver portas para que o talento que ali está eventualmente fosse aproveitado mesmo a nível profissional. Aqui no meu caso, porque, lá está, preciso de mudar ares e definitivamente trabalhar na área em que me sinto bem e não estar ali amarrada a escritórios ou a telefones, ou seja lá o que for que ali resolvem colocar as pessoas a fazer. Porque há mais vida para além dessas coisas. As pessoas não são todas iguais, têm talentos. E ter o talento desperdiçado ali, em sítios desses, até é um bocado mau. Basta ter a ajuda e darem-nos a oportunidade de fazer isso tipo de coisas." [O que é que está a funcionar particularmente bem?] "A capacidade que há para puxar por algumas pessoas que aparentemente não têm tanta estaleca para isso. Há que também as puxar um bocadinho para aí."</p>
Entrevistado/a 7	<p>[Numa escala de 0 a 4, em que 0 significa "nada satisfeita" e 4 significa "totalmente satisfeita", qual é o seu nível de satisfação atual com o projeto "A meu ver"?) "4." [E o que é que na sua opinião devia ser alterado ou está a falhar no desenvolvimento do projeto? Alguma coisa devia ser alterada ou está a falhar?] "Não estou a assim a ver de momento." [E na sua opinião, o que é que está a funcionar particularmente bem?] "A boa relação." [A boa relação com os colegas?] "Sim, sim, com a equipa toda."</p>
Entrevistado/a 8	<p>[Numa escala de 0 a 4, em que 0 significa "nada satisfeito" e 4 significa "totalmente satisfeito", qual é o seu nível atual de satisfação com o projeto "A meu ver"?) "Eu diria 2,5, mas talvez 3." [O que é que na sua opinião deveria ser alterado, está a falhar?] "Não me parece que devesse ser alterado nada em especial. Eu acho que poderei dar 4, não tenho até muitas dúvidas que sim, que eu poderei dar um 4, mas no final. Porque agora ainda se vê pouca coisa e, portanto, é por isso que me parece o 3 ou um bocadinho menos que o 3, porque realmente ainda fizemos pouco. Se nós, de facto, levarmos a cabo a peça e conseguirmos levar isto até ao final, parece-me que no final sim, vou conseguir olhar para trás e dizer "sim, senhor". Mas agora não, porque é como já lhe disse, ainda não vi grande coisa. Mas, ao que parece, isto é normal ser assim. Eu é que desconhecia por completo como é que isto funcionava. Não é a minha área, não tem nada a ver comigo, aliás, achava mesmo que não era capaz de fazer ali nada. Arrisquei fazer parte do projeto como se vê. Também chego lá, não gosto, venho-me embora. E nos primeiros ensaios vim com vontade de não voltar na sessão seguinte porque achava que não tinha mesmo nada a ver com aquilo. Agora as coisas já começaram a mudar, mas ainda não tenho muito mais para lhe dizer. Talvez na entrevista que irá fazer no final, eu espero realmente ter bastante mais para lhe dizer do que agora."</p>
Entrevistado/a 9	<p>[Se eu lhe perguntasse numa escala de 0 a 4, em que 0 significa "nada satisfeita" e 4 "totalmente satisfeita", qual é o nível atual de satisfação com o projeto "A meu ver"?) "Oh, estou satisfeita. 0 também não. Estou satisfeita, embora eu queira ainda mais. Ainda quero me satisfazer mais, ainda quero aprender mais, ainda quero (...). Diria o 4 que é o máximo. Que é bom. Não posso me queixar." [O que é que,</p>

	<p>na sua opinião, poderia ser alterado, está a falhar no desenvolvimento do projeto?] “Eu não sei, nós ali temos um bocadinho de tudo. Alterado era começar mesmo já na peça para fazermos teatro. Porque nós todos estamos com essa ansiedade de começar a fazer mesmo teatro, mesmo um teatro. Não sei se vai ser ou não, para março ou assim, porque, em princípio, parece que estava assim um bocadinho mais coiso, parece que não passávamos assim daquilo; mas não, foi bom para os conhecermos, foi bom para saber qual é a nossa autonomia, foi bom para saber a nossa mobilidade, para saber quais são as dificuldades de cada um e saber qual é a voz. Até a voz é muito importante ali porque uns têm uma voz mais alta, outros têm mais baixa e depois não dá para aqueles improvisos que nós queremos. Eu então se for improvisado de gritar e de falar alto, eu sou aquela que berro melhor - eu berro mais, não berro melhor nada, berro mais. Melhor não porque melhor nunca sou e estou ali para o ser, para conseguir. Pronto, é isso.” [E o que é que está a funcionar particularmente bem?] “Tanto os professores (...) acho que eles estão a fazer muito bem, acho que nos estão a ensinar muito bem. Agora é que estamos mesmo a começar, lá está, a soltar-nos mais. Ao princípio é preciso eles também nos conhecerem bem porque é mesmo assim. Agora conhecemos bem como é que é o X, conhecemos bem como é que é agora o Y, conhecemos bem já todos. Eu até já disse a eles todos que eles todos foram todos muito bons e até melhores do que eu - alguns.” [Na opinião sua alguma coisa podia ser diferente ou podia ser mudada?] “Olha, a mudar era pelo menos - vou falar por mim, mas vou falar pelos colegas -, não sei se isso tem alguma coisa a ver ou não porque muitos até falam que é verdade. Não sei se será por causa de deste projeto teu, se será pela ACAPO, mas embora nós façamos as coisas com vontade, com alegria, acho que todos deveríamos ter pelos menos os passes pagos. É o que eles falam e eu também falo por mim que também pago além de ter o transporte. Eu sei que passe para um dia, não é? Ou então era senhas porque eles vão ... aqueles que apanham quatro transportes - dois para lá, dois para cá. Os nossos valores não são assim tão altos para que nós possamos andar assim a fazer estes gastos. Eu estou a falar mais até por eles também. Eu enquanto aqui para lá gasto quatro viagens ida e volta, eles se for ida e volta gastam oito. Eles ainda hoje estão a insistir a ver se o fazem. Já paguei 12 euros de passe e agora se for tirar são 30. Porque eu não tenho a idade ainda ... porque não sou. Eu já tratei disso tudo, já tive tantos anos aquele passe e agora não. Eles haviam de ter um bocadinho de olhamento, mas pronto, a ACAPO não está a ajudar assim muito nessas coisas. Acho até que não ajuda quase em nada. Não tenho muito que falar.”</p>
--	--

Entrevistado/a 10	<p>[Se eu lhe perguntasse numa escala de 0 a 4, em que 0 significa "nada satisfeita" e 4 significa "totalmente satisfeita", qual é o seu nível atual de satisfação com o projeto "A meu ver"?) "4. Mas pode sempre melhorar." [Era o que eu lhe ia perguntar agora a seguir. Na sua opinião, o que é que acha que devia ser alterado, está a falhar no desenvolvimento deste projeto?] "Tanto o X como a X têm vindo a desenvolver vários exercícios no sentido de podermos desenvolver seja a expressão corporal, seja expressão verbal. Eu diria que as coisas têm vindo a suceder de uma forma num fio condutor. Eu talvez sugerisse aquilo que já o fiz - porque já falei com o X e com a X em relação a isso -, de eventualmente se poder fazer alguma coisa a explorar, entre aspas, a voz. Para as pessoas poderem desenvolver um pouco mais a voz, o timbre, a dicção também. São coisas que em termos de teatro são bastante importantes." [E o que é que acha que está a funcionar particularmente bem?] "Aí, as dinâmicas são ótimas." [Está tudo a funcionar bem, é isso?] "Eu acho que sim, pelo menos a meu ver. Eu geralmente entrego-me às coisas, portanto, quanto a mim, correm bem." [Considera que alguma coisa podia ser diferente ou que podia mudar?] "Como eu disse há bocado, explorar mais ..." [Exercícios mais da parte vocal.] "Sim, não só, mas aliado também a parte da voz àquilo que já é feito."</p>
Entrevistado/a 11	<p>[Numa escala de 0 a 4, em que 0 significa "nada satisfeito" e 4 significa "totalmente satisfeito", qual é que é o grau teu nível atual de satisfação com o projeto "A meu ver"?) "4." [E o que é que na tua opinião podia ou deveria ser alterado ou está a falhar no desenvolvimento deste projeto?] "Só posso dizer o que demorou até o X e a X terem ideias para escrever a tal peça. Andamos aqui muitas aulas sem fazer quase nada, até eles ganharem ideias para isso. De resto, não tenho mais nada a dizer." [E o que é que na tua opinião está a funcionar particularmente bem?] "Sei lá como é que eu hei-de explicar. As pessoas escolherem virem para cá. Até as pessoas que são paradinhas improvisam. Por exemplo, a X é tão caladinha no dia-a-dia e depois aqui, ela a improvisar não se cala. Ela é muito caladinha na rua, mas aqui ela fala ... desperta as pessoas, motiva as pessoas para falarem mais." [E alguma coisa podia ser diferente ou podia mudar?] "Não tenho razão de queixa. Porque eu quando tenho alguma queixa para dizer durante as aulas, digo logo na hora, não me calo. (...). Dizia logo, digo na hora, não me calo. Sou direto e gosto que sejam assim comigo. O que tenho para dizer digo logo. Direto e frontal, às vezes dói, mas assim é que é."</p>

Relação com práticas culturais e artísticas	
Entrevistado/a 1	<p>[Já tinha participado num teatro que a ACAPO antes organizava, em que iam fazer várias atuações a vários sítios. Que fazia também Arraiolos e Macramé. Para além dessas atividades que disse, participou em mais alguma assim ligado às práticas artísticas e culturais?] “Não, não. Nunca tive nada disso, a não ser por causa desta minha infelicidade de ter de ir para a ACAPO. Só o que eu fiz foi a partir de estar na ACAPO.” [Identifica-se com a prática teatral?] “Sim, eu identifico-me. Eu até sou meio comediante, mas é dentro do meu mundo. É assim, eu andei no rancho folclórico uma série de anos. Eu andei a dançar uns cinco, seis, sete anos cego, que era uma coisa que as pessoas <i>"como é que era possível?"</i>. Fomos a saídas para o norte, fomos a saídas a Lisboa. Eu dançava cego e ainda ensinava as pessoas quando andava a dançar. Então uma vez no norte, onde o nosso grupo saiu, estava lá uma emissora que estava a fazer o festival e quando o nosso grupo saiu, eu era o segundo a contar do fim - eu mais a minha mulher. O senhor pôs-me a mão e disse para eu ficar em cima no palco mais a minha mulher. O grupo saiu e nós ficámos. Ele depois disse assim: <i>"olhe, você já se apercebeu que está aqui muita gente"</i>. Eu assim: <i>"já. Já me apercebi que está aqui muita gente"</i>. Se calhar até foi dos sítios onde a gente foi onde estava mais gente. <i>"Eu queria que você explicasse a esta gente toda que aqui está, que se calhar alguns não sabem, que você é invisual; outros devem saber porque você entra com a bengala e sai com a bengala e tem que ter ajuda nas escadas. Eu queria que explicasse às pessoas como é que você dança cego e como é que ainda anda a ensinar"</i>. Porque a minha filha mais o meu genro tinham para lá entrado há pouco. A minha filha calhou comigo numa das danças, onde ela estava um bocadinho crua. Eu é que andei a dar-lhe as dicas como é que ela devia fazer comigo e eu com ela. O senhor então disse: <i>"quero que explique a esta gente como é que dança cego e como é que ainda anda a ensinar"</i>. Portanto o senhor estava com os olhos em cima de mim. Eu fiz a explicação que andava há muitos anos no grupo e que tentei, que não as dançava todas, porque aquelas que era cruzadas era impossível, mas tudo que era modas simples, dançava-as todas. Em vários lados, no Porto, que era o Loureiro, Valentim Loureiro - já não faço ideia - também se veio agarrar a mim e o presidente do rancho e essas coisas todas. Tenho assim ... gosto muito de dançar, olhe, esta coisa da pandemia até isso me tirou de dançar.” [Na opinião do senhor quais é que são as vantagens de praticar uma atividade cultural e artística? Por exemplo o teatro, por exemplo o rancho.] “O rancho para mim ... é assim, eu ainda hoje tenho os cd’s das canções do grupo e ainda hoje ponho o tocar e ainda sei como é que hei-de dar as voltas. (...) Ainda sei dar as voltas todas e estava-lhe a dizer que lá a senhora ensaiadora mais um, o que estava de presidente na altura, que ainda era da minha família, só porque eu faltei a uma saída acharam que - justifiquei-me da saída porque eu fui ao ensaio na véspera -, a que dançou comigo - a minha mulher na altura não podia que estava doente - acharam que eu a deixei, que foi de propósito. Cheguei lá para ensaiar no dia que havia de ir e não me deixaram entrar na roda, que estava despedido do rancho. A partir daí foi mais uma martelada para mim porque eu ainda hoje dançava da mesma como dançava antes.” [Na sua opinião, quais é que são as coisas boas de praticar uma atividade desse género? Quais são as vantagens?] “Isso para mim, uma pessoa cega a fazer isso são todas as vantagens e mais algumas.” [E tem desvantagens praticar uma atividade cultural e artística?] “Então pois tem. Já viu o que é uma</p>

	<p>pessoa andar numa atividade, que anda ali com as pessoas amigas e a fazer aquilo que gosta e depois deixar? É uma coisa que não tem explicação, aquilo é logo uma martelada que uma pessoa leva.” [Deixar por causa da sua dificuldade, não é?] “Não, não foi por causa da minha dificuldade. Eu não tinha dificuldade nenhuma, só tinha dificuldade nas modas que os pares tinham que cruzar uns com os outros. Eu estou-lhe a dizer que eu ponho ali o cd - que tenho mais que um - e consigo aqui em casa imaginar na minha cabeça as voltas todas que havia de dar e que não havia de dar. A minha área de dificuldade, neste momento e já há algum tempo atrás, é a minha cabeça, já ter que martelar muito para fixar as coisas.” [E já conhecia o trabalho do Teatrão?] “Não. A minha mulher já lá tinha ido algumas vezes porque ela trabalhava com crianças na escola e, de vez em quando, iam lá com os miúdos. Eu desconhecia aquilo mesmo.”</p>
Entrevistado/a 2	<p>[Sobre a relação que o e2 tem com as práticas artísticas, disse-me no início que nunca tinha praticado teatro, mas já tinha participado anteriormente em alguma atividade artística ou cultural?] “Pois teatro julgo que não, penso que nunca tinha feito. No passado, tive assim a título amador um grupo de música quando era mais novo. Digamos que era moda, toda a gente tinha. Penso que foi só isso.” [E identifica-se com a prática teatral?] “Eu achava que era uma pessoa muito tímida e que teria dificuldade, mas agora, se calhar, acho que agora conseguirei vencer. Também é diferente depois estar perante um público, não é? E não tenho ainda experiência, não sei bem como é que poderá ser a minha reação. Mas espero ter maturidade para lidar bem com isso. É isso que eu espero.” [Na sua opinião, quais é que são as vantagens de praticar uma atividade cultural e artística?] “Lá está, diversificar as nossas ocupações, conhecer pessoas, aumentar a autoestima que às vezes não é muita - sobretudo agora. E assim mais coisas deste género.” [E as desvantagens?] “Não tenho nenhuma sinceramente.” [Já conhecia o trabalho do Teatrão?] “Não, nunca lá tinha estado, nunca lá tinha ido.”</p>
Entrevistado/a 3	<p>[Antes de participar, tinha participado numa atividade do mesmo género de teatro pela ACAPO. Para além dessa, já tinha participado anteriormente em alguma atividade artística ou cultural?] “Fiz parte de um corozito, de um programa também de música. Foi uma experiência também de um ano. Ainda o tempo de duração das formações (...), depois é pena que os projetos são interessantes (muitos deles), a gente gosta, mas depois acaba. Quem está a orientar as atividades acaba a formação e nós ficamos assim ... deixa-me assim ... às vezes não estou muito em paz com isso. É um bocadinho aguarçar o apetite e depois pronto, morrer na praia.” [E identifica-se com a prática teatral?] “Sim, mais ou menos. Por exemplo, entre teatro e canto, gosto mais de cantar. Mas no teatro também cabe o canto, por exemplo, e por acaso até é isso que está em vias de acontecer, a minha participação na peça passar por aí. Não demos em concreto, mas já foi levantada essa ponta do véu. Prova que eles são competentes e procuram dar resposta aos nossos anseios ou aquilo a que nós gostamos.” [Na sua opinião quais é que são as vantagens de praticar uma atividade cultural e artística?] “É a parte social que eu acho que é muito importante. A minha situação em concreto, existem muitas barreiras para frequentar determinadas ações a nível social. Aí acaba por ser muito positivo e pode depois gerar outros convívios, outros contactos que é sempre benéfico.” [Quando me diz parte social, fala-me dos</p>

	<p>relacionamentos?] “Sim, estar na sociedade.” [Integrada.] “Sim.” [E as desvantagens?] “Desvantagens? Não estou a ver desvantagens, só tenho pena é que não me integrar tão bem, de não ter tanta facilidade. Por exemplo, nas deslocações para os locais gostaria de sentir apoio nesse aspeto. Mas isso é um caso particular.” [E conhecia o trabalho do Teatrão?] “Não muito, não. Já ouvia falar de peças, de vez em quando, mas assim por dentro não sabia.”</p>
Entrevistado/a 4	<p>[Já me tinha dito que tem uma banda. Já andou nos caminhos artísticos e culturais.] “Sim, tenho uma experiência de palco.” [E com o teatro, identifica-se com a prática teatral?] “Eu nunca fiz teatro, muito embora já fui presidente de um grupo de teatro! Mas foi numa fase em que eu andava em formação com este grupo, andámos a formar este grupo. De maneira que até não fui à peça de teatro porque tinha um compromisso com este grupo e tinha uma participação a ser feita, tive em ensaios mas não fui. Que era do TARP - Teatro Amador de Ribeira de Frades. Mas nunca fiz teatro. Tive, digamos que uma interligação com o ensaiador, que infelizmente até já morreu, e via como ele ensaiava e tal, mas nunca tive assim nada ...” [É a primeira vez que está a participar num projeto destes. Na sua opinião, quais é que são as vantagens de praticar assim uma atividade artística e cultural? Acha que tem vantagens?] “Eu falo por mim, mas eu acho que sim. Já quando eu tinha o grupo, agora com a minha parte assim visual é um bocado mais complicado. Eu gostava de pisar o palco. Mas eu sou uma pessoa para decorar, sou um bocado ... decorar texto é um bocado complicado para mim. Então utilizava sempre uma coisa na estante, era fácil olhar para lá, às vezes bastava só olhar para o princípio que depois já ... é preciso uma pessoa ter uma orientação. Agora tem sido um bocado mais complicado, visto que ainda apanhei em 2018, ainda fiz bailes. Em 2018 acho que fiz 2 bailes e 19 também fiz; 19 até setembro.” [E assim as vantagens?] “É uma pessoa fica desinibida em palco. A cantar é diferente de representar. Faço a minha representação a cantar, também nunca estou parado e tal. Eu e a minha esposa normalmente andamos sempre a brincar um com o outro, a cantar. Mas, de resto, acho que é uma mais-valia.” [E desvantagens, acha que tem?] “Desvantagens ... não sei que desvantagens, o que é que se tirará de desvantagens. (...) Não, penso que não. Penso que é sempre uma mais-valia para cada um. É sempre uma vantagem.” [E já conhecia o Teatrão?] “Já.” [E o que é que conhecia do Teatrão?] “Conheço aquilo quase tudo por dentro. Porque eu era eletricista da Câmara Municipal de Coimbra. Era a gente que fazia a manutenção daquilo ali, lâmpadas, avarias. A última vez que lá andei foi a por umas luminárias de emergência. As outras estavam todas ... algumas fundidas, outras estragadas. Conheço praticamente o Teatrão de um lado ao outro, mas eles, de vez em quando, vão mudando a sala do palco.”</p>

Entrevistado/a 5	<p>[A e5 identifica-se com a prática teatral.] “Exatamente, isso mesmo. E o que é que também que inspirou? Foi ver desenhos animados, telenovelas, séries. Eu mesma, quando era criança, também às vezes representava para mim própria ou até com uns colegas, quando brincávamos aos pais e às mães, aos professores, enfim, a brincadeiras de criança. Isso inspirou-me bastante para descobrir que poderá ser uma mais-valia para a minha vida, para o meu futuro, quem sabe.” [Acha que a prática cultural e artística tem vantagens e desvantagens?] “A única desvantagem que eu encontro é que eu talvez tivesse que, em vez de tirar a licenciatura em direito que eu, enfim, não falei nela no início da entrevista - eu tirei essa licenciatura e acabo por não trabalhar nessa área - eu acho que talvez seria mais completo se me tivesse estudado nessa área. No entanto, eu também já não faço projetos de estudar, creio de acordo com aquilo que eu descobri, penso que vai se bom integrar esse projeto. A única vantagem que eu encontro é que, de facto, a participação de pessoas com diversos tipos de deficiência, neste caso cegos, é uma forma de inclusão e integração social. Na medida em que, não só nós mostramos para nós próprias que temos aptidões e competências para integrar um projeto dessa natureza, como também a sociedade, de um modo geral, também ter conhecimento que, tal como normovisuais, nós também podemos participar em atividades artísticas, culturais, tanto a nível do teatro, como da arte manual, pintura não direi porque é mais abstrato. Mas sim, é possível a participação em algumas atividades culturais e artísticas. Como também na música.” [Já conhecia o trabalho do Teatrão anteriormente?] “Não. Tomei conhecimento do trabalho do Teatrão quando recebi o telefonema da X e, acho que foi, da X aquando o início deste projeto. E fui-me inteirando, conversando com a ACAPO, também tenho ido ao Google pesquisar mais informação sobre o Teatrão e os objetivos que ele pretende atingir.”</p>
Entrevistado/a 6	<p>[Antes de participar neste projeto, já tinha participado anteriormente em alguma atividade artística ou cultural?] “Não, o máximo que eu tenho são as minhas coisas. São o blog, que existe desde 2006; um projeto recente que é o "Ler sem ver" no youtube, que eu comecei em abril do ano passado; e o programa de rádio que também comecei no ano passado.” [Na sua opinião, quais são as vantagens de praticar uma atividade cultural e artística?] “Basicamente extravasar pelo talento e imaginação que se tem, porque nem sempre dão valor. Olham para pessoas cegas como todas iguais. Com vidas vazias, com imaginação vazia, etc. Pelo menos é a impressão que eu tenho. Ah, esqueci-me, há uns anos houve ali uma atividade semelhante de dança. Mas eu dança ... Há pessoal que também anda ali no teatro e também anda no coro. Mas aí, a dança e o coro não são coisas que me fascinem, porque não são de todo tarefas que impliquem imaginação. A não ser que a dança fosse de improviso como eu fazia. Eu tenho um vídeo, que também está no youtube, em que eu fazia isso. Que era pegar numa música e deixar-me ir com o movimento. Aí sim, esse tipo de situação ... porque dar tarefas já pré-feitas para as pessoas ... por exemplo, o coro, cantar uma música que já existe, dançar uma coisa que já existe, nem sei quantos passos para lá, não sei quantos para cá - isso comigo, por exemplo, não funciona. E foi por isso que eu da dança desisti e no coro nem sequer me inscrevi. O teatro é diferente porque puxa mais pela nossa imaginação. E eu gostava também de ter um bocadinho o meu cunho. Há standups, há coisas que se fazem de improviso. Pegar numa situação e simplesmente deixar ir, é como eu faço com a escrita.” [Na sua opinião, aqui as atividades culturais e artísticas têm</p>

	<p>desvantagens?] “O quê, para nós? Não estou a ver nenhuma, a menos que, por exemplo, essa questão de aplicarem ali na dança ... a partir do momento em que se tentou fazer algo mais concreto, as pessoas desistiram porque não conseguem ver os movimentos. Eu na altura ainda via. Houve algumas pessoas que nunca viram, tinham alguma descoordenação também. O que realmente dava era mesmo essa questão de pegar numa música, "olha está aqui uma música, faz ali os movimentos conforme o corpo te deixar ir". Isso funciona muito bem. O contrário não. Para mim, na minha opinião, é assim.”</p> <p>[Voltando aqui à questão do projeto, já conhecia o trabalho do Teatrão?] “Só de ouvir falar. Houve uma altura em que eu pensei em mandar currículos para os teatros e perguntar se tinham alguns workshops de escrita criativa. Mas eu acho que por mais workshops de escrita criativa que se fazem, se a pessoa não tiver um instrumento que é a imaginação e a criatividade, não faz ali nada. Não se ensina, na minha opinião. Pode-se é criar exercícios para estimular mais. Eu, modéstia à parte, acho que escrevo bem, toda a gente me diz. Faltava por isso à prova e quando eu pus à prova fui bem sucedida. Mas lá está, há situações que, se calhar, fazendo exercícios para estimular a imaginação, que é como às vezes se faz ali no teatro. Nós fazíamos isso nas aulas de guionismo, foi uma pena não ter havido uma vertente - aqui em Portugal acho que não existe - só de guionismo. Estava dentro da comunicação social, dentro do meu curso, uma cadeira e eu tirava alta nota a essa cadeira porque gostava muito e era o que eu gostava de seguir. Mas, na altura não havia específico para isso.”</p>
Entrevistado/a 7	<p>[Já me tinha dito há bocadinho que tentou participar, ou que até fez os ensaios, para outra atividade da ACAPO que englobava o teatro. Para além dessa, já tinha participado em outra atividade artística ou cultural?] “Cantei na escola só, naquelas festas de fim de ano.” [E identifica-se com a prática teatral?] “Sim, por acaso gosto.” [E porquê? Porque é que se identifica?] “A forma de estar.” [Acha que é uma forma de estar?] “Sim.” [Na sua opinião, quais é que são as vantagens de praticar uma atividade cultural e artística?] “Um envolver na sociedade. Por acaso uma das sugestões era englobar-nos a nós com pessoas normovisuais também. Desculpa lá.” [Englobar-vos na prática teatral juntamente com as outras pessoas que veem.] “Sim, sim.” [E as desvantagens de uma atividade cultural e artística?] “Não estou assim a ver nenhuma francamente. De momento não estou a ver.” [Já conhecia o trabalho do Teatrão?] “É assim, eu quando vivi em Febres, ouvia muito a RDP-Centro e eles volta e meia falavam no que ia haver no Teatrão. Teatrão para ali, Teatrão para acolá. Pronto, nas sugestões culturais. Eu ficava assim naquela, "olha isto, olha o Teatrão", eu já ficava um bocado assim ... como eu costumo dizer, lambareira. Agora há dias pensei nisso, olha para quem vivia numa aldeia a ouvir a RDP-Centro, as sugestões culturais. Teatrão para aqui, Teatrão para acolá e agora está a ensaiar no sítio à qual ouviu falar aqui há uns anos atrás. Por acaso pensei nisso, meu Deus do céu.”</p>
Entrevistado/a 8	<p>[Antes de participar neste projeto, já tinha participado em alguma atividade artística ou cultural.] “Não. Eu sempre achei que não tinha jeito nenhum para isto.” [Então, identifica-se com a prática teatral ou nem por isso?] “Não, não. Eu nem quando miúdo fazia de conta, a não ser aos domingos quando me juntava com um grupo lá da aldeia de miúdos e jogávamos ao tiro e era a fazer de conta que tínhamos acertado com um tiro no outro. Acho que são os únicos momentos na vida em que</p>

eu me lembro ter feito de conta. A vida foi sempre muito real e fazer de conta não é uma coisa que faça parte do meu ADN. Mas estamos sempre a tempo de aprender. E por isso mesmo é que eu continuo no projeto.” **[Na opinião do senhor, quais é que são as vantagens assim no geral de praticar uma atividade cultural e artística?]** “Também não lhe sei dizer. As vantagens são, para mim, como praticar qualquer outra coisa que seja em grupo. É interagir com outras pessoas que é importantíssimo para nós seres humanos. Pelo menos para mim, eu gosto de interagir com pessoas e, nesse aspeto, acho extremamente positivo. Isso, para mim, ser esta atividade ou ser outra qualquer, parece-me que no final me vai trazer o mesmo na sua ... embora cada atividade tem a sua especificidade e esta, obviamente, irá trazer coisas diferentes se eu fosse participar num grupo em que íamos à natação ou íamos para fazer outra atividade qualquer. Qualquer atividade que façamos em grupo tem esta vantagem que é, de facto, interagirmos com outras pessoas e, para mim, faz bastante bem. Até tendo em conta a depressão que eu ainda tenho. Nesse aspeto é-me bastante positivo. Aliás, a psiquiatra onde eu ando, quando soube disto, achou muitíssimo bom, que isto me iria fazer bastante bem. Nesse aspeto eu também acho bastante positivo. Outras coisas de positivo de participar ali não lhe sei dizer. Vamos ver no final. No final depois pode ser que tenha mais alguma coisa para lhe dizer. Que eu lhe possa dizer: *"olhe, agora vou montar aí uma equipa de teatro e vamos passar a representar"*. **[E as desvantagens de praticar uma atividade cultural e artística?]** “Não vejo desvantagem nenhuma, não encontro aqui qualquer desvantagem. Acho que isto faz bem à mente e desvantagens também não vejo nenhuma.” **[Já conhecia o trabalho do Teatrão?]** “Não. Nem nunca tinha ouvido falar no Teatrão. Eu sou muito desligado. É verdade que o teatro está sempre algo longe de nós. Recordo-me de quando eu era mais miúdo, passavam peças de teatro, acho que era, na RTP2. Na altura quando era miúdo tínhamos dois canais de televisão, hoje temos, se calhar, mais de uma centena e não há peças de teatro na televisão - que eu não percebo porquê. Há uns anos, já não me recordo exatamente quando, recordo-me que fui com uns amigos a Lisboa e fomos ao Parque Mayer e estavam eles a relatar que era triste, que estavam a maioria dos teatros em decadência, estava tudo a cair. Eu fiz um comentário com eles e que me parece ser justo, embora na altura criticaram-me, mas eu continuo a achar que era justo: porque é que haveríamos de ter tantas companhias de teatro, todas concentradas ali no mesmo local em Lisboa? É natural que agora a maioria delas estejam de pantanas. Realmente as pessoas durante muitos anos convenceram-se que em Lisboa é que era. E o resto do país, não precisa? Hoje felizmente aqui na Mealhada até temos isso, temos aqui o Cineteatro e já começam a ter alguma atividade. Mas durante muitos anos era Lisboa, Lisboa, Lisboa. Portanto, a cultura não chegava às pessoas que viviam nas aldeias, nas pequenas vilas. Por isso o meu distanciamento, depois de calhar não tinha a ver comigo porque nunca tive contacto com isso. Porque é que as coisas tem mais a ver connosco ou menos a ver connosco? Porque é que temos mais gosto por isto ou mais gosto por aquilo? Se calhar isto vem tudo desde a nossa infância, que começamos a ter mais contacto com determinadas coisas e acabamos por desenvolver o gosto por elas. E no caso da cultura, especialmente o teatro não tinha uma relação de proximidade e não era um teatro que possa ser algo, apesar de tudo, bastante acessível a uma pessoa cega. Hoje com a audiodescrição, parece-me que poderá ser ainda mais. Apesar da minha experiência com audiodescrição numa peça que

passou lá no Teatrão há pouco tempo e eu tive oportunidade de ir lá assistir, a experiência com áudio descrição francamente deixou muito a desejar. Não me parece que aquilo seja a melhor opção porque dão auscultador e o auscultador acaba por nos tapar o ouvido. O ideal seria que nós tivéssemos numa posição na plateia que conseguíssemos ouvir as pessoas sem os sistemas de amplificação de som, porque só ouvindo as pessoas sem os sistemas de amplificação de som, conseguimos perceber onde as pessoas estão e para onde é que elas se deslocam, os movimentos que estão a fazer. No teatro isto é importante, não é? Agora estarmos só a ouvir as vozes das pessoas, francamente peca por defeito. Depois a audiodescrição não é uma áudio descrição capaz. Isto é tudo novo, as pessoas estão todas a aprender, estamos nós a aprender a ver as coisas com mais esta ferramenta e também as pessoas que nos estão a proporcionar esta ferramenta, também estão a aprender. Parece que às vezes desenvolvem as coisas sem ter em conta o público a quem elas se destinam. Eu acho que deveriam ter sido consultadas - se calhar até foram, mas as pessoas que foram consultadas também, se calhar, não saberiam. Porque infelizmente esse é um problema que temos a nível das associações. Não é por acaso que a ACAPO me parece que não está a fazer um bom trabalho, é porque infelizmente temos muita gente, a maioria das pessoas cegas são pessoas sem visão. E sem visão, isso pode parecer um contrassenso, mas a visão não se limita ao olhar que vemos com os olhos. Parece-me que, de facto, as coisas pecam por isso. Ou consultaram pessoas que não são as adequadas para lhes fornecer a informação correta para que as coisas possam ser feitas de outra forma ou então nem consultaram ninguém. Eu já vi aí muitas associações e dou o exemplo da Escola de cães guia de Mortágua, que é a única Escola de cães guia em Portugal, não tem lá nenhuma pessoa cega a trabalhar. E eu pergunto-me, mas eles não estão a desenvolver um produto para pessoas cegas? Como é que tendo só lá pessoas que veem a trabalhar ... eu isto, francamente eu tenho muita, mas mesmo muita dificuldade em perceber isto. Eu acho isto de uma arrogância, de uma prepotência, como é que alguém que sempre viu, se acha que se consegue colocar no lugar da pessoa cega, consegue perceber as dificuldades da pessoa cega. Por muito que estude, não é, não consegue. Eu parece-me que, pelo menos, duas ou três pessoas cegas deveriam lá trabalhar. E isto vê-se muito e, por isso, eu não sei porque é que a audiodescrição ser algo que me parece uma ferramenta muito rudimentar, que tinha um potencial muito grande, mas ainda está numa fase muito embrionária. Aliás para mim, assistir a peça de teatro com audiodescrição não trouxe nenhum valor acrescentado, antes pelo contrário.”

Entrevistado/a 9	<p>[Já me tinha dito que antes de participar aqui neste projeto, já tinha feito teatros com a ACAPO. Existe outra atividade cultural e artística que tenha feito e que não me tenha dito? Ou gostava de dizer?]</p> <p>“Comecei nos ensaios do Coral da igreja, sim, mas depois não continuei. Mas gostava. Mas não estou a ver, não. Olhe, eu gostava de bailes, gostava de dançar. Quando era mais nova e tinha outras condições que hoje não tenho - não é por não ver, mas é sim porque ter mudado de ... não é religião que eu não tenho religião, apenas sou evangélica, apenas acredito em Deus e eu nisto tenho muito orgulho em o dizer porque foi ele que me mudou também. Foi o único até, com certeza, que me abriu estas portas. Eu sei porque todos nós acreditamos que ele existe e é ele que nos conduz. Mas pronto, como lá estive nos quatro meses, não fiquei mesmo porque aquilo acabou, nunca mais houve professores. Porque isto já há uns anos que não fazemos e todos nós gostávamos que continuássemos.” [E identifica-se com a prática teatral?] “Aí sim!”</p> <p>[E porquê?] “Então para quê? Eu acho que já disse tudo. Identifico porque sou teateira. Sou teateira, sou comediante, dou gargalhadas, se for preciso chorar também choro em teatro. Aí isso é, não haja dúvida. Mas isso tudo é preciso.” [Na sua opinião quais é que são as vantagens de praticar uma atividade artística e cultural?] “Ser famosa. Ser famosa, vir na capa da revista, ai farto-me de rir. Ir à televisão, sim. Gostava de ir à televisão, mas era porque eu às vezes até batalho no mesmo, porque nós só vimos tanta miséria, tanta coisa na televisão, que poucas coisas dão de nos dar alegria até mesmo aos invisuais e alguns deficientes. Aparecem lá às vezes alguma coisa para tirar o coitadinho dos cegos e dos deficientes. Porque são pessoas como as outras, casam, têm filhos, fazem a vida normal - isso às vezes devia ser mais ... é que há muitos jovens - não vou falar por mim, porque estava aposentada quando fiquei assim sem ver -, mas eu falo por muitos jovens que não têm colocação precisamente por não ver, embora tenham muitas capacidades porque nós temos muitas capacidades se nos derem os materiais. Acho que é mesmo assim, nós conseguíamos. Uns de uma maneira, outros de outra, mas acho que conseguíamos todos fazer alguma coisa. Isso é que está mal feito, qualquer coisa só põem como telefonista. Enquanto faz ali tapetes maravilhosos de trapilho. Eu já fiz, quando parti a minha perna há 10 anos também já fiz tapete de trapilho, aprendi. Uma coisa boa, pois foi isso, já cantei ali no Mendes Pinto que eu tive lá um mês. Foi um mês para mim, quando parti a perna, mas um mês de felicidade. É verdade. Porque dei muita alegria aos outros que estavam muito mal. E quando entrei, era: "coitadinha, ela é ceguinha", eu era a única, não é?” [Quais é que acha que são as desvantagens de praticar uma atividade cultural e artística?] “Menos boa para mim era mesmo ficar mais incapacitada, de piorar a minha situação de saúde. Por exemplo da minha artrite. A meu ver já não é o meu ver, mas apenas a minha mobilidade, aí é que o tenho. Aí é que eu penso que para mim era bem pior porque isto quando acabar agora vai ser uma tristeza muito grande. Quando acabar isto do teatro acho que vai ser muito triste para nós porque envelhecemos até. Os dias parecem que não passam em casa, é diferente. Embora eu tenha sempre alguma coisa a fazer, mas não é igual.” [Já conhecia o trabalho do Teatrão?]</p> <p>“No primeiro teatro que fizemos já lá fomos ao Teatrão. Aquilo não teve os cenários com roupas? É o único Teatrão cá em Coimbra, não é?”</p>
------------------	---

Entrevistado/a 10	<p>[Antes de participar aqui neste projeto, já esteve envolvida em algumas outras atividades artísticas e culturais.] “Sim.” [Para além daquelas que referiu, existiram outras que participou e que não referiu agora há bocadinho?] “Sim, cantar já canto há muitos anos. Para ter mais ou menos uma ideia, desde os 15 anos. Fiz parte de outros coros, cantei de norte a sul do país, passei pelos Açores, passei por vários países da Europa onde cantei também. Já alguma coisa feita, sim.” [Quais é que são as vantagens de praticar uma atividade cultural e artística?] “Tem muitas.” [Tem algum exemplo em concreto que possa dar de uma vantagem?] “A questão do relacionamento interpessoal entre os vários elementos de grupo. Por exemplo, dessas experiências que tive, eu guardo ainda amizades, ainda mantenho em contacto com pessoas que pertencem a esses coros e já passaram vários anos. Mantemos esse contacto. O relacionamento interpessoal. Que mais coisas? A concentração, a atenção, a memória também - trabalhar esse ponto. É certo que não [...] muito tanto à questão da criatividade, não é por aí que as coisas se deverão desenrolar, mas é o sentido de grupo, é o trabalhar em grupo, é saber que não há quem se destaque, mas trabalha-se num conjunto para um todo. Isso, sem dúvida nenhuma, é importante. E para aqui, para o teatro, isso é muito, muito importante.” [E desvantagens?] “Não vejo nenhuma.” [Já conhecia o trabalho do Teatrão?] “Já, já conhecia pelo menos algum do trabalho, sim.” [Consegue-me dizer o que é que conhecia?] “Em relação a peças que eles foram apresentando ao longo do tempo.” [Peças de teatro que costumava ir assistir?] “Fui a muito poucas, mas sabia da existência delas.”</p>
Entrevistado/a 11	<p>[Estavas a dizer que já participaste num teatro da ACAPO, durante quanto tempo é que participaste?] “Fizemos lá várias peças. Ora, a primeira peça foi em 2013 (uma), 14 (duas), 15 (três). Fizemos, acho que, 3 peças.” [Agora, para além dessa peça, participaste em outras?] “Particpei em muitas da ACAPO. Quando andei numa escola que fica, acho, em Alfarelos, ao lado do Centro Psiquiátrico de Arnês, que era a ARSDOOP. Mas aquilo já fechou, foi à falência. Era ARSDOOP o nome. Na altura, participei numa peça que era inspirada no "Auto da Barca do Inferno", em que eu era o presidente e depois as pessoas vinham ter comigo a falar: um padre ia-se casar, um ministro vinha com as amigas para ver se me enganavam e eu tinha que dizer se ia para o inferno ou para o céu. E eu decorei o meu papel e o papel de todos, para saber quando era a minha vez de falar, porque a minha memória ainda é alguma. O padre, o que eu chamei de tolo, mandei o meu professor usar cuecas da Tena Lady. Agora, assim com invisuais foi aqui mesmo na ACAPO. E nos serviços da escola também fazia algum teatro, assim nas festas da escola, agora de resto...” [Para além desse teatro havia ou atividade artística e cultural em que participaste?] “Ia ao ginásio, sei lá. Às vezes jogo à bola com os meus amigos...” [Então, em termos artísticos, só o teatro?] “Pois.” [Identificas-te com a prática teatral?] “Sim” [Porquê?] “Porque eu gosto, por exemplo... dá-me prazer estar a improvisar e depois... por exemplo, olhando para o X ou para a X quando eu improviso e os vejo sorrir, sinto-me tipo “dever cumprido”, estou a fazê-los sorrir. E eu quando falo tento sempre pensar naquilo que eu digo, mexo-me sempre e eles gostam muito desses pormenores. Eu já reparei neles, e cada vez que eu estou a falar e me mexo eles riem-se porque gostam que eu me mexa e daquilo que estou a dizer.” [E na tua opinião quais são as vantagens de praticar uma atividade artística e cultural?] “Então, o</p>

	convívio com os colegas, tento fazer novas amizades mesmo com as pessoas que estão no público a assistir, nunca se sabe.” [E desvantagens?] “Hmmm, que eu me lembre não tem.” [E já conhecias o trabalho do Teatrão?] “Não, nem sequer imaginava que isto existia.”
--	---

Apêndice 7 - Grelha de análise das entrevistas com os/as participantes do projeto "A Meu Ver" - Momento 2

Envolvimento, aprendizagem e participação no projeto "A meu ver"	
Entrevistado/a 1	<p>[Gostava que falasse um bocadito como é que se sente depois de participar no espetáculo "O que é invisível"?) "Sinto-me bem. (...)"</p> <p>[Acha que a sua participação correu bem?] "Sim, para mim correu." [E ao longo da sua participação aqui no projeto, que tem 3 anos, o projeto "A meu ver" - incluindo os ensaios, até o próprio espetáculo, sentiu que teve alguma dificuldade ou algum obstáculo?] "Então dificuldade a gente tem sempre." [Que tipo de dificuldade é que sentiu?] "A dificuldade é as pessoas não estarem treinadas, não terem formação para lidar com a gente. E pronto, há os pequenos percursos mas que se ultrapassam." [Na sua opinião, o que é que causou essas dificuldades? Quando fala em pessoas, fala dos encenadores do Teatrão?] "Não, é dos voluntários que eles tinham a levar a gente para um lado e para o outro. Do professor e da professora não tenho nada a dizer." [E acha que essas dificuldades depois foram resolvidas, alguém orientou?] "Sim, pronto, ultrapassou-se tudo." [Acha que a ACAPO e até mesmo o Teatrão tiveram um papel nesse processo, de tentar ensinar os voluntários ou tentar-lhes dizer qual é que é a melhor forma?] "Quer dizer, a ACAPO podia ter tido mais participação sobre isso. Era a parte ideal que realmente devia ter essa responsabilidade de formar as pessoas o mais possível ou o suficiente para que realmente as pessoas pudessem saber lidar com a gente." [Gostaria que me falasse um bocadinho da sua experiência e participação no espetáculo "O que é invisível". O que é que achou desta primeira experiência?] "Foi boa." [E há alguma coisa que gostou mais?] "Eu gostei de tudo." [...] [Na sua participação houve assim alguma coisa que lhe tivesse custado mais fazer?] "Não, não, porque é assim: a gente custa é de princípio. Depois de se entrar dentro do esquema, a coisa vai." [...] [(...) sentiu que foi envolvido na escrita da peça? Deu alguma sugestão ou alguma opinião sobre como é que devia fazer, como é que de ser?] "Não. Eu sugestão até tinha os professores e achei que aquilo que me deram para o meu papel, achei que depois de encaixar, estava bem e que foi bom." [De certa forma identificou-se com o papel que lhe deram, é isso?] "Sim, sim." [E escolheu alguma roupa - a roupa que ia vestir, por exemplo?] "A roupa foram eles. [...] Foi para todos, não foi só para mim. Eles escolhiam a roupa conforme os artistas." [(...) nunca deu assim nenhuma opinião à equipa do projeto?] "Não, não. Não, o que estava sempre a ser apresentado era aquela reunião que no fim que, pronto, não consigo [...] praticamente e pronto. Aí é que eu queria dizer qualquer coisa, mas não." [Não disse?] "Não disse, não disse. Quando chegou à minha vez já não deu para dizer nada." [Teve familiares (...), teve os seus amigos e os seus filhos a assistir à peça?] "Tive os meus filhos, os meus netos, o meu genro, a minha nora e pronto, não levei mais gente porque aquilo estava limitado e eu não andei para aí a pedir a mais ninguém que ... tinha mais gente de família que gostaria de ir, mas não avancei para esse lado." [E o que é que eles disseram sobre a sua participação? Que comentários é que eles lhe fizeram?] "Da parte dos meus filhos, genro e nora, netos foi espetacular." [Eles gostaram todos?] "É e o meu filho também. Já me tinham visto na televisão antes da peça e nos jornais. Mas depois na peça ficaram muito contentes. Vieram muito felizes." [Depois quando esteve cá fora, já depois do espetáculo quando estavam cá fora, foi abordado por alguém, por outra pessoa que não conhecia que esteve a assistir que lhe disse alguma coisa ou que foi ter consigo?]</p>

	<p>“Tive pessoas que fizeram questão de me abraçar e de me dar os parabéns.” [E como é que se sentiu?] “Olha, como é que eu me senti? Senti-me maravilhosamente bem.” [E a sua participação aqui no projeto "A meu ver", acha que aprendeu alguma coisa nova que não sabia? Desde os ensaios, desde aquela parte que achou mais aborrecida até ao próprio espetáculo, acha que aprendeu alguma coisa?] “Então, é assim, para mim foi bom porque para já foi uma maneira de eu sair de casa. Segundo, foi encontrar praticamente com a minha família da ACAPO, quando a gente já tinha feito para aí uns 4 teatros na ACAPO. Era quase a família, só lá faltavam uns dois ou três. Duas ou três que lá faltaram, que não alinharam desta vez. E havia lá uns outros que eu não conhecia de lado nenhum mas que estavam na parte do meu papel e ainda bem.” [Mas acha que aprendeu alguma coisa com este projeto neste primeiro ano?] “Então a gente aprende sempre. Olhe, aprendi a ter amizade, um bocado de alegria. Seguramente com aquela equipa do casal dos dois professores que foram espetaculares.”</p> <p>[Como é que é que caracteriza a importância dessas aprendizagens para a sua vida? Acha que foram boas? Foram positivas?] “Foram boas, foram boas.”</p>
Entrevistado/a 2	<p>[Para nós começarmos, eu gostaria que me falasse um bocadinho sobre como é que se sente após ter participado no espetáculo "O que é invisível". Ao longo deste processo todo, o que é que sente neste momento?] “Quer dizer, não noto propriamente assim um grande diferença. Aquilo que eu refiro é que, lá está, na altura foi isso que me levou a procurar essa outra atividade, eu não estava numa fase muito boa (e ainda não estou) e procurei aquilo até mais para distrair um pouco. Eu agora já estou a trabalhar normalmente, mas na altura estava em teletrabalho e isso também não ajudava. Porque eu passava muito tempo sozinho, muito tempo em casa, sem falar com ninguém. E portanto, o principal objetivo foi esse: foi fazer outra coisa para variar um pouco o que estava na fazer na altura e contactar, conhecer outras pessoas. Pronto, e a esse nível sim, ajudou-me. Agora, no que diz respeito a mudar a minha vida, assim em geral, não mudou assim nada de especial.” [Mas neste momento como é que se sente? Sente-se satisfeito com o projeto, com toda a envolvimento que teve, com os ensaios?] “Sim, no geral sim. Quer dizer, foi uma coisa muito inicial também, foi a primeira vez que o fiz. Não foi uma coisa muito importante, mas lá está, atendendo que a minha experiência nesta atividade era zero, pronto, se calhar não está mal. É óbvio que gostaria de continuar e futuramente ter um protagonismo maior. Porque, apesar de tudo, achei que foi uma coisa muito curta. Mas pronto, tudo bem, lá está, também foi a primeira vez.” [Ao longo da sua participação no projeto "A meu ver", incluindo desde os ensaios até aos próprios espetáculos, sentiu que enfrentou alguma dificuldade ou algum obstáculo?] “Não, não. No geral, acho que senti uma boa adaptação, um bom acompanhamento também por parte das pessoas que dirigiram o projeto, o nosso ensino, a nossa formação. Acho que foram pessoas que souberam colocar-nos à vontade e, de certa forma, integrar-nos - uns melhores que outros. Mas acho que no geral correu bem.” [...] “Sobretudo por parte dos encenadores. A Mariana e o Telmo acho que isto para eles também era uma novidade e apesar disso que estiveram bem, que conseguiram integrar-nos, colocar-nos gradualmente à vontade e fazer uma coisa para a qual não tínhamos nenhuma experiência. Não digo todos, alguns já tinham feito, mas penso que a maioria não tinha assim ainda feito nada nesta área.” [Agora eu gostaria que falasse um bocadinho sobre a sua experiência e participação no próprio espetáculo, sem ser no</p>

projeto em si. O que é que achou do espetáculo? O que é que gostou mais, o que é que gostou menos?] “Foi o que eu disse à bocado, quer dizer, pensei que poderia ter sido aproveitado, nomeadamente falar em causa própria: se calhar não é a coisa mais adequada. Mas achei que podia ter feito mais. Mas pronto, lá está, também foi uma primeira vez e futuramente isso pode melhorar.” **[Ao longo de todo o processo, desde a questão da realização do guião sentiu-se envolvido, por exemplo, na escrita do guião, das suas falas?]** “Sim, sim. Por acaso, não na totalidade, mas uma das partes foi uma colaboração entre mim e o X [encenador]. Ele apresentou um texto inicial e depois eu coloquei também a minha colaboração.” **[Sempre que sentia que houvesse uma oportunidade ou que sentisse que alguma coisa pudesse ser melhorada, tentou dar alguma sugestão?]** “Sim, sim.” [...] **[E acha que essas opiniões foram bem recebidas e bem acolhidas?]** “Sim. No que toca à minha particular não tenho razão de queixa.” **[Tendo em conta que anda de bicicleta e isso integrado na própria peça, como é que achou ... não sei se essa sugestão partiu de si.]** “Não, não, foi-me apresentada, não partiu de mim. Nem sequer me ocorreria tal coisa.” **[Então foram os próprios encenadores que sugeriram e depois concordou em fazer.]** “Sim, aceitei logo. Achei engraçado.” **[Deu depois algumas sugestões relativamente a isso? Por causa das luzes, lembro-me daquelas questões das luzes.]** “Sim, porque um dos meus receios ... Lá está, o meu problema de visão não é estável e um dos meus receios eu chegasse à altura da peça, à altura principal e eu não conseguisse. Mas pronto, felizmente, correu bem. Conseguimos adotar estratégias em que eu não tive problemas.” **[Foi sempre sugerindo como é que se haveria de fazer?]** “Sim, ajudei nisso. Em termos de luzes, de marcação do solo com algumas riscas.” **[E isso foi bem acolhido depois pela equipa?]** “Sim, sim. Perfeitamente. Acho que aí funcionou tudo muito bem. As pessoas, técnicos e tudo, tiveram sempre boa disponibilidade.” **[No geral do espetáculo em si, do que é que gostou mais?]** “A parte que gostei mais, assim particularizando, gostei muito do dueto entre o e11 e o colega (que agora não recordo...). Pronto, gostei muito da parte deles, sobretudo. É, acho que foi a que gostei mais e que divertia mais as pessoas. Lá está, foram diálogos mais prolongados, mais longos, acho que foram melhor aproveitados.” **[E aquele que gostou menos? E porquê? Pode ser em termos de participação sua, pessoal, quer em termos de espetáculo.]** “O que gostei menos? Sei lá! Nunca tinha pensado assim. (...) Em particular não.” **[Considera que correu assim tudo mais ou menos consoante estava à espera?]** “Isso não, porque eu não estava assim muito à espera até que fosse assim. Mas, sim, acho que, no geral, umas coisas melhores, outras piores ... não queria estar agora a referir muito esta parte.” **[Mas em termos que prestação, considera que teve uma boa prestação por exemplo ou que, para primeira vez ...]** “Um bocadinho curta, mas sim. Pelo menos penso que correspondi ao que me pediram. Quer dizer, se me tivessem pedido mais, acho que poderia ter feito mais. Mas penso que sim, que correspondi. Depois, devido a diferentes circunstâncias, o ensaio também não foi assim muito, no que diz respeito a mim em particular. Acho que não houve assim muito tempo. Acho que houve uma aposta maior noutras pessoas. Se calhar porque achavam que era preciso prepará-los mais, até porque a exigência era maior. No meu caso, foi tudo assim um bocado rápido. Mas pronto, foi o suficiente, pareceu-me que sim.” **[Sentiu que a sua intervenção em si no projeto podia ser um bocadinho mais do que aquilo que foi?]** “Isso por um lado. E por outro lado acho que, se calhar porque achavam que eu não precisava de tanto acompanhamento, acho que no meu caso não houve assim uma grande aplicação como noutras pessoas. Mas, se calhar, pronto, porque

também lá está, o que eu ia fazer também não era assim muito importante. Lá está, não foi ocupado muito tempo comigo, é o que me parece. Mas se calhar também porque não era preciso.” **[Teve a assistir à peça alguns familiares, alguns amigos seus?]** “Sim.” **[E qual é que foram os comentários, depois dos espetáculos, destas pessoas?]** “Foi só uma pessoa. Porque o meu filho também poderia ter ido, mas não teve vaga, não havia lugar. E, portanto, foi só uma pessoa e o comentário foi positivo, disse que eu estive bem.” **[E como é que se sentiu ao ter ouvido esse comentário? Satisfeito?]** “Sim, embora, pronto, como era uma pessoa familiar, há sempre aquela coisa de achar que não ia dizer que estive mal. Ouvi é muitos outros comentários de outras pessoas que eu nem conhecia bem que disseram que gostaram. E sim, senti-me bem.” **[As pessoas depois cá fora, do público no geral, que vieram ter consigo, dar-lhe os parabéns. É isso?]** “Sim, sim.” **[Nesse momento, sentiu-se bem, é isso?]** “Sim. Embora lá está, como a fase não é das melhores, penso que ... e eu penso que foi notado por algumas pessoas, eu poderia estar mais envolvido e mais, digamos, com maior entusiasmo. E isso foi um pouco prejudicado pela fase da minha vida, faz com que eu não esteja na melhor disposição e desvalorizo muita coisa. Como eu digo, isto foi mais até para me ajudar a distrair um pouco. Mas não atribui assim uma importância por aí além. Mas não é pela questão do projeto em si, é mesmo por questões particulares da minha vida, que não tem sido fácil no último ano e faz com que eu não valorize tanto uma série de coisas.” **[Tendo em conta que foi a primeira vez que aceitou este desafio.]** “Exato. Por um lado, até lhe digo, é bom porque acaba por desdramatizar a questão. Eu às vezes via comentários, as pessoas estavam muito ansiosas e não sei o quê. Eu não sentia nada disso. Lá está, como para mim era só mais uma coisa que eu fazia, de certa forma servia para descomprimir. E não ficava tão ansioso com a situação.” [...] “Ou no dia anterior. Porque era amanhã, já dormia mal, não. Não me aconteceu nada disso. E até sou pessoa para sentir isso, que eu sei que sou uma pessoa um pouco ansiosa. Mas lá está, às vezes quando nos acontecem coisas muito graves, a gente deixa de atribuir importância a outras coisas e essas coisas até correm sem ansiedade. Acho que foi o que aconteceu.” **[Já que é a primeira vez que participou no teatro, acha que a sua participação aqui no projeto permitiu-lhe aprender alguma coisa nova?]** “Sim, talvez alguma coisa, sim.” **[Que tipo de aprendizagens por exemplo? Quais é que foram essas aprendizagens?]** “Pois, isso é um pouco difícil concretizar.” **[Dando exemplos, não é? Mas, por exemplo, colocando para a sua vida em particular, sentiu que existiu um maior convívio entre pessoas? Aprendizagem em termos de teatro, em termos de representação?]** “Sim. Bom, eu sempre fui uma pessoa que conviveu com muita gente sempre desde criança. Lá está, agora ultimamente é que, devido a diferentes circunstâncias, isso já não acontecia tanto. Não se trata de uma aprendizagem, porque eu sempre tive muitos amigos e muita interação social. Agora é que a vida estava um pouco diferente e por isso eu procurei isso. Portanto, não se trata de uma aprendizagem; trata-se de, sei lá, retomar mais contactos com mais pessoas, mas não é uma aprendizagem. Nesse aspeto, diria então, se calhar, o recuperar um pouco o contacto com pessoas diferentes.” **[E em termos de expressão dramática, a questão do teatro, sentiu que aprendeu alguma coisa?]** “Não, foi muito curtinha ainda. Penso que ainda não deu para aprender muito. Quer dizer, tentei seguir alguns conselhos, mas foi uma prestação muito curta. Portanto, ainda não deu para evoluir muito em termos técnicos, acho eu.” **[Então essas aprendizagens não foram muitas, também não tiveram grande impacto na sua vida]** “Não, não, isso não.”

Entrevistado/a 3	<p>[Eu gostaria que falasse um bocadinho sobre como é que se sente neste preciso momento, após a sua participação no espetáculo "O que é invisível"?) “Sinto-me bem, sinto-me com alguma realização, com expectativas superadas. Por caso achava que não iria ter assim um resultado que tive. Portanto, diverti-me e é isso que importa realçar. Sinto-me bem.”</p> <p>[Ao longo da sua participação no projeto, incluindo os ensaios e também o próprio espetáculo, sentiu que houve alguma dificuldade ou algum obstáculo que teve que ultrapassar?] “Sim, isso aconteceu, mas foi superado.”</p> <p>[Pode-me dar um exemplo de uma dificuldade ou de um obstáculo que tenha tido?] “É assim, achei pouco tempo para ensaiar a peça em si. Achei muito tempo a primeira fase que foi até ao final do ano e depois quando houve a decisão de fazer a peça, senti que foi pouco tempo. E não tinha conhecimento assim global da peça por inteiro e, portanto, gostaria de ter interiorizado melhor - globalmente vá - a peça. Mas, quanto à minha participação, gostei muito. O meu papel era pequenino, não tive grandes dificuldades.”</p> <p>[Em termos de pessoais, está-me a falar no geral, não é? Na questão dos ensaios.] “Da peça.”</p> <p>[Em questões pessoais, assim logísticas, sentiu alguma dificuldade nesse sentido?] “Sim, mas foram desafios que foram superados. Houve um acompanhamento à altura enquanto a mim.”</p> <p>[Essa questão de os ensaios terem durado pouco tempo, na sua opinião, isso teve impacto na sua participação no espetáculo em si?] “É assim, para mim até foi positivo porque também aprendi que se pode trabalhar de várias maneiras. Senti-me bem e o meu objetivo não é ser profissional, foi divertir-me - para mim foi suficiente.”</p> <p>[Então essas dificuldades foram resolvidas?] “Sim, sim, ao longo das sessões foi resolvido.”</p> <p>[Nestas questões das dificuldades, a ACAPO ou o Teatrão tiveram algum papel nesse processo de ultrapassar essas dificuldades que sentiu?] “Ah sim. Colaboraram também no sentido de facilitar a parte dos transportes que também já aliviou, pronto evitou algum stress. Por isso acabou por correr melhor.”</p> <p>[Gostaria que me falasse um bocadinho da sua experiência no espetáculo em si, mesmo no espetáculo "O que é invisível". O que é que gostou mais e o que é que gostou menos?] “(...) Olhe, é difícil, pois realmente é difícil de escolher. Gostei do momento do e11 ir com Senhor e4.”</p> <p>[(...) em termos pessoais, da sua participação em si. O que é que gostou mais e o que é que gostou menos?] “Sei lá, sei lá o que é que eu gostei mais. Gostei do momento em que estive a dizer o meu texto. Estávamos ali naquela cena as 4 mulheres. Gostei dessa cena por inteiro, achei que era uma coisa assim fora do normal, mas que eu me identifico muito com aquilo. Achei que realmente tinha sido feito à medida. Eu incluí-me bem nesse papel e gostei dessa parte de quando estávamos a falar os textos.”</p> <p>[...]</p> <p>[Se houve alguma coisa que gostou menos, pode não ter sido no próprio espetáculo, mas nos ensaios também.] “Não gostei muito da roupa. O vestido não me servia bem, às vezes era incómodo aquilo. Pronto, essa parte incomodava um bocadito, mas pronto. Era uma coisa necessárias, mas, por exemplo, se fosse uma coisa com mais tempo, podia ter sido trabalhado de outra maneira. Mas depois também havia frio para estar ... acho que isso nem se pode apontar assim como não gostar, olhe, foi o possível e ...”</p> <p>[Naquela altura foi o possível e o que se arranjou.] “Exato, exato. Não, para mim foi muito positivo. Sinceramente adorei ter participado. Nem sequer é a minha praia - eu gosto de andar nestas coisas, mas é pelo convívio que se gera, pela interação. Quando se chega ao momento de ir a palco, não é nada a minha praia. Mas desta vez, foi uma coisinha assim tão diferente e pequena que aceitei bem. Por isso foi muito positivo.”</p> <p>[Pegando aí nessa questão do vestido por exemplo, sentiu-se envolvida na preparação de todo o espetáculo - desde a escrita do guião, de pensar como é que iria ser, qual é que</p>
------------------	--

	<p>era a mulher que iria ser?] “Não, não, estive um bocadinho fora e depois aceitei. Pelas circunstâncias que já aponte, tive fora, nem era para participar - por motivo aí de umas situações pessoais que me impediram de estar presente nas atividades - e, portanto, eu não estive envolvida. Mas quando o texto me chegou à mão, identifiquei-me com o que lá estava e revi-me naquilo e aceitei facilmente. Não deixou de estar presente lá a minha maneira de ser. O tempo de aulas que tinha passado por lá, aquele tempo de observação por parte dos encenadores. Mas não tive assim muito presente assim nessa parte da construção porque estive fora.” [Agora já na parte do final do espetáculo, qual é que foi a reação dos seus familiares, amigos ou pessoas do público com quem tenha conversado?] “Essa reação foi muito boa. Foi um bocadinho também na linha do bem-estar que eu senti. Vale o que vale, não é? Familiares e amigos normalmente também apoiam as causas, mas sinceramente eu senti que a peça era bonita, que valia a pena e também vi neles que também tiveram essa reação.” [Cá fora depois do espetáculo foi abordada por alguma pessoa do público em si?] “Ah, não.” [Recebeu algum comentário?] “Quer dizer, dessas pessoas conhecidas sim. Dar os parabéns, mas, de resto, assim de público estranho não.” [Mesmo que sejam próximas, o que é que sentiu com esses comentários na altura?] “Senti-me bem.” [Considera que a sua participação no projeto permitiu-lhe aprender alguma coisa nova?] “Sim.” [Por exemplo? Quais é que foram essas aprendizagens?] “Nova, quer dizer, não sei se é bem nova, mas ir sempre contrariando um pouco aqueles sintomas de falta de motivação e querer superar, envolver-me e estar a desafiar-me assim com vontade de ultrapassar as questões.” [Como é que avalia ou caracteriza a importância dessas aprendizagens para a sua vida? Já referiu que em termos pessoais houve aí uma motivação pessoal em si. Para além disso, houve aqui outras questões? Acha que essas aprendizagens foram importantes na sua vida?] “Sim, sim, sim, foi um bocadinho também a tentar enfrentar a sociedade da forma como ela está. Aliviar um bocadinho os medos que ainda se sentem, que ainda estão presentes - quer pessoais, quer mesmo a nível social, a nível da sociedade, as coisas externas da pandemia que ainda está a dificultar as coisas. E agora, ainda por cima, este cenário de guerra na Europa, na Ucrânia também. Isso tudo acabou por absorver-nos, absorver-me a mim no caso, estou a falar de mim. Acho que foi muito benéfico a gente ocupar-se assim com coisas diferentes para não estar só a digerir o que é negativo. Tanto a nível pessoal, como a nível de sociedade.” [A questão dos medos eram medos no sentido do vírus que estava a dizer ou, outro tipo de medos pessoais?] “No fundo é dos dois. Porque o meu medo pessoal também me tem paralisado bastante.” [E qual é que é esse medo?] “A falta de projetos, de estar envolvida, que vai alimentando mais aquela situação de incapacidade ou de não estar disponível para aceitar projetos ou para trabalhar. E portanto, aí tem um papel positivo. A parte da pandemia também pesa porque quer queiramos quer não, existe. E depois, muita gente junta, também não nos deixa assim ir para a frente sem medos. Há dois tipos de medos. Mas é bom haver estes projetos e termos consciência que as coisas existem, mas que a vida continua e, portanto, acho que é positivo.”</p>
Entrevistado/a 4	<p>[Para iniciarmos, eu gostaria que falasse um bocadinho como é que se sente agora depois do espetáculo, depois de ter feito 3 espetáculos. Como é que se sente neste momento?] “Eu sinto-me bem. Inclusive, acho que até foram poucos. Deviam ter sido mais. Tivemos ali tanto empenho nos ensaios, que acho que até foram poucos espetáculos. E acho que a maior parte concorda e achou que foram poucos. podiam ter</p>

sido mais. ia-mos embalados, era aproveitar. Por acaso correu bem, mesmo pela minha parte.” **[Ao longo da sua participação no projeto "A meu ver", desde que integrou o projeto - desde os ensaios até ao espetáculo - sentiu que teve alguma dificuldade ou algum obstáculo que tivesse que ultrapassar?]** “Não, as minha dificuldades são aquelas que eu encontro no dia-a-dia. As minhas limitações da visão, mas foram ultrapassadas tal e qual como eu as ultrapasso no dia-a-dia.” **[Essas dificuldades que tem no dia-a-dia transmitiram-se um bocadinho depois para a parte dos ensaios - a parte de ter pouca visão, não é?]** “Sim.” **[E acha que a ACAPO e o Teatrão tiveram um papel importante para tentar ultrapassar essas dificuldades?]** “Sim, da parte que me toca, as dificuldades que eu tive foram ultrapassadas com as ajudas que eu tive (acho que foram as adequadas). Há pequenos pormenores que passam, mas isso são coisas ... como era a primeira vez a primeira vez para tudo: eu era a primeira vez a fazer teatro; no Teatrão também era a primeira vez; as pessoas que tiveram a orientar, a encenar também era a primeira vez. Há pequenos pormenores que falham, mas isso ... A questão que falhou não afetou nada, mas pronto.” **[O que é que acha que falhou?]** “Andámos muito tempo a ensaiar naquela sala que é lá em cima. Devíamos ter vindo há mais tempo para baixo para ensaiar a peça em si. [...] Tivemos lá muito tempo a fazer exercícios em cima, que acho que não era necessário.” [...] **[Voltando um bocadinho às dificuldades que sentiu, acha que isso teve algum impacto na sua vida - na sua vida já tem, que acabou de dizer que são aquelas dificuldades que enfrenta no dia-a-dia -, mas acha que teve algum impacto na sua participação no projeto, no espetáculo?]** “Não, não.” **[Foram resolvidas?]** “Foi tudo resolvido. Menos no último espetáculo.” [...] “Não sei se você viu, o último espetáculo de domingo é quem nem para mim, nem para o e11 que estava contracenar comigo. Havia aquele tubo que caía e que normalmente fica ao pé de nós. O e11 como tem até uma visão melhor que a minha, ele encontrava. Ele dizia várias vezes "não vejo o tubo". E eu "procura-o", que eu também não o vi. Até que saiu alguém do Teatrão que me estava a vestir de pé e foi buscar o tubo - uma situação assim um bocado caricata. Mas também nunca ninguém pensou que um tubo ...” **[Gostaria que falasse um bocadinho sobre a sua experiência ou participação no espetáculo "O que é que é invisível". O que é que acha da sua participação? O que é que gostou mais? O que é que gostou menos?]** “Olha, a minha participação até excedeu as minhas expectativas. Pensei que pelo menos para decorar o texto seria muito mais difícil. Os primeiros ensaios foi assim ... pronto ... mas depois até entrei muito bem naquilo. Além disso, fez-me muito bem. Eu pensava que não lendo, não conseguia memorizar aquilo. Mas pronto, mediante o computador e tal, computador lia para mim aquilo e decorei aquilo, decorei muito bem o texto. Para mim foi muito positivo até.” **[Houve assim uma parte que gostou mais da sua participação?]** “Eu por acaso até gostei do papel que me deram. Eu contracenei com aquele, que até me fazia assim... [...] Achei que era uma coisa assim um bocado na comédia. Eu também gosto de entrar assim numa certa comédia. Foi um papel assim mais mexido.” **[Identificou-se com o papel que teve?]** “Sim, identifiquei-me.” **[Houve alguma coisa que gostou menos da sua participação?]** “Eu penso que não. Algumas falhas - mas isso das falhas quem sabe é quem estava dentro da peça. Isso foi uma ou duas vezes, mas foi ultrapassado.” **[Naquela parte em que o encenador estava a escrever o vosso texto, as vossas falas, aquilo que vocês iam dizer, como é que se ia fazer, sentiu-se envolvido? Pediram-lhe sugestões?]** “Não, o texto que me foi entregue foi escrito pelo X [encenador].” [...] “Identifiquei-me. Não tenho experiência de teatro, como eu já tinha dito. Portanto, também não tinha bases para estar ali a dizer o

	<p>que é que seja para alterar o texto. Nem, neste momento estou para dar, quer dizer posso dar, mas, naquele momento, recebi o texto, concordei com ele e identifiquei-me bem. Pronto, e calhou bem.” [E naquela parte das vestimentas? Daquilo que ia vestir? Como é que ia ser? Isso aí escolheu?] “Também não escolhi. Mas pronto, também concordei.” [Sente que teve assim alguma sugestão que deu, nunca houve nenhum momento desses, em que tenha sugerido outra forma de fazer?] “Sim, sugeri ao X [encenador] ainda algumas coisas. Por exemplo o bancozinho mais alto para estar mais à vontade. Em vez de estar sentado, demorar mais tempo a levantar, assim mais alto dava para se reagir mais rápido na cena. Não sei o que é que disse mais; mas dei uma ou duas sugestões assim.” [E essas sugestões depois foram bem acolhidas.] “Foram bem acolhidas.” [E teve familiares e amigos a assistir à peça?] “Tive.” [E recebeu assim comentário deles?] “Foi logo, no final. A minha filha que está aí, a mais velha, mais o meu neto foram antes do espetáculo. A gente ia recolher para a Tabacaria e ele veio-se abraçar “ó patinho, é patinho”. E gostaram.” [Cá fora, quando vocês fizeram o espetáculo, tiveram um bocadito cá fora à espera do transporte e não sei o quê, houve alguém do público que veio ter consigo, que você não conhecia, a dar-lhe os parabéns?] “Não.” [E como é que se sentiu ao ouvir os elogios da sua filha?] “Fiquei feliz. Porque à partida também sabia que aquilo tinha corrido bem, mas a reação deles foi boa ao Cotinha.” [E a sua participação no projeto “A meu ver” permitiu-lhe aprender alguma coisa nova?] “Sim, sim. A convivência com as pessoas, que era isso que também me fazia falta.” [E teve outras aprendizagens ao praticar mesmo o teatro?] “Sim, estamos mais à vontade.” [...] “Eu por mim falo, eu desde que estou assim com baixa visão - já estive quase sem ver nada -, parece que estou mais solto. Ou seja, mais extrovertido. Não tenho tanta ...” [...] “Tantos receios. Sou capaz de dizer mais coisas para frente - aquilo que não era capaz de dizer ... não é asneiras, mas estou mais à vontade.”</p>
Entrevistado/a 5	<p>[Para começar, eu gostaria de que me falasse um bocadinho como é que se sente neste momento, após ter participado no espetáculo “O que é invisível”?] “Depois da participação nessa peça que estreamos enquanto projeto entre a ACAPO e o Teatrão, sinto-me muito feliz porque tive oportunidade de mostrar, para mim própria e também para os outros claro, o meu talento - não diria competências, mas de certa forma também -, competências para essa área. Além de que quem me foi ver diz que gostou imenso e até se fartaram de rir com certos gestos que eu fiz. Mesmo disseram que [...] quando fingia que estava a derrubar as trotinetes para a estrada. Houve uma parte, não sei se assistiu, mas é natural que sim, onde eu disse que as trotinetes estacionadas em qualquer parte davam agora lugar a um ...” [...] “Eu era um, bem, não me recordo, pode ser que daqui a nada me lembre. Mas enfim, quem foi ver gostou imenso e eu senti-me bem, senti-me um pouco mais rica a nível de atividades fora de trabalho.” [Quer dizer que teve alguns familiares e amigos a assistir à peça.] “Exatamente. Inclusive também colegas de trabalho.” [Eles fizeram alguns comentários depois?] “Sim. Dado que eu não tive oportunidade de os encontrar aquando do final da peça. Quando me reencontrei com eles, ou até mesmo por telefone, fizeram-me esses elogios.” [E teve alguma interação de pessoas do público que não conhecia e vieram ter consigo depois do espetáculo cá fora e dizer-lhe qualquer comentário ou dizer-lhe qualquer coisa?] “Foram sobretudo pessoas que também foram convidados de outros colegas que também me fizeram esses comentários. Assim como terão feito a quem os convidou. Sim, esses comentários, de facto, eu sentia-me bastante cansada por trabalhar e depois ir ensaiar, mas depois quando chegou ao domingo, fiquei</p>

relaxadíssima e pensei "vou agora de férias do teatro, mas quero voltar" - claro que quando recomeçarmos." **[Existe algum comentário para além desses que já disse, que lhe fizeram?]** "Não, basicamente foram esses comentários. Até houve um colega meu que disse e que me chamou artista, "artista para a brutidade", na brincadeira." **[E como é que se sentiu com esse comentário?]** "Ah, entrei na brincadeira. Disse-lhe mesmo que sim, que eu era muito má, que só destruía o que me aparecia à frente e que era o diabo em estilo de pessoa. Entrei na onda da brincadeira. Ele fez isso a brincar, porque é um colega que gosta muito de brincar com as pessoas." **[Colega de trabalho?]** "Sim. (...) Isto tudo para dizer que me senti muito bem e as pessoas gostaram de ver a participação." **[E ao longo da sua participação no projeto "A meu ver", desde os ensaios até aos próprios espetáculos, sentiu que teve que enfrentar alguma dificuldade ou algum obstáculo?]** "Não, não senti propriamente obstáculos; o que me custou interiorizar foi, sobretudo, quando (embora tenhamos sido ajudados pela X [encenadora] e por toda a equipa) eu não consegui interiorizar bem para onde é que tínhamos de ir sozinhos, apesar de irmos em fila, para o local onde iríamos fazer as vénias." **[No final do espetáculo.]** "Exatamente. O que nos valeu foi a ajuda da equipa que nos conduziu: íamos todos em fila e fazíamos as vénias." **[Sentiu que essa foi a sua única dificuldade?]** "Sim, sim foi. Aliás, eu, no início, também senti um pouco dificuldade na medida em que iria faltar tardes inteiras ao trabalho por causa dos ensaios - eu senti-me um bocado ... "como é que eu vou conciliar isso?". Mas, entretanto, eu falei com a equipa do Teatrão e com a entidade que me dá o estágio e disseram-me que eu poderia mandar uma justificação passada pelo Teatrão, via email, e assim se justificou as faltas daquela semana. Embora eles não tivessem como obrigação aceitar, dado que não tem nada a ver com saúde ou com segurança social ou tribunais, coisas da vida quotidiana; mas eles foram excelentes na medida em que não houve problema em enviar uma justificação daquelas tardes que comprovaram que eu não faltei injustificadamente, mas sim por estar envolvida nessa atividade." **[(...)]** **agora gostaria que me falasse um bocadito sobre a sua experiência ou participação no espetáculo. O que é que gostou mais, o que é que gostou menos?]** "É assim, eu por norma sou uma pessoa muito nervosa, muito ansiosa e, sim, tenho problemas de ansiedade desde muito cedo. Acontece, como eu já disse noutra ocasião, que já participei noutra peça de teatro há cerca de 9, 10 anos. Eu aí, embora as coisas tenham corrido bem, no fundo eu tremia por dentro, tinha aquele nervoso miudinho, "como é que vai correr, se vai correr bem, se vai correr mal". Mas, as coisas, felizmente, correram bem. Desta vez, não tive assim propriamente nervosismo nem ansiedade. Também graças a alguma medicação que eu tomo, mas tinha o apoio dos colegas do trabalho como do Teatrão e todos diziam "vai correr bem, vai correr bem". Desta vez, em nenhuma das digressões me senti nervosa. Houve na primeira em que falhei um pouco, na medida em que eu iria quase fazer um gesto ou uma cena fora do tempo; mas felizmente como houve as outras colegas que estavam a representar comigo a natureza, conseguimos dar a volta e tudo correu pelo melhor." **[Existe alguma coisa que gostou mais ou que gostou menos no espetáculo?]** "Gostei mais foi de quando andava na rua com a bengala a indicar as trotinetes - eu aí gostei mais porque eu já vivenciei uma experiência do género. Não tem a ver com questões de violência nem de agressividade, mas muitas vezes quem usa as trotinetes deixa-as mal estacionadas e muitas vezes nos sítios mais críticos. Houve um domingo em que eu fui ajudar o meu pai lá no café (onde a Susete esteve comigo na outra entrevista) e que houve uma trotinete estacionada - eu estava a ir sossegada no meu caminho e, entretanto, aparece-me uma trotinete que

me estava a barrar a passagem. O que é que eu faço? Eu com a bengala viro-a, ponho-a ao chão e ela vai parar à beirinha da estrada. E senti-me muito bem ao, digamos que, ao reconstituir (entre aspas porque ali foi ficção, foi fantasia).” **[Foi representação, não é? E sentiu-se bem porque já tinha uma experiência pessoal sobre isso.]** “Certíssimo. Tinha vivenciado essa experiência. Mas gostei muito, senti-me bem ao fazer das mulheres que defendem a natureza; embora eu sei que eu própria poluo muito, é verdade. Convicções à parte, mas para mim a natureza é quem manda em nós e ela agora está a enfurecer, a ajustar contas connosco. Mas senti-me bem ao ser uma mulher defensora da natureza porque estava a ir ao encontro daquilo que eu também defendo - que deveríamos acabar com esta poluição, mas enquanto houver ser humano na terra, enfim ... Está bem que toda a humanidade poluiu, mas a poluição em série, isto só desde a revolução industrial e não vejo fim à vista.” **[De certa forma identificou-se com o papel que tinha.]** “Exatamente, bastante. Foi isso que também fez com que eu me sentisse muito realizada, digamos assim, no papel que representei. No início, estava previsto eu fazer outro tipo de papel. Só que, como eu sou cega de nascença, não tenho qualquer imagem visual, memória visual para fazer aquilo que me tinha sido proposto. Então, acabei por ir para esse cenário das mulheres da natureza e aí não tive qualquer dificuldade; bastou-me apenas decorar as minhas falas e tudo correu o melhor que se conseguiu.” **[Sugeriram-lhe outro tipo de papel, os encenadores, mas depois foi você que manifestou a sua opinião a dizer que se calhar era melhor não?]** “Fui. Durante toda a sessão, estivemos a recapitular esse papel, só que lá está, é demasiado descritivo. Para eu poder fazer uma descrição, ainda que não digo a 100%, mas o melhor possível, eu teria que fazer aquele caminho N vezes para criar as referências e saber o que é que está e o que é que não está. Para mim, fizemos volta, fizemos o reconhecimento lá do Teatrão da parte de fora, mas eu não consegui sequer assimilar as formas e onde é que estão as coisas, dado que não é numa vez que eu aprendo a andar num sítio qualquer que ele seja e muito menos as formas e a distância que há entre as coisas. Por isso é que eu, no final da sessão, falei os encenadores e disse-lhes que não faria esse papel, pelo facto de eu não ter memória visual, não me sentiria capaz de fazer assim o papel descritivo - descrever o que está à volta e para onde é que as pessoas vão e todo esse cenário que a Susete teve oportunidade de ver, que deu início à peça.” **[Sentiu depois que a sua opinião foi bem acolhida e integrada ...]** “Muito bem acolhida. O encenador que me fez essa proposta, eu disse-lhe *“vamos conversar então em conjunto sobre essa situação e veremos o que é que se pode fazer”*. Até que um outro dos encenadores disse que sentia a falta de uma personagem para desempenhar as mulheres da natureza e então surgiu eu com esse papel.” **[Houve algum momento da sua participação ou experiência que gostou menos?]** “Não, foi tudo muito bom. A única questão é que nos primeiros tempos, quando eram aqueles ensaios mais cada grupo dentro do seu bastidor, senti que era muito aborrecido porque nós não podíamos assistir aquilo que os outros faziam. No entanto, nos últimos ensaios já tivemos essa oportunidade e eu passei a perceber na íntegra em que é que consistia a peça. Houve, de facto, uma vez um ensaio desses, um ensaio ...” **[Geral.]** “Sim, em que, como eu estive doente, não pude ir. Gostava imenso, tinha uma grande pena de não perceber a peça porque eu estava apenas circunscrita, digamos assim, à minha cena. Com esses ensaios, eu acabei por ver que tudo fazia sentido, havia uma ligação entre todas as nossas participações.” **[Sentiu então que percebeu a peça, como é que a peça foi feita, a história - quer dizer, a história como o papel de cada pessoa.]** “Exato. Por exemplo, eu sabia que havia dois colegas que faziam um par de jovens que se queriam namorar. Só tinha

	<p>assistido a isso e não sabia o resto. Eu pensava assim: <i>"mas o que é que afinal as mulheres de natureza têm a ver com o namoro?"</i>. Então, ficava assim sempre a leste do paraíso, digamos. Até que consegui finalmente perceber o que é que ligava cada cena." [Mas nunca teve acesso ao guião completo da peça, das falas dos seus colegas do início ao fim?] "Não, só tive acesso às falas - à minha e das colegas que, tal como eu, faziam as mulheres da natureza." [...] [Sentiu-se envolvida na preparação do guião, do espetáculo? Por exemplo, na escolha do cenário, na escolha das roupas?] "Não, não. Porque isso foi, não digo imposto, mas foi sugerido. Aliás, a única coisa que me perguntaram era se eu me importava de andar de vestido. De maneira nenhuma, eu gosto de andar de vestido ou de saias. Mas fora isso, também não fiz qualquer objeção porque o importante era ir vestida com aquilo que eu iria representar." [Nas suas falas, não houve nenhum aspeto que tivesse dito "gostava mais de dizer assim em vez de dizer assado".] "Não, não, foi muito bem atribuído e de modo que, a partir de então, encaixei e limitei-me a decorar as minhas falas e tudo correu muito bem." [A sua participação no projeto "A meu ver", desde o início em termos de projeto de 3 anos, permitiu-lhe aprender alguma coisa nova? Acha que aprendeu alguma coisa nova?] "Nova propriamente não, dado que já tinha passado por uma experiência de teatro. Mas o tema em si é que me ensinou que tudo tem a sua lógica, tudo tem a sua razão de ser." [Quando fala em tema, fala do tema da peça, de ser uma peça feita por pessoas com baixa visão? Ou fala do tema da imaginação?] "Da imaginação. Porque já várias pessoas diziam ter uma imaginação fértil. Com esta peça eu aprendi que ainda podemos mais fertilizar a nossa imaginação." -[Como é que avalia, acha que isso tem alguma importância para a sua vida em particular?] "Acho que sim, nem que seja nos meus tempos livres em que eu escreva um texto ou que dialogue com alguém que compreenda, que aceite as ideias. É uma maneira também de eu, digamos, fantasiar um pouco a realidade em que vivo."</p>
Entrevistado/a 6	<p>[Para começar, se calhar podia falar um bocadinho sobre como é se sente neste preciso momento após a sua participação no espetáculo "O que é invisível"?) "Sinto-me bem. Não há grande ..." [...] [Incluindo quer os ensaios, quer o próprio espetáculo, sentiu que enfrentou ou teve que enfrentar alguma dificuldade ou obstáculo?] "Não, a dificuldade se calhar maior é mesmo a disponibilidade. Porque eu faço várias coisas e às vezes havia ... nomeadamente naquela parte final havia ali atropelamento a várias coisas." [Quando diz várias coisas é o quê?] "Coincidências com outras coisas que eu tinha. Tive de alterar ou mesmo de fazer algum tipo de adaptação ou mesmo ..." [...] "Essas coisas. Porque eu faço mais do que uma coisa e às vezes ..." [Portanto, teve que fazer aí uma adaptação na sua vida.] "Sim." [Em termos de horários e outras atividades.] "Sim, sim. Mais ali para a parte final." (...) "Sim, porque eu, por exemplo, quando estava circunscrita à sexta-feira já tinha mais ou menos as coisas ordenadas para essa hora. Depois começou a coincidir com outro tipo de coisas. Depois eles tiveram de alterar ou mesmo de ficar por fazer." [Sentiu que isso foi resolvido?] "Foi de certa forma, sim." [Acha que a ACAPO ou que o Teatrão tiveram algum papel na resolução desses problemas? Ou não?] "Não, isso aí cada um tem que de se ..." [Mas em termos de dificuldades, mesmo nos ensaios, na questão dos ensaios.] "Nos ensaios não, praticamente não tive não." [Nem no espetáculo?] "Não." [Agora gostaria que me falasse um bocadinho sobre a sua experiência ou participação no espetáculo mesmo em si. O que é que mais gostou e porquê?] "Da sensação de ter o público mesmo a morder os calcanhares. É uma coisa que, se calhar,</p>

	<p>dá uma adrenalina extra, um alento. É uma pressão boa.” [E o que é que menos gostou e porquê?] “O que é que meu menos gostei? Sinceramente não estou a ver o que é que eu menos gostei.” [Gostaria agora de lhe perguntar se se sentiu envolvida na construção do próprio espetáculo? Desde a parte dos guiões, daquilo que ia vestir.] “Sim, sim. Aquele primeiro textito inicial, aquele que estava gravado, o primeiro esboço foi eu que o fiz. Depois ele é que foi encurtado e assim.” [Considera que o texto, pelo menos, foi bem aceite pela equipa do projeto.] “Sim, a minha praia é mais escrever, não é tanto representar, como se sabe. Mas faz-se os possíveis.” [E em que outros aspetos é que se sentiu envolvida, para além dessa parte da participação na escrita.] “Não estou assim muito a ver.” [Na parte do vestuário, por exemplo?] “Também dei ideia. Por exemplo, eu não gosto de - a não ser, se calhar por cima da roupa - não gosto muito de usar vestidos, adornos, enfeites. Não gosto de usar muito esse tipo de ...” [E referiu isso à equipa?] “Sim, sim. Tinha referido, que era para estar mais à vontade. A não ser que eu tivesse que levar uma roupa por baixo, como uma vez fui fazer isso para o Porto. Também tive a mesma estica com o pessoal.” [E agora falando um bocadinho sobre a reação mais do público, teve algum familiar a assistir ou amigo?] “Não.” [E cá fora, foi abordada por alguém do público?] “Sim, pessoas que eu conheço. Disseram que estive bem, que gostaram.” [E como é que se sentiu ao ouvir esses comentários?] “Bem. Também quem é que ia dizer que estive mal de pessoas conhecidas?” [Disseram que sim porque são seus conhecidos, é isso?] “Não me iam dizer certamente que eu estive mal.” [A sua participação aqui no projeto permitiu-lhe aprender alguma coisa nova? Acha que aprendeu alguma coisa?] “Sim. Foi uma vivência diferente, uma sensação diferente. Eu gosto sempre de experimentar coisas novas e descobrir outro tipo de sensações, de emoções. E esta de estar num palco (não era bem um palco), a representar foi diferente.” [E como é que avalia e caracteriza a importância dessas aprendizagens para a sua vida?] “São sempre positivas, são sempre gratificantes.”</p>
Entrevistado/a 7	<p>[Eu gostaria que falasse um bocadinho sobre como é que se sente agora neste momento, após ter participado no espetáculo.] “Gostei.” [...] [Achou que ao longo da sua participação, incluindo nos ensaios e os espetáculos, sentiu que teve alguma dificuldade ou algum obstáculo que tivesse que ultrapassar?] “Mais decorar. Decorar é que nunca foi assim o meu forte.” [Decorar o texto?] “Sim.” [Como é que conseguiu depois ultrapassar isso?] “Até tive o texto à frente.” [Teve o texto à frente? Em braille?] “Sim, sim, por acaso. Mas também o tive digital também.” [...] [O que é que acha que na sua opinião causou essa dificuldade ou porque é que acha que não conseguiu decorar? Era muito texto para si?] “Não, outros motivos. (...) Não teve nada a ver com o teatro em si. Por outros motivos.” [Isso teve algum impacto na sua vida ou na sua participação?] “Não teve. Não.” [Considera que a ACAPO ou o Teatrão teve algum papel neste processo de conseguir ultrapassar aqui esta dificuldade em decorar o texto?] “Disponibilizaram-me o texto das duas formas, tanto digital como em braille, sim. Ajudou as instituições, sim.” [Para além dessa dificuldade em decorar o texto, teve outras dificuldades? Teve mais dificuldades?] “Não, não.” [Gostaria que falasse um bocadinho sobre a sua experiência no espetáculo "O que é que é invisível". O que é que mais gostou do espetáculo, o que é que menos gostou?] “Até gostei do espetáculo em si.” [E o que é que gostou menos?] “Pronto, o que eu não gostei foi de não ter acesso à peça toda.” [Porque é que acha que isso aconteceu?] “Aconteceu lá está, porque também tivemos que estar quando acabou a nossa parte, tivemos</p>

	<p>que estar depois até às despedidas, até fazermos as despedidas.”</p> <p>[Tiveram que permanecer no mesmo sítio?] “Sim, sim.” [...] [E em termos de envolvimento na realização em si da peça - desde as falas -, sentiu que esteve envolvida nesse processo todo? De escolher as roupas? Do que ia dizer? De escolher a mulher que ia ser?] “Algumas das músicas fui eu que escolhi. Algumas! E o tema também foi inspirado numa outra sessão que fizemos também.” [Sentiu-se envolvida na preparação do espetáculo em si em algumas partes?] “Sim, sim.” [Não sei se teve alguns familiares a assistir ao espetáculo ou amigos.] “Sim, tive.” [E qual é que foi a reação deles depois do espetáculo? Depois de ver a sua atuação no espetáculo?] “Gostaram. Só que a minha parte é que não foi assim audível devido a problemas técnicos.” [Pois, aquela questão do microfone.] “Sim, sim. [...]” [Pode contar assim algum comentário que lhe tenham feito? Como é que se sentiu também com esse comentário? Foi abordada, por exemplo, cá fora por alguma pessoa que não conhecia, que estava a assistir no público?] “Não, não, por acaso não.” [E dos comentários dos seus familiares, o que é que lhe disseram?] “Pronto, que o texto não foi todo audível e as vozes não estavam assim bem niveladas. Foi isso só.” [E como é que se sentiu de ouvir isso?] “Fiquei assim um bocado com o texto até bonito, por acaso, não todo.” [Acha que a sua participação em termos de projeto, porque o projeto tem 3 anos, em termos de projeto “A meu ver” lhe permitiu aprender alguma coisa nova? Sentiu que aprendeu alguma coisa que foi importante para si?] “Mais ou menos se aprende.” [Aprendeu por exemplo o quê?] “Quer dizer, foi mais a nível de desenvolvimento.” [Desenvolvimento pessoal?] “Também, também.” [Com os seus colegas, por exemplo?] “Também.” [Achou que o tipo de aprendizagens foram mais relacionadas com desenvolvimento pessoal e a nível de relações de amizade, é isso?] “Sim, sim.” [Tendo em conta esse desenvolvimento pessoal que referiu, como é que avalia a importância disso na sua vida? Acha que foi vantajoso para si? Que não?] “Sim, vantajoso.” [De que forma? Na sua vida teve algum impacto?] “Acho. Fiquei mais feliz. Com a peça fiquei mais feliz.” [Sentiu-se um bocadinho melhor consigo própria, é isso?] “Sim. Na parte do teatro senti.”</p>
Entrevistado/a 8	<p>[Para iniciar, gostaria que me falasse um bocadinho como é que se sente após a sua participação no espetáculo “O que é invisível”? Como é que correu? Sente-se satisfeito, não satisfeito?] “Nem sei que diga. Apesar de tudo acho que não correu mal, mas eu não gostei da atitude deles. Aliás, eu tive lá uma conversa com eles na sexta-feira seguinte após o espetáculo e eles não gostaram de ouvir. E nem sei se vou voltar. Entretanto depois liguei à Isabel, à diretora do Teatrão, e gostava de ter uma conversa com ela. Ela: <i>“para já tem que ser com o x também”</i>. <i>“Está bem, pode ser”</i>. Mas, entretanto, essa conversa nunca mais dá para alinhavar-se. Marcou-se esta próxima sexta-feira, mas, eu não me lembrava, e tenho uma consulta precisamente a essa hora e não vai dar. E a minha continuação lá ia depender do feedback que obtivesse deles. Mas não queria reiniciar sem antes ter essa conversa com ele. E se calhar isto nem vai dar e o tempo está a passar e eu, cada vez, tenho menos vontade de ir lá ter a conversa com ele. Porque eles tiveram um comportamento que eu acho muito pouco digno.” [Quando fala neles, fala no Teatrão?] “Eles, a direção do Teatrão. Eu pensava que tinham sido só os encenadores, mas ao que me parece aquilo foi tudo decidido em conjunto. Eu nem sei qual é o termo que eu possa usar para dizer aquilo que penso sobre a atitude deles, porque parece-me completamente absurdo aquilo que eles fizeram. Ou seja, eles foram falando connosco o</p>

que gostaríamos de apresentar, assim e assado - mas, só para se ir tendo alguma ideia, mas nunca se adiantou nada de especial. De repente decidem, assim de um dia para o outro, andar lá - como tu provavelmente tiveste oportunidade de verificar - andarmos lá alguma vezes a encher pneu, a fazer nada quase e depois, de repente *"aí vamos ter que ensaiar e a seguir vamos ter o espetáculo já dia não sei quantos"*. Para quem nunca tinha feito nada daquilo ... é assim, aquilo é tudo em cima do joelho e depois o que fizeram foi apresentarem-nos um texto, que era um texto deles, um texto que eles escreveram, como eles acharam sobre a deficiência visual. Ora, eu pergunto-me o que é que aquela gente sabe da deficiência visual para nos imporem um texto, para nós representarmos, sem nos perguntar se estávamos de acordo, se não estávamos de acordo, se achávamos bem a visão que eles estavam ali a tentar passar para o público, e etc. De tal forma que, quando começou a explicar lá o X [encenador] qual ia ser o meu papel, eu fiz-lhe assim um bocadinho cara feia, que não me estava a ver fazer aquilo. Não me agradava. E entretanto, tendo em conta aquilo que queriam fazer - queriam fazer algo sobre a temática da deficiência visual - e que era que para nós descrevêssemos o Teatrão, aquela zona envolvente, como é que nós víamos aquilo, etc.; ele ainda lhe disse: *"se é assim, se calhar fazia sentido que as pessoas viessem aqui ver as coisas da forma que nós as vemos. Para isso, se calhar, o ideal era fornecer uma venda às pessoas e elas estarem todas de olhos vendados para perceberem a descrição que nós estamos a fazer"*. *"Ah, sabe, nós temos que fazer cedências, a trabalhar em equipa temos que fazer cedências"*. E eu: *"como? Cedências? Vocês fizeram alguma cedência? Vocês apresentam-nos isto, é isto que vocês querem que nós façamos e eu estou apenas a dar uma opinião e tenho que fazer cedências? Vou fazê-las todas! Vocês fizeram isto como quiseram, como vos apeteceu e nós temos que ..."*. E ficou por aí. Isto começou logo a correr mal no início, não é?

[Quer dizer que não se sentiu propriamente envolvido na construção da peça em si, do espetáculo?] *"Nada! Nem eu nem ninguém. Eles não perguntaram cavaco a ninguém, simplesmente impuseram aquilo. Depois, como eu fui fazendo cara feia, porque o espetáculo, a parte que era para eu fazer - aquela parte que foi lida, que era a voz da x - foi alterada. Porque inicialmente era para eu estar cá fora, naquela zona do jardim e eu a descrever aquilo a apontar para a árvores: "estão ali 3 árvores, está ali não sei o quê, está acolá não sei o quanto". E eu achei que aquilo não tinha jeito rigorosamente nenhum e fiz cara feia a isso. Depois então, imagina que estava a chover ou que estava ... como é que iam realizar essa parte cá fora? Bom, entretanto lá alteraram isso, mas apresentaram aquilo passados dois, três dias, "já não é assim, é assado e acabou". Opá, isto não é nada! Aquilo abordou a temática da deficiência visual. Aquele espetáculo feito na tabacaria, epá tu nem imaginas, aquilo não estava mau, o texto estava uma desgraça. O texto foi escrito pela e6, mas epá alguém tem que dizer à e6 que não sabe escrever. Epá não sabe, não há volta a dar-lhe. A moça não sabe escrever por muito que ela queira. Nesta reunião que lá tivemos, ela disse : *"eu estou-me a sentir muito bem, finalmente estou a fazer aquilo que gosto e sei fazer. Passei anos atrás de uma secretária, a tratar de papelada"*. E eu até me benzi às quedas, *"estás a fazer o quê? O que gostas e sabes? O que gostas acredito, agora não sabes não"*. A sério. E alguém tem que dizer isto, mas enfim, pronto. Mas o texto eu corriji-lo e eles depois lá aceitaram o texto corrigido."*

[Consoante aquilo que lhe apresentaram foi sugerindo alterações aqui e ali.] *"Apenas a esse texto da Tabacaria, porque nem sequer nunca conhecemos o texto todo. Os vários grupos. Isso é outra coisa que não faz qualquer sentido. Então nós vamos representar, somos vários grupos e nós não sabemos o que os outros vão fazer. Então não tinha que ser*

apresentado por inteiro para nós termos uma percepção global do espetáculo? Opá sério, eu não consigo, não consigo. E acho que a cena da Tabacaria com as moças, aquilo foi muito mau. Aquilo estava longe de ser alguma coisa de jeito, não é? Uma desafinação desgraçada, os microfones que não funcionaram. E eles não aceitam qualquer sugestão. Imagina que quando eu venho para dentro, quando eu sugiro lá à e6 que metafísica - aquilo que separa o fumo, onde ela ... Ora bem, então se eu vou para dentro, fazia sentido é como se eu fosse disparar o fumo, eu estava a lançar a metafísica e que ela uns segundos depois dissesse: "*então essa metafísica?*", para depois sair a minha voz a dizer: "*então não está a sentir? Está no ar. Há (...) por toda a parte*". Não, aquilo vinha depois da minha voz é que saia o fumo. Então, mas que sentido é que isto faz? Se o fumo era para representar a metafísica, ah, enfim... E nem isso quiseram, mas depois lá aceitaram, lá cederam. Mas não para o tempo que eu disse que seria o mais correto. Portanto, se ele que se acha ... como é que eu hei-de dizer isto? Bom, eles é que são os sabões, eles é que sabem tudo. Portanto, nós somos os tristes, uns ceguinhos que estamos para ali e estamos ali para fazer ... Eu disse-lhes, eu senti-me como os soldados do Putin. Os soldados do Putin, os generais disseram-lhes: "*vocês vão para a guerra e vão matar pessoas*". E nós aqui foi mais ou menos a mesma coisa. Eles são os generais, decidem tudo e nós fazemos e acabou e calados. Sobre uma temática da qual nenhum deles sabe nada. Eu sou cego há 40 anos, já sei alguma coisa disto. Ainda não sei tudo, mas quer dizer, não é eles a trabalhar connosco há um ano que vão saber aquilo que eu e os outros sabem. O que é uma temática muito específica. E eles têm que saber se eu estou ou não disposto ou não a representar daquela forma. E a dar uma ideia do que é que as pessoas cegas são capazes. Isso tinha que ser mais muito mais bem trabalhado para apresentar ao espetáculo sem falhas nenhuma. Era a oportunidade de alguma forma demonstrar à sociedade que as pessoas cegas afinal não são nenhuma atrasadas mentais e são tão válidas como qualquer outra. E, portanto, isto não podia ter falhas nenhuma, tinha que sair com muito rigor. Porque senão, quando há falhas, se é uma pessoa normal as pessoas desculpam, "*epá pronto, acontece*". Se a pessoa tem a deficiência visual, que é o caso, "*epá coitado, é cego*". Eu sei disto, é 40 anos que é assim, não venham cá com histórias. Depois o resto da rapaziada lá do grupo, de alguma forma, durante todo o período, foram-se queixando também, "*isto é uma desorganização, isto assim, isto assado ...*", todos tinham queixas. Chegou aquele dia, eu falei e virou-se tudo contra mim. Já ninguém tinha queixas nenhuma, eu é que estava a ser o ... O e2 até puxou lá dos galões de psiquiatra: "*Há pessoas que têm fobias, têm traumas, são capazes de entrar num café e achar que está toda a gente a olhar para ela e não tiram os olhos do chão, julgando que está toda a gente a olhar para elas. Quando, na verdade, as pessoas estão todas entretidas ...*". "*Olhe, eu ando que cabeça levantada, eu não ando a olhar para o chão. Eu ando a tentar perceber o que é que as coisas são*". Agora, eu não admito um indivíduo que se fartou de queixar, viesse com aquele ... só para puxar os galões de psiquiatra. Ele nem sequer é cego. Ele não sabe o que é ter que passar uma vida inteira cego e ter de deixar de ser uma pessoa normal, que até tinha a alcunha de sabonete, como muitos chamavam na minha aldeia, e passar a ser o coitadinho. Isto não é por eu andar a olhar para o chão, não é assim, a realidade é esta. Epá, eu não me apetece. Já dei para esse peditório, não sei se ... enfim.

[Existem todos esses aspetos que referiu. São aspetos a melhorar no futuro?] “Eu não sei se eles estão a melhorar no futuro, se aquela gente quer melhorar alguma coisa. Porque eles não aceitaram de forma nenhuma as minhas críticas. Aliás, quando depois foi um espetáculo no fim de semana seguinte, de uma equipa ligada à Organização de Cegos

Espanhola que veio lá fazer um espetáculo, eles tinham audiodescrição, eu no final disse ao Y (direção Teatrão) que gostava de falar com a pessoa que estava a fazer a audiodescrição (que eu até pensava que era só uma). E ele foi logo: "porquê?". Porquê? Já estava com medo que eu fosse fazer uma crítica. E por acaso não. eu até queria elogiar o homem. Ou seja, esta gente está sempre com medo, não aceitam críticas, não querem críticas. (...) Nós só evoluímos se aceitarmos as críticas e conseguirmos encaixar e melhorarmos. E eu não sei viver com isto. Aliás, quando estava a falar na audiodescrição, logo no início, estava lá uma fulana que é amblíope e disse: "então, mas o que podemos querer mais? Já nos fazem audiodescrição". "Não sei o que podemos querer mais, nem sei se a audiodescrição vai ser boa ou não. Eu só no fim é que eu posso dizer" (...) Há sempre por onde melhorar. Porque se nós não tivermos essa postura, ainda estávamos na idade da pedra lascada. Andávamos a caçar animais e andávamos aí só com uma tanga. É assim, é por isso que as coisas evoluem, porque as pessoas querem mais. Senão não dá." **[Acha que ter feito sempre um esforço para tentar melhorar e, de certa forma, criticando, mas dando sugestões de melhoria, que isso não foi muito bem aceite depois pela equipa?]** "De forma nenhuma. Ninguém aceita críticas." **[E agora voltando aqui um bocadinho à sua participação no projeto "A meu ver", desde os ensaios até ao próprio espetáculo, sentiu que teve alguma dificuldade para além dessas que já disse?]** "Não, nada de especial. As dificuldades colocaram-se ao início. Para quem nunca tinha feito isto parecia que o texto era assim uma coisa ... "e agora decorar o texto vai ser terrível". Apesar de tudo não foi assim tão difícil decorar o texto. O que era aparentemente mais difícil era fazer de conta. Eu não estava habituado a fazer de conta e, portanto, fazer de conta não é assim propriamente uma coisa ... Mas acho que sim, acho que todos nós podemos habituar-nos e todos nós podemos fazer de conta. Eu comecei por sentir algumas dificuldades, e isso foi outras das coisas que eu lhes falei - e já agora eu vou ter que fazer mais uma observação. A pessoa cega estar num espaço que lhe é completamente estranho, apesar de já andarmos ali há alguns dias, mas é uma sala ampla, espaços amplos. Eu tinha que entrar para dentro do balcão numa entrada estreita e se eu não tiver referências no chão, eu estou sujeito a mandar uma *arrebuchada* ali num pilar que está ali logo na entrada do balcão. Eu fui falando nisto, precisava de referências. Eu nunca estava à vontade, enquanto estávamos nos ensaios, porque eu estava sempre com receio que ao deslocar-me lá para dentro espetasse uma pantufada naquilo. Ou quando viesse ter com a e6, que andasse demasiado para a frente lhe batesse contra a mesa, batesse contra ela. E isto só no último dia dos ensaios, ou penúltimo, é que lá foram pôr o raio das marcas pá! Eu não entendo isto, não entendo. Já agora vou também ter que dizer isto: no dia antes do espetáculo, já era um ensaio com público, resolveram de repente alterar a parte final. Ou por outra, a parte final pelos vistos ainda não estava pensada, apareceram lá a X (encenadora) com a ideia que nos tínhamos que juntar lá todos para a vénia ... ok, de acordo. Mas eu então, quando apanhava o casaco do e2 e ia para onde estava antes, lá para ao pé da mesa, já não ia para aí, tinha que ir sair pela porta do outro lado. Ora, e ensaia-se aquilo em 5 minutos. O que é que acontece? Acontece que eu quando vou para sair do casaco, já com público, eu não ia bem virado à porta. E o que é que se passa? Passa-se que a X [encenadora] diz: "ah, para a esquerda, para a esquerda, para a esquerda"- onde não era, era para a direita. (...) E veio o X [encenador] a correr e o que é que ele faz? Puxa-me para o sítio onde eu havia de ir. Já viste a figura que eu andei ali a fazer? Isto é alguma coisa? Isto é uma palhaçada! O que é que as pessoas ficaram a pensar? "Ai coitadinho, olha nem sabia para onde é que havia de ir. Olha vê lá tu bem".

Já reparaste nisto? E esta gente acha que eu não tenho razão. Opá isto não é nada, isto não é nada. Isto é uma imagem terrível para as pessoas que estão a ver. Porque eu sei que é assim que funciona. As pessoas: "ó coitado, olha" - quando eu estava certo! Ela é que estava a dizer para a esquerda e era para a direita. Mas esta gente sabe lá o que é que anda a fazer no mundo? **[Acha que a ACAPO e o Teatrão podiam ter melhorado qualquer coisa nesse tipo de ...]** "A ACAPO não sabe nada. A ACAPO tem lá pessoas a trabalhar que são pessoas que sabem pouco mais do que eles. Quem tem que dizer onde lhe dói são as pessoas que sabem como é, as pessoas que são cegas. E não é assim. A ACAPO quem é que lá tem? Tem lá pessoas com experiência quase zero. Tem lá a coisa, a psicóloga que enfim, enfim. É uma pessoa que está ali há muito pouco tempo, com o nariz empinado, tem a mania que sabe quando enfim. (...) Portanto é estas pessoas que tu tens e que se acham que sabem disto. Não sabem nada. Não vale a pena termos ilusões, é assim: quem sabe da tenda é o tendeiro, quem sabe o que se passa no convento é quem lá mora dentro. Esta gente não mora lá. Não venham com histórias, por muito que se esforcem não sabem. Sabem, vão sabendo algumas coisas, com certeza. A única pessoa que até hoje (também não conheço todas) parecia que, sim senhora, era uma pessoa que gostava de ouvir, gostava de aprender, era o X [Técnico de Mobilidade]. Infelizmente esse foi-se embora. (...) Aliás, eu para mim, as pessoas que trabalham numa associação como aquela deveriam uma vez por mês terem que passar dois ou três dias de olhos vendados a fazerem os trabalhos que fazem. Que era para perceberem. E até irem para casa e voltarem de olhos vendados. Só assim é que tu consegues perceber as pessoas com quem estás a lidar." [...]

"Apesar de tudo, acho que me saí mais ou menos. Não houve assim nada de especial. De facto, tirando esse senão ... E lhes falta a eles muita coisa que é: parece que eles nos explicam uma coisa a nós, porque querem que nós façamos, da mesma forma que explicam a uma pessoa que vê. A pessoa que vê está cheia de referências. Elas até fazem o exemplo para a pessoa que vê, ela está a ver como é que se faz. Para as pessoas cegas isso não funciona. Então será que esta gente não tem dois dedos de testa para perceber que não podem dar o exemplo da mesma forma? Mas depois sabes qual é que é o problema? Sou o único que falo. Agora mais ninguém fala. Desculpa-me a expressão, eu é que sou cavalgada. É assim." [...]

[A sua participação neste projeto permitiu-lhe aprender alguma coisa nova? Positiva ou negativa?] "Sim, isso sim. Com certeza aprendemos sempre. Só se não quisermos, não é? Foi uma ideia engraçada e foi enriquecedor, sem dúvida. Não fazia ideia nenhuma como é que se fazia teatro. Não fazia ideia que era tão trabalhoso fazer teatro. Aliás, eu cheguei a dizer isso lá para eles que os bilhetes do teatro são muito baratos para o trabalho que aquilo dá. Não pagam nem perto nem de longe. E é bom trabalharmos com outras pessoas com outra visão das coisas. Tudo isso é enriquecedor. Só quem não quiser tirar proveito disso é que não tira. Estamos sempre a aprender, quando trabalhamos com pessoas mais aprendemos ainda. Somos todos diferentes. Nesse aspeto foi enriquecedor. Apesar de tudo, gostei. E estaria na disposição de continuar se eu achasse que tinha sido ouvido." **[Como é que avalia ou caracteriza a importância dessas aprendizagens para a sua vida? Considera que foram positivas?]** "Isso eu acho que sim. Para mim não existem aprendizagens que não sejam positivas. Quando aprendemos é sempre positivo. Era algo que eu não fazia ideia como é que se fazia, como é que este trabalho era feito, e isso foi positivo. E também, apesar de tudo, permitiu-me perceber que até posso fazer aquilo de vez em quando. Porque, pronto, não é assim nenhum bicho de sete cabeças. Até posso vir a pensar mais tarde em fazer (nada de ...) algo amador obviamente. Nem

	<p>de perto, nem de longe, me passa pela cabeça outra coisa. Algo que eu nunca sonhei em alguma vez fazer e, apesar de tudo, parece-me que não é ... E nesse aspeto foi também positivo, enriquecedor, sem dúvida.” [E teve alguns familiares e amigos a assistir à peça, ao espetáculo em si?] “Tive, tive lá 10 pessoas amigas.” [E pode contar-me algum dos comentários que lhe tenham feito? E como é que se sentiu com esses comentários?] “Ah pois, os comentários foram todos muito positivos. Lembro-me que a minha filha mais velha disse: “<i>Epá, eu acho que devias continuar. Acho que tens muito jeito para isto</i>”. Pronto, os comentários foram mais ou menos todos nesta linha. Mas eu tenho que dar o desconto a estes comentários.” [Houve assim alguma abordagem depois do espetáculo cá fora? De outra pessoa que não conhecia e que foi ter consigo?] “Não. Isso ninguém se dirigiu a mim que eu não conhecesse. Não, não tenho ideia. Se houve comentários não os fizeram para mim.”</p>
Entrevistado/a 9	<p>[Para iniciar, eu gostaria que falasse um bocadinho sobre como é que se sente após a sua participação no espetáculo "O que é invisível".] “Como é que eu me sinto ou como é que eu me senti mesmo logo no fim?” [Vou-lhe perguntar as duas coisas, como é que se sente agora, depois de ter participado em tudo, e depois, mais à frente, vou-lhe perguntar como é que se sentiu no espetáculo. Mas agora, neste momento, depois de tudo feito, como é que se sente?] “Ah, depois de tudo feito, eu ainda não esqueci, era capaz de fazer tudo outra vez por igual, sem tirar nada. Mas sinto-me com muita energia, com mais energia.” [Ao longo da sua participação aqui no projeto "A meu ver", desde os ensaios, daquele início todo até ao espetáculo, sentiu que enfrentou alguma dificuldade ou algum obstáculo? Ou que houve aqui algumas coisas que teve que ultrapassar? Algumas dificuldades?] “Não. Para quem não vê, acho que obstáculos temos sempre. Quando nós não conhecemos o espaço - agora conhecemos o espaço - e também tendo aí ... portanto, os professores andaram sempre connosco, tiravam-nos os obstáculos. Mas também soubemos fazer como é que o espaço ...” [...] “Sim, sentimo-nos à vontade depois de conhecermos o próprio espaço. Quando conhecemos o espaço, é a mesma coisa se eu tiver em minha casa e andar aqui sem bengala e tudo, entendes?” [A sua única dificuldade foi mesmo a questão da orientação do espaço, é isso?] “Pronto, tenho outras dificuldades que falei, que os meus colegas não têm. Por exemplo, eu tenho mais dificuldade na minha mobilidade. Até mesmo nisso, eu consegui estar muito melhor sobre esta parte, da minha parte da minha artrite, não é? Eu consegui estar melhor lá, neste espaço, e com este convívio todo. Dá para esquecer tudo, mesmo. É isso.” [Acha que essas dificuldades tiveram algum impacto na sua participação ou na sua vida? O facto da mobilidade, de não conhecer o espaço, isso teve algum impacto na sua participação?] “Não, não. Porque eu posso dizer que eles andaram um bocado connosco ao colo. Não nos deixavam tropeçar em lado nenhum. Pronto, mas na minha vida particular, o meu problema meu - da minha incapacidade -, claro que tenho obstáculos, mas não é sobre eu não o não ver. O meu obstáculo é mesmo sobre a minha incapacidade de movimentos, de fazer coisas com as mãos.” [Sente que essas dificuldades que teve durante os ensaios e no próprio espetáculo foram resolvidas?] “Sim foram, foram.” [Acha que a ACAPO e o Teatrão tiveram algum papel nesse processo?] “Aí o Teatrão, o Teatrão ... eu tenho a ACAPO, quando eu lá fiz alguns teatros também, já sabiam o meu problema. Portanto, mesmo nos ensaios, se tiver muito tempo de pé, já sabiam que me arranjavam uma cadeirinha quando chegasse a minha vez ou qualquer coisa, para eu descansar mais um bocadinho dos pés. Aí é que eu me senti muito, pronto ... se andar muito</p>

tempo em pé ou que esteja muito tempo em pé, pronto, os meus dedos começam logo a ficar dormentes. Tanta cirurgia que eu já fiz aos pés, tenho mesmo que me sentar. Por isso é que o meu papel foi tão bom, ter ali um sofá.” **[Acha que a ACAPO e o Teatrão conseguiram resolver essas suas questões mais pessoais de saúde? Também tiveram um papel importante nesse sentido?]** “Sim. Porque nós nunca devemos esconder nada dos nossos problemas. Só assim é que nós conseguimos chegar onde nós chegámos, porque eu para mim foi muito bom. Se não disser a verdade, eu escuso de estar ali a mentir, que não tenho problema dos meus pés ou que não tenha essa incapacidade assim como os outros, é a que eu tenho. Para mim não, eu desabafo, eu digo tudo - isso é muito bom. É muito bom eles ouvirem-nos ... ai, eu gostei muito. Eles foram maravilhosos. Falta de carinho e de amor, não faltou ali.” **[Se eu lhe pedisse para falar um bocadinho sobre a sua experiência no espetáculo "O que é invisível", o que é que me dizia?]** “A minha experiência é positiva. Porque o invisível é aquilo que não se vê. O que não se vê, mas o que nós conseguimos fazer. Alguns teatros que nós já vimos, assim como os outros invisuais foram também ver o nosso, eles têm aquele sistema de audiodescrição, que é muito bom. Para quem conhece as cores é maravilhoso, porque pode dizer de que cor está a gravata, de que cor é que está o fato, de que cor é que está o cenário, pronto, isso é muito bom. Foi a primeira vez este ano que eu fui, que estive a assistir assim com audiodescrição. Foi muito bom. Nós também queremos passar aos outros que não veem, que estão a ver que possam aprender e saber também como é ... como eu expliquei na minha peça também, como eu expliquei o que é que aquela sala tinha - que era a minha sala, não é?” **[O que é que mais gostou e o que é que menos gostou da sua participação?]** “O que eu gostei? De tudo. Para já, escolheram-me uma coisa que faz parte de mim, que é amor, é o carinho. Aquela parte romântica como eu sou e como eu gosto. Escolheram muito bem o papel para mim. Não foi por acaso que nós andámos lá um ano e naquele ano eles puseram-nos nos lugares certos. Claro, a dificuldade que tivemos. Eu gostei, mas a gente, nós temos que decorar aquilo. E eu acordava de noite a pensar e fazia teatro tanta vez no meu pensamento de noite e de dia. Para mim, eu repetia.” [...] **[Tendo e conta da sua experiência, se gostou menos de alguma coisa em particular.]** “É assim, não gostava de fazer aquela peça da banheira, não gostava de fazer isso. Para mim, não me dava alegria nem nenhum prazer, nada disso. Não [...] nada com isso.” **[Porquê? Não se identificava?]** “Não, não. É muito ... não sei explicar, para mim não é ... pronto, eu acho que não queria mais, não é? Quem esteve lá, esteve muito bem. Eles escolheram e até podiam ter gostado daquilo que fizeram. Mas para mim, se me tivessem escolhido, eu era capaz de dizer que não. Talvez porque, tudo o que eu ouvi de muita gente que foi, não havia ninguém que dissesse que ... muita gente não compreendeu, não entendeu essa parte. (...)” **[Acha que o papel que lhe deram encaixou perfeitamente?]** “Aí perfeitamente, é a minha cara.” **[E aí sentiu-se envolvida na construção do espetáculo, das falas, do que é que ia vestir, do que é que ia dizer? Deu sugestões?]** “Aí senti-me envolvida, eu ali estava a viver aquilo. Eu não estava mesmo a pensar em mais nada.” **[Mas na criação das suas falas, por exemplo? Acha que deu alguma sugestão?]** “Dei bastantes.” [...] **[E qual é que foi a reação deles? Acolheram bem?]** “Aceitaram quase tudo. Porque aquela parte romântica e tudo, foi por mim. Aquela parte do beijo, aquela parte das cores todas. Porque aquilo era só a cor verde e assim um cinzento que era a sala, mais nada. Aquelas cores todas foi deitadas para mim como ... mas foi assim. Depois o beijo caiu ali muito bem.” **[Teve familiares a assistir à peça e amigos?]** “Foram pessoas minhas amigas assistir ao espetáculo e

	<p>foram também familiares. O meu filho, o meu marido e pessoas amigas.”</p> <p>[Qual é que foi a reação dessas pessoas depois do espetáculo? Quando estiveram cá fora consigo a falar, como é que essas pessoas reagiram?] “A reação foi muito boa e deram-me os parabéns e que era mesmo a minha cara, que o papel era mesmo para mim. Sempre disseram que fui das melhores. Não é por ser amigos nem de família, fosse no caso dos outros eram capaz de dizer o contrário na mesma. Se não gostassem, não gostavam, mas foi muito bom e gostaram, estou de parabéns e é para continuar.”</p> <p>[Estávamos aqui a falar das pessoas que a abordaram cá fora, gostaram muito da peça, que a elogiaram. Como é que se sentiu com esses elogios todos?] “Olhe, senti-me muito feliz. Senti muita alegria. Senti-me com um espírito muito jovem. Não estava ali a olhar para a minha idade. Eu acho que parecia única, porque eu fui única naquilo que eu estava a fazer.”</p> <p>[E sua participação em termos de projeto "A meu ver", permitiu-lhe aprender alguma coisa nova? Acha que aprendeu alguma coisa nova desde o início dos ensaios até agora, até ao espetáculo?] “Aprendemos sempre. O aprender é ouvir, escutar quando um fala, nós escutarmos. Quando não for a minha parte e for a parte do outro, nós não interferimos nas questões que estão a fazer o outro. Eu aprendi muito isso, a ouvir. A ouvir e estar no meu espaço ou caladinha e quando chegar a minha vez falar. Isso aprende-se muito em vez de falarmos todas juntas, quando fazem alguma pergunta, isso é uma das coisas que acho que aprendi sempre, desde os primeiros teatros que eu comecei a fazer.”</p> <p>[Com este. Acha que aprendeu mais alguma coisa para além disso - da questão de ter uma escuta ativa, de ouvir, saber qual é a sua vez para falar? De ouvir melhor os conselhos, não é, que lhe davam?] “É o que eu digo, estamos sempre a aprender. Agora, por exemplo, quando formos novamente (porque estamos a contar com isso), estamos sempre a aprender. Há sempre coisas novas. E conhecer mais os outros também. Não é só aprender em questão do teatro, é conhecermos o outro que está ao lado, os nossos colegas. Conhecer coisas novas. Daqui para a frente nós não sabemos o que é que vamos fazer, mas sabemos que vai ser novo, não vai ser igual. É teatro, mas é sempre diferente. Vai ser teatro, vamos gostar, mas é uma coisa nova que nós ainda não sabemos o que é que vai acontecer e o que vai sair.”</p> <p>[Como é que avalia a importância dessas aprendizagens na sua vida? Por exemplo, a escuta mais ativa, de falar na sua vez - acha que isso teve algum impacto na sua vida, para a sua vida?] “Também tem. Porque eu, às vezes, estava ao telefone com alguma amiga, com alguém, e eu falava sempre por cima da voz dela. Nós aprendemos muito. Na minha vida é igual. Mesmo com pessoas amigas, se eu estiver a falar, se estiver alguém a falar eu já sei que tenho que me conter mais e falar quando for a minha vez, é mesmo assim. Mas aprendemos muito.”</p>
<p>Entrevistado/a 10</p>	<p>[Para começar, eu gostaria que me falasse um pouco como é que se sente após ter participado no espetáculo, ou nos espetáculos, "O que é invisível"? Assim de forma geral.] “Áí, muito bem. Foi assim uma experiência daquelas, fantástica. Foi muito, muito bom, sem dúvida nenhuma. Foi muito interessante ter participado ou estar a participar no projeto porque permite (provavelmente vou responder isto mais para a frente) a questão de nos conhecermos a nós próprios, logo de me conhecer melhor, de perceber que há talvez preconceitos que acabam por cair, por desaparecer, ou, pelo menos, desvanecer. Desaparecer talvez não totalmente, mas por desvanecer. Descobrir também (que foi o caso), apesar de toda a gente me dizer da questão da voz, ter uma voz radiofónica já de há vários anos, mas as vezes que eu ouvi a minha voz gravada nunca gostei de a ouvir. E ali foi diferente, porque eu apesar de ser crítica em</p>

relação à minha voz (porque continuo a ser), mas ouvi aquilo, fiquei assim: espetacular. Afinal de contas não é assim tão ...” **[A sua voz tornou-se uma voz ali forte.]** “Sempre. A fazer a ligação entre as cenas todas, o fio condutor da peça - que acabou por ser assim. Portanto, foi muito interessante. Participei basicamente em todas as cenas, não é? Estive presente em todas as cenas. Mas essa ligação também me permitiu - mais a mim que aos outros, porque não assistiram a toda a peça -, mas o facto de ter feito aquela narração, aquele fio condutor desde a primeira cena até à última, permitiu-me ter uma noção mais exata de toda a peça e de todo ... esse fio condutor, não é? O sentido da peça. Permitiu-me ter acesso a isso e foi realmente muito interessante, sim. Foi muito bom. Gostei, gostei. O próximo tem que ser diferente, sim, para melhor, claro.” **[Ao longo da sua participação no projeto, desde os ensaios até aos próprios espetáculos, sentiu que teve que enfrentar alguma dificuldade ou obstáculo?]** “Não, nem por isso. Só o fumo no espetáculo, isso aconteceu, mas foi um problema técnico, não foi qualquer outro problema. Anteriormente tínhamos sempre lá um termo-ventilador por trás porque o sítio onde eu estava era extremamente gelado, dentro de uma banheira de ferro. Aquilo é geladíssimo e foi colocado um termo-ventilador por trás, no mínimo é certo, mas dava para aquecer, pelo menos, as paredes da banheira - o que facilitava a coisa. Mas isso também permitia que a máquina de fumo que estava colocada por trás de mim, também dissipasse o fumo e ele não se concentrasse ali. E num dos espetáculos, a máquina teve sempre a funcionar, mas o termo-ventilador foi desligado. Então, fez com que o fumo se acumulasse ali no sítio onde eu estava. Isso deu-me um ataque de tosse daqueles, daqueles assim ...” [...] “Não estava doente, nem estive, nem coisa que o valha. Foi apenas essa situação. O fumo concentrou-se em mim, quando eu respirei para cantar, esqueçam lá o assunto: aspirei o fumo. Foi reação. Mas não estava doente nem fiquei doente. Fiquei aflita em termos respiratórios, sim. Fiquei, assim, um bocado aflita, andei a pastilhas até ao dia a seguir. Mas depois passou. Nos outros dias tudo tranquilo.” [...] “Eu estava de écharpe por uma questão: a banheira, como eu disse, era de ferro, extremamente fria. E estar em contacto com as paredes ou com o fundo da banheira, que eu tinha umas almofadas, tudo muito certo; mas a primeira vez que entrei para aquela banheira, eu ganhei um resfriado. Porque estava com umas calças de linho sem meias por baixo, sem coisa nenhuma. Umas calcinhas de linho, uma camisa por cima do corpo e encostada àquela banheira: resfriei claro. Mas depois recuperei bem, também não houve problema. Agora, era a situação de estar dentro de uma banheira de ferro gelado como tudo! Depois a écharpe era para manter ali a garganta tranquila, pelo menos a garganta quente. Já não digo o corpo, mas pelo menos a garganta. Daí a razão de ser da écharpe, não era por mais nada, não era por estar doente. O ataque de tosse foi manifestamente o fumo, que eu sempre fiz alguma reação a esse fumo (de outros tempos) e ali tive aquela situação: desligaram o termo-ventilador que dissipava o fumo - não ficava ali concentrado - e naquele dia não. Foi desligado, o fumo ficou ali concentradíssimo. Ao respirar, eu assim, *“pronto, esqueçam, isto agora é até passar a tosse”*. Fiquei, assim, um bocado aflita, fiquei um bocadinho aflita, fiquei. Mas foi isso Susete, eu não estava doente, eu não estive doente.” **[E tirando isso, sentiu alguma dificuldade, quer nos ensaios, quer no ...]** “Não, não. Pronto, fui tendo o texto assim ... não tive o texto logo todo de uma vez, fui tendo o texto. A primeira cena foi gravada e tive mais tempo para saber o texto. Aquela parte da narração, a segunda cena na qual fazia parte era um texto muito simples. Portanto, aquilo foram duas leituras e ficou sabido. Depois, toda aquela narração já foi assim a meio dos ensaios. Veio todo aquele texto da narração para saber e depois para poder gravar, mas

correu tudo bem. Também não houve problema quando a isso. Não tive assim dificuldades, não.” **[Se eu lhe perguntar o que é que mais gostou e o que menos gostou da sua participação no espetáculo? E porquê?]** “Olha, eu gostei de todo o espetáculo. Ainda que tivéssemos muito pouco tempo, mas se deveu a vários fatores: a questão Covid e ausências por, sei lá - pelo menos falo por mim - Covid e a ausência por causa dos meus pais também, que precisavam de apoio. Acabou por atrasar pelo menos a minha integração no grupo, nos ensaios. Integrei, foi sempre ali sempre a ensaiar, a fazer as coisas todas sem grande problema. Correu bem. O que menos gostei, olha, foi na prática não ter ouvido toda a peça. Porque a última cena, eu nunca a ouvi na totalidade. E tinha um texto que eu achei absolutamente fantástico, mas que não tive acesso a ele. Pelo menos por enquanto ainda não tivemos. Eu diria que esse foi o aspeto assim menos positivo. Tirando isso, o grupo, as dinâmicas do grupo, os ensaios, pronto, foram poucos também é certo - havia necessidade talvez de ter mais ensaios, mais atenção para com alguns pormenores, que só foram tidos em conta já muito em cima do espetáculo. Nomeadamente a orientação em termos de palco, para onde é que deveríamos falar - esse tipo de coisas que só foram mesmo assim já muito em cima do espetáculo. Foram a tempo, não estou aqui a queixar-me. Foram a tempo e ainda bem que foram feitas. Mas já foi tudo muito em cima. Mas também se deveu a isso: ao pouco tempo que tivemos de ensaios, mas correu bem, acho que toda a gente esteve bem.” **[Sentiu-se envolvida na preparação do espetáculo, quer na escolha da mulher que era, na roupa que ia vestir, naquilo que ia dizer? Ou não?]** “Tive, tive. Para já, antes da primeira cena, antes dessa cena ser escrita propriamente, foi conversada, foi falada, na altura, com o X [encenador], e ele escreveu essa primeira cena em conformidade com aquilo que nós já tínhamos falado anteriormente. Depois do texto, houve uma ou outra coisa que também falei com o X [encenador] - via telefone até - que fizemos essas pequenas alterações no texto. Isto em relação à primeira cena. A segunda cena, eu não tive propriamente participação direta no texto. Mas depois, na questão do palco e indumentária, sim. A sugestão de vestirmos, por exemplo, de branco ou de termos vestido, pronto, estar vestidas de branco ou uma cor muito clara, foi sugestão que eu dei. A sugestão das coisas no palco, à exceção de uma coisa, também foi dada por mim: a questão da banheira, coisas que fossem já antigas, que à partida fizessem lembrar ... coisas colocadas de parte que já não se usam porque estão estragadas. Aquela questão da transformação do que não está bem para uma situação dita ideal. Uma coisa meio fora deste tempo, mas ...” [...] “Que não está de todo fora do tempo. Aquilo parecia, e a intenção era mesmo essa, como se fosse um sonho. Então, essas sugestões foram dadas, foram feitas e foi a participação que tive. Depois a ligação, toda aquela narração também foi apresentada, foi conversada - falei sempre com o X [encenador], que foi ele que escreveu -, no sentido de obter dali a minha perceção e perceber também qual era a perceção do X [encenador] (e a perceção era idêntica, sem dúvida) e depois foi construir toda essa narração: permitir que fosse aquele elo, aquela ligação entre as várias cenas. As pessoas não estarem, eventualmente, totalmente desapoiadas ou desenquadradas nesse sentido. Tive a participação. E a máscara, inclusivamente aquela máscara de gesso que estava na primeira cena, essa máscara foi feita mesmo - tive lá no Teatrão para aí uma hora e meia com gesso na cara, para fazer o molde daquela máscara. Depois foi trabalhada e foi colocada. Portanto, tive a participação em várias coisas.” **[Então sentiu que as sugestões que foi dando tiveram uma boa reação ou acolhimento por parte quer do Teatrão ...]** “Sim, foram aceites.” **[Teve alguns familiares ou amigos a assistir ao espetáculo?]** “Sim, tive. Tive sempre: tive sexta, tive sábado e

tive domingo.” **[E pode contar-me alguns dos comentários que lhe tenham feito? E como é que se sentiu com esses comentários depois do espetáculo?]** “Claro que me fizeram sentir muito bem, os comentários foram todos muito bons, gostaram muito - toda a gente me disse. Houve várias reações, houve, por exemplo, de pessoas que conheço, cegos que, depois da peça, foram caminhar pelos dois caminhos. Fizeram esses dois percursos precisamente por terem ouvido que uma seria o do sonho, da ilusão, daqueles que vão à procura disso mesmo no Teatrão; e o outro que é o caminho do trabalho. Fizeram o percurso para, precisamente, terem noção exata desse caminho. Portanto, foi engraçado esse aspeto. Depois foi também o elogio à voz, tenho que puxar a brasa à minha sardinha, como é óbvio. O elogio à voz e daí também surgiu então depois aquilo que acabou por acontecer agora nestes concertos na semana de Páscoa, que foi a gravação narrada de um spot publicitário - foi feito e foi apresentado também (está na página do coro) e que foi divulgado via facebook também - em que eu participo também nesse spot publicitário já depois dessa situação. Teve alguma repercussão, sim. Regra geral, toda a gente gostou muito. Do espetáculo gostaram muito.” **[Teve algumas pessoas do público que não conhecia, que vieram depois ter consigo no final para a elogiar ou para lhe fazer algum comentário?]** “Uma ou outra pessoa. Porque eu também não fui com essa frequência lá fora. Eu depois seguia para o camarim. Houve algumas pessoas sim das duas vezes que fui junto do público, houve uma ou outra pessoa que veio ter comigo falar e dizer que tinham gostado. Mas digo-lhe uma coisa Susete, que é isto: a descrição que eu faço da pessoa, supostamente da voz, não corresponde à pessoa que sou. Portanto, aquela descrição de cabelos compridos, pretos, lisos, e essa coisa toda ... aquilo que foi curioso foi verificar, por exemplo, um jornalista que, quando falou comigo, olhou para mim duas vezes e tal, “*ah, mas a e10 é a voz*”. Ficou assim meio admirado porque a descrição que eu fazia ficou registada associada àquela voz. Mas depois, a voz com a figura que eu sou já não correspondia. Então, as pessoas ficavam assim meio admiradas, criou assim essa situação engraçada. Mesmo entre os colegas, porque é certo que nós estamos ali, mas não andamos a tocar - tocamos no braço ou assim dos colegas, não andamos a passar as mãos pelo cabelo nem pouco mais ou menos. Então, um dos colegas deste projeto, só durante a peça, no agradecimento, é que reparou, quando estávamos a ensaiar o agradecimento, que afinal os cabelos tinham caracóis. Ele tocou-me no cabelo, e eu assim, “*pois, não é liso*”. E ele: “*estão a enganar os cegos*”. Então foi curioso também verificar isso, mesmo entre os colegas, pelo menos aqueles que não veem, tiveram essa ... Esse colega especificamente teve esse comentário assim engraçado. A descrição que foi feita logo na primeira cena não correspondendo à figura que sou, levou a que as pessoas pudessem olhar mas não corresponde.” **[Pelo menos as pessoas que veem, as pessoas andavam à procura de uma pessoa de cabelo preto comprido. A única que tinha cabelo preto é a e5, mas tinha caracóis também.]** “E o cabelo curto, tinha o cabelo curtinho também. A única com o cabelo mais comprido é a e3.” [...] “Pois, o pessoal ficou assim, “*quem é a figura?*”. Por isso é que eu digo, a descrição acabou por estar até muito engraçada porque criava uma ilusão, criou ilusão. As pessoas andavam à procura de alguma coisa que criaram na sua imaginação. Por isso é que eu digo, a reação pós peça, quando falavam e quando ouviam a voz é que ficavam assim: “*ah, esta é a voz*”. Mas olhavam para a figura e não correspondia à figura que foi descrita. O que faz com que, e passando outra vez, brasa à minha sardinha, faz com que a descrição e a forma como foi feita a leitura do texto, tenha criado exatamente essa situação. Criar essa ilusão. A ilusão foi logo criada logo desde o início e foi fantástico.” **[Considera que a sua participação - aqui**

	<p>a primeira, porque o projeto ainda vai andar-lhe permitiu aprender alguma coisa nova?] “Ah, aprende-se sempre.” [Que tipo de aprendizagens, por exemplo? Pode ser em termos técnicos, de teatro, ou mesmo até em termos pessoais.] “Essa libertação, essa coisa de entrar nas portas ali da oficina, do Teatrão, e de deixar os problemas do lado de fora. Os problemas não se resolvem ali, mas é entrar numa situação em que os problemas ficam do lado de fora. Entra-se ali numa situação mais libertadora, mais desafiante. Porque, às vezes, mesmo com a situação dos muitos problemas ou de vários problemas - não que dizer que sejam muitos aos poucos, mas dos vários problemas -, criar essa situação, essa libertação desses problemas. A ponto de naquela altura, naquele momento, naquele tempo que estamos ali - seja no ensaio, seja depois nas apresentações que foram feitas - desses problemas não estarem presentes. Pronto, se desvanecerem naquele tempo.” [...] “O foco não são os problemas, é aquilo que se vai fazer lá dentro. É deixar do lado de fora aquele que é ... que não vai trazer, não vai acrescentar àquilo que é feito lá nada positivo. Isso fica do lado de fora. Depois, quando se sai a partir daí, já se sabe que os problemas estão lá na mesma, não se resolvem ali. As coisas depois saindo dali já assumem uma outra dimensão. Agora, que outras coisas? Toda essa parte técnica, a parte do som, a parte de toda aquela construção para aquele efeito, para aquilo que depois, enquanto público, se ouve. Tudo isso requer trabalho, tudo isso requer dedicação, requer concentração. Poder ter alguma ideia, mas não tinha de forma tão concreta, não percebia a dimensão do trabalho que é necessário ter para um resultado final que foi ali apresentado - e um trabalho de várias pessoas, não estamos a falar de só de uma ou de outra pessoa, são de todos eles. Mesmo aqueles que estão nos bastidores e que fazem todo um trabalho na divulgação, na preparação das coisas, na criação dos textos: tudo isso requer bastante trabalho. Porque os textos foram criados tendo em conta a nossa participação nos exercícios que foram sendo feitos ao longo do tempo, desde que o projeto teve início. Portanto, foi toda essa construção. Apesar de às vezes sentirmos que andamos aqui a repetir isto e fazer aquilo; não encontrávamos grande sentido nas coisas, mas, na realidade, depois fez todo o sentido no final, percebendo que, ao longo de todo esse tempo, eles foram-nos conhecendo. Também nós fomos-nos revelando, fomos-nos conhecendo mutuamente, e que levou depois à construção daqueles textos e de toda aquela peça. Porque cada uma de nós estava representado naquela peça “A nosso ver” - a nossa forma de estar, a nossa forma de pensar.” [A maior parte das pessoas que se caracterizavam mantiveram, pelo menos, o mesmo nome, não tinham outro nome. Existia também um cuidado nesse sentido, de manter ...] “A identidade das pessoas. Eu acho que sim, faz todo o sentido. Portanto, foi muito bom. Demo-nos a conhecer, mas de uma forma, eu diria, muito boa. Porque eu acho que as pessoas, para além daquela ideia que as pessoas têm “são pessoas que não veem e tal. Como é que vai ser?”; mas acho que, as pessoas viram a peça, apesar de saberem que não víamos, mas, no final, tiveram uma opinião excelente em relação à peça. Gostaram imenso. Não se forçaram tanto na situação de não ver, não se focaram tanto nisso. Focaram-se na qualidade da peça. Focaram-se na mensagem que foi transmitida. Foi excelente.” [Considera que essas aprendizagens todas foram importantes na sua vida, para a sua vida em particular?] “São sempre importantes. A importância somos nós que a damos, como é óbvio. Não dependemos dos outros para nos dizer que aquilo foi importante para nós. A minha percepção é esta: foi realmente importante. Essa situação de me conhecer melhor, a situação de trabalhar em equipa também - já o tinha feito anteriormente, mas não deixa de ser importante. Sempre que se trabalha em equipa com</p>
--	---

	<p>outras pessoas, aprende-se sempre. E é a situação de respeitar os outros e conhecer os outros. Respeitá-los nas suas características, a sua identidade, não entrar em choque. Procurar fazer desse trabalho de equipa e em equipa, para um resultado final, para uma apresentação final. Tudo isso é muito, muito importante. E não pensar que estão ali apenas para nos ajudar. Não, não é nos ajudar ou proporcionar algo que nós não temos oportunidade de fazer noutro sítio. Não, não é isso. Ali eu senti isso assim: todos, sem exceção, aqueles que deram a cara, os que não deram a cara, todos contribuíram para isso. É um trabalho em equipa. Cada um nos seus afazeres, mas todos a trabalharem em prol de um bem comum - que não é só o que é importante para aqueles que não veem e participaram na peça -, mas para todos aqueles que puderam assistir; todos aqueles que integraram este projeto; todos aqueles que ainda não integraram, mas que souberam disso, e têm vindo a saber e que veem aqui algo diferente que pode ser explorado, pode se trabalhado. Portanto, é todo uma abertura de oportunidades, eu diria assim. Queiramos ou não, aceitá-las posteriormente - isso depende de cada um de nós -, mas é tudo uma abertura de várias oportunidades. É estar aberto àquele que vem a seguir ou que poderá vir a seguir. Tudo isso é construído em equipa. Não há ali um que se destaque a mais ou outro que se destaque a menos. Não, é um trabalho em equipa e só assim é que as coisas resultam. Só assim é que as coisas se fazem e podem realmente resultar e podem ter - como tivemos com a apresentação deste primeiro trabalho - um feedback muito, muito positivo.”</p>
<p>Entrevistado/a 11</p>	<p>[Gostava que me começasses a dizer como é que tu te sentes depois de teres participado no espetáculo "O que é invisível".] “Por acaso sinto-me bem porque à primeira vista parece que o público reagiu muito bem à peça, acharam muito engraçado. Depois as pessoas que eu conheço que foram ver a peça, elogiaram, adoraram a minha atuação. Não sei porquê.” [Toda a gente te elogiou durante ...] “Toda a gente me elogiou porque a minha parte da peça era a parte mais engraçada.” [Mas no geral como é que te sentes? Sentes-te bem, é isso?] “Sim, sim, sinto-me bem. Era ter mais duas ou três edições da peça, que eu fazia e tinha o texto todo decorado - ensaiei tanta vez.” [Já fazias outra vez mais uma série de espetáculos, não era?] “A brincar!” [E ao longo da tua participação no projeto, desde os ensaios no início até mesmo até aos próprios ensaios do espetáculo e até ao espetáculo, sentiste que enfrentaste alguma dificuldade ou tiveste assim algum obstáculo?] “Quer dizer, não obstáculo, mas tipo achei que ao início, antes da estreia da peça, andámos a engonhar - aquele tempo foi assim um bocadito monótono. Mas de resto, passou-se bem.” [Em termos pessoais não sentiste nenhuma dificuldade, é isso?] “Não.” [Nos ensaios?] “Não. Tenho boa capacidade de memória, o texto era bué longo, mas eu decorei.” [Quer dizer que tu não tiveste nenhuma dificuldade e que isso aí correu tudo bem. Certo?] “Certo.” [Agora gostava que tu falasses um bocadinho sobre a tua experiência e participação no espetáculo em si, "O que é que é invisível". Diz-me assim uma coisa que gostaste mais de todo o espetáculo.] “Gostei da parte da minha cena em que eu ia entrar em cena com o carrinho das compras.” [...] “Ou o dia em que, foi no sábado, a parte em que ia entrar e logo tudo a bater palmas e eu <i>"fogo, oh já?"</i>.” [E o que é que tu gostaste menos?] “Epá, não apanhei bem a última cena, a cena do e8 e do e2. Não pareceu assim muito bem. Mas de resto ...” [Não te pareceu bem, mas porquê?] “Sei lá. Eu, se calhar, parte do grupo não ser completo. Só assim algumas coisas, só assim a cena final.” [Estás a dizer que só viste assim a peça aos bocaditos.] “Pois.” [...] [E tu consideras que foste envolvido mesmo na preparação da</p>

peça, desde de criar o texto, de escolher a tua roupa? “Sim, sim, até o X [encenador] a dizer-me assim: “[...] *tu falas muito e disseste que tinhas boa memória*”. [...] “Ele disse: *“olha, fiz de propósito para ti porque tu falas muito, em tua homenagem e porque tu dizes que tens boa memória, pronto vou experimentar”*. E depois aconteceu-me uma cena, lembraste daquela parte em que eu ia entrar com carrinho das compras?” [...] “Eu estava dentro [...] estava lá o [...] lá ao fundo. Tive que entrar sozinho. E disse ao X [encenador] *“espera aí, entras tu para o carrinho e experimentas tu o [...] para veres o que eu resolvo”*. Ele disse *“fosca-se”*, meteu lá um rapaz a empurrar o carrinho, com medo que o desviasse. Aquilo não era fácil, mas pronto. Aquilo tem uma direção complicada, mas íamos sentados. (...)”

[Sentiste essa dificuldade depois de dar a volta toda à sala grande.] “Pois exato.” [...] **[O X [encenador] é que escreveu o teu texto. Tu sentiste que o teu texto estava adequado?]** “O X [encenador] escreveu o texto, mas depois houve lá algumas alterações. Eu fui sempre dizendo que a parte não sei o quê é bué sensacional e até estava lá a Y da ACAPO (...) fixe. Alterei umas palavras com a ajuda do X, até aquela passarola era vista a voar, essa parte o X também alterou que tinha um texto mais complicado.” **[E ele tentou pôr aquilo numa linguagem mais própria tua?]** “Exato.” **[Que tu conseguisses mais facilmente decorar e falar, não é?]** “Exato. Só que a parte do (...) essa parte é que nunca encontrei forma de (...) e faço assim *“vem coiso”*, e o pessoal não entende nada dessa parte. Aquela parte em que eu assim *“(...) muito estranho, (...) mensagens”* - essa parte dizia assim um bocado coiso, até muitas pessoas não apanhavam essa parte.” [...] **[Quer dizer que tu, sempre que tinhas alguma ideia, manifestavas essa ideia, neste caso ao encenador e essa ideia era bem recebida por ele?]** “Sim, normalmente era.” **[E ele adaptava ali as coisas de forma a que incluísse aquilo.]** “Tinha um texto (...). Depois tinha um papel à parte, ia sempre escrevendo alterações. A versão final mandava o whatsapp, que era para eu estudar a versão já que ia sair.” **[Mandava-te por whatsapp, mandava-te por escrito ou o áudio?]** “Por escrito. O áudio não tem lógica, só ouvia uma vez. (...) a fala que (...) dizia assim: *“fala seguinte, fala seguinte, fala seguinte”*.” [...] **[Decoraste através do word, leste através do word. Já falaste aqui um bocadinho que foste bem recebido pelo público. Tiveste alguns amigos ou familiares a assistir à peça?]** “Os amigos sim. Depois tu, a A que é sogra do B e a C. Mais? Foi também outra rapariga que é a D. Tinha convidado a E, não foi porque tinha covid. A minha professora da ACAPO, a professora V foi também assistir. E o filho dela é que me estava a apontar onde é que estava o tubo, que eu perdi. Foi na quarta-feira e na quinta, tive ensaios (...) público e (...) na quinta-feira. Foi tudo para lá. Até a mulher do bar foi assistir. Fui à ACAPO já depois disso, todos me elogiaram, todos gostaram. E nos ensaios gerais abertos, mesmo assim elogiaram, não sei, mas elogiaram.” **[E depois do espetáculo em si, o público veio cá fora conversar contigo? Podes contar algum dos comentários que eles te fizeram?]** “Sim, sim. Muitas pessoas vieram ter comigo até dar beijinhos e tudo.” (...) “Algumas pessoas vieram ter comigo, até me baixaram a máscara, até me deram 2 beijinhos e tudo, nem sequer as conheço.” **[E como é que tu te sentiste ao receber esses beijinhos e esses parabéns?]** “Senti-me bem. Senti, epá, sou famoso carago! É um começo. Tenho que começar de baixo, até pode ser que aqui esteja uma vocação.” [...] **[Achas que aprendeste alguma coisa nova com esta tua participação, desde os ensaios ao espetáculo?]** “Como eu já tinha participado em alguns grupos de teatro amador na ACAPO, já tinha algumas luzes sobre o teatro, mas agora, com o grupo profissional, é outra coisa.” **[Que tipo de aprendizagens é que achas que tiveste? Foi mais dessa questão da exigência?]** “Exigente, exato.” **[Ser mais exigente**

	<p>contigo próprio, como a decorar?] “Não foi assim muito diferente. Foi assim, foi mais ou menos. Só foi tipo foi feito os moldes, em vez de ser só uma rapariga a encenar e isso tudo. Havia dois grupos, cada grupo com dois encenadores. Havia técnico do som, técnico da luz, técnico da roupa. técnico de não sei o quê, havia técnicos para tudo. Assim é outra coisa.”</p> <p>[Mas sentes que aprendeste alguma coisa nova? Para ti? Para a tua vida?] “Não, na altura já tinha havido com o outro teatro, este aqui aprendi foi a melhorá-lo. Melhorei a aprendizagem.” [...] [E como é que tu avalias e caracterizas a importância dessas aprendizagens na tua vida?] “Então, o que eu hei-de dizer? Por exemplo, eu quando andava no teatro amador existia a turma para crianças. E os miúdos quando não gostam, não gostam, dizem que não gostam; quando gostam, dizem que gostam. E os miúdos batiam sempre palmas.” [Agora fizeste para adultos.] “Os adultos até disseram uma vez no ensaio aberto, <i>“eles estão a bater palmas, é porque são obrigados, não é?”</i>” [Mas agora neste espetáculo, tu sentiste mesmo que as pessoas bateram palmas porque gostaram ou só por cortesia?] “Parece-me que gostaram. A reação do público cada vez que eu falava, riam-se. Só então bateram palmas porque gostaram.”</p>
--	---

Identidade, desenvolvimento pessoal e coletivo	
Entrevistado/a 1	<p>[A sua participação no projeto acha que correspondeu às expectativas que tinha no início?] “É como eu já disse, aquilo no início foi um bocado chato, eu até tive para desistir. Mas pronto, a tal equipa como eu refiro disseram-me logo que não me deixavam sair. Porque aquilo ao princípio tornou-se chato, pronto. Depois a coisa começou a desenvolver-se, começamos a tomar confiança com os professores, começámos e foi porreirinho.” [...] “Pois. E depois é o meu sistema nervoso que também mexe comigo. A gente nunca está à espera do que pode vir ou não vir. E pronto, o meu esquema é mesmo assim.” [Dentro do que aconteceu, acha que correspondeu?] “Foi tudo bom, até os lanches foram bons, foi tudo bom.” [Vocês até fizeram lanches partilhados e tudo, foi?] “Pois, a gente teve lanches na quinta, na sexta e no sábado e no domingo houve lanchinho.” [...] “Pois, se a gente ia mais cedo - a gente ia mais cedo para estar a ensaiar e depois antes de começar o espetáculo davam um lanchinho à gente. E também foi os transportes que eles facilitaram, senão também não sei se as coisas seriam bem cá para o meu lado.” [Achou que isso foi vantajoso eles terem ...] “Foi vantajoso, porque como é que eu me ia deslocar? E mais nos horários que coiso, não? Mas, eles tiveram uma boa iniciativa e então foi bom. Pronto, facilitou tudo.” [Falando um bocadinho sobre mudanças na sua vida, acha que mudou alguma coisa na sua vida depois de ter entrado neste projeto?] “Então mudou, é o que eu lhe estou a dizer. Mudou, estou famoso.” [...] “Sim, então não é? Agora qualquer dia já vou aparecer a fazer teatros normais na televisão.” [Mas mudou, por exemplo, alguma coisa na sua situação familiar, na sua vida familiar? Alguma coisa se alterou?] “Sim, estão todos contentes. Querem que eu volte à televisão e aos jornais e tudo.” [E com a sua esposa, na sua vida afetiva e amorosa? Acha que mudou alguma coisa?] “Pá, então não mudou? Isso é o principal.” [Ela começou a ter orgulho em si?] “Olha, ela tem orgulho em mim, eu tenho nela. Temos aqui um casal e todo à maneira.” [E nas suas relações de amizade, acha que mudou alguma coisa? Fez novos amigos?] “Não, aqui em Cernache não.” [E com o projeto? Quando entrou no projeto fez novas amizades com os participantes?] “Não, porque, como estou a</p>

dizer, os outros que entraram para já não faziam comigo. Pronto, se fizessem comigo à quinta feira os tais novos, fazia-se uma relação como tenho com os outros. Mas, além de eu não os conhecer de lado nenhum, também não entrei no projeto deles nem eles no meu. Portanto, não era no mesmo dia - o meu grupo ia à quinta feira, o grupo onde estavam esses desconhecidos iam à sexta e não os conheço de lado nenhum e acabámos por não fazer ligação nem amizade. **[Mas a sua relação com os colegas no geral, como é que a avalia? A relação estabelecida com eles? Com o grupo em em si todo, não só o de quinta; o grupo em conjunto de quinta e sexta.]** “Avalio positivo.” **[Todos se deram bem?]** “Sim.”

[E com os encenadores? Como é que foi essa relação com os encenadores ao longo dos ensaios?] “Foi boa, foi boa.” **[Pode dar alguns exemplos? Porque é que foi boa?]** “Eram atenciosos. A gente aprendeu com eles, eles aprenderam com a gente. A gente, eu falo por mim, porque é assim: havia situações que eu chamava à atenção para fazer assim, para lidarem comigo assim, assado, desta maneira, daquela. Da experiência que eu tenho das coisas que tenho que fazer e que as pessoas têm que fazer comigo - que as pessoas não sabem, lá está o tal (voltando atrás à formação), porque até deviam os professores ter tido uma formação com a ACAPO para lidar com a gente. Porque eles não sabiam e eu ia-lhes dando as dicas que eu sentia que devia ter. Eu ia dando a eles para me fazerem, para sentar-me numa cadeira, pôr-me num sítio qualquer, passar comigo num sítio. Dava-lhes essas indicações que eles desconheciam e que ficavam contentes.” **[Eles aceitaram bem essas sugestões?]** “Aceitaram. Eu acho que era a obrigação deles. **[Que importância é que teve na sua opinião? Quer os ensaios, quer o próprio espetáculo? Já disse que não houve uma grande ligação porque o grupo estava dividido, uns de quinta e uns de sexta. Acha que se criou uma união entre o grupo de participantes do projeto ou não?]** “Eles dividiram as pessoas por causa do Covid, para não estar muita pessoa junta, não é? Se as pessoas estão todas juntas ... pronto, aqueles que não conhecia pronto, tornava-se uma relação boa, uma amizade boa, acho eu.” **[Sente que não houve assim uma criação de união entre o grupo?]** “Não, não. Principalmente com aqueles que não conhecia. Os outros e as outras eu encarregava-me de ir ter com eles e conversarmos e tudo. Agora os que eu não conhecia, não, não tivemos relações nenhuma, nem amizade nem nada, não houve nada.” **[Voltando aqui um bocadinho atrás àquilo que mudou na sua vida, acha que mudou alguma coisa depois de ter entrado no projeto no tipo de apoios ou nos serviços que utiliza? Por exemplo, passou a usar mais os transportes públicos ou passou a utilizar menos? Sentiu que houve aqui alguma mudança nesse sentido?]** “Houve uma mudança porque eu não saía de casa. E quando eu saí da ACAPO, quando vim para casa há uns 3 ou 4 anos antes da pandemia por causa de eles terem acabado lá com as atividades todas, deixei de andar nos transportes. Nessa altura não havia autocarros dos serviços para aqui. Agora já houve.” **[Foi uma mudança positiva para si?]** “Foi. Não sei se conheceu o L, não?” [...] “Esse professor era o da mobilidade, o que andava com as pessoas na rua.” **[Ensinava os percursos, não era? Como é que havia de apanhar o autocarro.]** “Sim, sim, sim. E então, andou duas ou três vezes comigo à quarta feira de manhã, a ensinar-me da Portagem para a paragem do 24T que é no Parque. E a ensinar-me a atravessar depois quando viesse para baixo; atravessar na passadeira na Portagem para eu apanhar o 49 (que é o 49 que vem a Cernache). Andou-me a ensinar lá em cima no Teatrão a sair do autocarro até eu

conseguir ir sozinho da paragem do Teatrão para o Teatrão. **[Eu lembro-me que houve umas alturas que a sua esposa acompanhou, mas depois o e1 já começou a vir sozinho.]** “Pois. Ela gostava de ir porque ela tem uma professora que esteve aqui com ela em Cernache que ficaram com uma grande amizade. Essa professora agora está a trabalhar lá próximo de Coimbra. Essa professora vai muita vez ao Continente, àquela parte de cima, como é que se chama aquilo? Onde há lá as comidas.” [...] “E essa professora vai lá muita vez depois de vir do serviço, com o Henrique e coiso. Então, ela gostava de vir comigo porque saia de lá e vinha ter com ela, conversar um bocado e beber um café. Depois foi importante porque os do Teatrão estão muito agradecidos porque ela fez lá maravilhas.” [...] “Ela conduzia as pessoas para um lado e para o outro. Ela fazia de costura, ela chegou a fazer costura, o que era preciso nos fatos e essas coisas assim. Eles estão-lhe muito agradecidos porque ela teve lá um papel muito ativo e muito importante. Ela é assim.” [...] **[Acha que houve alguma mudança depois de ter entrado no projeto no consumo, por exemplo, de espetáculos e eventos e sair mais? Acha que depois de ter entrado, começou a consumir mais espetáculos de Teatro?]** “Não, fomos lá depois no sábado a seguir que foi uns espanhóis que lá foram e sinceramente, se eu soubesse que era assim não tinha ido.” **[Não gostou da peça?]** “Não, aquilo foi, como se costuma dizer, era uma peça porca de língua.” **[Tinha asneiras?]** “Sim e não só. Para quem via, viu coisas que achavam que não deviam ser feitas. Para quem não vê, não vê. Mas para quem vê, diz que fizeram lá cenas que foram assim um bocado ao esquisito. E então era tudo à base de palavrões. Nem eu, nem a minha mulher, nem muita gente, não foi ...” [...] **[Então acha que depois de ter entrado aqui no projeto não começou a consumir mais cultura, mais bens culturais?]** “Não, porquê? Porque eu estou longe. Ainda na segunda feira estive na ACAPO e houve lá, você já sabe o que se passou, não vale a pena eu estar a dizer. Eu na altura não lhe disse, mas eu já sei que já lhe disseram o que se passou na reunião. Eu disse, quando chegou a minha vez para falar o que eu disse foi que não estava em condições de falar e que a minha resposta que eu ia dar era não voltar ao Teatrão. As minhas colegas até começaram a dizer “*não vais fazer isso*”. Têm-me telefonado e têm-me estado sempre a dizer não faças isso, agora na segunda-feira fui lá tratar de um assunto à ACAPO e apareceu-me a e10 mais o F, sabes quem é?” [...] “Apareceram-me, agarraram-se logo a mim e para não desistir, que não desista. A e10 “*olha se tu desistires, eu também desisto*”. “*Ah não acredito nada disso*”. E ela disse “*ah, olha, eu tenho isto, tenho aquilo, tu até podias também andar*”. Pois é, mas ela é de Coimbra. **[Ela está aqui mais na zona centro, tem mais facilidade.]** “Pois, ela é de Coimbra. A e3 que anda nesses eventos com ela também é de Coimbra. E são eventos que é de noite, não é? E já sabe, eu aqui de Cernache para Coimbra e mais de noite, não tenho hipóteses. Ela é que me disse e a e3 também já me tinha dito, “*ó e1 é pena não estares por aqui, também andavas nestes eventos que a gente anda*”. A e10 voltou-me ontem a dizer, mas já sabe, é assim: eu não vou me deslocar daqui para Coimbra e mais de noite. Senão teria muito mais participações, pois teria, mas pronto. Do Teatrão estão só a formar eventos para as pessoas irem ver, mas é assim, já lá tinha ido a alguns, mas agora com este vim muito desiludido.” **[Com esta peça dos espanhóis, é isso?]** “Sim, sim, sim. E depois havia outra para outro sábado, mas eu já estava comprometido e até me vinham buscar de carrinha na mesma e tudo, mas eu já tinha outro projeto e já tinha outro compromisso. Mandeí uma mensagem a dizer que não podíamos ir.”

[Como é que se sentiu ao participar num espetáculo onde todos os atores e atrizes são pessoas com algum tipo de deficiência visual? Como é que se sentiu? Em que todos tinham algum problema visual?] “Ali, pronto, a tal reunião em que eu não consegui falar, houve ali umas coisitas, não é? Por exemplo, eles disseram que iam pôr, antes da gente agradecer ao público, punham as bengalas nas mãos dos cegos, dos invisuais e depois à última da hora desistiram. Eu acho que era uma das coisas que eu também queria dizer, acho que foi uma asneira eles não porem porque nem estamos todos como cegos e outros estão como vejam, como foi o meu caso.” **[Então os 3 espetáculos isso não aconteceu?]** “Não, não.” **[Então como é que foram guiados depois?]** “Fomos guiados pelas tais pessoas que eles lá tinham.” [...] “Pelos voluntários. Mas depois da gente estar em frente ao público, a agradecer, ninguém sabia quem é que era cego. E foi o meu caso. Eu como tenho, mesmo por aqui e às vezes em Coimbra, até dizem que eu não sou cego.” **[Se andar sem bengala, não é?]** “Pois. O problema de dizerem que eu não sou cego é das vistas. É que eu tenho umas vistas, por aquilo que os meus dizem e as pessoas, eu tenho umas vistas que não chama a atenção a ninguém que eu seja cego. As minhas vistinhas ficaram exatamente como eram. Então, eu já tenho sido abordado por pessoas a dizerem eu que não sou cego. Até na altura aqui em Cernache, andou para aí um ... olhe, as pessoas não têm o que fazer ... e algumas já pagaram, outras estão a pagar. Porque, na altura, até disseram que eu que andava com uma bengala que não era cego nada, andava só com a bengala que era para ir buscar um subsídio ao Estado. É verdade. Olhe o Sr. e4 também, mas o Sr. e4 como ainda vê aquele bocadito ainda vai lá para uma loja para ao pé de uns amigos e coiso. Eu tinha aqui gente que julgava que eram mesmo os amigos do coração e afinal quando me aconteceu isto viraram-me as costas por completo. Completo, completo. Nem aqui de Cernache ou aqui da freguesia, não há aqui ninguém que ponha a mão a uma pessoa num autocarro a sair, a subir ou guiar para aqui ou guiar para acolá. Não há ninguém. Se for pessoas de Condeixa ou ali de Antanhol ou lá em Coimbra, tenho sempre pessoas dispostas a ...” [...] **[E sentiu alguma dificuldade por o espetáculo ser feito apenas com invisuais?]** “Não, não senti dificuldade nenhuma porque a gente, dentro daquilo que eles sabiam, dentro daquilo que os professores sabiam, a gente fomos bem orientados. É como eu lhe estou a dizer, eles deviam ter tido uma formação boa da ACAPO. Isso era a primeira coisa que eles deviam ter feito quando pensaram no espetáculo. Antes de começar o evento, a primeira coisa que a ACAPO devia ter feito era uma formação boa com esses professores e depois com as pessoas, com os acompanhantes e tudo, para saberem lidar com as pessoas e assim. **[Da sua experiência, o que é que acha que é necessário fazer para aumentar a participação das pessoas com deficiência em atividades culturais? Pessoas com deficiência no geral, pode não ser deficiência visual. Acha que a sociedade deve fazer alguma coisa para aumentar a participação destas pessoas em atividades culturais? O que é necessário fazer?]** “Pois isso eu já não sei porque é uma coisa que não está dentro dos meus cálculos, dos meus projetos, das minhas coisas.” **[Mas acha por exemplo que as pessoas com deficiência têm menor acesso a atividades culturais?]** “Ah pois, aí não tenho dúvidas.” **[E porque é que acha que isso acontece?]** “Bem quer dizer, vamos lá ver, vamos dividir isto em duas partes. Portanto, aí em Coimbra parece que participam com bons cinemas ou essas coisas todas assim. Agora, eu daqui para Coimbra para essas coisas, não ...”

[A questão da localização geográfica, onde as pessoas que encontram é um entrave.] “Pois, pois.” [...] “Pois. transporte em si e ser tudo de noite e pronto. É que os autocarros para aqui, o último é às oito horas; depois já não há mais nenhum.” **[Os espetáculos normalmente são mais tarde.]** “Pois. Por isso é que a gente andámos sempre de volta deles quando fosse nos espetáculos terem que arranjar transporte.” **[Foram vocês que insistiram?]** “Pois, a gente insistiu. A gente até insistiu, acho que era uma obrigação deles e da ACAPO, porque é um projeto que eles estão a ganhar, não é?” [...] “Insistimos na altura que a gente para lá foi; insistimos que eles, ao menos, nos pagassem o passe - os transportes. Coisa que iam ver, que iam ver, que iam ver e nunca viram nada, nem do lado da ACAPO nem do lado do Teatrão. Agora para o espetáculo, encostamo-los à parede. Como é que eu vinha depois fora de horas? Vinha de táxi?” **[Acha que isso não funcionou muito bem e que devia mudar no futuro, não é?]** “Pois. Eu acho que é um projeto entre a ACAPO, o Teatrão e a Câmara. É um projeto que estão a ganhar.” [...] “Portanto, acho que havia a obrigação deles de meterem os transportes das pessoas que lá andam a fazer o espetáculo. Tanto fez a gente andar como não andar, que iam ver, que iam ver, nunca se chegaram à frente nisso. Agora quando foi para os coisos, quando foi as peças foi assim: *“ou vocês arranjam alternativa de transporte ou a gente ...”* - eu falo por mim, *“ou eu não venho”*. [...] **[E num futuro espetáculo, acha que devia mudar alguma coisa (...)?]** “Eu acho que sim. Eu acho que a gente devia estar mais juntos. Eu, por exemplo, mais a e9, enquanto andavam a dar a volta às outras peças, eu ficava na nossa sala fechado mais ela, às vezes passava de uma hora. E aquilo mexia muito comigo porque para já era sentado lá dentro no cadeirão e os meus pézinhos arrefeciam lá até dizer chega. E aquilo incomodava-me muito ser assim. Eu ainda reclamei algumas vezes, que não podia ser assim desta maneira, daquela ... O que é certo e sabido é que todos viam - como quem diz, os que viam -, os que não viam ouviam o espetáculo que os outros faziam e gente, mesmo nos ensaios, estávamos fechados. Era uma das coisas que eu também queria tocar quando lá houve essa reunião que, pronto, foi para lá aquela pessoa enfim...” [...] “E ele nem sequer lá devia estar. Porque ele no último dia do ensaio, ele começou-se a sentir mal e depois foi algures fazer o teste e estava positivo. Ele ao fim de 4 dias já estar ali ... eu comecei logo a reclamar. A X [encenadora] *“ó Sr. e1, mas não coiso que ele, a gente vai pô-lo ali mais longe possível, ali para a porta”*. Para mim isso mexeu logo comigo. E depois foi ... olhe, eu nem sei o que é que hei-de dizer. Eu já disse a várias pessoas e volto a dizer, também digo à menina, é assim: além do feitio que eu tenho, do meu sistema nervoso - porque eu quando também saio dos carretos, com razão (sem razão tenho que me baixar também), quando me passo dos carretos ... - mas, nem eu tinha, mesmo que tivesse muita razão, nem tinha a coragem de ir fazer ou dizer o que ele foi dizer e se o fizesse, eu nunca mais punha os pés no Teatrão. Eu se fizesse a cena - eu não era capaz de a fazer a não ser que fosse uma coisa muito grave - eu nunca mais punha os meus pés no Teatrão, que era o que essa pessoa devia fazer. Mas, por aquilo que já me disseram, ele não tem vergonha nenhuma. Não sei como é que vai ser agora, não sei se vamos ser todos juntos, nem sei se ele vai participar. Por aquilo que eu já ouvi, acho que sim. E eu acho que ele não devia. E pronto, vamos ver. Eu acho que deve haver uma reunião antes de se voltar aos ensaios. Depois vamos ver. Eu também fui, fez na segunda feira oito dias a um médico que eu já ando há muitos, muitos anos, que tem sido uma coisa espetacular para mim e vim também de lá um bocado desiludido porque foi a última consulta que me deu. Foi para a reforma, até me disse *“nem sei se ainda hoje recebo*

	<p>a carta para me ir embora. Mas olhe, eu tenho doentes que vou ficar com saudades deles e eles de mim. Mas o que mais me tocou e me vai continuar a tocar é o Senhor". Até me deu o contacto. "Eu vi-o no jornal, eu vi-o". E a minha mulher vai assim: "ó Senhor Doutor, mas ele está a pensar em sair. Aquilo é para continuar, aquilo é um contrato de 3 anos". E ele: "não faça isso, já bastou lhe tirarem aquilo que estava a fazer na ACAPO que teve que ir para casa. Já bastou isso. Se aquilo continuar, você continua". (...) E depois a que está na secretaria também é uma senhora muito porreirinha para mim e eu para ela - ela estava a ouvir a conversa, vai assim: "ó Sr. e1, você não faça isso, você continue. Eu fui lá ver e aquilo foi um espetáculo". E vamos lá ver." [E então, a sua intenção é continuar no projeto no futuro?] "É como estou a dizer, vou observar a reunião. Conforme a reunião é que eu vou decidir porque eu tenho a X [encenadora]. A X [encenadora] tornou-se uma amizade comigo que não tem explicação. Tanto que nesse dia, depois cá fora, agarrou-se a mim a chorar, a chorar, a chorar. E eu também a ela. Foi uma coisa muito má. [Neste momento as expectativas futuras são quais?] "As minhas expectativas é eu ir a essa reunião. E depois decidir. Vou ver sim, vou ouvir quem está, quem não está, quem vai participar, quem não vai. E depois decido de uma vez por todas se fico ou se saio."</p>
Entrevistado/a 2	<p>[A sua participação no projeto "A meu ver", correspondeu às expectativas que tinha inicialmente?] "Sim, isso eu acho que sim." [E porquê? (...)] "Se calhar. Penso que eu não sei, não percebo muito bem se isto é o normal, mas acho que não é opinião só minha: se compararmos o tempo que andámos ali só com, digamos uma formação muito geral, com aspetos muito gerais, e depois o tempo dedicado à preparação da própria peça em si, acho que curto. Acho que houve aí um desnível um pouco grande. Ou seja, tivemos muito tempo, durante um ano que se passou, com uma aula em geral, com aspetos gerais. E depois, de repente, eles chegaram: "agora vamos começar a preparar a peça". E, sei lá, nem sei se chegou a dois meses. Acho que houve aí um certo desnível, mas o que é certo é que se fez. Mas foi assim um bocadinho precipitado, depois pareceu-me." [E nessa altura, quando andava naqueles ensaios que não sabia muito bem, que expectativas é que tinha e foram respondidas?] "Foram respondidas no sentido geral de gerar boa disposição, conhecimento de outras pessoas, distrair. Não na expectativa específica do teatro - aí também não tinha assim muita expectativa, não sabia muito bem o que é que estava à espera. Mas nestes outros campos, que no fundo era aquilo que eu precisava, acho que sim, que correspondeu e fez muito bem." [No início, referiu que na sua vida em particular, que a entrada no projeto não houve nenhuma mudança na sua vida.] "Não, não, isso não." [Nem nas suas relações de amizade?] "Não, isso é tudo igual." [Acha que existiu alguma mudança no tipo de apoio ou mesmo nos serviços que utiliza, como por exemplo, como a utilização dos transportes públicos, do táxi, do uber? Acha que existiu aqui alguma mudança na sua vida ou manteve-se como estava?] "É tal e qual como estava. Eu, por exemplo, utilizo sobretudo o uber e outras empresas afins do mesmo tipo, mas já utilizava antes. Foi só mais uma atividade em que eu precisei de me deslocar e recorri à mesma. Antes andava de autocarro, antes da pandemia. Mas desde que apareceram estes serviços, praticamente deixei de andar de autocarro. Só de vez em quando." [E por exemplo no tipo de bens culturais que consumia nos museus, espetáculos, eventos.] "Ah isso, por exemplo, tenho ido a alguns eventos lá no Teatrão e gosto. No que diz respeito ao resto, é igual. Gosto muito de música, cinema também - mas agora tenho visto</p>

menos por causa da visão. Sobretudo o que se alterou foi que fui ver alguns espetáculos ao Teatrão já.” **[E que esses espetáculos decorrem da sua entrada no projeto. Acha que se não tivesse entrado no projeto ...]** “Não teria ido. Até porque nem conhecia. Eu nem conhecia o espaço, atividade, nada. Só fui mesmo porque estou no projeto e eles enunciam-nos os espetáculos e já fui a alguns.” **[Acha que isso é positivo para si, para a sua vida?]** “Sim, claro, claro.” [...]

[Gostaria que me falasse um bocadinho sobre a relação com os seus colegas. Como é que avalia a relação estabelecida com os colegas participantes no projeto?] “No meu caso em particular não há assim um grande envolvimento. São pessoas, algumas eu já conhecia, mas também não havia assim grande contacto, pelo menos assíduo. Outras não conhecia, mas não encontro assim muitas coisas em comum. Portanto, não aprofundei muito as relações.” **[E como é que avalia a relação com os dinamizadores, neste caso, os encenadores do espetáculo, dos ensaios?]** “Eu penso que eles procuram salvar algumas distâncias, que eles acham adequadas, manter - é o que me parece. Tirando esse aspeto, acho que tem corrido bem. Como eu disse anteriormente, acho que souberam fazer o seu papel e colocar-nos também mais à vontade.” **[Quando diz colocar algumas distâncias, a nível pessoal?]** “Sim, sim, parece-me que é de propósito e compreende-se que sim.” **[Sentiu alguma dificuldade no relacionamento com os seus colegas durante este processo, durante este primeiro ano de projeto?]** “Não, é só um episódio, mas é tão particular que eu não sei se deveria falar dele. É uma coisa um pouco pessoal com colega, que até era com quem eu me dava melhor. Mas é tão pessoal que eu não sei se é adequado estarmos aqui a falar.” **[Em termos gerais, desde os ensaios até ao espetáculo, sentiu que o relacionamento se foi mantendo ali satisfatório?]** “Sim, sim. Em geral, acho que sim. Com as respetivas distâncias. Lá está, não são pessoas com quem eu me dê habitualmente, mas, no geral sim, correu bem.” **[E com os dinamizadores, teve alguma dificuldade em lidar com eles?]** “Não, não tive nenhuma dificuldade.” **[Na sua opinião, desde os ensaios até aos espetáculos, sentiu que existiu aqui alguma criação do género de uma união entre grupo de participantes do projeto? Sentiu que o grupo ficou unido por causa da participação neste projeto?]** “O grupo, no geral, não diria tanto. Acho que até houve uma certa separação. Lá está, pelos métodos utilizados - uns eram num dia, outros eram no outro. Nós nem nos conhecíamos sequer. Nem conhecíamos as pessoas do outro dia praticamente; nem conhecíamos o que eles iam fazer, só mesmo no fim, nos ensaios gerais. Nesse aspeto, não houve grande união. Agora, dentro dos colegas do próprio dia, eu fazia à sexta-feira, houve uma maior aproximação ou retomar de alguma ligação. Sim, agora não sei para futuro ver-se-á. Não sei como é que vai ser.” [...]

[E como é que se sentiu ao participar num espetáculo em que atores e atrizes eram apenas pessoas com alguma deficiência visual?] “Pois, nesse aspeto, eu preferiria que houvesse pessoas também sem problemas de visão para não haver um sublinhar desse tipo de problema. A dada altura, parece que estamos a ter um tratamento especial, no sentido de “*estão aqui porque têm isto*”. E eu preferiria que estivéssemos ali porque estamos interessados, não pelas nossas características. As nossas qualidades, isso ainda não tínhamos - lá está, para muitos era a primeira vez. Mas estávamos ali porque quisermos estar e não só porque temos um problema visual. Eu prefiro que futuramente a gente esteja ali porque vale, porque sabe fazer, porque se interessam por nós; e não porque estão cá porque têm um problema visual.” **[Sentiu alguma dificuldade**

	<p>ou teve alguma dificuldade pelo grupo ser constituído por pessoas com algum tipo de deficiência visual? “Não, não, isso não. Penso que isso até gera alguma tranquilidade. A gente sabe que no meio outras pessoas também têm esses problemas. Portanto, mais ou menos, nos compreendemos neste particular. Aí não senti assim dificuldade.” [Da sua experiência, o que é que acha que é necessário fazer para aumentar a participação das pessoas com deficiência (não é só a deficiência visual, outros tipos de deficiência) em atividades culturais? O que é que é necessário fazer para aumentar a participação destas pessoas em atividades culturais? Quer na criação, quer no próprio consumo.] “Acho que divulgar e dar oportunidade que as pessoas participem - que foi o caso. Mas lá está, sem sublinhar demais. Porque a dada altura depois pode gerar a impressão de que estamos ali e temos direito a estar ali só porque temos isso. Acho que isso não se deve ir por aí. Devemos futuramente responsabilizar por um lado a pessoa, porque ao responsabilizar também não estão a dizer que estamos ali porque temos capacidades para estar ali. Não estamos ali só porque vemos mal ou não vemos. Ao mesmo tempo, integrar pessoas sem este tipo de problemas, que era positivo para que o problema visual não seja o mais importante. Isso parece-me uma coisa ...” [Em termos sociais, como estava a dizer, a questão de mais divulgação e mais oportunidades para estas pessoas com deficiência participarem e consumirem mais atividades culturais.] “Sim, sim. Mas, lá está, depois não fazer com que elas estejam lá só por isso. Exigir também. Exigir que as pessoas se apliquem, sejam responsáveis, se esforcem.” [Existir aqui uma mistura entre pessoas com deficiência e pessoas sem deficiência para que a deficiência não sobressaia.] “Isso mesmo, exatamente.” [A sua participação no projeto "A meu ver", que expectativas é que tem futuras tendo em conta esta primeira experiência?] “A expectativa é que eu espero que não seja prejudicado por algumas coisas que possam acontecer. Esperemos que não, que as pessoas se deem bem no geral. E que possa continuar. Eu, em particular, gostaria de continuar. A gente nunca sabe o futuro, mas, no momento presente, não é a minha atividade principal, eu trabalho; mas, seria uma coisa que eu gostaria de fazer: tentar compatibilizar com o meu trabalho, era uma coisa que eu gostaria.” [Tinha-me dito, logo no início, que achava que a sua participação tinha sido uma baixa participação, teve uma intervenção mais baixa. Acha que no futuro ...] “Pode ser maior, sim. Espero que sim.”</p>
Entrevistado/a 3	<p>[Falando aqui novamente na sua participação no projeto, acha que correspondeu às suas expectativas iniciais, àquilo que tinha perspetivado no início como é que iria ser?] “Acho que sim. Inicialmente era isto que eu pensava mais ou menos, pronto era acontecer assim uma apresentação. Mas depois, com o decorrer das sessões, fiquei assim um bocado apreensiva, o que é que iria sair dali, não estava a ver assim o fim à meada. E, por isso, acabou por superar as expectativas. Sem dúvida.” [...] “Primeiro era isto mais ou menos que eu esperava, este final, mas depois com o andamento das sessões não estava a ver onde é que aquilo parar, onde é que ia dar. Surgiram também situações de saúde que me impediram de estar presente e acabei por desacreditar um bocadinho no projeto. Mas depois com a apresentação do programa da peça e o retomar da minha participação, foi tudo altamente superado.”</p>

[Eu recorde-me no primeiro momento de entrevista ter referido essa questão de não andar muito motivada.] “Ah pois.” **[Porque estava também a passar por uma fase complicada da sua vida.]** “Exatamente.” **[E não tinha nada assim muito em concreto para dizer em termos de expectativas.]** “Pois, deu voltas e voltas e está superadíssimo. Por mim está muito bom.” **[Como é que considera que será a sua participação no projeto no futuro?]** “Vou estar aberta e esperar não me deixar ir abaixo assim e agarrar-me mais aos projetos que possam surgir. E continuar a divertir-me, essencialmente continuar a divertir-me. Ainda agora no final dos espetáculos que nós fomos assistir também, fui ao workshop com o encenador desse espetáculo - que foi lá no Teatrão -, aquele espanhol (já não me lembro bem o nome dele). Ele perguntou quem é que queria ser profissional e eu não me incluo aí, a minha resposta foi não. Depois com a explicação que ele deu também ainda menos interessada fiquei. No entanto, uma pessoa divertir-se no que está a fazer é sempre bom, sempre uma mais-valia que eu pretendo. Espero estar disponível para integrar os projetos. Pronto, o que vier e o que eu puder dar. **[O que é que mudou na sua vida com a entrada no projeto "A meu ver"? Na sua situação familiar, por exemplo?]** “A mudança que eu sinto é mais mesmo eu sentir-me mais motivada. Não mudou assim mais nada de significativo, mas, pelo menos, eu sinto-me mais motivada, mais realizada. Continua a ser enquanto estou ocupada, quando cai no vazio as coisas não são assim tão simples. Pelo menos, nessa parte, tenho momentos de me sentir muito bem. Mais prolongados.” **[Em termos de motivação e de ajudar a ultrapassar essas questões mais de depressão que tem dentro de si, não é?]** “Sim, sim.” **[As mudanças foram positivas.]** “Essencialmente aí.” **[E em termos da sua vida familiar, por exemplo?]** “Também me faz sentir melhor. Também acaba por estar também mais bem disposta para qualquer situação na vida. Mas nada assim em concreto, nada de projetos. É só mesmo mais viva, pronto, mais animada.” **[Isso verifica-se também nas suas relações de amizade? Acha que houve aqui alguma mudança com a entrada no projeto?]** “Nada assim de muito diferente. Nas ligações que tenho só me sinto mais presente, mas ainda não deu assim nada de extraordinário.” **[E nos tipos de apoio ou nos serviços que utiliza? Por exemplo quando utiliza dos transportes públicos, isso mudou alguma coisa?]** “Oh isso não, não mudou nada, continuo na mesma. Os transportes, o apoio que tive foi o próprio Teatrão que acabou por ver que isso também era uma barreira e a parte que ajudaram foram eles a acordo com o projeto. Chegaram a essa conclusão, disponibilizaram a carrinha - não era sempre, mas quando eram horários mais tardios vinham-nos buscar a casa e trazer. Por isso, isso é muito bom, mas não é público. Foi o Teatrão.” **[Houve alguma mudança no tipo de bens culturais que consumia? Por exemplo a ida aos museus, espetáculos? Aumentou a sua ida a espetáculos?]** “Não, por enquanto ainda não.” **[Acha que isso não aconteceu porquê?]** “Não se proporcionou.” **[Sente-se, por exemplo, mais aberta a participar em consumir mais cultura?]** “Sim, se houver qualquer coisa. Lá está, eu também estou envolvida no coro, ainda ontem fui para Espinho, fui assistir - é música, é um projeto à parte, mas não deixa de ser cultura - e gosto de coisas que aparecem e que eu tenha a oportunidade. É preciso também que essas condições se reúnam. Não me sinto eu sozinha em condições de ir. Ainda agora no sábado vai haver um espetáculo, também um concerto do coro ali em São Francisco e eu não me sinto à vontade para ir sozinha assistir. Não tenho essas condições. Mas que gostaria de ir, gostaria. Não sei se vou conseguir ou não, mas

pronto, as coisas que eu gosto e que tenho oportunidade - em grupo é sempre mais fácil, sozinha não. A parte da mobilidade e das fobias, o que for, atrapalham-me.” **[Tendo em conta aquelas mudanças que mencionou - que foram um bocadinho mais pessoais na questão da motivação - decorrentes na sua participação neste projeto, isso trouxe-lhe alguma vantagem ou desvantagem para a sua vida?]**

“Sim, trouxe-me vantagens. Para tornar mais fácil a minha decisão, nas participações que possam acontecer, decido-me com mais determinação.” **[Gostaria agora que falasse um bocadinho da sua relação com os colegas e com os dinamizadores dos ensaios. Como é que avalia a relação estabelecida com os seus colegas?]**

“Com os colegas até antes da apresentação fiz parte ... havia os 2 grupos como a Susete sabe. Até à altura da apresentação ou de trabalhar a peça fiz parte de um grupo e quando a peça foi concebida passei para outro grupo. Nem os conhecia. Quer dizer, havia um ou outro elemento que até já conhecia, mas lá está, continuei a não ter a perceção pela falta de saber a peça global, da participação de todos. Não houve tempo, foi pouco tempo, para uma interação assim aprofundada. Foi basicamente cada um no seu cenário e. no meu caso, éramos 6 pessoas e foi nada assim de extraordinário.” **[Como é que avalia a relação que estabeleceu com os dinamizadores ao longo dos ensaios? Dinamizadores é os encenadores.]** “Foi boa também, na medida do possível. Dentro das sessões achei-os sempre também disponíveis e atentos para ...” [...] **[Sentiu alguma dificuldade no relacionamento com os seus colegas?]** “É assim, agora no final houve uma avaliação que me surpreendeu muito, mas olhe não compreí. Vou-me sentir bem, antes quis ficar com a minha reação. Mas pronto, houve lá assim uma reação exacerbada.” **[De um dos seus colegas no projeto, é isso?]**

“Sim, sim. Tiveram outro ponto de vista. Mas pronto, cada um sente por si. Mas eu não me identifiquei nada com aquilo. Houve falhas técnicas que acontece com profissionais também, então não ia deixar de acontecer connosco. Mas sei separar uma coisa da outra. Essa situação deixou-me assim um bocadinho ... foi desconfortável, mas deve ter oportunidade de ouvir mais comentários. No geral, era um contra todos - no meu ponto de vista, vá.” **[E sentiu alguma dificuldade no relacionamento com os dinamizadores em si?]** “Não. Naquilo que eu precisava ... Quer dizer, a dificuldade, gostaria de ter tido mais tempo. Mas compreendi que eram vários cenários a ser tratados. Não tive aquela dedicação que inicialmente gostaria de ter tido e que pensava que ia ter. Mas depois o resultado final superou isso tudo, pronto. Como era um papel pequeno superou isso tudo. Da minha parte foi assim. Agora, quem tinha outro tipo de papéis maiores não sei. Mas por mim, inicialmente gostaria de ter tido assim mais tempo, mas depois tudo se encaminhou. Vi isso como um desafio e há necessidade de ajustar ao que temos.” **[Na sua opinião, que importância é que tiveram - quer nos ensaios, quer nos próprios espetáculos - a criação de uma união entre o grupo de participantes do projeto? Sentiu que houve uma união entre participantes?]** “Não houve tempo para isso. Essa parte para mim continua ainda a não estar presente. Lá está, começou logo pela divisão do grupo. Pode haver elementos com quem a gente se identifica mais, outros menos, mas sendo dois grupos - ainda por cima eu estava num e depois passei para outro -, não houve aquele tempo para criar assim essa interação e pode ser que agora as coisas se melhorem. Para mim era benéfico haver um grupo só e fazer as dinâmicas com um grupo se as circunstâncias o permitissem, que se consegue criar mais cumplicidade. Para mim era isso que eu idealizava. Que não tem sido possível devido às circunstâncias. Só este tempo que

nos juntámos para a peça foi pouco. Não surtiu esse efeito e daí a minha surpresa de ouvir a reação de um elemento que não me identifiquei minimamente com aquilo. E ainda que fossem falar das coisas que correspondiam à verdade, mas foi assim um momento que me surpreendeu na forma em como ele foi abordado. Mas pronto, todos temos momentos e todos temos a nossa maneira de reagir às situações.”

[Como é que se sentiu ao participar no espetáculo onde os atores e atrizes, que eram vocês, apenas pessoas com deficiência visual?]

“Eu senti-me bem porque não tive assim problemas de maior. Agora, a ambição é de uma integração, é de não ser só de pessoas com uma deficiência visual. É ver mistura. É esse o meu objetivo e é o que eu achava que deveria ser e que eu acho que virá a acontecer.” **[Acha que o facto de neste momento só terem participado pessoas com esta questão de deficiência visual, teve alguma dificuldade nisso?]**

“Teve, teve. Na parte de ensaios para correções, a encenadora não estava disponível para todos ao mesmo tempo - como é óbvio. Houve assim muitos tempos de espera que se houvesse outros participantes sem essa deficiência visual, se calhar as coisas podiam ganhar outra dinâmica.” [...] **[Mas sentiu que isso foi ultrapassado, foi resolvido?]**

“Não, não, não foi resolvido.” **[Como é que acha que pode ser resolvido?]** “Essa é uma possibilidade. Outra é a forma do espetáculo também ser ... em vez de ser assim em vários pontos que exige tanta dedicação logística - que foi uma coisa de difícil organização -, se calhar podem fazer outro tipo de projetos também em que se passe tudo no mesmo palco, por exemplo. No nosso caso contou muito.” [...] **[Da sua experiência, o que é necessário fazer para aumentar a participação das pessoas com deficiência no geral em atividades culturais? Em termos sociais?]** “Em termos sociais sabemos que as pensões, os rendimentos são baixos e as pessoas não têm bolsa para ... embora o custo também não seja muito elevado, mas, quer dizer, o preço do bilhete não é muito elevado, mas as horas que é o espetáculo, ter que arranjar transporte encarece bastante e em termos sociais também não é fácil.” **[Está a falar do consumo de atividades culturais por pessoas com deficiência, não é? As reformas são baixas e isso cria alguma dificuldade no consumo.]** “Devia haver algumas condições especiais, sei lá. Custos mais reduzidos ou gratuitos mesmo, lá está, normalmente estes espetáculos também são no final do dia, fim-de-semana. Os transportes, o acesso, lá voltamos aos mesmo: aí se calhar haver um intercâmbio com ACAPO, não sei, a facilitar as deslocações ou o próprio Teatrão, tendo a parceria que têm. Por exemplo, para nós, elementos do projeto, fizeram essa distinção; mas eu tenho conhecimento de colegas que não foram precisamente por essas razões, porque depois para vir de táxi ou assim não é sustentável.” **[E o que é que acha que é necessário fazer para aumentar a participação das pessoas com deficiência em atividades culturais?]** “Isso também vai uma questão de gosto. Nem toda a gente também ... há pessoas que não estão motivadas e também pensam que ir para ali que é logo com o objetivo de ser profissionais. Eu dou o meu exemplo - não tem nada a ver com isso -, os momentos que passo lá são bons para mim, enriquece-me. Quando vejo as pessoas assim a dizer que não, eu falo muito da minha experiência que não vou com esse objetivo de ir para palco. Por acaso agora até acabou por acontecer, embora seja uma coisa assim restrita, mas acabou por acontecer e senti que foi muito natural. Nesta altura a pandemia também mais uma vez pega. Aglomerados, pessoas.”

	<p>[Nós vemos várias pessoas com deficiência, e não falo apenas da deficiência visual, e não são atores, não são atrizes, não são cantores. Ou seja, estão em minoria relativamente às pessoas sem deficiência. Na sua experiência, o que é que acha que é preciso fazer para que essas pessoas possam aumentar a sua atividade cultural?] “Acho que são minoria porque também somos minoria felizmente. Portanto é proporcional. Eu continuo a achar que, se calhar, não mantêm, não sentem inclinação para isso, não sei. Não consigo assim ter uma perceção assim em concreto. À medida que as pessoas têm a sua deficiência, mas se seguem um percurso de vida normal, dentro das suas limitações, que têm acesso à escola, formação, trabalho, isso tudo, acho que é uma questão de gosto, de se sentirem bem ou não. Agora, quando não têm acesso a essa formação, isso aí depois as coisas também não aparecem do nada. É preciso trazer as pessoas para a sociedade - conhecer para poder optar.” [Qual é que foi para si o momento mais satisfatório na sua participação neste projeto e porquê?] “Foi o melhorar realmente a minha autoestima, a minha motivação. Preciso desta pré-disposição para continuar enquanto estou cá, senão é muito chato. É muito desmotivador e muito pesado viver assim, a sobreviver vá. Relativamente assim ao espetáculo. gostei muito do último dia. À medida que íamos repetindo as sessões, ia sendo mais automático, ia sentindo mais facilidade. E o ver o público assim satisfeito, também alimentava um bocadinho. É um bocadinho a aprovação do que eu sentia. Mas essencialmente motivação e disponibilidade para continuar. Foi isso que eu também disse, apesar de haver algumas coisas que nunca se encaixam assim tão bem, mas é normal.” [Qual é o momento menos bom da sua participação neste projeto e porquê?] “Foi essa dita falha técnica, foi o som que faltou numa altura. Houve lá um ruído na parte dos microfones. Nós tínhamos uns microfones na nossa cena. Houve também lá o fumo acabou, no momento ali, atrapalhar mais um dos elementos e aí senti-me mal. Quando a colega ia para fazer a parte dela, eu até queria chegar-me à frente, mas por acaso não sabia aquela parte e senti-me mal com isso e gostaria de, por exemplo, estar mais preparada e poder ter ajudado. Isso tudo foi em conjunto com essa deficiência no som que atrapalhou.” [O projeto tem mais 2 anos. O que é que acha que a nível futuro ... quer continuar, não quer continuar?] “Quero, eu quero continuar. Era isso, era fazer a integração de outros elementos que não só deficiência visual. Todos somos diferentes e todos temos o nosso lugar cá. Todos temos o nosso papel e nada melhor que haver esse envolvimento de todos.”</p>
Entrevistado/a 4	<p>[A sua participação no projeto correspondeu às suas expectativas iniciais? Àquilo que pensava que ia ser?] “Não, até superaram. No início pensei que aquilo podia ser uma coisa, como nunca tinha participado eu pensei "o que é que eu vou fazer aquilo? Às tantas, isto vai ser um fiasco". E pronto, superaram as minhas expectativas que correram muito melhor do que aquilo que eu pensava. Se calhar até podia correr muito melhor, mas para aquilo que eu pensava que ia ser, foi muito bom.” [Foi bom em que sentido? Porque pensava, ali no início, que andava naqueles ensaios e exercícios e nunca ...] “Sim, sim. Epá, não via desenvolvimento naquilo. Depois, de repente, aquilo modifica-se. Por isso é que eu disse, acho que andámos lá muito tempo em cima na sala. Muito embora aquele convívio também fazia parte.” [E vocês conhecerem-se também.] “Conhecerem-se, tudo bem. Mas acho que mesmo assim foi demasiado tempo. Mas pronto, quem sou eu</p>

para dizer isso. Só tenho essa percepção, que acho que perdemos lá muito tempo em cima. E depois os ensaios ali tá-tá-tá." [...] **[Passando agora para a parte da sua vida pessoal, o que é que acha que mudou na sua vida com a entrada neste projeto? Por exemplo, na sua vida familiar mudou alguma coisa?]** "Não, na minha vida não mudou nada." **[Houve alguma alteração, por exemplo, nas suas relações de amizade?]** "Não, é que ganhei relação de amizade com o pessoal da ACAPO. Agora, aqui em casa, a minha relação de amizade continua a ser a mesma. Por exemplo, tive boas relações em casa, sempre tivemos relacionamentos. Sempre nos relacionamos bem, sempre teve bom acompanhamento, boa harmonia." **[E nas suas relações de amizade, começou a telefonar mais vezes à malta, aos seus colegas participantes?]** "Sim, sim." **[Antes de estar no projeto não telefonava nenhum.]** "Eu praticamente telefono sempre aos mesmos, muito embora não tenha o contacto deles todos. Agora telefono mais com a e9, e1." **[Já os conhecia antes?]** "Não." [...] **[Depois com a entrada neste projeto, permitiu-lhe também aumentar a sua rede de amigos.]** "É verdade, conheci-os lá." **[E acha que essa mudança foi positiva para si?]** "Sim, foi." **[Porquê?]** "Soube encarar as coisas de outra maneira também. A minha deficiência ajudou-me a que eu encarasse as coisas não tão pessimista como eu fazia. Afinal tinha lá mais gente e ainda piores do que eu. Muito embora tinha a consciência que havia gente cega, mas é diferente conviver com as pessoas. Eu então achei que, às vezes, situações que eu até nem me devia meter nelas. Às vezes estávamos na entrada do Teatrão, e chegavam do outro lado pessoas, que lá cheguei a ir buscar: o Sr.e1, a e3. Eu, com a minha fraca visão, ainda ..." **[À paragem.]** "À paragem. Do outro lado, ainda lá cheguei a ir buscar a e3, o Sr. e1 que tem uma tendência a atravessar e anda para a direita, não consegue andar direito. A gente também não vê nada, não é? Pronto, é isso, chegou até, às vezes, parece que arrancava dali como se tivesse a ver normalmente. Eu é naquela coisa de querer ajudar." **[Em termos mais de mudanças. Houve alguma mudança no tipo de apoios ou nos serviços que utiliza, por exemplo os transportes públicos? Ou manteve-se a mesma coisa?]** "Os transportes públicos, eu por acaso não tenho muito que dizer. Desde o princípio até fui bastante ajudado por alguns motoristas. Mas é assim: não há duas pessoas iguais. Há umas que reagem de uma maneira ... já tive motoristas que chegam à paragem e dizem "*olhe, este é o número tal*". Há outros que chegam lá, não dizem nada, é preciso eu perguntar. Há outros que eu depois de entrar dizem "*onde é que quer sair?*". Por exemplo, o 13 vai direito a Santa Clara, desce e vai direito à Portagem. O 48 vai ao Fórum. Como é várias coisas, eu digo, se for o 48, "*quero sair ali à Portagem*"." **[Mas os motoristas não são todos simpáticos.]** "Não são todos. Às vezes quando venho no 48, de Coimbra, de lá para cá, antes de mudar a hora que chegava aqui de noite - às sete horas já chegava aqui de noite -, houve um ou dois motoristas (são aqueles autocarros mais curtos, o 48), para sair, eu disse "*olhe, eu queria sair ao pé do restaurante, é ali*". Ele saía da porta, ao outro lado, e ia-me dar ajuda a sair à porta. Por acaso foram dois motoristas que aconteceu isso aqui." **[Antes de participar neste projeto, já costuma andar de autocarro ou não?]** "Muito raro. Eu era um funcionário da Câmara, tinha passe praticamente à borla - ultimamente é que já pagámos por ano 12 euros. Não era quase nada. Mas era muito raro. Eu acho que havia anos que não andava de autocarro. Como tínhamos os trabalhos para fazer e temos viaturas para transporte, para levar material, era raríssimo andar de autocarro. Só que às vezes, dentro da cidade, ficamos num lado qualquer numa escola, "*como é que é? Vais de autocarro para baixo?*" -

só numa situação dessas.” **[Acha que o projeto teve uma mudança porque começou a utilizar mais transportes públicos?]** “Sim, sim.” **[E acha que isso é positivo para si, para a sua vida?]** “É. Eu quando, depois de cegar, ali passado um tempo, mesmo depois de ter entrado na ACAPO já não me via um dia entrar no autocarro e ir até Coimbra.” [...]

“Nunca me vi depois assim no autocarro. Só que depois comecei com as aulas de orientação e tal, mas, mesmo no princípio, foi um bocadito complicado. Muito receio mesmo.” **[E agora como é que se sente?]** “A minha visão melhorou um bocadito já de há uns dois anos para cá. Melhorou um bocadito.” **[E agora já se sente mais autónomo?]** “Antes, fazia sair daqui, tinha que ser mesmo com a bengala. Eu hoje vou até lá baixo ao restaurante e tudo sem bengala. Também depende de como estiver o tempo. Se tiver muito sol, vou ter que levar óculos de sol; mas o tempo assim nublado, percorro assim bem sem bengala. Mas levo-a sempre, que é sempre um auxílio.” **[Acha que existiu alguma mudança no tipo de bens culturais que consumia? Por exemplo, sentiu que começou, depois da entrada no projeto, a frequentar mais espetáculos?]** “Sim, se calhar já fui ver mais espetáculos lá no Teatrão que eu fui numa porrada de anos. Antigamente era solteiro e ia ao cinema. Acho que nunca tinha ido ao teatro.” **[Depois de entrar aqui no projeto, acha que aumentou a sua participação no consumo de teatro pelo menos?]** “Sim.” **[Acha que isso é positivo para si também?]** “É, ajuda-me a encarar as coisas de outra maneira.” **[Considera que estas alterações na sua vida, tudo aquilo que falou desde os transportes, desde de ter feito as novas amizades, consumir mais atividades culturais (neste caso o teatro) - acha que essas alterações na sua vida, decorrentes da participação no projeto, lhe trouxeram vantagens ou desvantagens?]** “Não, para mim trouxeram-me vantagens. Nunca me trouxe desvantagens nenhuma. Trouxeram-me sempre só vantagens, quanto mais não fosse só pela convivência. E, pronto, desenvolveu em mim uma coisa que nunca tinha feito.” [...]

[Gostaria que falasse um bocadinho sobre a sua relação com os seus colegas. Como é que avalia a relação que estabeleceu com os seus colegas do grupo todo em si?] “De maneira geral, relacionei-me bem com eles. Tenho alguns assim mais que me relaciono e tal, por uma questão de ... por exemplo, o Sr. e1 vinha muitas vezes para a Baixa com ele e a esposa. A e9 que é aqui dos Casais, é de aqui perto. É assim um bocadinho mais extrovertida e tal, também gosto de pessoas assim. Ela até é familiar aqui de um vizinho meu, que ele mora ali. Não adiantou nada ser, mas, pronto, fiquei a saber. E, pronto, de maneira geral, desenvolvi uma amizade. Cada um tem a sua personalidade.” **[Mas em termos de avaliação, avalia de forma positiva a sua relação com os seus colegas?]** “Sim, de uma maneira geral sim.” **[E com os encenadores?]** “Espetaculares.” [...]

“Muito boa. Não digo que é boa, é muito boa.” **[Pode dar alguns exemplos? Como é que eles fazem? Porque é que a relação é boa?]** “Para já, eu conheço os dois, mas aquele que pelo menos esteve mais diretamente ligado comigo foi o X [encenador]. É uma pessoa que explica bem, dá incentivo - às vezes as coisas nem estão a correr que eu acho que aquilo até ... mas incentiva. *“Tá bom. Agora correu assim, mas, daqui a bocado, amanhã, isto vai correr melhor”*. Sempre a dar bom incentivo. A X [encenadora] também é uma boa orientadora. Tenho um certo carinho por ela. (...)” **[Que importância é que tiveram, na sua opinião, os ensaios - quer nos ensaios, quer no próprio espetáculo? Considera que houve uma criação de união de grupo entre os participantes do projeto? Ou não? No início estavam divididos, quinta e sexta, vocês depois começaram-se a**

juntar um bocadinho mais, mas, mesmo assim, cada um nos seus sítios, nas suas cenas. Acha que se criou aqui um sentimento de união entre os participantes?] “Criou-se ali uma união. Só que, eu acho que a união podia ter sido maior. Não tenho ideia como é que se projeta o teatro. Só houve um bocado de desunião e eu sei porque algumas coisas me vieram aos ouvidos. Termos feito o teatro em 4 sítios, não estávamos todos praticamente juntos.” [...] **[Se vocês atuassem todos no mesmo palco, sem estarem divididos por salas, se calhar o sentimento de união era mais forte. É isso que está a dizer?]** “Era, isso era capaz. E eu pus colegas, aqueles que não veem nada, senti-os que houve uns que me chegaram a dizer é que não ... eles sentem que estão a fazer o teatro, mas não sentem o impacto dos outros atores das outras cenas e gostavam de sentir também,” **[Os participantes não tiveram a perceção do que os outros estavam a fazer.]** “É isso, não havia ali o conhecimento da peça. Cada um tinha a sua parte e tal. Eu como podia andar aqui e acolá tinha uma perceção, agora, aqueles que não podem andar assim ... mas não, muita gente achou, uns 3 ou 4.” **[Acha que isso poderia ser melhorado?]** “Se pudesse ser era.” **[Num próximo espetáculo, toda a gente ter conhecimento do que é que cada um ia fazer.]** “Era. Vamos ter agora uma reunião, não sei se é para continuar. Em princípio ... Era uma das coisas que eu tinha para dizer era isso.” **[Como é que se sentiu ao participar num espetáculo em que os atores e as atrizes eram pessoas com deficiência visual? Acha que teve alguma dificuldade sobre isso?]** “Falo por mim, eu tenho as minhas limitações, mas ainda me consigo revelar assim com luz por cima como lá estava espetacular. Agora, não me consigo por é no lugar ... quer dizer, até me consigo por, mas no lugar de uma pessoa que é invisual a cem por cento. Complicado.” **[O espetáculo era feito, todos tinham um problema de visão, Como é que se sentiu ao participar num projeto em que todos tinham a mesma condição?]** “Eu senti-me bem, eu senti-me bem integrado.” **[Senti alguma dificuldade por causa disso?]** “Não, não senti. Quer dizer, há sempre aquelas dificuldades. De locomoção, assim não me poder mexer tão rápido.” **[Acha que essas dificuldades depois também foram resolvidas?]** “Sim, aquelas que me surgiram foram resolvidas na altura. Normalmente sempre resolvi as dificuldades que me apareceram sempre resolvi ou alguém resolvia por mim.” [...] “Às vezes quando me viam assim um bocado mais coiso, agarravam-me ou para aqui ou para acolá. Não tive só dificuldades a fazer o espetáculo: movimentar-me lá dentro e tal. Eu já conhecia o espaço daquilo que fiz lá manutenção na parte de eletricista. Eu conhecia o espaço, mas é diferente porque o espaço na sala muda logo. Só aquelas partes das escalas e tal, onde estavam aquelas casas de banho onde a gente fez o nosso camarim. Eu isso conhecia aí, conhecia a oficina. Para mim, pessoas que não conheciam, infelizmente que conseguiram conhecer. Mas pronto, aquilo modifica sempre. Por exemplo, a bancada antigamente não estava daquele lado. Aquela bancada que está na sala, desde que eu a conheço, desde que lá vou ao Teatrão desde que eu via, ela estava sempre no lado oposto - do lado onde atuou a e9, a bancada estava aí.” [...] **[Mas vocês também tiveram oportunidade para conhecer o espaço.]** “Sim, sim. Eu só não me aventurei foi mais para o lado esquerdo (o meu direito), aquela parte mais escura que fica virada para o estacionamento. Para aí para o escuro é que nunca me aventurei aí, mas mais de resto ... por exemplo, o e11 passava por aí quando acabava a cena da e9 que ele ia para o carro, ele passava por aí fora. E ele não conseguia ver, só se fosse aos apalpões.” **[Da sua experiência, o que é que acha que é necessário fazer para aumentar a participação das**

	<p>peessoas com deficiência em atividades culturais? Não estou a dizer pessoas com deficiência visual; pessoas com deficiência no geral - quer seja uma deficiência física, quer seja motora, quer seja outro tipo de deficiência. O que é que é necessário fazer para que estas pessoas aumentem a sua participação em atividades culturais? A sociedade pode fazer alguma coisa, por exemplo?] “A nível do teatro, tem que criar condições para essas pessoas. Os acessos não é difícil, que aquilo é ...” [Em termos de acessos para pessoas invisuais, acha que não é difícil?] “O Sr. e1 um dia vinha atrás de mim e eu levei-o lá, à casa de banho. Eu passei, eu via a coluna, mas eu não sabia que eles vinham atrás de mim com a mão nas minhas costas e vinha [...]. Quando vamos a passar pela coluna, ele bateu com a cabeça e rachou a cabeça. Não estava lá nesse dia, pois não?” [...] [Mas na sua opinião, o que é que acha que é preciso fazer para as pessoas aumentarem a participação em atividades culturais? Pessoas com deficiência.] “É preciso criar situações lá. Melhorar situações, acessibilidades.” [Não só no Teatrão. Podemos falar noutro tipo: nos museus, por exemplo, nos monumentos.] “Haver, por exemplo, uns transportes mesmo especial. Eu sei que há, mas só por alguns. Por exemplo, aquele que a e9 tem, nem todos os cegos que lá andam da ACAPO têm direito àquilo. Ela tem, acho que por causa dos pés. não é para toda a gente. Eles até deviam ter um mini autocarro até para aquele serviço: para ir buscar pessoal para ir fazer o ensaio e ir levá-los a casa. Não queria dizer que os tivesse que ir levar a casa, mas, por exemplo, fazer as paragens dos autocarros. Não era entrar lá nos becos, como não vão a minha casa. Vieram aqui à porta.” [...] [Mas eles tiveram sempre essa atenção de transporte para vocês virem.] “Sim, eu pedi essa atenção e eles tiveram sempre. (...)” [Como é que acha que as pessoas com deficiência podem aumentar o consumo das atividades culturais? É um bocadinho por aí, a darem-lhes mais transportes, mais acessibilidades?] “Eu estou convencido que muitas pessoas também não saem porque ...” [...] “Podem também não saber, mas também mais porque não têm aquela facilidade de transporte, de sair de casa. Deixam-se estar. Antes querem estar em casa do que depois andar sem ... Se não tiver mobilidade, tem que ser um transporte especial. Os serviços é que têm isso. Mas, de resto, só se for os próprios familiares a fazer o transporte. Mas, de tivessem esse transporte especial, acho que muitas das pessoas eram capaz de aderir.” [Como é que considera que será a sua participação no projeto "A meu ver" no futuro? Que expectativas futuras é que tem? É para continuar?] “Sim, é para continuar.” [Tem algumas expectativas futuras? Acha que vai ser melhor?] “Eu, mediante aquilo que eu fiz, eu espero fazer, quanto mais não seja igual. Mas, as minhas perspetivas é para melhorar.” [E perspetiva assim um espetáculo diferente?] “Sim, tem que ser diferente.” [Mais vocacionado para a comédia como gosta? Ou uma coisa mais séria?] “Opá se for, se calhar encaixa melhor.”</p>
--	--

Entrevistado/a 5	<p>[Falando novamente sobre a sua participação no projeto, acha que correspondeu às suas expectativas iniciais?] “Sim, correspondeu.”</p> <p>[E porque é que acha que correspondeu?] “Porque, enfim, eu ...”</p> <p>[(...)Acha que o projeto foi de acordo àquilo que estava à espera no início?] “Sim. Porque lá está, como é um projeto ainda embrionário, em que os encenadores não sabiam como lidar connosco, eu acho que houve uma aprendizagem de parte a parte, tanto nossa como deles, para que se desenrolasse então a história. Porque de início fizemos vários exercícios em que já me senti à vontade e eles nem por isso. Fui aprendendo agora com esse projeto. No entanto, o que eu esperava deste projeto, era fazermos peças e apresentá-las, de acordo com aquilo que eu esperava e continuo a esperar do projeto.”</p> <p>[Considera que mudou alguma coisa na sua vida com a entrada neste projeto? Quer na sua vida familiar, por exemplo; quer na sua vida afetiva ou amorosa?] “Eu por acaso faço muito teatro com o meu namorado. Ele também fez muitas peças de teatro quando andávamos na escola - aquelas peças de natal ou de fim de ano. Mas ele também tem muito potencial para teatro. Então, desde aí, nós fazemos muitas vezes teatro quando estamos pessoalmente ou quando falamos ao telefone. Ele sabe fazer vozes que eu não sei fazer.”</p> <p>[Isso foi após a sua entrada no projeto "A meu ver" que estava aqui mais ligada ao teatro ou antes de entrar no projeto já faziam isso?] “Também já fazíamos isso antes do projeto.”</p> <p>[E houve aqui alguma mudança nas suas relações de amizade, por exemplo?] “Com as minhas sobrinhas creio que me tornei mais ativa, mais dinâmica com elas.”</p> <p>[Considera que isso foi positivo para si?] “Sim, muito. Como a minha sobrinha mais nova ainda está na idade de brincar aos monstros e às fantasias e às belas adormecidas, ela dá-me as instruções e eu tento arranjar maneira, assim de uma forma mais madura, de seguir aquilo que ela pretende. E assim fazemos e ela até se farta de rir - tanto ela com a mais velha, embora que já tenha 12 anos, mas ela também acha muita graça àquilo que eu digo. Faço letras de músicas ou quando simplesmente falo para elas de uma forma mais humorística. Uma vez, eu estava aqui com elas em casa e a mais nova estava-me a dizer para eu fazer yoga. Onde ela dizia-me <i>"agora diz ah um"</i>, como dizem na yoga. E eu dizia <i>"a dois, b dois"</i>, e ela: <i>"não é isso"</i>. Mas eu sabia o que ela queria, só que eu para me meter com ela, eu dizia <i>"b um, b dois, ..."</i> e a minha sobrinha mais velha fartava-se de rir. Entretanto também estava a ver algo no tablet e eu perguntei-lhe <i>"de que é que estás a rir?"</i>. <i>"Estou-me a rir de vocês, é um belo teatro"</i>.”</p> <p>[Os seus colegas da peça, participantes no projeto, já os conhecia a todos? Acha que houve aqui alguma mudança?] “Praticamente todos, sim. Só não conhecia o Dr. E2, o Sr. e8, que também só conheci agora, e o Sr. e4. Esses 3, porque de resto já conhecia todos os colegas.”</p> <p>[De certa forma aumentou aqui a rede das suas relações de amizade?] “Exatamente.”</p> <p>[Considera que existiu alguma mudança depois de ter entrado no projeto no tipo de apoio ou dos serviços que utiliza, por exemplo, os transportes públicos? Ou manteve-se tudo na mesma?] “É assim, em termos de transportes, tivemos de facto a equipa do Teatrão que nos vinha buscar e trazer a casa nos dias dos ensaios e no dia das digressões também. O que já nos facilitou bastante porque escusamos de gastar dinheiro em táxis - como a partir de uma certa hora e sobretudo aos fins de semana há menos transportes - permitiu-nos, digamos que, chegar a tempo para os ensaios e para a representação.” [...]</p> <p>[Já utilizava transportes públicos e já sentia algum à vontade nessa utilização.] “Exato, sim. Não mudou nada. Fora a boa vontade da equipa e também da ACAPO, tudo se mantém na mesma.”</p> <p>[No tipo de bens culturais consumidos,</p>
------------------	---

considera que houve um aumento no consumo de bens culturais depois da entrada no seu projeto? Ou uma diminuição?] “Não, manteve-se tudo na mesma. A única coisa nova que tive que aprender foi no espaço, dentro do Teatrão.” **[Não tivemos aqui mudanças significativas depois de ter entrado. As que teve foi mais aqui na sua relação familiar com as suas sobrinhas, neste caso, tornou-se um bocadinho mais extrovertida, diria.]** “E com o P, que é o meu namorado.” **[Em termos afetivos também melhorou um bocadinho essa parte da vossa relação.]** “Sim, muito.” [...] “E também noto, neste momento, mais concentrada no trabalho e no meu dia-a-dia.” [...] **[Gostaria que me falasse um bocadinho da relação com os seus colegas. Como é que avalia a relação que estabeleceu com os seus colegas do projeto?] [...]** “Sim, foi uma boa relação. Inclusive com algumas das colegas eu tinha assim uma relação mais superficial - não somos grandes amigas -, mas deu para perceber que esses colegas que têm um lado terno também, como é de se esperar da maior parte das pessoas.” **[E com os dinamizadores ao longo dos ensaios, como é que foi a sua relação com eles?]** “Foi boa. Não houve nenhum atrito, não houve objeções. O único senão que eu tive então o [...] do início da criação da peça que não me senti capaz de fazer aquela descrição amiúde do espaço, mas, enfim, tudo se resolveu e a conversar é que a gente se entende. As coisas mudaram radicalmente e senti-me realizada como eu disse no início.” **[Sentiu alguma dificuldade no relacionamento com os seus colegas ou com os dinamizadores?]** “Não, não tive.” **[Desde os ensaios, desde o início do projeto, até depois mesmo aqueles ensaios intensivos e a realização do próprio espetáculo, considera que houve aqui a criação de uma união entre o grupo de participantes do projeto?]** “Não, digamos que não houve propriamente uma união forte. Eu por mim falo que nunca tive nada contra quem quer que seja, mas dava para perceber que algumas ... não digo inimizades, mas trocas de galhardetes entre alguns colegas. Porque alguns acham que são melhor que os outros; outros acham que os seus problemas de vida e pessoais, de saúde e tudo mais são superiores aos dos outros. Acabava sempre por haver certas picardias com alguns.” **[Sentiu isso?]** “Senti. E eu, como não quero tomar partidos, limitava-me apenas a dizer que cada um tem os seus problemas, cada um tem as suas ideias e ninguém é superior nem inferior a ninguém.” **[Como é que se sentiu ao participar, no fundo, num espetáculo onde todos os atores e atrizes eram pessoas que apresentavam deficiência visual?]** “No princípio do projeto entre o Teatrão e a ACAPO, senti natural porque, lá está, embora estejamos a pensar em incluir no nosso grupo pessoas normovisuais e até com outras deficiências, dado que é um projeto novo não senti qualquer segregação. Achei por bem que, em primeiro lugar, o fundamental era haver uma relação entre encenador e, digamos, principiante - independentemente de ser ou cego, de baixa visão - tem que se estabelecer e tem que haver força de vontade de parte a parte para que haja o princípio de uma integração e de uma inclusão social.” **[Sentiu alguma dificuldade por o grupo ser constituído apenas por pessoas invisuais?]** “De maneira nenhuma. Dado que, enfim, é o nosso mundo, embora poucos são aqueles que nasceram cegos; mas, como muitos deles também já estão cegos há muitos anos e já estão integrados, eu senti-me completamente à vontade no meu meio, naturalmente.” **[Da sua experiência, o que é que acha que é necessário fazer para aumentar a participação das pessoas com deficiência - pessoas com deficiência no geral, não só a deficiência visual - em atividades culturais? Em termos de sociedade, o que é que é necessário**

	<p>fazer?] “Divulgar à sociedade de um modo geral, tanto às pessoas com outras deficiências como à comunidade que não tem qualquer limitação, há que divulgar a nossa existência deste projeto e até atuar noutros ... embora com peças diferentes, porque nós não somos nenhuma máquinas que tenhamos que fazer sempre a mesma, mas há que atuar por este país fora e até, quem sabe, no estrangeiro.” [Para além da divulgação, é necessário fazer algum tipo de coisas para aumentar quer a criação de atividades culturais, quer o próprio consumo de atividades culturais?] “Sem dúvida.” [Considera que as pessoas com deficiência consomem menos atividades culturais do que as pessoas sem deficiência?] “Exato. Dado que o acesso à cultura, grande maioria, é restrito o número.” [Porque é que acha que isso acontece?] “Porque, lá está, muitas vezes as pessoas moram longe dos grandes centros culturais. Ou porque não há transportes em que permitam se deslocar até lá. Também porque muitas coisas são exibidas em horário nobre, mas que grande parte das pessoas têm horários a cumprir e não lhes possibilita sequer consumir esse tipo de serviços. De modo que, se não é fim de semana, não há grandes possibilidades para ... Quem diz teatro, diz concertos, diz qualquer evento cultural. Falo por experiência e por às vezes em conversa com pessoas cegas e de baixa visão, muitos de nós partilham dessa opinião dado que ... mas isto tanto faz ser cá em Coimbra, como em todo o país. As coisas são transmitidas, são exibidas em horários em que muitos não podem frequentar esses espaços culturais e não podem assistir aos eventos.” [Voltando agora um bocadinho ao projeto, como é que considera a sua participação no futuro? Que expectativas futuras é que tem?] “Ainda não tenho grandes expectativas, mas faço questão de continuar a participar e irmos mais além daquilo que já fomos, muito mais além.”</p>
Entrevistado/ 6	<p>[A sua participação aqui no projeto correspondeu às suas expectativas iniciais, àquilo que tinha pensado inicialmente?] “Sim, de certa forma sim.” [E porquê?] “Para estar envolvida em alguma coisa, para me sentir útil. Se calhar para provar alguma coisa, para mostrar aos outros que temos capacidade, que conseguimos fazer as coisas.” [E que expectativas é que tinha e que foram respondidas?] “Basicamente todas.” [...] [Falando um bocadinho mais em termos pessoais, o que é que acha que mudou na sua vida com a entrada no projeto "A meu ver"?] “Ganhar outro tipo de experiências. Não teve assim grande alteração.” [Questiona que houve alguma mudança, por exemplo, em termos profissionais?] “Não.” [Na sua vida familiar?] “Não, isso aí também não.” [Nas suas relações de amizade?] “Também não. Porque as pessoas conhecem-se, são pessoas que já se conhecem há anos.” [E no tipo de apoios ou serviços que utiliza? Por exemplo, a utilização de transportes públicos? A entrada no projeto teve alguma mudança nesse sentido?] “Também não.” [Já costumava utilizar os transportes públicos?] “Sim. A mudança na utilização dos transportes deu-se ainda antes de vir para o Teatrão. Porque eu antigamente fazia quase todo o trajeto a pé. A partir de 2019 é que passou a ser impossível.” [No tipo de bens culturais que consome, por exemplo a ida a museus, espetáculos, eventos?] “Fomos uma semana depois ver uma peça de uma companhia espanhola.” [Isso foi positivo?] “Sim, porque também é uma companhia feita por pessoas deficientes visuais. O espetáculo foi completamente feito por eles. Pessoas com deficiência visual. E, se calhar, seria para aí que iríamos evoluir. Eu achei mesmo que estava muito bem escrito, muito bem ... Ao contrário das pessoas que lá andam, eu consigo apreciar os aspetos técnicos, que eu tive luzes de guionismo.</p>

Infelizmente não consegui aprimorar essa parte enquanto andei a estudar, mas também encaro os aspetos técnicos - como é que se fazia aquilo, como é que se fosse eu fazia. Consegui prever o desfecho da peça, consegui chegar lá.” **[Em termos de participação, a entrada no projeto "A meu ver", não houve alterações significativas na sua vida.]** “Não, para já não.” **[Apenas a questão de sair, de se sentir útil, não é?]** “Sim.” **[Acha que essa alteração é vantajosa, é positiva?]** “Sim, é sempre uma fuga à rotina, é uma coisa diferente que se faz.” **[Gostaria que me falasse um bocadinho sobre a sua relação com o seus colegas, com aqueles que participaram em toda a peça. Como é que avalia a relação?]** “É positiva. Lá está, nós já nos conhecíamos há anos, não foi propriamente uma novidade. Há pessoas com quem eu andei na formação. Basicamente quase toda a gente, de uma forma ou de outra, tem relação anterior umas com as outras. É um mundo muito pequeno, as pessoas são sempre as mesmas.” **[Sentiu alguma dificuldade no relacionamento com esses seus colegas ou não?]** “Não. Nós já sabemos de antemão como é que são as pessoas. Não há grande problema.” **[E como é que avalia a relação com os dinamizadores, com os encenadores?]** “Também é boa.” **[Pode dar alguns exemplos?]** “Não tenho assim grandes exemplos para dar. Não houve assim grande ...” **[Sentiu alguma dificuldade em lidar com eles?]** “Não.” **[Que importância é que tiveram na sua opinião, claro, os ensaios e o próprio espetáculo na criação de uma união entre o grupo de participantes do projeto?]** “Se calhar a união até vem de situações anteriores. É como eu digo, nós não éramos propriamente estranhos uns para os outros. Não era um grupo propriamente desconhecido.” **[Com a entrada no projeto, considera que esse sentimento de união não se reforçou?]** “Ah não, acho que ficou na mesma. Porque as pessoas são muito diferentes e estamos a falar de pessoas com deficiência visual, com rotinas bem definidas, limites bem definidos na vida. Cada um com os seus feitios, cada uma com as suas obsessões, cada um com os seus problemas. Enfim.” **[Como é que se sentiu ao participar aqui num espetáculo onde todos os atores e atrizes eram pessoas com deficiência visual?]** “Senti-me bem, não tive grande problema.” **[Sentiu alguma dificuldade por causa disso?]** “Não. Foi normal.” **[Da sua experiência, o que acha que é necessário para aumentar a participação de pessoas com deficiência - e não falo só da deficiência visual -, de outros tipos de deficiência, em atividades culturais?]** “Divulgar. Fazer deste espetáculo uma bandeira, um exemplo, para que as pessoas tomem como exemplo e pensem: *“bem, eles fizeram, nós também podemos ser os próximos”.*” **[E em termos de consumo de atividades culturais por estas pessoas com deficiência? O que é que acha que é necessário fazer?]** “Bem, ainda há um longo caminho a percorrer. Desde acessibilidades aos próprios edifícios do espetáculo até à criação de condições para as pessoas poderem ir à vontade, sem qualquer constrangimento, sem qualquer atropelo. Criar, talvez, mais condições de acesso, mais coisas acessíveis. Porque ainda existe mesmo um longo caminho a percorrer. Seja num museu, num cinema, num teatro, até num jogo de futebol que era uma coisa que eu gostava.” [...] **[Como é que considera que a sua participação no projeto "A meu ver" será no futuro?]** “Bem, isso aí vamos ver o que é que vai ser a próxima fase. Mas eu gostava de participar mais na área da escrita, nomeadamente. Até porque lá está, tenho ... há coisas que depois vão colidir e eu, mais para a frente, não sei. Eu estou a jogar em vários tabuleiros ao mesmo tempo e alguma coisa vai colidir ou ficar para trás.” **[Que expectativas futuras é que tem? Tendo em conta esta primeira experiência que teve agora?]**

	<p>“Boas. Vamos lá ver o que vai acontecer a seguir.” [Espera assim um espetáculo melhor, maior?] “Sim e se calhar que eu participe em grande parte ou com algumas ideias. Tenho coisas que podia adaptar, tenho coisas que podia escrever de raiz.” [...] “Sim, eu pensaria mais numa revista, numa coisa que fizesse divertir ainda mais o público. Tive ali um pouco de tudo. Mas, por exemplo, se nós fizéssemos uma espécie de uma revista, com sketches, não sei ... não sei até que ponto seria viável, mas era mais ou menos essa a minha ideia.” [É uma ideia. É uma proposta também que tem que fazer.] “Sim, eu inclusive estava a pensar num sketch em que se invertia o quotidiano do casal, seria a mulher que estivesse a ver futebol e o marido a servi-lo ou a querer ver a novela. Era um sketch desses. Eu estava a pensar um deles e depois o outro, aproveitando as características naturais de algumas alminhas que para ali andam ... - aliás, isso foi feito na primeira vez; e continuar assim. Porque aquelas pessoas eu já vi que não dão para mais.” [Está a falar dessas pessoas, os seus colegas do espetáculo?] “Sim, sim.” [Tem características especiais.] “Peculiares mesmo.” [Que podem ser aproveitadas para fazer ...] “Sim.”</p>
Entrevistado/a 7	<p>[E a sua participação no projeto, corresponderam às suas expectativas que tinha inicialmente?] “Sim.” [E porquê? Correu tudo bem? Não correu como estava à espera?] “Pronto, mais ou menos correu.” [...] [Por isso é que eu lhe estou a perguntar se correspondeu às suas expectativas. As expectativas que tinha anteriormente foram respondidas?] “Sim, sim.” [E já agora, que expectativas é que tinha? Eram elevadas ou nem por isso?] “Normal.” [...] [Mudou alguma coisa na sua vida após entrar aqui no projeto "A meu ver"? Em termos da sua situação profissional por exemplo?] “Situação profissional não.” [Na sua vida familiar mudou alguma coisa?] “O que mudou, mas não teve nada a ver com o projeto.” [E na sua vida afetiva ou amorosa?] “Amorosa não.” [Nas suas relações de amizade, acha que houve aqui alguma mudança?] “Não. Não houve assim grande mudança.” [E, por exemplo, nos tipos de apoio, nos serviços que utiliza? Por exemplo a utilização do transporte público, alterou alguma coisa com a entrada no projeto? Começou a utilizar mais o autocarro? Começou a sair mais de casa?] “Sim, sair mais de casa. Sair mais de casa e consequentemente usar mais o autocarro, claro. Sair mais de casa o principal.” [Acha que isso foi positivo para si?] “Sim, sim.” [E porque é que acha que isso é positivo? Porque passava muito tempo em casa, era?] “Era.” [No tipo de bens culturais que consumia, por exemplo ir a museus, a espetáculos, a eventos, a ir a um espaço público, acha que mudou alguma coisa em si com a sua participação neste projeto?] “Mudou um bocadinho porque nos foi proporcionado outros eventos também.” [Através deste projeto conseguiu participar noutros eventos culturais?] “Sim, sim.” [E considera que estas alterações que decorreram da sua participação no projeto, trouxeram-lhe vantagens ou desvantagens?] “Vantagens, sim.” [E que vantagens é que lhe trouxeram?] “Lá está, participar noutros eventos culturais também.” [Gostaria que me falasse um bocadinho da sua relação com os seus colegas e com os dinamizadores do ensaio, como é que avalia essa relação? Com os colegas por exemplo?] “Sim, positiva.” [Pode dar alguns exemplos, sentiu algum apoio deles?] “O estarmos ali em equipa, pronto.” [E com os encenadores?] “Também, também. Gostei deles, sim.” [E sentiu alguma dificuldade em se relacionar com os seus colegas, os participantes também no projeto?] “Não, não.” [E com os dinamizadores?] “Não, não.” [Que</p>

	<p>importância é que tiveram na sua opinião - como é lógico - os ensaios e o próprio espetáculo na criação do género de uma união entre o grupo de participantes do projeto? Sentiu que os ensaios e o espetáculo criaram um sentimento de união entre o vosso grupo? “Sim, sim.” [...] [E como é que se sentiu ao participar num espetáculo onde todos os atores e atrizes, no fundo, eram apenas pessoas com deficiência visual?] “Sim, gostei. Agora falta integrar até com outros tipos de deficiências e normovisuais. [Acha que deve haver aqui uma conjugação entre pessoas que veem e pessoas que não veem?] “Exato, exato.” [Teve alguma dificuldade por causa do grupo ser constituído apenas por pessoas invisuais ou não?] “Não, propriamente não.” [E da sua experiência, o que acha que é necessário fazer para aumentar a participação das pessoas com deficiência no geral, não só pessoas com deficiência visual, mas pessoas com outros tipos de deficiência em atividades culturais? O que é que acha que é necessário fazer para que estas pessoas consigam aumentar as suas atividades culturais?] “Há aqui um problema também, como muitas se realizam aos fins-de-semana e à noite, lá está, o [...] podia ter aqui um papel e não tem. Porque é uma coisa que é ...” [Fora de horas.] “Sim, exato. Quem não há-de ir, não há-de ir mesmo. É o problema com que eu me debato também.” [Se eu lhe perguntasse em termos futuros, como é que considera que será a sua participação no projeto "A meu ver"? Tendo em conta que o projeto dura 3 anos, o que é que perspectiva em termos futuros? Tendo em conta esta primeira experiência que teve.] “Por acaso gostava de ingressar nessa área mesmo.” [Na área do teatro?] “Sim.” [Gostava então de permanecer a praticar, mesmo depois do projeto acabar, é isso?] “Sim.”</p>
Entrevistado/a 8	<p>[Considera que a sua participação correspondeu às expectativas que tinha no início?] “Apesar de tudo acho que e saí melhor do que aquilo que imaginava no início, sim.” [E porque é que acha que sim? Que isto correspondeu às expectativas?] “Na verdade aquilo não é tão difícil quando parecia à partida, a questão é essa. Diga-se em nome da verdade que o meu papel, os meus papéis, foram curtos. Não havia ali muito por onde falhar. Não tinha um texto, a coisa também foi tranquila. O espetáculo antes do meu, ou dos dois espetáculos do meio, tinham lá muito texto para decorar e aquilo já não sei como é que seria. Provavelmente também o decoraria, também se fazia de alguma forma também me senti mais confortável tendo em conta o facto que os diálogos que tinham eram mais ... Uma das coisas que eu percebi é que é muito mais difícil contracenar com uma pessoa que não vê do que com uma pessoa que vê.” [Ia-lhe perguntar isso a seguir. Como é que se sentiu ao participar num espetáculo onde todos eram praticamente pessoas com algum tipo de deficiência visual?] “Eu especialmente na cena com o e2, lá dentro na sala grande, eu só me consegui libertar e ficar mais à vontade quando tive um ensaio só com o X [encenador] porque o e2 não veio nesse dia. Aí é que eu percebi que realmente é muito mais fácil contracenar com alguém que vê do que uma pessoa que não vê. Não é só o ver ou não ver, as pessoas também são diferentes. É um encenador, é uma pessoa do teatro, está farto de saber como é que as coisas devem funcionar. Mas ainda assim, eu senti-me muito mais à vontade porquê? Tu tens um feedback da outra pessoa. A pessoa cega não tem muito como dar esse feedback. Tu não a vês e se ela não for expressiva o suficiente com oralidade, com o emitir sons, coisa do género, tu não tens ... não sei se me consigo fazer entender.” [...] “Eu só me consegui libertar de fato e ficar ali mais à vontade no palco quando</p>

	<p>o X [encenador] esteve um bocado a ensaiar comigo e ele, pronto, reagia de forma diferente da forma como o e2 reagia. Não será só o facto de ser uma pessoa que não vê, também tem a ver com a pessoa em si, com quem estás a contracenar. Mas quando são duas pessoas cegas fica mais difícil. Embora ali há muita gente que cegou há pouco tempo e alguns ainda veem - que é o caso do e2 -, as pessoas cegas, especialmente aquelas que são cegas há muitos anos, são muito pouco expressivas fisicamente. E isso dificulta.” [...] [E da sua experiência, o que é que acha que é necessário fazer para aumentar a participação das pessoas com deficiência (e aqui pessoas com deficiência no geral, não só a deficiência visual), o que é que é necessário fazer para que estas pessoas aumentem a sua participação e atividades culturais? Quer na criação, quer no consumo destas atividades culturais? A sociedade pode fazer alguma coisa?] “Pode, mas se calhar o trabalho principal teria que ser feito pelas associações. Isto começa tudo por ser, é que tu tens logo um problema de raiz que é: quando uma pessoa é cega (e se ela nasce cega ou cega muito cedo - foi o meu caso), das duas uma, ou ela tem rasgo para seguir em frente ou então é ostracizada. E é ostracizada não propositadamente, mas é ostracizada porquê? Porque não lhe chega informação. A pessoa não vê e nós vivemos num mundo visual. Tu hoje, cada vez mais, tens é canais por todo o lado. As ideias que tu tens não nascem do vazio, nascem do conhecimento que tu tens, que vais adquirindo e que vais tendo outras ideias em função do conhecimento que tu tens, que adquiriste. Ora, se essa informação não chega à pessoa cega, a coisa começa logo por ficar mal aí. Isto teria que ser um trabalho feito de fundo, saber onde é que estão as pessoas portadoras de deficiência e terem um acompanhamento. o problema é que em boa parte dos casos as famílias também não têm condições. Hoje já não é tanto assim, mas ainda acaba por ser. E as pessoas ficam ali jogadas, sem ter acesso à informação, sem terem conhecimento. Aliás, eu não interagi muito com a maioria daquela rapaziada, só agora até porque éramos 2 grupos, só agora na reunião é que eu percebi que há lá 3 moças das que fizeram parte lá da cena da Tabacaria, à exceção da e10, que chegou recentemente e que até é licenciada, dava aulas e tal, existem muita limitação ali nas outras moças. E eu não sei se essa limitação não se deve apenas porque elas nasceram cegas e nunca tiveram uma educação capaz. Tiveram sempre uma limitação castradora, limitadora. Eu sei que para ser aquilo que sou hoje o que é que eu tive que passar. Eu queria estar lá onde os outros estavam sempre. Eu sou o único que peço para ter acesso a uma maquete, para ter acesso a um mapa em relevo da zona onde estou para saber como é que aquilo ... mas, eu nem consigo imaginar como é que é possível as pessoas viverem naquele mundo. Eu vivo com pessoas que veem, não vivo no meio dos cegos. E, portanto, eu tenho que discutir coisas com as outras pessoas e para isso eu tenho que ter informação como os outros têm. E a lacuna começa logo aí: se tu resolveres este problema, se calhar as pessoas já chegam onde os outros chegam também. Que isto é um problema de educação, essencialmente é um problema de educação.” [Agora que falou da relação com os seus colegas, como é que acha que foi essa relação? Como é que avalia a relação que estabeleceu com eles?] “Como é que eu avalio? Tirado a e7 que fazia parte do nosso grupo e essa eu já a conhecia, que ela andou a estou em Cantanhede na mesma altura que eu lá andei e já sabia que ela tinha limitações, bastantes; as outras, essas eu não as conhecia e só as conheci agora ali nos ensaios, que elas faziam parte do outro grupo. A não ser com a e9 e com o e2, de resto não tive assim grande proximidade com os outros. É verdade</p>
--	---

que havia ali, quem é que era mais: eu, o e2, a e6. Mas a e6 também é um mundo à parte, acho que ali existem outros problemas que eu ainda não descortinei, mas enfim. Ela também vive no mundo dela. Tirando a e9 e a coisa eu não tinha contacto, a ser não ser o estreitamente necessário ali, não tinha contacto com eles. Com o e2 falei algumas vezes, até por telefone e com a e10 também.” **[Mas sentiu alguma dificuldade em se relacionar com os colegas?]** “Não, não. Não senti dificuldade nenhuma. Eu não tenho dificuldade em me relacionar com as pessoas. Eu sou bastante comunicativo, não tenho problemas a esse nível. Simplesmente não aconteceu, as coisas não se proporcionaram. Quando tu também percebes que há pessoas que têm algumas limitações, também fica-se mais difícil. Tu vais interagir com elas para dizer o quê? Tu gostas de ter alguém contigo com quem tu possas falar sobre o que te apetecer, sobre o que vier à baila, e que sintas que de alguma forma estás a ser ouvido e que estás a ser compreendido e vice-versa. Quando tu percebes que há ali realmente algumas limitações, o que é que ia falar com a e7? Ela vive lá no mundo dela, opá coitada. Depois havia a malta do outro grupo... Como ensaiavam à parte, não sei. Foram duas questões: primeiro éramos dois grupos, que só nos conhecemos já na fase de ensaios e numa fase já mais tardia. Para além disso, eu praticamente só interagia com as pessoas que contracenavam comigo, percebes? Com os outros ia trocando algumas ideias. Lá o que fazia de mim mais novo é um castiço.” [...] “Acho que ele é um castiço, mas não dá para ter ali grande conversa. Ele está sempre na brincadeira, não sei se aquilo é ... Parece-me bom rapaz, mas também nunca deu para ter conversa nenhuma. Com o e2 sim conversei, apesar de, para mim, aquela saída dele ,quando ele puxou dos galões lá na reunião, foi uma desilusão. Mas pronto. Com ele conversei várias vezes, ao telefone até, inclusivamente. E com a e10 também. Mas de resto não posso dizer muito mais. Não sei, não aconteceu.” **[Não sentiu que houve aqui uma união entre o grupo de participantes?]** “Epá não, mas eu parece que, penso eu, a culpa não foi de ninguém, isto é, de nenhum dos participantes, mas sim deles que não souberam criar essa união. Desde logo quando não nos deram a conhecer a todos, todos juntos na sala do papel de cada um e de que é que cada um iria fazer. Isso teria que ter passado por eles, por, de alguma forma, nos amarrar ali a todos, *“vocês vão representar isto, vocês todos como um todo. Isto é um espetáculo único”*. Não, foi apresentado a cada um de nós o que cada um de nós ia fazer.” [...] **[Acha que mudou alguma coisa na vida com a entrada no projeto? Quer em questões familiares, afetivas?]** “Não, não.” **[De relações de amizade?]** “Não. Como lhe disse, eu sou uma pessoa bastante comunicativa. Não costumo é ... conheço meia dúzia de pessoas cegas. Porque eu percebi que não é o ... Há uns meses, ainda quando o X [Técnico de mobilidade] vinha dar aulas, eu um dia disse-lhe isto: *“olhe X, você conhece imensas pessoas cegas, eu pergunto-lhe: quantas são as que são casadas com uma pessoa que vê?”*. E isso diz tudo. Quando as pessoas casam com a outra que é cega, estão a resolver quase metade dos problemas delas. Quer dizer, elas não estão a resolver problema nenhum.” [...] “Estão a unir o problema. Mas porquê? Porque é muito mais fácil. Quando te juntas com uma outra pessoa cega, os problemas que tu tens são os que ela tem e, portanto, há uma compreensão disso. Quando tens que enfrentar o mundo, bater de ombro a ombro com aquele vê, num mundo onde a informação é toda visual e tu recebes migalhas, isso é muito mais duro. Eu estive 5 anos em Lisboa a tirar um curso de informática e, na altura, frequentava lá muito a ACAPO. Epá, aquilo era tudo gente muito limitada. (...) Eu percebo, eles vivem lá no mundo deles. Um bocado de culpa por

realmente não haver uma ACAPO capaz de puxar por estas pessoas e lhes dar outra visão. **[Sentiu alguma mudança no tipo de apoios ou serviços que utiliza? Por exemplo, transportes públicos ou o comboio?]** “Não. Isso é algo que, desde que eu sou cego, que eu bati de frente quando por lá andei na ACAPO e vim-me embora e as coisas ainda hoje estão exatamente iguais. Eu durante muitos anos deixei de ter autonomia, eu ia para casa e vinha e só. Portanto, quando ia a algum lado ia sempre acompanhado. E eu resolvi há dois anos, antes da pandemia, que eu ia reconquistar a minha autonomia. Isto não fazia sentido nenhum porque eu detestava a bengala, pela reação que as pessoas têm quando veem uma pessoa de bengala. E por uma série de tropelias que passei lá por Lisboa. E eu deparei-me, quando vou aqui para apanhar o comboio para Coimbra, eu deparo-me com um problema: eu não sei onde é que está a porta do comboio. Os comboios antigamente paravam e abriam as portas todas. Agora as portas só abrem se tiver alguém lá dentro para sair ou então, se tu queres entrar naquela porta, tens que chegar lá e carregar no botão para a porta abrir. Como é que uma pessoa deteta onde é que está a porta? Não deteta. E isto cabe na cabeça de alguém que ainda hoje seja assim? No sítio que tem lá o botãozinho para tu carregares, acho que até lá tem uma luzinha, quando essa luz acende não devia ligar um bip-bip? E isto custa 5 tostões. Isto são tostões que custa para colocar ali em cada uma das portas. Isto só tinha que ser falado com a CP, quando eles fazem remodelação aos comboios isto era lá colocado. Isto há 20 anos já era tarde fazer isto. Nem isto fizeram, percebes? Não há nada feito.” **[Esta dificuldade já tinha antes deste projeto.]** “Ah sim, com certeza. Mas eu como não andava sozinho não tinha ... por acaso as coisas coincidiram um bocado aqui com isto. Eu andar a reconquistar a minha autonomia com esta história do projeto. (...)” **[Se alterou alguma coisa na sua vida em termos dos serviços que utiliza. Por exemplo, na utilização do comboio, utiliza o comboio da mesma forma que utilizaria se não tivesse no projeto?]** “Sim.” **[Alterou alguma coisa no tipo de bens culturais que consumia? Acha que aumentou a sua ida a museus após a entrada no projeto?]** “Não sou assim muito frequentador de museus, nunca fui. A não ser quando saímos para fora e vamos visitar algumas coisas, mas é raro. Recordo-me que a última vez que fui, que até tinha audiodescrição, foi em Lisboa (não me recordo o nome). Quando vou com a família ou amigos e as pessoas querem ir ver, eu vou também. Agora, que eu tenha a iniciativa de ir, não. Museus não são propriamente assim a coisa mais acessível para uma pessoa cega. Porque o que lá está é para ser visto, muito pouca coisa lá está para ser tateada, que possa ser apalpada. Se fores com esse pormenor, uma pessoa cega leva mais tempo e, portanto, estás a fazer com que os outros que te vão a acompanhar também estejam a perder tempo, que demoras tempo. Para veres aquilo que os outros veem, aquilo que os outros veem numa hora, tu demorarias horas se fosses a tatear tudo.” **[Após a sua entrada aqui no projeto "A meu ver", o tipo de bens culturais que consumia nem aumentaram, nem diminuiram.]** “Talvez tenha aumentado um bocadinho porque acabei ir lá ao Teatrão ver mais duas peças de teatro. E é provável que até passe a ir mais. Era raro, podem-se contar pelos dedos de uma mão as vezes que tinha ido ao teatro. Isto porque aqui em casa também ninguém ia. Se me puxarem para ir até vou. Aqui na Mealhada temos um cineteatro e eu também tinha lá ido ver uma peça. Mas o teatro é algo que é, dentro de tudo o que possas ter aí de espetáculos, das coisas mais acessíveis para as pessoas cegas. E se tiver audiodescrição, e se ela fôr feita como deve ser, se calhar é das coisas mais acessíveis que temos. Tirando o

	<p>espetáculo musical, não é, mas os espetáculos musicais hoje em dia têm mais de visual do que de auditivo. Esse aí passa-me todo ao lado.” [...] [Já me tinha dito no início que não sabia se iria continuar ou não. A minha pergunta seguinte seria que considera ...] “Pois, agora por razões diferentes. Eu no início não sabia se ia continuar porque achava que não tinha jeito para aquilo, agora porque acho que as pessoas não querem ouvir críticas. E, portanto, eu não estou muito ...” [Que expectativas futuras é que tem? Tem algumas?] “Não. Não tenho nada. Vai depender da conversa, se eu a tiver, que já estou a perder cada vez mais vontade de ter a conversa com eles. E vai depender do feedback da conversa que irei ter com eles, se a tiver. Digo assim a bom da verdade, perdi muito que deixei muita coisa minha para trás e depois ter tido aquela atitude que eles tiveram. Eu fui dizendo ao longo do tempo, fui desabafando com a minha assistente pessoal de coisas que eu achava que eram completamente absurdas. Não fazia sentido nenhum. Os ensaios - deram-me um horário quando era para estar e etc., e eu vou para Coimbra e não tinha ensaio nenhum comigo. Então andam a brincar comigo, ou quê?” [...] “Deram-me um horário dos ensaios e num dos dias que estava lá marcado que era para eu lá estar, eu vou e não havia ensaio nenhum comigo. Esqueceram-se de me avisar. Esta gente sabe lá o que é que anda a fazer? Mas isto aconteceu às vezes, enfim. Mas isso estavam todos de acordo quando fomos falar e tal. Mas quando chegou ao dia lá de dizerem alguma coisa, só o e8 é que falou. E eu hipocrisia é que eu não ... pronto.”</p>
Entrevistado/a 9	<p>[A participação no projeto "A meu ver", correspondeu às suas expectativas que tinha no início?] “Ai sim.” [E porquê? Achava que isto ia ser tudo assim como foi?] “Achava que ia ser alguma coisa que eu gostasse. Alguma coisa que eu tivesse mesmo - como eu tinha dito atrás -, que ia ser alguma coisa que eu gostasse. Fosse uma participação diferente, pronto, daquilo que eu não era, que eu sou assim uma pessoa muito meiga, sou assim uma pessoa mesmo romântica, e o papel para mim, se fosse uma coisa muito diferente ... Aliás, também se fosse do colega, também dava para mim. De comédia, de gargalhas, isso também dá para mim. Agora para estar assim muito parada ou não ter ... eu para mim aquele papel, eu gostei de ter tido mais tempo, que fosse mais tempo, embora eu sei que o tempo era aquele para todos. Por isso, não poderia estender muito ali o meu papel. Ainda foram tiradas algumas coisas. Eu não sabia o que é que me ia calhar. Houve muitos improvisos de muita coisa, mesmo muita coisa. Nunca pensei em o final ser aquilo que fosse para mim, aquela parte, pronto, não esperava que fosse assim. Mas eles nos ensaios, estudam muito bem a pessoa e também foi por isso que eles escolhem a pessoa mais certa para aquele papel.” [As expectativas que tinha, acha que foram respondidas?] “Foram.” [Ou foram superadas?] “Foram superadas nessa altura, sim, foram. É como eu lhe disse, que repetia novamente esta peça porque eu teria muita gente, mesmo até de alta sociedade que queria ir ver e que não tiveram oportunidade de ir ver porque já não havia bilhetes. Então, eu repetia isso novamente e acho que todos repetiam o mesmo.” [Que expectativas é que tinha e foram respondidas? Dê-me um exemplo. Já disse que não sabia o que é que lhe havia de calhar. Não sabia muito bem, em termo de expectativas, o que é que ia acontecer, mas acha que foram respondidas, tendo em conta aquelas que tinha? Que tomaram em atenção à sua pessoa, quem é a e9, o que é que caracteriza a e9?] “Eu acho que sim, foi. Não esperava outra coisa assim melhor, que fosse assim mais forte daquilo que foi. Foi mesmo aquilo que estava guardado para mim.” [Depois de ter entrado do</p>

	<p>projeto "A meu ver", acha que mudou alguma coisa na sua vida?]</p> <p>"Mudou. Além de eu ser já positiva na minha vida, nos meus problemas, na minha situação, mudou porque eu tenho a certeza (e tenho mesmo) que a minha energia, a minha autoestima ficou muito mais, muito maior. Portanto, eu acho que fiquei diferente. Eu já era assim. Eu nunca fui coitadinha. Nunca fui assim coitadinha. Eu senti-me muito bem e vinha com uma energia enorme e ainda a tenho. Apesar de tudo o que me aconteceu depois de isso, ainda na minha saúde, eu sinto isso, ainda tenho essa energia toda. Porque sei que não acabou e sei que ainda vamos continuar porque são três anos. Então, eu estou à espera." [E na sua vida familiar, acha que mudou alguma coisa depois da entrada no projeto?] "Ah não, é igual. A minha vida familiar ... não. Tenho irmãs, não tenho nada que me dissessem que eu fosse capaz de fazer o que eu fiz e mesmo sem ver. Agora, se falar no meu filho, eu sei que ele ficou todo orgulhoso de ver a mãe ali. E as minhas irmãs que foram também disseram, adoraram, que não eram capazes de decorar aquilo que eu disse. Tanto que não iam conseguir, não sabem como. Mas lá está, é com o tempo todo aí que nós conseguimos. Também levei aí porradinha, puxão de orelhas, que é preciso. Porque às vezes nós também atenção. Eu tive primas que me ligavam e que me viram na televisão e nos jornais e que estava maravilhosa. Isso acho que sim. E estão à espera que eu faça mais, porque como nós assinamos um contrato de 3 anos." [Então acha que isso foi uma mudança na sua vida positiva, o facto de as pessoas agora lhe ligarem a darem os parabéns.] "Ai isso foi. E outra coisa: aonde eu vou - já fui depois disso ao hospital a uma urgência, onde vieram ter comigo que me viram na televisão e a dar-me os parabéns. A sério, pessoas que me conheceram a darem-me os parabéns, que me viram na televisão a fazer teatro. Há uma pessoa no Brasil amiga de uma irmã minha (ou está no Luxemburgo, pronto, lá fora). disse que me viu no "Portugal em direto" lá (acho que foi no Luxemburgo) e disse a ela que me conheceu e que gostou muito. Portanto, a minha irmã diz, "<i>olha, já fostes ao estrangeiro e tudo</i>". Somos conhecidas por isso. É um conhecimento que nos levanta mais a nossa moral, a nossa autoestima. É tão bom dizer, "<i>ai estavas tão linda</i>", gostei tanto como eu estava vestida. Eu acho que se uma pessoa for assim romântica, meiga ou carinhosa assim como eu, que gosta de ouvir isso, qualquer uma pessoa." [Acha que mudou alguma coisa no tipo de apoios ou nos serviços que utiliza? Por exemplo o autocarro, os transportes públicos - acha que a entrada no projeto mudou alguma coisa?] "Aí, aí não. Aí ninguém vê nada disso." [...] "Já tenho o [transporte] especial. Mas com certeza se não o tivesse, seria como os outros e vir como os outros e pagar como os outros e tudo. Nós não temos ali que diga "<i>olha, pagaram-me as viagens</i>". Não, ninguém ... Pronto, eu já tenho o meu transporte assim. Também não é uma coisa tão grande que desse a conhecer, não é? Assim uma coisa, que fosse uma coisa assim estrondosa, que desse a conhecer assim a todo o mundo. Isso, ainda não fizemos esse click." [E no tipo de bens culturais que consumia, acha que aumentou ou diminuiu depois de entrar aqui no projeto? Espetáculos, eventos - acha que começou a participar mais, a participar menos?] "Não. Também não participo mais porque não há ainda. Nós estamos assim ainda muito parados. A participar mais, lá está, estamos à espera só." [A minha questão é: na sua vida em particular, depois de entrar no projeto, acha que o facto de ter entrado no projeto aumentou o bens culturais que consumia? Ou seja, começou a ir a mais espetáculos, começou a ir a mais eventos depois de ter entrado aqui no projeto?] "Não. Comecei por ver a audiodescrição ali no Teatrão, os teatros." [Antes do projeto "A</p>
--	---

meu ver", já fazia isso?] "Não." **[Então teve aqui algum impacto?]** "Sim, ali foi a primeira vez sim." [...] "Eu só comecei por audiodescrição, a ouvir e a ir ver por quando já estava nos ensaios do teatro. Quando me convidaram, aliás, eu recebi mensagem de inscrições e inscrevi-me e pronto. Porque me escolheram também porque sabiam que eu gostava muito das coisas assim, não é? Eu aceitei e, claro, a partir daí é que eu já vi mais. Nunca tinha visto um teatro por audiodescrição. Onde eu já vi uns 3 ou 4." **[Acha que essas alterações na sua vida trouxeram algumas vantagens ou desvantagens?]** "É mesmo mais para a minha vida pessoal." [...] "Sim, é isso. É uma maneira também de sair de casa e havia mais vezes, mais íamos. É verdade, é muito bom. Aos anos que uma pessoa não vê e só agora é que estou a assistir por audiodescrição e é bom. É bom que continuem porque nós precisamos." **[Gostaria que falasse um bocadinho com a sua relação com os colegas do projeto. Como é que acha que foi essa relação ou que é essa relação?]** "Não foi, é mesmo. Porque nós ali é como se fosse assim uma família. Ligou-me o e1, ligou-me o e4. Estou sempre ocupada com isto e aquilo e não ligo assim muito. Mas nós estamos assim (acho que estamos) unidos, assim todos juntos, porque foi assim mais tipo família. Estamos unidos no convívio, [...] as gargalhadas. Mesmo nos improvisos aquilo é ... ali conseguimos arranjar, além de ... porque eu conheci pessoas ali que não conhecia. Eu conheci da outra vez o E que não conhecia. Eu conheci também a G que não conhecia, mas são pessoas que ficam sempre marcadas e que nós ... pronto, fizeram parte também connosco e é muito bom. E agora vamos ver o que é que nos espera ainda." **[E a relação que tem com os dinamizadores dos ensaios, com os encenadores? Como é que avalia essa relação?]** "É o que eu disse, é como se fosse família. Nós temos aquele carinho um pelos outros todos juntos. Acho que já há aquele amor assim, não sei explicar, assim muito unidos. Ninguém discute. Não é ninguém, pronto, tudo dentro do respeito. É uma coisa que brincamos e falamos e não há nada. Pronto, ainda ficou mais forte, sim, a reação com muitos ficou. E com aqueles que eu não conhecia é sempre bom nós conhecermos mais alguém. E alguém que nos conheça a nós também." **[E sentiu alguma dificuldade no relacionamento com os colegas e com os dinamizadores ou acha que correu tudo bem?]** "Não, porque eu crio logo amizades, as pessoas têm logo um carinho por mim. Não, acho que eu qualquer lugar eu sentia-me bem seja lá com quem for." **[Não sentiu nenhuma dificuldade em se relacionar com as pessoas?]** "Nada." **[E na sua opinião, que importância é que tiveram, quer os ensaios, quer o próprio espetáculo, na criação dessa união entre o grupo participante do projeto? Acha que teve uma importância? Que o grupo ficou mais unido? Que não ficou assim tão unido?]** "Não, ficou mais unido sempre. Ficou mais unido porque agora também temos contacto mais uns com os outros. Agora quando for novamente alguma coisa, ou eu ligo para eles, ou eles ligam para mim e a perguntar se vão, se não vão. Portanto, ficámos assim, ficámos mesmo assim com uma união muito grande e vai ficar para a nossa vida. Olhe é a mesma coisa que aqueles que andam no Big Brother, vai ficar para a nossa vida esses amigos." **[Como é que se sentiu ao participar num espetáculo em que todos os atores e atrizes eram apenas pessoas com deficiência visual?]** "Eram, praticamente sim todos invisuais." **[Como é que se sentiu? Acha que isso teve alguma dificuldade? Acha que isso trouxe algum entrave para a sua participação?]** "Não, as coisas que nós não conseguimos, por exemplo, assim ... tu falaste em atritos, não foi? Isso acho que em todo o lado, há sempre qualquer coisa quando um puxa para ali, outro puxa para outro lado. Mas não, acho que foi tudo

muito certinho porque nós também tivemos essa ... aliás, tivemos o tempo necessário para nos conhecermos uns aos outros e os professores e tivemos esse tempo todo. Por isso, quando chegámos passado um ano, nós já sabíamos a nossa posição e como deveríamos estar. Portanto, não tivemos ali nenhuns ...” **[Mas o facto de os participantes serem todos invisuais, como é que se sentiu com isso? Fazer um teatro em que todos eram invisuais - o que é que achou da ideia?]** “A ideia que fosse invisuais, mas sim, dois viam qualquer coisa, sempre os nos ajudavam. Mas nós tínhamos aquele apoio e sabíamos o nosso lugar. Portanto, estávamos à vontade. Tínhamos apoio também dos professores e dos auxiliares. Tivemos sempre aquele apoio ali, acho que não faltou nada ali.” **[Não teve nenhuma dificuldade nesse sentido? Achou que o facto de o grupo ser constituído apenas por pessoas quer com baixa visão, quer invisuais, não teve aqui nenhuma influência na forma como o espetáculo foi conseguido?]** “Não, não. Não, porque estava tudo para o mesmo. Com quem eu estive não via mesmo nada, mas aquilo estava tão bem preparado e tão bem estudado, o espaço, que estávamos à vontade. Embora por isso é que foi preciso aqueles ensaios todos também, aquela repetição daqueles ensaios todos para correr tudo bem, como correu.” **[Da sua experiência, em termos gerais, o que é que acha que é necessário para aumentar a participação das pessoas com deficiência em atividades culturais? Não é só a deficiência visual: outros tipos de deficiência - o que é que acha que é necessário fazer para que estas pessoas aumentem a sua participação nas atividades culturais?]** “Era necessário haver mais coisas que falaram também, de fazer trabalhos manuais - ser invisuais ou não. Havia de haver porque acho que deviam abrir mais portas para invisuais. Não vou falar por mim já, mas falar por muitos jovens que eu conheço. Deveria que haver, sim, muita coisa que pode haver e que uma pessoa invisual ou pessoa deficiente é capaz de fazer.” **[E o que é que acha que é preciso a sociedade fazer para isso acontecer?]** “Eu acho que é preciso haver, sei lá, humanidade. Uma pessoa tem que ser mais humana, tem que ver que hoje não tem nada, mas que amanhã poderá vir a ter. Então, aí é muito bom que nós até sentimos outros se houvesse alguma coisa que pudéssemos fazer sem olharem às dificuldades da visão ou da deficiência. Há muita coisa que nós poderíamos fazer. Isso está muito parado ainda, havia de haver. É como eu digo, não é só como telefonista estar um invisual ou uma pessoa (como eu conheço) de cadeira de rodas, que são só telefonistas. Há muita coisa que se pode fazer e que não há.” **[Em termos de oportunidades, criar mais oportunidades para estas pessoas?]** “Sim, oportunidades porque há muita gente que está sem trabalhar, sem fazer algum e são pessoas que têm qualidade de vida e podem alguma fazer alguma coisa ainda. (...) Isso era muito bom, porque isso dá-nos mais autonomia, mais alegria, mais vontade de viver, mais força em tudo, para tudo. **[Mas aqui falando em atividades culturais em específico, como o teatro, como a dança, como as artes, o que acha que é preciso fazer para as pessoas irem consumir mais estas atividades culturais? Ou criarem elas próprias como vocês fizeram, integrarem o projeto, o que é que acha que é preciso fazer mais? Para elas consumirem mais?]** “Eu estava a falar não era sobre estes ... eu estava a falar sobre uma atividade qualquer.” **[Exato, estava a falar sobre trabalho, a questão da empregabilidade. E eu queria que me respondesse à questão das atividades culturais: como o teatro, como a dança. Porque é que acha que estas pessoas não têm tanta participação neste tipo de atividades culturais?]** “Porque não existem e porque não somos

convidados. Qualquer um daqueles invisuais, eu acho que qualquer um deles que era capaz de estar numa coisa de dança, pronto, sem ser mesmo só teatro. Até se calhar alguns têm mais para dança do que para o teatro - estou a falar no caso daquele que fez a parte comigo, do e1. Uma coisa que para ele a dança era melhor porque como ele teve mais de 20 anos no rancho. Aliás, se houvesse, eu acho que esse homem continuava e para ele fazia muito bem. Assim como para ele, para mim também - porque eu também gostava de dançar, gosto de dançar. Mas pronto, há gostos para tudo. Havia de haver mais coisas. Porque nós aqui não temos nada também em Coimbra. A não ser aqui o Teatrão a fazer-nos isto, que são dois anos, praticamente até mais os ensaios do que propriamente fazer as peças, mas é muito ... não há nada assim.”

[Acha que não há oportunidades, não há oferta.] “Não, não. E é pena porque como eu conheço a e6 e outros tantos que estudaram. E pronto, como o e11 - eu estou a falar sobre aqueles que eu conheço que poderiam ter uma ... são novos ainda e podiam estar a trabalhar e ter outra qualidade. E podiam, não é? Têm capacidade para isso e não há nada para eles. Eu já não vou falar por mim, já tenho outra idade e assim, mas continuo a fazer estas estas coisas que haja. Agora na reunião que nós tivemos acho que vai haver, não sei, falaram de fazermos trabalhos manuais e outras coisas para nós ... não é só passar o tempo, é nós aprendermos e dar também a conhecer aos outros aquilo que nós somos capazes de fazer. Isso ainda está assim muito fechado. Haver uma grande porta para abrir para que isso aconteça, para muitos invisuais e deficientes.”

[Porque é que acha, por exemplo, que uma pessoa com deficiência física não vai a um espetáculo de teatro?] “Se não vai é porque não o levam.”

[Acha que aquela pessoa precisa sempre de um apoio para transporte, não é?] “Sim.”

[E o teatro em si precisa de ter acessibilidades?] “Sim. Também foram pessoas de cadeira de rodas e sim, que haja espaço para isso. Mas há pessoas que não vão e estão muito fechadas em casa e não têm conhecimento destas coisas e de nada. Pronto, viverem em aldeias ... Eu conheço um rapaz invisual, que nunca viu, tem 34 anos (ele nunca viu), ele não conhece o abecedário, não sabe fazer uma conta de 7+8, não sabe. Nunca viu e então os pais - eles moram longe, é uma aldeia com muita pouca gente. E é pena que o rapaz - ele é sócio até da ACAPO - não ter nada. Ele não ficou na ACAPO por não ter autonomia para estar num quarto e dirigir-se à ACAPO. Não, isso é que é triste: um jovem que podia ser meu filho não saber de nada, não sabe nada. Um dia os pais partem e o rapaz vai para onde? Para um lar. Está parado, pesa mais de 100 quilos. Alto, muito alto. Gostava de conseguir ajudá-lo em alguma coisa, mas enfim, não está dentro das minhas possibilidades.”

[Como é que considera que será a sua participação no projeto "A meu ver" no futuro? Quais é que são as suas expectativas futuras?] “Olhe, vou perguntando aquilo que há e aquilo onde eu possa ainda estar. Depende da minha saúde, é mesmo assim. Depende mesmo de mim [...]. Posso continuar e estar lá os 3 anos, mas é ... continuar a fazer aquilo que eu faço só mesmo para o meu bem, mesmo para mim, para o meu bem pessoal meu. Para a minha autoestima, para eu continuar a ter esta alegria, ser assim positiva como eu sou. E dar alegria aos outros, porque eu tenho montes de amigos e amigas que me valem por isso, que me põem para cima. Pronto, pessoas que me põem para cima e que eu as ponho moralmente a elas para cima. Que ninguém é como eu, pronto, e que gostariam de ser. Gostariam de ser espiritualmente, não invisual, mas gostariam de ser assim para a frente assim como eu, é andar.”

[Então as suas expectativas é continuar no projeto, até ao final do projeto?] “Sim. Nós começamos, se gostamos, olhe, ninguém nos

	<p>obriga a estar, mas é bom para nós e então é bom para mim e eu vou continuar, sim.” [Tem expectativas mais altas, tendo em conta esta primeira experiência, as suas expectativas subiram ou nem por isso?] “Mais altas era sair fora aqui de Portugal e ir fazer teatro para o estrangeiro.”</p>
Entrevistado/a 10	<p>[Já que está a falar sobre essa relação com os colegas, como é que avalia essa relação estabelecida com os participantes do projeto?] “Muito boa. Aprendemos todos a conhecer-nos um pouco mais. Praticamente já nos conhecíamos a todos de outras andanças, salvo uma ou outra exceção. Já nos conhecíamos e permitiu-nos conhecer-nos ainda melhor. Depois, é aquilo que eu digo: se partimos para um projeto sabendo que estão outros que integram também esse projeto, temos que aceitar cada uma das pessoas com as suas características, com as suas formas de estar, com as suas formas de atuar. Esse respeito mútuo, esse trabalho em equipa, a brincadeira que se foi estabelecendo ao longo do tempo também nos permitiu conhecer-nos a nós e também aos outros e de estabelecermos essa relação e esse contacto, é realmente muito importante. Mas acima de tudo é isso, quando trabalhamos em equipa não há ali um ou outro que se destaca mais. Não, é todos por um fim, por um objetivo e as coisas só resultam quando as pessoas deixam de parte os seus maus estares. Os seus problemas, como eu disse, deixá-los do lado de fora da porta e ali poderem entregar-se e integrar-se de forma plena, de forma a trabalharmos todos para um objetivo que é comum a todos sem exceção.” [Sentiu alguma dificuldade no relacionamento com os seus colegas, ao longo deste tempo todo?] “Não. Somos todos diferentes, todos temos posturas diferentes em relação à vida, em relação a nós próprios, em relação aos outros, em relação aos problemas que temos, aos problemas dos outros. Eu diria que tendo isso em conta, a opinião de cada um é sempre válida, independentemente da forma como ela possa ser expressada. Nesse aspeto, temos que saber ler nas entrelinhas e saber ler aquilo que se diz e a forma como se diz. Respeitar as coisas, podemos concordar ou não, mas podemos fazê-lo manifestando a nossa opinião também sem chocar com os outros. Eu só tenho liberdade até chegar à liberdade do outro - ali ninguém pode ultrapassar ninguém (poder até se pode, mas não se deve) -, portanto, é uma questão de respeitar os outros e a opinião dos outros e estar de acordo ou não. Mas, não estando de acordo, é manifestar de forma assertiva, sem criar grandes contratempos. Mas, dar voz a todos, sem dúvida nenhuma. Isso é importante, ouvir todos. Não há opiniões que sejam mais ou menos assertivas do que outros: são opiniões. Têm a importância que têm e devem sempre tidas em conta, em tudo aquilo que se faz. Mesmo quando há algum atrito ou alguma dificuldade, há que também saber gerir isso e não dever ficar sempre presos àquilo que se disse ou aquela pessoa que falou, ao que disse, ao que fez, ao que aconteceu. Porque senão, perde-se um bocado também a oportunidade de nos integrarmos e de participarmos numa equipa. Eu acho que o respeito e o bom senso e a assertividade e a vontade de trabalhar em equipa e o respeito pelo trabalho uns dos outros, isso é absolutamente fundamental.” [Partilha essa opinião, em termos da relação estabelecida, com os encenadores do espetáculo?] “Sim, partilho.” [Na sua opinião, quer nos ensaios, quer nos próprios espetáculos, houve algum sentimento de criação de união no grupo de participantes do projeto? Ou essa união não se proporcionou?] “Como nós fomos fazendo várias cenas e nem todos participamos nas mesmas cenas, acabou por quem estava na cena via</p>

essa união, sem dúvida nenhuma, e foi-se manifestando sempre ao longo do tempo. Com a questão de nos preocuparmos uns com os outros, de sugerirmos formas que fossem mais simples para estarmos ao mesmo nível - seja na questão de dizer o texto, seja na questão de aprender o texto também. Fomo-nos integrando, fomos dando sugestões uns aos outros, fomos falando algumas coisas que poderiam ajudar na realização da cena. Das outras cenas, nas que pudemos assistir nos ensaios, nós manifestámos sempre o nosso apoio e demos sempre o apoio às pessoas envolvidas. Mas o facto de não estarmos a trabalhar todos juntos na mesma cena, também implicou que houvesse ali algum distanciamento. Mas só enquanto se estava a trabalhar essas cenas. Depois, nos tempos em que haviam em comum, estávamos todos assim bem integrados.” **[Como é que se sentiu ao participar num espetáculo onde os atores e as atrizes, no fundo, são pessoas com deficiência visual ou com algum tipo de deficiência visual?]** “Não foi a minha primeira experiência, já o tinha feito anteriormente. Cada vez que se faz algo do género, a experiência é sempre muito boa. Aprende-se sempre. Ultrapassamos sempre aquilo que nós consideramos ser, ou aquilo que eu considero ser um limite para mim, uma limitação para mim. Acabo por superá-la, por conseguir ultrapassá-la. É muito bom. A experiência em si muito boa. Foi bom trabalhar ali com pessoas com quem ainda não tinha feito qualquer tipo de experiência em termos de teatro e foi muito bom.” **[Considera que teve algumas dificuldades por serem apenas pessoas invisíveis ou com algum tipo de deficiência visual?]** “Não. Porque nós fomos estando sempre muito apoiados. De todo, não.” **[O que é que acha que é necessário fazer para aumentar a participação das pessoas com deficiência - e pessoas com deficiência no geral, não só a deficiência visual - em atividades culturais? O que é que é preciso fazer para aumentar a participação destas pessoas, quer na própria criação, em termos de participação, quer no próprio consumo de atividades culturais?]** “Para já fazer dinamizar as coisas de uma forma diferente, eu acho. Fazer a divulgação, fazer chegar a informação às pessoas. Depois, dizer isso a quem provavelmente os possa representar - as diferentes associações. Para além da divulgação, acompanhar as pessoas, estar presente, levar as pessoas a ver, a ouvir, a sentir qualquer que seja a situação, a arte, a cultura; fazendo-as também integrar, de uma forma mais participativa, nas atividades. Isso não só das associações que possam representar as pessoas, mas também da parte das associações que promovem esse tipo de eventos: seja ele o teatro, seja o desporto, por exemplo, seja a música, seja as mais variadas coisas. A música nós não precisamos estar a olhar para sentir a música, para ouvir a música. Isto fá-lo quem não vê. O tal projeto que eu falei à bocadinha com a Susete, que é projeto "Mãos que cantam", eles cantam música portuguesa, na linguagem gestual portuguesa. Cantam, interpretam obras, músicas com letras em português e são um coro profissional. São um coro profissional e, como tal, são remunerados à conta disso. E, no entanto, são surdos-mudos. E é um projeto absolutamente fantástico e quem dera que aqui em Coimbra e noutras cidades (que o projeto existe em Lisboa) pudesse haver também este tipo de projeto - integrar pessoas surdas-mudas. Mas quem diz esse projeto, diz outros na área da música. Por exemplo, de pessoas poderem integrar coros, porque há a possibilidade sempre, quando os coros e as suas direções se mostram disponíveis para tal, deveriam integrar pessoas com deficiência visual ou outra ou motora, que seja. De poderem integrar as pessoas permitindo o acesso às mais variadas situações: concertos, participar nos concertos de forma ativa a cantar. De outra forma, quando são

apresentados espetáculos, é fazer a divulgação entre as associações. É promover realmente esse contacto. Convidar as pessoas que vão participar nessas atividades que cantam ou que dançam ou que representam, convidá-las para workshop com pessoas de uma determinada área do espectro das incapacidades, para que as pessoas tenham contacto direto com e perceberem se realmente se querem integrar ou não esse tipo de coisas. Eu acho que isso é importante, porque às vezes as pessoas, *"ah, tal, o concerto e mais não sei das quantas, tá bem"*. **[Pois, mas não têm a percepção ou a experiência.]**

"Exatamente. E ter assim um cheirinho, como eu digo, antes, ter a percepção daquilo que pode ser feito, da forma como pode ser feito, as dinâmicas que se podem criar. Tendo em conta isso, é uma forma de levar as pessoas a poderem integrar, a poderem participar numa forma mais ativa. E depois a escolha dos locais também. Quando há espetáculos, a escolha de locais que sejam acessíveis a quem tenha, por exemplo, pouca mobilidade. De poderem aceder, seja através da rede de transportes que possa chegar àquela zona e que as pessoas possam chegar àquela zona com facilidade. Seja, por exemplo, a parte da mobilidade, quem tenha baixa mobilidade, possa aceder - não tenha propriamente degraus ou que tenha elevador, que possa permitir à pessoa o acesso mais facilitado ao espaço. São todas uma série de questões que podem ser colocadas. Neste caso, o Teatrão que tem a cabine de audiodescrição, é algo que é absolutamente fantástico. Porque permite, por exemplo, para quem não veja - que é caso como eu, outras pessoas - de poderem perceber melhor a peça. Há gestos, há expressões, há posições, há posturas, há movimentos em termos de palco, há a parte da iluminação inclusivamente, que dão para quem vê, fazem sentido, fazem parte da peça e fazem sentir a intensidade e dão intensidade à peça - aquela intensidade que permite tirar o verdadeiro sentido da história - e que, para quem não vê, possa haver essa dificuldade de conseguir esse entendimento pleno. Com a audiodescrição torna-se, mas de longe, muito mais fácil. São todo um conjunto de aspetos que eu acho, e que poderão haver outros seguramente, que podem facilitar a integração e podem facilitar o acesso de pessoas com diferentes tipos de incapacidade. Porque é possível. Mais uma vez recomendo esse projeto "mãos que cantam" porque eles sentem a vibração. Há determinado tipo de características: o chão, por exemplo, de preferência de madeira que é para sentirem a vibração, que é para sentir a música e saber quando é que entram. Podem não ouvir, podem não falar aquilo que sentem - falar de forma audível, mas falam através das mãos -, e comunicam a forma como têm para sentir a música, sentir as mais variadas coisas. Como fizemos o Coro Sinfónico Inês de Castro, do qual faço parte também, que fez em novembro do ano passado uma palestra que integrou uma coralista desse grupo, a Débora Carmo, creio eu, e o Sérgio Peixoto, que é o maestro, que tiveram presentes também nessa palestra. Foram palestrantes e falaram desse projeto, que demonstraram que é perfeitamente possível fazer a integração. É óbvio que houve um trabalho inicial, porque o maestro nunca tinha trabalho com pessoas surdas-mudas e teve que fazer uma aprendizagem. Mas foi uma aprendizagem que foi feita em comum: ele e as pessoas surdas-mudas que foram trabalhando todo esse tempo e que deram origem a esse projeto. As palestras que fizemos, na altura no auditório da Igreja de São José, que era "ver, sentir e ouvir a música". Era falar sobre essa integração sobre a possibilidade das pessoas participarem de forma normal e de forma ativa em diferentes atividades e aquela em específico na música. É perfeitamente possível caso haja vontade da parte de quem quer fazer algo diferente e de quem quer

participar em algo diferente. Há sempre essa possibilidade, haja vontade para se poder fazer.” **[Dando aqui um saltinho outra vez para a questão do projeto, considera que alguma coisa mudou na sua vida após ter entrado no projeto? Quer na sua situação familiar, nas suas relações de amizade, por exemplo.]** “De forma assim muito notória, penso que, não. Teve aquela questão da voz, que depois veio a ser usada, entre aspas, nesse tal spot publicitário que está visível no facebook do Coro também. Mas tirando isso, assim ...” **[Porque é que acha que não houve aqui uma mudança na sua vida, depois da entrada do projeto? Por exemplo, nas suas relações de amizade, existiu alguma mudança?]** “Sim, mais à vontade. Mais à vontade com as pessoas, mais brincalhona talvez. Mais à vontade em determinadas situações; noutras, o teatro e não só - mas é agora do teatro que estamos a falar -, veio trabalhar a parte da concentração, a parte da memória, a parte da correção postural. Veio trabalhar vários aspetos. Isso são aspetos que são integrados depois na vida quotidiana, do dia-a-dia, em vários momentos vão sendo integrados de uma forma muito normal e muito dinâmica, como as coisas é suposto serem. Portanto, não houve assim uma mudança radical, assim uma coisa ... eu era assim até este ponto e, a partir dali, passei a ser de forma totalmente diferente - não, não houve essa mudança; mas houve pequenas mudanças que foram sendo integradas ao longo do tempo e continuam a ser integradas. Não houve assim nada de muito diferente em relação àquilo que era anteriormente. Talvez essa questão de maior concentração - mas isso é uma coisa que tem vindo a ser integrada.” **[Acha que existiu alguma alteração no tipo de apoios ou nos serviços que utiliza? Por exemplo, a utilização de transportes públicos ou do uber ou do táxi? Acha que depois da entrada no projeto, começou a utilizar mais os transportes públicos ou não?]** “Eu já os utilizava. Uber já utilizei, mas não tenho sequer a aplicação no telemóvel. Já utilizei, alguém pediu por mim, é certo. Em termos de táxi, nunca fui de táxi para lá. Agora em termos de transportes, passei a usar um autocarro que não me era sequer nada familiar, não usava, que é o 24T. Nunca o tinha usado anteriormente e passei-o a usar de uma forma mais habitual. A grande diferença, agora lembrando e voltando um bocadinho atrás, é esta: eu tenho baixa visão, a minha visão tem vindo a diminuir gradualmente, e uma das coisas que este projeto me tem facilitado, ou que me facilitou, foi na questão de usar a bengala. Porque eu tinha e ainda tenho alguma relutância em usá-la. E permitiu-me ter de a usar mais vezes e de uma forma mais consistente. Portanto, aceitar também a minha limitação em termos visuais tem sido determinante nesse aspeto. Eu diria, essa tem sido a grande mudança mesmo.” **[E é positiva?]** “É muito positiva, sim.” **[Existiu alguma alteração no tipo de bens culturais que consumia? Depois de entrar neste projeto, começou a ir a mais espetáculos, a mais eventos, a ir a mais espaços públicos?]** “Foi mais ou menos pela mesma altura a questão da integração no Coro e no teatro. O Coro foi um bocadinho mais tarde, é certo. Mas implicou sim, sem dúvida nenhuma. A questão do teatro permitiu-me, por exemplo, aceder mais vezes a peças de teatro. Já o fazia anteriormente, mas era só uma coisa muito esporádica. Agora, passou a ser um pouco mais consistente. Depois veio o Coro e tudo isso, a integração no grupo, o facto de nos reunirmos todas as semanas - porque é um trabalho em equipa também - e de trabalharmos no sentido de fazermos apresentação de concertos e estar presente em concertos e em diferentes eventos. Isso sem dúvida nenhuma, tem permitido isso. O teatro aqui em Coimbra é certo, no âmbito da cidade. O Coro também neste âmbito da cidade, mas também fora da cidade com apresentações

noutros sítios, noutras cidades, noutros povos. Portanto, permite exatamente isso, sem dúvida nenhuma, sem dúvida: maior integração, maior participação.” **[E a sua participação no projeto "A meu ver", considera que correspondeu às suas expectativas iniciais? Sim ou não?]** “Inicialmente, eu entrei com aquela expectativa, que não é expectativa, que é assim: eu gosto de teatro e quero fazer alguma coisa ligada a essa área também. Manifestava sempre essa opinião junto da ACAPO (como eu outras pessoas que também integram este projeto). Eu não criei grandes expectativas; eu mostrei-me disponível e aberta a proposta que foram sendo feitas. Não criei aquela expectativa de *"ai agora vou ser, eu vou fazer"*, não, deixei-me guiar por eles também. Apesar de já ter participado nalgumas peças de teatro, que fosse através da ACAPO ou não fosse, já tinha participado em alguma coisa. E já tinha assistido a outras peças de teatro mesmo antes de ter problemas de visão - já tinha, pelo menos, alguma ideia daquilo que são peças de teatro. Portanto, eu deixei-me guiar por quem sabia. É óbvio que ao longo do tempo, se houvesse alguma coisa que pudesse dizer para *"olha, e se fizéssemos isto assim, ou se fizéssemos assado e tal"*. Isso também foi falado, também foi tido em conta. Eu não fui criando assim muitas expectativas, mas, diga-se de passagem, depois fiquei assim (que não faz sentido nenhum), cheguei a pensar nisso: quando me foi apresentado o texto da Tabacaria, o da segunda cena, eu olhei para o texto e pensei *assim "mas eu sou vou dizer isto?"*. Fiquei assim um bocadito ... só isto, mas como é que é possível? Mas completamente idiota da minha parte, porque na prática, eu fiz a primeira cena, fiz a ligação das cenas todas, participei na segunda. Portanto, tive uma participação muito ativa na peça. Na altura, achei pouquinho, mas fiquei assim ... aceito, não me manifesto, não vou andar ali, *"só isto ou só aquilo"*, não, aceito, tudo bem. Mas depois, na prática, a coisa foi bem diferente porque foi uma participação muito alargada, sim, sem dúvida.” **[Como é que considera que será a sua participação no projeto "A meu ver" no futuro? Que expectativas futuras é que tem? É sua intenção continuar?]** “A minha intenção é continuar, sem dúvida nenhuma. Enquanto puder continuo e sempre disponível para aprender. Mostro sempre essa disponibilidade para aprender, para, eventualmente, ir ou frequentar workshops na área de teatro - que já frequentei um. Na sequência desta situação do teatro, já frequentei um workshop que era "teatro de emergência", assim designado. E foi muito interessante, foi com um encenador espanhol que está habituado a trabalhar com pessoas cegas e com baixa visão também. Ele tem um grupo de teatro que eu sei o nome, tem um nome estranho, não me lembro. Mas ele chama-se Pedro Rubin. O workshop foi com ele e foi muito bom. É isso: mostrar disponibilidade para o que pode vir para além desse projeto, seja a participação em workshops ou assim, é sempre uma mais-valia e traz conhecimento. É conhecer as coisas de uma forma diferente e ter uma perspetiva das coisas de uma forma diferente. É estar com outras pessoas, é aprender também com os outros - porque aprendemos sempre com os outros. Tem sempre essa característica, tem sempre essa diferença. E, sim, o projeto é para continuar.” **[E tem assim expectativas futuras? Participar mais? Fazer uma abordagem diferente?]** “Participar mais, sim. Como eu já estava a dizer, eu já participei num workshop de teatro. Participar em mais workshops. Pronto, estar mais disponível para as próprias dinâmicas que o Teatrão vai promovendo. Aliás, o workshop foi promovido pelo Teatrão também. Portanto, estar mais disponível para essas dinâmicas que o Teatrão vai proporcionando, vai fazendo. No próprio projeto também se falou em nos encontrarmos mais vezes, em trabalharmos mais tempo,

	com mais dedicação também a este projeto em si. Em quanto puder, participo sem dúvida nenhuma.”
Entrevistado/a 11	<p>[A participação no projeto "A meu ver", tendo em conta as expectativas que tu tinhas no início (...)] Achas que a tua participação depois correspondeu às expectativas iniciais que tinhas? “Sim, sim.” [E porque é que achas que sim?] “Por causa (...) há uma falha por causa da minha capacidade e improviso ajudou muito.” [Em termos de expectativas com o projeto, quando entraste no projeto pensavas o quê? Achas que isso correspondeu às expectativas que tu tinhas? Quais é que eram as expectativas que tinhas no início?] “Pensei que ia fazer uma peça, mas não era assim tão engraçada, era algo mais sério. Afinal, tive sorte, tive vez na parte engraçada.” [Pensavam que iam fazer assim uma coisa mais séria e mais ... E afinal a coisa foi de outra forma.] “Ainda bem. Tive (...) com o X e com a X [encenadores] (...) ainda vim aqui bué vezes, <i>“se eu participar na peça, quero participar na parte cómica”</i>. E o X encarregou-se disso. E a personagem chamava-se mesmo e11. (...)” [...] [Quer dizer que as tuas expectativas que tinhas no início foram respondidas?] “Sim. E quero ver se este projeto continua, se se repete.” [...] [O que é que tu achas que mudou na tua vida com a entrada no projeto "A meu ver"?] “Sei lá.” [Em termos da tua vida pessoal? Sobre a tua situação profissional mudou alguma coisa?] “Não, porque (...) à experiência já se acabou. (...). Estava à experiência só de manhã, tinha a tarde livre, por isso nunca falhei ensaio nenhum.” [Como estavas a trabalhar não podias ir aos ensaios, era isso?] “Não, o trabalho era só de manhã, saia à uma da tarde. Os ensaios como era às quatro, saia sempre a tempo. Estava a dizer, nunca falhei nenhum ensaio.” [Nunca faltaste.] “Pois, exato. E também é um hobby que até se tem. É assim, se futuramente eu for para um trabalho, depois vou tentar conciliar para ver se não meto o teatro de parte. Não sei - calma - primeiro é o trabalho, mas se der para conciliar com o teatro, concilia-se. Se não der, o teatro que se dane.” [Estás a pensar continuar com o teatro. Mesmo estando a trabalhar, tentar conciliar os dois. Achas que tens até vocação?] “Não sei, porque da vida não sei de nada. Mas depois, se começar a trabalhar, depois posso pedir ao chefe que é para ter aquela tarde livre para o grupo de teatro, pronto. E depois para parecer bem, convido-o logo para ir assistir à peça. Convidei também a dra. (...) no Continente (...), não correu bem. Não sei se as senhoras ficaram (...) se não.” [...] [Estávamos aqui a falar sobre as questões das mudanças na tua vida. Na tua situação profissional já disseste que não alterou grande coisa porque, na altura, também estavas à experiência e conseguiste conciliar com o teu trabalho os ensaios. E na tua vida familiar? Ou na tua vida afetiva ou amorosa?] “Na minha vida familiar não há alteração nenhuma. Mas tive a oportunidade ir para os ensaios do teatro já era a minha ocupação. Era uma coisa que tive a fazer.” [...] “Tipo (...), quando ela alterou os ensaios, tive que (...) para sócio. Tenho que ir para o teatro, depois tenho que almoçar com um amigo. <i>“Tenho que ir para o teatro, não posso”</i>. E vim para o teatro e tinha um objetivo.” [Quer dizer que às vezes tinhas assim alguns convites para ir aqui e ali, mas disseste sempre que não porque tinhas outras responsabilidades. Tinhas que ir ali.] “Exato. E eu não gosto de falhar aos compromissos. Até por exemplo hoje, (...) a mandar mensagem a dizer que estão à minha espera.” [Houve alguma mudança, por exemplo, no tipo de apoios ou nos serviços que tu utilizas? Por exemplo nos transportes públicos ou não?] “Houve na altura dos ensaios corridos e das peças e tudo, a Câmara deu</p>

transportes.” [...] **[E houve alguma mudança no tipo de bens culturais que tu consumias? Por exemplo, museus, espetáculos, eventos, achas que começaste a consumir mais?]** “Olha, que eu nunca fui muito ao Teatrão, mas agora já passei a gostar e a assistir a peças de teatro. E dantes também não tinha nenhuma ou quase nenhuma.” **[A tua interação com o teatro era nenhuma?]** “Nunca tinha assistido a nenhuma peça de teatro. daquelas que fazia na escola e assim, mas até gostei de saber (...) peças de teatro no Teatrão e dizem que se formos assistir, tem direito a desconto no bilhete (...) a rotina e vou assistir, até gosto de assistir a peças de teatro.” **[Então achas que essa mudança foi positiva na tua vida? Começares a ir a espetáculos.]** “Sim, exato.” **[E porquê? Porque te sentes mais ocupado? Porque gostas mesmo? Porquê?]** “Epá, sinto-me mais ocupado e quebra a rotina. Em vez de estar em casa sem fazer nada. Imagina, a última vez que eu fui ao teatro, em vez de gastar 4 horas no café e em cerveja, gastei as 4 horas no teatro e (...) transporte a buscar e a levar e tudo.” [...] **[Consideras que as alterações, que foram poucas - tiveste aqui algumas alterações em termos de amizade. Disseste que não porque tinhas que ir para o teatro e começaste a consumir também mais teatro, não é? Começaste a ir a mais espetáculos, consideras que estas alterações na tua vida decorrem na participação do projeto?]** “Sim, sim.” **[Deste projeto "A meu ver"?]** “Sim, sim, decorrem porque eu participei. Agora como já coincidem com o professor do H (...) Como estava a dizer, desconto no bilhete e tiveste 4.” **[E achas que isto trouxe vantagens ou desvantagens para a tua vida?]** “Vantagens que é para a minha vida se diversificar de maneira a uma nova experiência na minha vida. Que assim tenho uma experiência nova associada ao teatro. (...) Estou a gostar.” **[Gostava que falasses da tua relação com os colegas e com os dinamizadores - com os encenadores dos ensaios. Como é que avalias a relação que estabeleceste com os teus colegas, os participantes todos?]** “Dos outros posso falar, por exemplo, um indivíduo da e3 - porque a e3 vive não muito longe de mim em Coimbra. Com o namorado, ele é bem cego e não vê nada. Eu sou (...) e, portanto, eu ia buscá-la perto de casa, trazia-a para a paragem do autocarro e depois ia levá-la a casa. E conversávamos muito. Acho que a minha amizade com a e3 ficou mais fortalecida.” **[Mas termos de relação entre vocês todos? Como é que tu avalias a relação entre vocês todos?]** “Epá, acho que nos dávamos todos bem. Comunicávamos muito bem.” **[E com os encenadores em si, ao longo os ensaios?]** “Também nos dávamos muito bem, que o X é muito prestável. A X também é muito fixe. Os encenadores por acaso eram muito simpáticos.” **[Podes dar alguns exemplos? Estabeleceste alguma relação com eles, mesmo de proximidade? Com algum dos colegas ou com algum dos encenadores? Tiveste assim uma relação mais próxima com um do que com outro? E porquê?]** “Isso assim foi com a e3. Porque eu já a conhecia mas era muito raro falar com ela. Agora por causa disto do Teatrão é que a minha amizade com ela ficou maior. Entretanto, alguns dias que (...) telefonar com a e3 e ajudar a dar um passeio, depois íamos a uma pastelaria tomar um chá, comer uma torrada, conversar um bocado.” [...] **[Sentiste alguma dificuldade em te relacionares com os colegas ou com os encenadores?]** “Não, não.” **[E que importância é que tiveram na tua opinião, quer nos ensaios, quer no próprio espetáculo, achas que existiu aqui uma criação de uma união de entre grupo de participantes do projeto? Achas que vocês se tornaram mais unidos em termos de grupo?]** “Acho que nos tornamos mais unidos, o nosso grupo ainda não acabou. Pelo que me disseram lá no Teatrão na

reunião, parece que ainda vai continuar e até vai ser mais diversificado.”

[O grupo vai continuar. Vai entrar mais pessoas, é isso?] “Sim, sim.”

[Então achas que houve aqui um sentimento de união entre vocês todos por causa do projeto, de terem participado? (...) achas que houve um sentimento de união que se criou entre o grupo ou não?]

“Sim, acho que houve um sentimento de união. Até por exemplo, o e8 houve um dia teve um ... acho que foi pizza levou pizza para fazermos o lanche antes da peça. Entre as 5 e as 7, durante esse intervalo, podíamos fazer um lanchito. Recorda-me o e8 um dia em que levou as pizzas. Eu, no último dia, levei um bolo de amêndoa. Era de amêndoa do Pingo Doce, olha foi o mais (...) que eu vi. Achei-o giro, levei-o e pronto. E depois (...) por todos e pronto.” [...] **[E como é que te sentiste ao participar num espetáculo em que atores e atrizes são apenas pessoas com deficiência visual?]** “Por acaso também não tive muita dificuldade. Por acaso na cena da (...) também estava o e4. O e4 também é amblíope (...) acho que a nossa cena até se deu muito bem. Funcionava o (...) e o X para encenar. Nós dois víamos um bocadinho, acho que assim se tornou um bocadito mais fácil.” **[Achas que para as pessoas que ainda têm assim uma percentagem de visão, se torna mais fácil? Para aquelas que não veem mesmo nada ...]** “Para encenar, coisas dos gestos e assim, acho que se torna um bocadito mais fácil. Digo eu, não sei.” **[Mas como é que tu te sentiste ao participar em termos de grupo, em que todos tinham algum tipo de deficiência visual? Quer vissem um bocadinho ou não, como é que te sentiste? Achaste o quê?]** “Eu senti-me bem. Até me senti em algumas (...) tola (...) este não vê nada ou quase nada (...). Ia ser eu e o e2. O e2 até andava de bicicleta.” [...] **[E tiveste algumas dificuldades por causa de serem apenas pessoas com deficiência visual ou não?]** “Estou habituado a interagir com pessoas com deficiência visual na ACAPO, por isso não causou muito (...). Até porque (...) naquela parte (...) da ACAPO foi assistir ao ensaio. E eu nesse dia fui ao hospital, depois cheguei muito atrasado. Cheguei lá e depois continuei a interagir e integrei logo na sessão. (...)” [...] **[Da tua experiência, o que achas que é necessário para fazer aumentar a participação das pessoas com deficiência - não é só pessoas com deficiência visual -, as pessoas com deficiência em geral em atividades culturais? Porque é que achas que as pessoas não assistem assim a tantos espetáculos e não saem tanto para ir, por exemplo, a um museu?]** “Isso, às vezes, há dificuldades no transporte. E depois nos museus existir pouca acessibilidade.” **[E o que é que achas que é necessário fazer em termos de sociedade para aumentar a participação destas pessoas com deficiência nas atividades culturais?]** “Aqui em Coimbra não tem muito que fazer porque o Teatrão ... Por exemplo, já fui lá várias vezes com a ACAPO ao Museu Machado de Castro e também já fui com a ACAPO ao (...) em Coimbra e em termos de acessibilidade andam a ficar muito melhor. Os subsídios culturais para as pessoas os irem visitar e estão sempre a melhorar na acessibilidade. Até visitamos o Museu lá um dia que era para avaliar as condições de acessibilidade que eles tinham. Nós demos a nossa opinião e isso e correu tudo bem. Coimbra nesse aspeto, acho que anda a ficar muito melhor.” **[Aqui a questão, era melhorar as acessibilidades, não é?]** “Exato. E também uma coisa que é preciso que haja, que é a empatia dos funcionários com as pessoas.” **[Dos próprios funcionários dos espaços com as pessoas com deficiência?]** “Pois, exato.” **[O que é que achas que falta?]** “É melhorar a acessibilidade, é melhorar os transportes, melhorar, por exemplo, a divulgação. Por exemplo, para sócios, se for possível chegar com mais (...) às associações. Por exemplo, para sócios da ACAPO, têm

	<p>direito àquele x por cento de desconto no bilhete. Só isso, é um chamariz. Se ali vai desconto, siga.” [...] “Imagina, está escrito num folheto: preço de bilhete 10 euros, para sócios da ACAPO, por exemplo, 5 ou 4. Se vão dizer que dão desconto, as pessoas, quando dão desconto, é siga, é logo.” [E para pessoas que não são da ACAPO, por exemplo, para pessoas com deficiência geral. Achas que isso também podia resultar?] “Sim, sim, acho que sim. Era assim: pessoas com deficiência geral, mediante a apresentação de um certificado multiusos - que é um atestado que nós podemos pedir com relação à nossa incapacidade.” [E mediante a apresentação desse atestado, as pessoas têm uma percentagem de desconto e aí podia aumentar.] “Sem dúvida ia. Porque eu já sei que os portugueses quando há promoções e descontos, estão lá batidos, nunca falham. É verdade!” [Como é que consideras que será a tua participação no projeto "A meu ver" no futuro? Aqui nos próximos dois anos que faltam?] “Epá, vou tentar que seja bom como foi ou até melhor, que no início sou um bocadinho mais caladinho.” [E que expectativas futuras é que tens, tendo em conta esta primeira experiência? Já falaste um bocadinho que, se calhar, a tua vocação era o teatro e que até gostarias de conciliar com a tua atividade profissional.] “Pois, pois é. Até disse na brincadeira à X [encenadora] (...), quando estava a assistir ao teatro da companhia espanhola. Estavam a dizer que ia representar Portugal em mais duas peças mais dois anos e eu disse: <i>"então quer dizer, se eles cá vêm, nós também devíamos ir lá, apresentar lá uma peça"</i>. Então, era justo. Fazer uma peça além fronteiras. Então, nunca se sabe.” [Tens as tuas expectativas futuras. Como é que são? São boas, más?] “São boas. (...) normal. O que vem, vem por acréscimo, não vale a pena ter as expectativas muito altas, senão depois não acontece nada e fico triste.” [...] “Estava a dizer que não vale a pena meter as expectativas muito altas. Porque senão depois corre tudo menos bem e fico triste. Tenho que ir de baixo para cima. Por exemplo, desde que eu dou normalmente, depois que pediam-me, pode ser que vá melhorando.” [A tua ideia neste momento é continuares no projeto, não é?] “Sim, enquanto o projeto existir, quero continuar.”</p>
--	--

Avaliação do projeto “A meu ver” e do espetáculo “O que é invisível”	
Entrevistado/a 1	<p>[Numa escala de 0 a 4, 0 "nada satisfeito" e 4 "totalmente satisfeito", qual é que é o seu nível de satisfação com o projeto "A meu ver"? O projeto em si, que dura 3 anos, e porquê?] “4.” [...] “Um 4, porque é assim, eu gosto daquilo, aquilo faz-me bem. Só eu sair de casa já é muito bom e pronto. Se a equipa que eu for encontrar e conforme aquilo que eu encontrar, realmente, como já lhe disse, se fico ou não fico, pronto. Para mim se ficar é bom, é espetacular.” [Na mesma escala, o seu nível de satisfação com o espetáculo "O que é invisível"?] “É 4.” [...] “Porque gostei daquilo e foi bom.” [E o que é que na sua opinião acha que funcionou muito bem e se devia manter no futuro no projeto?] (...) O grupo que eu andei à quinta feira. Alguns da sexta que também eram do meu tempo da ACAPO. Para mim o entrave que está é só se esse sujeito se vai continuar.” [Qual é que foi para si o momento mais satisfatório da participação neste projeto? Aquilo que o fez sentir mais satisfeito foi o quê?] “O que me fez sentir mais satisfeito olhe foi lá ir os meus. Foi os meus terem uma satisfação enorme - todos, mas acho que o que ficou mais feliz foi o meu filho. Ficaram todos felizes, mas</p>

	<p>o que mexeu mais entre mim para com o meu filho, foi o meu filho. [E o momento menos bom da sua participação e porquê?] “Isso o momento já está mais que esclarecido.”</p>
Entrevistado/a 2	<p>[Numa escala de 0 a 4, 0 "nada satisfeito" e 4 "totalmente satisfeito", qual é que é o seu nível atual de satisfação com o projeto "A meu ver" em si? O projeto que dura 3 anos, onde está envolvido e aceitou participar.] “3.” [...] “Porque diria que correu como já pormenorizei atrás, em diversos aspetos correu bem, mas pode vir a ser melhorado nalguns outros aspetos. Portanto, penso que não seria adequado dar a nota máxima. Mas sim, está dentro do esperado e correu acima da média.” [Na mesma escala, qual é que é o seu grau de satisfação com o espetáculo em si, "O que é invisível"?) “Com o nosso espetáculo, não é? Eu daria os 50%, mas como não existe, se calhar vou dar 3.” [...] “Era o 2 e meio, sim.” [...] “Porque acho que há muita coisa que pode ser melhorada. O próprio espetáculo em si também ... eu preferiria um outro estilo. Tipo, por exemplo, numa sala única; não aquele estilo assim a andar de um lado para o outro. Preferiria, se calhar, uma história um pouco diferente, menos gravações. Há ali diversas coisas que poderiam ser melhor: a história em si também não é nada de especial, mas pronto. Daria 2 e meio.” [E o que é que na sua opinião acha que funcionou bem e que devia manter no projeto "A meu ver"? Esquecendo o espetáculo, em termos de projeto entre a ACAPO e o Teatrão.] “Os encenadores: já os conhecemos e a relação com eles acho que é boa. A maneira como eles lidam connosco acho que se deve manter. Penso que poderia, se houver oportunidade das partes, aumentar o tempo por semana, acho que também era positivo.” [O tempo de ensaios?] “Sim.” [O tempo quer de dias, quer de horas?] “Dias se calhar é difícil, mas de horas. Na medida do possível, se calhar com todos juntos talvez. Não sei se isso é possível, mas talvez fosse melhor, não sei.” [Gostaria de lhe perguntar, para si, qual é que foi o momento mais satisfatório e o momento menos bom da participação neste projeto? E porquê?] “Isso é muito difícil. Porque houve vários momentos em eu me diverti imenso. Sei lá, é difícil, mas se calhar devo recorrer à memória de algumas alturas em que me diverti. Por exemplo, durante a formação em geral, ainda sem entrar na preparação da peça, houve alturas em que os jogos que a X e o X [encenadores] trouxeram nos divertiram imenso e permitiram descontrair e rir. Lembro-me alguns em particular que eu gostei muito.” [E o momento menos bom da participação neste projeto?] “O menos bom para mim foram aquelas alturas em que não houve. Na altura fiquei bastante chateado: em que não havia ensaios e eu não fui avisado. Pronto, eu senti-me muito frustrado e um pouco até abandonado, porque ninguém me disse nada. Mas a culpa penso que não foi de ninguém em particular. Houve ali problemas com os contactos, depois percebi isso. Mas eu, na altura, fiquei bastante chateado, penso que foram 3 vezes e duas delas seguidas - duas sextas seguidas. A pessoa sai de casa, paga transportes e não sei quê, chega lá e não encontra ninguém. Senti-me um pouco mal. Achei que na altura não me estavam a avisar, não me estavam a ter muito em conta, mas eu acho que foram problemas de contactos telefónicos, não foi culpa de ninguém em particular.”</p>

Entrevistado/a 3	<p>[Numa escala de 0 a 4, 0 significa "nada satisfeita" e 4 "totalmente satisfeita", qual é que é atualmente o seu grau de satisfação com o projeto "A meu ver"? Em termos de projeto?] “3.” [...] “Ah, porque a perfeição também para mim não existe, não é? Há sempre contratempos. Isto é sempre uma aprendizagem da parte dos intervenientes para os encenadores, também uma aprendizagem deles para connosco e de nós para com eles também. Por isso acho que a perfeição não é uma coisa que se alcance assim em qualquer coisa. Quanto a mim há sempre aspetos a melhorar e a aprender.” [E na mesma escala relativamente ao espetáculo "O que é invisível", qual é que é o seu nível atual de satisfação?] “Isso do espetáculo em si, no global, gostava de ter tido um conhecimento mais aprofundado a nível global. Porque, a certa altura, ainda hoje acabo por não ... ainda não tivemos acesso ao programa todo. Pelas características da apresentação, dos vários pontos, gostaria de ter tido assim uma perceção global mais consistente.” [...] “Acho que 2.” [O que é que na sua opinião acha que funcionou bem e que se deveria manter?] “Continuar a trabalhar nas sessões, na prática, podendo alargar as sessões ou intensificá-las. De alguma forma ter mais tempo para trabalhar. E a questão dos transportes para mim é fundamental também, facilitarem essa parte.” [E aquilo que funcionou menos bem para si e deveria ser mudado? Era essa questão dos transportes?] “Não, os transportes, agora por fim, eles deram-nos apoio. Mas sim, era ter transporte para facilitar. Pronto, a minha situação é um bocadinho especial, mas para mim era bom ter o transporte. Funcionou bem. Agora outro aspeto era aumentar o número de horas ou de sessões.” [Isso devia de ser uma coisa a mudar em termos futuros?] “Sim, mas também já se falou nisso. Agora vamos ver. Também lá está, a pandemia também vai ditando essas regras. É por aí, também já tinha chegado a essa conclusão.” [Acha que existiu alguma coisa que funcionou menos mal e que deveria mudar no projeto?] “É o conhecimento do projeto global. Eu acabei por me ficar mais na minha parte, mas gostaria de ter assim conhecimento mais aprofundado na apresentação dos colegas envolvidos, a apresentação do início até ao fim. Mas pronto, as características também eram especiais e foi isso.</p>
Entrevistado/a 4	<p>[Numa escala de 0 a 4, 0 significa "nada satisfeito" e 4 "totalmente satisfeito", qual é o seu nível atual de satisfação com o projeto "A meu ver"? O projeto que dura 3 anos.] “É 4.” [...] “Porque, eu falo por mim, aquilo a mim deu-me uma bagagem (não é que eu tenha ganho muita bagagem, mas pronto). Mediante aquilo que eu sabia, fiquei com uma boa ideia e com boas perspetivas para continuar.” [E agora na mesma escala, qual é que é o seu nível de satisfação com o espetáculo que fez? E porquê? O espetáculo em si, como é que considera que foi, de 0 a 4?] “Talvez 3. Eu acho que podia ter havido assim mais ensaios. Havia coisas que ficaram ainda assim ... passaram ao lado da memória, coiso e tal, não foi aquele 100% como devia ser.” [Podem haver aqui algumas coisas que podem melhorar, é isso?] “Sim, sim.” [...] “Mais tempo para ensaios. Depois estamos limitados: por exemplo, no meu caso, estou disponível desde a manhã até à noite. Depois de sair aqui de casa para estar lá, às vezes começava-se a ensaiar às quatro horas para sair às cinco e meia, é muito pouco. A gente diz meia dúzia de palavras, está logo nas cinco e meia.” [Os dias de ensaios por semana também devia ser prolongado?] “Não só os dias, como também as horas.”</p>

	<p>[E o que é que acha que funcionou assim muito bem e que se deve manter para o futuro?] “Sei lá.” [...] “Olhe, estou-me a lembrar de uma coisa já: pelos menos manter os dois ensaiadores.” [...] “Já criámos uma relação com eles, pelo menos esses. Pelo menos isso.” [Há mais alguma coisa que gostava de manter? Por exemplo, aquele apoio no transporte?] “Sim. Esse também. O apoiozito de transporte, motivar de autocarro e coiso - tenho passe, mas há pessoas que não têm passe.” [Qual é que foi para si o momento mais satisfatório de todo o projeto e porquê? O que é que foi mais satisfatório para si desde os ensaios até ao espetáculo? O que é que o fez sentir assim mais satisfeito? Foi, por exemplo, o público? Foi, por exemplo, os ensaios, o convívio?] “Foi mais o público até. A reação do público.” [...] “Senti que as primeiras cenas que eu fiz mais o e11, as pessoas estavam-se a rir e tal, manifestavam-se, aplausos e tal. A gente ficámos todos satisfeitos de ser aplaudidos.” [...] [Mas em termos de ensaios e de espetáculo, acha que houve assim alguma coisa menos boa que não gostou que aconteceu? Em termos de organização também do projeto.] “Organização em si, pelos menos naquela apoio que tivemos na sala, do pessoal do Teatrão, acho que foi ótimo. Foi aquela situação que o Sr. e1 bateu com a cabeça. Aquilo não devia estar ali assim. Está lá uma situação que são pequenas coisas que as pessoas não ligam muito, mas são ... quando a gente entra, na Tabacaria, normalmente sabe que a casa de banho a entrada é lá ao fundo. Eles não eram, eles é que puseram ali aquele biombo em madeira.” [...] “Sim, mas o problema é que no biombo está lá há meses. Eu já me espetei lá contra umas mesas. Nos dias que fazer visita, entram ali os deficientes visuais, neste caso, para ir à casa de banho - até se lá entrar deficientes motores, ali assim não sei se passam de cadeira de rodas. Também lá tem casa de banho de deficientes ali naquele sítio, é que essas mesas não deviam estar aí. É que a gente com a vara - eu ou outra pessoa - a bater no biombo, sempre se regula até ao final para ver onde é que é a porta. Eu já espetei-me lá contra umas cadeiras do lado esquerdo. Não sei, pelo menos naqueles dias, as mesas serem deslocadas dali, estarem noutra sítio.” [...] “Podiam meter-se ali logo à esquerda umas em cima das outras. Para a gente ter autonomia para ir lá baixo. Depois, eles naquele dia tinham lá uma coluna pendurada, foi quando o Sr. e1 bateu lá. Ele disse “<i>ei Jesus</i>”. Começaram a ver, “<i>já tem sangue</i>”. São coisas. É que ele não vê nada. Aquilo à altura da cabeça abriu logo a testa.”</p>
Entrevistado/a 5	<p>[Numa escala de 0 a 4, 0 significa "nada satisfeita" e 4 "totalmente satisfeita", qual é que é o seu nível atual de satisfação com o projeto "A meu ver"? Em termos de projeto que dura 3 anos. E porquê?] “4, dado que, embora, como se diz “grão a grão, enche a galinha o papo”, está de acordo com aquilo que eu espero que este projeto seja enquanto estiver em vigor. E também por causa das competências que eu adquiri e já fui adquirindo no teatro, espero que o projeto avance ainda mais e que, quem sabe, até se descubra outras coisas em mim que eu ainda desconheço.” [E na mesma escala, qual é o seu nível atual de satisfação com o espetáculo "O que é invisível"?) “4.” [...] “Pelas razões que eu referi na pergunta anterior. Não tenho mais a acrescentar por enquanto.” [Qual é que foi para si o momento mais satisfatório da participação neste projeto e porquê? O que é que sentiu que ficou assim mais satisfeita - o momento ou momentos?] “Foi o momento da apresentação em si, das apresentações neste caso - houveram 3 e mais uma suplementar. Pude mostrar aquilo que sou capaz de fazer para além do meu dia-a-dia.”</p>

	<p>[E o momento menos bom da sua participação neste projeto e também porquê?] “Como eu já referi, foi a proposta que me foi feita inicialmente. Senti pouco à vontade e, de certa forma, [...] que me pediam muitas vezes para repetir o mesmo. Eu acho que quanto mais insistiam, eu ficava mais nervosa. Então, foi o pior momento.”</p>
Entrevistado/ 6	<p>[Numa escala de 0 a 4: 0 "nada satisfeita" e 4 "totalmente satisfeita", atualmente qual é que é o seu nível de satisfação em termos de projeto "A meu ver"?] “3.” [...] “Lá está, se eu desse um 4 era porque tudo estava bem, mas há sempre coisas a melhorar e a progredir. Mal era se fosse tudo perfeito, não houvesse nada para evoluir.” [E agora na mesma escala, o seu nível de satisfação com o espetáculo em si?] “3 também.” [...] “Porque também lá está, haviam coisas que podiam ... uns problemas técnicos com objetos, com algumas coisas e isso influenciou também.” [O que é que na sua opinião acha que funcionou bem e que se devia manter?] “O espetáculo em si, a dinâmica, a ideia inicial estava bem.” [A dinâmica dos ensaios por exemplo, acha que funcionou bem?] “Sim, também.” [E o que é que funcionou menos bem e que devia mudar no projeto "A meu ver"?] “Do espetáculo alguma ... pronto, mas isso nunca há perfeição. Se tudo corresse bem ... houve ali algumas questões técnicas, não do espetáculo, numa das apresentações.” [E aquilo que funcionou menos bem e que devia mudar em termos de projeto "A meu ver"? Em termos de ser este projeto de 3 anos, com ensaios.] “Não estou assim a ver onde é que podia.” [...] “Era aquilo como eu estava a dizer inicialmente, nós tínhamos ... lá está, na altura das peças tem de se ensaiar mais. É aquela coisa de haver um dia específico ou dois e depois quando se tenta por para outros dias corre-se o risco das pessoas, apesar de não trabalharem, já terem alguma coisa nesse horário. Eu lembro-me por exemplo de uma situação, só para citar, que no sábado de manhã (foi no dia 5 de março), nós todos os meses fazemos aqui um treino de futebol com os jogadores da equipa toda e tive de ir ao teatro e fiquei sem ir ao futebol. Portanto, não treinei com os meus colegas. Esse tipo de coisas.” [Gostaria de lhe perguntar qual é que foi para si o momento mais satisfatório e porquê?] “A apresentação. Ter participado nos espetáculos é uma experiência que não se esquece, que vai sempre ... aquela sensação, aquele frenesim.” [E o momento menos bom e porquê?] “Não tenho um que seja menos bom. Talvez um colega nosso, quando foi depois a questão do resumo, ter-se dirigido aos encenadores de uma forma assim mais cáustica. Ficou um ambiente um bocadinho pesado ali na sala. Talvez por aí.” “(...) houve uma reunião na semana a seguir e esse nosso colega ... pronto, vais ter oportunidade se calhar de o entrevistar e ele vai ter o direito a dar a opinião dele. Mas foi assim um bocadinho ...Porque as pessoas da rua não estão habituadas a lidar connosco. Quando nós nos dirigimos a elas de determinada forma, elas simplesmente ficam assustadas e depois começam a questionar, "mas valeu a pena estar a ajudar estas pessoas?". E, às vezes, nós temos que ter bastante cuidado porque basta um boicotar para depois os outros serem tomados pela mesma medida. Isso na altura assustou-me um bocadinho. Lá está, por uma pessoa ser assim, pronto, deu a opinião dele; por uma pessoa ser assim, as pessoas tendem a generalizar. E acontece muitas vezes. Foi foi isso talvez o ponto menos positivo, porque se gerou ali um clima de tensão, de alguma animosidade, de algum contraste. Notou-se que o ambiente na sala ficou bastante pesado. Vais ter a oportunidade de o entrevistar e ele, se calhar, dará a mesma opinião.” [Cada um tem a sua opinião e tem a liberdade de a expor.] “Não se agradou a toda a gente. Mas</p>

daí até chegar ali e entrar logo a pés juntos, a matar. Foi assim um bocadinho mau.” [...] “Ainda mais para os encenadores que, pronto, não estão habituados a trabalhar connosco. Também eles encaram isto como uma situação de aprendizagem. Mas da maneira como ele se dirigiu às pessoas, foi assim um bocadinho sem qualquer preliminar, sem qualquer preâmbulo.” [...] “Com a voz um bocadinho alterada também. Mas é assim, foi como eu disse, as pessoas que estão ali são as mais problemáticas, porque as outras estão a trabalhar. As pessoas que estão neste grupo, tirando uma ou duas, são as mais problemáticas.” **[Porque é que considera que são as mais problemáticas?]** “Porque são pessoas que ou têm traumas ou têm outro tipo de situações que não se conseguem enquadrar em lado nenhum. Porque lá está, não é fácil encarar a cegueira muitas vezes. E paralelamente, faz com que muitas vezes socialmente as pessoas não se encaixem. Aliás, é fácil de ver quem são as pessoas ali que têm algum tipo de problema ou quem não está confortável com a situação, quem encara com mais como é que eu hei-de dizer? **[Com mais à vontade a questão da cegueira?]** “Exato. Quem, apesar de já ter cegado há anos, ainda continua com uma revolta tremenda. São estas as situações que acontecem porque não é fácil uma pessoa viver assim e encarar todos os dias com algumas dificuldades. Coisas que gostava de se fazer e não se faz. E então se apanharmos pessoas que viram até determinada data - não estou a falar das pessoas que nasceram cegas que também há algumas ali -, mas pessoas que, de certa forma, viram e faziam a sua vida normal e de repente ficaram assim. Isto é, a revolta jamais passará. Mas depois, que culpa têm os encenadores que estas pessoas ainda se sintam assim? Nenhuma! As pessoas têm que se habituar a gerir um bocadinho emocionalmente. É difícil, mas ...” [...] “É e depois teve ali uma situação em que ele foi logo o primeiro. Se tem ouvido uma outra pessoa primeiro, em vez de o ter ouvido a ele primeiro se calhar a coisa não entrava ali de [...]. Aquilo foi um balde de água gelada que ali caiu. Às vezes é por essas atitudes que muitas portas são fechadas para nós. Bastavam ter o azar de apanhar com uma pessoa assim mais cáustica, algum daqueles que não aceita ser cego e nunca aceitou e não admite que lhe toquem nos calos. E depois, pronto, todos os outros ficam logo ali marcados. Aliás, acontece muito isso no mercado de trabalho. Foi um bocadinho por isso que eu cheguei ao ponto em que cheguei.” **[Porque é que acha que isso aconteceu?]** “É fácil. Porque as empresas abrem as portas e querem que nós sejamos como os outros, sem qualquer tipo de diferença. Nós fazemos tudo e mais alguma coisa para sermos como os outros, embora, na prática, seja quase impossível. E o que é que acontece? Acontece que se chega ao resultado a que se chegou comigo. Para eu fazer as coisas iguais aos outros, abdiquei de muita coisa, inclusive da minha saúde.” **[Teve que se esforçar, digamos, a dobrar para estar um bocadinho ao mesmo nível das pessoas.]** “Exatamente. Porque não há leis. Não há leis que nos protejam no mercado de trabalho. Não basta só dar emprego, depois é todo o acompanhamento, toda a situação. Porque por exemplo, eu dou muito este exemplo, a minha colega trabalhava comigo, tinha duas filhas pequenas e ela tinha leis que a protegiam. Ela não podia trabalhar X horas, por exemplo, tinha que ter as X horas para o acompanhamento às crianças. Ela chegava, por exemplo, às 5 horas, saía. Muitas vezes não cumpriam os prazos que eram para entregar as coisas. E a mim, eu não tinha nenhuma lei que me protegesse. Nenhuma! Muitas vezes, para ela usufruir das leis que a protegiam a ela, tinha eu de trabalhar mais.” **[Ela era uma pessoa sem deficiência?]** “Exatamente. Porque por exemplo, se as filhas dela adoeciam, ela ficava em casa com elas.

	<p>Metade do trabalho que era ela que tinha, ficava todo às minhas costas. Porquê? Porque havia uma lei que a protegia a ela, mas a mim não havia lei nenhuma que me protegesse.”</p>
Entrevistado/a 7	<p>[Numa escala de 0 a 4 e 0 significa "nada satisfeita", 4 "totalmente satisfeita", qual é que o nível de satisfação atual com o projeto em si? O projeto "A meu ver" que dura 3 anos.] “3.” [...] “Pode haver uma ou outra, mas agora vem com o tempo também. A integração agora vem com o tempo. Lá está a integração, pronto.” [E agora na mesma escala, o seu nível de satisfação com o espetáculo em si? O espetáculo "O que é invisível"?) “3.” [E também um 3 porquê? Acha que havia aqui alguma coisa que pudesse funcionar melhor?] “Pois, tive pena de não ter conseguido ter acesso à peça toda.” [Na sua opinião, o que é que funcionou muito bem e que se deve manter no projeto?] “A logística até funcionou.” [Quando fala em logística é em termos de quê? De transportes, de acompanhamento?] “Sim, lá está, também demos gente para acompanhar.” [E o que é que funcionou menos bem e que se deveria mudar num futuro espetáculo? Acha que nada funcionou menos bem?] “As coisas fluíram.” [Mas assim para um futuro espetáculo, acha que devia mudar alguma coisa ou devia continuar tudo como estava agora nesta primeira experiência?] “Integrar.” [Integrar - aquilo que me estava a dizer há pouco, outras pessoas sem deficiência visual, é isso?] “Sim, sim.” [Qual é que foi para si o momento mais satisfatório da sua participação neste projeto e porquê? O que é que gostou mais? O que é que foi mais satisfatório para si? A reação do público? A interação com os colegas? Os ensaios? O que é que gostou mais?] “Gostei de todos.” [E o momento menos bom ou momentos da sua participação neste projeto?] “Lá está, não ter assistido ao espetáculo todo.”</p>
Entrevistado/a 8	<p>[Numa escala de 0 a 4: 0 "nada satisfeito" e 4 "totalmente satisfeito", qual é o seu nível atual de satisfação com o projeto "A meu ver"? Em termos de projeto de 3 anos e porquê?] “1. Por tudo aquilo que já te disse. Não vale a pena estar aqui ...” [Na mesma escala, o seu grau de satisfação com o próprio espetáculo "O que é invisível"?) “Pois eu tenho que pesar ... eu dava-te 2,5. Dava-lhe 2,5. Também por tudo aquilo que eu te disse, porque acho que muita coisa ali podia ter sido diferente e deveria ter sido diferente. Porque estávamos a abordar uma temática muito específica e que é preciso trabalhá-la com pinças, porque é preciso ter muito cuidado quando isto podia ter sido muito bom para a ajudar a melhorar a imagem que as pessoas têm das pessoas cegas. Acabou por não ser tão positivo assim. Eles já acham que foi muito bom. Pois, as pessoas também tinham as expectativas zero. As pessoas vão ver o espetáculo dos ceguinhos, <i>"ah, deixa-me lá ir ver e tal. Afinal até não foi tão mau assim"</i>. Agora, o problema é que podia ter sido muito melhor. Eu não sei o que é que as pessoas ficaram a pensar daquela cena da Tabacaria. Daqueles microfones sem funcionar, daquela desafinação, da desgraçada da x ficar lá com a garganta toda desgraçada que nem conseguiu cantar. Olhe, enfim, bem, nem vale a pena, que eu já bati tanto no ceguinho que não vale a pena bater mais no ceguinho.” [Já disse algumas coisas que se devia mudar no projeto. Quer dizer mais alguma coisa que num futuro espetáculo se possa mudar? Ou mesmo no próprio projeto, a organização do projeto?] “Não sei.” [Já falou naquela questão que se devia conhecer a peça como um todo.] “Isso parece-me que não é por ser um espetáculo feito por pessoas cegas. Acho que deveria ser assim, isto é uma questão de organização. Tendo em conta que estamos a trabalhar</p>

	<p>com pessoas cegas, o que poderia ser melhorado ali é começar desde logo por ter as referências todas que as pessoas cegas precisam para se sentirem à vontade em palco. Essa foi uma das falhas que eu fiz de falar e andaram até ao último dia para colocar aquilo. Epá a sério, isso...enfim.” [E o que é que na sua opinião do funcionou bem e que se deve manter? Há alguma coisa que funcionou particularmente bem e que se deve manter no projeto?] “Pois.” [Por exemplo, havia aquela questão dos transportes, das pessoas terem aquela dificuldade de acesso aos transportes. Como é que foi isso consigo? Teve que apanhar na mesma o comboio? Levaram-no a casa?] “Não, eles propuseram isso, mas eu disse-lhes que não precisava. Eu abdiqueei disso, mas houve lá rapaziada que eles os iam buscar e levar a casa. Isso era algo que não tinha que acontecer. Os transportes tinham que funcionar de forma a que as pessoas pudessem deslocar-se como qualquer outra, mas enfim. Mas tendo em conta que não é assim, que não se conseguem mudar as coisas todas de um dia para o outro, tinham que arranjar transporte para que as pessoas se deslocassem. Acho que foi bom, foi positivo, sim.” [Tem outra coisa que ache que funcionou bem e que se deve manter para o futuro?] “Não. Não sei o que é que eu possa dizer, estou tão desiludido. Com certeza que há coisas positivas, mas agora nem me ocorrem.” [Para si qual é que foi o momento mais satisfatório de todo este processo e porquê?] “Foi o feedback que obtive no final do espetáculo. Foi agradável ouvir, por parte das pessoas, que tinham gostado. Isso é assim em qualquer outra circunstância, não é? Quando as pessoas se dirigem a nós para, de alguma forma, nos elogiarem pela prestação que tivemos, é sempre positivo. No início do espetáculo, principalmente no primeiro com público (mas público conhecido) lá - isso foi uma coisa positiva realmente. Começarem e ensaios com pessoas que eram, de alguma forma, familiares ao Teatrão e que nos permitiram que fossemos ficando com mais à vontade, para não haver aquele impacto, estamos sem ninguém e agora de repente temos ali sala cheia. Isso também foi positivo, mas isso parece-me que é um princípio que eles adoptam em qualquer outra circunstância, não foi por ser com pessoas cegas ou não.”</p>
Entrevistado/a 9	<p>[Numa escala de 0 a 4, 0 significa "nada satisfeita" e 4 significa "totalmente satisfeita", qual é que é o seu nível de atual de satisfação com o projeto "A meu ver"? Em termos de projeto. E porquê?] “Eu vou dizer o 4.” [...] “Porque é que eu hei-de dizer menos se me senti bem, se vi que estava ali tudo bem connosco, se não nos faltou nada sobre, pronto, senti à vontade. Porque eu gosto mesmo de tudo que faço e daquilo que ... gosto de teatro, pronto, é uma coisa que me dá muita energia.” [E acha que aqui o projeto "A meu ver", veio-lhe trazer outra alegria à sua vida?] “Eu já era alegre, eu já era assim, mas com o teatro, para mim, olhe, sim, muito mais. Muito mais porque eu penso naquilo, fico ansiosa sempre são coisas novas que vamos fazendo nos ensaios - é sempre novo, nunca é a mesma coisa. Então, acho que para mim sim. E para mim, como aqueles que me rodeavam e rodeiam lá, eu acho que também sentem o mesmo.” [...] [...] estou-lhe a perguntar o seu grau de satisfação com este espetáculo, o primeiro que fez. Ficou satisfeita? De 0 a 4?] “Fiquei, é o 4. É para agora, porque para a continuação vai haver melhor, não é? Porque vai continuar.” [...] “Para mim correu da maneira que eles nunca trabalharam com invisuais, foi a primeira vez que andaram connosco, a primeira vez que estivemos no Teatrão a fazer Teatro e nos ensaios. Acho que para mim dou 4 porque correu tudo muito bem e eles deram lá muito carinho e apoiaram-nos muito, pronto.” [E o que é que na sua opinião acha</p>

	<p>que funcionou bem e que se devia manter, em termos de projeto? Aquilo que funcionou mesmo bem e que tem que se manter até ao fim dos 3 anos? “Olha manter os mesmos professores. Porque eles são mesmo ... eles sabem mesmo, é uma coisa até digo assim: gostei de ter os mesmos professores porque são jovens. E por ser jovens, nós ficamos ainda mais jovens com eles. Eu pelo menos quando estou com eles não pareço ter a idade que tenho, pareço estar com eles dentro da mesma idade. Aí sim, com eles mesmo. Acho que todos estão de parabéns desde aquilo que fizeram, não, não trocava não.” [E o que é que acha que funcionou menos bem e que se devia alterar no projeto e num futuro espetáculo?] “Não sei. Porque o que poderia ser melhor, já não é com eles, os próprios professores, mas sim o Teatrão em si. Ali há-de ter alguém, algum diretor, onde eles pudessem ajudar mais. Neste caso, como no final já iam levar e buscar as pessoas a casa, eu vou falar de todos, porque todos tiveram dificuldades até de se deslocarem por vezes de noite escura. Isso é que deveria ter mais apoios sobre isso e também até, sei lá, pagarem as viagens porque foi muito falado sobre isso, que esse apoio que não tinham. Havia de haver sempre aquele apoio de ir levar e buscar ou então arranjam aquele apoio. Mas lá está, é isso, porque eu sei que os outros tinham muita dificuldade, eu não porque tenho o transporte. Se não fosse este transporte, eu não andava lá, eu não iria. Tenho outras necessidades que eles não têm e não andava a apanhar dois autocarros para lá, dois para cá. Não, não, eu não tinha essa mobilidade para eu andar. Isso é que era ótimo e também porque passa-se ali algum tempo que nós não temos ali nem sequer ... até mesmo o bar aberto que não estava durante a semana, que nós podíamos comer uma sandes ou beber um café ou tomar qualquer coisa e também nunca foi assim muito ... nunca esteve assim à disposição de nós.” [...] para finalizar, gostaria de lhe perguntar, para si, qual é que foi o momento mais satisfatório do projeto e porquê?] “O momento mais satisfatório foi o momento em que eu estive a fazer a peça e que eu tinha lá pessoas a ver. Aí foi mais ou menos o final. O começo e o final. Foi a satisfação de fazer uma coisa que ... Foi participar e saber que tinha lá pessoas amigas e família. Além disso, tinha pessoas também família e amigos dos que estavam connosco. Nesse dia foi assim, pronto. Para mim correu tudo bem e foi muito satisfatório para mim.” [E o momento menos bom da participação neste projeto? Acha que houve um momento menos bom e porquê?] “Na participação não. Menos bom era os ensaios quando corriam mal, não era?” [...] “Corriam mal, mas isso era por ser ali a primeira vez e aquele papel era meu mesmo. Queria decorar logo tudo. Isso é que foi menos bom, mas pronto, com o tempo consegui.”</p>
--	---

Entrevistado/a 10	<p>[Numa escala de 0 a 4, 0 significa "nada satisfeita" e 4 "totalmente satisfeita", qual é que é o seu nível atual de satisfação com o projeto "A meu ver"? O projeto que dura 3 anos. E porquê?] “Eu, nesta altura, vou apontar para um 4. O grau de satisfação é mesmo esse: totalmente satisfeita, embora eu continue a dizer, pode ser sempre melhorado. Pode ser absolutamente sempre melhorado. Quer da nossa parte, quer da parte de quem está à frente do projeto, quem dá a cara - neste caso, os encenadores -, toda a gente. Eu acho que podemos sempre melhorar. Cada um de nós, e só falo por mim: conhecer-me melhor e poder estar mais disponível, criar essa disponibilidade mesmo, poder integrar as coisas de uma forma diferente também, de uma forma mais ativa, mais plena, com mais sentido naquilo que estou a fazer e não apenas meramente porque se participa, porque é giro, porque temos esta oportunidade. É mesmo vivenciar as coisas de uma forma diferente. Não é só apenas mais uma atividade ou uma atividade para o pessoal cego. Não, é tirar partido das coisas, é viver essas sensações que este projeto traz e que são muito boas.”</p> <p>[O que é que acha que funcionou bem neste projeto e que se devia manter? Uma ou duas coisas que funcionaram bem e que se devam manter?] “Os exercícios que fomos fazendo ao longo do tempo permitem-nos também desfrutar um pouco da companhia uns dos outros. Através desses exercícios conhecemos a nós próprios e aos outros. Manter essas dinâmicas, agora, talvez, de uma forma diferente, com outro sentido, de uma forma mais consistente. Porque eu acho que, de alguma forma, ao longo do tempo, com os exercícios que fomos fazendo - todos nós somos diferentes e todos nós temos formas de encarar as coisas de maneira diferente. Por isso, eu por mim falo, é estar mais disponível e mais atenta e mais participativa. Mais disponível não só para fazer aquilo que me pedem, não é isso, mas é ler nas entrelinhas, ler o que está para além do exercício que está a ser executado. Criando essa dinâmica, as coisas resultam de uma forma diferente. Seja na relação com os outros, seja na relação comigo mesma, seja na relação, eventualmente, com o público quando chegar essa altura. Seja na relação com os outros, não só no grupo do teatro, mas com a família, com os amigos, com as várias pessoas. Criar essa vontade, essa disponibilidade, essa presença de forma ativa neste projeto. As pessoas que foram assistir a esta peça, querem mesmo poder assistir a mais porque ficaram de tal forma satisfeitas, ficaram de tal forma agradadas com aquilo que foi apresentado que querem mais. O que é bom.</p> <p>[Na sua opinião o que é que funcionou menos bem e devia mudar no projeto "A meu ver" e num futuro espetáculo?] “Aquilo que eu já referi anteriormente: nós não tivemos noção da peça toda. Tivemos noção das várias partes em que fomos integrando. Foi isso: não assistimos ao espetáculo todo em que estávamos a participar. Não podíamos assistir, como é óbvio, mas podíamos ter tido conhecimento do texto de todos, para termos, pelo menos, uma ideia de uma sequência daquilo e ia sendo feito e não foi. Penso que isso seja um aspeto também a melhorar. Já foi tido em conta numa reunião que tivemos com eles, no encontro que tivemos com os encenadores e com a direção do Teatrão e com pessoal que está na organização deste projeto. Já falámos com eles nesse sentido. E trabalhar mais tempo, mais horas, de acordo com a disponibilidade de cada um. Mas podendo trabalhar mais vezes o que venha a ser proposto em termos futuros, em termos de dinâmicas propostas pelo Teatrão - de termos mais tempo para podermos também crescer enquanto pessoas, crescer enquanto potenciais atores e atrizes (poder crescer nesse sentido também). A presença no palco, a postura, a forma como falamos, a forma como interagimos uns com os outros. Tudo isso, que já</p>
-------------------	--

iniciámos, é certo, mas pode ser sempre melhorado e tem de ser melhorado. Penso que seja por aí, não estou a ver assim muito mais.

[Na mesma escala, qual é que é o seu nível de satisfação com o espetáculo em si? E porquê?] “Eu gostei muito do espetáculo. Eu acho que há sempre coisas que podem ser melhoradas e houve, porque também houve situações que se prenderam ali com a parte técnica, mas são coisas que acontecem mesmo em espetáculos com gente profissional da área do teatro. Não é uma coisa que aconteceu ali apenas connosco. Não é nesse sentido. As coisas acontecem com todos. Teve aquela situação, naquele sábado com aquele fumo, aquela espécie de intoxicação que levou àquele ataque de tosse e uma dificuldade em respirar e em falar, que parecendo outra coisa, não o era. São coisas que também podem acontecer, por isso temos que estar sempre disponíveis. Ter sempre um plano B na manga para o caso de acontecer alguma coisa. Eu diria, se eu puder dar, dou 3,5. Porque há coisas que podem sempre ser melhoradas, sempre. Gostei muito do espetáculo, acho que foi absolutamente fantástico. Mais pela reação das pessoas que foram ver e que gostaram muito. Várias disseram que viram o espetáculo que tinha toda essa parte da descrição, mas depois tinha também o lado cómico, o lado romântico, tudo integrado na mesma peça. E que gostaram muito por toda essa dinâmica na peça. Isto são pessoas que, não tendo qualquer tipo de problema ou incapacidade, falaram exatamente disso. A construção da peça tinha vários aspetos que foram importantes nessa dinâmica e que levou ao sucesso da peça em si. Agora, há sempre coisas que convém serem alteradas, serem melhoradas. Porque estamos todos a aprender a fazer teatro. Mas não só isso, a trabalhar uns com os outros. Os encenadores que não tinham experiência, por exemplo, a trabalhar com pessoas cegas ou com baixa visão. Nem o Teatrão tinha essa experiência. Isto tem sido um crescendo, vamos aprendendo ao longo do tempo a lidar com as mais variadas situações - da parte de quem integra o projeto e da parte de quem coordena e da parte de quem dinamiza o projeto.

[Para finalizar, o momento, para si, mais satisfatório da sua participação neste projeto e porquê?] “A própria participação foi o mais satisfatório de tudo. Foi a participação neste projeto, desde o início até aqui. Os aplausos são bons de ouvir, mas mais do que os aplausos, é a impressão que foi causada nas pessoas. Nas várias: em quem participou, em quem assistiu. As sensações que suscitadas nas pessoas que assistiram, que gostaram muito, que não estavam à espera, que excedeu as expectativas que possam ter criado em relação à peça ou não. São vários os parâmetros que eu coloco aqui no grau de satisfação. O que é que me trouxe mais satisfação? Na prática, foi todo o projeto, desde o início, ainda antes de nos ser apresentado, só o facto de ter sido criado, ter sido pensado, ter sido elaborado e ter sido proposto e ter sido aceite, isso já foi assim um passo absolutamente extraordinário na execução deste projeto, na participação deste projeto. E depois a vontade de participar e todas as dinâmicas que foram sendo construídas ao longo do tempo. Até à apresentação final, tudo isso é o grau de satisfação mais que me pode satisfazer. É tudo, percebe? É tudo em si. As vontades que se uniram no sentido de proporcionar este projeto e de poder participar nele. De poder ter participado e estar a participar. Ter recebido esse feedback muito positivo em relação à participação. Não só minha, mas de todos neste projeto.

[Existiu algum momento menos bom da participação no projeto e porquê?] “Quando fizemos o tal encontro, agora já final, para falarmos sobre o que se tinha passado, o que não se tinha passado, foi realmente a parte menos positiva, diria assim. Porque somos todos diferentes e temos formas diferentes de

	<p>manifestar as nossas opiniões, as nossas sensações, os nossos maus estares em relação a esta ou aquela situação. Chegou-se pois a um consenso, chegou-se depois a um entendimento - também chegou-se a esse entendimento -, mas começou de uma forma algo abrupta e levou a que as pessoas ficassem um pouco ... Uma avaliação foi feita de uma forma assim um bocado abrupta. Somos todos diferentes e temos todas posturas diferentes em relação à vida e formas de pensar e formas de estar. Houve quem reagisse de forma menos positiva, houve quem reagisse de forma assertiva. E é isso: temos que manifestar as coisas que nós achamos que podem ser melhoradas, mas eu penso que a assertividade, penso que é sempre importante que isso se manifeste e esteja presente. O espetáculo não é feito só por uma pessoa. É feito por um conjunto de pessoas, pelo trabalho e dinâmicas de toda uma equipa: quem dá a cara e quem, não dando, está por trás a permitir e a facilitar com que as coisas cheguem de forma perceptível e seja agradável em termos visuais e em termos auditivos para quem assiste. Estamos a falar em termos de várias coisas: da estética, da própria encenação, de toda a estética, de todo o envolvimento, do fio condutor, de tudo. Penso que, problemas acontecem sempre nas mais diferentes situações, independentemente de ser teatro ou não. Acho que, da nossa parte, temos que estar disponíveis para quando surge alguma situação que não está prevista, que possa acontecer, de termos forma de a conseguir ultrapassar, tendo sempre em conta que é um trabalho de equipa. Sendo um trabalho de equipa, essas situações poderem ser resolvidas em equipa. Que foi aquilo que aconteceu nesse sábado: o pessoal que estava na mesma cena da Tabacaria, conseguiram manter ali as coisas durante N tempo até que eu conseguisse finalmente articular texto. Nesse aspeto, foi fantástica, só tenho que lhes agradecer, porque demonstraram uma união, uma coesão ali na cena que foi realmente muito boa. Independentemente depois de eu me sentir muito mal depois disso, porque me senti assim miserável com a situação. Mas foi um trabalho de equipa, foi ali uma coordenação muito, muito boa e revelou esse entendimento e essa união entre as pessoas que estão ali na cena. Tenho que agradecer isso, sem dúvida. São aspetos, não quer dizer que isso tenha acontecido sempre nas outras cenas, porque não aconteceu. Aconteceu naquela apresentação, mas foi ver essa dinâmica. As pessoas não ficaram em pânico, não se engasgaram com a questão de texto e as coisas correm todas assim de forma o mais natural possível, sem haver ali desesperos ou comentários. Eu acho que havendo essa coesão do grupo e percebendo que há todo um objetivo que é comum, que há toda uma dinâmica, que fazemos parte dessa dinâmica, quando temos a perceção disso, quando fazemos isso é fantástico. Por isso, eu acho que isto só tem é mesmo que continuar. E estar sempre disponível para aprender.”</p>
Entrevistado/a 11	<p>[Numa escala de 0 a 4: 0 significa "nada satisfeito" e 4 "totalmente satisfeito", qual é que é o teu nível de satisfação com o projeto "A meu ver" e porquê? Satisfação com o projeto, não é com o espetáculo, é com o projeto de 3 anos.] "4." [E porquê?] "Por causa da iniciativa que a ACAPO teve em fazer um protocolo com uma companhia de teatro. Em vez de ser só o Teatrão (...) ajuda da ACAPO, assim uma coisa mais séria, com uma companhia de teatro, assim acho que é outra coisa. [Na mesma escala, qual é que é o teu nível de satisfação com o espetáculo em si, "O que é invisível"?] "Vou dizer um 4 também." [E porquê?] "Foi assim com o espetáculo, que já pude conhecer melhor o Teatrão. O Teatrão é um edifício muito grande, assim pelo menos já fico a conhecer o Teatrão. (...) o senhor (...) o mais velhote</p>

por causa do covid. Nós todos estávamos divididos em várias cenas, assim por causa do covid já não havia cá problema nenhum. (...) doentes, pronto.” **[Achas que foi também uma oportunidade do público, das pessoas cá de fora conhecerem o Teatrão por dentro.]** “Exato, exato, por exemplo. E também nos conhecerem a nós.” [...] “Quer dizer, eu já sei que sou um bocado chato, mas agora na peça, a minha personagem, ainda era mais chata do que eu sou. Não sou assim tão chato pessoalmente, sou um bocadinho menos chato.” [...] “até fiz, não sei se reparaste, deixei crescer a barba 15 dias e o cabelo. Não sei se já viste, entretanto já cortei a barba e o cabelo. Agora já pareço um rapaz novo até.” **[Mas deixaste crescer a barba e o cabelo para o espetáculo?]** “Sim, a barba foi para o espetáculo. Como a minha personagem era ajudante do trabalhador, como era muito ocupado, não tinha tempo para fazer a barba. Por isso é que deixei crescer a barba. Que é para ser da personagem. Em vez de andar a pintar a cara com tinta, deixei crescer a barba, pronto. Em vez de me pintarem a cara com tinta, deixei crescer a barba.” **[E na tua opinião, o que é que achas que funcionou bem e que se devia manter no projeto?]** “Sei lá. Tipo os encenadores, se for possível.” **[Manter os mesmos encenadores desde o princípio até ao fim do projeto?]** “Sim, se for possível. Agora já tenho boa relação com eles. Agora se não continuarmos com eles, é um princípio. Se tivermos de alterar encenadores, temos que voltar quase tudo à estaca zero. Assim, eles já sabem o que nós sabemos; assim já podem partir para outro projeto com nós a fazermos. Com muitos ensaios faz-se. **[E achas que outra coisa correu bem e que se devia manter?]** “Sei lá, não estou a ver.” **[E o que é que funcionou menos bem e devia mudar no projeto "A meu ver"? E num futuro espetáculo, achas que alguma coisa funcionou menos bem e que se devia alterar?]** “Ah, só se for tipo, os adereços da minha cena, aquilo foi tudo feito assim em cima do joelho. Podia ter sido preparado com um bocadito mais de paciência.” **[Aqui o tempo de preparação da peça em si e do guião, achas que foi pouco tempo?]** “Isso aí acho que foi tudo no tempo certo.” **[Mas estavas a dizer que precisavam de mais tempo, para quê?]** “Era tipo os adereços que tinham na minha cena, deviam ter sido preparados um bocadinho melhores, como é que eu hei-de explicar”. [...] “deviam ser um bocadito mais melhorados. Foi tudo assim feito em cima do joelho e deviam ser um bocadito mais melhorados. Mas, mesmo assim, desenrascou bem. Ainda eu ter andado lá com um cinto (...), lá na peça, teve uma chave no bolso - não era, depois era outra. Inventei o que eu podia, inventei. Eu andava (...) não sei quê e eu "pum", mandava uma cacetada na mesa. (...)” **[Qual é que foi para ti o momento mais satisfatório desde projeto e porquê?]** “Foi as partes finais do fim dos espetáculos, a parte do público a bater palmas. **[E o momento menos bom da participação no projeto e porquê?]** “Foi tipo na parte inicial, quando andávamos lá todos sentados. O X e a X [encenadores] estavam a ver se tinham ideias para escrever a peça. Porque estavam a escrever a peça toda de raíz. (...) um pouco para o paradinhos, estávamos sentados, calados. Mas depois passou-se. [...] **[Não tenho mais questões para te colocar. Queres dizer alguma coisa que não te questionei e que achas que é importante dizeres?]** “Quero que o projeto continue.” **[Depois dos 3 anos? Temos mais 2 pela frente, não é?]** “Se for possível, desde que haja participantes, isto não podemos parar. Desde que haja boa vontade e possibilidade.”

Apêndice 8 – Planeamento e guião do *focus group* A com o Teatrão

Planeamento e guião do *focus group* A com o Teatrão

Tema: O potencial e o valor das práticas culturais e artísticas na construção da identidade das pessoas cegas ou com baixa visão.

Objetivo do *focus group* A:

1. Analisar o impacto do projeto “A Meu Ver” no Teatrão e nos profissionais do Teatrão.

Introdução:

Apresentação da equipa de investigação.

Apresentação dos objetivos do *grupo focal* e da investigação em curso.

Apresentação e assinatura do formulário de consentimento informado.

Solicitação oral de autorização para gravação áudio do grupo de discussão.

Agradecimento pela colaboração.

Tempo estimado da discussão: cerca de 60 minutos.

Opening circle

Ronda de apresentação das pessoas participantes no grupo de discussão (nome, idade, profissão e função, entidade para quem trabalha).

Questão Introdutória

As artes podem desempenhar um papel importante na construção da identidade das pessoas com deficiência (Darling, 2003). Entre as artes, o teatro tem-se afirmado como uma prática cultural significativa dentro dos processos de resistência, na medida em que evidencia as capacidades e potencialidades de cada indivíduo (Muñoz-Bellerín & Cordero-Ramos, 2020). Como espaço de interações e interpretações, o conceito de imaginário proporcionado pelo teatro poderá servir para demonstrar o potencial que a prática teatral tem enquanto espaço que possibilita às pessoas oprimidas, neste caso pessoas com deficiência visual, expressarem os seus mundos e fazerem valer os seus direitos (Bellerín & Ramos, 2021).

Nesta linha de pensamento, como avaliam, em termos gerais, por um lado a promoção da cultura e das artes junto de pessoas com deficiência e, por outro, as possibilidades de acesso à cultura e às artes para pessoas com deficiência na cidade de Coimbra? Da vossa experiência qual o papel e esforços desenvolvidos pelo Teatrão na promoção da participação e criação artística das pessoas com deficiência na cultura e nas artes na cidade de Coimbra?

Questão de transição

1. Da vossa experiência, como podemos incentivar/promover a participação das pessoas com deficiência em práticas culturais e artísticas? (podem dar o exemplo de algumas estratégias aplicadas à cidade de Coimbra).

Questões Chave

2. O Teatrão desenvolve atualmente o projeto “A Meu Ver” que envolve a participação de pessoas com deficiência enquanto atores, neste caso, pessoas com deficiência visual. Gostaríamos que nos falassem dos vossos objetivos e expectativas com este projecto e que avaliação fazem da sua implementação e concretização dos mesmos?
3. Como se prepararam para trabalhar com esta população? Que medidas adotaram para trabalhar com estas pessoas enquanto actores e enquanto público? Como colocaram essas medidas em prática? Quais foram as principais dificuldades ou desafios, ao trabalhar com pessoas com deficiência visual?

Questão Final

4. Para terminar, gostaríamos que nos falassem das vossas expectativas futuras para o projeto “A Meu Ver”? O que ainda não foi alcançado e é importante que o venha a ser para o Teatrão? Quais os planos futuros para o trabalho encetado por este projeto?

Registo das condições do *focus group*

Local:

Dia e hora:

Condições do local (ruído, espaço público):

Estado dos/as entrevistados/as (pressa ou não):

Apêndice 9 – Planeamento e guião do *focus group* B com a ACAPO

Planeamento e guião do *focus group* B com a ACAPO

Tema: O potencial e o valor das práticas culturais e artísticas na construção da identidade das pessoas cegas ou com baixa visão

Objetivo do *focus group* B:

1. Analisar a participação da ACAPO no processo de criação artística, neste caso, através da sua presença nos ensaios para o espetáculo “O que é invisível”.

Introdução:

Apresentação dos/as investigadores/as.

Apresentação dos objetivos do *focus group* e da investigação em curso.

Apresentação e assinatura do protocolo de consentimento informado.

Solicitação oral de autorização para gravação áudio do grupo de discussão.

Agradecimento pela colaboração.

Tempo estimado da discussão: cerca de 60 minutos.

Opening circle

Ronda de apresentação das pessoas participantes no grupo de discussão (nome, idade, profissão e função, entidade para quem trabalha).

Questão Introdutória

- 1 .Para a ACAPO, qual a importância e as vantagens da participação de pessoas cegas ou com baixa visão em atividades culturais e artísticas?

Questão de transição

- 2 .O que levou a ACAPO a aceitar esta parceria com o Teatrão, na implementação do projeto “A Meu Ver”? Quais os objetivos iniciais da ACAPO com esta participação? e que avaliação fazem da concretização desses objetivos? O que já está concretizado e o que falta ainda concretizar? Qual a importância para a ACAPO, enquanto Instituição, na participação neste tipo de projeto?

Questão Chave

- 3.De que forma é que a ACAPO tem vindo a contribuir para a implementação do projeto “A Meu Ver”? Que tipo de trabalho de preparação prévia foi desenvolvido, quer com os profissionais do Teatrão, quer com os/as participantes no projeto? Qual o envolvimento da ACAPO e dos seus profissionais no desenvolvimento das atividades do projeto e na facilitação da participação dos participantes do projeto (nos ensaios do espetáculo “O que é invisível”)?

Questão Final

4. Para terminar, gostaríamos que nos falassem das vossas expectativas futuras para o projeto “A Meu Ver”? O que ainda não foi alcançado e é importante que o venha a ser para a ACAPO? Quais os vossos planos futuros para o trabalho encetado por este projeto?

Registo das condições do focus group

Local:

Dia e hora:

Condições do local (ruído, espaço público):

Estado dos/as entrevistados/as (pressa ou não):

Apêndice 10 - Consentimento Informado para realização dos *Focus Group*

Consentimento Informado – *Focus Group*

Investigação no âmbito do Mestrado em Sociologia

(1) Aceito participar de livre vontade no estudo da autoria de Susete Margarido (aluna da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra), orientado pelo Doutor Fernando Fontes e pela Doutora Cláudia Pato de Carvalho, no âmbito da dissertação de Mestrado em Sociologia, com o principal objetivo de analisar o papel e o impacto da prática teatral na construção identitária das pessoas com deficiência visual.

(2) Eu confirmo que os objetivos deste *Focus Group* me foram explicados e, me foi dada oportunidade de colocar quaisquer questões e esclarecer quaisquer dúvidas sobre o mesmo.

(3) Eu estou informado/a de que a minha participação neste estudo é totalmente voluntária pelo que poderei terminar a minha participação a qualquer momento, sem que tenha de dar qualquer justificação para a minha decisão e sem que daí advenham quaisquer consequências negativas.

(4) Eu fui informado/a de que a informação por mim fornecida será tratada de forma confidencial, será guardada e analisada de forma segura e será utilizada apenas para fins de investigação e divulgação científica.

(5) Eu fui informado/a de que a minha identidade nunca será revelada em qualquer relatório ou publicação, a menos que tal me seja solicitado e por mim autorizado por escrito.

(6) Eu fui informado/a de que poderei cessar a minha participação no estudo a qualquer momento, de que poderei aceder aos meus dados se assim o desejar, e de que poderei ainda solicitar a sua modificação ou eliminação.

(7) Eu autorizo a gravação áudio do *Focus Group*, nomeadamente, as minhas intervenções, para os fins científicos considerados convenientes, nomeadamente a transcrição e análise dos dados recolhidos e respetiva utilização em atividades de disseminação científica.

Nome e assinatura do/a participante

Nome:

Assinatura:

Data: ____/____/____

Nome e assinatura da pessoa da equipa de investigação

Nome:

Assinatura:

Data: ____/____/____

Apêndice 11 - Transcrição do *focus group* A com o Teatrão

Registo das condições do *focus group*

Local: Teatrão – Oficina Municipal do Teatro

Dia e hora: 08 de agosto de 2022, 17h

Condições do local (ruído, espaço público):

Estado dos/as entrevistados/as (pressa ou não): bastante prestáveis e disponíveis, sem pressa nas respostas e no desenvolvimento das mesmas.

Transcrição

Legenda:

E1 – Moderador 1 – CES-UC, Doutora Cláudia Carvalho

E2 – Moderador 2 – CES-UC, Doutor Fernando Fontes

e1 – Direção Teatrão

e2 – Direção Teatrão

e3 – Encenador do grupo de participantes do projeto “A Meu Ver”

e4 – Encenador do grupo de participantes do projeto “A Meu Ver”

E1 – Em relação ao tema geral, que é o tema do trabalho que a Susete tem vindo também a desenvolver com o Teatrão e em particular com o “A Meu Ver”, tem haver com o potencial e o valor das práticas culturais e artísticas na construção da identidade das pessoas cegas ou com baixa visão. O tema abrangente. Especificamente neste grupo focal é nossa intenção perceber melhor o impacto do “A Meu Ver” no Teatrão e, em particular, nos profissionais do Teatrão. Portanto, nas pessoas que trabalharam direta ou indiretamente com o grupo. E se calhar podíamos começar por uma pergunta mais geral que é, como é que vocês avaliam, em particular e agora começando pela cidade de Coimbra antes de passarmos ao Teatrão em particular, a promoção destas atividades ligadas à cultura e às artes junto das pessoas com deficiência? Como é que avaliam, em termos gerais, as possibilidades de acesso à cultura e às artes para as pessoas com deficiência, na cidade de Coimbra? Começando por aí, essa avaliação um bocadinho mais global.

e1 – Isto do ponto de vista dos espectadores?

E1 – Não necessariamente só.

E2 – Enquanto espectador e enquanto ...

e2 – Criador?

E2 – Sim. Sim.

E1 – Não só vocês como criadores e como artistas. Como pessoas diretamente envolvidas num projeto desta natureza, tem uma visão certamente diferente de um espectador que, se calhar há coisas que não vê, não é? Ou, não identifica como sendo problemáticas ou, sendo... era perceber um bocadinho aquilo que vocês pensam ou, como vocês veem quando conhecem muito bem os espaços culturais da cidade, não é?

E2 – Por um lado é a promoção da cultura e das artes para pessoas com deficiência e, por outro lado, as possibilidades de acesso das pessoas com deficiência a...

e2 – São duas coisas diferentes. Porque uma coisa é tu fazeres criações que à partida tu pensas logo...das duas uma... ou pensas nas questões do acesso a essas pessoas ou, podes criar especificamente um projeto ou, com pessoas com deficiência ou, para pessoas com deficiência. Há de uma maneira geral, parece-me, uma maior visibilidade da questão. Há até uma grande discussão que eu acho interessante sobre esta questão da inclusão ou esta questão das acessibilidades de determinar uma linguagem, uma nova linguagem na arte contemporânea. Ela ser neste momento o alimento de uma nova linguagem na arte contemporânea. Mas há sem dúvida nenhuma, também porque eu acho que nos últimos anos foram criados alguns instrumentos que permitiram tornar este assunto um bocadinho mais presente junto dos criadores e dos espectadores. Desde logo com alguns programas de financiamento, o PARTIS faz parte de um programa que tem, na última década, trabalhado muito estas questões, mas a própria Direção Geral das Artes começou a dar alguns passos com a criação de linhas de financiamento e, tem havido, na questão das acessibilidades, uma discussão grande sobre isso. Também algum ordenamento do território, a rede de Teatros e Cineteatros onde estas questões começam agora a estar presentes. De toda a maneira, até pela experiência que tivemos no Seminário ou, por exemplo, pela forma como nós lançamos o repto a todas as Associações de Coimbra para participarem no Seminário, ou, conhecendo os equipamentos da cidade e as suas programações, parece-me ainda muito incipiente, não é? Uma questão ainda muito no princípio. Obviamente que, o facto de dentro do Teatrão nós termos um grupo específico e um projeto específico que trabalha estas questões, para nós tornou mais fácil que na programação tivéssemos algum sucesso. Temos um número de participantes cegos a ver espetáculos que, se não tivéssemos este projeto era muito mais difícil congregar.

e1 – É verdade. É uma das coisas que é apontada pelas outras estruturas, nomeadamente, estruturas com quem nós lidamos, até na rede... já tinhas falado disso não é?

e2 – Sim, na rede de programação acessível que é, as pessoas têm muita dificuldade em mobilizar. Ou seja, também como nas outras áreas, eu acho que esta não é uma área diferente das outras, o trabalho que nós fazemos de mediação por exemplo, com público jovem, com públicos adolescentes, com outros grupos...é um trabalho de mediação que eu acho que é também absolutamente necessário também nesta área e que não é feito pela maioria dos sítios.

E2 – Porque é que esse trabalho de mediação não é feito?

e2 – Porque custa muito tempo, custa muito dinheiro, mas principalmente porque consome muitos recursos. A mediação, mas isso tem muito haver com o ADN do Teatrão. Nós crescemos assim. Na verdade, nós evoluímos assim. Nós somos um teatro que tem uma matriz um bocadinho diferente porque nós não fazemos ou, não concebemos fazer nenhum espetáculo sem mediação. E por isso é que há uma data de programas de mediação a acontecer na estrutura. Mas outros teatros não. Teatros que funcionam só com programação de acolhimento e que não tem a criação misturada, o TAGV. É um espaço de acolhimento só, e programação. Nesse caso a mediação é sempre mais difícil, porque se tu aqui combinas uma data de programação que vem e só apresenta um espetáculo ou dois, ou três...com as tuas próprias criações que tens durante 5 semanas ou 4 semanas, e que te permite um trabalho de fidelização e de relação regular com as estruturas, com os grupos, com os diferentes segmentos da comunidade, se tu só fazes... estás sempre a mudar, não é? Estas sempre em montagens. Como o Convento de São Francisco, não é? Estás sempre a montar a desmontar, a receber, é muito mais difícil.

E1 – Sim, o foco aí é outro. Tem outros objetivos.

e2 – Sim, é muito mais...tudo bem que tu fazes um trabalho e podes fazer um trabalho de mediação, de apresentação da programação, de dizer “olha, vamos ter isto tudo”, escolas,

peçoal...pessoas de idade maior, mas é diferente. Aqui a mais valia mesmo, eu acho, é mesmo o endurance. O trabalho regular. O teres permanentemente a casa aberta com...parece-me a mim. Mas ainda assim, acho que por um lado, as várias iniciativas que nós temos desenvolvido de contacto com os outros agentes culturais, seja as coisas que promovemos com a Acesso Cultura, seja mesmo agora no Seminário, deu para começar a perceber quem são os agentes culturais que estão mais posicionados, há mais tempo. Posicionados com estas práticas. Ou, mesmo nos próprios sítios as pessoas que tem mais sensibilidades para determinadas coisas. Eu identifico, por exemplo, na equipa do Convento de São Francisco, há uma ou duas pessoas que tem um perfil e uma sensibilidade para estas coisas. O Machado de Castro que tem trabalho feito já anterior. Curiosamente, alguns sítios que não são agentes culturais, mas que, potencialmente, são sítios a quem isto interessa, até algumas IPSS's, escolas...os níveis de participação fazem-nos perceber que há uma data de trabalho para ser feito.

E1 - Mas mesmos esses, como é que tu vês a forma como eles se dedicam... porque o foco aqui é as pessoas... a promoção das atividades culturais que eles dinamizam e criam junto das pessoas com deficiência. Há essa preocupação maior nesses que tu identificas como estando mais atentos a esta questão da mediação?

e2 – Não. Assim de princípio não. Porque isso implica uma mudança muito grande.

e1 – Porque às vezes o que acontece é que é parece uma coisa pontual. No caso da programação de espetáculos, eu acho que neste momento estamos a atravessar uma altura em que isso é um assunto que “vende” também.

E1 – Que está na “berra”.

e1 - Então, na verdade, há muitos espetáculos que são... Eu acho que às vezes há certos espetáculos...do ponto de vista dos espetáculos também há espetáculos onde o interprete tem algum tipo de deficiência e depois é assumida ou, há aqueles espetáculos mais “nesta onda” que é “as vítimas” e a própria construção do espetáculo de repente vale só por causa daquela característica. Não tem nada haver com o que está a acontecer é só porque aquela pessoa...pronto. Mas eu acho que também é perverso por causa disso, porque de repente, tu fazes aquele espetáculo, apresentas ou acolhes e não há um trabalho continuado.

e2 – Nós falamos muito, inclusivamente, sobre isso. Porque, por exemplo, quem era? Era uma criadora qualquer que esteve no Dona Maria, fez um espetáculo como interprete e...e...ela é uma pessoa com deficiência. E toda a gente comprou o espetáculo, era um espetáculo que vinha de França. E depois fez uma outra criação em que era coreografa e ninguém comprou o espetáculo. Não conseguimos... Porque de facto, há uma mediatização, mas que tem lado...e isto é o problema da representatividade, parece-me a mim, que é um problema grave, seja a esse nível seja a outros. Nós discutimos muitas vezes por causa das quotas, teres afrodescendentes, teres pessoas com deficiência, teres não sei o quê... Ou a mudança é estrutural e é de raiz. Por isso é que eu digo, o Teatrão tem uma matriz de trabalhos já, que há partida permite um trabalho mais fácil, porque tem uma componente muito forte de mediação. E o facto de ser uma estrutura de criação permite que estes projetos se desenvolvam a par da criação e que as coisas quando são assumidas, são assumidas para mudar, pronto. Para mudar.

E2 – E isso não acontece noutras espaços da cidade?

E1 – Ou noutras estruturas culturais e artísticas?

e2 – Não.

e4 – *Que eu conheça não. Aquilo que eu conheço são iniciativas pontuais, projetos pontuais, que acontecem naquele momento e que depois não tem um lastro.*

e2 – *Tirando o vosso trabalho...tirando o trabalho de continuidade que existe nas salas de teatro da Conraria. Eu não sei... tirando o 5ª Punkada, eu não conheço mais nenhum projeto de raiz de continuidade artístico ou de formação. Por exemplo, o trabalho da Madalena Victorino com [não perceptível].*

e4 – *Sim, sim. Foi pontual.*

E1 – *Exatamente, sim.*

e2 – *Foi pontual. Foi interessante, foi muito interessante, criou uma data de expectativas. É este o problema das coisas efémeras que nós discutimos muito na Rede Artéria. Tu chegas a uma comunidade específica, fazes uma coisa, aquilo foi espetacular, as pessoas ficam altamente entusiasmadas e depois... tchau! Estas a ver? Isso ainda é pior. Porque eu acho que isso é... isso é terrível. Tu comesças um trabalho e depois abandonas as pessoas.*

e4 – *É quase perverso como J estava a dizer.*

e1 – *Estás a desfraldar as expectativas delas, não é? Porque elas entregam-se.*

e2 – *E tu dizes “Ah, somos iguais” ... “então mas não somos?”... “Ah, agora fomos fazer ali à Arregaça” ... “agora de repente vamos embora” ... “então, mas não somos todos iguais?” ... “então, mas não somos da cidade?”. Estás a ver? Estamos a falar neste caso de pessoas com deficiência, mas podíamos falar...*

E2 – *Sim, este trabalho de mediação que falavas. Pelo que eu percebi há uma diferença entre fazer esse trabalho de mediação junto de diferentes grupos que compõem a sociedade. Existe diferença, por exemplo, nessa mediação junto de grupos jovens, na captação de jovens, na captação de pessoas com deficiência? Está mais desenvolvido noutras áreas do que nesta? Que diferenças existem e porquê?*

e2 – *Muita diferença, muita diferença. Porque há uma desconfiança. Porque como não há oferta normalmente, as pessoas não estão habituadas a ter esse tipo de atividade, a oferta desse tipo de atividade, elas olham com muita desconfiança.*

e4 – *E depois há muitas barreiras, não é? Quer dizer...imagina tu vais trabalhar um grupo de jovens sem deficiência e vais trabalhar com um grupo de jovens com deficiência. Estamos a falar de jovens porque tu colocas-te essa faixa etária, mas podia ser outra, mas...*

E2 – *Exato. Podiam ser migrantes, podiam ser...*

e4 – *Tu dizes assim “é muito mais difícil tu trabalhares com um grupo de pessoas com deficiência”. Porque há uma serie de barreiras que tu tens de ultrapassar até chegares ... até aquele grupo conseguir trabalhar todos os dias contigo ou, trabalhar contigo 2 vezes por semana o tempo que tu quiseres, não é? E conseguires chegar ao sítio que tu queres, conseguires estar tudo no sítio que tu queres, ter as suas necessidades básicas asseguradas, como o muitas vezes, alimentação, como muitas vezes hígienes, idas à casa de banho. Porque isto é muito difícil, é uma dinâmica muito difícil e que implica uma logística gigante. E às vezes é muito difícil ter um acompanhante para estar contigo. Portanto, é muito mais fácil tu juntares um grupo de jovens sem deficiência porque se calhar, de uma forma mais autónoma chegam a um sítio,*

porque se precisarem de ir à casa de banho vão, porque se quiserem comer um lanche a meio vão e mesmo os horários, são completamente diferentes, não é?

e2 – O mais parecido, que nós também temos a experiência, pela logística, pela falta de independência, nalguns casos, são os idosos.

E2 – Mas aí é diferente porque é noutros sítios, não aqui.

e2 – Não. Aqui também. Nós muitas vezes damos aulas em sítios que ... não é? Fazemos aulas fora, fazemos projetos fora.

e1 – Mas isso depende também muito dos parceiros. Eu estava a pensar, no caso das barreiras há uma ... por exemplo, nós temos aqui uma questão com o “A Meu Ver” que é curioso. Por exemplo, nós para fazer divulgação dos espetáculos que fizemos com audiodescrição, nós pedimos à ACAPO para fazer divulgação junto de todos os sócios e, como eles internamente estão com aquelas questões todas com a direção, tudo tem de ir a Lisboa. Então, eles não divulgam nada que não vá a Lisboa e que não tenha uma resposta positiva. O que acabou por acontecer foi que, havia pessoas ligadas à ACAPO ou não ligadas, mas algumas, que nós começamos a ter vínculo direto com elas...

E1 – E não através da ACAPO.

e1 – Não através da ACAPO...Porque o facto de elas virem, nós estabelecermos uma relação, dizer “olha é aqui”, “é assim”. Esse vínculo permitiu-nos já não precisar da ACAPO. Porque a ACAPO não nos permite sequer... Por exemplo, houve uma altura em que nós dissemos “ah, nós vamos à ACAPO porque eles estão a ter uma formação e nós falamos”. Não pode. Não dá. Então, a partir do momento que nós começamos a fazer um vínculo direto com os próprios, que é público, fica tudo muito mais fácil. Ou seja, estou a dizer isto porque até a própria ACAPO, provavelmente serviria para desbloquear coisas, às vezes também não é tão fácil assim...

e2 – Excesso de burocracia nas estruturas...no caso aqui que nós nunca pensávamos que fosse assim.

E2 – E de centralização, neste caso. Isto depende das Associações, não é?

e2 – Depende muito. Depende muito.

e4 – E depois há uma serie de questões que também associadas a isso. Não estou a dizer que aqui é pior do que fora, mas por exemplo, eu estive num projeto em Nantes em que é uma cidade super acessível em que as pessoas que andam em cadeira de rodas participam em tudo o que está relacionado com a vida cultural. Querem ir ao teatro, vão ao teatro, porque todos os meios de transporte são acessíveis, todos os autocarros, toda a linha de metro é acessível para as pessoas que estão em cadeira de rodas. Ou seja, percebes? Por exemplo, eu trabalho num outro sítio e se eu quiser sair com pessoas em cadeira de rodas tenho de ir na carrinha da APCC e nós temos uma linha de autocarro que para à porta, e não há um autocarro, nós não conseguimos um autocarro acessível que faça aquele trajeto. Há aqui uma serie de questões. Eu estou a falar de transportes, mas à uma serie de outras, não é?

E1 – Fala um bocadinho sobre essas outras, porque essa era a segunda parte questão. Que é, as possibilidades de acesso que são dadas às pessoas com deficiência, de acederem a atividades, a espetáculos, etc...

e4 – Eu acho que aqui...

E1 – *Em Coimbra, em particular.*

e4 – *Eu acho que está a ser feito um esforço. Acho que cada vez mais está a ser feito um esforço para que as pessoas com deficiência, seja de que tipo for, irem assistir a... poderem ter acesso a espetáculos, poderem ter acesso à oferta cultural da cidade. Ainda assim, ainda assim, acho que as pessoas se resignam um bocadinho sabes? Como não estão habituadas, ou seja, na verdade precisam de ser estimuladas, precisam que lhes digam, como dissemos ao nosso grupo, “olhem venham”.*

e2 – *Mas isso é mediação.*

e4 - *“Olhem vocês vão conseguir usufruir da experiência de igual forma ou, de uma forma diferente, mas que é completamente válida”, é preciso haver este incentivo...*

E1 – *Ou seja, aquilo que estas a dizer é que para além das possibilidades de acesso, há outro trabalho que é preciso fazer em paralelo.*

e4 – *Não só o trabalho de mediação, mas também dizer às pessoas que elas tem lugar nestas estruturas, que elas tem lugar nesta oferta cultural. Porque muitas vezes as pessoas não sabem porque nunca lhes foi dito, nem nunca tiveram, ou seja, porque nem toda a gente tem o mesmo tipo de grau de ensino, de oportunidades na vida para poder ter acesso à oferta cultural. Não lhes foi dito assim “olha tu podes ir ao teatro”. Porque a partir do momento que nasces ou que nasces e tens uma deficiência e há uma serie de portas que te são fechadas ou que nunca te foram abertas porque era impossível. Porque tu chegas e tens um degrau, ou porque tu chegas e não te consegues orientar. Tu acabas por te fechar e dizer “não, não vou” ou, se calhar nem colocas essa hipótese de ir, porque achas à partida que não vai ser acessível, não vais ...*

e2 – *Ou não vais gostar, não é? Ou o teu contacto com a atividade cultural e artística nunca aconteceu. E nós sabemos isso do público em geral, não é? Sabemos o grau de dificuldade que nós temos, por isso a questão da mediação é tão importante para o Teatrão, porque está muito ligada à génese da companhia, às questões com a educação artística e à defesa que a atividade artística devia fazer parte do ensino público, que as escolas deviam ter um acesso e uma prática artística nos seus currículos, quer dizer... isto faz parte um bocadinho da nossa filosofia de trabalho. Portanto estas questões do acesso são-nos muito caras, mas ao mesmo tempo também, às vezes até pode haver vontade, mas isso também julgo que devem ter algum tipo de pergunta sobre isso. Há também uma necessidade dos agentes culturais e das equipas, e do próprio município ou, das pessoas que pensam as políticas culturais de terem uma formação específica nesta área. O que nós vemos é, nos departamentos de cultura, nas CCDR's, as pessoas que, na verdade deviam defender o financiamento na área cultural e artística das cidades ou, pensar as políticas para a cultura são pessoas que, na verdade, não tem uma formação específica nesta área. Isso já é grave. E quando estamos a falar especificamente das questões da acessibilidade, mais grave é.*

E2 – *Na área da cultura.*

e2 – *Estou a falar na área da cultura. Tu não tens, tu tens uma data de técnicos municipais que estão agregados nos municípios às áreas da cultura e tens muita dificuldade em teres pessoas formadas especificamente nesta área. E depois, tens ainda uma instrumentalização da cultura pelos municípios como o sítio que faz a festa, mas tens muita dificuldade em perceber nos municípios o que é uma política para a cultura. Olha, neste por exemplo, estamos à espera de perceber qual é. Porque nós funcionamos todos por ciclos políticos, de 4 anos, as pessoas que foram eleitas agora já estão a pensar como é que vão ser eleitas. Elas na verdade, o nosso*

problema é não conseguir perceber as reformas que são precisas fazer e que demoram 10, 20 anos. Onde é que nós queremos estar daqui a 20 anos? Isso é impossível pensar. Portanto, a cultura não se faz num “fugaz” de um dia para o outro. Por exemplo, num certo sentido nós temos muita sorte, porque temos adquirido alguma estabilidade, porque temos um espaço que programamos e isso permite-nos bastante autonomia, alguma viabilidade financeira que permite essa regularidade e dizer assim “ok, nestes próximos 4 anos vamos querer fazer isto”, “nos próximos 8 apontamos para ali”, não é? Mas não somos acompanhados por quem decide estas coisas nas cidades. E o público fica desorientado. Porque é um pouco como nas redes sociais, “agora o que está a dar é isto, agora o que está a dar é aquilo”. Mas as pessoas não vão a tua casa dizer assim “olhe, quer vir ao teatro hoje? Nunca experimentou. Venha lá que se calhar vai gostar. Vá lá, vai aqui com o seu vizinho e tal e não sei quê...”. Então, na verdade, a maioria não sabe do que é que estamos a falar. E depois há, parece-me neste caso, vocês saberão melhor do que eu, mas daquilo que eu observo, há uma falta de auto estima já inerente a estas características muito específicas que estamos a falar das pessoas com deficiência que já por si, há aqui uma necessidade de emancipação também perante as comunidades, perante os círculos sociais, a família. Criar uma certa independência e autonomia que isto pode ajudar imenso. “Ah, eu hoje vou sair, vou fazer uma coisa diferente. Não vou ficar em casa. Eu vou fazer”. E nós vemos isso pelos programas normais, as classes de teatro tem muito sucesso com adultos porque as pessoas precisam de um “escape”. Precisam de fazer alguma coisa na sua vida e ocupar o tempo de outra maneira porque o tempo é todo consumido em coisas que não as satisfazem. Nomeadamente a nossa relação com o trabalho é uma coisa muito terrível e... e..., mas eu tenho muita..., gostaria muito que a cidade nos próximos 5 anos muda-se um bocadinho do ponto de vista da programação e dessas questões.

E2 – Era isso que eu ia perguntar.

e2 – Ah?

E2 – Era isso que eu te ia perguntar. Em termos de política da cidade na área cultural, que relevância tem a questão da inclusão das pessoas com deficiência nessa política?

e2 – Nenhuma. Praticamente nenhuma. O que eu acho é que...

E2 – E que incentivos é que são dados às Instituições?

e2 – Acho que nenhum. Eu posso estar enganada, mas até o próprio programa que já existia do Machado de Castro para cegos, ele não é nada conhecido.

E2 – E para pessoas com Alzheimer também.

e2 - Para pessoas com Alzheimer também.

E1 – É muito pouco divulgado. Tens a questão da divulgação e como e que tu chegas às pessoas.

e2 – E atenção, eu estou a dizer para o público em geral. Eu não sei o trabalho que eles fazem com as comunidades específicas e com as instituições e com...e parece-me que é um trabalho já longo e que tem... mas eu acho que é fundamental que esta comunicação, ela exerça também o seu papel junto da comunidade. Porque é uma maneira... é muito interessante ver a relação que o público dito “habitual” tem em ver um espetáculo com pessoas cegas. Isso tem um grande impacto perante o resto do público, que eu acho que é absolutamente necessário. Misturar as pessoas. Eu ir a um espetáculo e não olhar para aquilo como uma coisa estranha “ah eu hoje fui ali, vê lá que estava...”

e1 - *Sim, mas para isso é mesmo preciso um investimento, até do ponto de vista financeiro, grande. Porque o que eu acho que estamos a dizer é que é sempre extraordinário, essas sessões são extraordinárias. Quando tens...*

e2 – *Tornar isto uma prática regular é caríssimo.*

E2 – *Mas porquê? Que custos?*

e1 – *Por exemplo, uma coisa simples que nós poderíamos fazer e nem sequer está relacionada com a audiodescrição. Se nós em todos os espetáculos tivéssemos legendagem para por exemplo, para as pessoas surdas, que não ouvem. Mesmo que não tivesse lingual gestual, é caríssimo. Para isso, nós às vezes nos orçamentos é difícil. Para isso teríamos de ter um técnico todas as noites extra estrutura para fazer as questões da legendagem, teríamos de ter material específico ligado com os painéis, teria de ser contratualizado também a passagem do texto original, porque as vezes não é aquele texto todo, por causa da velocidade...bom, há toda uma data de circunstâncias e de especificidades com que nós nos estamos agora a deparar...*

e2 – *São lógicas de mercado. Porque ainda é uma exceção, ainda é tudo caro.*

E1 – *Certo.*

e2 – *Se já fosse normalizado, o acesso, seria muito mais barato.*

E2 – *Nós vamos à ópera e na ópera tem sempre a legenda, não é?*

E1 – *Mas há outras formas de promover essa participação, não tem haver só com o ir ver espetáculos. Ou seja, esse outro trabalho que o Teatrão faz, também ajuda a normalizar.*

e2 – *Sim. Mas ver espetáculos é fundamental.*

E1 – *Eu não estou a dizer que não, estou a dizer que as duas coisas, se elas...*

e2 – *Agora as duas coisas culminadas é...*

e3 – *Porque pode não haver sequer a necessidade das pessoas com quem trabalhamos de ver espetáculos. Se elas não sentem que a linguagem teatral é criada para eles, que contempla algo deles na criação. Não estou a dizer que ela tenha acessibilidade física para ser vista, nem estou a falar de uma representatividade folclórica de metermos isto aqui porque sim, porque fica numa dimensão exótica apenas de lá estar. Mas essa noção de se começar a promover cada vez mais atividades com a participação de pessoas com deficiência, vai fazer com que a estética vigente da arte comece a contemplar essas pessoas também no meio. E também, às vezes, é um exercício de humildade nossa de perceber que talvez não tem de existir uma necessidade prévia nas pessoas com deficiência. Ou seja, aqui trata-se de fazer uma coisa ao mesmo tempo. Trata-se de fazer esta simbiose de apresentar e fazer, deixar que as coisas contaminem, eu acho que sim.*

E1 – *Vocês notaram isso (desculpa interromper-te) nos participantes do “A Meu Ver”. Se calhar muitos deles nunca tinham ido a um espetáculo, imagino eu. Vocês notaram que no processo do “A Meu Ver” criou vontade nas pessoas de ver espetáculos?*

e3 – *Sim, eu acho que é uma coisa muito factual. Se formos a ver, o primeiro espetáculo com audiodescrição teve pessoas que estavam como participantes cá nos ensaios e da ACAPO. Nos*

espetáculos seguintes começou a ser mais frequentado por pessoas que estavam a participar. Isso é quase factual, a questão de verem e fazerem. Acho que sim.

e1 – Eu acho que aí, pronto... tem de existir uma certa, por causa disso que estás a dizer da humildade, quem programa ou quem cria também tem de abrir mão de algumas coisas, que eu acho que é uma coisa que, progressivamente, também começamos a fazer. Porque para tratar das questões de acessibilidade há questões, há outras soluções que se tem de encontrar do ponto de vista às vezes até artístico, para que o espetáculo continue a ter a excelência artística que as pessoas querem, mas ter algumas características que permitam que as pessoas...sei lá... penso nas questões com que nós nos deparamos.

e2 – Pois, eu acho que é um pouco isso que ele está a dizer e que eu referi há pouco. Que é, isso dar origem a uma nova maneira de trabalhar e tu não te protegeres em relação a isso. Porque se eu tiver um tradutor a trabalhar comigo em cena e eu estou a fazer o espetáculo, ele na verdade, está a contracenar comigo. Ele não é o tradutor que está ali de lado, a fazer umas coisas que eu nem sei o que são. Estás a perceber? Ou seja, o impacto que isso gera junto dos próprios artistas tem de ser assumido. Por isso é que eu te digo, é uma mudança estrutural a vários níveis: no funcionamento do teatro, nos criadores. Tu vais fazer um espetáculo, tu tens de estar disponível para dizeres assim “há bué coisas que eu não sei”.

E1 – Que coisas foram essas que vocês, concretamente, se foram apercebendo que mudaram ou que tiveram de ser adaptadas? O J estava a começar a dar alguns exemplos. Que impacto é esse, em termos concretos, das pequenas adaptações ou dessa...

e1 – Se pegarmos no caso concreto do “O que é invisível” há questões até de...

e4 – Eu acho que fomos ganhando o grupo em termos de autonomia, em termos de comprometimento com o trabalho, com as propostas. Eu acho que o facto de não só participarem, mas também assistirem, criou uma motivação e, não queria dizer um comprometimento porque pode ser uma palavra um bocadinho ambígua. Ou seja, ensina-te a ver que tens de dar mais de ti, tens de estar, tens de investir, tens de estar mais disponível para participar. Para a tua participação. Eu estou a falar concretamente no grupo do “A Meu Ver”, não é? O facto de tu ires ver espetáculos, dá-te um conhecimento, uma referência para o teu desempenho no trabalho enquanto interprete no grupo. Ou seja, é tu perceberes que não é com dois que consegues, há uma maior valorização do trabalho. E acho que há um certo espelhamento também... “fogo, eu estou a fazer isto, eu tenho de dar de mim, eu tenho de estar, tenho que me comprometer, tenho que... e, depois, na verdade, acaba por se tornar um hábito neles. “Ah, tu vais ao espetáculo, eu também vou!” Acho que não houve espetáculo nenhum em que nós não tivéssemos nenhum participante do grupo com audiodescrição, acho que tivemos quase sempre participantes do grupo.

e1 – Mas tu estás a dizer com coisas mais concretas.

E1 – Sim, isso que tu estás a dizer também...

e1 – Nós aqui, acho que houve algumas coisas, no caso concreto da montagem do espetáculo que nós nos fomos apercebendo. Por exemplo, desde logo, nós depois tivemos de ter uma equipa de pessoas que...

e2 – Tivemos que ter uma equipa, por exemplo, muito maior de frente de casa. Tivemos de ter uma equipa de apoio logístico, por exemplo, como é que eles se vestem, como é que eles se despem. Como é que eles se sentem confortáveis, como é que tu respeitas a privacidade sem ser intrusivo, mas ao mesmo tempo acompanhas. É toda uma aprendizagem. Ao mesmo tempo

não os queres tratar de maneira infantil e respeitar a dignidade e a independência deles e dizer ao mesmo tempo, estou aqui. E às vezes isso é mal lido, não é? Às vezes isso é difícil de gerir, porque também tem haver com... é tudo subjetivo. Tem haver com a subjetividade de cada um. Há pessoas que não aceitam a sua condição ou que tem uma relação com isso muito difícil. Há e nós sabemos disso, pessoas que aceitam mal a sua condição, não tem isso resolvido do ponto de vista da sua relação social e da sua relação familiar e da... E isto também é uma coisa que te põe à prova nesse sentido, porque te desafia. Desafia a estar com o outro, a ter que, às vezes, negociar a tua posição num grupo de trabalho que é uma coisa que nós hoje em dia, em qualquer grupo e em qualquer idade, é muito difícil fazer. As questões do compromisso são muito difíceis. Mas aqui, do ponto de vista do funcionamento do teatro, muda muitas coisas. Tu tens uma necessidade de... e ao mesmo tempo isso é interessante porque tu pensas assim: isso também, de alguma maneira, calibra um pouco esta tua relação de um para um que, na verdade, devia ser assim com toda a gente. Estás a ver o que estou a dizer? Às vezes quando dizes assim “ah, precisas de ter um...”, vamos cortar o balcão porque temos de ter um balcão mais baixo para as pessoas não estarem assim ou assim. Ou, tens de sair do balcão quando está alguém de cadeira de rodas ou... e fazeres essa operação, na verdade, obriga-te a pensar sempre e a afirmar sempre um pouco essa ideia de que deves perder um pouco mais de tempo com cada pessoa. Então isso tem um impacto também na forma como tu lidas com o resto do público. Por isso é que eu estava a dizer que é muito importante para o resto do público ver com normalidade e regularidade pessoas de cadeira de rodas, cegas, surdas, autistas...

E2 – Na vossa opinião são estes fatores, os custos acrescidos, a necessidade de acolher as pessoas com deficiência, a falta de acessibilidade dos espaços. São esses os fatores, são os únicos fatores que inibem a criação nesta área?

e2 – Não. Não. Não.

E2 – Ok.

e2 – Não. Acho que atrás disso tudo, está alguma falta de conhecimento e alguma falta de preparação para isto. O que eu digo assim...conhecimento. A profissionalização deste setor da cultura é uma coisa, vamos lá ver, que é uma dificuldade e agora vamos falar especificamente da cidade de Coimbra. Coimbra tem uma característica que é muito boa, mas ao mesmo tempo é muito má. Tu tens uma dinâmica universitária, isto, aquilo, não sei quê...que gera uma data de movimento artístico, certo? Tu tens uma data de grupos que são originários... todos nós começamos a fazer teatro universitário, fizemos não sei quê... os outros fazem dança profissional não sei o quê...mas isso inibe a profissionalização de facto. “Ah, eu danço, mas também sou investigador”, “Ah, mas não sei o quê, mas também dou aulas”... Estruturas profissionais que vivam daquilo, que só façam aquilo, temos muito pouco. Muito pouco. Estruturas que de facto tenham financiamento, façam, tenham contratos de trabalho com pessoas. Tens muito pouco em Coimbra. Muito pouco. E isso inibe tudo o resto. As pessoas não são de facto profissionais da área.

E2 – E essa profissionalização mudaria em quê, nesta área?

e2 – Para já tem de ter mais conhecimento. Nós não andamos aqui assim... é como seres médico, tens de estudar, tens de saber do que é que estás a falar, não é? Nós queremos fazer este projeto, então, por um lado vamos buscar pessoas que sabem mais do que nós, vamos buscar pessoas que nos ensinem e que discutam connosco para nós podermos evoluir. E vamos estudar. Vamos ler, vamos perceber, vamos chamar os Espanhóis para saber como é que eles fazem. Fazem de maneira diferente de nós? Se calhar até fazem pior. “Ah não sabia, mas agora já sei.” Na Gulbenkian vamos agora fazer aquela formação...J? Como é que se chama aquela coisa com a “Bengala Mágica”?

e1 – Ah, é uma ICA. Uma ICA. Um laboratório com pessoal assim...para práticas com pessoal com deficiência.

e2 – Ou seja, dentro do PARTIS há uma data de projetos de vários anos que se juntam. Por exemplo, “A Terra Amarela” não é do mesmo naipe do nosso projeto, já foi. Mas a “Terra Amarela”, a “Bengala Mágica” e nós...

e1 – E o movimento de expressão fotográfica.

e2 - E o movimento de expressão fotográfica. Que trabalham todos com cegos ou, trabalharam todos com cegos, juntamo-nos para fazer uma ICA que é uma espécie de um laboratório artístico onde vamos aprender mais sobre... chamamos pessoas para nos virem ensinar.

e1 – São financiamentos específicos...

e2 – A Gulbenkian é quem paga essa formação, essa reciclagem. Se tu és profissional de uma coisa qualquer, é assim, eu quero encenar um espetáculo eu tenho de estudar. Agora há muitas maneiras de estudar. Também há um lado académico, mas há um lado da prática, da formação em contexto prático. Eu acho que Coimbra precisa imenso, se profissionalizar. E nada contra o resto porque isso inicia muita coisa, mas chega uma altura em que dizemos assim... “ok, então vá lá, vamos arranjar financiamento, vamos ver como é que se faz e vamos viver disto”. E é muito difícil. É muito difícil no contexto do município e é muito difícil no contexto nacional. Porque nós temos um fraquíssimo financiamento para esta área e quando estamos a falar especificamente de uma pessoa que trabalha...um encenador que trabalhe com isto ou com aquilo nestas áreas, pessoas com quem possas trocar “cromos” porque dirigiste um bailarino que não tem pernas ou que... há duas ou três pessoas não é? São sempre os mesmos. Mas é claro que, as pessoas se começam a conhecer e começam a partilhar as suas práticas e começam a ter interesse uns pelos outros. Há o “Dançando pela diferença”, há o “Terra Amarela” há os outros, comesças a conhecer e, de facto, isso neste momento está mais visível e está mais forte nos últimos 5 anos, sem dúvida nenhuma. Mas na cidade, não. Não. Agora, eu acho que é preciso abrir caminho, é preciso alguém liderar, puxar a carroça e, pegar também naquilo que está feito, por isso é que na candidatura temos lá uma intenção de fazer uma coprodução com os 5ª Punkada, de nos juntarmos de provocarmos, de nos provocarmos uns aos outros.

e1 – Sim, eu acho que é muito importante nos juntarmos com pessoas com quem partilhamos uma certa ambição para arranjar soluções. Sei lá... estava a pensar no espetáculo por causa ainda sobre as coisas que nós descobrimos. Nós quando fizemos “O que é invisível”, nós já tínhamos tido sessões com audiodescrição. A audiodescrição era numa cabine, de repente, é necessário audiodescrição no resto do espetáculo, mas o espetáculo é em percurso, como é que vamos fazer? Ou seja, de repente em vez disso ser um problema vamos fazer assim, “olha quem é que tu vais chamar para fazer uma audiodescrição para uma data de circunstâncias, para arranjares uma solução em que audiodescrição tem de ser...

e2 – Quer dizer, também com o crescimento destas coisas, agora já há áudio descritores na região centro, já não vem todos de Lisboa. Quer dizer, começa a haver um bocadinho... o mercado também tem de se abrir um pouco a isto e, daqui a pouco, espero eu, já vai ser mais barato. Estes serviços poderem ter...ser acessíveis a todos. Por outro lado, os teatros agora, seja pelas boas ou pelas más razões: “ah sim! Está bem. Vou também programar.” Então também quero isso. Eu não sabia, mas é assim que se passa às vezes com os programadores.

E2 – Porque existem incentivos públicos nesta área? Na área da...

e2 – *Muito poucos.*

e1 – *A DGArtes fez uma linha de financiamento que...*

e2 – *de projetos da Arte sem Limites.*

e1 – *Sim, já nem me lembro quanto, era...*

e2 – *15 mil.*

e1 – *Nós gastámos quase tudo no início.*

e2 – *Acho que nem 300 mil euros foram...*

e1 – *15 mil euros por projeto, sim.*

E2 – *Então para as Instituições, qual é a mais valia de trabalharem nesta...*

e2 – *A mais valia? É a mais valia de trabalharem com as outras todas. Não há lucro.*

E1 – *Não é uma mais valia que tenha haver com lucro, certamente.*

e2 – *Nós que somos financiados pelo Estado, temos obrigação de fazer um serviço público. Se é um serviço público é para todos. Pelo menos nós aqui pensamos assim.*

E2 – *Mas isso depende então da instituição, porque não há uma majoração nos concursos.*

e2 – *Depende.*

e1 – *Agora sim.*

e2 – *Agora começou a haver.*

e1 – *Mas tem este lado meio perverso, meio...*

e2 – *Hipócrita. Tu metes lá que vais fazer, percebes? Há sempre... é um bocadinho difícil. Por isso é que o que mudou um bocadinho a lógica destes concursos e agora percebeu-se que é preciso um acompanhamento grande do financiador. No caso do Estado, para perceber de facto, aquilo que está a ser feito. E são os próprios agentes culturais que dizem que querem ser acompanhados: “venham cá ver” que eu não manipulo os números de bilheteira, que eu não faço orçamentos inflacionados, que eu tenho de facto, todas estas pessoas a trabalhar, que eu faço de facto, este número de sessões. Aliás, as questões de governança ou de boa governança deviam ser obrigatórias. A transparência devia ser obrigatória, as contas deviam estar publicadas em todo o lado. O Teatrão vai começar a fazer isso. Os relatórios de atividades serem enviados aos parceiros, as coisas todas ... estás a ver? A gente saber de onde é que vem os públicos, devemos à nossa relação com as Ciências Sociais e com o CES este aprofundamento desta visão. Que tem sido importantíssimo para nós. De onde é que vem o público do Teatrão? Eu quero saber. Eu quero saber de onde é que ele vem, ele vem das aldeias, das escolas, vem de quê? Eles vem dos pais do serviço educativo, ele vem... eu preciso de saber. Agora, tudo isto custa dinheiro. Tu não fazes um projeto de monitorização de um projeto se não tiveres um financiamento, se não, não é a sério. É uma palhaçada. Bem sabes.*

E2 – *Tudo obriga a recursos.*

e2 – *Portanto, esta é uma área que no papel fica muito bonita, escrita. E dizer que nós somos inclusivos, nós promovemos a acessibilidade, nós não sei o quê... mas depois o que é isso? Para não ser no papel. No caso do município de Coimbra eu não percebo o que é, nesta área da cultura não percebo o que é, ainda.*

E2 – *Ok, as instituições e a programação é uma das dimensões, a outra dimensão são as próprias pessoas com deficiência não é? Enquanto público e enquanto agentes culturais, enquanto artistas também. Pelo que eu percebi do que vocês tem estado a dizer, é importantíssimo a formação de públicos. Daí a importância de tu dizeres para eles virem, para participarem, creio que a M também falava disso. Que outras formas é que é possível para mobilizar, para trazer as pessoas aos espetáculos culturais? Para além desta mobilização para incentivar as pessoas a...*

e2 – *Eu acho que de maneira geral, a programação cultural e a atividade cultural nas cidades devia ser mais valorizada por toda a gente. Ou seja, tu crias um valor para aquilo diferente do que existe. Ainda estamos muito no sítio de ser uma coisa acessória. De ser o sítio que se corta. Nós não conseguimos perceber, como é que não há uma estratégia articulada entre a educação e a cultura. Falamos disto desde o 25 de abril neste país, é impossível. Se falares com o Ministério da Educação tu percebes que é impossível. É impossível qualquer estratégia. Porque as escolas são sítios muito complicados... porque os professores... Quer dizer, tu abres um Plano Nacional das Artes que não tem orçamento. Que na verdade podemos-te dizer, porque nós temos assente nas estruturas parceiras do Plano Nacional das Artes em Coimbra e sabemos o que tem sido os Planos Culturais de Escola, das escolas que estão no PNA. A maioria deles, a minha opinião é que são muito fracos. Outra questão: extremamente burocrático por em prática qualquer processo com o Plano Nacional das Artes, porque não tem orçamento, porque foi um projeto lançado sem bases absolutamente nenhuma. Fazer com a prata da casa, com o bocadinho que se tem, se nós todos fizermos... não vamos a lado nenhum. Nós fomos à Noruega há uns anos atrás e vimos como é que era. O Ministério paga a todas as escolas um valor, para elas comprarem os espetáculos que quiserem. Chamada a Mochila Pedagógica.*

E1 – *E nesse caso são, lá está, pessoas profissionalizadas, artistas a fazer, não são...*

e2 – *É a classe artística. Tu tens uma bolsa de espetáculos que naquele ano, as escolas tem acesso e que podem comprar. Tem dinheiro para fazer isso. Tens um plafom. É como, sei lá, a outro nível, não tem nada haver com isto, mas o Governo Espanhol está interessado em exportar a sua marca, então eu vou agora a uma feira à cidade Rodrigo. O Governo Espanhol paga às companhias de teatro, paga as viagens e o alojamento, para as companhias virem apresentar-se a Portugal. E tu assim compras espetáculos muito mais baratos porque o Governo investe, vê que aquilo é ... cria valor. É uma exportação, como se estivesse a exportar sapatos. Portanto, a ideia que se pode fazer um bocadinho com a boa vontade está muito associada a esta questão da atividade cultural. Aliás é uma coisa que vocês também já estudaram bastante. Toda a gente faz cursos, vem cá fazer umas palhaçadas com a boa vontade. Você podia lá ir fazer uns teatrinhos com as minhas crianças, estas a perceber? Qualquer um faz, você até tem jeito. Continuas a ouvir isto em todo o lado, não é? O bichinho.*

E1 – *O bichinho então é...o bichinho do teatro.*

e2 – *E isto liga com a questão da profissionalização. Não é um setor que se leva a sério e os próprios artistas não se levam muito a sério. Vê a dificuldade que há neste momento para as pessoas tomarem uma posição em relação ao estatuto profissional que, tem vários problemas, também haver com a precariedade, mas é muito difícil. Estamos ainda muito atrasados nesse*

nível. E obviamente que aqui, no que diz respeito a esta questão muito específica há problemas imensos.

E2 – Ok, mas continuamos a falar de formação de públicos. Parece-vos que é essencial para incentivar as pessoas com deficiência a participarem nas atividades culturais?

e2 – Parece, mas, eu acho...é assim, eu não gosto muito de falar de formação de públicos porque é um termo que a gente já usou muito e já não usa. Porque eu acho que as pessoas não precisam de ser formadas, as pessoas precisam de ser estimuladas, é um bocadinho diferente.

E2 – A socialização para as artes talvez.

e2 – Sim, porque eu acho que é encarar as coisas com mais naturalidade e pelo princípio do prazer, pelo princípio da participação, de querer estar com o outro, de tudo ser mais simples e não ser eventual. A ideia do casaco de peles e ser uma coisa “ai, hoje vou ao teatro”. Já não estamos nesse tempo.

E1 – Até porque a formação de públicos remete para uma coisa mais formal, digamos assim. “Aí vou dar formação para eles”, “vou ensinar”.

e1 – Sim, eu estava a pensar, não só a questão da formação de públicos porque outra coisa que temos discutido é tu por exemplo, no caso da população sénior, estou a pensar, por exemplo a M e a C. Elas pertencem a um Coro e nós tivemos a ver isso quando estivemos a fazer a candidatura. Há certos tipos de artes que nesse sentido, pelas suas características, são mais apelativos e é mais fácil as pessoas participarem. Por exemplo, as escolas artísticas de teatro tivessem condições para acolher qualquer pessoa independentemente da sua deficiência, elas pensam “Ah, isto é um sítio onde eu também posso estar” e isso também ia ter consequências no consumo cultural que aquelas pessoas iam ter.

e4 – O problema são sempre as exceções, não é? Acho eu. Enquanto numa candidatura esta... ou seja este “x” que vai para as acessibilidades for uma exceção. Enquanto eu que tenho uma deficiência me sentir uma exceção num sítio. Enquanto a deficiência for uma exceção em todo o lado, não é? Enquanto for só uma exceção e não uma norma, uma coisa que é comum, acho que haverá sempre...

e1 – Sim, e do lado de quem faz e de quem consome. Porque por exemplo, no nosso caso, nós no início do projeto, quando tínhamos sessões há pouco tempo, eu lembro-me de ter conversas longas ao telefone porque havia uma certa...eles estavam incrédulos, até desconfiavam. “Então, mas espera aí...”

e2 – “Vocês vão ganhar dinheiro com isto”.

E2 – Eles quem?

e1 – Alguns dos participantes.

E1 – Mas retraíam-se em vir ou em estar?

e2 – Achavam que nós estávamos a tirar vantagem da condição deles.

e1 – “Mas vocês não fazem isto de borla”.

e2 – “Vocês devem receber subsídios”. É isto.

e1 – *Porque a discussão era, olhem vocês tem de vir...nós podemos até...*

E1 – *Tinha até haver com a questão do transporte.*

e1 – *Mas o transporte nós não podemos fazer isso. E a luta era essa. “Então, mas vocês..” Porque estão influenciados, porque já estiveram noutros sítios onde provavelmente o mecanismo era diferente, mas isso também é uma barreira...pronto.*

e2 – *A questão da confiança é uma questão fundamental.*

E1 – *E como é que desconstróis essa...*

e2 – *Tem haver com isso não é. A questão da confiança e da proximidade. Tu ires a um sítio onde sentes que é teu e nesse sentido, quer dizer, um espaço municipal tem essa função. Este sítio é dos munícipes, não é do Teatrão. Eles tem todo o direito de vir aqui praticar as atividades. Por isso deve ser um sítio onde elas se sentem bem, tem de ser um sítio descontraído, tem de ser um sítio que possa ser de “portas abertas”, onde as pessoas se sintam bem e que não sintam que há qualquer entrave à sua participação, que sejam chamadas a dar a sua opinião. Isso tem determinado um bocadinho o tipo de projetos que nós desenvolvemos. Há o Fórum porque queremos ouvir as pessoas, há o Condomínio porque queremos que as vizinhanças se relacionem com o teatro. “Ah, então o Teatrão tem um projeto com cegos? Então isso é possível?” É. “Então e conseguiram dinheiro?” Sim. Então também descomplicar, é tudo difícil, as pessoas Era um pouco aquilo que tu estavas a dizer “é tudo dramático, é tudo impossível...” e isso tem também haver com essa profissionalização. Tu aprenderes a ir buscar dinheiro a vários sítios, tu aprenderes a defender as tuas ideias em vários planos e em várias escalas. Aqui ou num sítio qualquer onde vais apresentar o projeto. E há, eu acho que, num certo sentido, algum provincianismo.*

E2 – *Mas nesta área, isto é quase um parenteses, na área do teatro vivemos também muito uma projetificação, não é? É tudo por projetos.*

e2 – *Ah sim, as companhias de teatro, esse é o grande problema. Ou seja, o trabalho regular de uma equipa que trabalha ao longo de 20, 30 anos junta está condenada porque é muito caro. Tens estruturas de duas, três pessoas, duas pessoas, normalmente casais, “agora vou fazer este projeto, depois vou fazer aquele projeto”. Não há dinheiro. E porque o Estado defende que seja assim. Porque as pessoas circulam mais, agora estou a trabalhar com este, depois vou trabalhar com aquele. Já nem os artistas, na verdade, querem muito trabalhar de outra maneira. Porque já saem da escola um pouco a pensar assim.*

E2 – *Mas isso depois impede também a questão da profissionalização, não é? E cria uma grande precariedade nas estruturas.*

e2 – *Depois fazes um espetáculo com duas, três pessoas, depois gastas dinheiro para fazer duas apresentações, três apresentações. A lógica está errada.*

E1 – *Agora, mais especificamente sobre o “A Meu Ver”, perceber um bocadinho os objetivos que o projeto tinha e as expectativas e aquilo que depois aconteceu. Ou seja, falarem-nos um bocadinho dessa viagem, desse processo. Até ao momento.*

E2 – *Objetivos e expectativas por um lado e que avaliação fazem até ao momento.*

e4 – *Eu acho que nós agora neste momento, estamos na fase do “e agora, como é que vai ser? O que é que vai acontecer”. Porque tu partes de um projeto, de um processo que foi uma longa caminhada para ganhar confiança com o grupo, porque são todos muito diferentes, e todos com características muito diferentes. A própria deficiência ou a própria condição foi adquirida ou é nata, de nascença. Ou seja, são todas pessoas muito diferentes e para além disso, pessoas com uma especificidade com a qual nós não estávamos habituados a trabalhar. Eu nunca tinha trabalhado com pessoas com aquele tipo de especificidade. E foi toda uma caminhada e eu acho que apesar de tudo, tivemos que nos adaptar muito, tivemos que aprender imenso, tivemos que ceder em muitas coisas. Acho que nós próprios também fizemos esse caminho. Mas agora nós estamos naquela fase do “aah...”. Eu acho que correu muito bem, acho que terminou bem esta fase do projeto, mas eu acho assim, sabes quando tu acabas um projeto e tu pensas assim “e agora? Como é que vai ser. O que é que vai acontecer a seguir”. Acho que uma das nossas conquistas foi o grupo se manter praticamente todo, só saiu um elemento do grupo e, ainda conseguimos mais elementos que vieram assistir ao espetáculo, pessoas que estiveram durante as sessões. Nós durante as sessões acolhemos um grupo de uma das turmas de formação da ACAPO e a condição era, se o grupo todo quisesse ficar eles ficavam todos, se uma pessoa do grupo não quisesse ficar não ficava ninguém. Uma pessoa do grupo não quis ficar e não ficou ninguém. Agora no grupo novo, já temos uma pessoa connosco que veio fazer connosco uma aula com esse grupo da formação e que teve muita pena de não poder ter ficado na altura e que, entretanto agora, já consegue. Já acabou a formação, está a estagiar e consegue vir às sessões e está no grupo novo. Ou seja, acho que isso foi uma conquista, o facto de nós não termos perdido muita gente pelo caminho. Quer dizer, perdemos logo no início do processo, mas a partir do momento que começamos os ensaios com mais frequência, não perdemos ninguém, nem durante o processo de ensaios, nem durante o processo de montagem de espetáculo não perdemos ninguém. Isso foi muito bom. Neste trabalho com a comunidade acho que é sempre muito difícil tu ... não é muito difícil, às vezes acontece tu perderes pessoas pelo caminho mesmo já durante o processo avançado de trabalho. Não perdemos ninguém, pelo contrário, neste momento temos mais pessoas que querem estar, que querem trabalhar connosco. Depois, neste momento estamos numa fase diferente que é, estamos com os dois grupos juntos. E, o que está a ser muito positivo porque o facto de terem feito o espetáculo juntos, no grupo, apesar de podermos trabalhar cenas diferentes. Mas eu acho que o facto de eles terem convivido no espetáculo, nos espetáculos também aqui ou seja, nas vezes que vieram assistir a espetáculos, também fez com que eles se conhecessem e comesçassem a interagir e que isso se alastra-se depois para o trabalho durante as sessões, para o processo dos ensaios.*

e2 – *Acho que agora estão a ser criados, acho que com a evolução do projeto e, apesar de ajustes estarem a ser feitos, e isso é perfeitamente normal porque vais sempre confrontar com a realidade e ela não é aquilo que tu teoricamente pensavas ao princípio, quando desenhas o projeto ou desenhas as atividades, elas tem de ser acomodadas, adaptadas, reorganizadas. Mas, várias coisas que estão a acontecer, por um lado o grau de exigência parece-me que é maior à medida que o projeto se vai desenvolvendo. Seja do ponto de vista artístico, seja do ponto de vista do coletivo, da relação entre eles, da capacidade de compromisso. Por outro lado, este desafio de de facto ser um grupo que não é de cegos apenas, ou seja, esta abertura à participação de outras pessoas da comunidade. Isso é um grande desafio que eu acho que vai transformar imenso o trabalho. O facto de terem feito um primeiro espetáculo, acho que levou a que o T e a M, decidissem agora uma dramaturgia ou, uma segunda fase do projeto mais ambiciosa.*

E1 – *Até porque eles próprios também terão, certamente, essas expectativas, não é? De irem para uma segunda fase. Imagino eu.*

e4 – *Sim, sim.*

e2 – Nós estivemos a trabalhar, a redesenhar um pouco algumas das atividades que tem exatamente haver com a relação com outras práticas, outras programações na cidade. Tentar que eles possam usufruir ou conhecer outras práticas e outras programações e outros espaços. Diversificar um bocadinho o seu leque de opções. Então eu acho que, ao mesmo tempo parece anormal, mas ao mesmo tempo é normal no sentido do “e agora”. Mas se nós pensarmos bem, é assim, acho que é o que é expectável é que os grupos comecem a ser cada vez mais complexos.

e4 – Sim, eu disse isso, mas de uma forma totalmente consciente de que, acho que é uma condição as coisas começarem a ser mais complexas. Acho que uma outra conquista foi em termos de autonomia, aquela questão do “ah, eu vou! A que horas é?” No início era tudo muito difícil, era tudo muito complicado...”eu tenho que ver, porque tenho não sei o quê..., porque tenho de ver o horário...”. E depois quando começamos a caminhar para o final desta primeira fase, já era tudo muito mais fácil, já era tudo muito mais fluído. E acho que isso também foi uma conquista. Acho que no início era tudo muito “hmmm, não sei, porque aaaa...” E estava tudo muito relacionado com aquelas questões que eles colocavam. Na desconfiança na estrutura, em nós porque não nos conheciam, no projeto, mas também alguma falta de autoconfiança e de medo. E não nos podemos esquecer de uma coisa, nós começamos o projeto depois de um período muito complicado, que foi o período da pandemia. Em que todos os participantes ficaram em casa e muitos deles, perderam muitas competências e muita autonomia também. Muita autonomia porque acabavam por ter toda uma rotina, de vir a Coimbra, de apanhar este autocarro, de ir ali, de vir aqui. Isso era uma coisa diária ou, se não fosse diária era semanal e, de repente, durante dois anos, isto deixou de acontecer. Ou seja, acho que no início isso refletiu-se muito. Isso deixava-me um bocadinho receosa, todo este distanciamento que era criado, tudo era uma dificuldade. E depois, fomos conseguindo ganhar o grupo aos poucos.

e1 – Nós ainda começámos com máscaras.

e4 – Começámos com máscaras e andámos com máscaras até... o Sr. A ainda usa máscara e está sempre a perguntar “estão todos de máscara?”. Nós dizemos todos que não.

E1 – E ao nível do processo criativo? Falar um bocadinho sobre isso. Ou seja, no início, eu sei que há uma expectativa e à medida que as coisas se vão desenvolvendo e se vão criando há um resultado. Queria que me falassem um bocadinho do processo de criação em si. E depois quais é que eram os vossos objetivos, as vossas expectativas.

e4 – Então, nós sabíamos aquilo que queríamos, sabíamos qual era a direção que queríamos tomar e qual era o nosso objetivo. Andávamos ali com muitas imagens, muitas ideias. Foi um bocadinho difícil inicialmente com o pesquisar, porque o grupo era muito diferente, era muito... Queres continuar?

e3 – Sim, eu acho que o interessante aqui foi também a maneira como a heterogeneidade deles...nós trabalhamos esta questão de estarmos a ver um espaço de uma maneira diferente, nós começamos a fazer esta questão de andar e fazer um espetáculo itinerante e a maneira como eles veriam o espetáculo e inseriam a própria biografia deles no espetáculo, tornou-se interessante. E esta questão de nós percebermos que ao construir a dramaturgia, quando estávamos a fazer com eles, que a diferença que havia entre eles fazia com que eles não fossem assim tão diferentes de qualquer grupo com que tivéssemos a trabalhar. Apesar de nós termos tido muitas dificuldades a nível material, de poder vir de um espaço A para o espaço B a nível de mobilidade, a nível de criação não foi assim tão difícil. Porque sentimos que não estávamos a trabalhar com algo completamente exterior àquilo que já tínhamos trabalhado antes.

e4 – Na verdade, aquilo que nós fizemos foi, fizemos várias explorações até conseguir perceber quem eram estas pessoas e que histórias é que elas nos poderiam trazer de casa delas. Trabalhámos muito com esta ideia do “sair de casa para vir para outra casa, para uma casa onde se faz teatro, para uma casa onde se cria.” E trabalhamos muito com esta ideia de depois de tanto tempo em casa, o que é que tu vens fazer para esta casa que é uma casa de toda a gente. E depois, acabámos por desconstruir e por transformar algumas das histórias, algumas das coisas que iam sendo apresentadas e que iam surgindo nas aulas de expressão dramática, nas dramatizações em cenas, e que... ah, e depois isto era outro problema que era a circulação e que pudessem ser estáticas, ou seja, não haver uma grande movimentação de sítio para sítio. Porque nós gostávamos de trabalhar esta casa, com este edifício, porque logo nas primeiras sessões as coisas que começámos a fazer foi “vamos conhecer então este espaço, o que é que existe aqui, o que é isto...” e havia muitas perguntas sempre, “mas que altura é que isto tem? Mas o que é que tem lá em cima? Eu sinto que isto é muito comprido, ou que é muito alto.” E agora passamos daqui para aqui, ou seja, este espaço, era um espaço que suscitava muita curiosidade e nós queríamos muito trabalhar com este espaço, mas queríamos trabalhar este espaço com dois universos: o universo pessoal e como é que tu transformas o universo pessoal em universo teatral sem ser uma coisa completamente autobiográfica. Pronto, sem ser aquela coisa de...”autobiográfica do que eu fiz, do que eu sei fazer e do que eu conheci”... não. Ser uma coisa e que depois tanto desse para o A e para a M, como desse para o P e para o J na sala grande, não é? Então, tivemos que fazer aqui quase um “corta e cose” uma manta de patchwork em que tivemos a ver quais são os espaços e que cenas é que entram nestes espaços e depois, as adaptações, adaptações mesmo físicas, necessárias a este espaço. Ou seja, toda a parte da criação artística, mas também a parte do “de que adaptações são necessárias fazer a esta criação artística para que estas pessoas, com esta deficiência específica possam estar a fazer isto de forma a que se sintam mais protegidas possível e o mais livre possível a circular”. Óbvio que, depois, há coisas que tu não consegues controlar, vem o nervosismo porque é um grupo de teatro amador e mesmo que não fosse...mas, vem o nervosismo, “eu sei que está ali aquela pessoa a ver-me porque eu já o ouvi a rir e reconheço e vou dar mais um passo para a frente”. Ou seja, tinha de ser tudo trabalhado milimetricamente, tinha de ser tudo muito preciso. E às vezes com, eu contra nós falo não é, às vezes com a correria dos dias isso às vezes era difícil, tínhamos de controlar trinta mil coisas, porque tínhamos de controlar um grupo muito grande e ao mesmo tempo, estar a ensaiar nos sítios. Às vezes as coisas falhavam, porque também andávamos cansados, não é? Porque isso é normal. Mas tinha de ser tudo preciso, é isso. Tinha de ser tudo pensado, para além de toda a componente artística, tinha de ser tudo pensado milimetricamente para não falhar. Para “o espaço é adaptado, como é que ele é adaptado? De que forma é que ele pode ser...” ou seja, acho que é um bocadinho por aí, não é? Acho que há aqui duas dimensões é a artística e esta dimensão mais prática, de logística.

e1 – Mesmo na parte artística, eu lembro-me dos ensaios, esta dimensão de eles tem de levar, eles tem de gravar o texto, depois...

e4 – ah, sim, essa parte também.

E1 – Fala-nos um bocadinho dessas adaptações em concreto. Porque também nos interessa perceber, no concreto...

e4 – Nós no início pensávamos assim, “é cego, sabe ler Braille”, ou aprendeu. Há uma pessoa que trabalhava em minha casa, que era surda e que não sabia língua gestual portuguesa. Obviamente que nem todas as pessoas cegas sabem ler Braille, até que porque muitas delas... aliás, quem sabe ler Braille do grupo, são pessoas que já nasceram cegas. Outras aprenderam numa fase já tardia da vida, porque tiveram que aprender, mas acabam por desistir. E depois não treinam e não voltam a...

e2 – *Também não tem onde exercitar.*

e4 – *Sim. Exatamente, então...*

E1 – *Não lhes é propriamente útil, não é? Não é propriamente uma coisa que seja...*

e4 – *Sim. Então, para quem lia Braille tentámos arranjar o texto em Braille. Para quem não lia Braille ou, para quem tinha acesso a e-mail, mandámos o texto por e-mail ou melhor, mandámos o texto todo de uma vez, para quem queria, mandámos o texto todo e depois, mandámos cena a cena. O que também foi facilitador, uma coisa é quando tu tens um texto de 100 páginas e tu tens de andar ali a correr aquelas páginas todas para estudar, tens de ler tudo. Ou, tens de passar logo para a página x que sabes logo qual é a tua cena.*

e2 – *Mas a estrutura aqui também permitiu um pouco isso, não é?*

e4 – *Exatamente. Sim. Essa separação. Isso também foi facilitador. Ou seja, enviávamos o texto do A e da M ao A e à M, às meninas da tabacaria enviávamos o texto da tabacaria. Apesar de todos quererem o texto todo, para terem conhecimento do todo. Depois, umas vezes liam por e-mail, às vezes por mensagens escritas...pediam a alguém... acho que ainda nos chegaram a pedir a nós, para escrevermos mensagem escrita no telemóvel para eles ouvirem. Para escrevermos o texto todo em mensagem escrita para eles ouvirem.*

E2 – *Porque nem toda a gente tem computador, por exemplo.*

e4 – *Sim, sim. O Sr. A chegou a pedir-nos para nós fazermos a gravação da cena dele e da M. Para nós, os dois, a lermos... ele trouxe uma pen, nós fizemos essa gravação, passámos para o computador, ele levou a pen para casa porque ele tem um rádio que lê pen's e passava, às vezes, o dia a ouvir aquilo, o dia... Pedimos também algum apoio a familiares para trabalharem o texto em casa e pedimos também à ACAPO. Às Técnicas da ACAPO que vinham cá aos ensaios, à X, à W e na altura a Y. Elas combinavam com os utentes um horário e os utentes iam à ACAPO e elas faziam esse trabalho com eles, muitas vezes.*

e3 – *Mas em ensaios, em bloco, o que acontecia sempre era nós, se falhasse o texto, dávamos o texto e eles faziam a seguir.*

e4 – *Sim, sim. Sim, por isso é que foi também muito importante ao longo do processo termos várias pessoas da frente de casa que nos ajudaram e mesmo as Técnicas, mesmo a própria Susete, chegou ali a uma fase em que ela já não podia estar a apontar nada, não é? Ela estava na Oficina a dar o texto ao MA ou, estava aqui a dar texto à M e ao A ou a passar texto com a M e com o A enquanto nós estávamos daquele lado...pronto.*

E2 – *Eu estava aqui com uma dúvida desde o início que é, qual foi o papel dos e das participantes no projeto na criação artística? Isto é, no desenho do espetáculo, na criação do guião... Que papel é que eles tiveram?*

e3 – *Eu acho que foi diferente para cada um.*

e4 – *Sim, foi muito diferente.*

e3 - *Nós tivemos, na criação dramaturgica, é um exemplo, por exemplo do P que a cena dele, só o que ele faz – andar de bicicleta – é uma viagem pela Oficina Municipal do Teatro toda. E nós gostávamos de poder associar essa viagem a uma viagem no interior de um corpo. Ele como era psiquiatra, ele conhecia os termos específicos. Então, literalmente, a cena dele foi construída*

eu a dar a sugestão dos sítios onde estarmos, víamos os sítios, e ele a traduzir aquilo para o corpo humano e a dar ideias...Aí, foi literalmente uma construção a pares.

e4 – Sim, isso surgiu porque ele numa aula contou-nos que lá no teatro anatómico ele...

e3 – Ele via um lugar sempre como um corpo humano. Ele tendia a encontrar-se num espaço e a visualizá-lo como um corpo humano. Onde é que é a cabeça, da sala, onde é que é a saída? Essas coisas todas. E foi literalmente criado a duas mãos. Depois, a maioria das cenas foram inspiradas naquilo que foi dado por eles, ainda que inconscientemente, nas aulas de expressão dramática. Das discussões que nós íamos propondo, daquilo que eles iam falando, a visão que eles iam apresentando sobre eles mesmos e...

E2 – Sim, sim. Isso eu percebi. Era muito biográfico o espetáculo. Mas até que ponto as pessoas participaram...isso foi algo que lhes foi oferecido?

e4 – Participaram de forma diferente. Olha, a M e o A nós tínhamos todo este material que eles nos tinham dado sobre eles, não é? E, na verdade, aquilo que aconteceu foi, nós escrevemos e dissemos olhem...lemos, dissemos “É isto. E agora o que é que fazemos?”, “Ah, agora vamos tirar isto, isto não, agora vamos acrescentar isto, e agora vamos cortar isto, e agora isto não, isto não, isto não”. Ou seja, nós trouxemos da sala, escrevemos, trabalhamos em cima e depois cortámos de acordo com aquilo que foi sugerido na primeira leitura. Tanto que o A, essa foi muito engraçada porque eu disse que isto era uma primeira versão e ele “Mas posso ficar com o texto?”, “Pode, mas é uma primeira versão”. No ensaio seguinte, já tinha o texto todo decorado ou, mais ou menos. “Já sei isto tudo!”, “Mas ó A, isso era a primeira versão. Lembra-se que nós fizemos alterações e que eu agora vou alterar.” Ficou muito chateado comigo, porque não podia ser, porque eu estava sempre a alterar o texto. “Mas ó A isto está em construção...”, “Não! Ou é assim ou não é! Tem de se decidir!”. Ficou muito chateado, então...

e2 – Há também um pouco essa visão de um teatro que às vezes não tem a correspondência, não é? Que é essa ideia de um teatro antigo, com o texto imutável, a importância da palavra. E para eles a expressão verbal é uma coisa super importante. Uma das características muito interessante é que eles tem uma grande facilidade de verbalização. O texto, a forma como a palavra é uma coisa importante.

e4 – Sim, por exemplo...

e3 – A M também foi um processo muito idêntico ao P. Foi uma coisa de ir visualizando o espaço e ela ir dando o que estava a ver com a bengala... e depois também, isso aconteceu para o primeiro texto e as cenas a seguir, aconteceram por aquilo que eu li, da forma que eu a ouvi a ler, como é que eu ia contruir para a frente. E daquilo que ela tinha conversado que gostava mais do texto, o que é que me pareceu que pudesse ser melhor para...

e4 – A M fazia a voz da entrada e depois a voz que fazia o percurso.

E2 – Ok.

e3 – O C e o MA, foi propositadamente um texto que não era deles. Era mesmo para não ser. Porque havia uma coisa muito engraçada no C que ele falava de uma maneira que parecia que tornava tudo simples. A maneira como ele fala das coisas parece que tudo é muito simples. Parece um avô que diz “Ah, não, é assim...e pões aqui e tal...”. E dava-me muita curiosidade como é que seria ouvir ele a falar de pós-estruturalismo na Filosofia. Como é que seria dinamitar esta coisa muito engraçada dele. E do MA foi trazer a biografia toda dele de diversão, com a coisa de ele estar apaixonado por alguém...

e4 – *Eu acho que foi muito diferente para todos, na verdade. Porque por exemplo, com a M e com o A foi assim...*

e2 – *Vocês adaptaram-se muito às características...*

e3 – *Sim, às características de cada um.*

e4 – *Sim. Por exemplo, o texto da E da Tabacaria foi ela que o escreveu.*

e1 – *A G era a questão da música...*

e4 – *Sim, a ideia das mulheres que aparecem lá nas flores atrás foi a G também. A G nós na dramatização queria transformar tudo em flores, era um extraterrestre que tinha vindo à terra para transformar tudo em flores e acabava-se tudo o que era barreiras arquitetónicas e...pronto, foi uma viagem. A G viaja imenso, mas é maravilhoso o universo por onde ela viaja. Então, a viagem da G, eu disse assim “então deixa ver para onde é que isto vai, como é que nós conseguimos aproveitar isto nesta viagem da G”. Pronto, eu acho que, a E escreveu o texto aqui da Tabacaria que é aquela que estava na máquina de escrever. Acho que foi um bocadinho diferente para todos e acho, não acho, tenho a certeza que todos se sentiram bastante representados e que estiveram o máximo possível também dentro daquilo que nos foi possível. Estiveram o máximo possível dentro do processo de criação.*

E2 – *Foi feito algum trabalho de avaliação por parte das próprias pessoas? De auto e hetero reflexão.*

E1 – *Como é que eles se viram a eles próprios, neste processo todo?*

e4 – *Eu acho que a experiência foi diferente para várias pessoas do grupo, não é? Acho que...o facto de as pessoas continuarem revela muito. Diz muito há cerca de como foi esta experiência para cada um. Acho que foi muito positivo acima de tudo.*

e2 – *Acho de alguma forma também confirmou algumas das questões e das diferenças, da forma como...Por exemplo, a pessoa que saiu do grupo, a pessoa que abandonou no fim do espetáculo o projeto. Houve uma pessoa que abandonou. Essa pessoa que, na verdade, foi o elemento que ao longo deste processo foi se calhar mais difícil pela própria relação dele com a sua doença... com a sua doença? Com a sua condição. Não, não, mas ele pronto, mas ele tem alguma doença.*

E1 – *Outra coisa, além...*

e2 – *Sim, ele tem um...*

E2 – *Questões de saúde mental associadas.*

e2 – *Hmmm, sim. Na verdade, foi um pouco difícil gerir a situação dele. E depois, foi um pouco difícil gerir a situação dele no grupo. Ele queria ter uma situação de liderança e o que eu acho que o processo revelou foi uma posição de que todos participaram e ele ressentiu-se um pouco disso. Tentou manipular um pouco o grupo. E depois...*

E2 – *Mas ele revelou esse descontentamento. Eu não estou a ver a pessoa que é...*

e4 – *Não, revelou o descontentamento.*

E2 – *Talvez um senhor que eu não conhecia que estava na peça da bicicleta, é esse?*

e3 – *Não era o que andava de bicicleta. Era o outro.*

E2 – *Sim, sim. Eu não o conhecia. Nunca o apanhei em sessão nenhuma.*

e4 – *Aí não?*

E1 – *Pois, eu também não. Mas eu acho que nós vínhamos só às sessões de um dos dias em que ele não vinha.*

e1 – *Vocês vinham às quintas.*

E1 – *Sim, e ele vinha à sexta, acho que ele é da sexta.*

e4 – *Sim, é da sexta. Então é isso, é que estás a dizer. Durante todo o processo sempre que existia alguma questão, fosse ela relacionada com acessibilidades, com...quando falo em acessibilidades não falo só de transporte de casa para aqui, falo também aqui dentro, não é? Acessibilidades, problemas com a dramaturgia, com a encenação, com a frente de casa, com a produção... dentro daquilo que nos foi possível, nós tentámos sempre que todas as questões ficassem respondidas, que todos os problemas fossem ultrapassados. E sinceramente, nós achávamos que era uma “não questão”, que a pessoa...eu estava a responder à tua pergunta, que a pessoa mostrou o seu desagrado. Sim, mostrou. No entanto, durante todo o processo não demonstrou ou não verbalizou que estava de alguma forma...quer dizer, foi demonstrando de vez em quando, mas isso acabava sempre por ser resolvido e respondido. E depois, no dia em que nós fizemos isso, acabou por enviesar a discussão.*

e2 – *Fizemos um processo de avaliação e foi aí que surgiu.*

e4 – *Foi aí que surgiu. Sim. E foi a primeira pessoa a falar.*

E2 – *Isso contaminou o resto do grupo? Isto é, esse descontentamento depois reproduziu-se nos outros participantes?*

e4 – *Não. Eu acho que não.*

e2 – *Houve pessoas que, inclusivamente, ficaram muito destabilizadas com a postura, com a abordagem...que ficaram aflitas.*

e4 – *Sim, nem conseguiam responder.*

e2 – *Ficaram aflitas mesmo. Porque foi extremamente violento, um pouco agressivo. Foi uma situação um bocadinho... E por isso é que eu te digo, o problema não está aqui, o problema está antes, está na forma como ele lida com a sua condição. E nós percebemos isso porque ele é um pouco diferente dos outros todos. A vários níveis. Tínhamos sido alertados pelo Técnico de Mobilidade...*

e4 – *O que foi uma pena, foi uma pena porque...porque era um participante, era um bom participante, era uma pessoa com quem era possível conversar, que fazia um bom trabalho e que mesmo... apesar de se querer destacar e de ser muito diferente do resto do grupo...Eu até aquele momento, achava-o um bom elemento e acho que tínhamos criado uma relação já... sólida. Não era sólida, mas...*

e2 – *Eu por acaso sempre achei que ele tinha várias aspirações, ponto um a ser líder e a ser reconhecido intelectualmente como superior aos outros. Nós temos aqui um grupo muito heterogéneo, com várias idades e pessoas do meio rural. Pessoas com cultura muito popular. E ele é uma pessoa de uma família de classe média alta, que não aceita a sua condição, que vive ressentido, que acha que toda a gente maltrata os cegos, que as pessoas se iam rir dele. E eu acho que ele tinha verdadeiramente uma aspiração de ser aqui um líder e quando se percebeu aqui o A, o B e o C... ele ficou um pouco desorientado, acho eu. E depois, pronto, foi de facto bastante árduo. A abordagem dele foi bastante difícil e violenta. Violenta. Para o grupo e nomeadamente para a M.*

E2 – *Só um parenteses, talvez. Porque muitas vezes, as pessoas com deficiência sentem esta pressão, não é? Eles nunca podem ser pessoas “normais” entre aspas, tem de ser sempre excecionais para se mostrarem, para serem reconhecidos. Pode ser que seja o caso aqui, não é? Ele sentir esta pressão.*

e2 – *Mas repara, essa questão é uma questão super importante, mas precisa muito de ser desconstruída. Porque tu vives a vida a lutar para seres igual aos outros e isso dá muito medo, quando de facto... Nós já trabalhamos com outras situações, com outros grupos, não tem haver com esta questão mas tem haver com outras questões. Socialmente desfavorecidos, com famílias não sei quê...miúdos que toda a gente diz que não vão conseguir. E quando tu, na verdade, os confrontas “então vamos lá, vamos ser iguais aos outros, vamos ter as mesmas oportunidades e as mesmas responsabilidades”. Isso dá muito medo. Tu tens que apoiar. E por isso é que a confiança aqui é uma coisa super importante. As pessoas é assim “tu tens que ir, nós estamos cá, mas tu tens de fazer”. E esta contradição de “eu quero ser igual aos outros, eu quero que me reconheçam como uma pessoa capaz, mas ao mesmo tempo quero ser diferente...quero que me tratem de maneira diferente, quero que me...”. E mesmo notava-se, ele, do ponto de vista da interpretação, o papel que ele fazia era um pouco de dar a lição e a moral aos outros todos. Era pouco flexível.*

E2 – *E de que forma é que o projeto e o Teatrão procurou resolver esta situação?*

e2 – *Com ele? Depois eu tomei a liderança do assunto, eu medieei a questão, falei com ele, falei com ele duas vezes?*

e1 – *Sim, porque ele na verdade, depois deste assunto nós dissemos “ok, nós vamos fazer uma paragem”, na verdade nós fizemos uma paragem para depois poder iniciar. E ele nomeadamente, até de uma forma insistente, contactou-nos.*

e2 – *Contactou-nos e fez uma coisa que depois eu até fiquei... começou-me a mandar coisas pelo WhatsApp. E aí começámos a entrar num sítio complicado. E eu disse que não. Isto é isto e aquilo é aquilo. Não, não. Nem tu, nem qualquer aluno aqui. Seja cego ou não cego, não manda. Não manda e se manda, ele não tem o meu número nem tem autorização para o fazer.*

e1 – *Sim, o próprio conteúdo uma coisa, no sentido de vou ensinar como é que...*

e2 – *Um programa de rádio...Porque os cegos podem...E os cegos podem casar? Se os cegos podem... E eu li aquilo de duas maneiras. E aí ele não gostou. E disse, pronto então...*

E2 – *Bem, eu sei que o tempo já vai um bocadinho avançado. Eu gostaria, no entanto, de ouvir ainda a Direção do Teatrão relativamente às expectativas e aos objetivos estipulados que tiveram com este projeto. Que objetivos é que tiveram quando lançaram o projeto e que avaliação é que fazem, no momento, da concretização desses objetivos?*

e2 – Então o objetivo, o grande objetivo de criar um coletivo onde possa ser possível trabalharem pessoas cegas ou, de baixa visão, seja ele integrado, aberto, misturado mas onde elas tenham acesso, não está conquistado. Porque neste momento ainda estamos num formato muito inicial, ainda estamos um bocadinho neste sistema de: “ah eu venho às seis, trabalho”, mas não há ainda esta ideia de pertença, esta ideia – “este é o meu grupo”. A nossa expectativa é que no fim destes três anos eles digam assim: “ah, mas este grupo agora não pode acabar!”. Que é a mesma coisa que acontece quando tu estás três anos na Arregaça e as pessoas dizem assim: “mas eu agora quero fazer teatro”, então já se vieram inscrever nas classes, outros querem que haja mais projetos lá, outros querem criar lá um grupo de teatro, outros querem não sei o quê... E era por isso que nós falávamos desta questão da efemeridade, não podes chegar fazer uma coisa e ires-te embora. No fim destes três anos, por isso é que são três anos, não é? Porque há uma evolução. Do nosso ponto de vista, quer dizer, esse objetivo não está concretizado. Há um objetivo que começa a ser concretizado, dar visibilidade a este trabalho e com isso, influenciar outros. Ou, estas questões todas transformam o próprio teatro e a própria programação do Teatrão e a própria estrutura e a própria companhia mais, democrática, mais acessível a toda a comunidade, isso gerou uma grande diferença aqui, nós passámos a olhar as coisas de outra maneira. Agora acho que ainda há muito caminho para ser feito, eu estou, muito muito, muito preocupada com esta fase agora de abertura a outras..., acho que temos de levar isso com muito cuidado, temos de apoiar muito, esta fase de mistura, de abertura do processo, acho que tem que ser acompanhado para os dois lados, acho que todos nós somos preconceituosos em relação a tudo, a uma data de coisas por inexperiência, por falta de contacto, nós não sabemos como fazer, temos uma tendência de tornar as pessoas como idiotas.

E1 – E às vezes nem nos apercebemos.

e2 - E muitas vezes nem nos apercebemos, há uma aprendizagem muito grande quando tu dizes assim: “eu também faço isto”, estás ali na formação na Acesso Cultura “isto não se faz e aquilo não é assim que se diz.”, “ah, pois é, como é que é?”. E tu não sabes, não sabes porque não lidas. É a mesma coisa e tu não tratas isso com normalidade. “Olha como queres que te trate”? como fazes isso, como eu faço isso com os “blacks”. Por exemplo, eu não digo “preto” porque posso chocar estas pessoas. Estou neste momento a preparar uma peça sobre a guerra colonial e tenho um ator de descendência Africana. Na verdade, é moçambicana e é uma questão que tem sido muito interessante porque todos nós temos amigos, mas é um problema nós dizermos os “negros”, mas alguém lhes foi perguntar como é que eles querem ser tratados? Pelo nome, também. Mas como é que tu falas deste assunto, os afrodescendentes, os não sei o quê, que merda é esta? Como é que a gente supera isto? Trata-se de superar, portanto o grande objetivo é que isto seja normalizado, sim agora, temos este grupo e queremos que ele fique, que ele se constitua, que se fortaleça, que tenha outro tipo de experiências.

e3 - Mas pode ser perigoso, não é? Elementos de fora, contaminarem de alguma forma o grupo é isso que estavas a dizer?

e2 – Não, o que eu estou a dizer é que tenho uma expectativa muito grande que o impacto nessas pessoas seja uma experiência transformadora também, estás a perceber? Depois disso dá outras ideias, quer dizer, tu a partir desta experiência já estás a pensar outras coisas, já estás a pensar que de repente porque é que as classes não são acessíveis a todas a gente? Como é que poderias tornar as classes..., porque isso é que é na verdade integração, abres o programa das classes e dizes, para todos: para cadeira de rodas, para autistas para...como é que tu fazes isso? O que é que isso implicava? Implicava teres quantos professores? Não é?...começas a pensar nessas coisas. Isso é uma mudança.

e1 - E mais uma vez, informação, não é?

e2 - *Informação. Com quem é que aprendes? Com quem é que fazes? Isso dá outras coisas, isso na verdade transforma até o teu projeto, porque já tens peças pensadas com artistas que se calhar não pensarias. E agora, eu acho que os nossos objetivos são mais ambiciosos do que quando começámos, parece-me a mim, porque eles na verdade, determinam uma data de transformações na própria estrutura do teatro e da companhia.*

E1 - *Que, se calhar no início, quando conceberam o projeto não pensavam que ia acontecer, não é?*

e2 - *Ou não pensávamos que fosse desta dimensão, por desconhecimento, por falta de prática, por falta de conhecimento mesmo, não é? Eu tinha uma vizinha cega, no andar de cima, quando era pequena, mas nunca trabalhei com... Quer dizer trabalhei aquela vez.*

E2 - *Em termos de preparação do pessoal do Teatrão, já percebemos a determinada altura que, já não sei quem disse, que fizeram formação com a Acesso Cultura.*

e2 – *Mas fizemos também com a ACAPO.*

e1 – *Nós começámos com uma formação com a ACAPO.*

E2 - *Que outro tipo, ou se fizeram mais alguma preparação do pessoal, para além da formação?*

e2 - *Não, mas temos de fazer. Às vezes não é tanto, às vezes é, na verdade mais trocar experiências sabes? Com outros teatros. No outro dia estava numa coisa da rede de teatros e cineteatros que fui moderar e estava com pessoal do teatro do Funchal do Baltasar Dias, que são nossos colegas na rede de programação e estávamos a falar de questões muito práticas do teatro, como é que vocês fazem isto? O que eu acho é que é preciso tempo e é preciso abertura para nós também... perguntar, sabes? Não achar que sabes tudo e as pessoas na verdade são bastante disponíveis. Há muita gente que também nos pergunta como é que nós fazemos isto e nós fazemos aquilo...*

e1 – *E eu acho que a própria prática, sei lá, na dimensão da equipa, sim tivemos uma formação com a ACAPO, mas o facto de termos de acompanhar pessoas com estas características, por exemplo, nos espetáculos com audiodescrição...*

E1 - *A experiência da prática também ajuda, não é?*

e1 – *Sim, sim. Porque cada pessoa é uma pessoa, não é? Sei lá...*

e2 - *E também não fazer disso um bicho de sete cabeças. Porque isso ainda é pior, não é? É mais aflitivo.*

E1 – *Sim, mas lá está. O contacto regular é que te ajuda a não fazer disso um bicho de sete cabeças, não é?*

e2 – *Sim, se tiveres só uma pessoa uma vez por ano, fazes uma festa. Até vais jantar com ela.*

E1 – *Não sei se vocês querem acrescentar mais alguma coisa.*

E2 – *Nós terminámos as questões que tínhamos pensado, se há algum aspeto que nós não tenhamos questionado e gostassem de partilhar.*

e2 – *Não, e vocês, o que é que vocês acham?*

(risos)

E2 – *O grupo focal invertia-se agora...*

E1 – *Agora eram mais duas horas.*

E2 – *Nós invertemos um pouco as regras do grupo focal e não... era importante também dizer, eu creio que vocês leram o consentimento informado, que o que foi dito aqui... nós agora, isto vai ser transcrito e depois nós devolvemos para o vosso e-mail, vocês podem mexer nas vossas falas, não nas falas das outras pessoas. Podem retirar alguma informação, podem corrigir, podem acrescentar alguma informação que, alguma coisa que não se tenham lembrado aqui e que vos pareça importante. E resta-nos agradecer esta disponibilidade...*

E1 – *Que já vai longa...*

E2 – *E encontramos-nos dentro de um ano, talvez...*

Apêndice 12 - Transcrição do do *focus group* B com a ACAPO

Registo das condições do *focus group* com a ACAPO

Local: Teatrão – Oficina Municipal do Teatro

Dia e hora: 18 de julho de 2022, 16h

Condições do local (ruído, espaço público): Alguns ruídos de fundo (sensação de carros a passar)

Estado dos/as entrevistados/as (pressa ou não): bastante prestáveis e disponíveis, sem pressa nas respostas e no desenvolvimento das mesmas.

Transcrição

Legenda:

E1 – Moderador 1 – CES-UC, Doutora Cláudia Pato de Carvalho

E2 – Moderador 2 – CES-UC, Doutor Fernando Fontes

e1 – Assistente Social na ACAPO Delegação de Coimbra

e2 – Terapeuta Ocupacional na ACAPO Delegação de Coimbra

E1 – *Em relação à ronda de apresentações, já fizemos essas apresentações, não sei se vocês sabem quem nós somos. Eu sou a Cláudia, da parte do Centro de Estudos Sociais e estou a fazer com o Fernando a orientação do trabalho da Susete.*

E2 – *Eu sou o Fernando, sou investigador do Centro de Estudos Sociais também, tal como a Cláudia e estamos no âmbito desta parceria com o CES e o Teatrão e, também a fazer o acompanhamento da Susete na sua tese de mestrado.*

e1 – *Ao fim ao cabo, somos todos parceiros.*

E1 – *Acaba por ser. Exato.*

e1 – *Neste projeto nós também fomos convidados para fazer esta parceria e para nós a ACAPO foi uma grande mais-valia a participação neste projeto. Não que já não tivéssemos alguns antecedentes na área cultural, na área do teatro na delegação, mas uma coisa muito amadora com uma voluntária, onde fizemos ainda algumas apresentações no exterior, nalgumas festividades, mas nada a este nível.*

E1 – *Se calhar, X, iria pedir para vocês se apresentarem antes de começarmos a falar.*

e1 – *Ah, sim. X, Assistente Social na Delegação da ACAPO aqui de Coimbra.*

e2 – *Eu sou a Y, integrei o projeto no âmbito da orientação e mobilidade na qualidade de Técnica de orientação e mobilidade, mas neste momento já não sou eu que estou a dar continuidade ao projeto, é a minha colega W. Isto vem no decorrer da saída do Z, que é a pessoa que iniciou na qualidade de Técnico de OM o projeto...*

e1 – *Quando o projeto iniciou era o colega Z, porque no projeto quem estava definido estar presente seria a Assistente Social que sou eu, a Psicóloga que é a H e, um Técnico de orientação e mobilidade e esse Técnico na altura, foi o Z. Entretanto veio a Y substituí-lo...*

e2 – *Sim, eu iniciei a partir de novembro, com o grupo e terminei, portanto, no final de abril. Depois houve uma pausa do projeto e agora está a colega W.*

e1 – *Que é a nossa nova Técnica. Não é nova na casa, mas é ela que está a assegurar a orientação e mobilidade e dado que está no projeto assim, por isso é que tem havido esta rotação, esta rotatividade de técnicos. Mas, pronto, espero que seja para ficar.*

E2 – *Sim, sim.*

E1 – Já estava a começar a falar um bocadinho sobre próxima pergunta, a primeira questão que nós temos aqui. Que é, para a ACAPO qual é que é a importância e as vantagens da participação das pessoas cegas ou com baixa visão (vamos questionar agora no geral) em atividades culturais e artísticas? E depois mais concreto no projeto “A Meu Ver”, do vosso ponto de vista, digamos assim.

e1 – Eu penso que se trata sobretudo da possibilidade de usufruir um direito como qualquer outro cidadão, o acesso à cultura tem de ser um direito, não só das pessoas com deficiência visual, mas de qualquer outra pessoa. E o facto de poder aceder à cultura com facilidade da mesma forma do que outra pessoa sem deficiência, acho que isso acaba por ser uma mais-valia e estas pessoas sentem isso mesmo, não é? Eu quero ir ali a um espetáculo, quero ir a um concerto, quero ir a um...

e2 - Ou quero fazer parte.

e1 – Ou quero fazer parte exatamente. Neste caso é o fazer parte. Penso que obviamente tem muita importância. Porque é assim, eu, X se quiser ir a um concerto ou, se não quiser ir, eu não vou porque não quero, ou porque não me apetece ou porque não me identifico, ou porque não gosto...há pessoas com deficiência, neste caso, estou a falar mais pela deficiência visual que gostariam de ir e não vão pelos constrangimentos que sentem, pelas dificuldades que sentem antes de lá chegar. Em termos de mobilidade, transporte, mesmo em termos de espetáculo, pronto, já para não falar nas outras dificuldades.

e2 – Sim, há como um igualar do leque de oportunidades.

e1 – É sobretudo isso que eu acho, sim.

e2 – É igual uma pessoa normovisual. Melhor, é a tentativa de normalizar as oportunidades entre uma pessoa normovisual e uma pessoa com deficiência visual. Portanto, isso, é o impacto mais positivo que este tipo de iniciativa pode ter. Quer no âmbito de participação externa como espectador, quer no âmbito da participação ativa como parte integrante do espetáculo.

e1 – E acho que aquilo que os nossos utentes também nos vão transmitindo e daquilo que vamos ouvindo, mesmo antes desta experiência, é esta igualdade de direitos, esta preocupação que não se querem sentir diferentes, não querem... Mas porque é que eu tenho de sentir esta dificuldade? Eu chego a uma bilheteira do Teatrão, neste caso isto já não acontece, mas do Gil Vicente, eu quero assistir a um espetáculo e há tanta dificuldade.

e2 – Não há uma folha de sala adaptada, não há um apoio, se calhar, na receção que tenho quando chego, não é? Não conheço os sítios. Portanto, este tipo de iniciativas trás oportunidade de a pessoa poder entrar, por exemplo falando do espaço físico, com muito maior segurança e apoio do que quem não tem este tipo de atenção.

e1 – Por acaso agora vamos sentido que alguns utentes até vão procurando, mas há uns anos atrás, como eu vos estava a dizer que já aqui estou há 20 e tal anos, noto que havia uma retração por parte de algumas pessoas em procurarem a área cultural porque achavam... e havia uma ou outra que sim, não estou a dizer que agora ainda é o caso ... mas nota-se agora uma abertura diferente, ao longo destes anos também por parte da comunidade, por parte das próprias pessoas que vão procurando e vão tendo esse interesse.

E1 – Ou seja, resumindo, as vantagens dessa participação têm haver com a questão do acesso e da questão do direito. De ser um direito que deve ser concretizado, digamos assim...

e1 – É a igualdade de direitos.

e2 – Sim, e o acesso à informação, o acesso quer físico quer à informação propriamente dita.

E1 – Quando dizes acesso à informação estás-te a referir...

e2 – Sei lá, uma folha de sala, o preço, o horário, a própria agenda cultural.

e1 – Os sites não estarem acessíveis, a acessibilidade Web. Eu chego ao site de um determinado espetáculo que quero ir e procuro a informação e para mim está lá, é visível. Mas muitas vezes, esse site não está acessível às pessoas com deficiência visual. Ou seja, há os programas que eles utilizam, ou seja, se eles quiserem saber alguma coisa, têm de perguntar a terceiros. Não conseguem de forma autónoma aceder a muitas informações.

e2 – Não sei se estão a perceber isto da web...

E1 – Sim.

e2 – Porque por vezes, há informação que nós vemos e que está lá definida com símbolos, não é?

e1 – Mas não está acessível em voz.

e2 – Exatamente. Ou não está escrito por extenso, está só um “livrinho” por exemplo para mostrar que tem folha de sala ou outras coisas no local, e não está descrito que tem isso, é um símbolo. Portanto, eu acho que estas iniciativas despertam as pessoas exatamente para isso.

E2 – E vocês sentem isso por parte dos associados da ACAPO, por exemplo?

e1 – Sim, eu penso que vão verbalizando isso e vão-nos transmitindo algumas dificuldades que vão sentindo neste campo, sim.

e2 – Sim, isso até foi medido agora recentemente com os questionários de satisfação que a ACAPO aplica anualmente e esse é exatamente um dos pontos que é mencionado pelos utentes. Poderá ou não haver uma relação direta e isso não tem...nem posso dizer isto assim..., mas há um incremento na satisfação das pessoas. Portanto, pode não ser diretamente ligado à participação no projeto “A Meu Ver”, mas isso foi escrito por eles como algo positivo e a manter, a participação.

E1 – Mas partindo do princípio que esses direitos estão criados e que esse acesso existe. Eu acho que esta pergunta tem mais haver com as vantagens de poder participar.

e2 – Participar ativamente.

E1 – Sim.

e2 - Ok.

E1 – Ou seja, o que vocês estão a dizer é diferente. A nossa questão era mais a importância e as vantagens dessa participação em práticas culturais e artísticas. Porque é outra coisa, obviamente que está relacionado, mas...

e1 – É a oportunidade de usufruir e até mesmo a ocupação dos tempos livres de alguns. Muitos ficam ansiosos pela quinta-feira. Que chegue a quinta-feira porque é o dia dos ensaios. Porquê? Para, não digo que seja assim para todos, mas neste grupo que estamos a falar, para muitos deles, este é o ponto alto da semana. Temos pessoas que estão a trabalhar, mas mesmo assim, vem participar naquela atividade. É como nós quando temos um hobby, saímos do emprego e vamos ao ginásio ou vamos ao cinema. Isto acaba por ser a atividade que lhes está a ser proporcionada. É uma mais-valia, é a possibilidade de distrair, a possibilidade de estar em grupo, a possibilidade de estar em contacto com pessoas da comunidade e daí eles terem referido que gostavam que fizesse parte deste grupo não só pessoas com deficiência, mas pessoas da comunidade porque se querem sentir integrados, fazer parte.

e2 – Pois, eu acho que é isso. É exatamente o reforço do sentido de pertença. É aquela pessoa ter uma oportunidade na sua semana de corroborar aquilo que sente que é e que foi e que quer ser. E de partilhar, e de ansiar pela quinta-feira. Penso que é muito isso.

e1 – *Porque muitos dias estão em casa, quando tem de levar coisas para ensaiar e para estudar ficam realizados, porquê? Porque estão ocupados.*

e2 – *Sim, pode funcionar como um momento de produtividade, em que há aquelas pessoas que sentem que aquilo vai ser o grosso da semana e também há para quem funcione como lazer e atividade de prazer.*

e1 – *Eu noto isso nas pessoas que estão a trabalhar neste grupo. Que é vem aqui porque é aquele momento de lazer, um hobbie, uma ocupação, é um grupo heterogéneo e há outros que este é o trabalho deles.*

e2 – *É ali que vou ser produtivo.*

E1 – *Mas esses são se calhar aqueles que não tem uma ocupação profissional.*

e1 – *Não tem.*

E1 – *Pois. Os que não tem?*

e1 – *Os que não tem. Os que não tem vem a quinta-feira como aquele momento da ocupação. O dia em que tem aquela ocupação que é vir ao Teatrão. Muitos deles está aqui marcado para as quatro da tarde, às duas, se for preciso, já ali estão. Porque é aquele momento em que vão estar ocupados que sentem que vão conversar uns com os outros...*

e2 - *Que se vão sentir a produzir algo.*

e1 - *E é a partilha. Muitos acabam por estar isolados. Há um ou outro que não vive aqui na cidade e está mais isolado e em aldeias, meios pequenos, pronto... não tem tanta convivência. Não vem aqui tanto à delegação da ACAPO acabam por estar mais isolados. Então, eu penso que isto para o isolamento de um caso ou outro (que eu estou a ver), penso que é muito importante. E nós até estamos a desenvolver outra atividade lá que é engraçado, porque eles mesmo que estejam doentes, não podem vir participar por algum motivo, mas vem, mesmo que não façam qualquer coisa estão presentes, porque tem de vir. É aquele momento... Por isso é que eu digo que para o isolamento deles, para a socialização, acho que...eu já achava isso antes de eles virem.*

E1 – *Antes de virem. Confirmou-se.*

E2 – *A X, há pouco, estava-nos a falar do trabalho da ACAPO a este nível, com outras atividades e agora voltou a referir. Podia falar-nos um pouco mais sobre que trabalho é que a ACAPO tem feito na integração cultural das pessoas com deficiência visual? Que outros projetos é que tem neste momento?*

e1 – *Nós, a área cultural, já há alguns anos atrás, era bastante desenvolvida na ACAPO. Nós fazíamos...tínhamos esta área também do teatro que era assegurada por voluntários, em que tínhamos também um grupo, os nossos ensaios semanais e íamos apresentando espetáculos tanto nas alturas das festividades daqui da cidade, como fora em escolas...pronto, no exterior. Eramos convidados e íamos apresentar com esse grupo. Mas de facto, era uma coisa muito mais amadora, não ao mesmo nível da apresentação que tivemos aqui com o Teatrão. Mas eu penso que em termos de implicação e de compromisso por parte dos nossos utentes e voluntários, acabava por ser igual, havia muito essa vontade. Depois tínhamos passeios, visitas a vários museus, também teatros na cidade e fora que organizávamos com os nossos utentes. Agora, estou a tentar pensar há quantos anos mudamos um bocadinho o nosso tipo de intervenção. Passando desta intervenção um pouco mais cultural, passamos mais para uma intervenção de âmbito de reabilitação, em que trabalhamos mais a questão de orientação e mobilidade, do Braille, ou seja, reabilitamos as pessoas que perdem a visão e trabalhamos com elas as dificuldades que vão sentindo. Claro que associativamente, fazemos o magusto, a sardinhada... agora aqui na delegação já não temos a mesma dinâmica que tínhamos há uns anos atrás. Eu arrisco-me a dizer que há sete anos, esta parte cultural ficou um bocadinho menos desenvolvida, porque não deixou de ser feita. A nível central vai sendo feita. Mas nós tínhamos aqui,*

mensalmente, sempre uma atividade cultural, pronto. Sei lá. À mais ou menos 7 anos que já não temos tido tanto e então dependemos sempre destas propostas que nos são feitas, de voluntários que aparecem e querem fazer atividades. Tivemos já a proposta de um professor de música para termos esta vertente musical lá, com um grupo. Mas lá está, tudo isto, sempre neste registo de ok... aparece um voluntário, aparece uma proposta a um projeto de alguém que queira ser parceiro e avançasse. Se não, em termos de instituição, abrandamos um pouco.

E2 – O que é que aconteceu para esta mudança?

e1 – Esta mudança foi uma decisão entre a Direção da mudança do Centro de Atendimento e Animação das pessoas com deficiência visual para CAARPD, este R vem da Reabilitação. Ou seja, agora o que nós fazemos é, as pessoas chegam até nós, cegaram, imaginem alguém que cega e, como qualquer um de nós, deixa de saber fazer uma série de coisas. Tem de aprender a voltar a escrever...

e2 – Organizar o armário, fazer o almoço, atividades da vida diária.

E1 – É interessante a pessoa colocar-se nessa posição. O que é que precisaria de fazer para viver o dia-a-dia.

e2 – Precisaríamos de tudo.

e1 – Tudo. Para já começamos sempre com uma intervenção e é feita uma avaliação de necessidades, porque cada caso é um caso. É feita sempre uma avaliação minha, da Assistente Social e da Psicóloga. Muitos precisam depois deste acompanhamento porque é uma fase complicada depois, de gerir toda esta situação. E depois temos as Técnicas...

e2 – Eu na minha apresentação eu não disse o que é que eu faço agora. Eu sou Terapeuta Ocupacional, é esse o meu lugar e é esse o meu trabalho.

E2 – Não é Técnica de mobilidade?

e2 – Não. Eu estava a assumir as duas funções e portanto, agora a colega veio de orientação e mobilidade e eu mantenho o meu trabalho como Terapeuta ocupacional.

e1 – Pronto, e somos uma equipa onde está a Y que faz toda essa parte enquanto terapeuta de todas essas atividades diárias e ela depois já pode falar um bocadinho sobre isso, temos a colega W que faz orientação e mobilidade que é o ensino do uso da bengala, o técnico de informática que ensina a área de informática, de usar o computador, as aplicações do telemóvel. Eu hoje utilizo o computador a ver, se eu perder a visão de hoje para amanhã, não vou olhar para o ecrã. Tenho de apreender a utilizar de forma diferente, através da audição.

e2 – Ou, se começar a perder gradualmente, tem de ser feita uma adaptação gradual. Entre ampliação e voz.

e1 – A reabilitação é isto. Porque é que houve esta mudança? Houve a mudança porque de facto a Direção da ACAPO entendeu que não conseguimos assumir as duas coisas e, associativamente, vamos fazendo uma ou outra atividade cultural, mas a equipa técnica deixou de se focar tanto nesta área cultural, recreativa, atividades lúdicas, etc. para nos focarmos mais nesta reabilitação funcional, entre aspas, que é por a pessoa a funcionar novamente.

e2 - Que era exatamente uma falha a nível nacional.

E1 – Mas havendo essa mudança, o que é que levou então a ACAPO a aderir a um projeto desta natureza?

e1 – Foi mesmo a oportunidade de dar esta vertente...

E1 – Que vocês não tinham capacidade para o fazer.

e1 – *Claro que não. Nós temos que nos redobrar e os recursos são limitados. E com o apoio deste projeto e com esta parceria com o Teatrão...*

e2 – *A facilidade do espaço, não é? O facto de haver agentes externos que colmatam a dinamização das sessões propriamente ditas.*

e1 – *Tínhamos de ter alguém que conseguisse dinamizar. Neste momento, não temos ninguém com essa capacidade.*

E1 – *Com essa Formação.*

e2 – *É mantido um acompanhamento por parte de um elemento da ACAPO todas as semanas nas diferentes sessões, isso é porque é necessário. Mas não exige um planeamento porque do que vai acontecer.*

e1 – *Não temos essa Formação. Nós tínhamos era em regime de voluntariado. Eram digamos duas voluntárias que tinham essa formação e que elas é que dinamizavam, obviamente, com a nossa retaguarda. E acompanhávamos, se a voluntária tivesse dificuldades na adaptação de uma determinada coisa para uma determinada pessoa pois, ok. Enquanto dificuldade da pessoa com deficiência visual nós estávamos lá, mas a dinamização, a organização e a programação era feita pela voluntária. Neste caso está a ser feito pelos...*

e2 – *De uma forma mais séria. Em que também nos dá um certo conforto porque sabemos que não falhará. É certo que na semana seguinte há algo planeado, há algo que vai ser feito e no final disto tudo vai haver um produto final, que é o espetáculo.*

e1 – *Para nós tem outra mais valia, esta parceria do Teatrão com a ACAPO tem outra mais valia que foi, e eu defendo-a muito, que é, o desenvolver atividades fora das nossas instalações. E eu aí noto uma diferença quase do dia para a noite, das atividades que eram feitas no nosso salão, nas nossas instalações, com meia dúzia de...*

e2 – *Em ambiente protegido.*

e1 – *Sim, que eles já conhecem. Não tem contacto com o mundo exterior, era sempre ali nas nossas instalações.*

e2 – *Mas era confortável para eles.*

E1 – *Espaço seguro, não é?*

e1 – *Exatamente. E aqui foge. É o desafio, o aprender novos trajetos, o ter de andar de autocarro, andar na cidade, mudanças de autocarros, chegarem até aqui...*

e2 – *Aprenderem a vir sozinhos, ir sozinhos, gerir o horário.*

e1 – *E ser no Teatrão para eles, eles acharam aquilo fantástico. Vamos ter...Vamos fazer uma peça...*

e2 – *Vamos fazer parte.*

E1 – *Pois, lá está a pertença.*

e2 – *A pertença pois, eu faço parte daquele grupo.*

E2 – *De qualquer forma um grupo muito reduzido de pessoas, não é? Tendo em conta o número de associados ou utentes da ACAPO.*

e1 – *Mas isso é sempre, já nas nossas atividades vai sempre uma pequena parte de utentes, porque muitos acabam por não querer mesmo.*

e2 – *Para já, desculpa X. Devo dizer ou, pelo menos reforçar que o número de utentes da ACAPO é distrital e não concelhio. O que faz com que pessoas de outros concelhos façam parte desses números, mas que não possam estar diretamente. Porque vir todas as quintas feiras da Figueira da Foz ou de Oliveira do Hospital para estar aqui 1h30 ou 2h a desenvolver algo é impossível.*

e1 – *E depois temos uma grande parte que é pensionista, os custos da vinda...*

e2 – *Quando referia impossível referia-me a essa parte financeira e disponibilidade de um transporte acessível, com horários ajustados. Depois também há esse lado, até posso ter recursos financeiros, mas será que existe um autocarro que me coloca em tempo útil no Teatrão e em casa.*

E2 - *Eu ia perguntar-vos, tendo em conta que isto é um número reduzido de pessoas, como é que foi feita a seleção das pessoas para integrarem o projeto?*

e1 – *Foi feita divulgação pelos nossos canais habituais. Quer por mensagens, temos um boletim informativo para os nossos utentes e associados e demos um prazo para se inscreverem. Nós não selecionamos ninguém. Obviamente que informamos que havia um número limite, isto porque se nos chegassem 200 tínhamos certamente...mas também...*

E1 – *Não foi o caso.*

e1 – *Não, não foi. Mas não restringimos a ninguém, as pessoas que se inscreveram vieram.*

e2 – *E quem veio e quis desistir, desistiu, mas teve oportunidade de vir.*

e1 - *De experimentar, claro. Nós também contactamos, porque já havia uma ligação aqui nesta área do teatro e do espetáculo, os participantes do grupo que tinham participado no teatro na ACAPO. Porque esses estavam mais sensibilizados para esta questão. Tanto que alguns que andam aqui...*

E1 – *Tinham feito, sim.*

e2 – *Os outros desafiaram-se a si próprios.*

e1 – *Os outros desafiaram-se exatamente. Acharam interessante. Eu acho que há ali um caso ou outro, até três ou quatro, pelo menos, que vieram por ser aqui. Porque se fosse na ACAPO não iam.*

E1 – *Por ser fora, do espaço que eles conhecem.*

e2 – *Porque há muitas pessoas que, para além de sofrerem com o estigma de serem cegos ou baixa visão, também elas próprias não se identificam como tal e portanto, tudo o que fazem no seu dia-a-dia tentam por tudo que não seja ligado a uma Associação de Cegos e Ambliopes de Portugal. Ou seja, o participar no Teatrão e ser aqui no Teatrão, normaliza a coisa. Vai ao Teatrão quem gosta de fazer teatro e qualquer pessoa pode ir.*

e1 – *Por exemplo, nós temos muitas pessoas que tem dificuldade de se dirigir à ACAPO para um primeiro atendimento. Que até são capazes de dizer na consulta do Hospital que sim, que era importante e que vão, mas depois darem o passo para entrarem na Associação dos Cegos e Ambliopes de Portugal é...*

e2 – *Apesar da Associação dos Cegos e Ambliopes de Portugal ser um espaço físico discreto. Não é um espaço físico exposto. Pronto, é super discreto. Nenhum de nós usa fardamento que nos identifique. Quando são feitos treinos na via pública nós não levamos qualquer camisola ou sweat ou fita, que nos exponha e, que por sua vez, exponha também a pessoa, e a nossa viatura também é super discreta. A única coisa que vai colocar em destaque é, por exemplo, a utilização da bengala na via pública ou, estar colado a algo que seja promovido e feito diretamente pela ACAPO. Isto não se aplica a todos, mas aplica-se a muita gente.*

e1 – *E para terem uma noção, por exemplo, quando vão aprender o treino da bengala, muitos aceitam fazer o treino dentro das instalações e depois nos arredores das instalações quando não são de cá. Mas imaginem que são do concelho ou até mesmo de uma freguesia onde é preciso fazer o reconhecimento de um determinado trajeto, não querem.*

e2 – *Muitos, por exemplo, aceitam aprender a utilizar para quando vão para fora do país ou para outro distrito longínquo, para se poderem sinalizar e usufruírem exatamente de uma prioridade, mas no sítio onde residem não o fazem.*

E2 – *Na vossa opinião, da vossa experiência, porque é que isso acontece?*

e1 – *É a dificuldade de aceitação que a bengala vai revelar. A bengala é o que vai dizer “eu sou cega” e nós estamos a falar das situações de pessoas que tem aparecido e que ficam, entretanto, cegas. Há pessoas que já há muitos anos são cegas e mesmo assim ainda não aceitam essa situação. Se bem que, isto do aceitar tem que se lhe diga, porque acho que nenhum de nós aceita ser cego. A questão é de lidar e saber lidar depois com a cegueira.*

e2 – *Eu penso que há aqui duas coisas que dificultam a resposta a essa pergunta. Uma é as pessoas com cegueira adquirida e outras pessoas com cegueira de nascença. Uma pessoa que já nasceu cega, pela nossa experiência, é muito mais fácil para essa pessoa adequar-se e ter a sua vida independente e autónoma e, experimentar-se no sentido lato da sua identidade, quer em termos de lazer, quer em termos de produtividade, quer em termos de atividades de vida diária... Porque as pessoas com uma cegueira adquirida que na sua vida alcançaram por exemplo, um certo estatuto, é o engenheiro, o doutor, o senhor que sempre fez tudo ou o que ajudou sempre toda a vizinhança a tratar de qualquer pormenor e que agora cegou e já não o consegue fazer e que também não se quer confrontar exatamente com a perda desse papel ou com a perda dessa capacidade. Isso faz com que as pessoas se inibam de avançar. E, tanto quanto sei, e acho que é recente, a média de procura de ajuda entre cegar e pedir ajuda anda nos cinco ou sete anos. E muitas vezes há ali uma força incrível das famílias, “vai” e “procura”. As famílias ligam-nos primeiro do que quem está a precisar. E isso também mostra muito. Mostra que há ali um conjunto de pessoas, sejam elas uma relação familiar ou de amizade que estão muito preocupadas, que conhecem a ACAPO, sabem que existe a ACAPO, mas o próprio não pede ajuda. Vem à força, vem porque alguém disse e isso faz com que, por exemplo, a aceitação da bengala vá demorar muito mais, porque aquela pessoa veio porque o marido disse, ou porque o filho disse e não porque sentiu que tinha de vir.*

E2 – *E, que importância é que tem a participação neste projeto para essas pessoas, nesse processo de aceitação? Sobretudo reparei neste grupo que nós temos situações diferentes, temos pessoas com cegueira congénita, temos pessoas com baixa visão, temos pessoas que estão em processo de perda de visão pelo que eu percebi e, temos pessoas com cegueira adquirida. Que importância é que na vossa opinião isto poderá ter em todo este processo?*

e1 - *Olhe eu considero que tem muita importância e nós até tentamos em situações que nos tem surgido lá que estão em processo de perda, tentar integrá-los neste grupo. Porquê? A partilha é fundamental. Perceberem que não são únicos, que há pessoas que passaram pela mesma situação e que até já estão numa fase mais avançada em termos de aceitação e organização da sua vida. E isso, é uma mais-valia para a pessoa perceber “olhe, não sou o único, há alguém que também já perdeu e que consegue fazer isto”. Estou a lembrar-me de um utente que começou há pouco tempo as aulas de informática e que disse: “Ah, mas aquele senhor também já perdeu há mais tempo e já consegue mexer no computador”. Ainda há pouco tempo soubemos disso e ficou animado como isso, ao saber que existem outros que já conseguiram alcançar. Porque quando perdemos a visão achamos que é o fim da linha, temos essa sensação de muitos deles que...*

e2 – *Como é que eu agora vou andar se não vejo nada?*

e1 – *Exatamente, não vou andar, não vou escrever, não vou fazer, não vou...*

e2 – *Como é que eu como?*

e1 – *Exatamente.*

e2 – *Como é que eu sei o que é bife, o que é arroz, o que é que é salada?*

e1 - *Como é que eu encho um copo de água sem verter?*

E2 – *Grande parte da informação chega-nos através da visão.*

e2 – *Como é que sei que roupa é que estou a vestir? 80% quase.*

E2 – *À volta disso, exato.*

e2 – *Mas o resto também nos dá informação, a visão também nos distrai dela, não é? Distraí-nos do resto.*

e1 – *Mas é a forma mais rápida e cómoda de termos informação é a visão, não é? Tanto que não usamos tanto os outros sentidos.*

e2 – *Que também nos dão muita informação.*

E2 – *Há pouco, estávamos a falar sobre os objetivos da ACAPO na participação do projeto “A Meu Ver”. Que avaliação é que vocês fazem da concretização desses objetivos?*

e1 – *Não percebi, peço desculpa.*

E2 – *Há pouco a X e a Y falavam-nos dos objetivos gerais da ACAPO de participar no projeto “A Meu Ver”. Os objetivos de integração de pessoas com deficiência visual, agora esse exemplo, de colocar pessoas em diferentes fases para se poderem comparar, a partilha de experiências. Que avaliação é que fazem da concretização desses objetivos?*

E1 – *Como é que vai correndo, o que é que falta fazer, o que é que ainda não está feito e se calhar ainda falta, o que é que já foi concluído? Fazer esse ponto da situação, no fundo.*

e1 – *Nós fizemos agora recentemente, a avaliação da parceria e falamos na... pronto, quanto a nós, foi uma avaliação positiva porque de certa forma, a participação neste projeto nos permitiu ampliar quase no tipo de resposta. Porque nós temos situações de utentes que era importante participarem numa atividade de grupo que nós não tínhamos e, este projeto, permitiu isso mesmo. Permitiu que aparecesse mais uma resposta, que não era dada na instituição, mas que a própria instituição consegue dar através da parceria. E para nós, isso tem sido bastante positivo.*

E1 – *Há coisas que ainda não foram conseguidas que estavam no início como objetivos e que vocês ainda identificam como ainda não estando atingidos de alguma maneira?*

E2 - *Ou que pudessem ser conseguidos através do projeto, que não sejam visíveis ou...*

e1 – *Em termos do que falta, não temos falado muito...*

E2 – (...) *A ACAPO com certeza, e vocês enquanto Técnicas criaram expectativas também fase ao projeto.*

e1 – *A nossa expectativa era muito esta do integrar a área cultural, ter uma resposta na área cultural para os nossos utentes e associados, essa era assim o nosso grande objetivo.*

E2 – *E que avaliação fazem?*

e1 – *Aquilo que nós sentimos, aquilo que eu acho que ainda pode faltar é que nós não queríamos que fosse uma pequena minoria.*

E1 – *Alargar a outras pessoas.*

e1 – *Alargar e conseguir dar uma resposta. Porque eu acredito que exista aqui ainda um número considerável de pessoas que gostavam de participar, mas que não tem essa capacidade por esta falta, se calhar de transporte, dificuldade de aceder, ainda se tentou com a Câmara não é? Mas não é fácil. Se me perguntarem como é que podemos vir a atingir esse objetivo, eu ainda não sei, nem sei se conseguimos...*

E1 – *Mas é uma ambição.*

e1 – *Gostaríamos sim, de chegar...para já, ter um grupo mais significativo em termos de participantes.*

e2 - *Permitir que outras pessoas aqui zona...*

e1 – *Das redondezas...*

e2 – *Porque de facto o distrito é grande.*

e1 – *Nós sempre sentimos que este projeto veio, mais uma vez, evidenciar isso. Que as pessoas que vivem no “cordão umbilical” que é o que eu digo quando é aqui na cidade, conseguem participar. Quando nos afastamos ...*

E1 – *Começamos a ver que as coisas...*

E2 – *Há bocado fiquei com essa dúvida, por acaso. Quando estavam a falar, tanto a Y e a X, falaram as diferentes dificuldades que as pessoas enfrentam, as pessoas com deficiência visual, no acesso aos espaços culturais, no acesso à divulgação dos eventos. E, depois, ligando aquilo que disseram que esta é uma delegação distrital da ACAPO, portanto, tem pessoas espalhadas pelos diferentes concelhos, nas zonas mais remotas, nas zonas mais urbanas. Eu fiquei com a questão. Que trabalho é que a ACAPO desenvolve a esse nível? Tanto ao nível de promover a integração cultural das pessoas com deficiência visual nas suas zonas de residência, nas suas comunidades, mas depois também o trabalho de...*

e1 – *Reabilitação? Da nossa...*

E2 – *Sim, sim.*

e1 – *Porque é assim, a nossa...*

E2 – *Não só de reabilitação, mas também de criar espaços mais inclusivos, espaços culturais mais inclusivos, de criar...*

e2 – *Nos sítios de cada pessoa.*

E2 – *Exatamente. Exatamente. Programação mais acessível, divulgação mais inclusiva, que trabalho é feito pela ACAPO?*

e2 – *Eu acho que isso é feito via ações de sensibilização. Que é um trabalho da própria delegação.*

e1 – *Os serviços centrais também acabam por ter o seu papel ...*

e2 – *A nível central há trabalho feito de norte a sul do país, e aí sim, pode ser feita uma resposta e começar a subdividi-la pelas áreas. Porque o número de utentes num distrito é a grande dificuldade da ACAPO. A ACAPO tem atuação distrital em todos os distritos, há delegações que cobrem mais do que um distrito em simultâneo, mas depois há muita dispersão dos utentes na área geográfica. Podemos ter nenhum na Pampilhosa, mas já podemos ter 20 na Figueira, e 40 em Coimbra e mais 2 em Penacova. Mas depois, há uma série de concelhos à nossa volta que também vem ter a Coimbra. Portanto, dar uma resposta a isso, atuar em termos da inclusão na área cultural é algo difícil para uma equipa que está...*

e1 – *A não ser que seja uma coisa mais pontual e reportada para um determinado utente, que nos solicitam diretamente e articulam-nos com o espaço em si. E aí articulamos, fazemos através de ações de sensibilização, reuniões, questões de acessibilidade. Isso aí, damos esse apoio, mas é reportado. A informação chega-nos através dos utentes ou até de um serviço que tiveram um utente...*

e2 – *Não há capacidade para fazer isso ativamente. Há capacidade para dar respostas, agora, ativamente, ir a estes sítios que falávamos não...*

e1 – *O próprio tem de vir sinalizado, imaginem um teatro que receberam alguém com deficiência e sentiram isto ou aquela dificuldade e queriam pedir a nossa colaboração... ok. Aí podemos articular e dar apoio ou, o próprio utente foi aquele sítio e sentiu aquela dificuldade e reportou. Aí trabalhamos, porque depois o nosso foco é muito na área de reabilitação e aí, deslocamo-nos...*

e2 – *Esteja onde ele estiver.*

E1 – *Era isso que eu ia dizer. Esse trabalho é um trabalho muito personalizado, portanto, bastante demorado e bastante... daí, quer dizer, se calhar nós, eu falo por mim, o Fernando saberá mais do assunto do que eu, mas eu tenho alguma dificuldade em perceber todas as nuances que estão aí, para fazer um trabalho dessa natureza. Imagino que seja muito minucioso e muito demorado.*

e2 – *Por exemplo, alguém que cegou agora e está a pedir ajuda, estou a falar do meu trabalho. Eu vou ter de fazer o levantamento das necessidades com a pessoa, eu vou ter, por exemplo, se for para aprender a utilizar os seus instrumentos, os seus eletrodomésticos. Eu vou ter de ir a casa dessa pessoa, vou ter de fazer uma avaliação do espaço da casa da pessoa, vou perceber quais são as dificuldades da pessoa para ter de adaptar. Isto tudo obedece, claro, a procedimentos burocráticos. Contratualização da prestação de serviços, Planos individuais, essas coisas todas, que é um processo demorado e é rigoroso.*

e1 – *Mas imaginem, a Y para trabalhar com uma pessoa, tem de trabalhar 3, 4 horas no mínimo porque a pessoa passou a ter dificuldade em realizar uma determinada tarefa em casa, cozinhar, a roupa, passou a utilizar o fogão. Por exemplo, deixou de saber utilizar o Multibanco, a Y tem de fazer esse trabalho e pode ter de estar 2h num determinado dia, outras 2h na segunda, quarta e sexta, por exemplo para estar com aquela pessoa. É um trabalho individualizado. Depois tem de ir a Vânia para aprender a usar a bengala, depois usar o telemóvel sem ver... nós só com uma pessoa temos de lhe dedicar 10h entre todos.*

e2 – *Depois temos a Psicologia.*

e1 – *Mais 1h de intervenção por semana.*

e2 – *Mais as tecnologias de informação porque a pessoa precisa de aprender a usar o telemóvel e fazer, saber, chamadas, mensagens.*

E1 – *Ok. E agora, passando para o projeto “A Meu Ver”, vocês tem esse tipo de ações e de funções. Quais foram, no projeto “A Meu Ver”, as vossas contribuições, ou quais tem sido?*

e1 – *O conhecimento dos trajetos para virem autonomamente. Porque nenhum deles sabia vir ao Teatrão, nenhum.*

E1 – *Nem nunca tinham vindo.*

e1 - *Nem nunca tinham vindo.*

e2 – *O reconhecimento de trajetos, o elencar quais os transportes disponíveis, toda essa formação foi feita e as pessoas estão a vir e a ir de forma autónoma.*

E2 – Todos?

e1 – A M tem transporte especial.

E2 – Porque inicialmente havia carrinhas que estavam aqui sempre à espera não era?

e2 – Não, não. Uma carrinha de transporte especial.

E2 – Havia gente que estava sempre stressada com a carrinha que já tinha chegado.

e1 – É a M. E a M sempre andou de transporte especial, mas não é pela deficiência visual, ela tem uma doença de mobilidade associada e é por essa dificuldade mais física do que propriamente visual. Qualquer pessoa cega, que não tenha outro comprometimento, tem de fazer a deslocação de forma autónoma. Foi na fase dos espetáculos, aqui as carrinhas... porque os espetáculos imaginem à noite, como é que uma pessoa cega aqui de transporte público, não chega. Por isso os espetáculos foram feitos em horas, ao fim de semana ou, horas tardias. Aí o Teatrão é que assegurou, nós demos algum apoio.

E1 – Nós. Quando dizem nós.

e1 – Nós, a ACAPO, acompanhámos, o Teatrão é que arranjou a carrinha, também através de uma parceria.

e2 – O condutor e a carrinha que era do Teatrão, a ACAPO dava o suporte em abrir a porta, fechar a porta, garantir que aquela é a morada do utente e que o utente fica entregue, fica bem, no seu espaço.

e1 – Sim, acabamos por emprestar a nossa carrinha, mas foi uma situação muito pontual.

E1 – E além desse trabalho, durante as sessões estava sempre alguém, não é?

e1 – Sim, estávamos sempre a acompanhar também para perceber aqui o envolvimento dos utentes, se aquela motivação inicial demonstrada continua...

e2 – Ou uma sugestão de última hora que tenha de ser ouvida e tida em conta.

e1 – Quando foi aqui a questão depois de organizar... quando são feitas aquelas dinâmicas, obviamente que o T e a M tem as coisas muito mais que orientadas, mas a adaptação do espaço. Uma sugestão ou outra. As cordas, os pontos de referência dos espaços

e2 – As marcações, para garantir uma deslocação segura e autónoma.

e1 – É muito por aí, não damos propriamente um contributo...

E1 – Mas isso é um contributo muito importante.

e1 – Por exemplo, eu várias vezes conversei com a M, mais com a M do que com o T, de uma ou outra característica de um utente, mais nesse sentido.

E1 – Pois, isso era a pergunta que ia fazer a seguir. Se houve algum tipo de preparação que vocês fizeram com os profissionais do Teatrão, neste caso, a M e o T, para fazer este tipo de trabalho. Se vocês fizeram algum...

e1 – Houve aqui... antes de termos iniciado o Z fez aqui uma ação, veio ele e a H, fazer uma ação de sensibilização com as pessoas que iam estar envolvidas no projeto, neste trabalho. Nestas ações temos uma parte mais teórica onde falamos um bocadinho da deficiência visual, das características, não é preciso nenhum curso universitário para lidar com pessoas com deficiência visual, mas existem uma série de estratégias que podemos discutir. E depois, penso que foi feita uma parte prática, de técnicas de guia, como é que devemos e podemos guiar uma pessoa invisuál.

e2 – *Sim, deve ter sido feita e muito bem feita. Porque quando cheguei percebi que as pessoas que estão cá sabem perfeitamente guiar uma pessoa cega, sabem abordar uma pessoa cega, sabem conversar com uma pessoa cega.*

e1 – *A preocupação de verbalizar aquilo que não se vê, mas que está cá.*

e2 – *Sim. E não tem qualquer pudor na conversa. Muitas vezes nós vemos que há ambientes e que a pessoa vai dizer “epá então não estás a ver que está alia a porta?” Uma coisa normal como isto, em muitos ambientes, a pessoa vai ficar retraída porque disseste “ver”.*

e1 – *Às vezes nós dizemos a um colega nosso que é cego. “Olha P, vê aí se está não sei o quê no bar” e ele chega ao pé de nós e diz “olha eu não vi lá ninguém, não vi ninguém”.*

e2 – *Portanto, a normalização do discurso, a forma de estar pacífica. Portanto, houve um trabalho que foi feito antes porque quando cheguei, vi que este era um ambiente muito capaz de receber e de incluir...*

e1 – *Mas isso foi logo no início quando a candidatura foi aprovada, foi logo antes.*

e2 – *Toda a gente tem o cuidado de sinalizar quando chega, quando sai, de que lado está. Isso demonstra que foi feito um trabalho. Não é normal chegar a um sítio e já estar toda a gente no automático para isto.*

e1 – *E depois, o acompanhamento destas sessões permite-nos ir falando, eu volto a dizer, que articulo muito mais com a M mas não quer dizer que o T não nos dê esse feedback, também dá, obviamente. Onde, por exemplo, para a orientação da peça do primeiro espetáculo, nos foi dado também este feedback e perguntam e pedem...Por exemplo, foi uma peça que eu achei bastante interessante porque tiveram em consideração as ideias, pediram mesmo as ideias e os contributos dos próprios participantes. Parecia que cada um deles estava lá no espetáculo em si.*

e2 – *Há um bocadinho de cada um.*

e1 – *Um bocadinho de cada um. Cada um escreveu, aquilo que gostava de apresentar. Vê-se cuidado e essa dinâmica e esta partilha entre a ACAPO e o Teatrão acho que funcionou muito bem.*

e2 – *Mesmo o posicionamento do cenário, foi o que eu acompanhei mais, na sala verde. A forma como as coisas estavam, a M teve sempre o cuidado de perceber “o sofá fica bem assim? Achas que não vai ficar mais difícil para o Sr. A encontrar?” Todo este trabalho de partilha e de escuta acho que resultou num contributo de todos, da ACAPO neste ponto de vista, dos participantes porque o espetáculo, como a X dizia e muito bem, tem um bocadinho de cada um claramente. E um bocadinho do T, da M e de todo este ambiente que foi criado.*

E2 – *O espetáculo era muito biográfico efetivamente, acho que foi muito interessante, até a forma como articulava as biografias individuais com todo o trabalho de exploração do espaço que foi feito inicialmente nas sessões.*

e1 – *E a questão do espaço físico, onde é que cada um iria fazer a sua cena, tendo em consideração se é uma pessoa mais autónoma, menos autónoma, com mais dificuldade de se orientar em determinadas...tudo isso foi tido em consideração. Por exemplo, o MA que foi escolhido ali uma...achei engraçado porque de facto, ele é uma pessoa...acho que o papel lhe assentou mesmo bem. Apesar de ter dado, porque ele deu todas aquelas ideias da namorada, porque de facto...*

E1 – *Tem haver com ele.*

e1 – *Tem haver com ele. Porque é engraçado que nós nos conhecemos há mais tempo, e que cada personagem que ali estava, encaixava bem nas pessoas.*

e2 – *E levava o melhor de cada um.*

e1 – *E eles sentiram isso.*

e2 – *Puseram ao uso o melhor de cada um deles.*

e1 – *“Eu escrevi, eu escolhi”... e eu acho que isso de se sentirem valorizados, que até foram capazes de... Por exemplo, a M, “sim, eu escolhi isso tudo”, sempre muito preocupada com a indumentária...*

e2 – *E há bocado quando perguntava. Eu não sei como é que colocou a questão, mas os benefícios disto. Eu penso que a colocação da forma como a pessoa se autoavalia. Portanto, a real noção das competências de cada um, foram postas à prova. E acho que isso é um ganho sem dúvida alguma, porque poderíamos ter tido alguém no início a pensar “eu não sou capaz, eu não sou capaz” e no fim percebeu que foi capaz, porque pegaram exatamente nos pontos fortes daquela pessoa e evidenciaram-nos e permitiram que a pessoa tivesse um feedback com a apresentação final e eu acho que isso é muito positivo.*

e1 – *E ali para um e para outros, mais depressivo, eu senti neste período, e ainda sinto, que a autoestima fica aqui um bocadinho mais... tanto que nós encaminhamos agora uma pessoa nova para o grupo, que veio numa fase mais down. E esperemos... vamos ver... agarra-se, desiste. Mas com esse objetivo, porque achamos que esta parte cultural... porque o resto ela tem. Já está integrada profissionalmente, tem retaguarda familiar... mas a parte cultural faz falta na vida das pessoas. E nós sentimos depois disso depois no feedback que nos vão dando.*

E2 – *Agora que estávamos a falar do espetáculo, antes de avançarmos para a última questão. Eu vi o espetáculo na sexta-feira, logo na estreia e não me lembro de ver muitas pessoas cegas e com baixa visão, mas depois percebi que nos outros vieram. Era perceber como é que foi feita essa mobilização da vossa parte e que avaliação é que fazem da receção deste trabalho também. Que feedback é que vos deram.*

e1 – *A mobilização vai ter um bocadinho àquilo que já falamos, tem haver com o apoio no transporte e na deslocação dessas pessoas. Porque foi numa sexta...*

E1 – *No domingo foi ao final da tarde, mas era domingo.*

e1 – *Sim, era domingo e tiveram o apoio de algum familiar, algum amigo que os trouxe, um convite. Então a M fez meia dúzia de convites. Meia dúzia não, mais. E depois é engraçado, não quero fugir aqui a esta questão desta vida deles. Depois também houve aqui um ou outro caso que eu notei que isto tornou-se quase num sonho que já falavam, e eu comentei isso com a I também. Depois já não tem noção da realidade e daquilo que é o sonho. Porque eu “até posso vir a ser vedeta” porque afinal de contas, “nunca se sabe”. “Eu quero fazer disto profissão”. Um ou outro acabou por dizer isto. Porque depois vão sonhando, sentem-se tão realizados que já...*

E1 – *Sim, é uma espécie de uma viagem.*

e1 – *É uma viagem.*

E2 – *Como qualquer pessoa. Criam expectativas.*

E1 – *Cria expectativas.*

e1 – *Pronto, mas eu penso que essa questão, porque é que encontramos mais pessoas cegas no fim de semana, talvez tenha sido por isso. Até porque eles fizeram uma inscrição, não foi através de nós, foi diretamente com o Teatrão. Houve uma ou outra pessoa que ligou para lá, o resto foi via inscrição pelo Teatrão.*

e2 – *Também houve quem não tivesse bilhetes, não é?*

e1 – *Sim, houve muita gente que ligou para lá a reclamar porque já não tinham lugar.*

E2 – *Ok. E que feedback é que tiveram das pessoas que participaram? E depois também fiquei curioso, que feedback ou, que avaliação é que a Direção da ACAPO, não sei se esteve presente, também fez desta participação.*

e1 – *Sim, estiveram. Da parte da Direção, o feedback que tive foi bastante positivo. Até acho que quando o nosso Diretor esteve, ele veio, até sentiu algum orgulho. Dizer: “Eu, longe de mim imaginar que era um espetáculo destes”. Porque normalmente, uma das coisas que referiram, e aí várias pessoas, tanto familiares como o nosso Diretor que é. Imaginavam estar sentados a assistir ao espetáculo. E o facto de ter sido mais dinâmico “Aí nunca pensei que um espetáculo, ainda por cima com pessoas cegas que deviam era estar ali sossegadinhas num sítio tivesse...”*

E1 – *Eles até se movimentavam bastante, nas diferentes cenas, digamos assim. Umas mais que outras, mas...*

e2 – *Eu acho que surpreendeu as pessoas positivamente, ter sido um caminho que foi feito, um percurso.*

e1 – *Eu senti nesse dia, por parte do nosso Diretor, esse orgulho e esse feedback positivo. Ele disse “eu nunca imaginei que fosse um espetáculo...”. Ele também é cego, tem baixa visão.*

e2 – *Todos os Diretores da ACAPO são pessoas cegas ou com baixa visão. Portanto, a ACAPO é “de nós para nós”.*

e1 – *Em relação aos utentes, eles estavam super eufóricos, estavam ...*

E1 – *Muitos deles, teriam vindo a espetáculos já alguma vez? Os que vieram assistir que são colegas, amigos, vizinhos, ou outros associados?*

e2 – *Vindo a espetáculos no geral, ou?*

E1 – *Aqui no Teatrão.*

e1 – *Ah, não. Eu acho que se calhar ninguém tinha vindo.*

e2 – *Que eu tenha ouvido não.*

e1 – *Eu acho que foi a primeira vez.*

E1 – *Mas são pessoas que normalmente veem atividades, assistem ou participam?*

e1 – *Eu só vim na sexta, não estive cá depois sábado ou domingo. Mas quando eu estive, não são pessoas que tenham uma vida cultural muito ativa.*

e2 – *Ninguém tem uma vida cultural muito ativa.*

e1 – *Apesar de que eu, noto diferença de hoje para há 20 anos atrás. Contavam-se pelos dedos de uma mão e não a enchia as pessoas que vinham fazer visitas a museus, visitas ao estrangeiro, era uma minoria.*

E2 – *O que é que mudou?*

e1 – *Eu penso que...eu tenho sentido muito isso agora, nos últimos tempos, e penso que esta questão da acessibilidade, as novas tecnologias também vieram ajudar um bocadinho. Porque há vinte anos atrás era difícil ter acesso à informação. O acesso á informação veio ajudar muito porque, primeiro que alguém com deficiência visual tivesse acesso a uma informação tinha de lutar muito. Agora isto já está mais...*

E2 – *Os telemóveis?*

e1 – *Sim, sim.*

e2 – *Sim, a áudio descrição também é outra coisa que está e começa agora a esboçar maior velocidade.*

e1 – *E nota-se mais recentemente. O que eu noto é que, mesmo assim, ainda falta... estava há pouco a perguntar o que falta.*

e2 – *Mesmo assim o caminho vai ser num crescente. Eu sinto isso. Posso estar redondamente enganada. Mas eu acho no que diz respeito à inclusão na cultura, ela pode ser alcançada de uma forma muito mais equitativa, do que exemplo, na educação. Não é que não seja esse o trabalho que está a ser feito e o trabalho de muita gente. Porque há muitos intervenientes na educação, mas acho que na cultura isso é possível. Porque criar e fazer arte, seja ela de que forma for, cabemos todos. E na educação há coisas ali... quando falamos de inclusão, se eu comparasse, acho que era mais possível, exequível, utilizar, usar e abusar do termo inclusão quando falamos de cultura do que quando falamos em educação. Porque ainda não estamos lá nas nossas escolas, ainda falta um caminho longo.*

E2 – *Se bem que também, pelo acesso à cultura é necessário a educação. A educação dos públicos...*

e2 – *Sim, sim. O sabermos respeitar o outro, mas... às vezes...*

E2 - *...e da própria pessoa com deficiência.*

e2 – *Sim, sim, e do próprio.*

E2 – *Por isso é que há pouco perguntava que trabalho é que a ACAPO tem desenvolvido a este nível também.*

e2 – *Nós fazemos ações de sensibilização em escolas. Ainda há pouco tempo fizemos uma. Mas lá está, é um trabalho difícil, porque se calhar fazemos, mas é em escolas de referência.*

e1 – *Escolas de referência são escolas onde temos alunos.*

e2 – *Escolas onde temos alunos, normalmente são as de referência. Nas outras escolas isto ainda não é debatido, ou pelo menos na ACAPO, não se sente que isto é tido em conta. Acho que é mais assim. E acho que tentamos muitas vezes dizer ou, figurar que é uma coisa inclusiva quando na realidade não é.*

e1 – *Nós vamos no dia da pessoa com deficiência às escolas, sem serem as escolas de referência, mas vamos a essas escolas porque é o dia da pessoa com deficiência. Então vamos fazer sensibilização. Mas se me perguntarem se sentimos que isso está ...*

E1 – *Faz alguma diferença.*

e1 – *Pois, é bom que se vá. É melhor ir. Mas que ainda não está...acho que mesmo assim há caminho a fazer.*

e2 – *Enquanto eu acho que sinto que há muito mais, não sei se concordas comigo X. Acho que a cultura está a despertar, e está a despertar já com uma base diferente do que é aquilo que está a acontecer nas escolas. Por exemplo, o Museu Machado de Castro, está a querer. Há ali uma vontade em querer fazer uma maquete do museu, em mostrar peças e detalhar aquilo que está ali a existir. Há uma serie de teatros em Lisboa, e não vou estar a dizer nomes para não dizer asneiras, mas que estão a querer que isto aconteça. Os festivais de verão, a cultura também, estão a fazer cada vez mais. O Boom, é uma coisa que foge completamente ao resto, já tem pessoas que fazem o acompanhamento das pessoas que tem deficiência seja ela qual for. Portanto, eu acho que em termos culturais, está a haver aqui um despertar rápido que é capaz*

de incluir todos, desde uma cadeira de rodas a uma pessoa cega. E na Educação eu sinto que é mais difícil.

e1 – A cultura é assim, as vezes parece que se faz qualquer coisa da área cultural quando, desculpem a expressão, “sobram ali uns trocos” fazem qualquer coisa na área cultural. Parece que não é dada prioridade ou não se consegue por ao mesmo nível a preocupação da cultura com outras áreas. É como, por exemplo, nas escolas, parece que a disciplina da Educação Física não tem o mesmo peso do que Matemática ou Português. A Cultura parece que não tem o mesmo peso comparativamente a outras áreas como a Educação.

e2 – É como a adaptação dos espaços, pusemos uma rampa já é inclusivo.

E2 – Depende do tipo de rampa, não é?

e2 – Depende do tipo de rampa, não tem delimitação, não tem marcação de espaços, não está delimitado. Se for preciso, uma coisa simples, como o papel higiénico estar longe da sanita é um transtorno enorme. Mas tem lá uma rampa... portanto, aquele espaço está adaptado.

e1 – O próprio Município vai-nos contactando para na cidade, adaptar algumas passadeiras em termos de rebaixamento, de piso pedonal. Começa já a haver alguma sensibilidade, eu acho. Agora perguntam o que falta fazer? É assim, eu acho que o que falta fazer não é só de acordo com os objetivos do projeto. Só que eu acho que pode faltar qualquer coisa, mas que não implique, pode não estar só ao alcance de quem está envolvido neste projeto. E daí não sei se há determinados objetivos que se consigam concretizar em pleno, mas no final, quando conseguirmos fazer chegar a todos...

E2 – Essa era a última questão.

E1 – Pois, tinha haver com a última pergunta que era falarem sobre as vossas expectativas para o projeto “A Meu Ver”. Já falaram um bocadinho sobre isso, alargar a outras pessoas...

e1 - Eu acho que era fundamental, se vamos conseguir, não sei. Porque eu acho que não depende só de quem está aqui. E até de certa forma, depende também das próprias famílias, dos próprios utentes, mas sobretudo, eu pelo menos sinto esta dificuldade de os fazer chegar cá. E depois, também há outra coisa que eu não sei. Pronto, vou por aqui em cima da mesa para partilhar convosco, mas não sei se é exatamente isto. Eu acho que também é uma questão de educação para a cultura. E estamos a falar de famílias, a grande parte dos utentes, não digo todos. Mas há ali uma grande percentagem que não foi educado para esta questão cultural. Há muita gente que não tem, que não sente a necessidade de (não digo que sejam muitos), mas existe ali também alguns utentes e famílias que para eles a questão cultural... Bem, o ir à festa da terra é uma questão cultural. Se calhar para eles ir à procissão, mas não se vê, nem os estou a ver ali.

e2 – Falta é consciência que esses próprios interesses são também cultura.

E1 – E depois do projeto acabar, do “A Meu Ver”. Que planos é que vocês têm para seguir, se é pensam sobre isso. Num futuro mais alargado, digamos assim?

e1 – A opinião que eu vou dar é muito pessoal. Eu X, não posso prever porquê? Eu gostava de dizer ok, vamos implementar e seguir, não temos Recursos Humanos. Não estou a ver quem possa assegurar a continuidade. Não estou a ver mesmo. E depois depende da Direção da ACAPO que tivermos na altura. Porque isto depende muito, totalmente, dos dirigentes. E nós Técnicas que acompanhamos, que vemos aqui alguns dos utentes crescerem e os benefícios que isto trouxe ao grupo todo, a uns mais do que outros, mas ao grupo no geral trouxe. E podemos dizer isto é para continuar e haver um diretor que diga “não é para continuar”. Até porque os Recursos Humanos que estão afetos vão sair da delegação e que vão estar dedicados a isso e nós não queremos. Para vocês terem uma noção, a nossa tutela é a Segurança Social e nós tivemos de fazer um plano individual a justificar o nosso acompanhamento deste projeto.

e2 – Com objetivos previstos, monotorização, todas essas coisas.

e1 – *Passa muito pela socialização, pela partilha, tem de ir muito por aí para justificarmos qualquer uma de nós poder estar presente.*

e2 – *E qual o indicador da qualidade de vida que está a ser trabalhado tem de estar justificado ali.*

e1 – *É. Para podermos estar aqui. A Direção anterior é que se candidatou a este projeto, que trabalhou isso inicialmente, mas que depois, a meio do percurso entrou outra Direção. Teve de assumir. Que não estava por dentro de nada. Pode concordar ou não, mas até constatou que, de facto, pelo menos, acho que ficou bastante orgulhosa do que viu cá. E, quem vai estar, daqui a um ano ou dois, nós não sabemos se vai defender esta área ou não, se vai querer se não vai. Nós pensamos muito no agora, aliás, pensamos neste projeto 3 anos. Para nós já foi assim uma grande mais-valia. Depois, não conseguimos... Mas eu gostava que a área cultural continuasse a expandir-se na nossa delegação. Porque senão, estas pessoas, se não tiverem o Teatrão, já fizeram o processo de reabilitação delas, já não vão ter a quinta-feira, aquele ponto da semana. Por acaso temos outra atividade a decorrer à sexta. Mas a quinta e a sexta para eles é o ponto alto porque tem estas atividades.*

E1 – *E essa outra atividade é o quê? Só para perceber.*

e1 – *É desportiva. É ginástica lá nas nossas instalações.*

e2 – *Sim, mas no fundo, é um sítio onde as pessoas vão desenvolver as suas competências físicas através do movimento simples. Não é máquinas nem nada disso. São exercícios.*

e1 – *Físicos. Sim. E depois é assim, uma pessoa que tem uma dependência acaba por estar mais parado.*

e2 – *E depois também temos aqui um fator muito importante. Engraçado que há pouco tempo se falava muito disso e agora parece que já nem existe, mas existe. E o impacto está-se a fazer sentir agora. Estamos a sair de uma pandemia, os trabalhos que se desenvolviam antes a nível grupal e presencial, foram todos suspensos a nível nacional na ACAPO. Isto tem haver a nível local, mas, acaba por ser alastrado a todas as delegações. Está-se tudo agora a reorganizar, reagrupar, perceber quem é que ainda está disponível para participar. No meio disto tudo houve pessoas que ficaram fechadas em casa durante dois anos e agora já não lhes faz sentido ir às delegações presencialmente participar, como há aquelas que estão cheias de vontade de voltar. E portanto, está aqui tudo numa altura em que...*

e1 – *Há um tempo atrás havia aquele tema, “ai nós somos cegos e vamos de autocarro, e vocês vão no vosso carro, vão protegidos, nós temos de tocar em tudo. Nós não vemos.” E havia aquele impacto, a pandemia também lhes trouxe um bocado de medo.*

e2 – *Até o início deste projeto foi ótimo. Porque permitiu que acontecesse alguma coisa na vida destas pessoas.*

E2 – *Sim, este projeto ainda começou antes e durante a pandemia.*

E1- *E agora depois.*

e2 – *Por isso é que estou a dizer que isto deve ser destacado fortemente, porque se não fosse este projeto, as pessoas estavam, de facto, fechadas em casa. E há quinta-feira vieram aqui e sentiram-se bem por isso.*

E2 – *Sim.*

e2 – *Experimentaram-se.*

e1 – *Foi o desafiar. E isto foi um desafiar porque foi o vir para um sítio novo, o ter de aprender, ter que fazer mudanças de autocarros e tal...São desafios, são desafios que eu acho que foram muito bons para eles, sim.*

E1 – *Pronto, não sei se querem acrescentar mais alguma coisa.*

E2 – *Nós terminámos as nossas questões.*

E1 – *Se há mais alguma coisa que tem há ficado por dizer, ou que gostassem de acrescentar.*

E2 – *Que nós não vos tivéssemos questionado e que vos parece importante ser dito, ser refletido.*

e1 – *Assim de repente, não estou...*

E1 – *Falámos sobre bastantes coisas.*

e1 – *Se calhar algumas respostas não foram tão diretas, mas algumas... principalmente a final onde gostaríamos de dizer outras coisas relativamente ao futuro, mas não conseguimos. Não conseguimos dizer ok, vamos continuar, nem eles falam muito sobre isso é engraçado.*

E1 – *Às vezes é mais doloroso, também, ter de falar sobre isso e termos de confrontar com ...*

E2 – *Também são necessários meios, não é? Nós sabemos. Meios humanos, meios financeiros.*

E1 – *Todo um conjunto de circunstâncias que é preciso ter.*

e1 – *Nós costumamos aceitar muito as propostas que nos vão surgindo se a Direção aceitar, claro. Nós equipa, estamos sempre muito disponíveis a estas propostas e aquilo que vos falava do tal voluntariado, o professor de música, a área do teatro, seja o que for. Fazer as caminhadas com o grupo dos caminheiros. Nós estamos sempre muito recetivos porque achamos que é a única resposta que temos nesta área. Por se não a ACAPO, pronto, vai fazer uma área que é fundamental, que é reabilitar as pessoas, que é obviamente muito importante. Mas depois ficamos muito limitados nos recursos humanos e não conseguimos fazer muito mais. Obviamente depois podemos fazer alguns workshops, algumas dinâmicas pontuais...*

e2 – *Mas eu penso que isto está a abrir um pouco, e começa a haver mais oportunidades para estas pessoas. Cada vez mais...*

e1 – *A importância é a regularidade, ser uma coisa que...*

e2 – *E o Coro Sinfónico, por exemplo, foi uma coisa que foi muito boa. Houve uma audição de 5 pessoas, e 3 ficaram, certo?*

e1 – *Sim.*

E2 – *Coro Inês de Castro?*

e2 – *Sim.*

E2 – *Essas iniciativas partem da ACAPO ou são...*

e1 – *São propostas que nos chegam.*

E1 – *Neste caso foi do coro, também, que vou contactou.*

e2 – *Ou as idas ao Machado de Castro, elas muitas vezes, acontecem por iniciativa do Museu, mas com uma resposta a 100% da nossa parte.*

e1 – *Antigamente, estas propostas eram feitas por nós. Porquê? Porque nós tínhamos de dinamizar, imaginem... agora para o final era mensalmente.*

e2 – *Quando éramos centro atendimento/acompanhamento e animação para pessoas com deficiência (CAAAPD)*

E1 – *E agora a opção, digamos assim, se se pode dizer assim, política, é outra.*

e2 – *CAARPD*

e1 – *E centro de reabilitação, esta parte já não temos de organizar. Porque o Z, Técnico de orientação e mobilidade, anteriormente, era Técnico de animação. E ele fazia semanalmente, atividades para durante a semana ou, ao fim de semana, tínhamos uma atividade cultural. Só que depois, com esta mudança...*

e2 – *Pois, passou a ser reabilitação e tem outro enquadramento. Não significa, pronto, que não seja também preciso.*

E2 – *Isto é uma simples opção política ou tem haver com uma opção estratégica para ... (ruído)*

e1- *Se calhar é um bocadinho de cada.*

E2 – *A ACAPO fez um acordo com a Segurança Social, existe um acordo de parceria onde é descrito exatamente quais são as atividades que se podem desenvolver.*

e1 – *E a proposta de atividades é na área reabilitativa.*

E2 – *Exatamente. Pode haver uma maior facilidade em conseguir o acordo se nos centrarmos na parte reabilitativa ou, na parte de inclusão cultural.*

e2 – *Podia ter continuado na ACAPO tipo centro ocupacional, sem acordo.*

e1 – *O problema é financiamento. (...) um Técnico que lá esteja, quer se queria quer não, a Segurança Social ajuda no financiamento aos Técnicos que fazem a parte da reabilitação.*

e2 – *O CAO também não tinha cabimento porque não íamos ter um espaço físico para essa resposta.*

e1 – *E para ter essas duas coisas a funcionar era complicado.*

e2 – *É complicado.*

e1 – *Agora é assim, na decisão, nós Técnicos...a Direção da ACAPO decidiu assim. Porquê? Porque eles não consultam os Técnicos, são decisões políticas, e eles é que decidem. Eu acredito que aquilo que falou seja um bocadinho ... (impercetível).*

e2 – *Parece ser esse o motivo.*

e1 – *Sim, penso que sim.*

E2 – *Porque eu depois fiquei na dúvida, todo o trabalho feito da vossa parte, de apoio aos Museus da cidade, de apoio aos teatros, não sei se também fazem aos cinemas, fica muito ao vosso critério, não é? Como é que fazem depois esse enquadramento nas vossas atividades?*

e2 – *Isso são pedidos de aconselhamento técnico.*

E2 – *E isso é enquadrável dentro da orientação e mobilidade? Não tem de ser feito no vosso tempo livre?*

e1 e e2 – *Não, não, não.*

e2 – Isso é pedidos de aconselhamento técnico como o município, como a X falou, recruta muitas vezes isso ou, outras entidades daqui. E isso tem enquadramento, sim, em termos de plano anual e em termos de execução isso é válido.

e1 – Imaginem a questão das acessibilidades dos semáforos, dos autocarros. Os semáforos quando não estão sonorizados, há uma informação de um utente que nos diz que deixou de funcionar ou, eu vou passar a fazer o trajeto na baixa da cidade e não tem sonorização. A ACAPO faz esse trabalho. Articula com o município.

e2 – Ou o município vai mudar uma passadeira, é feito um estudo onde é que ela vai ser colocada novamente, tem dúvida, veem falar com a ACAPO. Vai ser feita a requalificação de alguma parte da cidade, é uma obra ainda importante de alguma envergadura, tem o cuidado de falar com a ACAPO. Isso é bom.

e1 – Mesmo ceves que estejam a sair dos muros de propriedades particulares ou até algum edifício mesmo do município, nós sinalizamos à Câmara. Está ali aquele sítio que precisa de ser...

E2 – Sim, infelizmente, tanto que até já foi fatal, essa situação.

(algum ruído de fundo, impercetível durante 12 segundos)

E2 – Ia falar na rede social. Aqui em Coimbra não existe nenhum conselho na área da inclusão das pessoas com deficiência, pois não?

e1 – Na rede social sim, temos o grupo das pessoas com deficiência e nós fazemos parte.

E2 – E que trabalho?

e1 – Nós temos um plano onde definimos uma serie de atividades e desenvolvemos... Nós fizemos agora no mês de abril, o “Desafiar a Inclusão” que foi uma atividade aqui no ISEC, onde tivemos a participação de várias instituições da comunidade, da área da deficiência, a debater assuntos relacionados com a deficiência. Fazemos convites e divulgamos para que várias pessoas da comunidade participem, para discutir esses assuntos connosco, neste tipo de iniciativas. Depois também identificamos na cidade, imaginem, que número de vagas cativas para atendimento na Segurança Social é preciso, num determinado serviço. Tudo isso é discutido e depois, sendo parceiros da rede, também a Segurança Social e a Câmara e as várias instituições com deficiência fazemos todos esse trabalho de adaptações.

e2 – Esse é o tipo de trabalho que a ACAPO também faz.

E2 – Ok. Ok.

e1 - E nós estamos inseridos no grupo da rede social do grupo das pessoas com deficiência.

E2 – E tem essa função consultiva junto do município? As instituições locais.

e1 – Sim, sim, e trabalhamos em parceria com outras, APPACDM. Estamos divididos por idosos, crianças, pessoas com deficiência...

E1 – Há diferentes grupos dentro da rede social.

E2 – É que não nos foi possível identificar o grupo.

e1 – A Dra. F, da Câmara, do município que é quem faz a gestão desse grupo, quem convoca as reuniões do grupo das pessoas com deficiência. Pronto, depois também trabalhamos em parceria com a União de Freguesias de Coimbra, que é onde pertencemos, a ACAPO. Onde já não é o grupo das pessoas com deficiência, mas é as várias instituições que pertencem à União de Freguesias de Coimbra, pronto. E trabalhamos em parceria com outras associações onde referenciamos casos sociais, de famílias carenciadas, as verbas e apoios mensais, avaliamos as

necessidades. Aí podem estar pessoas com deficiência ou não. A ACAPO está representada. Também somos parceiros do Hospital Pediátrico de Coimbra, onde acompanhamos a consulta de baixa visão, acompanhamos crianças, jovens e adultos. Também é feita a consulta. Pronto, tentamos estar assim, próximos. Por isso é que eu costumo dizer, nós somos meia dúzia e queremos estar em todo o lado, mas não conseguimos. Ainda há muitos objetivos da própria instituição, não só o projeto “A Meu Ver”.

e2 – Para acrescentar e tendo haver com esta pergunta que colocou. Somos também um centro prescritor para as pessoas com deficiência visual. Os produtos de apoio. Toda a avaliação, análise é feito por nós. No telemóvel, no computador, um ampliador, um eletrodoméstico adaptado, todas essas coisas.

e1 – Havendo alguém que cega vai precisar de adaptar.

E2 – Qual é atualmente o tempo de espera?

e2 – Da nossa parte?

E2 – Até ao financiamento.

e2 – Da nossa parte a resposta é o mais rápido possível, a equipa articula-se sempre, é feita uma avaliação, depois é feita a prescrição e depois é encaminhado o processo, muitas vezes, com ajuda do Serviço Social, na pessoa da X e depois o processo é enviado para a Segurança Social e depois aí, depende do Centro Distrital. Há certos Centros que estão com uma média de 1 a 2 anos. E aqui está a 2 anos.

e1 – O processo em si, não demora muito. Se calhar 1 mês e pouco está pronto. Mas o problema depois é o financiamento porque em 2022 estão a atribuir produtos de apoio de 2020. Pronto, depende. Claro se for no Hospital já é atribuído mais rapidamente no próprio ano e alguns produtos, por exemplo, no Hospital conseguimos que em 3 meses seja atribuído o equipamento.

e2 – Porque é um financiamento da Saúde e não Social. Apesar da plataforma ser partilhada.

E2 – Pronto, era só curiosidade agora. Todos sabemos os graves problemas na atribuição dos produtos de apoio.

e2 – Os produtos de apoio foram uma mais-valia no projeto. Poderem ter o texto no telemóvel e ouvir, ou até ser em Braille ou no computador. A pessoa ter acesso ao computador e consegue ouvir. Isso foi de facto uma mais-valia para cada um dos participantes.

E2 – Sim, mas estas pessoas já tinham os seus produtos de apoio?

e1 – Sim. Não pediram. Mas tudo o que foi necessário passar para Braille nós tratámos disso.

e2 – Porque a ACAPO também tem o Centro de Produção Documental em Lisboa. Quando são coisas de maior extensão, temos de mandá-los, quer para ampliação, quer para Braille.

E2 – Ok. Da minha parte.

E1 – Sim.

E2 – Não tenho mais questões.

E1 – Também não.

E2 – Resta-nos agradecer o vosso tempo e a vossa disponibilidade para conversarem connosco.

e1 – Sem agradecimento, nós é que agradecemos.

E2 – Não, deram-nos também do vosso tempo.

Apêndice 13 – Tabela de caracterização dos/as participantes no projeto “A Meu Ver”

Idade	Sexo	Agregado familiar	Com quem reside	Habilitações Literárias	Estado Civil	Situação face ao emprego	Principal fonte de rendimento
46	F	3	Pais	Licenciatura em Direito	Solteira	Está a realizar um CEI+ através do IEFP até junho de 2022 onde exerce funções de telefonista.	Prestação Social para a Inclusão e remuneração do CEI+
52	F	2	Companheiro	Ensino Secundário (12º ano)	União de Facto	Desempregada. Aguarda colocação num CEI+. A concluir a formação “Alimentação e Bem-Estar”.	Prestações Sociais (subsídios) e Prestação Social para a Inclusão
64	F	2	Cônjuge	Ensino Básico 1º Ciclo (4º ano)	Casada	Reformada por invalidez. Trabalhou como operária numa fábrica de confeções. Reformou-se devido à sua incapacidade quando tinha 20 anos.	Reforma por invalidez e Prestação Social para a Inclusão
51	F	1	Partilha casa com uma amiga	Ensino Secundário (12º ano)	Divorciada	Reformada por invalidez. Trabalhou como telefonista. Reformou-se devido à sua incapacidade quando tinha 20 anos.	Reforma por invalidez e Prestação Social para a Inclusão

45	F	1	Sozinha	Licenciatura em Comunicação Social	Solteira	Reformada por invalidez. Trabalhou como administrativa. Reformou-se devido à sua incapacidade quando tinha 45 anos.	Reforma por invalidez
47	F	2	Filha	Ensino Básico 3º ciclo (9º ano)	Divorciada	Desempregada	Prestações Sociais (subsídios)
59	M	3	Cônjuge e Filha	Ensino Básico 3º ciclo (9º ano)	Casado	Reformado por invalidez. Trabalhou como electricista. Reformou-se devido à sua incapacidade quando tinha 57 anos.	Reforma por invalidez
56	M	4	Cônjuge e filhas	Ensino Secundário (12º ano) e um Curso pós-secundário de Técnico de Informática	Casado	Desempregado	Rendimento de investimentos
53	M	3	Companheira e filho	Licenciatura em Medicina com especialização em Psiquiatria	União de Facto	Empregado	Rendimento de trabalho por conta de outrem
72	M	2	Cônjuge	Ensino Básico 1º Ciclo (4º ano)	Casado	Reformado por invalidez. Nunca desenvolveu atividades profissionais por problemas de saúde que não apenas a ausência de visão. Reformou-se devido	Reforma por invalidez

						à sua incapacidade quando tinha 20 anos.	
32	M	1	Partilha casa com amigos em Coimbra	Ensino Secundário (12º ano)	Solteiro	Desempregado	Prestação Social para a Inclusão e Pensão do Seguro de Trabalho

